Prêmio Brandford Boase de autora revelação.
Ty: personagem indicado como "Melhor Vilão"
pelo site Teen Reads.

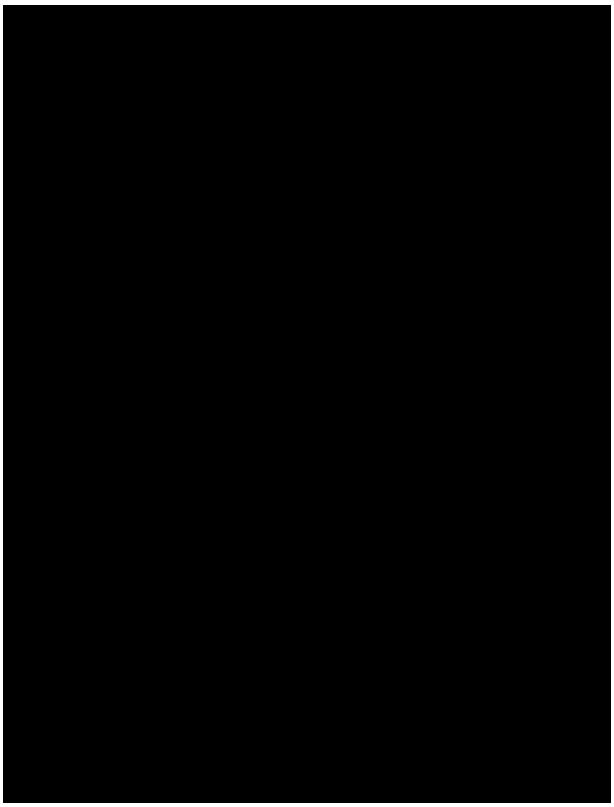
Lucy Christopher

Stolen

Raptada

Carta ao meu sequestrador

iD editora



Prêmio Brandford Boase de autora revelação.
Ty: personagem indicado como "Melhor Vilão"
pelo site Teen Reads.

Lucy Christopher



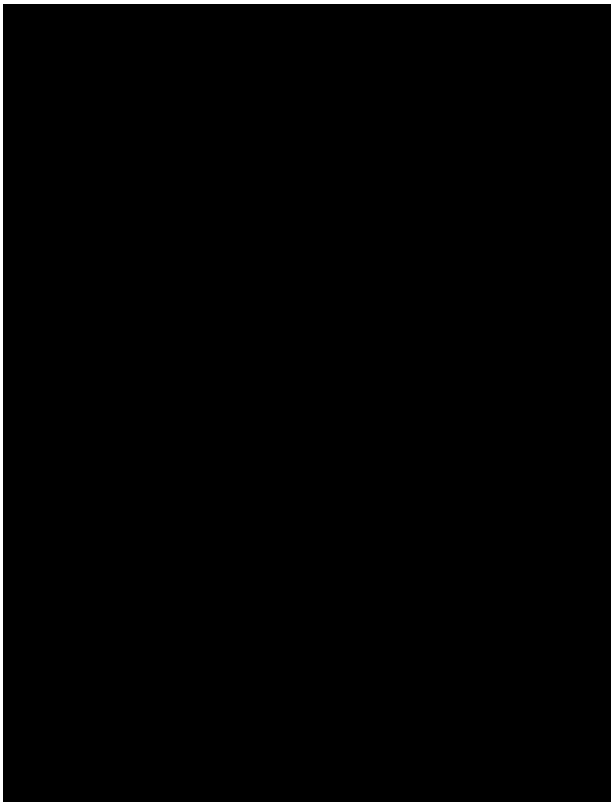
Stolen

Raptada

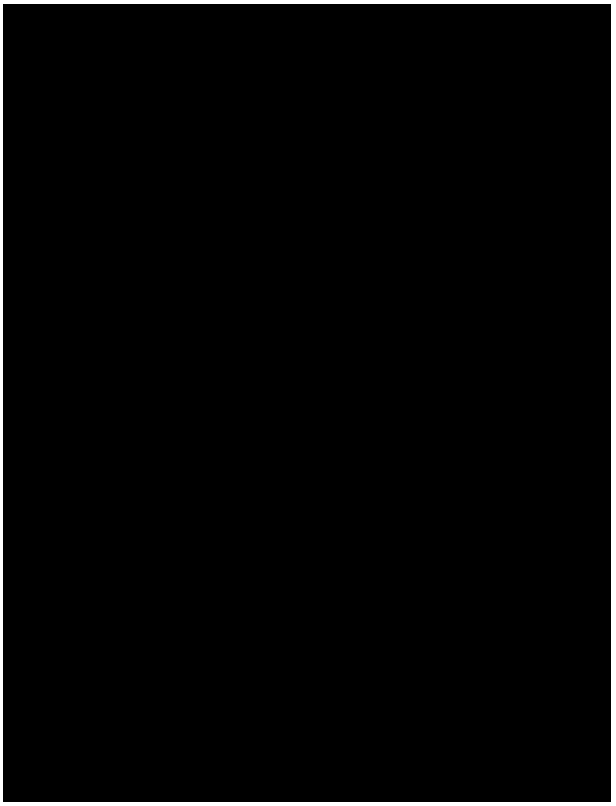
Carta ao meu sequestrador

iD editora

1



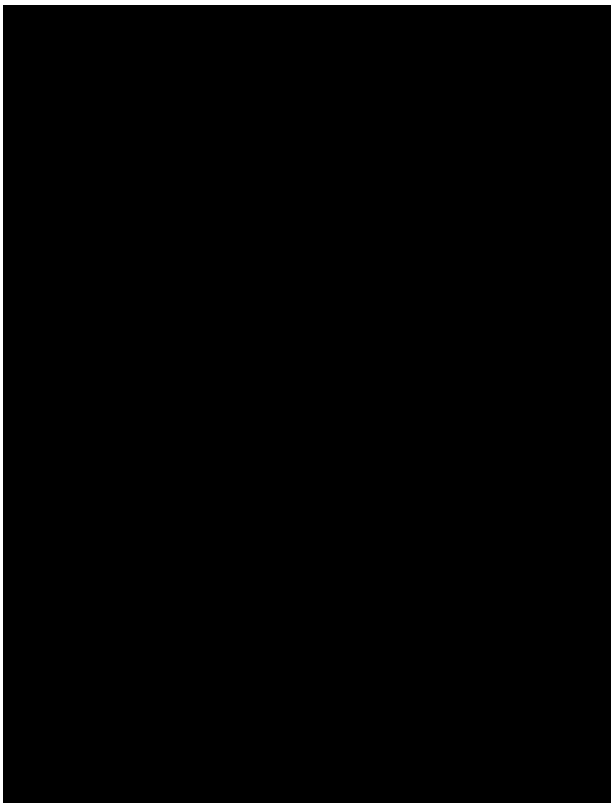





Stolen

Lucy Christopher

3



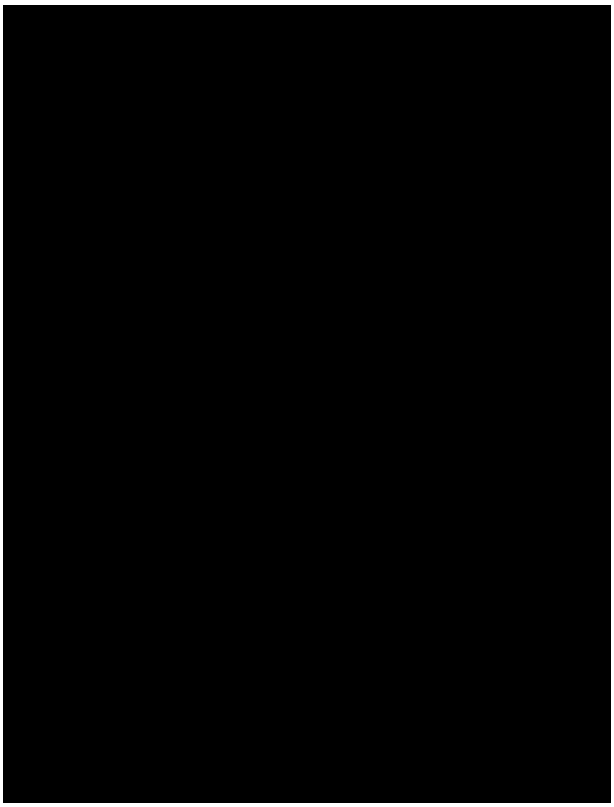
"(...) uma história de suspense, de sobrevivência, a expressão mais forte de um relacionamento entre um rapaz perturbado e uma garota, sob as condições mais extremas."

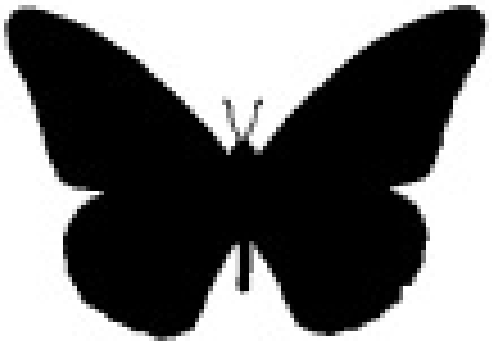
Barry Cunninham, editor original do livro

SÍNDROME DE ESTOCOLMO

Expressão criada pelo psicólogo Nils Bejerot para nomear a reação de vítimas de um assalto ocorrido em agosto de 1973, na Noruega. Caracteriza-se pela identificação afetiva da vítima com seu

sequestrador. Trata-se de uma estratégia inconsciente de sobrevivência, uma tentativa de conquistar a simpatia do sequestrador, por medo de retaliação e/ou violência. Essa reação proporciona o afastamento emocional da realidade perigosa e violenta à qual a pessoa está submetida, mas parte de sua mente conserva-se alerta ao perigo, o que faz com que a maioria das vítimas tente escapar do sequestrador em algum momento. (N. E.)





No aeroporto, naquele dia de

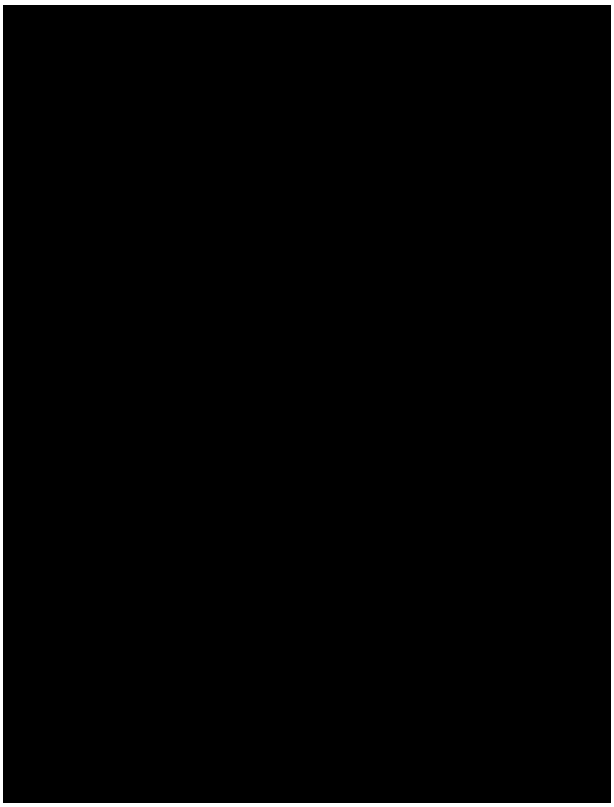
agosto, você tinha aquela expressão em seus olhos, como se quisesse alguma coisa de mim, como se a quisesse há muito tempo. Ninguém nunca tinha me olhado assim, com tanta intensidade. Isso me perturbou, me surpreendeu, eu acho. Aqueles olhos azuis, bem

azuis, um azul gelado, olhando para mim como se eu pudesse aquecê-los. Eles são muito poderosos, seus olhos, você sabe disso, e muito lindos também.

Você piscou rapidamente quando olhei para você, e se virou para outro lado como se estivesse nervoso... como que se sentindo culpado por estar observando uma garota qualquer num aeroporto. Mas eu não era uma garota qualquer, era? Foi uma boa representação. E eu acreditei nela. É engraçado, mas sempre achei que podia confiar em olhos azuis. De certa forma, eu achava que eram sinceros. Os mocinhos têm olhos azuis. Olhos escuros são para

os vilões... O Ceifador, o Coringa, os zumbis. Todos têm olhos escuros.

Eu tinha discutido com meus pais. Mamãe não gostara do meu top muito decotado e papai estava mal-humorado por falta de



sono. Assim, quando vi você... Acho que foi uma distração bem-vinda. Foi assim que você planejou? Esperou até que meus pais brigassem comigo antes de se aproximar? Eu sabia, mesmo naquela ocasião, que você estava me observando. Havia uma estranha familiaridade em você. Eu tinha visto você antes... em algum lugar... mas quem era você? Meus olhos ficavam relanceando seu rosto. Você me acompanhava desde Londres. Eu tinha visto você na fila do *check-in*, com sua pequena sacola. Tinha visto você no avião. E agora lá estava você, no aeroporto de Bangkok, sentado na lanchonete onde eu me preparava para pedir um café.

Pedi o café e fiquei esperando que fosse servido. Contei meu dinheiro. Não olhei para trás, mas sabia que você ainda estava me observando. Pode até soar estranho, mas simplesmente senti isso.

6

Os cabelinhos da minha nuca se arrepiavam quando você piscava. O caixa ficou segurando a xícara de café até eu apresentar o dinheiro. Kenny, dizia o nome no crachá dele; estranho como eu consigo me lembrar disso.

— Nós não aceitamos moedas britânicas — disse Kenny ao me ver contá-las. — Você não tem nenhuma nota?

— Usei em Londres.

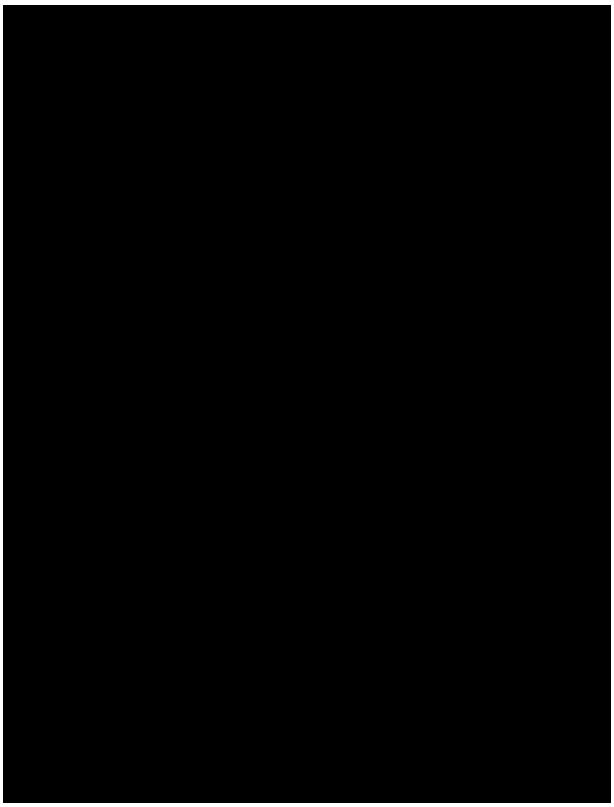
Kenny abanou a cabeça e puxou o café de volta.

— Tem um caixa eletrônico perto do *freeshop*.

Senti um movimento atrás de mim e me virei.

— Deixe que eu pago — você disse.

Sua voz era baixa e suave, como se tivesse sido feita para mim, e seu sotaque era estranho. A camisa de mangas curtas que você usava tinha cheiro de eucalipto; havia uma pequena cicatriz na



ponta do seu queixo. Seus olhos eram intensos demais para que pudessem ser encarados por muito tempo.

Você tinha uma cédula na mão. Moeda estrangeira. Você sorriu para mim. Acho que eu não disse obrigada. Desculpe. Você tirou o café da mão de Kenny. O copinho de papel se dobrou um pouco quando você o segurou.

— Açúcar? Um cubinho?

Assenti com a cabeça; estava perturbada demais com você ali, falando comigo, para fazer outra coisa.

— Não se preocupe, eu faço isso. Pode sentar.

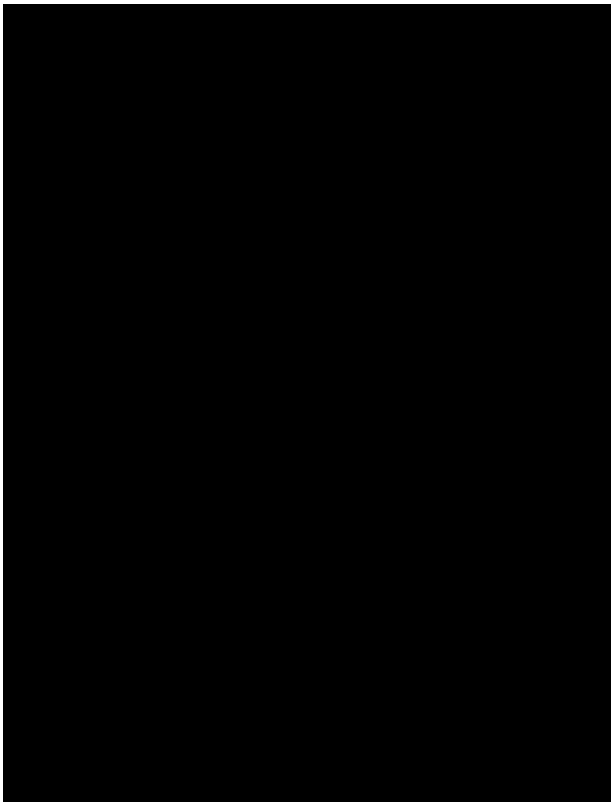
Você fez um gesto em direção ao lugar onde estava; era uma mesa entre as palmeiras artificiais, perto da janela.

Hesitei. Mas você já previra que eu iria hesitar. Você me

tocou de leve no ombro. Senti o calor da sua mão através do meu top.

— Ei, tudo bem, eu não mordo — você disse suavemente. — De qualquer forma, não há outros lugares, a não ser que você queira se sentar com a família Addams, ali.

Segui seu olhar até uma mesa onde havia cadeiras vazias. Estava quase toda ocupada por uma mesma família. Duas crianças pequenas engatinhavam sobre a mesa enquanto os pais discutiam. Eu me perguntei o que aconteceria se eu tivesse me sentado com aquelas pessoas. Talvez conversássemos sobre as férias das crianças e *milk-shakes* de morango. Depois eu voltaria para meus pais. Olhei para o seu rosto; seu sorriso formava rugas em torno da boca. O azul profundo dos seus olhos guardava segredos. Eu queria conhecê-los.



— Eu acabei de escapar da minha família — eu disse. — Não

quero outra por enquanto.

— Muito bem — você deu uma piscada. — Um cubo de açúcar, então.

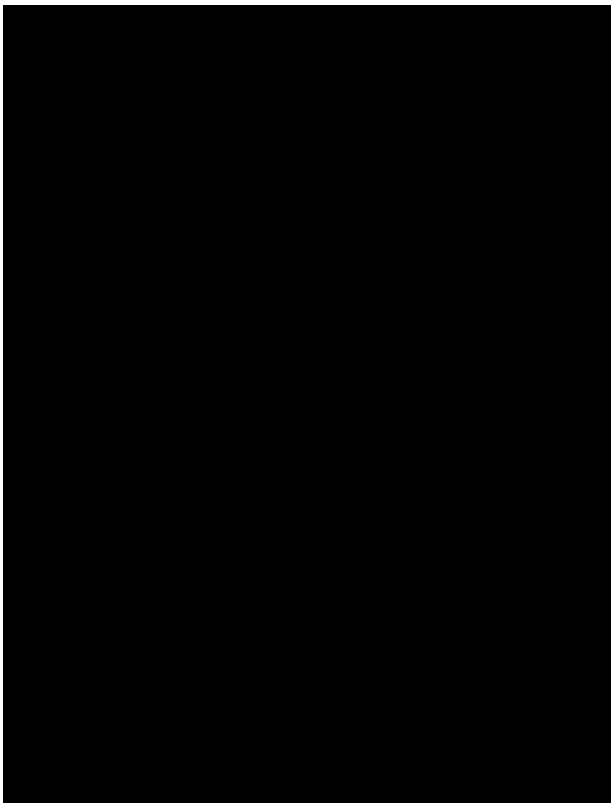
Você me guiou até o lugar onde estava sentado. Havia outros clientes nas proximidades da pequena mesa, o que me deixou mais confiante. Em dez passos cheguei lá. Numa espécie de torpor, sentei na cadeira em frente à janela. Vi você levar o copinho até o balcão de autosserviço e retirar a tampa. Vi você colocar o açúcar. Seus cabelos cobriram seus olhos quando você se inclinou. Você sorriu ao perceber que eu estava olhando. Eu me pergunto se foi quando tudo aconteceu. Você estava sorrindo quando fez isso?

Acho que desviei os olhos por um instante. Olhei pela janela

para observar os aviões que estavam decolando. Vi um jumbo aterrissando. O atrito das rodas traseiras com o chão formava rolos de fumaça negra. Vi um avião se preparando para decolar. Suas mãos devem ter sido rápidas quando você derramou a substância. Eu gostaria de saber se você usou alguma técnica de distração ou se ninguém realmente estava olhando. Era algum tipo de pó, suponho, mas não em grande quantidade. Talvez parecido com açúcar. Não senti nenhum gosto diferente.

Eu me virei e vi você caminhando de volta, se desviando com facilidade dos passageiros que cruzavam à sua frente segurando xícaras de café. Você não olhava para nenhum deles. Só para mim.

Talvez seja por isso que ninguém tenha reparado em você. Você se movia como um caçador, se esgueirando rente às plantas de plástico em direção à mesa.



Você pousou dois cafés sobre a mesinha e empurrou um deles para mim, ignorando o outro. Você pegou uma colherinha e a girou preguiçosamente entre os dedos, fazendo com que contornasse o seu polegar. Olhei para seu rosto. Você era bonito, num estilo rústico, mas era mais velho do que eu tinha pensado. Velho demais, na verdade, para que eu estivesse sentada ali com você. Vinte e poucos anos, talvez vinte e muitos. À distância, quando vi você na fila do *check-in*, seu corpo me pareceu pequeno e esbelto como o dos garotos de dezoito anos da minha escola. Mas olhando de perto pude ver que seus braços eram musculosos e bronzeados, e que a pele do seu rosto era curtida. Você era marrom

como terra.

— Meu nome é Ty — você disse.

9

Quando você me estendeu a mão, seus olhos se desviaram de mim. Seus dedos quentes e ásperos envolveram minha mão, mas você não a sacudiu. Apenas ergueu uma das sobrancelhas. Percebi o que você queria.

— Gemma — eu disse, sem pensar.

Você meneou a cabeça como se já soubesse. Presumo, é claro, que já sabia.

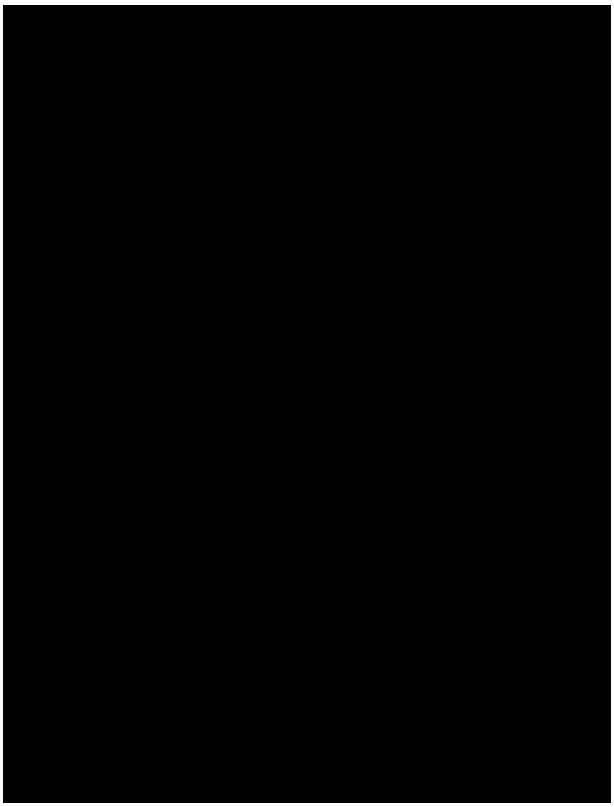
— Onde estão seus pais?

— Já foram para o portão, estão me esperando lá. — Nervosa, acrescentei: — Eu disse que não iria demorar, só queria tomar um café.

Um dos cantos da sua boca se levantou e você riu um pouco.

— Quando sai o avião?

— Dentro de uma hora, mais ou menos.



— E para onde vai?

— Vietnam. — Você pareceu impressionado. Sorri para você, pela primeira vez, eu acho. — Minha mãe sempre vai lá. Ela é curadora. Uma espécie de artista que coleciona quadros em vez de pintar.

Não sei por que me sentia obrigada a explicar. Costume, eu acho, por causa dos garotos da escola que vivem perguntando coisas.

— E seu pai?

— Ele trabalha na cidade, é corretor de valores.

— Terno e gravata, então.

— Por aí. Toma conta do dinheiro dos outros, uma coisa muito chata... não que ele ache chato.

Senti que estava começando a tagarelar e tomei um gole de café para manter a boca ocupada. Enquanto bebia, observei um filete de suor escorrer dos seus cabelos. Não poderia ser calor; a saída do ar-condicionado estava diretamente acima de nós. Seus olhos dardejavam para todos os lados, nem sempre conseguiam encarar os meus. O nervosismo fazia você parecer tímido, e me fazia gostar ainda mais de você. Mas alguma coisa referente a você flutuava na minha memória.

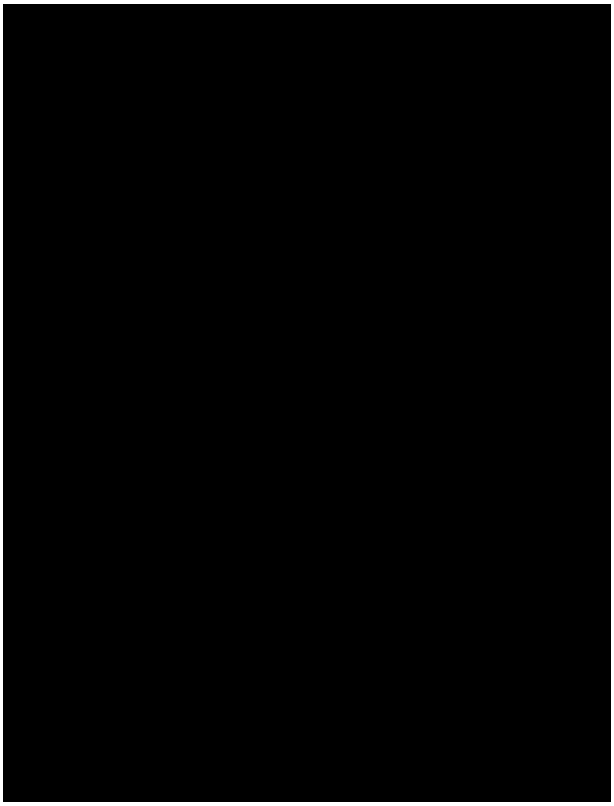
— Então — você murmurou. — O que você quer fazer?

Arranjar um emprego como o do seu pai? Viajar como sua mãe?

Dei de ombros.

— É o que eles gostariam. Eu não sei. Nada me parece bom.

— Nada... muito interessante?



— É, talvez. Quer dizer, eles só colecionam coisas. Papai

coleciona o dinheiro dos outros e mamãe coleciona os desenhos dos outros. O que eles fazem que seja realmente deles?

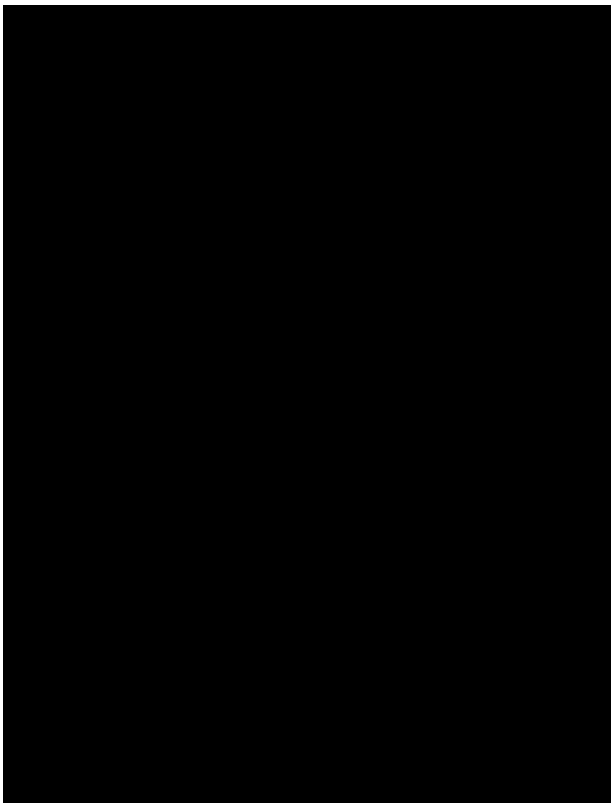
Olhei para outro lado. Eu detestava falar sobre o trabalho dos meus pais. Nós viéramos conversando sobre o trabalho da minha mãe no voo de Londres; ela matraqueava sem parar a respeito das pinturas que pretendia comprar no Vietnam. Era a última coisa que eu queria discutir naquela hora. Você riu para mim de novo, meio ofegante, equilibrando a colherinha no polegar como que por mágica. Eu matutava se deveria estar sentada ali com você. Mas era estranho, sabe, eu sentia que poderia lhe contar qualquer coisa. Provavelmente teria contado, se minha garganta não estivesse tão apertada. Muitas vezes desejei que tudo tivesse terminado naquele

momento, com você sorrindo e eu tensa.

Olhei ao redor para ver se meus pais estavam me procurando, embora soubesse que não fariam isso. Deviam estar felizes diante do portão, lendo os jornais que tinham trazido e tentando parecer inteligentes. Aliás, para mamãe, vir me procurar seria como admitir uma derrota na discussão sobre roupas. Mas dei uma olhada em volta, assim mesmo. Gente, gente por toda a parte. Um enxame de rostos anônimos se arrastando lentamente na direção do balcão de bebidas. Os rangidos e zumbidos da máquina de café. Os gritos estridentes das crianças pequenas. O cheiro de eucalipto que vinha da sua camisa quadriculada. Tomei um gole de

café.

— O que sua mãe coleciona? — você perguntou, atraindo a minha atenção com sua voz macia.



— Cores, principalmente. Pinturas com temática de prédios. Formas. Já ouviu falar de Rothko? Mark Rothko? — Você franziu a testa. — Bem, esse tipo de coisa. Acho muito pretensioso. Aqueles quadrados intermináveis.

Eu estava tagarelando de novo. Fiz uma pausa e olhei para a sua mão. Estava sobre a minha. Deveria estar ali? Você estaria tentando me paquerar? Ninguém na escola jamais fizera coisa parecida. Enquanto eu olhava, você levantou a mão rapidamente, como se tivesse acabado de perceber que ela estava lá.

— Desculpe. — Você deu de ombros, mas havia um brilho em seus olhos que me fez sorrir. — Acho que estou... um pouco

tenso.

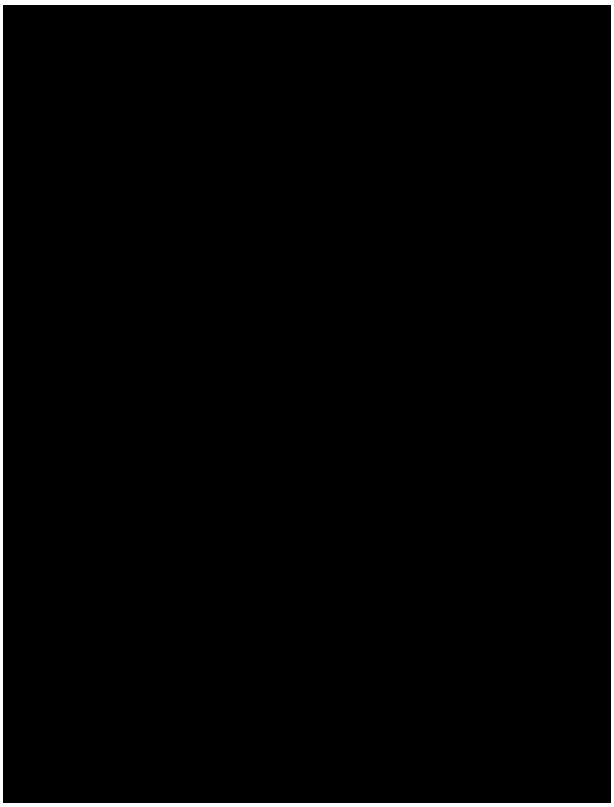
Você abaixou a mão de novo e a posicionou ao lado da

minha, a alguns centímetros de distância. Se eu movesse meu dedo mindinho poderia tocá-la. Você não tinha aliança de casado. Nem nenhuma outra joia.

— O que você faz? — perguntei. — Você já não deve estar mais na escola.

Eu me encolhi de vergonha depois de dizer isto. Nós dois sabíamos que soara ridículo. Você era obviamente mais velho que qualquer outro garoto com quem eu já tivesse conversado dessa forma. Havia pequenas rugas de sol em torno dos seus olhos e boca. Você já tinha corpo de adulto. E mais autoconfiança que os desengonçados garotos da escola.

Você suspirou e se recostou na cadeira.



— Acho que, de certa forma, eu também sou artista — você disse. — Mas não pinto quadrados. Viajo um pouco, faço jardinagem... construções. Esse tipo de coisa.

Assenti como se tivesse entendido. Eu queria perguntar o que você estava fazendo ali, comigo... e se eu já vira você antes. Queria saber por que você estava interessado em mim. Eu não era idiota, era fácil perceber que eu era muito mais nova que você. Mas não perguntei nada. Estava nervosa, suponho, e não queria que você me contasse uma mentira. E acho que me sentia adulta, sentada ali com o homem mais bonito da lanchonete, bebendo o café que ele tinha acabado de pagar para mim. Talvez eu não parecesse tão jovem realmente, pensei, embora a única maquiagem que eu estivesse usando fosse um *gloss* nos lábios. Talvez você é que parecesse velho

para a sua idade. Quando você olhou pela janela, desprendi uma mecha de cabelo de trás da orelha e a deixei cair sobre o rosto. Mordi os lábios para que ficassem mais vermelhos.

— Eu nunca estive no Vietnam — você disse.

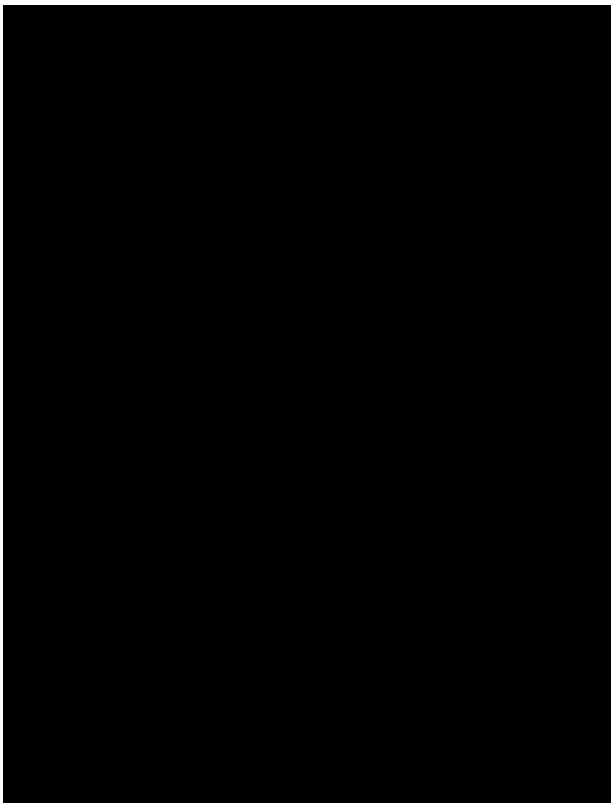
— Nem eu. Eu gostaria mais de visitar os Estados Unidos.

— É mesmo? Todas aquelas cidades, aquelas pessoas...?

Seus dedos estremeceram quando você olhou para a mecha de cabelos que eu acabara de desprender. Com a intenção de recolocá-la no lugar, você se debruçou sobre a mesa. Mas hesitou.

— Desculpe. Eu... — você murmurou, sem conseguir terminar a frase, corando um pouco nas bochechas.

Seus dedos tocaram minha têmpora. Pude sentir a aspereza deles. Minha orelha ficou vermelha quando você roçou nela. Você deslizou os dedos até o meu queixo e o levantou com o polegar.



Então olhou para mim como se estivesse me estudando sob a luz artificial da lanchonete. Quer dizer, *realmente* olhou para mim... com olhos que pareciam duas estrelas. Foi assim que você me capturou no aeroporto de Bangkok. Como se eu fosse uma pequena mariposa atraída pela luz. E eu de fato me senti como uma mariposa presa numa rede, agitando inutilmente as asas enquanto você me trazia até si.

— Você não gostaria mais de visitar a Austrália? — você perguntou.

Eu ri um pouco. Você falou de um jeito muito sério. E logo afastou os dedos do meu rosto.

— Claro. — Dei de ombros, sentindo falta de ar. — Todo mundo quer ir lá.

14

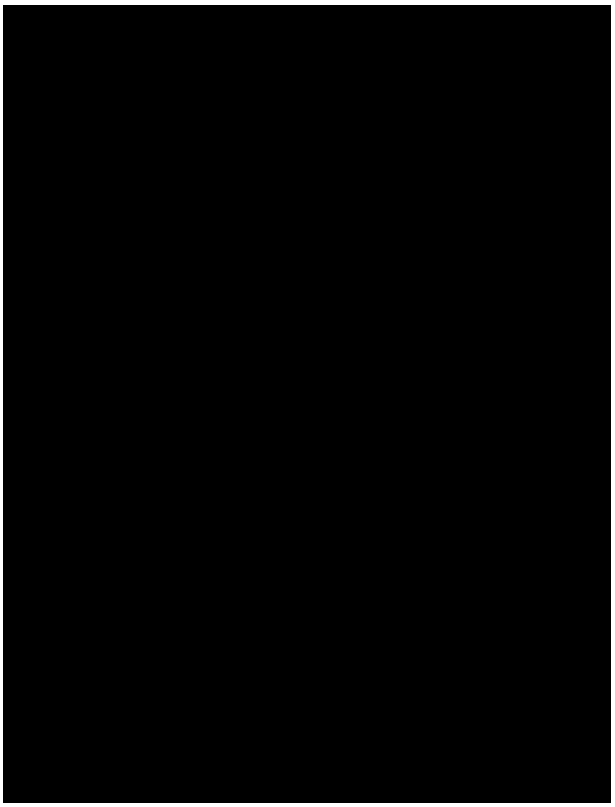
Você ficou muito quieto e olhou para baixo. Sacudi a cabeça, ainda sentindo seu toque. Queria que você continuasse falando.

— Você é australiano?

Eu estava intrigada com o seu sotaque. Você não falava como os atores de *Vizinhos1*. Às vezes parecia inglês. Às vezes de lugar nenhum. Esperei, mas você não respondeu. Eu me inclinei para a frente e cutuquei seu braço.

— Ty? — eu disse, pronunciando seu nome pela primeira vez e gostando de como soou. — E aí, como é lá? A Austrália?

1 Telenovela australiana. (N. T.)



Então você sorriu e todo o seu rosto se modificou. Meio que se iluminou, como se raios de sol irradiassem de você.

— Você vai descobrir — você disse.

De repente as coisas mudaram. Comecei a me sentir mais lenta, enquanto tudo ao redor ficava mais rápido. É realmente impressionante o que um pouco de pó pode fazer.

— Como está se sentindo? — você perguntou.

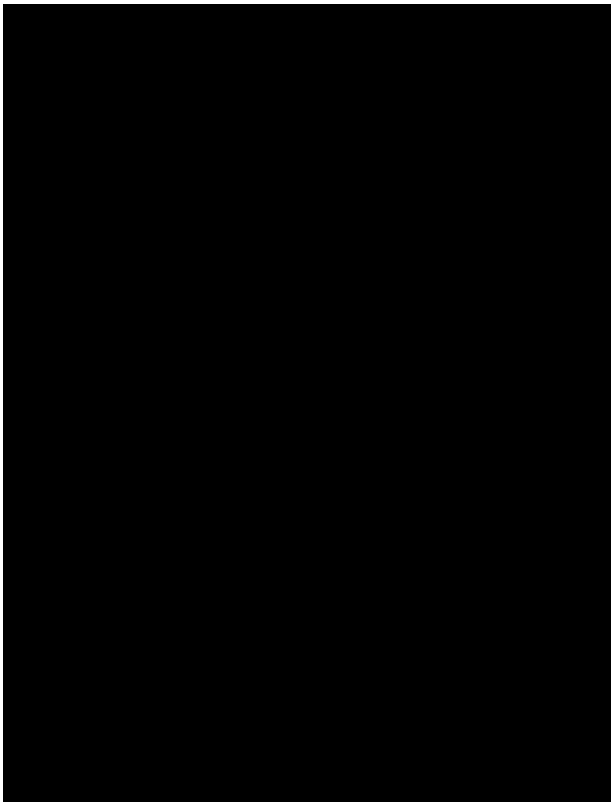
Você estava me olhando de olhos arregalados. Abri a boca para lhe dizer que estava bem, mas não entendi o que falei. Só saiu uma mixórdia de sons; minha língua estava grossa e pesada demais

para formar palavras. Lembro que as luzes se tornaram manchas

incandescentes. Lembro que o ar-condicionado começou a enregelar meus braços. O aroma do café se misturou ao de eucalipto. Sua mão agarrou a minha com força e você me raptou.

Devo ter derrubado sua xícara de café quando me levantei cambaleando. Encontrei uma marca de queimadura na perna mais tarde, uma mancha cor-de-rosa sobre o meu joelho esquerdo. Ainda a tenho. Ficou um pouco enrugada como a pele de um elefante.

Você me fez andar depressa. Pensei que você estava me levando para meu voo, para onde meus pais estavam me aguardando. Era um caminho longo, muito mais longo do que eu me lembrava. Quando você me arrastou pelas esteiras rolantes, tive a impressão de que estávamos voando. Você conversou com pessoas



de uniforme e me abraçou como se eu fosse sua namorada. Eu acenei com a cabeça para eles e sorri. Você me conduziu por

algumas escadas. Meus joelhos não queriam dobrar, no início, o que me fez dar risinhos. De repente, minhas rótulas ficaram moles como *marshmallows*. O ar fresco bateu no meu rosto, cheirando a flores, cigarros e cerveja. Havia outras pessoas em volta, falando baixinho, mas guinchando como macacos quando riam. Você me puxou até algumas moitas e contornou um prédio. Um galho se prendeu nos meus cabelos. Nós estávamos perto dos latões de lixo. Senti cheiro de frutas podres.

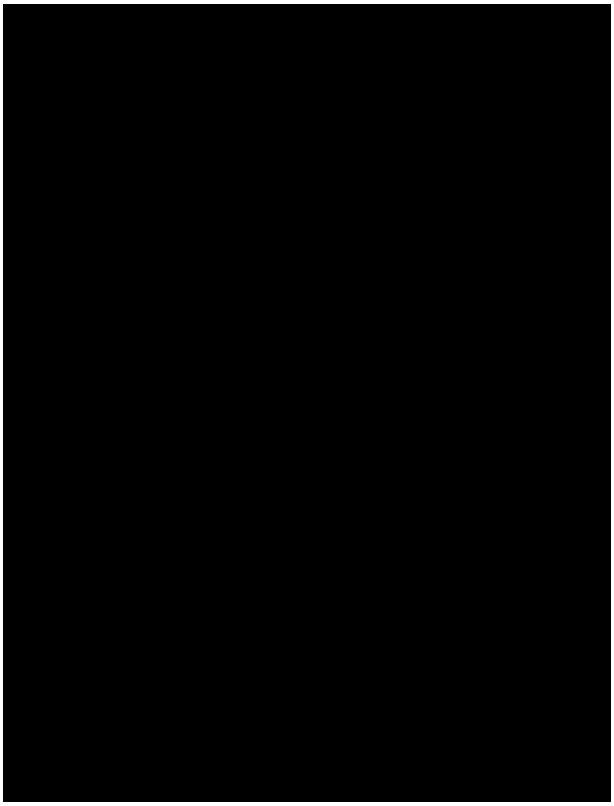
Você me abraçou novamente, inclinou meu rosto para você e me disse alguma coisa. Tudo em você estava fora de foco, flutuando nos vapores das lixeiras. Sua linda boca se movia como uma lagarta.

16

Estendi a mão e tentei tocá-la. Você envolveu meus dedos com os seus. O calor que você emanava subiu pelo meu braço. Você falou outra coisa. Eu assenti com a cabeça. Alguma parte de mim entendeu. Comecei a me despir. Me apoiei em você para tirar minha calça jeans. Você me deu roupas novas. Uma saia longa. Sapatos de salto alto. Depois se virou de costas.

Acho que vesti as roupas. Não sei como. Então você tirou a camisa. Antes que vestisse a outra, estendi a mão e apalpei suas costas. Mornas e firmes, marrons como casca de árvore. Não sei o que eu estava pensando, ou mesmo se estava pensando, mas me lembro de que precisava tocar na sua pele. E da sensação que tive. É estranho me lembrar mais do toque do que dos pensamentos. Mas a

lembrança ainda faz meus dedos formigarem.



Você também fez outras coisas: pôs uma coisa áspera sobre a minha cabeça e algo escuro sobre os meus olhos. Eu me movia devagar. Meu cérebro não conseguia acompanhar meus movimentos. Ouvi um barulho surdo de algo caindo numa lata de lixo. Senti uma coisa pegajosa nos lábios. Batom. Você me deu um chocolate. Saboroso. Escuro. Macio. Líquido por dentro.

As coisas ficaram ainda mais confusas. Quando olhei para baixo, não consegui enxergar meus pés. Quando começamos a andar, senti como se estivesse caminhando sobre cotocos de pernas. Comecei a entrar em pânico, mas você colocou o braço em volta de mim. Morno e sólido... tranquilizador. Fechei os olhos e tentei pensar. Não conseguia lembrar onde tinha deixado a bolsa. Não conseguia me lembrar de nada.

Havia pessoas em torno de nós. Você me empurrou até uma multidão de rostos e matizes indistintos. Você deve ter pensado em tudo: uma passagem, um novo passaporte, uma rota, como passar pela segurança. Foi o rapto mais bem planejado do mundo ou apenas sorte? Não deve ter sido fácil me conduzir através do aeroporto de Bangkoke me introduzir em outro avião sem ninguém perceber, nem mesmo eu.

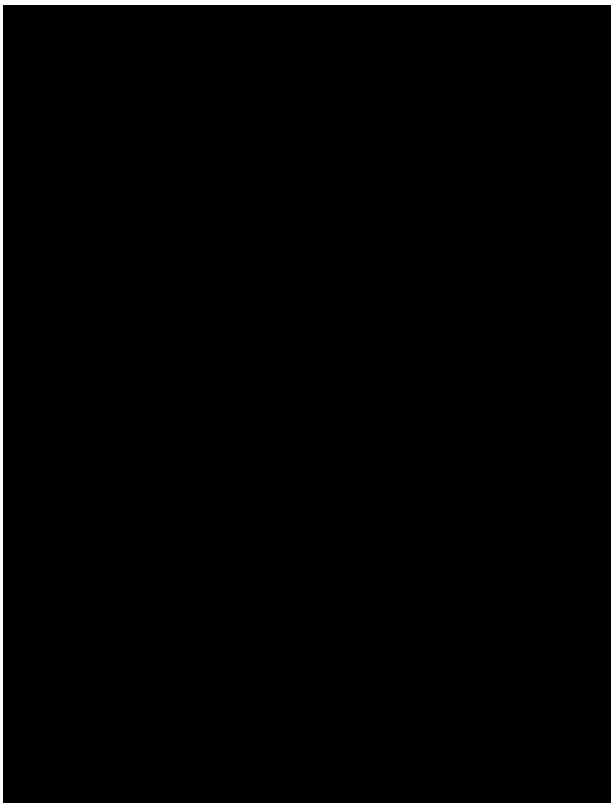
— Bebeu demais — você disse. — Estamos comemorando.

De repente, estávamos apertados num minúsculo toalete.

Ouvi um jato de ar quando o conteúdo da privada foi sugado embaixo de mim.

Estávamos andando novamente. Outro aeroporto, talvez.

Mais pessoas... o cheiro de flores, doce, tropical e refrescante, como se tivesse acabado de chover. E estava escuro. Era noite. Mas não

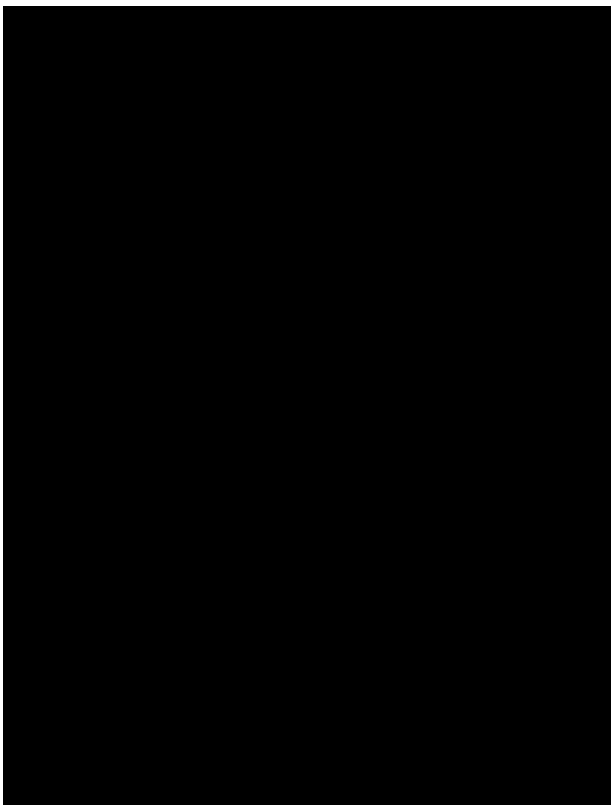


muito fria. Quando você estava me arrastando até um estacionamento, comecei a despertar. E comecei a lutar com você. Tentei gritar, mas você me levou para trás de um caminhão e apertou um pano contra a minha boca. O mundo ficou enevoado de novo. Eu me abracei a você. Tudo o que consigo lembrar depois disso são os solavancos amortecidos de um carro. E um motor roncando sem parar.

Mas me lembro bem de quando acordei. E do calor que apertava minha garganta e tentava me sufocar. O calor que me fez ter vontade de apagar novamente. E então veio a dor... a náusea.

Pelo menos você não me amarrou na cama. Fiquei grata por

isso. Nos filmes, as vítimas são sempre amarradas na cama. Mesmo assim, eu não conseguia me mexer de verdade. A cada vez que movia o corpo, mesmo um pouco, um enjoo subia pela minha garganta e minha cabeça girava. Senti um fino lençol em cima de mim. Tive a impressão de estar no meio de uma fogueira. Abri os olhos. Tudo se retorcia e girava, tudo era bege e desfocado. Eu estava num quarto. As paredes eram de madeira: longas pranchas aparafusadas nas extremidades. A luz feria meus olhos. Não consegui ver você. Virei a cabeça com cuidado, observando tudo.



Senti gosto de vômito. Engoli o vômito. Minha garganta estava ressecada. Áspera. Inútil.

Fechei os olhos de novo. Tentei respirar fundo. Mentalmente, examinei meu corpo. Meus braços estavam no lugar, pernas, pés. Mexi os dedos. Tudo funcionando. Passei a mão sobre o peito. Eu

estava usando uma camiseta. O sutiã machucava minha pele. Minha calça jeans tinha desaparecido, minhas pernas estavam nuas. Pousei a mão no alto da coxa. Minha pele ficou quente e pegajosa. Meu relógio não estava no pulso.

Passei a mão sobre a calcinha. Não sei o que esperava encontrar, nem mesmo se estava esperando encontrar alguma coisa. Talvez sangue. Carne dilacerada. Dor. Mas não havia nada disso. Você tinha tirado minha calcinha? Tinha penetrado em mim? Então

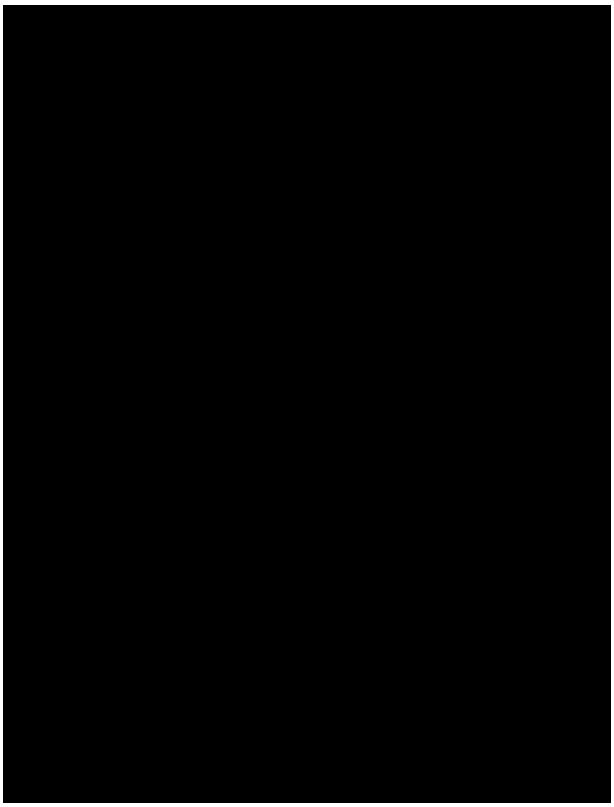
por que se deu o trabalho de vestir a calcinha de novo?

— Eu não estuprei você.

Agarrei o lençol. Girei a cabeça. Tentei encontrar você. Meus olhos ainda não enxergavam direito. Você estava atrás de mim, eu podia ouvir você. Tentei me arrastar para a beira da cama, para longe de você, mas meus braços, sem força, começaram a tremer e me deixaram cair sobre os lençóis. Meu sangue latejava dentro de mim. Eu quase conseguia ouvir meu corpo despertando e começando a funcionar. Tentei falar alguma coisa, mas só consegui dar um gemido. Minha boca estava encostada no travesseiro. Ouvi você dar um passo.

— Suas roupas estão ao lado da cama.

Estremeci ao ouvir sua voz. Onde você estava? A que distância? Abri os olhos mais um pouco. Não foi muito difícil. Ao



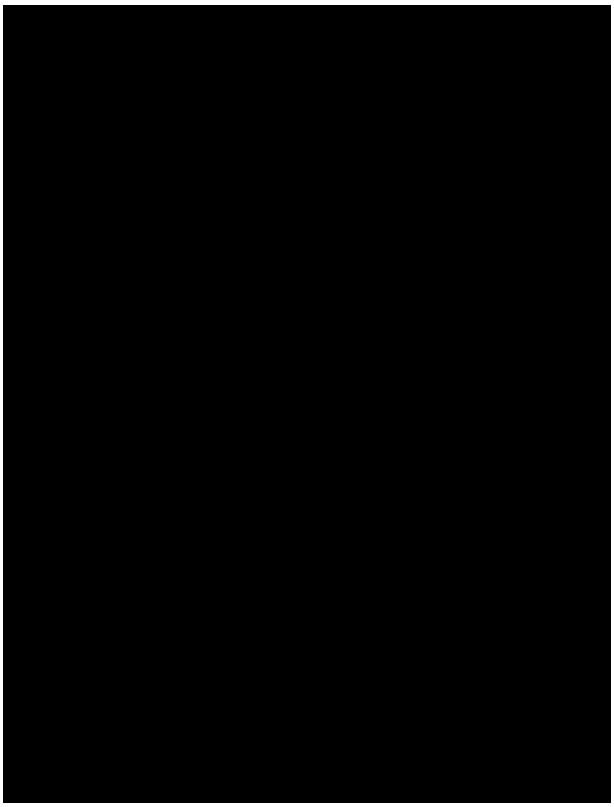
lado da cama, sobre uma cadeira, vi uma calça jeans nova, cuidadosamente dobrada. Meu casaco não estava junto dela. Nem meus sapatos. Em vez deles, sob a cadeira, havia um par de botas de couro marrom. Com cadarços. Práticas. Não eram minhas.

Ouvi você caminhando na minha direção. Tentei me encolher, tentei me afastar. Sentia tudo pesado. Lento. Mas meu cérebro funcionava e meu coração batia acelerado. Eu estava num lugar ruim. Isso eu sabia. Só não sabia como tinha chegado lá. Nem o que você fizera comigo.

As tábuas do piso rangeram mais algumas vezes. Senti o medo subir até a garganta. Uma calça cargo, marrom clara, parou à minha frente. Meus olhos estavam à altura do tecido entre os joelhos e a virilha, à altura das manchas de terra avermelhada que havia ali.

Você não falou nada. Ouvi minha respiração acelerar. Agarrei o lençol. Obriguei meus olhos a olharem para cima até ver seu rosto. Por um segundo, fiquei com falta de ar. Não sei por quê, mas eu meio que esperava ver outra pessoa. Não queria que o indivíduo parado ali, ao lado da cama, fosse o mesmo que eu achara tão atraente no aeroporto. Mas era você mesmo quem estava lá: olhos azuis, cabelos alourados e a pequena cicatriz. Só que, desta vez, você não parecia bonito. Apenas maligno.

Seu rosto estava impassível. Seus olhos azuis pareciam frios e seus lábios, finos. Puxei o lençol o máximo possível, deixando apenas os olhos descobertos, observando você. Meu corpo estava rígido e enregelado. Você ficou parado ali, esperando que eu falasse, esperando perguntas. Quando não foram feitas, você as respondeu mesmo assim.





— Eu trouxe você para cá — você disse. — Você está enjoada por causa do efeito das drogas. Vai se sentir estranha por algum tempo... respiração difícil, vertigens, náuseas, alucinações...

Seu rosto rodava enquanto você falava. Fechei os olhos. Minúsculas estrelas giravam por trás das pálpebras. Ouvi você se movendo na minha direção. Se aproximando. Tentei falar.

— Por quê? — sussurrei.

— Tive que fazer isso.

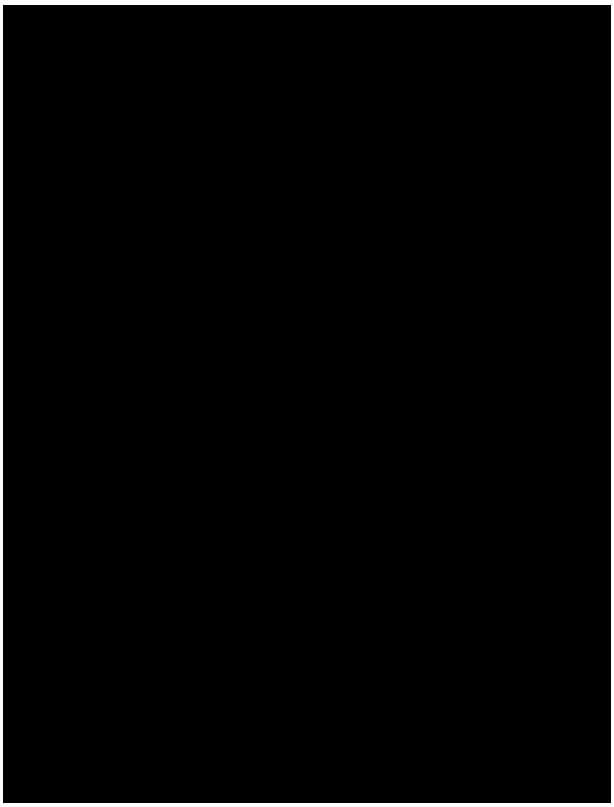
A cama rangeu e meu corpo se ergueu um pouco quando você sentou no colchão. Eu me afastei. Tentei empurrar as pernas para o chão, mas elas não me obedeceram. O mundo inteiro parecia girar em torno de mim. E eu estava prestes a ser engolfada no turbilhão. Virei a cabeça para o lado, sentindo vontade de vomitar.

Mas não vomitei. Encolhi as pernas. Meu peito estava apertado demais para que eu chorasse.

— Onde eu estou?

Você fez uma pausa antes de responder. Ouvi você respirar fundo e dar um suspiro. Ouvi o roçar das suas roupas quando você mudou de posição. Percebi que não conseguia escutar outros ruídos além dos seus.

— Você está aqui — você disse. — Você está segura.



Não sei quanto tempo mais eu dormi. É um período enevoado, como se fosse um pesadelo confuso. Acho que a certa altura você me deu comida e me fez beber água. Mas não me lavou. Sei disso porque quando acordei novamente, eu estava fedendo. Também estava molhada de suor, com a camiseta grudando em mim. E precisava urinar.

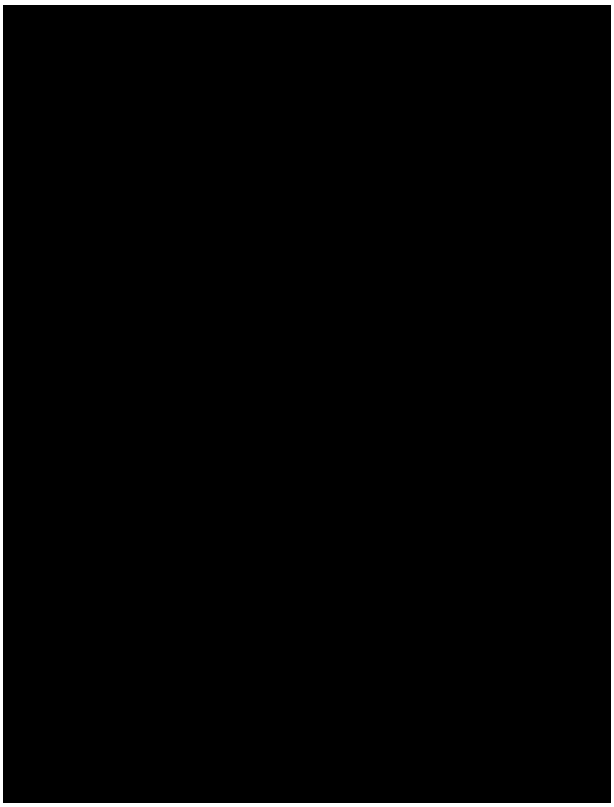
Fiquei deitada, à escuta. Meus ouvidos se esforçavam para ouvir alguma coisa. Mas estava tudo em silêncio. Estranhamente. Não ouvi nem os ruídos que você fazia. Não havia sons de pessoas. Nem barulho de tráfego. Nem o zumbido distante de uma rodovia. Nem o ronco de um trem. Só havia o quarto. E o calor.

Testei meu corpo, levantando cuidadosamente uma perna, depois a outra, e balançando os dedos dos pés. Meus membros não

pareciam tão pesados agora; e eu me sentia mais desperta. Tão silenciosamente quanto pude, ergui o corpo e olhei ao redor. Você não estava no quarto. Só eu. Eu, a cama de casal onde eu estava, uma mesinha de cabeceira, uma cômoda e a cadeira com a calça jeans. Tudo era de madeira, tudo muito simples. Não havia quadros nas paredes. À minha esquerda, vi uma janela coberta por uma leve cortina. Estava claro lá fora. Era dia. Quente. À minha frente, havia uma porta fechada.

Fiquei imóvel por alguns momentos, tentando escutar você.

Depois me arrastei até a beira da cama. Sentia a cabeça rodopiar, como seu meu corpo fosse despencar, mas consegui. Agarrei-me à borda do colchão e obriguei-me a respirar. Percebi que estava segurando a respiração. Cuidadosamente, pus um pé no chão. Depois o outro. Coloquei meu peso sobre eles e aprumei o corpo,



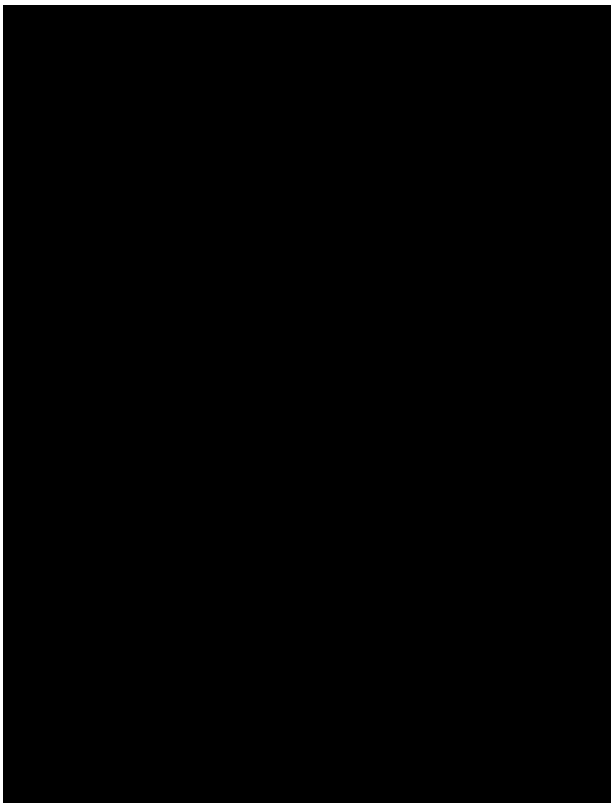
apoiando a mão na mesinha de cabeceira. Minha visão escureceu um pouco, mas me pus de pé. Fechei os olhos e fiquei à escuta. Não ouvi nada.

Estendi a mão, peguei a calça e me sentei na cama para vesti-la. Parecia apertada, pesada e grudava na minha perna. O botão apertou minha bexiga, aumentando minha necessidade de urinar. Não me preocupei com as botas; faria menos barulho se estivesse descalça. Dei um passo em direção à porta. O chão era de madeira, como tudo o mais, e frio; havia frestas entre as tábuas, que deixavam entrever um espaço escuro abaixo. Minhas pernas estavam tão duras quanto as tábuas. Mas acabei chegando à porta. Puxei a maçaneta. Estava escuro no outro lado. Quando meus olhos se ajustaram, vi um longo corredor — madeira novamente — com

cinco portas, duas à esquerda, duas à direita e uma no final. Todas fechadas. O piso rangeu um pouco quando dei meu primeiro passo. Parei. Mas não ouvi ruídos atrás das portas, nada sugeria que alguém tivesse me ouvido. Assim, dei outro passo. Por qual porta eu poderia escapar?

Parei na primeira à direita, segurei a fria maçaneta de metal e a puxei para baixo, prendendo a respiração durante um segundo. Então abri a porta. Você não estava lá. Era um cubículo cinzento e sombrio com uma pia e um chuveiro. Um banheiro. Nos fundos, havia outra porta. Talvez uma privada. Fiquei tentada por um

momento, matutando se poderia arriscar um xixi rápido. Meu Deus, eu precisava. Mas quantas chances eu teria para escapar? Talvez só aquela. Voltei para o corredor. Poderia fazer xixi nas calças. Ou no lado de fora da casa. Só precisava sair. Se pudesse sair, estaria tudo



resolvido. Encontraria alguém para me ajudar. Encontraria um lugar para ir.

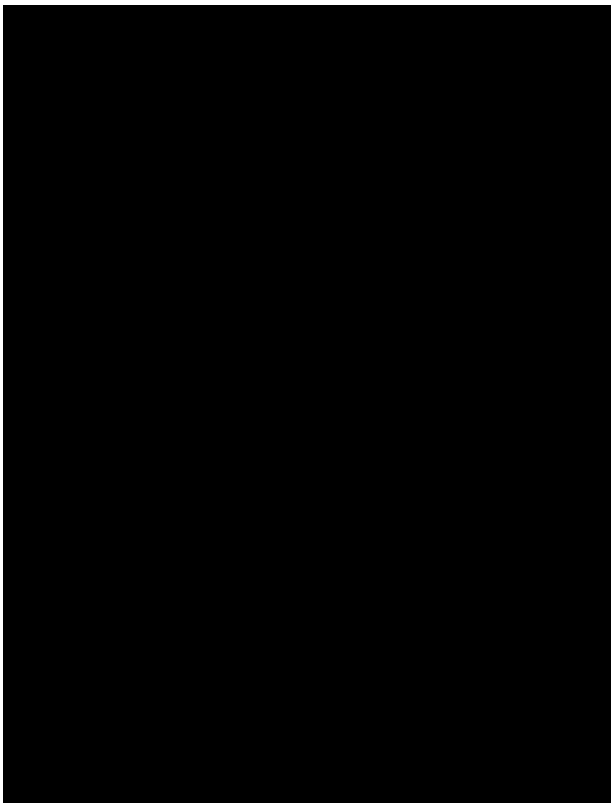
Mas eu ainda não conseguia ouvir você. Apoiei as mãos nas paredes para me firmar e me dirigi à porta no final do corredor. Um passo, dois. Pequenos rangidos a cada vez. Minhas mãos escorregaram nas paredes e algumas farpas se cravaram nelas. Eu arquejava ruidosamente, como um cachorro ofegante. Meus olhos examinavam tudo, tentando descobrir onde eu estava. Suor jorrava da minha cabeça, escorria pelo pescoço, deslizava pelas costas e entrava por baixo da minha calça. A última coisa que eu conseguia

recordar com clareza era o aeroporto de Bangkok. Eu tinha entrado num avião, não tinha? E num carro? Ou talvez isso fosse um sonho. E onde estavam meus pais?

24

Tentei me concentrar em dar passos pequenos e leves. Estava quase em pânico, sentia vontade de gritar. Mas tinha que me controlar, isto eu sabia. Se começasse a pensar sobre onde estava e o que tinha acontecido, ficaria amedrontada demais para me mexer.

A última porta se abriu facilmente. No outro lado, havia um aposento grande e mal iluminado. Recuei para o corredor, pronta para correr. Meu estômago estava embrulhado, a pressão na minha bexiga era insuportável. Mas não percebi movimentação. Nenhum som. Então, rapidamente, examinei o aposento. Você não estava lá. Vi um sofá e três cadeiras de madeira, toscas e simples, como a que estava no quarto. Havia uma projeção numa das paredes, que parecia uma lareira. As janelas também estavam cobertas por cortinas, o que dava a tudo um matiz marrom-escuro. Não havia enfeites. Nenhum quadro. Aquele aposento era tão despojado



quanto o resto da casa. O ar ali era denso, pesado, sufocante como um casaco de peles.

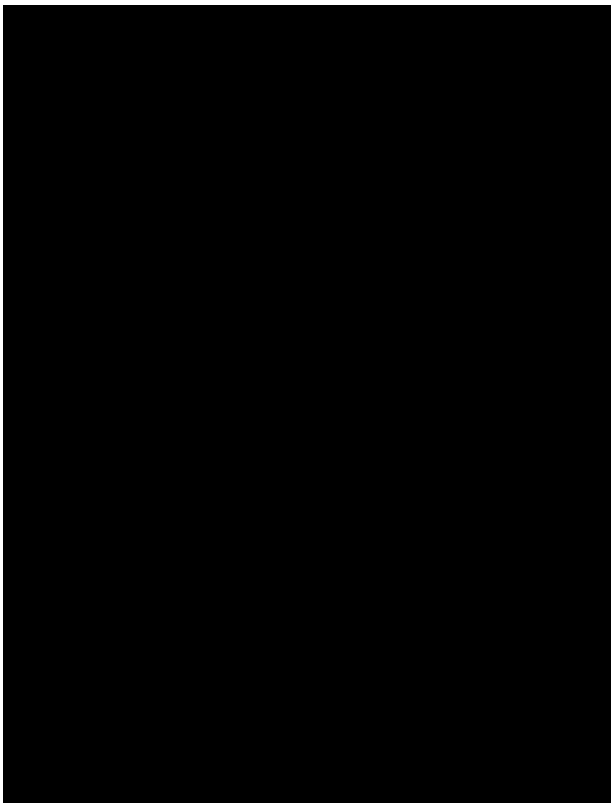
Havia uma cozinha à esquerda, com uma mesa no centro e armários em volta. As cortinas também estavam fechadas, embora houvesse uma porta no lado oposto, cujo postigo de vidro fosco deixava passar alguma luz. O lado de fora. A liberdade. Caminhei até lá. A dor na bexiga aumentava cada vez mais, a calça jeans estava muito apertada. Mas consegui chegar. Abaixei a maçaneta lentamente, esperando que a porta estivesse trancada. Não estava. Engoli em seco, surpresa. Abri a porta o suficiente para meu corpo passar. Passei para o lado de fora.

A luz do sol me atingiu no mesmo instante. Tudo brilhava tanto que meus olhos começaram a doer. E fazia muito calor. Mais

calor que dentro da casa. Instantaneamente, minha boca ficou ressecada. Eu me apoiei no umbral da porta e lutei para respirar. Levantei a mão para proteger os olhos e enxergar melhor. Estava ofuscada com tanta claridade. Era como se eu tivesse morrido e entrado no céu. Só que não havia anjos.

Obriguei meus olhos a se abrirem e olhei ao redor. Não percebi movimento, nenhum sinal de você. Além da casa onde eu estava, havia duas construções à direita. Pareciam improvisadas, feitas de pedaços de metal e madeira. Ao lado delas, embaixo de uma cobertura de metal, estava uma caminhonete desconjuntada, com um trailer. Mais adiante, um vazio.

Soltei um grito abafado. Até onde eu podia ver, não havia mais nada. Apenas um terreno plano, contínuo e marrom que se estendia até o horizonte. Areia e mais areia, com algumas moitas



raquíticas e uma ou outra árvore desfolhada. Era uma terra estéril e sedenta. Eu estava em lugar nenhum.

Olhei em volta. Não havia outras construções. Nem estradas. Nem gente. Nem postes telefônicos ou calçamentos. Nem nada. Só o vazio. Só o calor e o horizonte. Enterrei as unhas na palma da mão. A dor que senti confirmou que não era um pesadelo.

Iniciei a caminhada já sabendo que não havia esperança. Para onde iria? Tudo parecia igual. Entendi então por que você não trancara as portas, por que não tinha me amarrado na cama. Não havia nada ali, nem ninguém. Somente nós.

Minhas pernas estavam duras e lentas. Os músculos das coxas começaram a doer imediatamente. Meus pés descalços também. A terra avermelhada parecia desobstruída, mas continha

pedras, espinhos e pequenas raízes. Pulei para um trecho mais arenoso. Mas a areia estava tão quente que também machucou meus pés.

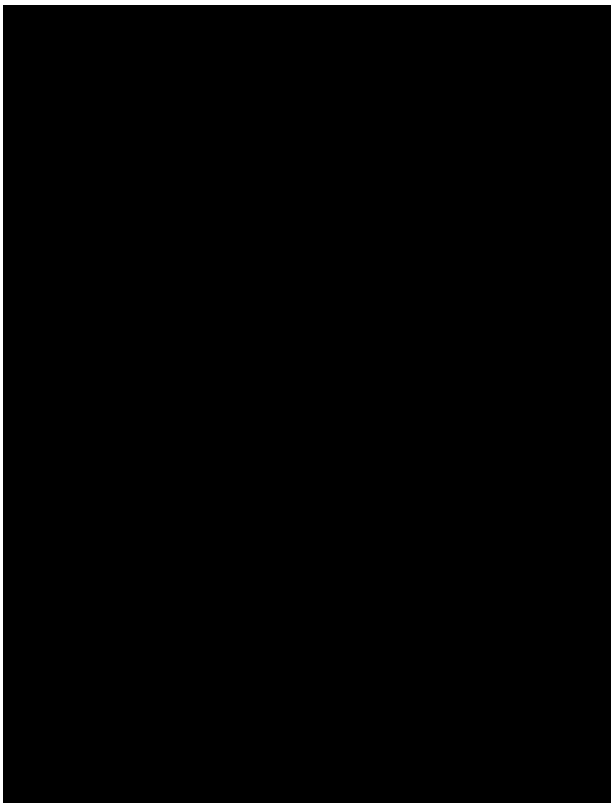
Você me viu, é claro. Ouvi o motor da caminhonete quando estava a uns cem metros da casa. Fixei o olhar no horizonte e comecei a correr. Mal conseguia respirar, e minhas pernas estavam pesadas. Meus pés sangravam. Minha bexiga doía a cada passo.

Ouvi os pneus se aproximando de mim, espalhando areia.

Tentei ziguezaguear, achando que poderia atrasar você. Mas você logo se aproximou, girando o volante bruscamente e fazendo

os pneus derraparem. Quase enlouquecida, eu corria, chorava e ofegava, tentando respirar.

Às vezes, eu parava e mudava de direção. Mas você me cercava como um caubói com um laço, cortando meu caminho para



onde quer que eu fosse. Estava me fazendo cansar. Sabia que era uma questão de tempo até eu não aguentar mais. Como uma vaca desembestada, continuei a correr, fugindo de você em círculos cada vez menores. Acabei caindo no chão.

Você parou a caminhonete ao meu lado e desligou o motor.

— Não adianta — você gritou. — Você não vai encontrar nada. Não vai encontrar ninguém.

Comecei a chorar. Enormes soluços irrompiam de mim como

se nunca fossem parar. Você abriu a porta da caminhonete, agarrou a gola da minha camiseta, e me puxou na sua direção, enquanto eu tentava me agarrar à terra. De repente virei a cabeça e mordi sua mão. Com força. Você soltou um palavrão. Sei que tirei sangue de você. Senti o gosto.

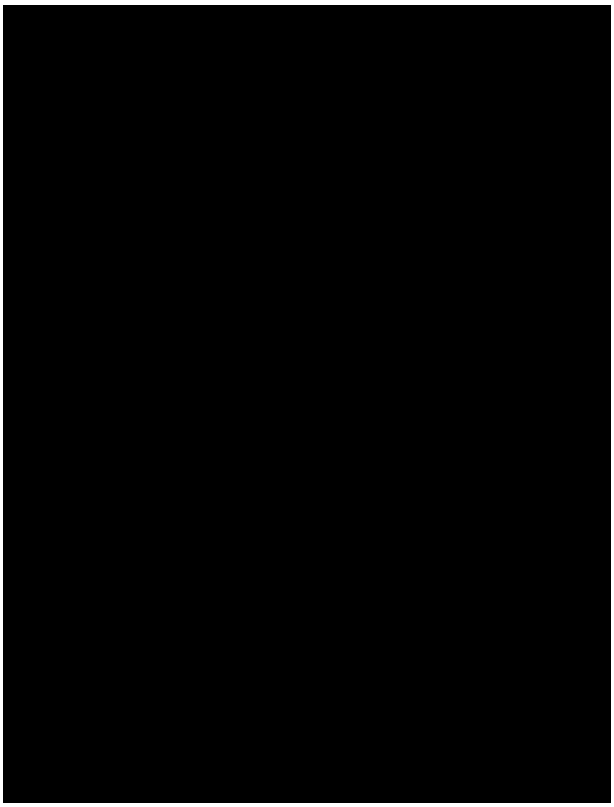
27

Aproveitei o momento para me levantar do chão e sair correndo. Mas você me alcançou rapidamente. Desta vez se deitou em cima de mim, com o peito sobre as minhas costas, usando o peso do corpo para me prender no chão. A areia arranhou meus lábios e senti gosto de poeira.

— Desista, Gemma. Não está vendo que não tem para onde ir? — você rosnou no meu ouvido.

Continuei a me debater, mas você segurou meus braços junto ao meu corpo. Seu corpo era pesado.

Foi então que não consegui mais segurar e comecei a urinar.



Gritei e lutei durante todo o caminho de volta. Mordi você de novo. Várias vezes. Cuspi também. Mas você não me soltou.

— Você ia morrer lá — você gritou. — Não percebe?

Chutei você com força, nas canelas, no saco, onde foi possível. Mas você não me largou. Apenas me arrastou mais depressa. Você era forte. Para um cara que parecia magro, você era muito forte. Quando chegamos à casa, joguei todo o meu peso contra você e chutei você de novo, gritando como um animal selvagem. Você me arrastou pela cozinha e me jogou no banheiro escuro. Eu berrei e tentei derrubar a porta com chutes e socos. Mas não adiantou. Você trancou a porta pelo lado de fora.

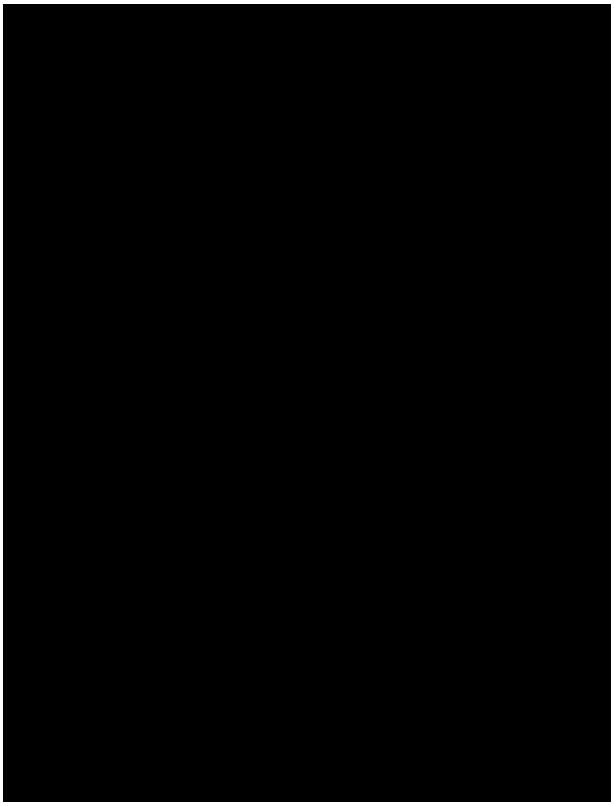
Lá não havia janelas para quebrar. Abri a porta nos fundos.

Como eu pensava, era onde estava a privada. Desci os dois degraus

que davam acesso ao compartimento. Não havia piso. O chão era de terra batida, que machucou meus pés ainda mais. Também não havia janelas: as paredes eram feitas de grossas tábuas com minúsculas frestas entre elas. Empurrei as tábuas, mas eram sólidas. Levantei a tampa da privada. Vi um profundo buraco escuro, cheirando a merda.

Voltei ao banheiro e vasculhei o armário acima da pia. Peguei tudo o que encontrei lá dentro e arremessei contra a porta, com toda a força. Uma garrafa de desinfetante se espatifou, espalhando cacos por toda a parte. Um cheiro forte encheu o ar. Percebi que você andava de um lado para outro no corredor.

— Não faça isso, Gemma. Você vai acabar com o estoque — você alertou.



Gritei por socorro até ficar com a garganta doendo. Não que

adiantasse muito. Depois de algum tempo as palavras se transformaram em ruídos, que tentavam abafar o som da sua voz. Bati com os braços na porta até se cobrirem de contusões. Pedaços de pele começaram a sair dos meus pulsos. Eu me sentia desesperada. A qualquer momento, você poderia entrar ali com uma faca, um revólver ou coisa pior. Eu precisava de proteção. Peguei um caco de vidro da garrafa de desinfetante.

A porta balançou quando você apoiou seu peso nela.

— Fique calma — você disse em voz trêmula. — Não adianta ficar assim.

Você se sentou no corredor, em frente ao banheiro. Sei disso porque vi seus sapatos pela fresta embaixo da porta. Eu me sentei

encostada à parede, sentindo o cheiro do desinfetante e da urina na minha calça. Depois de algum tempo, ouvi um leve estalo. Era você enfiando a chave na fechadura.

— Me deixe sozinha — berrei.

— Não posso.

— Por favor.

— Não.

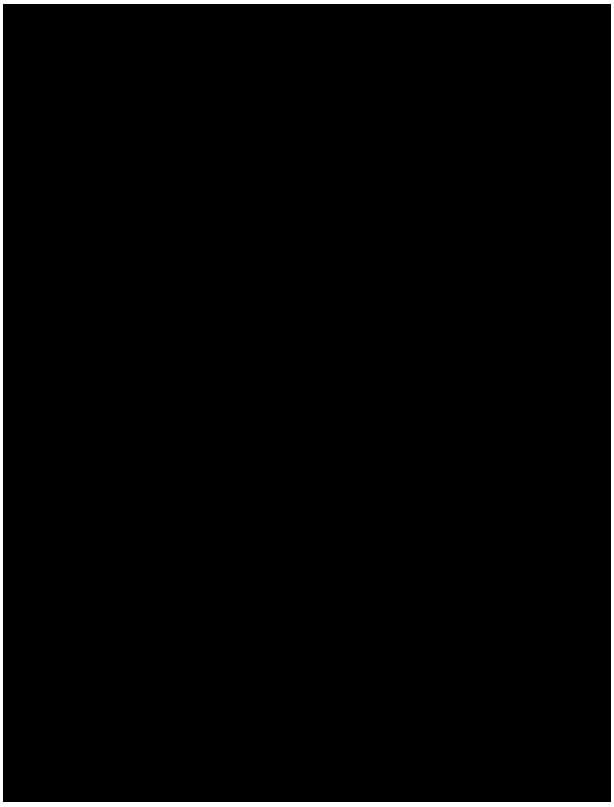
— O que você quer?

Eu estava chorando agora, curvada sobre mim mesma.

Toquei levemente nas contusões e arranhões que cobriam meus pés ensanguentados.

Ouvi você bater com a mão ou a cabeça na porta do banheiro.

Ouvi a irritação na sua voz.



— Eu não vou matar você — você disse. — Não vou, está bem?

Minha garganta ficou ainda mais ressecada. Eu não acreditei em você.

Você ficou em silêncio por um longo tempo, e eu me perguntei se você teria ido embora. Talvez o som da sua voz fosse melhor que o silêncio. Eu estava segurando o caco com tanta força que cheguei a arranhar a mão. Eu o ergui e o examinei à luz de uma fresta na parede. Havia minúsculos arcos-íris dentro daquele vidro. Eu o girei e um deles dançou sobre a minha mão. Pressionei o dedo numa aresta. Surgiu uma pequena bolha de sangue.

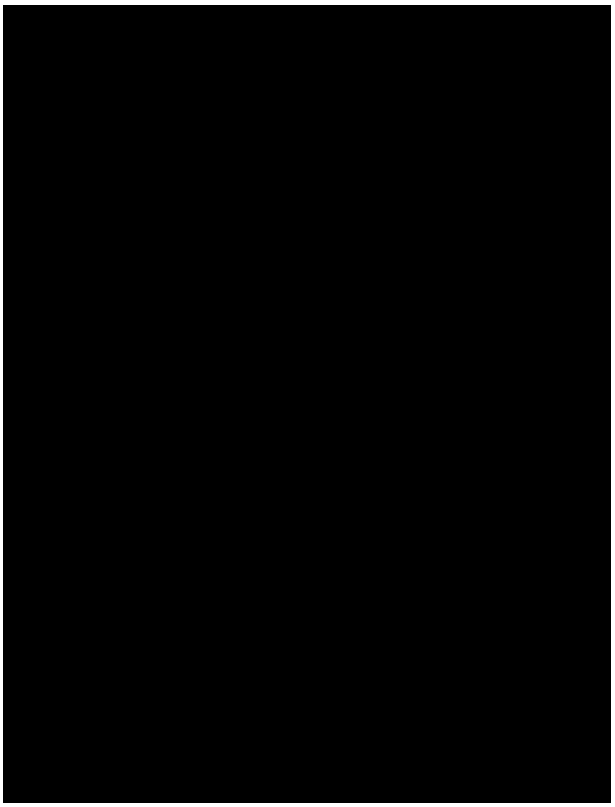
Perguntando a mim mesma se conseguiria ir até o fim,

segurei o caco acima do pulso esquerdo e o abaixei lentamente.

30

Tracei uma linha oblíqua na pele. O sangue começou a escorrer. Não doeu. Meus braços estavam dormentes de tanto baterem na porta. Mas não estava saindo muito sangue. Quando duas gotas caíram no chão, soltei um arquejo, quase sem acreditar no que tinha feito. Depois você disse que foi o efeito da droga que me levou a isso, mas não sei. Naquele momento eu estava muito determinada. Talvez preferisse me matar a esperar que você o fizesse. Passei o caco para a mão esquerda e estiquei o pulso direito.

De repente você apareceu. Rápido. A porta se abriu e quase no mesmo instante você tirou o vidro da minha mão e me envolveu com os braços, usando sua força. Eu dei um soco no seu olho. Você me arrastou até o chuveiro e abriu um pouco a torneira. A água era ferruginosa e saía em jorros, fazendo os canos gemerem. Coisas negras boiavam nela. Eu me encostei num canto. O sangue





que saía do meu pulso se misturava com a água e rodopiava no ralo. Mas gostei da presença da água. Ela nos separava. Como uma espécie de aliada.

Você retirou uma toalha de rosto de uma caixa perto da porta e a colocou embaixo do chuveiro, até que ficasse encharcada. Depois fechou a torneira e se aproximou de mim. Eu me encolhi nos ladrilhos quebrados e gritei para você me deixar em paz. Mas você se ajoelhou e encostou a toalha no corte do pulso. Eu recuei tão bruscamente que bati com a cabeça em alguma coisa.

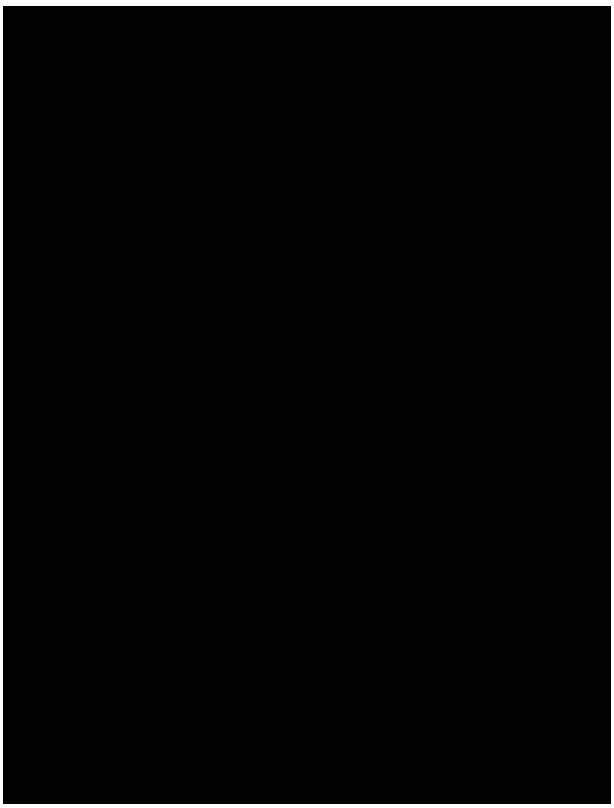
Depois, nada.

31

Quando acordei, estava de volta à cama de casal, sem a calça

jeans, com uma atadura fria e úmida enrolada no pulso. Meus pés tinham sido amarrados aos pés da cama com uma corda dura e áspera. Havia ataduras neles também. Puxei as pernas, para verificar se estavam amarradas firmemente. A dor que senti me deixou sem ar.

Então vi você ao lado da janela. As cortinas estavam um pouco abertas e você estava olhando para fora. De testa franzida. Havia contusões em torno dos seus olhos. Obra minha, presumo. Nesse momento, com o sol banhando sua pele, você não parecia um sequestrador. Parecia cansado. Mesmo com o coração aos pulos me



obriguei a observar você. Por que você me trouxera para aquele lugar? O que você queria? Se quisesse fazer alguma coisa comigo, com certeza já teria feito.

Você se virou e viu meu olhar.

— Não faça mais isso — você disse.

Eu pestanejei.

— Você pode se machucar.

— Isso tem importância?

Minha voz era apenas um suspiro.

— É claro.

Você me olhou com atenção. Não consegui sustentar seu olhar. Eram esses seus olhos. Azuis demais. Intensos demais. Detestei o modo como pareciam quase preocupados. Continuei

deitada, olhando para o teto. Era de metal corrugado.

— Onde estou? — perguntei.

Eu estava pensando no aeroporto. Nos meus pais.

Perguntava a mim mesma para onde teria ido o resto do mundo.

Pelo canto do olho vi você abanar a cabeça lentamente.

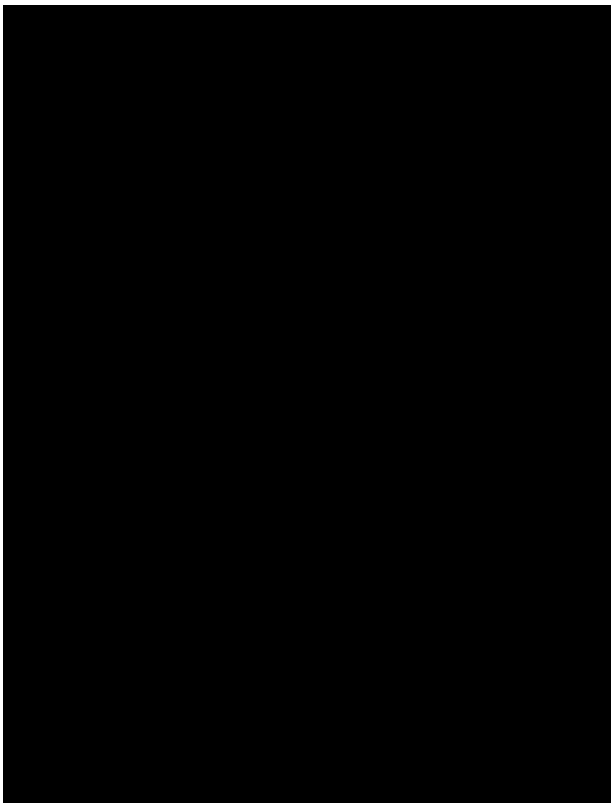
— Não é Bangkok — você disse. — Nem o Vietnã.

— Então onde?

— Você vai acabar descobrindo, eu acho.

Você pousou as mãos na testa e, com as pontas dos dedos, apertou levemente os machucados em torno dos olhos. Suas unhas eram curtas e sujas. Mais uma vez, tentei puxar os pés. Meus tornozelos estavam suados e úmidos, mas não escorregadios o bastante para se soltarem.

— Quer água? — você perguntou. — Comida?



Abanei a cabeça. Senti lágrimas no rosto novamente.

— O que vai acontecer? — murmurei.

Você tirou as mãos da testa. Seus olhos me relancearam por um momento, mas já não estavam gelados. Tinham se liquefeito um pouco. Pareciam úmidos. Por um segundo, achei que você tinha chorado também. Você percebeu que estava sendo observado e virou-se de costas. Em seguida, saiu do quarto. Voltou vários minutos depois com um copo de água. Sentou-se na beira da cama e o estendeu para mim.

— Eu não vou fazer mal a você — você disse.

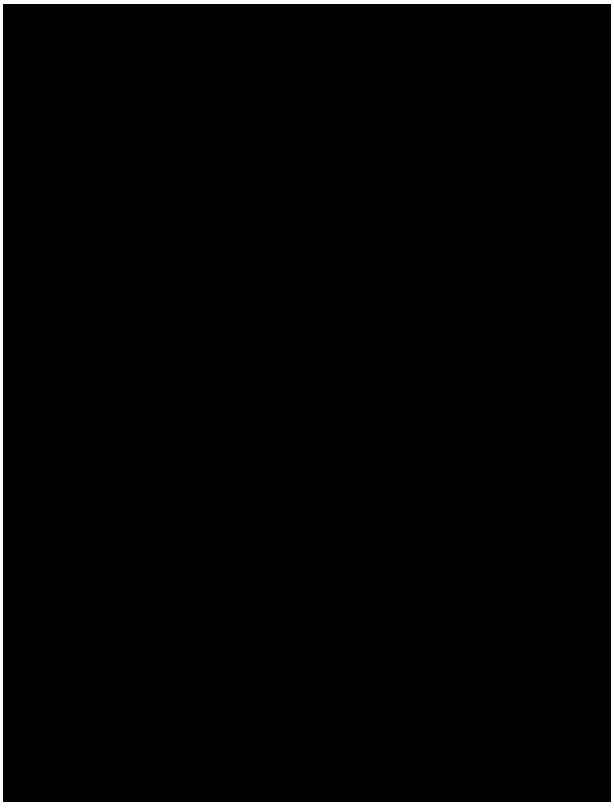
33

Permaneci na cama. Minhas lágrimas encharcaram a fronha

do travesseiro, e meu suor, o lençol da cama. Tudo me machucava. Tentei não me mexer muito. A certa altura você entrou no quarto e trocou as ataduras dos meus pés. Eu me sentia amolecida, e tinha a impressão de que estava derretendo.

Você me disse depois que foram apenas uns dois dias.

Pareceram semanas. Minhas pálpebras ficaram inchadas de tanto eu chorar. Tentei pensar em modos de fugir, mas meu cérebro também se derretera. Passei a conhecer muito bem o teto, as paredes rústicas e a moldura de madeira da janela. Bebia a água marrom e terrosa que você deixou ao meu lado, mas só quando você não estava



olhando. Cheguei a mordiscar as nozes e sementes que estavam numa tigela, mas primeiro encostei a língua nelas para ver se não estavam envenenadas. Sempre que você entrava no quarto, tentava falar comigo. A conversa era sempre a mesma.

— Quer tomar banho? — você perguntava.

— Não.

— Quer comida?

— Não.

— Água? Você precisa beber água.

— Não.

Uma pausa, enquanto você pensava no que eu poderia querer.

— Você quer sair?

— Só se você me levar a uma cidade.

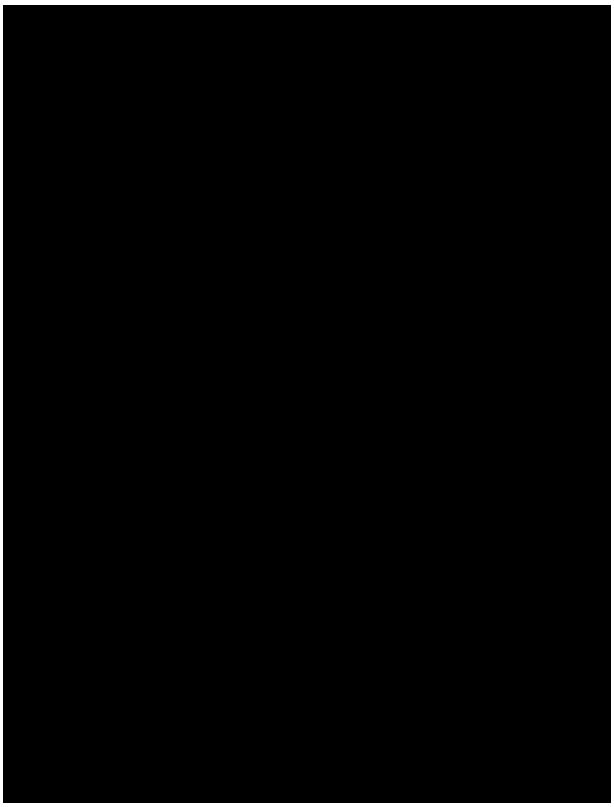
— Não existem cidades.

Certa vez, você não saiu do quarto como normalmente fazia. Em vez disso, suspirou e foi até a janela. Percebi que as contusões em torno dos seus olhos tinham mudado de cor — de um azul profundo para um amarelo doentio. Minha única indicação de que o tempo tinha passado. Você me olhou com uma ruga profunda na testa. Então, rapidamente, abriu as cortinas. A luz inundou o quarto, fazendo com que eu me encolhesse nos lençóis.

— Vamos sair — você disse. — Vamos olhar o lugar.

Eu me virei, para proteger meus olhos da luz e não olhar para você.

— A parte dos fundos é diferente da parte da frente — você disse. — Vamos até lá.



— Você vai me deixar ir embora pelos fundos?

Você abanou a cabeça.

— Não há para onde escapar — você disse. — Eu já lhe falei.

É um deserto.

No final, acabei cedendo. Mas não porque quisesse fazer a sua vontade. Resolvi ir porque não estava acreditando que não existisse nada lá fora. Tinha que haver alguma coisa; uma cidade ao longe, uma estrada ou mesmo cabos de eletricidade. Nenhum lugar é totalmente um deserto.

Você desamarrou meus pés, retirou as ataduras enroladas neles e os apalpou. Não doeu como eu pensei que doeria. Você também examinou meu pulso. O corte estava vermelho-acastanhado e coberto de crostas, mas não havia sangue fresco.

Você tentou me levantar da cama, mas eu empurrei você.

Esta simples ação foi o suficiente para que eu começasse a tremer.

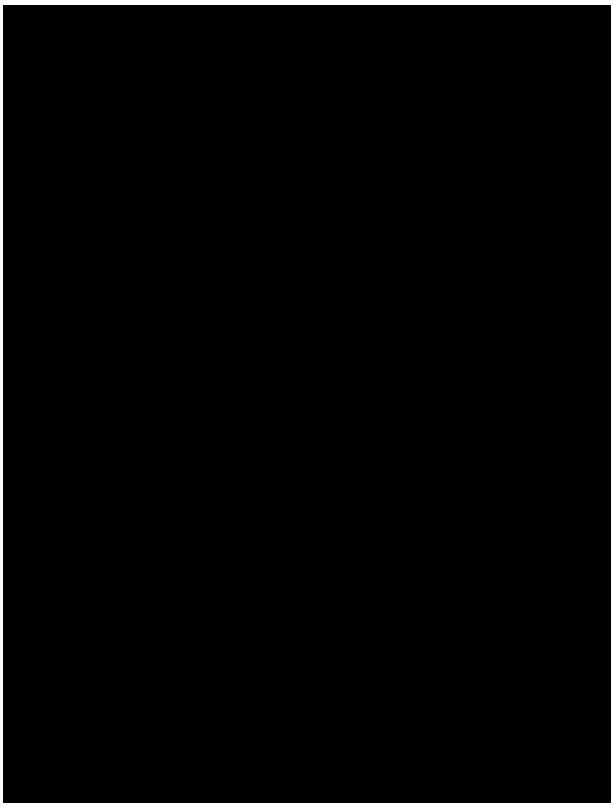
Mesmo assim, rolei na cama e desci pelo outro lado.

— Posso fazer isso sozinha.

— Claro, eu esqueci — você disse. — Eu ainda não cortei fora as suas pernas.

Você riu da própria piada. Ignorei você. Minhas pernas tremiam tanto que me foi difícil levantar. Tentei dar um passo. Meu pé se contraiu de dor. Engoli em seco. Mas sabia que não poderia permanecer naquele quarto para sempre.

Você se virou de costas enquanto eu vestia a calça, que fora lavada e secada; as marcas de terra haviam sumido. Eu me sentia extremamente fraca quando saí do quarto, prestes a desmaiar. Lamentei não ter aceitado mais comida quando você me ofereceu.



Caminhei pelo corredor e você me seguiu. Você não fazia barulho ao caminhar, nem mesmo um rangido no piso. Eu me dirigi à cozinha, mas você segurou meu braço. Seu toque me fez tremer mais. Não consegui olhar para você.

— Por aqui — você disse.

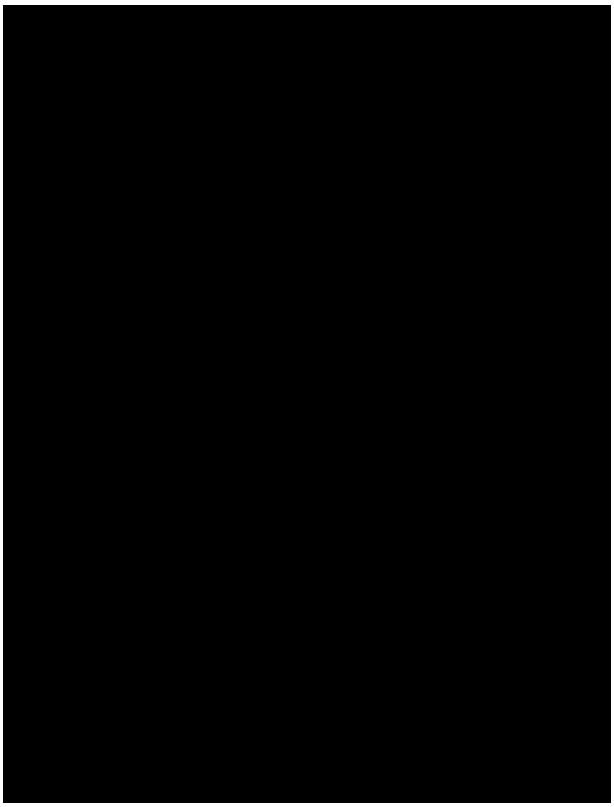
Eu me desvencilhei dos seus dedos e me mantive a alguns passos de distância. Você atravessou a sala, onde as cortinas ainda estavam abaixadas. Tive que piscar muito para enxergar alguma coisa. De repente, algo perfurou meu pé. Uma dor subiu pela minha perna. Meus olhos se encheram de lágrimas, mas eu as enxuguei antes que você percebesse. Levantei o pé e puxei um pequeno prego dourado, do tipo usado para pendurar quadros. Perguntei a mim mesma o que aquilo estaria fazendo ali, se não havia quadros em

lugar nenhum.

Atravessamos uma espécie de vestíbulo que levava ao outro lado da residência. Você abriu uma porta. Tive que apertar os olhos por causa da claridade. Estávamos diante de uma varanda, que ocupava toda a largura da casa. Capenguei até um sofá de vime e me arriei nele. Depois levantei o pé, para massagear a marca vermelha deixada pelo prego.

Quando levantei os olhos, avistei os rochedos. Eram enormes, lisos e arredondados. Estavam talvez a cinquenta metros da casa e tinham duas vezes o comprimento dela. Era como se fossem um

punhado de bolas de gude deixadas lá por algum gigante. Os dois maiores tinham grandes fissuras na superfície e se erguiam bem em frente à casa, ladeados por cinco rochedos menores. Árvores pontiagudas as circundavam e também brotavam em meio a elas.



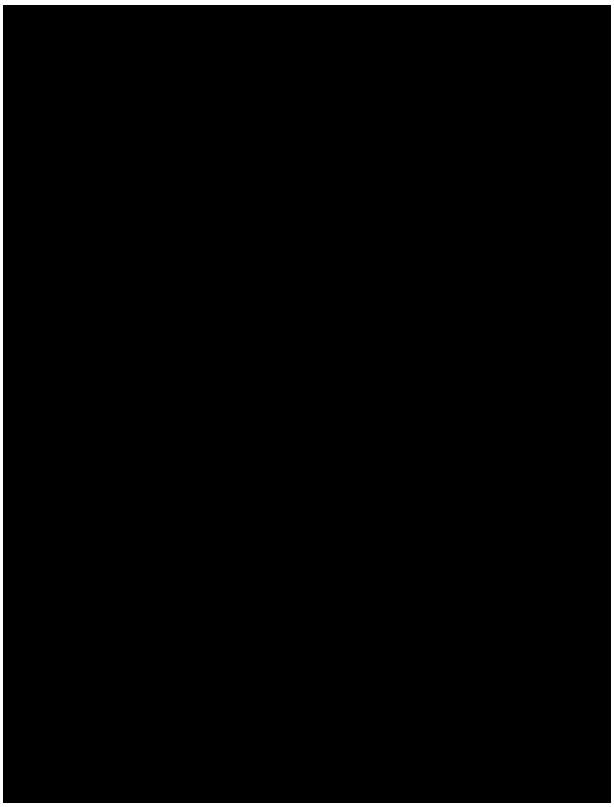
Aquelas pedras avermelhadas, que se erguiam do chão como polegares. Eram muito diferentes do restante da paisagem. Após alguns momentos percebi que sua tonalidade rubi era um efeito do sol poente, que incidia sobre a superfície arenosa.

— Os Separados — você disse. — É assim que chamo esses rochedos. Eles são diferentes... como se estivessem... separados de tudo. Quer dizer, de tudo que existe por aqui. Estão sozinhos, mas pelo menos nisso estão juntos.

Você se postou ao lado do sofá. Eu me afastei para o outro lado. Você pegou uma tira de vime e puxou até soltá-la.

— Por que eu não vi essas pedras antes? — perguntei. —
Quando eu corri?
— Você não estava olhando. — Você largou a tira de vime e

olhou para mim. Evitei olhar para você. Você se encostou num dos pilares da varanda. — Naquela hora você estava nervosa demais para ver muita coisa.
Examinei os penedos, procurando trilhas, verificando se não havia alguma coisa feita pelo homem. Vi um cano de plástico que saía deles e ia até o outro lado da varanda, onde estava o banheiro. Postes de madeira os contornavam, como se já tivesse existido uma cerca ali.
— O que há no outro lado? — perguntei.
— Mais da mesma coisa. — Você inclinou a cabeça para o lado, indicando o solo poeirento em torno da casa. — Não é a sua rota de fuga, se é o que você está pensando. Sua única rota de fuga passa por mim. E você está sem sorte, eu acho, pois eu já realizei a minha fuga quando vim para cá.



— O que é o cano? — perguntei, pensando que se havia um cano para a casa poderia haver outros canos e outras casas atrás dos rochedos.

— Fui eu que instalei. Para pegar água.

Você sorriu quase com orgulho e começou a remexer no bolso da camisa, procurando alguma coisa. Não encontrando, enfiou a mão no bolso da calça e retirou um pequeno maço de folhas secas, juntamente com pequenos pedaços de papel. Examinei seus outros bolsos. Haveria algum volume pequeno? Seriam as chaves da caminhonete? Você enrolou um cigarro longo e fino e lambeu as beiradas do papel.

— Onde nós estamos? — perguntei novamente.

— Por toda a parte e em lugar nenhum. — Você encostou a

cabeça no pilar da varanda e olhou para os rochedos. — Eu encontrei este lugar. É meu. — Você examinou o cigarro enquanto pensava. — Foi há muito tempo. Eu era pequeno, na época, talvez tivesse metade da sua altura.

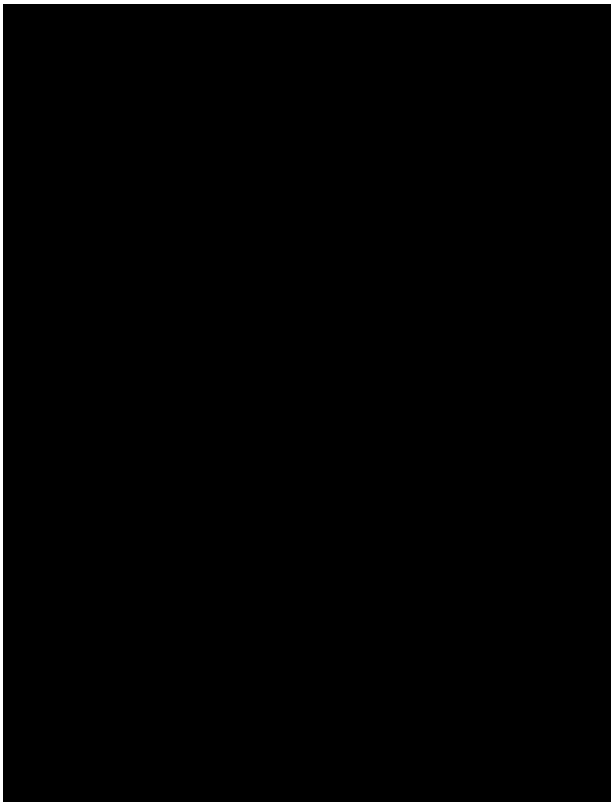
Olhei para você.

— Como você chegou aqui?

— Andando. Levei mais ou menos uma semana. Quando cheguei aqui, desabei.

— Você estava sozinho?

— Estava. Este lugar é especial. As rochas me ofereceram sonhos... e água, é claro.. Eu fiquei aqui umas duas semanas, acampado no meio delas, vivendo delas. Quando voltei para casa tudo tinha mudado.



Eu me virei para o outro lado. Não queria saber nada sobre

você, nem sobre a sua vida. Um pássaro voava em círculos acima de nós. Um pequeno xis perfilado contra o céu claro. Encolhi as pernas e abracei os joelhos com força, tentando evitar que o medo dentro de mim se transformasse em um grito.

— Por que estou aqui? — sussurrei.

Você apalpou os bolsos e puxou uma caixa de fósforos.

Depois apontou para os penedos.

— Porque este lugar é mágico... lindo. E você é linda... lindamente única. Como os Separados. Tudo se encaixa. — Você rolou o cigarro entre o polegar e o indicador. Depois o estendeu para mim. — Quer?

Abanei a cabeça. Nada daquilo se encaixava. E ninguém

nunca tinha me chamado de linda.

— O que você quer? — perguntei, em voz entrecortada.

— Isso é fácil. — Você sorriu e o cigarro grudado em seus lábios pendeu para baixo. — Companhia.

Quando você acendeu o cigarro senti um cheiro estranho, mais natural que tabaco, mas não tão forte quanto maconha. Você deu uma profunda tragada e olhou novamente para o amontoado de rochas.

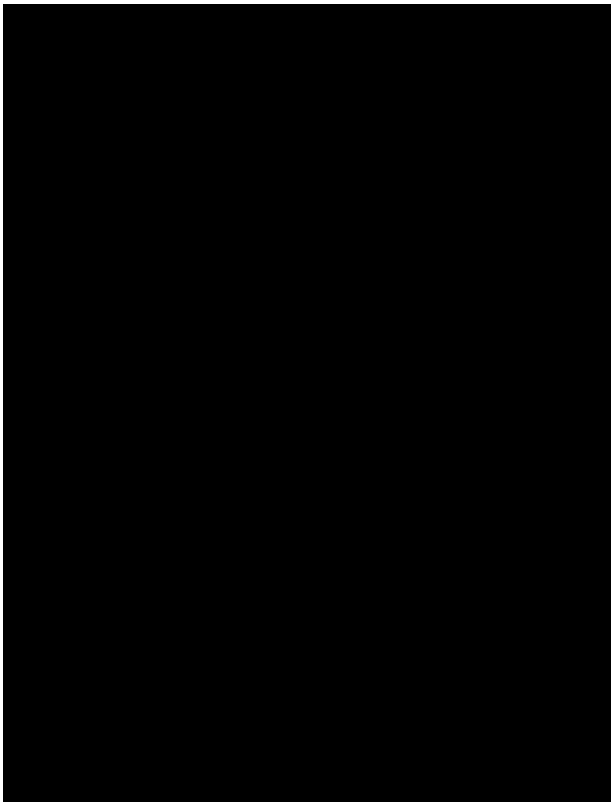
Segui seu olhar e avistei uma pequena abertura entre eles.

Parecia uma trilha.

— Quanto tempo você vai me manter aqui? — perguntei.

Você deu de ombros.

— Para sempre, é claro.





Quando a luz diminuiu até se tornar um lusco-fusco acinzentado, você se virou para entrar na casa.

— Venha comigo — você disse.

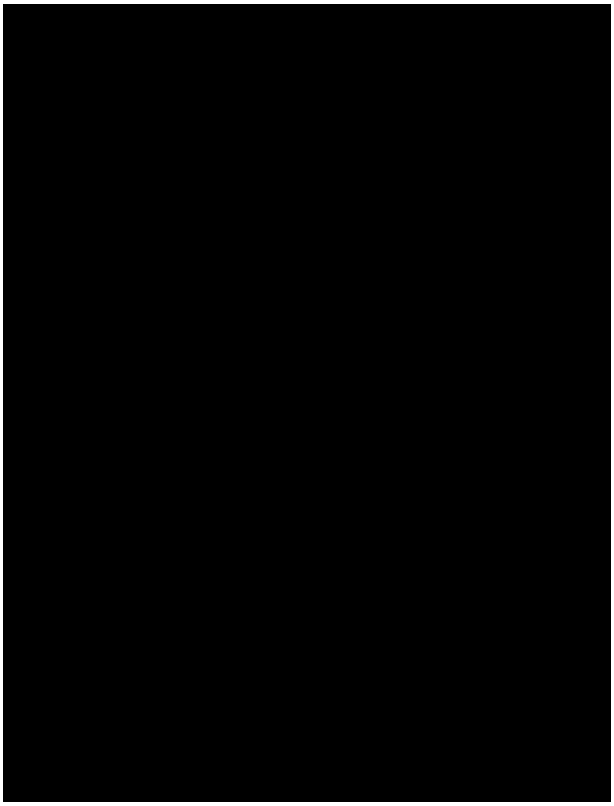
Você entrou no vestíbulo que tínhamos atravessado antes e parou ao lado de um conjunto de baterias de tamanho industrial. Vi fios ligados a eles; seguiam em direção ao teto, passando por alguns interruptores no caminho. Na prateleira acima de você, havia uma fileira de seis lamparinas a querosene. O que aconteceria se eu derrubasse uma delas sobre a sua cabeça? O impacto o deixaria

atordoado? Quanto tempo isso me daria? Você se curvou, verificou alguma coisa e ligou um interruptor.

— Gerador — você disse, indicando as baterias com a cabeça.

— Ele alimenta os aparelhos da cozinha e as poucas lâmpadas que existem na casa.

Mas eu ainda estava olhando para as lamparinas. Você notou, pegou uma e a estendeu para mim. Eu a segurei pelo bojo; a fina alça de metal tilintou no vidro. Você começou a me explicar como usá-la. Quando se virou para me mostrar outra, eu a levantei para golpear você, mas meus braços tremiam demais. Fiquei parada ali, com a lâmpada levantada, parecendo uma idiota. Você percebeu minha intenção, recolocou a segunda lamparina na prateleira e estendeu as mãos para a que eu estava segurando.



— Você não vai se livrar de mim assim — você disse,

levantando os cantos da boca.

Você retirou a lamparina das minhas mãos, despejou querosene dentro dela e a acendeu. Depois me empurrou para fora do aposento. Segurando a lâmpada à sua frente, você me levou de volta ao quarto onde eu tinha dormido.

— Este é o seu quarto — você disse. — Depois se aproximou da cômoda perto da porta. — Você vai encontrar lençóis limpos aqui.

Você abriu a gaveta de baixo e me mostrou os lençóis. Depois puxou as duas gavetas de cima, onde havia camisetas, *shorts*, calças e blusas. Passei os dedos sobre uma das camisetas. Era simples, de cor bege. Tinha tamanho 40, e parecia nova.

— Vai servir, não vai? — você perguntou.

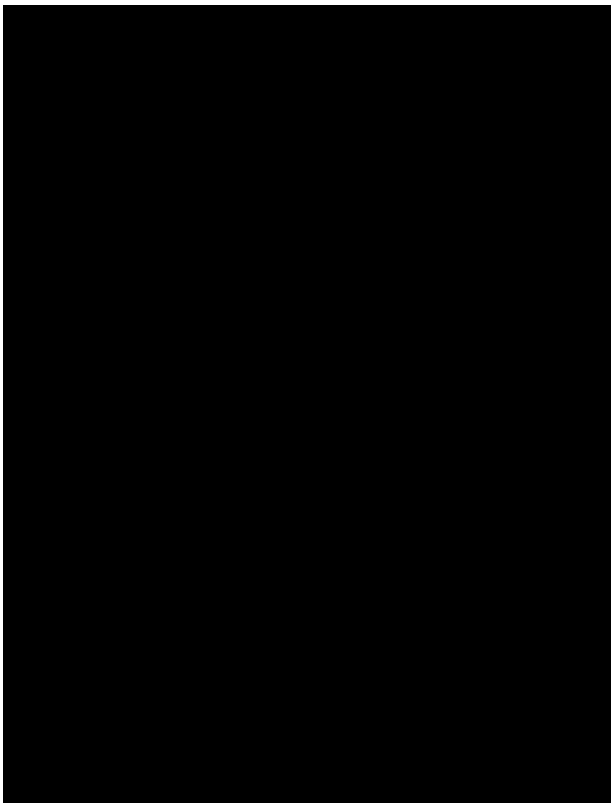
Não lhe perguntei como você sabia qual era o meu tamanho. Apenas fiquei olhando para as roupas, todas beges e desinteressantes. Não havia nenhuma marca conhecida, nada que fosse bonito. Parecia que tudo tinha sido comprado numa loja de departamentos barata. Você apontou para as duas gavetas pequenas, na parte de cima.

— Roupa de baixo — você disse.

E deu um passo para o lado. Mas não examinei as gavetas.

— Eu também trouxe saias e alguns vestidos, se você quiser. Estão no outro quarto. São verdes.

Apertei os olhos. Verde era minha cor favorita. Como você sabia disso? Você *realmente* sabia disso? Você se virou em direção à porta.



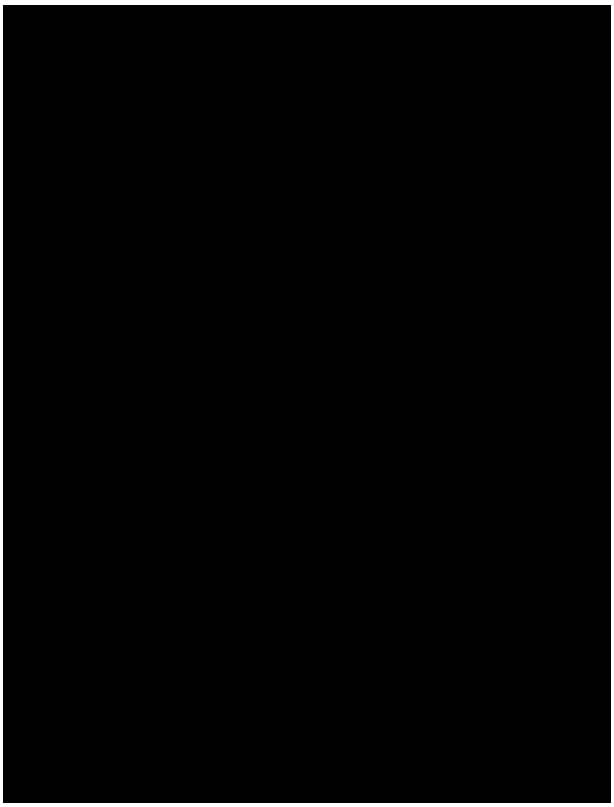
— Vou lhe mostrar os outros aposentos. — Quando percebeu que eu não tinha me mexido, deu meia-volta e se aproximou de mim. — Gemma, eu não vou machucar você — você disse baixinho. Então se virou novamente e saiu do quarto. Na semiobscuridade, ouvi os gemidos das paredes se contraindo, à medida que o calor se dissipava. Decidi seguir a luz de sua lamparina. Fui parar no aposento contíguo, onde vi uma pequena cama portátil encostada numa das paredes, com um monte de cobertores por cima. Havia também uma mesinha de cabeceira e, na parede oposta, um armário com uma cômoda ao lado.

— Eu durmo aqui por enquanto — você disse.

Você evitou me olhar. Procurei não pensar nas suas palavras, que ficaram pairando no ar, inacabadas.

42

Eu já conhecia o banheiro. A porta seguinte se abria para um armário alto. Não havia muitas coisas ali, além de duas vassouras, um esfregão e algumas caixas de metal. Segui sua lamparina até a porta em frente, o último cômodo do corredor. Era maior que seu quarto, quase tão grande quanto o quarto que você dizia que era meu. Numa das extremidades, vi um armário e uma poltrona. Prateleiras com livros ocupavam toda uma parede, embora não estivessem exatamente cheias. Você abriu um armário e me mostrou os jogos guardados na prateleira inferior... *Uno*, *Lig 4*, *Adivinha Quem?* , *Twister*. Eram jogos que nós tivéramos em casa, jogos que eu me lembrava de ter jogado com amigos ou com meus pais, na época de Natal. Mas aquelas caixas eram antigas e desbotadas, como se tivessem sido adquiridas em bazares de caridade.



— Tem também uma máquina de costura, um violão... e material esportivo — você disse.

Dei uma olhada nos livros, cuidadosamente alinhados nas prateleiras. À luz da lamparina só consegui distinguir alguns títulos. *O Morro dos Ventos Uivantes*, *O Grande Gatsby*, *David Copperfield*, *O Senhor das Moscas*... livros que eu tinha lido na escola. Não consegui ver nenhum livro moderno ali, somente clássicos.

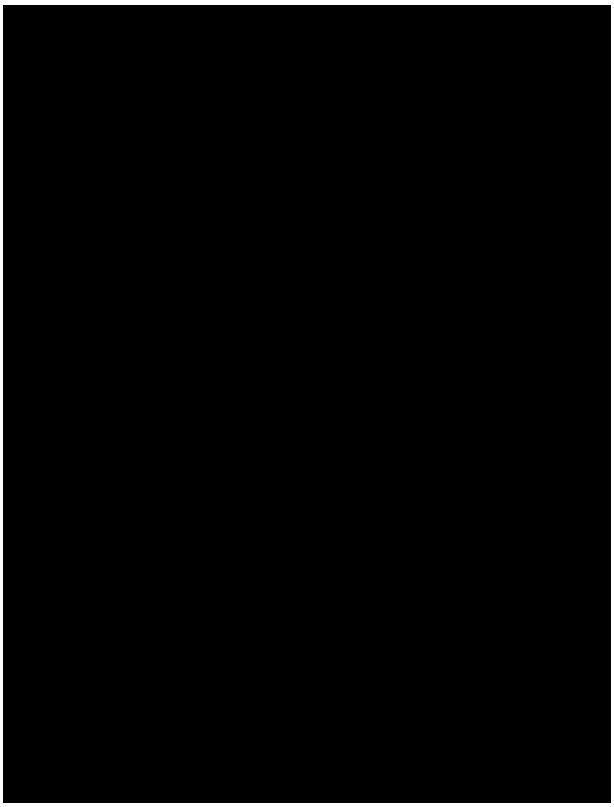
Olhei para a prateleira seguinte. A maior parte continha guias campestres. Havia também livros sobre flores e animais do deserto, inclusive cobras; outros sobre rochas; e alguns manuais sobre coisas, como dar nós em cordas ou construir abrigos improvisados. Vi um dicionário de línguas aborígenes. Observando os títulos, percebi uma coisa.

— Nós estamos na Austrália, não estamos?

Você acenou levemente com a cabeça.

— Você demorou um pouco para perceber.

Eu me lembrei do que você tinha dito no aeroporto, quando conversamos sobre lugares que eu gostaria de visitar... e depois do seu sotaque estranho. Fazia sentido. Isto é, deixando de lado o fato de que eu achava que a Austrália só tinha praias e bosques, e não uma extensão interminável de areia vermelha. Então senti uma pontada de esperança, uma sensação de que tudo correria bem. A Austrália era um país civilizado, com leis, polícia e governo. Era possível que houvesse gente à minha procura e a polícia já estivesse na minha pista. Todo o país poderia estar em estado de alerta. Mas de repente minha esperança esmoreceu. Você me tirara de Bangkok. Quem se lembraria de me procurar na Austrália?



— Quem sabe que eu estou aqui? — perguntei.

— Ninguém. Ninguém sabe que nenhum de nós está aqui.

Estamos no meio do deserto australiano. Nós não estamos nem nos mapas.

Engoli em seco.

— Não há nenhum lugar que não tenha sido mapeado.

— Este aqui.

— Você está mentindo.

— Eu não minto.

— Então, como você me trouxe até aqui?

— Na traseira da caminhonete. Demorou um pouco — você disse entredentes.

— Eu teria me lembrado.

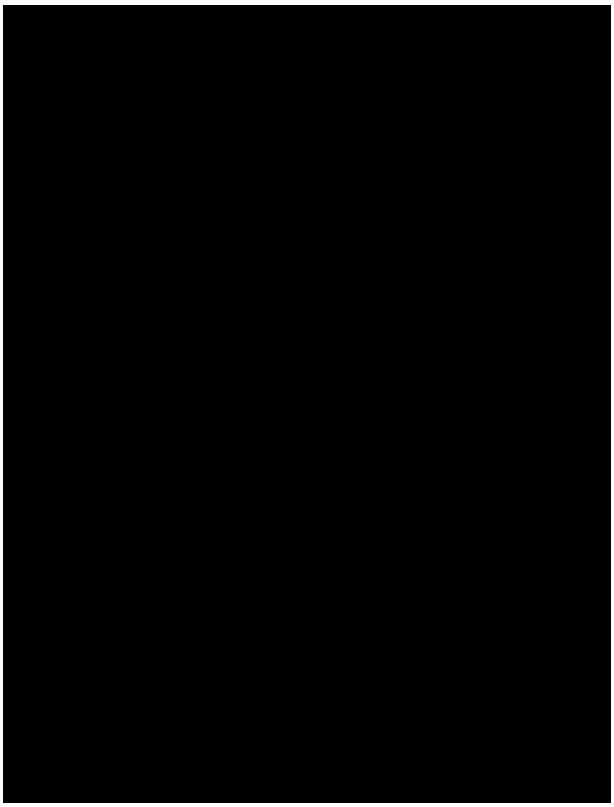
— Eu tomei precauções para você não se lembrar.

Isto me calou. Seus olhos se desviaram dos meus. Dei um passo para trás quando me lembrei do cheiro químico daquele pano sobre o meu rosto. Do mundo ficando enevoado e dos solavancos do veículo. Da doçura enjoativa dos chocolates. Procurei mais lembranças, mas elas não vieram. Sacudi a cabeça; na verdade não queria que elas viessem. Dei outro passo para trás, em meio à penumbra, e me encostei na estante de livros. Minha mente dava voltas. Pensei no que você ainda poderia estar escondendo de mim. Que outros segredos horríveis.

— Alguém deve ter visto você — murmurei.

— Eu duvido.

— Há câmeras nos aeroportos... As tevês em circuito fechado estão em toda a parte hoje em dia.



— Só no centro de Londres. Tem milhares lá. Apesar de a maioria estar sem filmes.

Você levantou a lamparina, cuja luz projetou sombras em seu rosto, formando buracos negros ao redor dos olhos.

— Alguém vai me procurar. Meus pais vão me procurar.

— Provavelmente.

— Eles são importantes.

— Eu sei.

— Eles têm contatos, dinheiro. Eles vão aparecer na tevê, vão espalhar meu retrato pelo mundo inteiro. Alguém vai me

reconhecer.

— É pouco provável. — Você aproximou a luz de mim,

cheguei a sentir o calor. — Você ficou dentro de um porta-malas

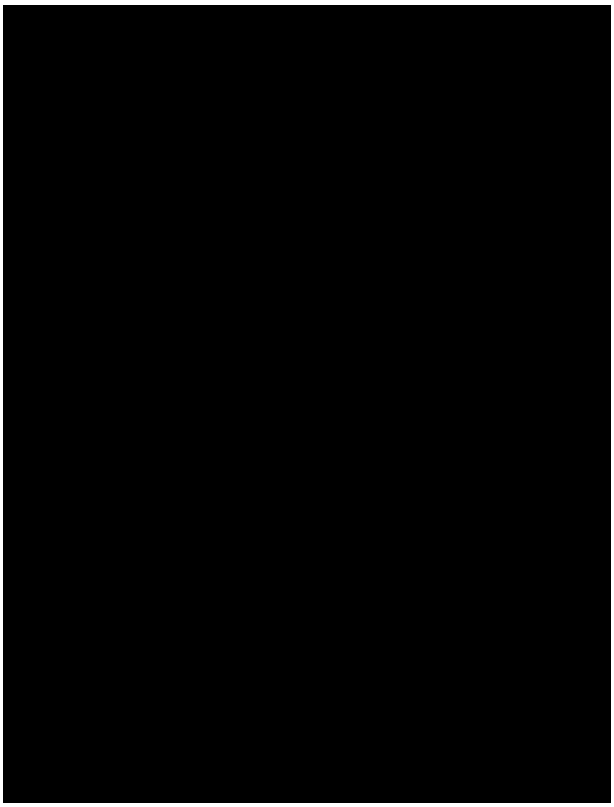
durante a maior parte do tempo.

Senti um aperto no peito ao imaginar meu corpo curvado e contorcido, jogado num porta-malas, como se fosse um item da bagagem. Era como um pavoroso filme de terror, só que eu ainda não chegara à cena da faca. Cruzei os braços no peito. Como é que eu não me lembrava disso tudo? Por que só tinha pequenos vislumbres? Será que as suas drogas eram realmente tão fortes? Dei mais um passo para longe de você e para perto da porta.

— Alguém deve ter visto você no aeroporto. — Eu estava falando para mim mesma, na verdade. — Alguém deve ter me visto. É impossível você ter passado por toda a segurança sem ninguém...

— Se alguém viu você, não percebeu quem era.

— Por que não?



— Você estava com uma peruca, óculos escuros, sapatos de salto alto e um casaco diferente. O passaporte que eu usei para você tinha um nome diferente. Eu joguei o outro na lixeira.

Você se moveu na minha direção. Mais uma vez vi aquela intensidade em seus olhos, como se você estivesse querendo alguma coisa. Eu me lembrei de como você tinha me olhado na lanchonete. Eu me deixara seduzir completamente por seu olhar penetrante.

Agora era diferente. Olhei para as prateleiras; o *Guia dos mamíferos australianos* estava a centímetros do meu rosto. Pensei em arremessá-lo contra você.

— Nós deixamos sua mochila na lixeira também — você acrescentou. — Você não se lembra de mudar de roupa, de pôr uma saia? Não se lembra de ter tocado em mim? Você achou tudo muito

divertido, na hora.

Uma água salgada inundou minha boca, como se eu fosse vomitar. Você deu alguns passos para o lado, se postando entre mim e a porta. Peguei o guia dos mamíferos.

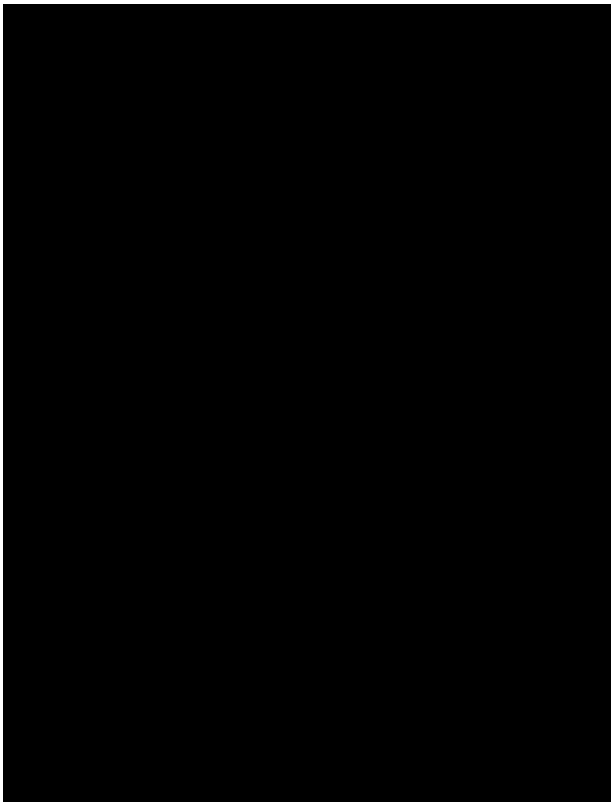
— Você é uma pessoa nova agora, Gem — você murmurou.

— O seu velho eu ficou para trás. Aqui você tem uma chance de começar de novo.

— Meu nome é Gemma — sussurrei, mantendo o livro entre nós como se fosse uma arma perigosa. — E eu não deixei você fazer tudo isso.

— Você deixou e você gostou.

Você deu mais um passo e se plantou à minha frente. Eu me encostei na estante, pressionando as costas contra ela. Você estendeu





a mão e tocou meu rosto. Minha pele se incendiou na mesma hora.

Levantei o livro e o posicionei em frente ao pescoço.

— Você era bem prestativa antes, lembra? — você murmurou.

— Não.

O lugar que você tocara estava ardendo. Olhei você com ódio. Mas eu estava me lembrando, o que tornou as coisas piores. Estava me lembrando de ter rido quando você se inclinou e pôs alguma coisa na minha cabeça. Estava me lembrando das roupas novas, das suas costas. Da vontade enorme que tive de beijar você.

Fechei os olhos. Um barulho escapou da minha garganta quando, de repente, você enlaçou minha cintura e me pressionou contra a estante.

47

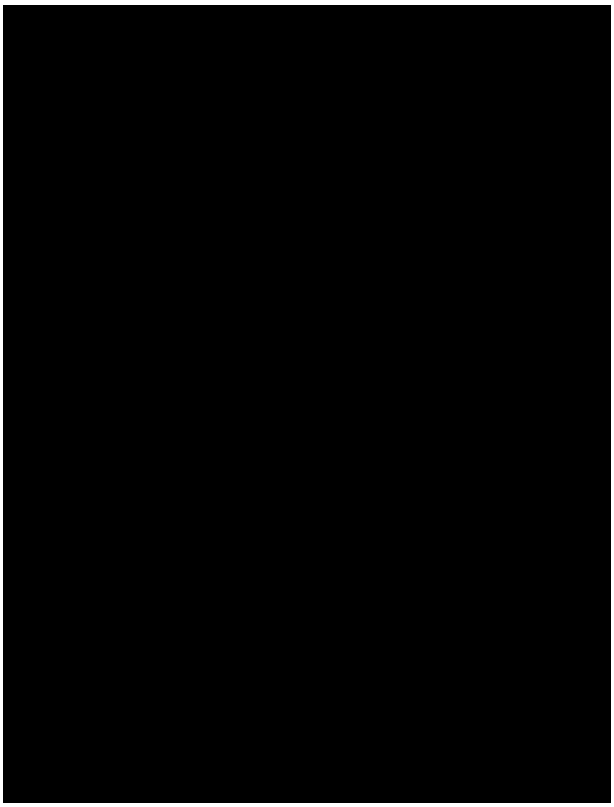
Desferi um golpe com o livro e acertei seu queixo. E o empurrei com todas as minhas forças.

— Eu odeio você! — gritei. — Odeio você, porra!

Você recolheu a mão imediatamente, como se eu a tivesse queimado.

— Talvez você mude — você disse baixinho.

E saiu do aposento levando a lamparina. Permaneci encostada na estante, em meio à escuridão.



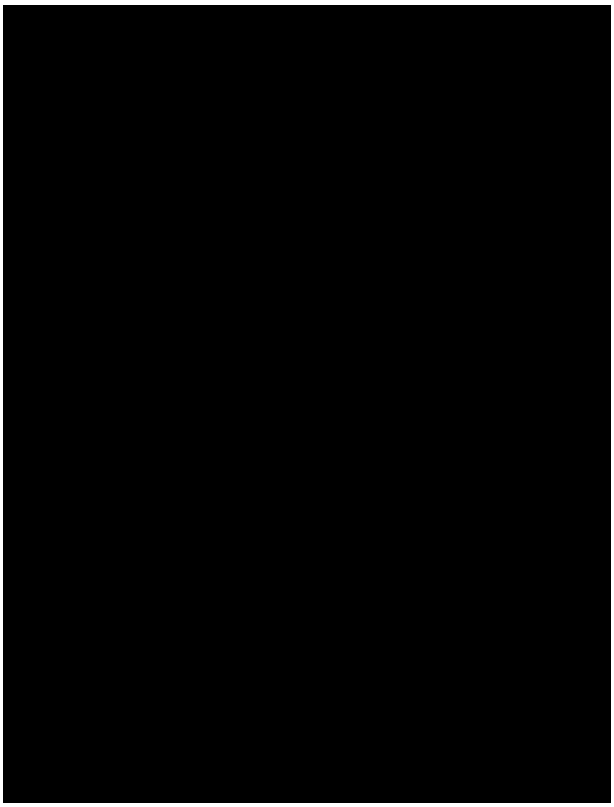
Naquela noite, como sempre, não consegui dormir. Não por causa do calor. Nunca fazia calor naquele lugar durante a noite. Nem por causa da escuridão. Eu tinha aberto a cortina, precisava da luz da lua.

Quando o calor diminuiu e as paredes de madeira começaram a se expandir, era como se houvesse lobos dentro delas, uivando... prontos para atacar. Tentei escutar o que você estava fazendo. Posicionei o travesseiro de modo a poder enxergar a maçaneta da porta. E não me virei na cama, pois este simples movimento poderia abafar algum barulho vindo de fora. Os estalidos das paredes soavam como seus passos no corredor. Eu estava tão tensa que fiquei com dor de cabeça.

Ao lado da minha cama, emitindo uma luz fraca, havia uma

lamparina. Estava ao meu alcance. Eu poderia arremessá-la caso a porta se abrisse. Tentei imaginar para onde apontaria. Vi uma mancha preta na parede, ao lado da porta. Estava mais ou menos à altura da sua cabeça. Eu tinha certeza de que conseguiria. Mas e depois? As portas poderiam estar trancadas. E mesmo que não estivessem, para onde eu poderia fugir sem que você me encontrasse?

Você estava no quarto ao lado, a apenas alguns metros... com uma fina parede entre nós. Tentei pensar na escola; em qualquer coisa que não fosse você. Tentei pensar em Anna e Ben. Tentei até pensar nos meus pais. Mas nada funcionou. Tudo sempre retornava a você. Você deitado em seu quarto. Você sonhando. Você pensando em mim. Imaginei você em meio à mixórdia de cobertores, de olhos bem abertos, e me perguntei como você iria me matar. Talvez você



estivesse tocando em si mesmo, imaginando que era eu. Ou talvez estivesse me espiando por uma fresta na parede, enquanto eu me preparava para enfrentar você. Talvez ficasse excitado com isso. Tentei escutar seu olho piscando no outro lado da parede. Mas só ouvi os rangidos das tábuas.

Acabei dormindo, mas não sei como nem quando. Deve ter sido por volta do alvorecer. Meu corpo apenas cedeu, exaurido pela tensão. Depois que dormi, sonhei...

Eu tinha voltado para casa. Mas não realmente; eu podia ver o que estava acontecendo, mas ninguém podia me ver. Eu estava recostada na janela da sala.

Mamãe e papai se encontravam lá, aboletados no sofá branco. Dois policiais conversavam com eles, sentados desconfortavelmente

nas cadeiras que mamãe trouxera da Alemanha. Havia câmeras e operadores de câmeras. Gente por toda parte. Até Anna estava lá, de pé atrás do sofá, com a mão pousada no ombro de mamãe. Um dos policiais, com os cotovelos apoiados nos joelhos, fazia perguntas à mamãe.

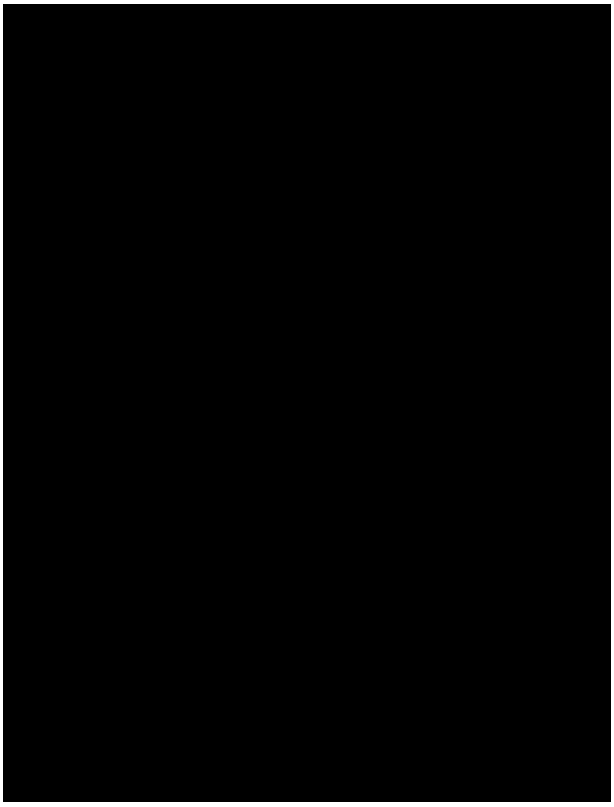
Quando a senhora viu sua filha pela última vez, Sra. Toombs?

Gemma, alguma vez, falou em fugir?

A senhora poderia descrever, por favor, o que a sua filha estava vestindo naquele dia?

Mamãe estava confusa, e olhava para papai em busca de

respostas. Mas o policial estava impaciente, e olhava as câmeras com irritação.



— Sra. Toombs — disse ele. — O desaparecimento da sua filha é um assunto importante. Creio que a senhora entende que estará em todos os jornais.

Ouvindo isso, mamãe enxugou os olhos. E até conseguiu dar um leve sorriso.

— Estou pronta — disse ela. — Temos que fazer tudo o que pudermos.

Papai ajeitou a gravata. Alguém projetou uma luz brilhante sobre ele e mamãe. Anna se afastou do enquadramento.

Tentei gritar para que eles soubessem que eu estava na sala com eles, mas não consegui emitir nenhum som. Fiquei de boca aberta, com a voz paralisada em algum ponto do peito. De repente,

senti que meu corpo estava sendo puxado para trás, passando pela

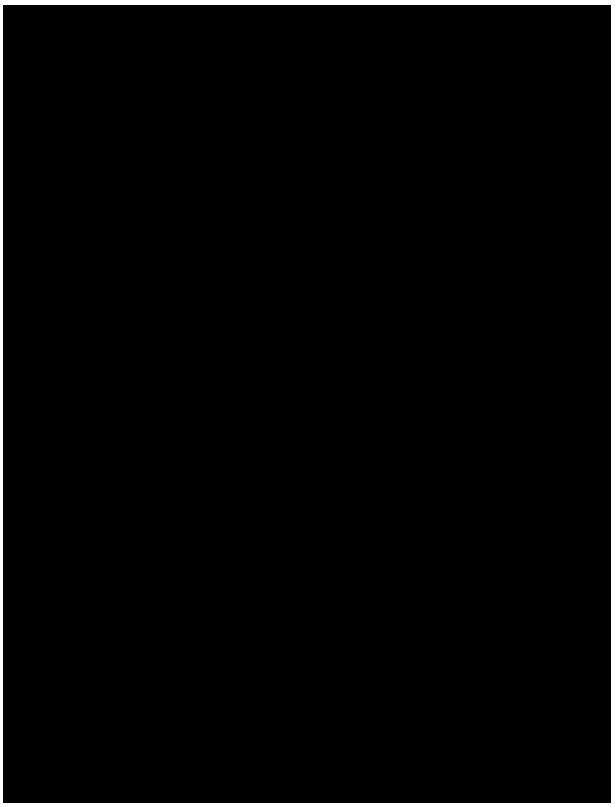
vidraça como se fosse um fantasma. E me vi no lado de fora, no ar frio da noite.

Pressionei o rosto contra a vidraça, tentando entrar na sala de novo. Estava dolorida e com frio. Queria desesperadamente voltar para dentro de casa. Então, senti seu braço forte enlaçar minha cintura e me apertar contra o seu peito; senti seu hálito quente sobre a minha testa.

— Você está comigo agora — você murmurou. — Nunca deixarei você partir.

Eu podia ver mamãe suplicando diante das câmeras, e chorando quando as luzes ficaram mais fortes.

Mas seu cheiro de terra invadiu minhas narinas. E seu corpo começou a me sufocar. Seus braços me envolveram como um cobertor, seu peito era grande como uma pedra.



Acordei arquejante e sobressaltada. Seu cheiro ainda pairava no quarto. Enchia aquele espaço como se fosse ar.

Permaneci deitada, tentando escutar alguma coisa. Mas logo precisei urinar.

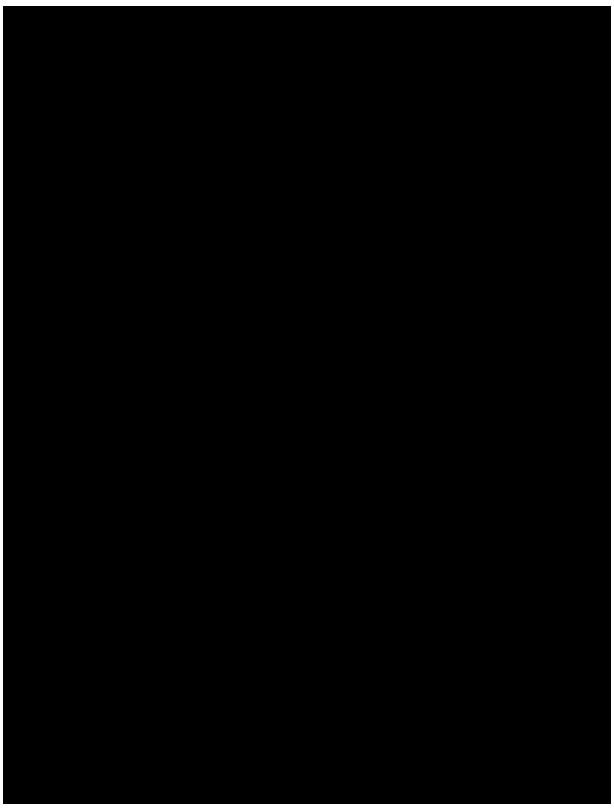
Não voltei para a cama. Em vez disso, comecei a perambular pela casa. Você não percebeu nada. Procurei as chaves da caminhonete, as chaves da casa, qualquer coisa que pudesse ser útil. Procurei armas também. E, é claro, um telefone ou qualquer meio de

me comunicar com outras pessoas. Tinha que haver alguma coisa, pelo menos um rádio.

Iniciei a busca pela sala, silenciosamente, atenta a qualquer

movimento seu. Olhei as gavetas, olhei embaixo do tapete, olhei dentro da lareira. Não encontrei nada. Passei para a cozinha. Havia quatro gavetas sob a bancada da pia. As duas primeiras não continham muita coisa, apenas alguns sacos de algodão e pregadores. A terceira tinha algumas facas velhas e cegas. Talvez fossem úteis. Pequei uma delas — a mais afiada que encontrei (testei todas no tampo de madeira) — e a enfiei no bolso.

A quarta gaveta estava trancada. Forcei tanto o puxador que ele amoleceu. Mas a gaveta não saiu do lugar. Vi uma fechadura e posicionei o olho no buraco. Estava escuro demais para ver alguma



coisa. Enfiei a faca na fechadura e tentei forçá-la. Não adiantou. Olhei dentro dos potes de chá e de açúcar procurando a chave da caminhonete.

Vasculhei a cozinha toda, abrindo os armários

desajeitadamente. Não sei o que esperava encontrar, talvez algum aparelho de tortura ou uma faca grande. De qualquer forma, não encontrei a chave. Os armários continham as coisas que qualquer cozinha teria: tigelas, pratos, utensílios para cozinhar. Nada que fosse útil para mim, a menos que eu desse com uma frigideira na sua cabeça. O que não deixava de ser tentador.

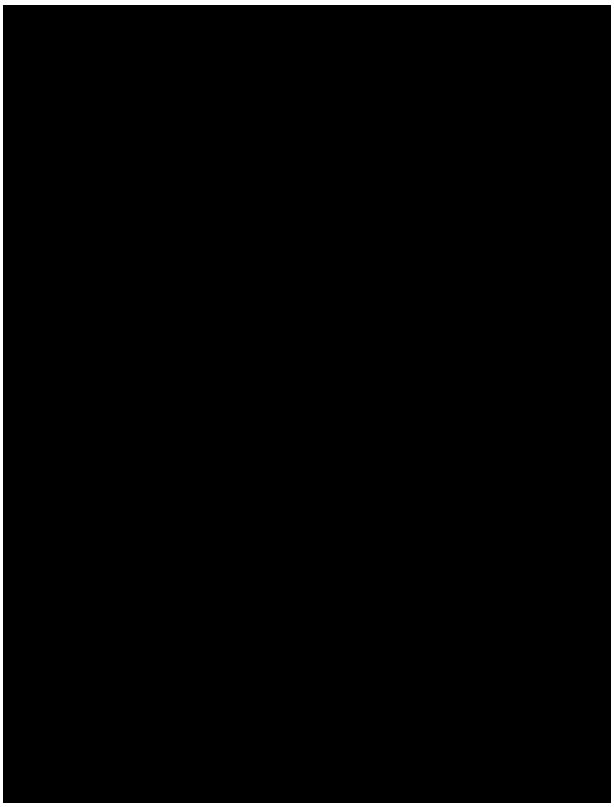
Abri a grande despensa ao lado da porta. Era onde estavam os alimentos. Latas e pacotes empilhados meticulosamente nas prateleiras; barris com farinha, açúcar e arroz alinhados no chão.

Entrei na despensa. Era bem organizada, a maioria dos itens estava disposta em ordem alfabética. Não muito longe dos sacos de lentilhas estavam os sacos de melão seco e os vidros de mostarda. Fiquei na ponta dos pés para examinar as prateleiras mais altas. Era onde estavam as coisas doces: chocolates, gelatinas e pudins em pó. Nos fundos do armário, uma prateleira estava ocupada com caixas de suco de laranja.

Demorei um pouco para sair lá de dentro. Quando saí, vi você de pé no meio da cozinha. Recuei rapidamente, me afastando. Você tinha poeira marrom no rosto e poeira vermelha nas mãos. Sua expressão era séria. E parecia estar à minha espera.

— O que você está fazendo aqui?

— Só olhando — disse eu. Instintivamente, segurei a faca cega que trazia no bolso. Você apertou os lábios e me encarou. Senti



meu coração bater mais rápido. — Já que vou ficar aqui por uns tempos, achei melhor conhecer o lugar — continuei em voz trêmula.

Você meneou a cabeça. Pareceu satisfeito. Depois deu um passo para o lado e me deixou passar. Suspirei o mais baixo que pude.

— Achou alguma coisa interessante?

— Um bocado de lentilhas.

— Eu gosto de lentilhas.

— Tem um bocado de comida.

— Nós vamos precisar.

Contornei a mesa da cozinha para me manter longe de você, me sentindo aliviada e um pouco mais corajosa.

— Não há nenhuma loja por aqui? Nenhum lugar para

comprar comida?

— Não, eu já lhe disse.

Olhei de novo para o armário. Como você tinha levado tudo aquilo para lá? E o que aconteceria se eu destruísse tudo? Você sairia para comprar mais? Deslizei a mão no encosto de uma das cadeiras da mesa.

— Quanto tempo vai durar? — perguntei.

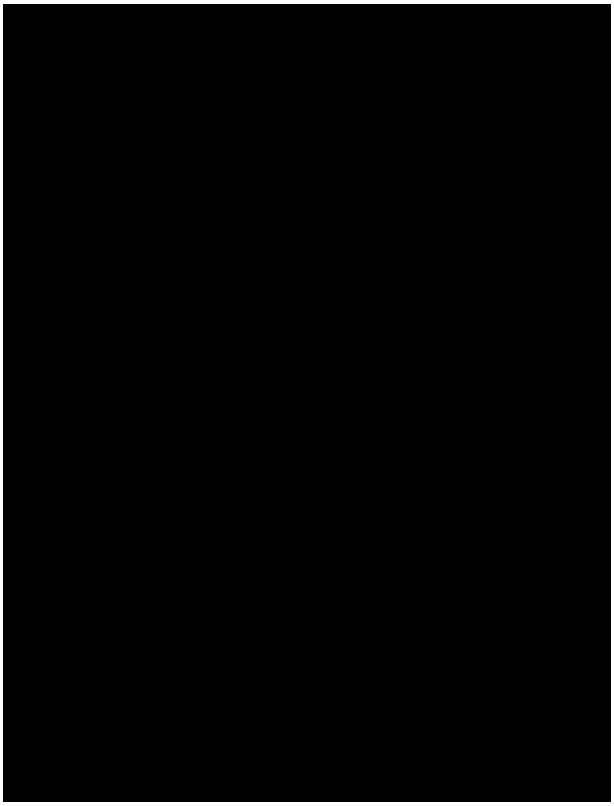
Olhei para o armário de alimentos, fazendo cálculos. Havia o suficiente para um ano, talvez. Ou mais.

Você deu de ombros.

— Há mais comida no galpão — você disse. — Muito mais.

— E quando acabar?

— Não vai acabar. Não por muito tempo.



Fiquei com o coração apertado. Lentamente, você abriu a

torneira da pia. Um pequeno filete de água caiu gorgolejando.

— Além disso, temos galinhas — você disse. E quando você...

— você parou e olhou para mim, escolhendo a palavra certa —

...quando você estiver *aclimatada*, nós podemos dar uma volta por aí para colher plantas silvestres. Podemos capturar um camelo também, talvez dois. Podemos deixar os camelos nos rochedos, construir uma cerca em volta...

— Camelos?

Você assentiu.

— Para tirar leite. Também podemos matar um para comer a carne, se você quiser.

— Carne de camelo? Isso é loucura — eu disse.

Percebi a expressão de advertência em seus olhos e vi seus ombros se contraírem. Não falei mais nada; e segurei com força o encosto da cadeira.

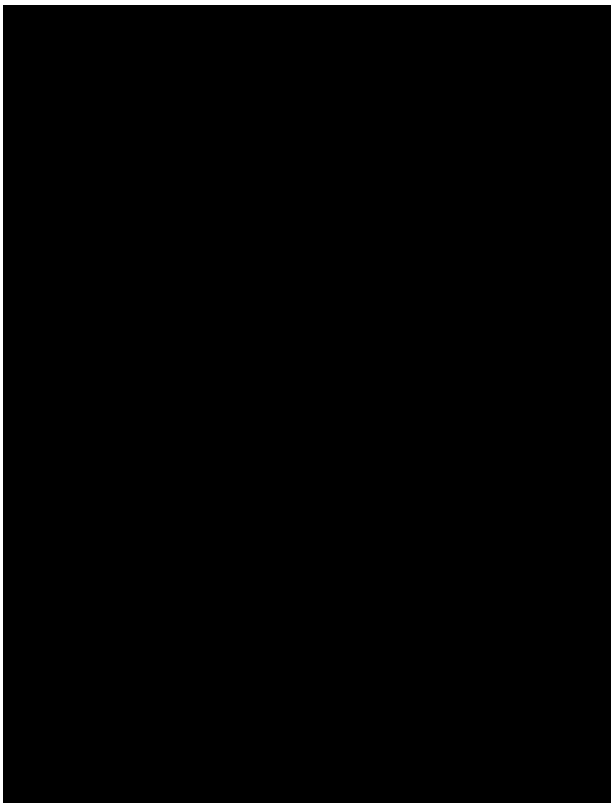
Você lavou as mãos. A água que espiralava no ralo era marrom-avermelhada, lembrando sangue. Você usou uma escova para limpar a sujeira das unhas. Como eu já disse, estava me sentindo um pouco mais corajosa naquele dia. Não sei o motivo, mas queria perguntar coisas a você. Como você não parecia estar me vigiando, dei uma volta pela cozinha. Parei ao lado da gaveta trancada.

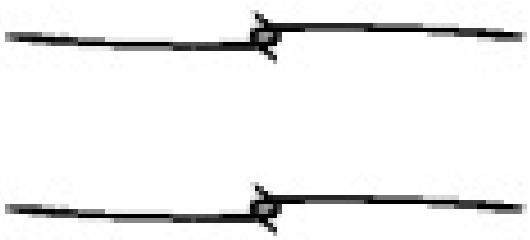
— Por que está trancada? — perguntei.

— Para sua segurança. Depois do que você fez no pulso... —

você se virou de novo para a pia e continuou o trabalho de limpeza.

— Não quero que se machuque de novo.





— O que tem aí dentro?

Você não respondeu. Quando comecei a puxar a gaveta de

novo, você se aproximou, me agarrou pela cintura e me arrastou

para o corredor. Eu gritei e chutei você, mas você continuou a me

arrastar até chegar ao meu quarto, onde me largou na cama.

Rapidamente, engatinhei para longe de você. Procurei a faca no

bolso. Mas você já estava do lado de fora quando a saquei.

— O almoço fica pronto em meia hora — você disse.

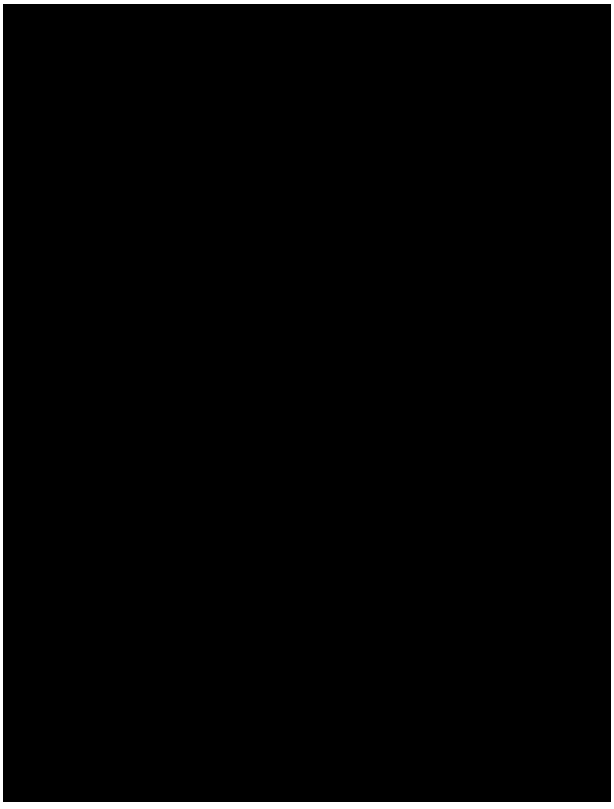
E bateu a porta.

55

Naquela noite, permaneci acordada, com a faca cega na mão.

A lamparina continuava na mesa de cabeceira. As cortinas estavam abertas, e a lua iluminava o quarto. De uma coisa eu tinha certeza: você não faria nada comigo sem ter que lutar.

Observei-o cuidadosamente, aprendendo sua rotina. Se quisesse fugir, precisaria saber mais a respeito do lugar e precisaria saber mais a seu respeito. Observei onde você colocava as coisas e procurei um padrão nas suas atividades. Eu estava com medo, às



vezes me sentia desnorteada de tanto terror, mas me obriguei a pensar.

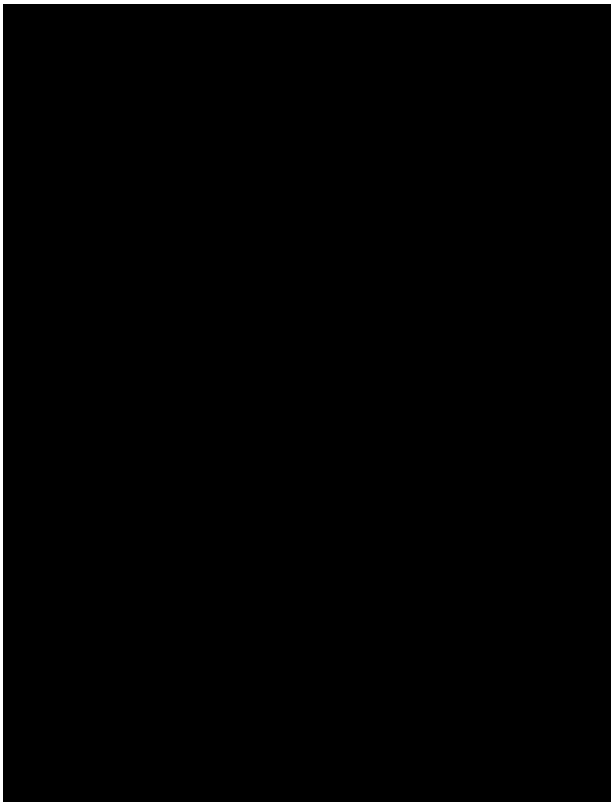
Usei a faca que tirara da cozinha para fazer marcas na lateral da cama. Não conseguia lembrar ao certo quantos dias haviam se passado, mas presumi que fossem uns dez. Então fiz dez risquinhos na madeira. Qualquer um que olhasse para a cama iria pensar que era um registro de quantas vezes fizéramos sexo.

Sua rotina era muito simples. Você acordava cedo, na parte mais fria da manhã, quando a luz ainda estava fraca e arroxeada. Eu ouvia você se lavar no banheiro. Depois você saía. Às vezes, ouvia você martelando na área dos galpões. O som ecoava por toda a parte. Outras vezes, não ouvia nada. Eu ficava atenta a ruídos de motores; um carro ou um avião roncando. Sonhava em encontrar

uma rodovia. Mas nunca acontecia nada. Era impressionante como o lugar era silencioso. Eu não estava habituada a isso. Durante um ou dois dias cheguei a achar que sofrera uma perda de audição. Era como se todos os sons que eu costumava ouvir tivessem sido suprimidos. Depois do bombardeio de ruídos em Londres, o deserto fazia com que eu me sentisse surda.

Após algumas horas, você regressava. Preparava o chá, o desjejum e sempre me oferecia alguma coisa. O desjejum era um tipo de mingau feito com água e uma espécie de carne frita. Depois você saía de novo. Andava cerca de trinta metros, entrava no galpão mais próximo, fechava a porta e só retornava no final do dia. Eu não tinha ideia do que fazia lá todos os dias, durante tanto tempo. Pelo

que eu sabia, poderia estar mantendo outras garotas sequestradas naquele balcão. Ou coisa pior.



Em um canto da sala, perto da lareira, encontrei a parte mais fresca da casa. Era onde eu me sentava e pensava em maneiras de escapar dali. Não me permitia desistir. Sabia que seria o fim. Seria o mesmo que estar morta. Você tentava conversar comigo ao regressar, mas isso não dava muito certo. O que é compreensível. Sempre que olhava para mim eu me encolhia e ficava ofegante. Quando você falava, eu sentia vontade de gritar. Mas estabeleci pequenos desafios para mim mesma. Uma vez me obriguei a olhar para você. Outra vez fiz uma pergunta. E na décima terceira noite, me forcei a comer com você.

Já estava escurecendo quando saí da sala e entrei na cozinha.

Uma luz fraca brilhava sobre o fogão; uma das poucas lâmpadas

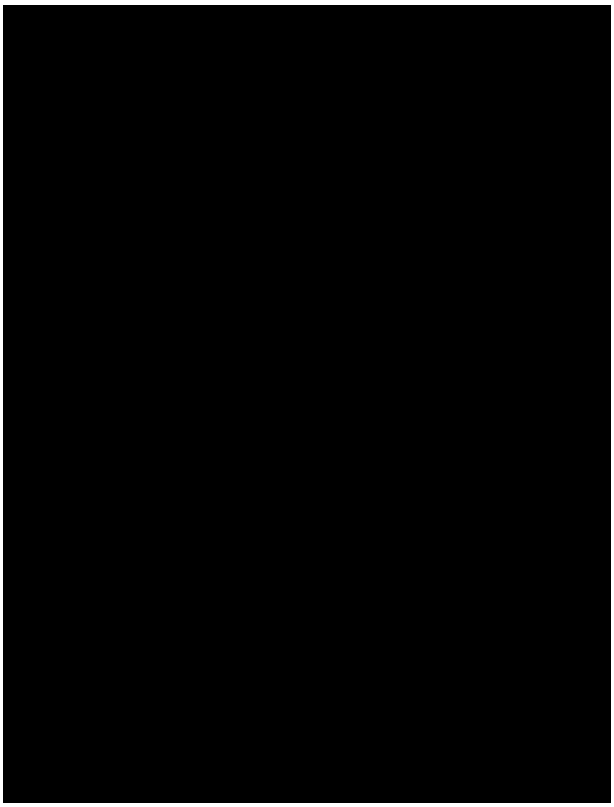
que havia na casa. Mariposas e outros insetos pequenos se

chocavam contra ela. Você estava cozinhando, curvado sobre o fogão, jogando coisas numa panela e remexendo o conteúdo. O resto da cozinha era iluminado por duas lamparinas e algumas velas, que projetavam sombras nas paredes. Você sorriu quando me viu, mas a luz fraca fez seu sorriso parecer uma careta.

Eu me sentei à mesa. Você pôs um garfo diante de mim.

Peguei o garfo, mas minha mão começou a tremer. Então o pousei de novo na mesa. Olhei para a escuridão reinante no outro lado da janela. Você pegou algumas tigelas e serviu a comida. Fez isto com cuidado, tirando as melhores partes primeiro. Depois, colocou uma das tigelas à minha frente. Havia comida demais, e com um forte cheiro de pimenta branca. Tossi.

Senti gosto de carne; talvez galinha, talvez não. Havia muita gordura, cartilagens e pedaços de ossos. Uma perna se erguia



verticalmente no meio da tigela. Fosse o que fosse, era claro que você tinha cozinhado o animal inteiro, em vez de apenas algumas partes. Passei o garfo pelas bordas da tigela, procurando vegetais. Achei umas coisas enrugadas e duras, parecidas com ervilhas. Minha mão ainda estava trêmula, fazendo com que o garfo retinisse na lateral da tigela. Encontrei algo que lembrava um pedaço de cenoura e mastiguei aquilo.

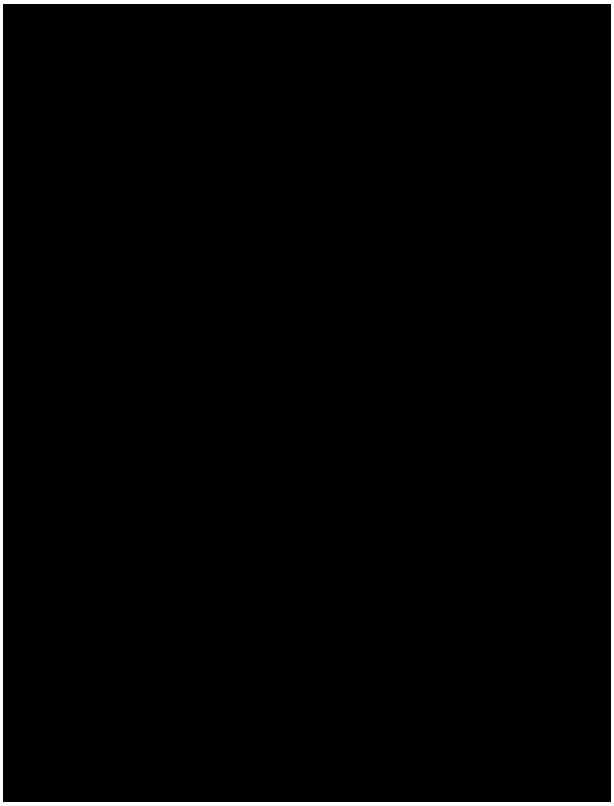
A essa altura, eu já desistira de passar fome. Se você quisesse me envenenar já o teria feito. Mas não posso dizer que gostei da comida. Você percebeu, é claro. Você sempre notava tudo o que dizia respeito à minha saúde.

— Você não está comendo direito — você disse.

Olhei para o garfo, que tremia na minha mão. Sentia a

garganta apertada demais para engolir com facilidade. Além disso, aquilo parecia ter sido tirado de uma lata de lixo. Mas eu não lhe disse isso. Claro que não. Em silêncio, observei você enfiar a comida na boca. Você comia como um cachorro vira-lata, engolindo tudo como fosse a última refeição da sua vida. Vi você pegar um osso e arrancar pedaços de carne com os dentes. Imaginei seus dentes me mordendo, arrancando minha carne. Afastei para um canto os ossos que havia na minha tigela. A lua já começara a subir; uma pequena réstia de luar banhava o chão ao redor dos meus pés. No lado de fora, os grilos começavam a entoar seu coro repetitivo. Eu me imaginei lá fora com eles, no escuro... longe de você. Engoli os restos da coisa parecida com cenoura e reuni coragem.

— O que você faz o dia inteiro? — perguntei.



Surpreso, você levantou as sobrancelhas. E quase se sufocou

com a carne. Eu gostaria que você tivesse se sufocado.

— Quando você sai — continuei —, quando você vai para aquele galpão, o que você faz lá?

Você abaixou o osso. A gordura no seu rosto brilhava à luz das velas. Você me olhou de olhos arregalados, como se nunca tivessem lhe perguntado algo assim. Acho que nunca lhe perguntaram mesmo.

— Bem, eu... — você começou a dizer. — Acho que eu faço coisas.

— Eu posso ver? — perguntei rapidamente, antes que você mudasse de ideia.

Olhei de novo pela janela. Se eu pudesse sair, ir para algum

lugar... qualquer coisa seria melhor que permanecer naquela casa dia após dia.

Você me olhou por um longo tempo, remexendo nos pedaços de carne ainda grudados no osso. Seus dedos também estavam engordurados.

— Se eu levar você comigo, não quero que você tente fugir de novo — você disse.

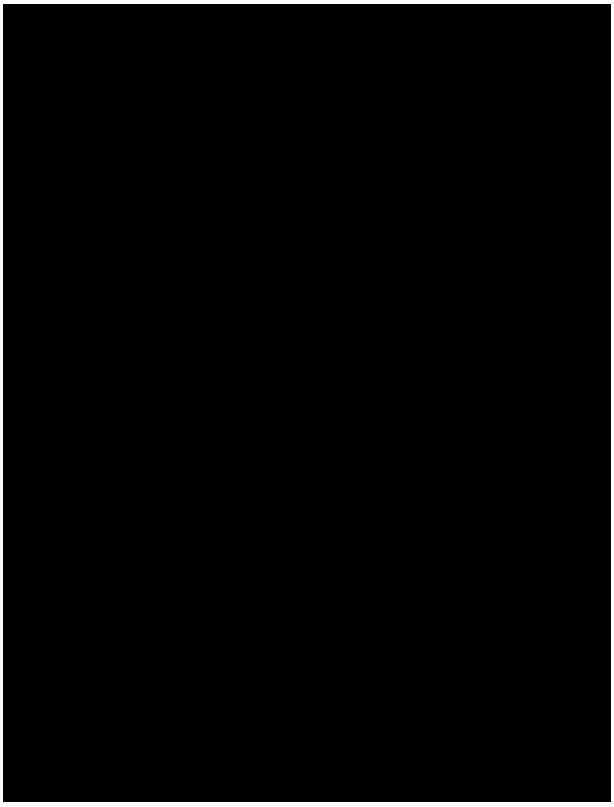
— Não vou tentar — menti.

Você apertou os olhos.

— É que... não quero que você se machuque.

— Eu sei, não precisa se preocupar — menti de novo.

Você olhou para a escuridão além da vidraça, para as estrelas que começavam a surgir.





— Eu gostaria de poder confiar em você — você disse. Seus olhos dardejaram de volta para mim. — Posso?

Engoli em seco, tentando pensar em algo que o convencesse.

O que me irritou. Eu não queria me rebaixar ao seu nível de jeito nenhum, muito menos lhe pedir alguma coisa.

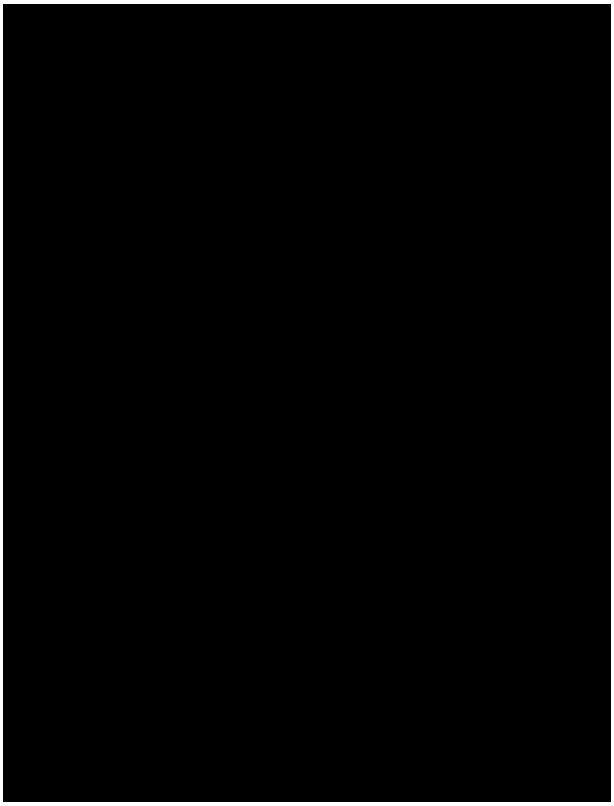
— Sei que não posso ir a lugar nenhum — eu disse finalmente. — Sei que é inútil tentar escapar. Não vou nem tentar, prometo. — Achei que você ainda não estava acreditando em mim e acrescentei: — Além disso, eu gostaria de ver o que fica fazendo o dia inteiro.

Até consegui sorrir quando disse isso. Só Deus sabe de onde tirei as palavras. Eu devia ter algum tipo de força sobre-humana. Mas eu sabia que meus olhos não estavam sorrindo; olhavam

fixamente para você, odiando você.

Seus olhos, por sua vez, estavam arregalados como os de uma criança. E seus dedos ainda brincavam com a carne. Por fim, você meneou a cabeça, com movimentos que lembravam os de um passarinho, e olhou para a janela. Acho que queria muito acreditar em mim, pensar que eu tinha mudado de ideia. Engolindo o orgulho, fiz mais um esforço.

— Faça o que você faz normalmente — eu disse. — Eu só quero ver.



Antes mesmo de abrir os olhos, ouvi você tossir. A luz que

entrava no quarto era fraca e acinzentada. Você estava de pé ao lado da minha cama, com uma xícara nas mãos. Eu me afastei para o outro lado da cama. Tive a impressão de que já estava ali há algum tempo. A xícara fez um barulho seco quando você a pousou na mesinha de cabeceira.

— Chá — você disse. — Vou esperar na cozinha.

Desta vez, tomei a bebida. Você a tinha preparado a seu gosto, com dois cubos de açúcar. Doce demais. Depois me vesti, resignada a usar as roupas beges que você comprara para mim. Tinham um cheiro que lembrava ervas e limpeza. Amarrei os cadarços das botas, que me serviram perfeitamente. Depois fui para a cozinha, seguindo um aroma de pão. Você estava em pé no lado

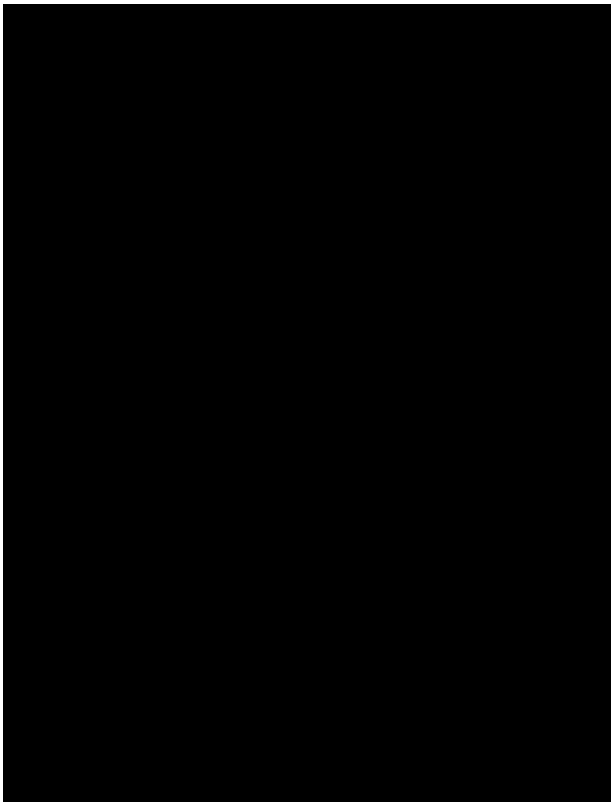
de fora da porta aberta, sobre o caixote de madeira que usava como degrau. Esfreguei as mãos nos braços ao sentir uma brisa fria. Mas era bom ver o mundo por uma porta aberta, ainda que cheio de nada. O sol começava a despontar no horizonte. Sua luz banhava a areia atrás de você, dando a impressão de que seu corpo brilhava... com uma espécie de aura.

— Eu fiz pão — você disse. — Coma.

Você apontou para uns pedaços de pão que estavam sobre a bancada da pia. Peguei um deles. Era do tamanho de um pão francês, mas tinha uma forma engraçada. E estava quente demais para que eu o segurasse confortavelmente. Tentei enfiá-lo na boca

de uma vez e queimei os lábios. Você me trouxe um copo de água.

— Está pronta?



Assenti e saí sob o sol. O calor não estava tão forte nesse dia. Mesmo assim o sol começou a abrasar minha nuca. Em pé no caixote de madeira, coloquei a mão sobre os olhos e contemplei a paisagem. Era de uma amplitude incrível. Nunca conseguirei me lembrar dela totalmente. Como poderia me lembrar de uma coisa tão ampla? Acho que os cérebros das pessoas não foram concebidos para lembranças desse tipo. Foram projetados para coisas como números de telefone ou a cor dos cabelos de alguém. Não para a imensidão. Você pulou do caixote para a areia pedregosa, que parecia feita de sangue. Sua cor vermelha em nada lembrava o amarelo pálido das areias de uma praia. Você caminhou alguns metros, passando o dedo pela poeira que cobria parede da casa. Uma linha

irregular se formou na madeira. Pulei também do caixote e segui

você. Você foi até a esquina da casa. Pela primeira vez percebi que ela repousava sobre pilares de concreto. Abaixo, havia um espaço escuro e frio, com altura suficiente para alguém rastejar. Você se ajoelhou e enfiou um pedaço de pau nesse vazio.

— Ainda está lá — você murmurou. — Longe demais para eu pegar.

— Quem?

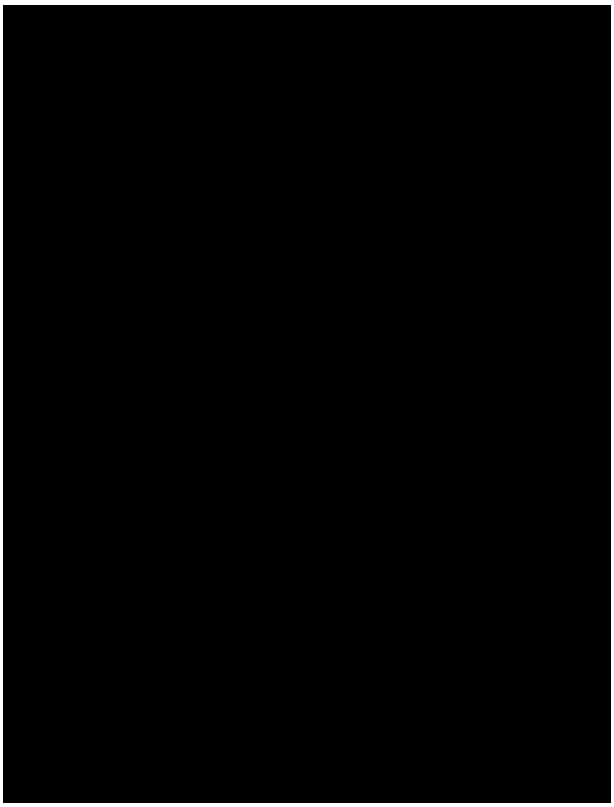
— Uma cobra.

Dei um pulo para trás.

— Que tipo de cobra? Ela pode entrar na casa?

Você abanou a cabeça.

— É pouco provável. — Você olhou para mim. — Mas lembre-se de usar botas quando estiver andando aqui fora, está bem?



— Por quê? Ela é perigosa?

Você fechou um dos olhos para protegê-lo do sol. E olhou para mim.

— Que nada — você disse. — Você está segura. — Você se levantou. Seus joelhos estavam castanho-avermelhados. — Mas use as botas, certo?

Você se encostou na parede da casa e olhou na direção do seu comprimento, de olhos semicerrados. De onde eu estava, a construção parecia tosca, como uma pilha de madeira sucateada. Subitamente você deu um pulo, agarrou a extremidade do beiral e se içou até o alto do teto metálico, onde começou a examinar uma fileira de painéis brilhantes.

— Nossa eletricidade — você disse. — Nossa água quente

também.

Apertei os olhos.

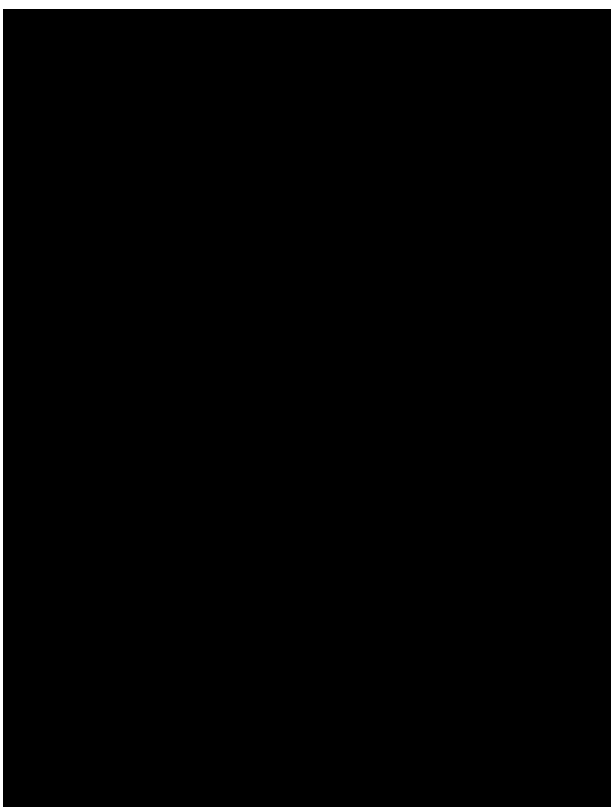
— Energia solar — você explicou. Como permaneci impassível, acrescentou: — É óbvio que não estamos ligados à rede elétrica.

— Por que não?

Você me olhou como se eu fosse idiota.

— O sol aqui é forte o suficiente para abastecer Plutão. Usar qualquer outra coisa seria bobagem. Mas ainda não tive tempo para ligar tudo direito. — Você sacudiu alguns fios que desapareciam nas paredes, verificando se tudo estava em ordem. — Com o tempo, posso instalar mais luzes na casa, se você quiser, e outras coisas.

Senti gotas de suor porejando na testa. Embora ainda fosse cedo, o sol abrira caminho através da minha camiseta e estava



fazendo minhas axilas coçarem. Você pulou do teto para a areia, produzindo um barulho seco.

— Quer conhecer o canteiro de ervas? — perguntou.

Você caminhou na direção dos galpões. Enquanto eu o acompanhava, meus olhos observavam a paisagem procurando qualquer coisa, alguma pessoa... algum sinal de movimento. Você foi até uma pequena área cercada, ao lado do abrigo da caminhonete, onde o chão fora revolvido.

— Aqui está — você disse. — Só que não está dando muito certo.

Olhei para a sua coleção de talos mirrados. Lembrava os canteiros de ervas que mamãe tentou cultivar uma vez, nos vasos de barro do nosso quintal. Mamãe nunca teve muito jeito para

jardinagem.

— Não está mesmo — eu disse.

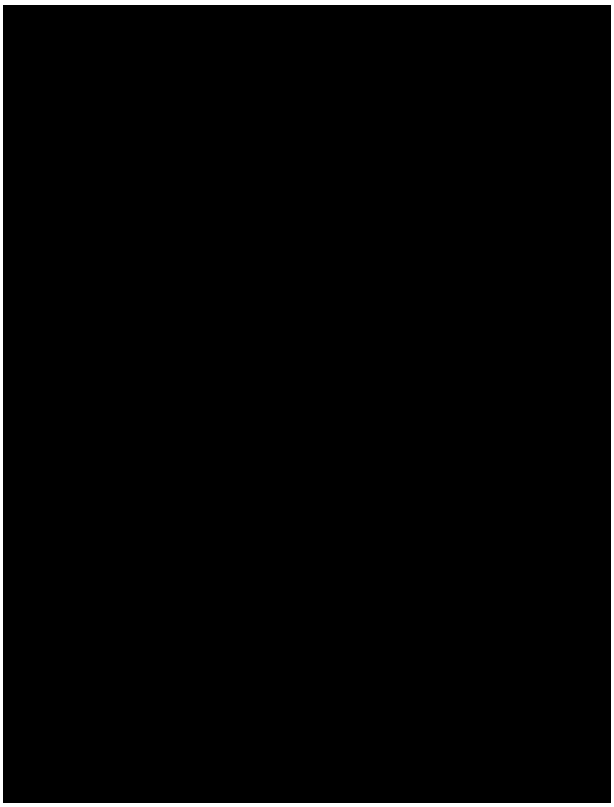
Eu me ajoelhei e enfiei as mãos entre os postes da cerca. Toquei o chão. Estava duro como concreto. Eu acabara assumindo os canteiros de ervas de mamãe. Plantei salsa e hortelã... bem, pelo menos até o inverno.

— Foi bobagem mesmo colocar isso aqui — você disse, segurando desanimadamente alguns talos marrons e quebradiços. Uma folha caiu de suas mãos. Você olhou para os rochedos atrás da casa. — A plantação dos Separados é melhor.

Olhei para os rochedos cujo relevo o sol estava destacando.

— O que tem lá? — perguntei.

— Vegetais. Mais ervas, montes de alimentos... nogueiras-do-deserto, laranjas-do-mato, tomates-do-mato... tudo o que você



quiser. Algumas codornas aparecem por lá, lagartos... tem galinhas também.

— Galinhas?

— Alguém deixou uma gaiola com galinhas à beira da estrada, no caminho para cá, e eu peguei as galinhas. Você não se lembra delas na traseira da caminhonete quando viemos para cá? — Seus olhos cintilaram um pouco. — Acho que não, certo? Elas estavam quase mortas e você não estava muito melhor. — Você enfiou a mão no bolso, retirou um pequeno frasco e despejou um pouco de líquido nas ervas ressecadas.

— É só água — você explicou.

Tive vontade de tirar o frasco de você e despejar mais.

— Não foi o suficiente — eu disse.

65

Você me lançou um olhar penetrante, mas borrifou mais umas gotas de água. Depois se levantou.

— As ervas nos Separados são mais saudáveis — você repetiu. — Tem sombra lá. E água, sabia?

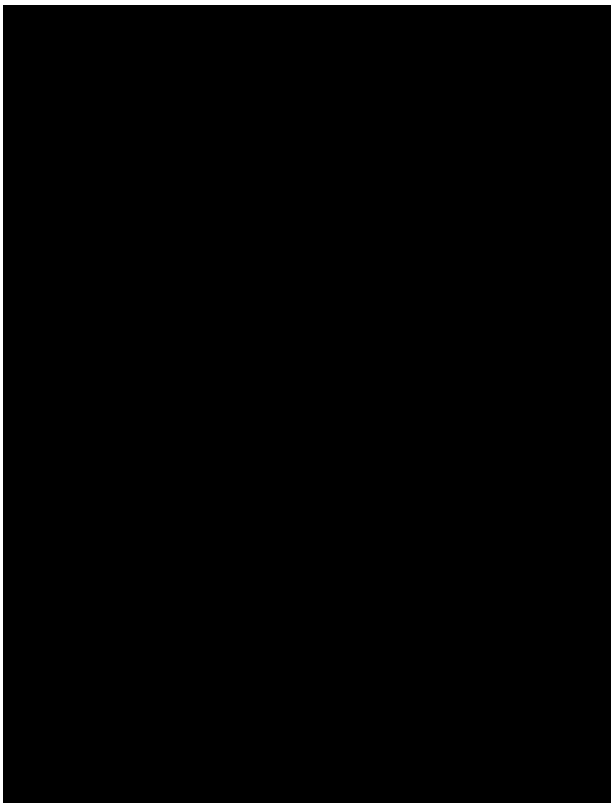
Eu me lembrei da trilha que tinha visto entre aquelas pedras, pensando no que poderia haver no outro lado.

— Podemos ir lá? — perguntei.

Seus olhos me fixaram, avaliando minhas intenções.

— Talvez amanhã.

Você se afastou das ervas e deu alguns passos. Depois olhou para o lado oposto dos Separados, para a infindável imensidão cor de ferrugem que se estendia em ondas diante de nós: um mar de poeira, com pequenas moitas verdes emergindo na superfície.



— Não há mais ninguém por centenas de quilômetros — você disse. — Não mesmo. Isso não torna tudo melhor?

Olhei de relance para você. Você poderia estar brincando, ou tentando me amedrontar. Mas não acho que estivesse. Tinha aquela expressão distante nos olhos, quando parece que está olhando além do horizonte e seus olhos ficam um pouco úmidos. Naquele momento, não tive medo de você. Você parecia um explorador examinando a paisagem, planejando o próximo passo.

— Como se chama? — perguntei. — Este deserto. Ele tem um nome?

Você pestanejou. Os cantos de sua boca se retorceram.

— Arenoso.

— O quê?

Você apertou os lábios, tentando não rir. Mas foi em vão.

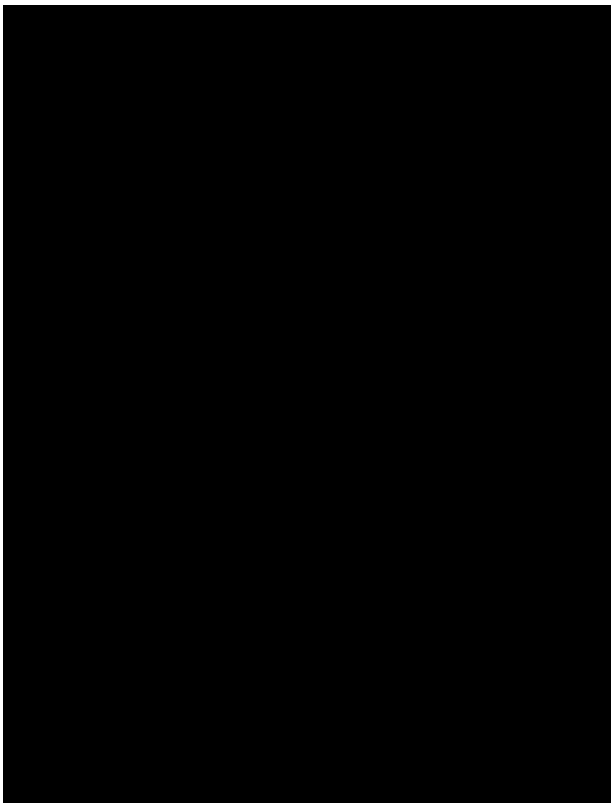
Seus ombros começaram a se sacudir, e você inclinou a cabeça quase até o chão. Sua risada alta e profunda me fez estremecer. Seu corpo se movia ao ritmo dos risos. De repente você se deixou cair no chão. Pegando um punhado de areia, você o deixou escorrer entre os dedos, formando uma cascata.

— Bom nome para ele, não? — você disse, após se recompor.

— É o Grande Deserto Arenoso e é cheio de areia. É um amontoado de colinas arenosas. Veja.

Dei um passo na sua direção, apenas um. Você pegou outro punhado de areia e o estendeu para mim, esfregando os grãos.

— É a areia mais antiga do mundo — você disse. — O solo onde eu estou sentado levou bilhões de anos para se desprender das montanhas.



— Montanhas?

— Aqui já existiu uma cadeia de montanhas mais alta que os Andes. Esta terra é antiga, sagrada, já viu tudo o que há para se ver. Sinta o calor — você disse. — Esta terra está viva.

Peguei a areia. Os grãos queimaram minha pele e eu larguei tudo imediatamente. Era a segunda vez, naquele dia, que você fazia minha pele queimar. Você esfregou os dedos no local onde a areia tinha caído. Depois, enterrou a mão ali, fechou os olhos e voltou o rosto para o sol.

— Esta terra é como um útero — você disse. — Quente e macia. Segura.

Você enterrou a outra mão também. Seus ombros relaxaram e seu corpo se imobilizou. Você parecia extasiado, como algumas

pessoas ficam quando acabam de fumar maconha. Era estranho. Dei um passo para trás, depois outro. Você não me deteve. Após alguns momentos, você tirou as botas e enterrou os pés na areia também. Com as extremidades dos membros enterradas daquele jeito, era como se você tivesse brotado da areia. Você entreabriu o olho direito e olhou para mim.

— Está pensando em alguma coisa... — você disse.

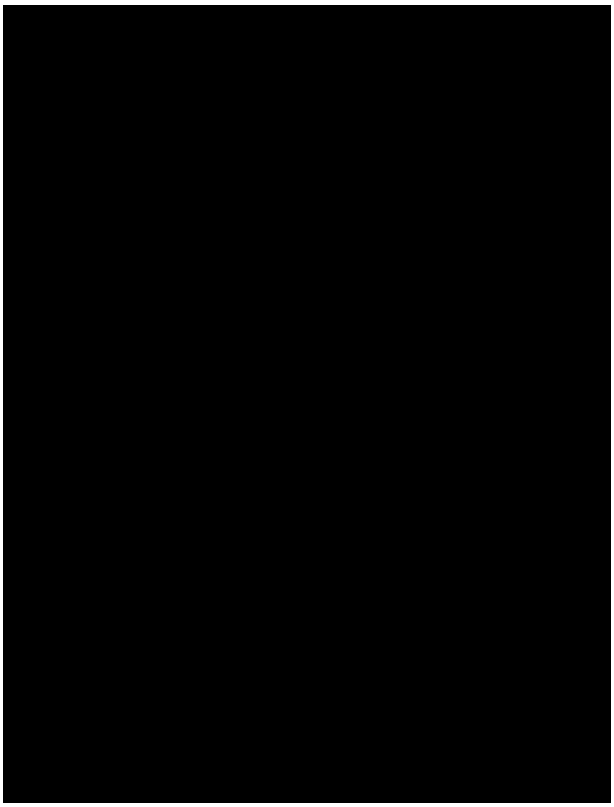
Acenei com a cabeça em direção aos seus pés.

— Isso não dói?

— Não. — Você abanou a cabeça. — Meus pés são resistentes,

tudo tem que ser resistente para viver aqui.

O sol ardia na minha nuca. Pensei ter visto alguma coisa ao longe, ligeiramente à esquerda, uma espécie de sombra. Talvez fossem outras rochas, talvez apenas uma reverberação provocada



pelo calor. Olhar para aquilo fazia minha vista doer. Andei um ou dois metros para a frente, tentando enxergar melhor, mas logo desisti. O que quer que fossem, aquelas sombras estavam distantes demais. Eu levaria horas, talvez dias, para me aproximar delas.

Ajoelhei-me ao lado de uma das touceiras de mato que salpicavam a paisagem. De longe, pareciam macias e esponjosas, como gigantescas bolas de musgo. Mas quando passei os dedos sobre elas, seus espinhos arranharam minha pele. Eram as agulhas em que eu pisara quando tinha tentado fugir: a causa dos meus ferimentos nos pés.

Ouvi você se mover atrás de mim. Ouvi você engolir em seco.

O que me fez lembrar de quando nos encontramos no aeroporto.

Naquela ocasião, estava próximo o bastante para roçar em mim.

68

Desta vez eu me afastei. Quando olhei para você, vi sua mão

esticada, como se quisesse me tocar.

— Não faça isso — eu disse. — Por favor.

Então você tocou na planta, passando os dedos de leve sobre

uma das folhas longas e espinhosas. Aparentemente ela não

machucou você.

— Triódia — você disse. — Quando o clima fica realmente

seco, as folhas dela se enrolam. Ela se fecha sobre si mesma. — Você

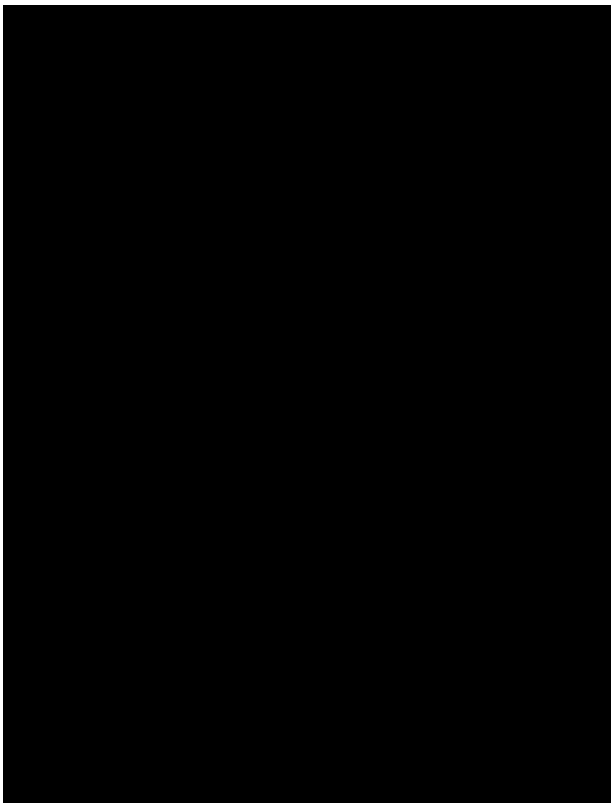
olhou para mim. A luz do sol tornava seus olhos ainda mais claros.

— Ótima tática de sobrevivência, não é?

Para não encarar a extrema claridade dos seus olhos, olhei

para as sombras ao longe. O calor fazia o ar reverberar, tornando

tudo trêmulo e irreal... e me deixando enjoada.



Você começou a caminhar na direção dos galpões e eu o acompanhei. Quando passei ao lado da caminhonete, parei por alguns segundos, para verificar se você tinha deixado a chave na ignição. Poeira avermelhada grudou nas minhas roupas quando me inclinei sobre a porta. Por baixo da poeira, o veículo era branco. Vi marcas de ferrugem ao redor das janelas, um tambor de gasolina ou coisa parecida no assento traseiro e um pedaço de tecido amarrotado na frente. Embaixo do painel havia duas alavancas de embreagem. Pousei a mão sobre um dos grandes pneus, cuja

borracha estava morna.

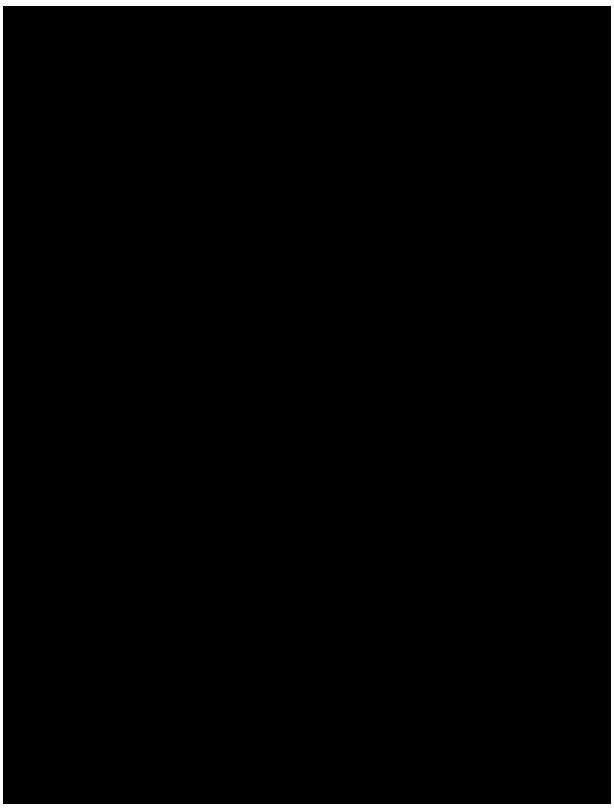
Você parecia entediado quando me juntei a você.

— Não sei por que continua tentando — você disse. — Não há nenhuma saída.

Você tirou uma chave do bolso da camisa e subiu no caixote em frente ao galpão mais próximo. A chave rangeu ao entrar na fechadura. Você fez uma pausa antes de abrir a porta.

— Eu não quero que você entre aqui se não estiver preparada — disse em voz firme.

A porta pendeu um pouco das dobradiças quando você a abriu. O interior do galpão estava escuro e parecia vazio. Consegui distinguir algumas formas, e nada mais. De repente, eu já não queria entrar ali. Meu corpo se imobilizou e minha respiração acelerou.



Imaginei você me matando naquele lugar, naquele lugar escuro... e deixando meu corpo apodrecer. E você estava com um sorriso estranho estampado no rosto, como se quisesse mesmo fazer isto.

— Eu não sei... — comecei a dizer, mas você me abraçou por trás e me empurrou para dentro.

— Você vai gostar — você disse.

Comecei a gritar. Você me segurou com força, me apertando com seus braços poderosos. Eu lutei contra você, tentei me soltar. Mas seus braços se mantiveram firmes: era o aperto de uma píton.

Você me arrastou para o interior do galpão. Estava muito escuro.

— Não se mexa — você gritou. — Fique parada. Senão vai destruir tudo.

Mordi seu braço e cuspi em você. Você afrouxou um pouco o

aperto. Eu caí e bati com o joelho no chão. Você agarrou meus ombros e me empurrou para baixo, usando sua força para me manter presa.

— Eu disse para não se mexer!

Você estava histérico, com a voz esganiçada. Eu arranhava o chão, tentando encontrar algum apoio para me arrastar.

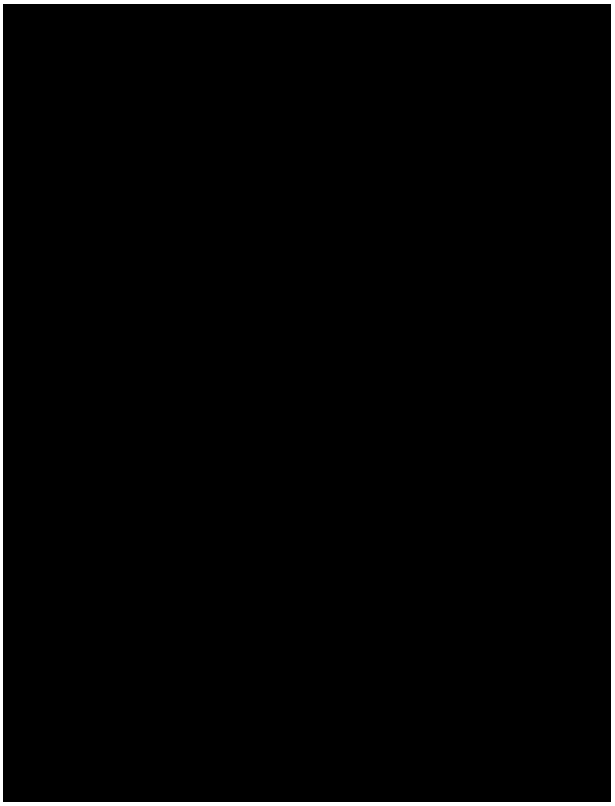
— Não me machuque — gritei, dando alguns socos no ar.

Meu punho bateu em alguma coisa. Você soltou um grito engasgado e me largou. Eu me levantei e corri para onde achei que a porta estava.

— Pare... pare.

Tropecei e caí novamente. Senti algo úmido e pegajoso nas palmas das mãos. Comecei a me arrastar por cima daquilo. A

substância parecia não ter fim. O chão inteiro estava molhado. E



havia outras coisas… coisas duras, coisas afiadas, coisas que me arranhavam as pernas. Pedaços de um material macio. Pareciam roupas, roupas das garotas que você devia ter matado ali. A substância viscosa grudou nos meus cotovelos. Parecia sangue. Será que você tinha me golpeado sem eu notar? Toquei minha testa.

— PARE! Por favor, Gemma, pare onde está!

Eu estava chorando e gritando, tentando me afastar. Você também estava gritando. Eu ouvia seus passos ecoando no galpão, vindo na minha direção. A qualquer momento sentiria uma faca entrando em meu ombro ou um machado cortando minha cabeça. Para verificar se já fora golpeada, apalpei o corpo. Passei a mão na

garganta. Não sabia onde estava a porta. Tateando

desesperadamente ao redor, procurando algo que pudesse usar

como escudo, fui deslizando pelo chão. Meus sapatos escorregavam

na umidade.

Então você abriu as cortinas. E eu vi tudo.

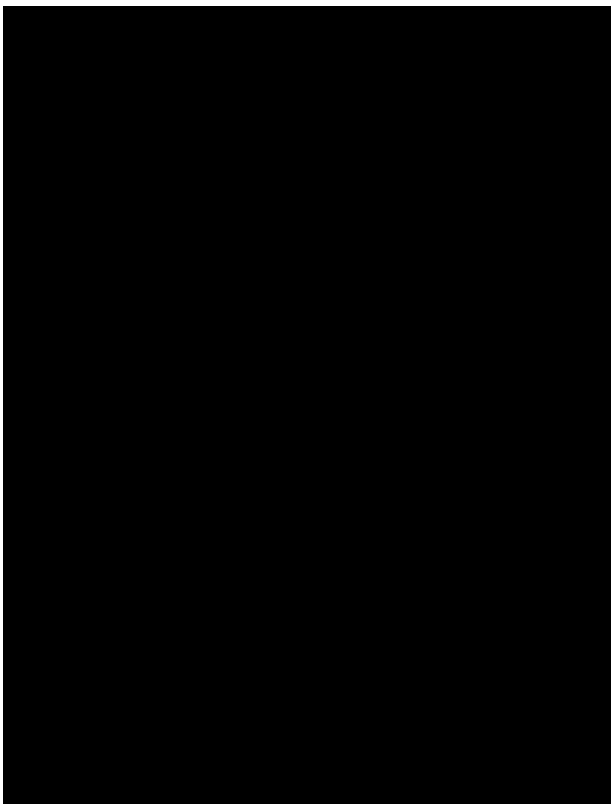
Não havia nenhum corpo. Nenhuma pessoa morta. Só

estávamos nós dentro do galpão. E as cores.

Eu estava sentada no meio de tudo. Havia terra e poeira,

plantas e pedras, tudo espalhado no chão à minha volta. Meus

braços estavam cobertos de sangue. Pelo menos foi o que pensei no



início. Estava tudo vermelho, minhas roupas estavam manchadas de

vermelho. Toquei meu antebraço. Não doeu, nada doía. Toquei o

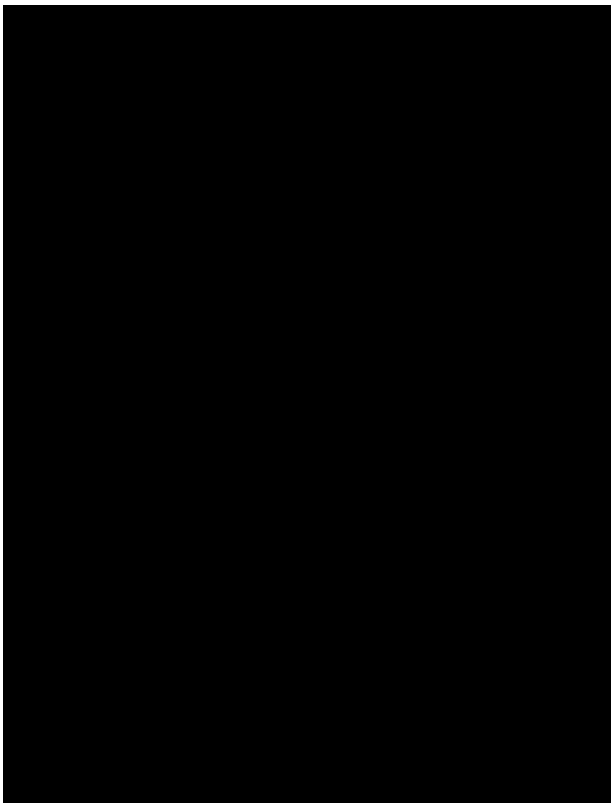
nariz. Senti cheiro de terra.

— É tinta — você disse. — Feita com as pedras.

Eu me virei rapidamente e vi você, entre mim e a porta. Seu rosto estava transtornado, com a boca retorcida numa carranca de fúria. Seus olhos tinham uma expressão sombria. Comecei a tremer e me arrastei para trás, tentando encontrar algo sólido para colocar entre nós. Mas tudo o que consegui encontrar foram ramos de flores e espinhos de triódias. Recuei até a parede. Então esperei; cada parte de mim estava concentrada em você, no que você faria em seguida, para onde se moveria. Eu respirava aos arquejos. Perguntei a mim mesma se conseguiria chutar com força. Será que eu conseguiria

passar por você e alcançar a porta?

Você me observava. Estava mais transtornado do que eu jamais o vira, mas se mantinha imóvel como uma pedra. Toda a raiva se concentrava em seu rosto contraído. Apenas o som da minha respiração, cada vez mais acelerada, se interpunha entre nós. Veias se projetavam nas costas de seus punhos cerrados, e os nós dos seus dedos estavam brancos. Então me arrisquei a encará-lo. Seus olhos estavam quase fechados, como se você estivesse tentando lutar contra algo em seu íntimo; alguma emoção profunda. De repente, você apertou os punhos contra os olhos e soltou um gemido profundo, que ecoou em seu peito. Mas não conseguiu conter as lágrimas, que lentamente escorreram pelo seu rosto e chegaram ao queixo.

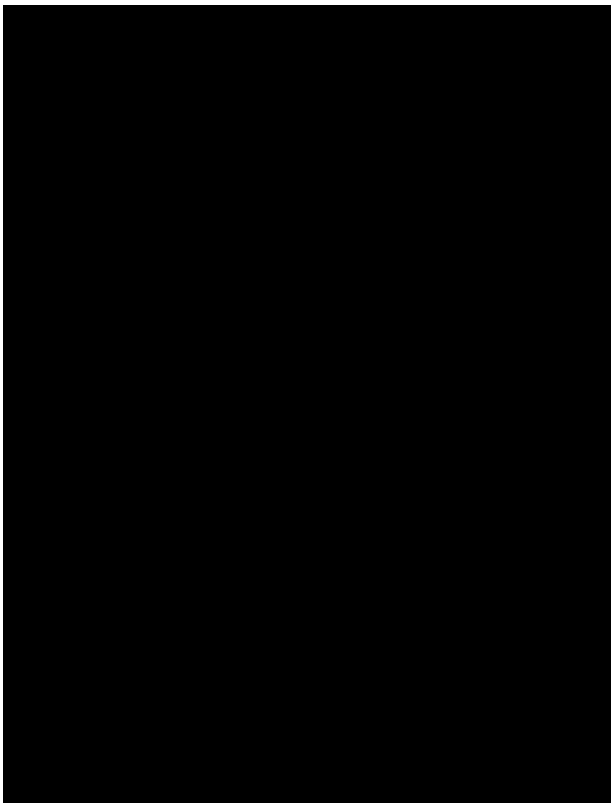


Eu nunca tinha visto um homem chorar, a não ser na televisão. Nunca vira papai nem perto de derramar lágrimas. As suas pareciam estranhas em você. Era como se sua força estivesse se esvaindo. A surpresa me tirou um pouco do medo. Respirei fundo e olhei para outro o lado. As paredes estavam pintadas com grandes faixas de cor. Areia e pedaços de plantas estavam grudados nelas. Você deu um passo em minha direção. Na mesma hora, meu olhar voltou a se fixar em seu rosto. Você se agachou, mas não veio até a área em que eu estava — a área viscosa e cheia de areia. Permaneceu na beirada, apenas contemplando tudo... apenas olhando para mim. Seus olhos eram de um azul penetrante, ainda transtornado.

— Você está sentada na minha pintura — você disse por fim.

Então se inclinou e tocou uma folha. — Eu fiz isso tudo. — Você passou a mão na beirada da pintura, deslocando a areia. — Havia padrões e formas feitas com a terra... — Você olhou em volta, avaliando os prejuízos que eu tinha causado. Mais uma vez, seu rosto se contraiu de fúria. Até que deu de ombros e suspirou. Seus ombros relaxaram. — Mas você criou um padrão diferente, eu acho... de certa forma é até melhor. Você é parte de tudo.

Observei a linha que eu desenhara enquanto me arrastava pelo chão, a pintura que eu espalhara por toda a parte. Tremendo, levantei. Um feixe de raminhos caiu do meu colo. Olhei para seu rosto, para seus olhos injetados e para os rastros de lágrimas; para a tensão em seu queixo. Você parecia louco naquela hora, como alguém mentalmente enfermo que se recusa a tomar suas pílulas. Formei frases mentalmente, tentando encontrar algo para dizer que



me permitisse sair daquele galpão sem deixar você ainda mais magoado. Como eu poderia chegar até a porta sem derrubar você? Como se deve agir com loucos? Mas você foi o primeiro a quebrar o silêncio.

— Eu não queria assustar você — você disse, em voz baixa e racional. — Estava preocupado com a pintura. Venho trabalhando nela... há muito tempo.

— Eu pensei que você fosse... pensei que... — as imagens eram horríveis demais para serem colocadas em palavras.

— Eu sei.

Você passou a mão pelos cabelos, tingindo algumas partes de vermelho com a areia que se grudara em seus dedos. Você parecia sério. Seu rosto tinha um aspecto cansado e vazio, e sua testa estava

franzida.

— Relaxe — você repetiu. — Por favor. Apenas relaxe. Pelo menos uma vez. Nós não podemos continuar assim. Acredite, estou fazendo tudo pelo seu bem.

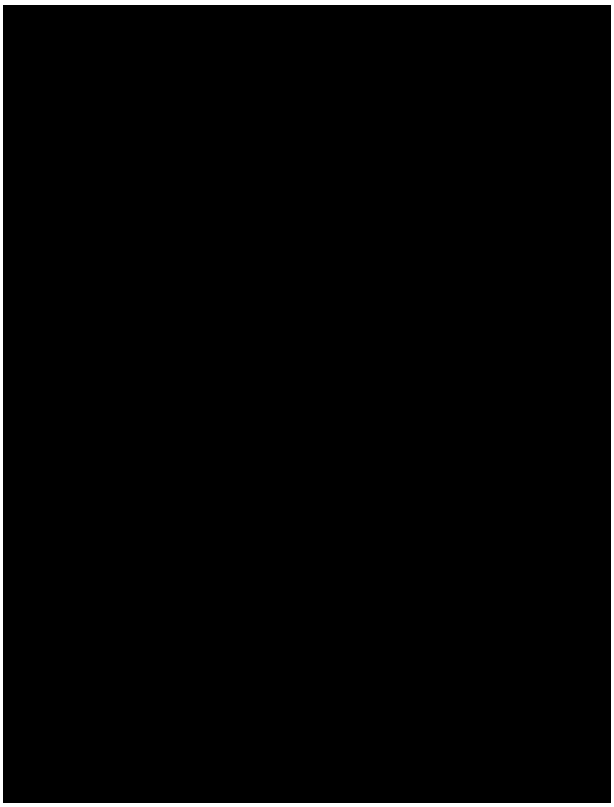
Seu rosto demonstrava sinceridade, como se você realmente quisesse o melhor para mim. Caminhei sobre sua estranha pintura e cheguei bem perto de você, mais perto do que eu desejaria.

— Tudo bem — eu disse.

Meu corpo tremia de novo, e eu mal conseguia permanecer de pé. Mas precisava manter a voz suave e amigável. Isso eu sabia a

respeito de gente louca. Contanto que a entonação estivesse correta...

Reuni coragem para olhar em seus olhos. Que estavam arregalados, mas não tão vermelhos quanto antes.





— Me deixe ir embora — acrescentei. — Só por algum tempo. Vai ficar tudo bem.

Tentei usar uma voz reconfortante; tentei fazer você dizer sim. E uma vez mais, olhei na direção da porta.

As lágrimas escorriam pelo seu rosto novamente. Você não conseguiu sustentar meu olhar. Em vez disto, apoiou a testa numa pilha de areia. O pó vermelho aderiu ao seu rosto úmido. Seu pomo-de-adão se mexia enquanto você engolia as lágrimas. De repente,

você espanou a areia do rosto e o escondeu de mim.

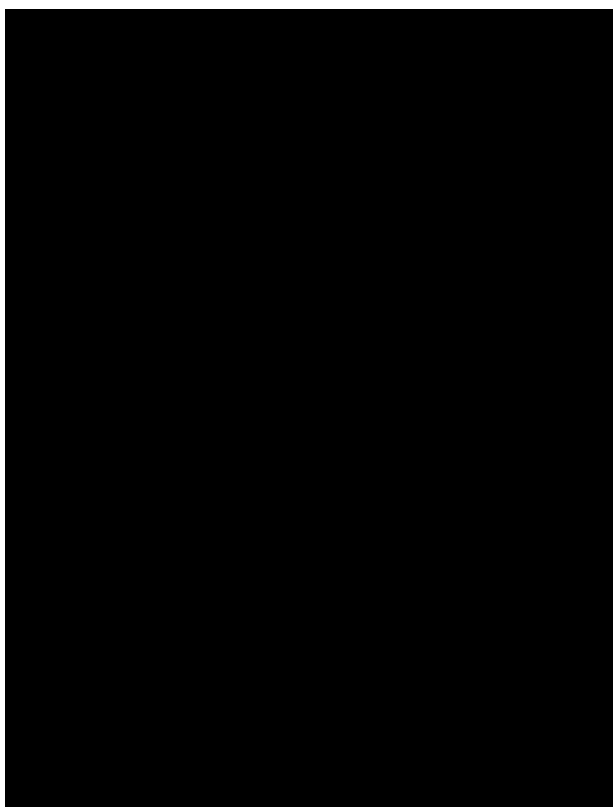
— Tudo bem — você disse, em voz tão baixa que no início pensei que não tinha falado nada. — Eu não vou impedir você. Só vou salvar você quando você se perder.

Sem esperar que você repetisse a frase, eu me afastei

rapidamente. Estava tensa. Esperava que você me agarrasse, esperava sentir seus dedos rijos como pedra segurando a minha coxa. Mas você nem se mexeu.

Puxei a maçaneta. A porta se abriu com facilidade. Saí sob o sol ofuscante. Atrás de mim, ouvi você soltar uma espécie de soluço.

Comecei a correr. Passei pelo segundo galpão e prossegui na direção dos Separados. A toda hora olhava para trás, mas você não estava me seguindo. O suor começou a esguichar de mim antes



mesmo que eu percorresse alguns metros. Pulei por cima de algumas touceiras de triódias e tropecei em algumas raízes expostas. Fiquei feliz em estar usando aquelas botas resistentes.

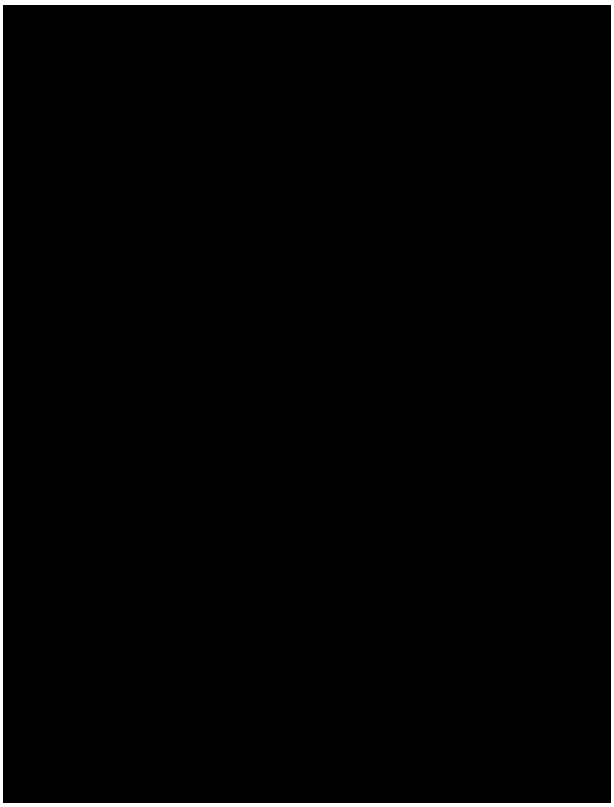
Desacelerei quando me aproximei dos rochedos. Mais uma vez, notei as estacas de madeira que os cercavam, espaçadas de modo uniforme, e o cano de plástico que partia da casa. Eu poderia segui-lo. Olhei para a pequena fenda por onde o cano penetrava nas pedras — a fissura que da varanda me parecera uma trilha. Mas seria o caminho correto? A outra opção seria contornar os rochedos, abandonando a ideia de entrar pelo meio. Mas assim eu perderia o cano de vista. E eu ainda achava que ele fazia parte de um sistema de abastecimento que iria me levar a outra construção, no lado oposto.

76

Ouvi um ruído proveniente das proximidades dos galpões e tomei uma rápida decisão. Iria seguir o cano.

O caminho era pedregoso, irregular e muito estreito. Mas era mais fresco ali dentro, como se o frescor irradiasse das próprias pedras. Meus olhos levaram algum tempo para se ajustar à luz velada que os altos penedos deixavam passar. A trilha foi se tornando tão estreita que tive de caminhar com um pé de cada lado do cano. Parecia de que as paredes rochosas iriam se fechar sobre mim, me esmagando como se eu fosse uma flor. Estendi os braços e apoiei as palmas das mãos na pedra fria e seca, como se a estivesse

empurrando. Na pressa de seguir em frente, acabei tropeçando no cano. Tive que usar as mãos para me aprumar. A passagem foi ficando cada vez mais estreita, mas avistei uma claridade à frente. Seria o lado oposto?



Depois de alguns metros vi que não era. A trilha desembocava numa clareira. A iluminação era melhor ali, mas a luz, filtrada pela vegetação, tinha um tom esverdeado. Parei. A clareira tinha o tamanho de um quarto grande, com densas moitas e árvores nas bordas. Algumas se estendiam pelas paredes rochosas. Havia outras trilhas, penetrando nas rochas. Tudo bem diferente do enorme descampado de onde eu viera, um ambiente totalmente diverso. Era a primeira área verde que eu via desde não sei quando. Dei alguns passos até o meio da clareira. O cano se curvava para a direita e entrava numa das trilhas mais largas. Vi duas

gaiolas um pouco abaixo. As galinhas!

As galinhas começaram a cacarejar assim que me aproximei delas. Eu me ajoelhei e examinei uma das gaiolas. Contei seis

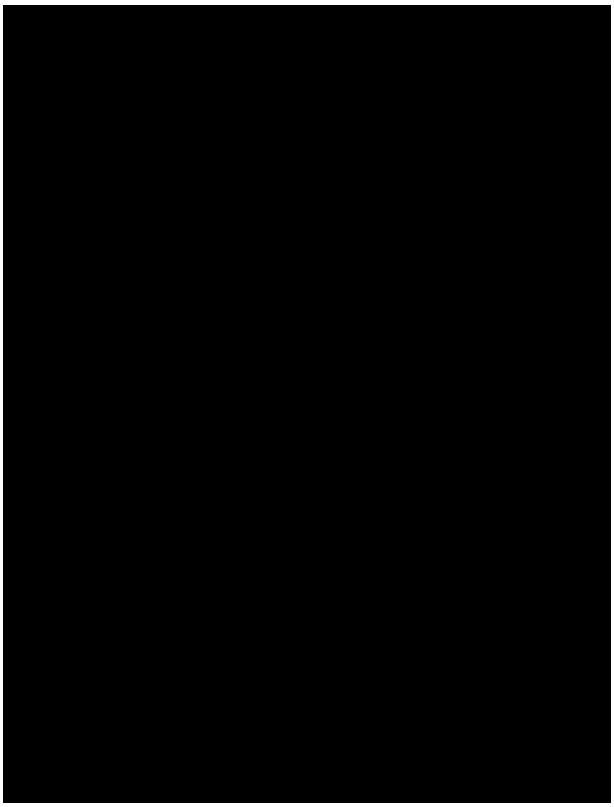
galinhas, todas muito magras. Numa gaiola ao lado havia um galo. Enfiei o dedo pela tela de arame e alisei as penas negras de sua cauda.

— Pobre rapaz — murmurei.

Puxei o trinco da gaiola das galinhas e meti a mão lá dentro, procurando ovos. Achei que poderia levar alguns antes de dar o fora. Mas não havia nenhum. Considerei a hipótese de soltar as aves, mas não queria que elas voltassem cacarejando até você, indicando o meu caminho.

Atrás das gaiolas, havia um denso matagal. Estranhas frutinhas amareladas pendiam de alguns galhos, e pequenas bagas em forma de maçãs emergiam das folhagens.

Olhei para trás. Eu estava demorando muito. Você poderia me alcançar a qualquer momento. Portando, deixei de lado as



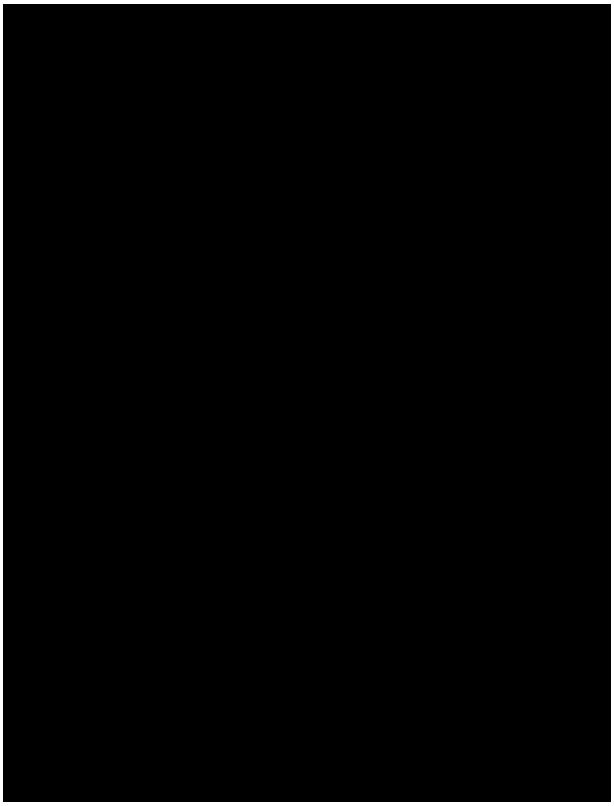
galinhas. Quanto mais depressa eu pudesse atravessar a clareira, melhor.

Continuei a seguir o cano por uma trilha mais larga e plana que a anterior. Em alguns trechos, havia densas touceiras de capim. Perguntei a mim mesma se não ocultariam cobras. O que eu faria se visse uma? Uma vez vi um filme onde um homem tentava amarrar uma corda no braço, pouco acima de uma picada de cobra. Mas ele a amarrou com tanta força que mais tarde teve que amputar o braço. Tentei afastar esse pensamento da minha mente. Não era exatamente útil naquela ocasião. Continuei a caminhar, na esperança de estar avançando na direção certa. Eu tinha a impressão de estar me dirigindo em linha reta para o lado oposto. O sol, agora a pino sobre a minha cabeça, estava bastante forte. Mas não gerava o

mesmo calor abafado que eu sentia nas imediações da casa. A vegetação estava se tornando mais espessa. No interior dos rochedos, o clima não era igual ao do deserto. Não precisei percorrer uma distância muito grande. A trilha logo desembocou em outra clareira. Embora menor que a última, era ainda mais repleta de plantas. Segui o cano até sua parte central.

Quase caí dentro de uma lagoa, que estava praticamente oculta por árvores e moitas. Um grosso galho de árvore me deteve bem a tempo.

A lagoa era protegida do sol por uma saliência rochosa. Um pouco acima da água, vi a entrada de uma caverna. Aquele buraco escuro, cercado de musgo, poderia ocultar qualquer coisa. Cobras, crocodilos... corpos. Estremeci.



Agarrada ao galho da árvore, continuei a examinar o local,

ouvindo o canto dos pássaros. Embora profunda e escura, a água não era lamacenta. Era possível enxergar a areia e as plantas que cobriam o fundo. Eu já deveria saber que encontraria água em algum ponto. De outro modo, por que haveria tantas árvores? Com certeza não sobreviviam apenas com água da chuva.

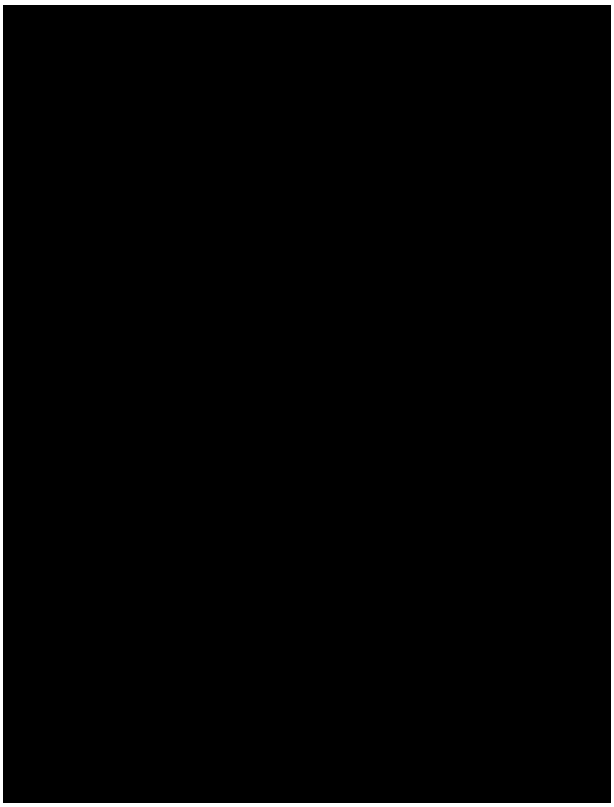
Eu me ajoelhei e pus um dedo na água, mas o retirei imediatamente. A água era fria, quase gelada. Tive vontade de pular dentro dela... e beber tudo. Mas apenas permaneci onde estava. Como eu era boba. Olhando para toda aquela água, me sentindo cada vez mais desidratada, e não tocava em uma gota. O problema é que eu não sabia se era potável, não sabia o que havia dentro dela. Não parava de pensar num programa de tevê que tinha visto, sobre

um minúsculo peixinho que conseguiu penetrar no estômago de um explorador, quando ele estava bebendo a água de um rio, e começou a comer suas entranhas. Um médico teve que enfiar um tubo comprido dentro do homem para remover o peixe. Como não havia médicos ali e eu não queria um peixinho minúsculo comendo minhas entranhas, abandonei a ideia de beber daquela água. Então levantei e contornei a lagoa, tentando encontrar o lugar onde o cano emergia.

Mas o cano não emergia. Terminava no laguinho. Passei a mão nos cabelos e olhei em volta. Você tinha razão, ao que tudo indicava. Não havia outras casas usando aquele suprimento de

água.

Andei pela pequena clareira, procurando uma saída, um caminho que me levasse para o outro lado. Havia mais duas trilhas,





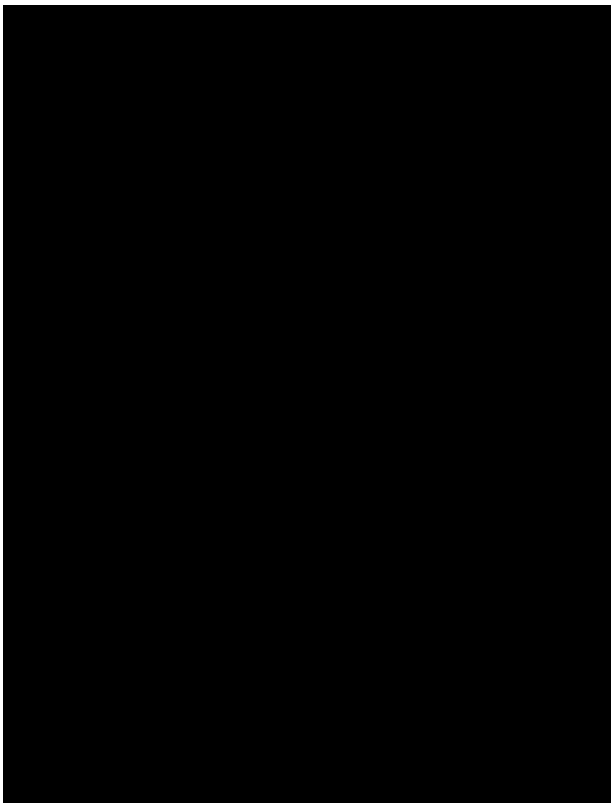
mas eram menores e mais estreitas que o caminho por onde eu viera, e mais cobertas de vegetação. Entrei desajeitadamente na mais larga delas. Se antes eu já estava preocupada com cobras, minha preocupação aumentou muito quando entrei naquela trilha. Em certos pontos, o capim chegava à altura dos meus joelhos; coisas se moviam e se arrastavam ao meu redor. Pensei ter visto algo nas pedras perto das minhas mãos, alguma coisa deslizando. Moscas esvoaçavam em torno da minha cabeça, zumbindo ruidosamente, e se prendiam nos meus cabelos. Continuei andando até que a trilha

terminou numa parede rochosa e eu tive que retornar. Tentei um segundo caminho, que logo se revelou estreito demais.

Voltei para a clareira principal, mas as trilhas que partiam de lá não eram melhores. Só consegui ficar mais perdida no labirinto

dos Separados. Não sei quanto tempo levei tentando sair de lá. Era difícil ter uma ideia de tempo naquele lugar. A sensação era de eternidade. Mas de uma coisa eu sabia: você não tinha me seguido. Não ainda. Acalentei desesperadamente a ideia de que você achava que eu tinha fugido para outro lugar. Tentei uma trilha menor, me espremendo para passar entre as rochas. Mas quando desemboquei na clareira principal, percebi que estava andando em círculos.

Foi quando finalmente minha cabeça se iluminou e eu tive uma ideia.



Crescendo num dos rochedos, havia uma árvore alta, de casca branca e galhos fortes. Eu me pendurei num deles. Fiquei satisfeita com sua resistência. Eu adorava subir em árvores quando era criança, mas não tinha muitas oportunidades para praticar. Mamãe sempre tinha medo de que eu caísse. Eu me senti estranha ao ter que subir numa árvore novamente, não conseguia decidir como deveria começar. Mas logo peguei o jeito. Abracei o tronco e fui me alçando, usando os galhos como degraus. A única vez em que parei foi quando vi uma pequena aranha marrom correndo à minha frente. Somente uma pura determinação me fez prosseguir.

Quando cheguei ao topo, no entanto, a coisa se complicou.

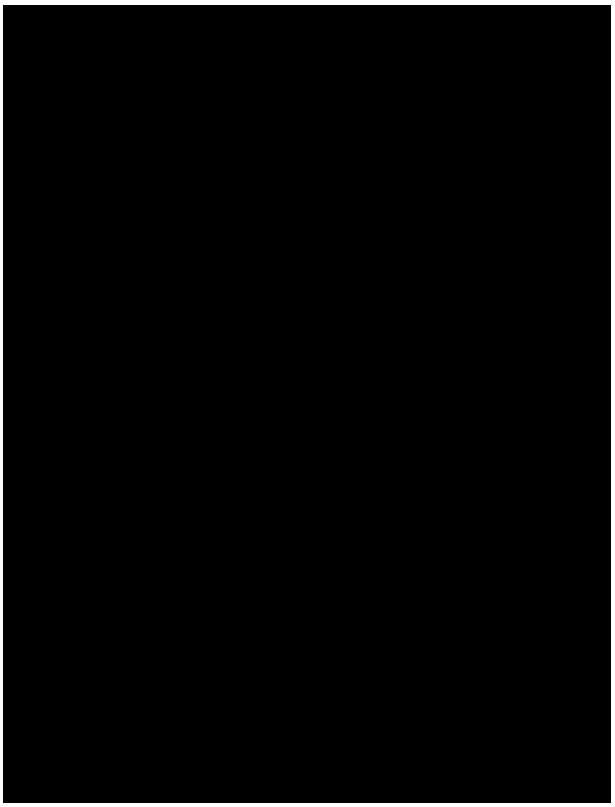
Havia galhos e folhas por toda a parte, e eu não conseguia ter uma visão panorâmica. Respirei fundo, fechei a boca e os olhos e tentei

afastar os galhos para o lado. Coisas caíram em cima de mim quando fiz isso. Eu não queria saber o que eram, portanto as espanei antes de examiná-las com atenção, mas ainda tinha a impressão de que estavam rastejando em mim. Podia sentir suas pernas em meus cabelos. Apoiando um pé na face rochosa, agarrei os galhos mais altos e subi mais um pouco.

Então observei a paisagem, protegendo os olhos com a mão.

Não vi nada, a não ser uma planície coberta de areia – e o horizonte. Eu me virei para o lado oposto, usando os galhos como apoio e arranhando a perna na pedra. Mas não havia prédios no

outro lado, nenhuma cidade... nem mesmo uma estrada. Aquele lado parecia idêntico ao lado onde estava a casa. Uma vastidão plana e vazia. Senti vontade de gritar e só não o fiz porque não





queria que você me ouvisse. Se eu tivesse uma arma, acho que atiraria em mim mesma.

Apoiei a cabeça num galho e cobri os olhos com as mãos.

Depois, abracei o galho e apertei o rosto nele. A aspereza da casca arranhava meu rosto, mas continuei fazendo pressão, tentando estancar o choro.

Parece loucura, mas naquele momento só conseguia pensar em meus pais no aeroporto. O que será que eles imaginaram quando eu não me apresentei para o voo? O que eles tinham feito a partir

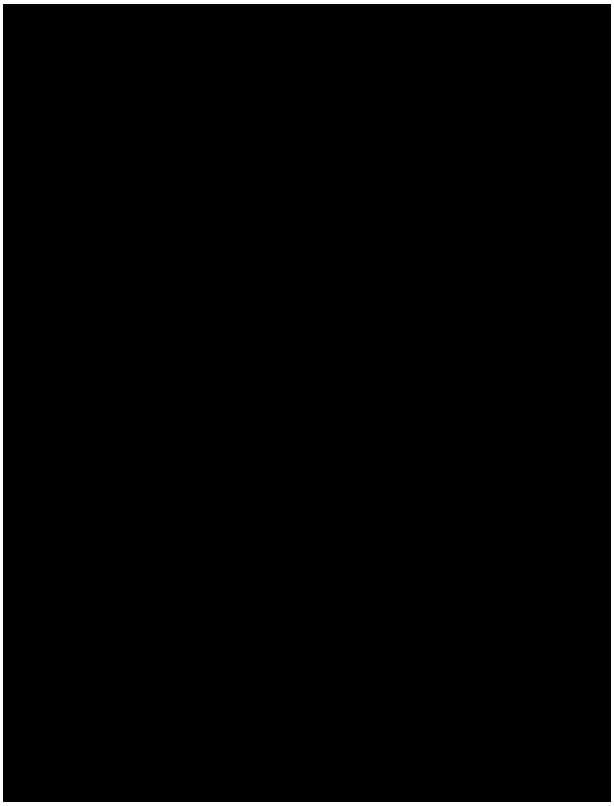
desse momento? Com o rosto ainda apoiado no galho, tentei me lembrar da última coisa que havíamos conversado. Não consegui. Isso me fez chorar mais ainda.

82

Já estava quase calma quando escutei a caminhonete. Segurei um galho, quase perdendo o equilíbrio, e olhei para o horizonte. Depois, para a área adjacente aos Separados. Achei! A caminhonete estava quase embaixo de mim, andando lentamente.

Levei algum tempo para entender o que você estava fazendo.

No início eu achava que os mourões da cerca estavam ali há muito tempo. Agora percebia que você estava erguendo uma cerca. Senti um aperto no coração. Então era por isso que você não tinha me seguido — você estava cercando os Separados, me engaiolando, me



aprisionando como um animal. Eu estava tão entretida tentando

encontrar um caminho entre os rochedos que nem percebi o barulho da caminhonete.

Observei você montando a cerca. Você tinha um grande rolo de algo que parecia uma tela de arame, e quando chegava às estacas de madeira pregava a tela neles. Você trabalhava rápido, só demorava alguns minutos em cada estaca. Depois passava para a próxima, desenrolando o aramado à medida que prosseguia. O trabalho parecia estar quase no fim. Eu já estava confinada.

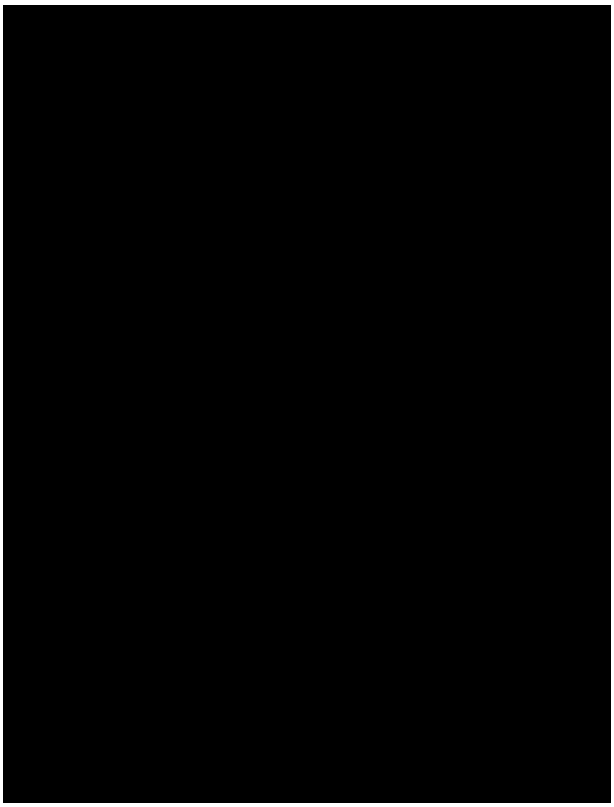
Eu me recostei na rocha. Ali, acima do arvoredo, o sol batia forte em meu rosto. Subitamente me senti exausta. Esgotada. Fechei os olhos tentando bloquear tudo.

Quando os abri de novo, você tinha parado de contornar os

rochedos. Em vez disso, estava esperando do outro lado da cerca, com a caminhonete parada, a porta do motorista aberta e as botas pousadas na janela da porta. Vi fumaça de cigarro.

Eu me segurei nos galhos, olhei para a casa e para a terra desolada que a circundava. Uma leve brisa balançava algumas touceiras de mato. Muito distantes, consegui ver novamente as sombras que vira antes. Sugeriam colinas. Estavam bem longe, mas me deram uma centelha de esperança. Além daquelas sombras, o afloramento rochoso onde eu me encontrava era o único local elevado tanto quanto eu podia ver. Pela primeira vez, conjeturei sobre como você teria encontrado aquele lugar. Não haveria

realmente outras pessoas por perto? Éramos só nós dois? Talvez os exploradores da região tivessem desistido na metade do caminho, ou morrido. Havia alguma coisa de insano em ser capaz de





sobreviver naquele deserto. Parecia mais outro planeta do que a Terra.

Senti um aperto na garganta e tive vontade de chorar novamente. Mas me recusei a chorar; precisava ser forte, ou permaneceria no alto daquela árvore até morrer de fome ou sede. Papai disse uma vez que morrer de sede era a morte mais dolorosa de todas, a língua da pessoa se racha e os órgãos internos incham... e acabam explodindo. Eu não queria isso.

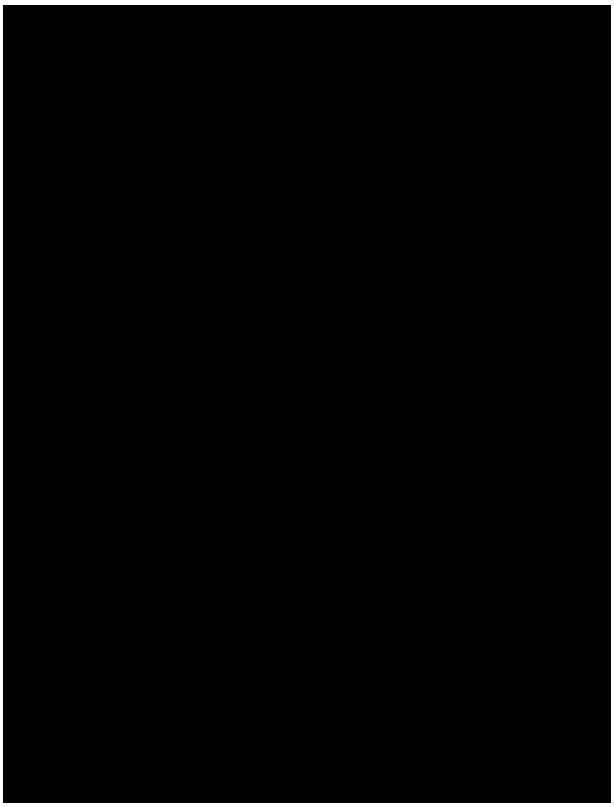
Decidi retornar à clareira principal. Esperaria até o anoitecer,

rastejaria até a cerca e procuraria um modo de passar por cima ou por baixo dela. Será que seria difícil? Depois correria até a casa, pegaria suprimentos e roupas, se tivesse tempo, um pouco de água, e entraria no deserto, tomando o rumo daquelas sombras ao longe.

Acabaria encontrado uma estrada ou algum tipo de trilha. Tinha que encontrar.

Começou a esfriar antes de escurecer. Muito antes que a lua aparecesse meu corpo já estava tremendo. Eu me encolhi perto das pedras. Meus dentes chocalhavam.

Eu jamais passara a noite ao relento. Sabia que a noite era mais fria que o dia, pois sentia a temperatura cair mesmo dentro de casa, mas não esperava aquele tipo de frio. De repente, ficou mais frio que uma noite de inverno na minha casa. Que o deserto fosse



estupidamente quente durante o dia e estupidamente frio durante a noite me parecia uma loucura. Acho que é porque não havia nuvens lá, nada que retivesse o calor. O calor desaparece junto com o horizonte. Talvez fosse por isso que a noite estava tão clara: não havia nada para esconder a lua.

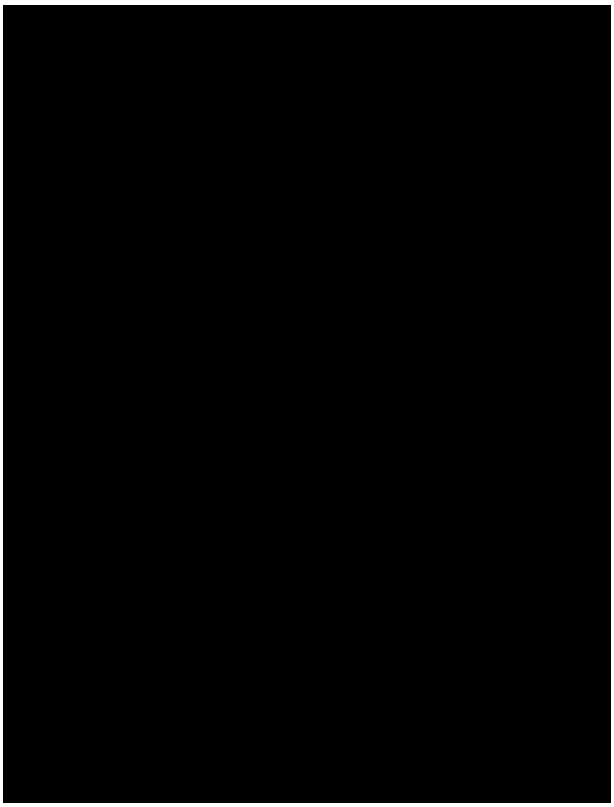
O que me deixou contente. Assim eu poderia encontrar facilmente o caminho. Poderia avistar qualquer sombra em formato de cobra que estivesse no chão. Tentando me manter aquecida, comecei a andar de um lado para outro. Até que não consegui aguentar mais; entrei na trilha estreita por onde viera e cheguei à entrada dos Separados.

De lá, observei a cerca que você tinha construído. Era bastante alta, mas não parecia muito forte. Esfreguei as mãos nos

braços. Sentia frio demais para pensar em muita coisa além de me aquecer. Às vezes, quando você completava uma de suas patrulhas, eu escutava o motor da caminhonete. Uma coisa boa a respeito do meu plano era que eu conseguia ouvir você se aproximando bem antes de você de fato chegar. Meus dentes batiam tão alto que tive medo que você ouvisse o barulho. Conjeturei sobre o que você estaria pensando: será que você saberia exatamente onde eu estava?

Enlacei os braços ao redor do corpo o mais apertado que pude e observei as estrelas. Se não estivesse com tanto frio e com tanta vontade de fugir, eu poderia ficar olhando para elas pelo resto

da vida; eram incrivelmente lindas, densas e brilhantes. Meus olhos poderiam se perder lá no alto se eu continuasse a olhar para cima por muito tempo. Em casa, era muita sorte quando eu conseguia ver estrelas à noite, com a poluição e as luzes da cidade. Mas, no



deserto, era impossível deixar de vê-las. Elas me engoliam. Era como se fossem centenas de milhares de minúsculas velas, transmitindo esperança. Olhar para elas me fazia pensar que tudo iria correr bem.

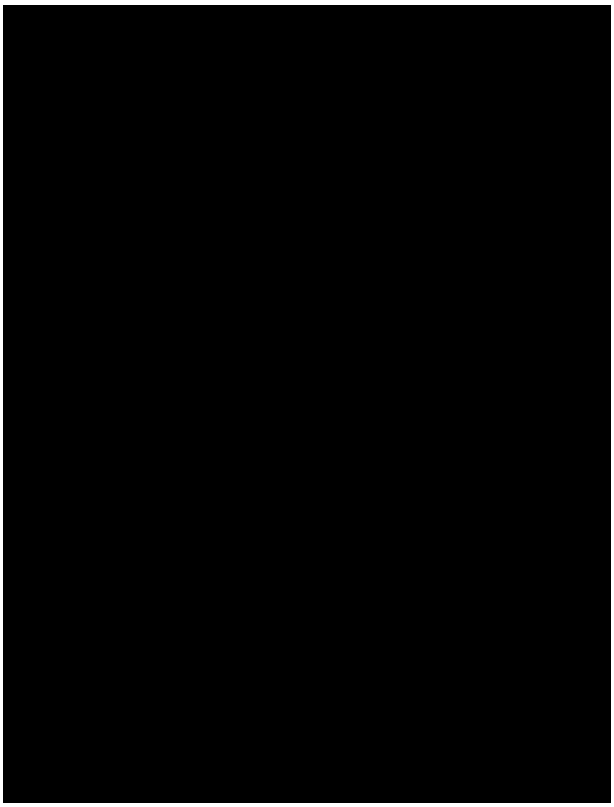
Esperei até você passar por mim e comecei a me afastar dos rochedos. Fiquei surpresa quando desgrudei os ombros das pedras, surpresa com a súbita friagem que senti nas costas. As rochas deviam absorver a luz solar durante o dia e manter o calor à noite. Dei alguns passos na areia.

Na mesma hora me senti exposta como se estivesse nua e

você estivesse espiando todos os meus movimentos. Corri rapidamente até a cerca, de cabeça baixa. Aqueles poucos metros pareceram muito mais longos do que eram na realidade. Durante o

tempo todo fiquei atenta ao ronco da caminhonete. Cheguei a escutá-lo, mas apenas como um ruído surdo no outro lado dos rochedos.

Parei quando cheguei à cerca, uma tela de arame bem esticada que se erguia alguns palmos acima da minha cabeça. Tentei enfiar o bico da bota e os dedos nos pequenos espaços entre os arames, mas não consegui; acabei escorregando da tela e arranhando os dedos. Tentei novamente, usando o outro pé. Nada feito. Empurrei a cerca, mas ela apenas me empurrou de volta. Comecei a tremer, não sei se de frio ou de medo, provavelmente de ambos. Mas me forcei a analisar o problema. Se eu não conseguisse passar por cima da cerca, teria que passar por baixo. Então me ajoelhei na areia e comecei a cavar. Mas aquela areia não era como a de uma praia. Era dura e difícil como tudo por



ali Além disso, continha pedras, espinhos e pedaços de plantas.

Tentei ignorar os arranhões que ela provocava em minhas mãos e, rangendo os dentes, continuei a cavar. Era como estar em um filme de guerra, cavando um buraco para escapar de um campo de prisioneiros. Mas as coisas nunca são como em Hollywood. No buraco que eu fiz só um coelho caberia. Era desesperador. Eu me deitei de bruços e tentei levantar a tela pela base, mas ela não se mexeu. Consegui enfiar os dedos por baixo, mas isto foi tudo. O arame estava muito bem esticado.

Permaneci deitada na areia com o nariz contra a cerca, com o coração e a respiração acelerando cada vez mais. Depois me levantei e tentei novamente passar por cima da cerca. Quase gritei de frustração. Tudo me encurralava, a cerca, as pedras...

De repente, ouvi a caminhonete.

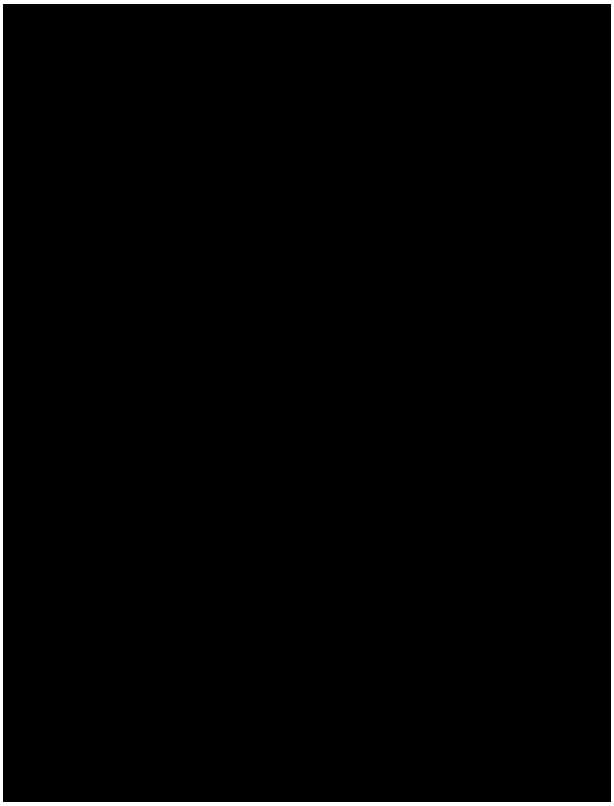
Comecei a correr na direção dos Separados. Mas você contornou a curva antes que eu me escondesse nas sombras. Então, voltei para a entrada dos rochedos e fiquei aguardando.

Você parou a caminhonete e desligou o motor. Depois desceu e se encostou no capô, olhando para os rochedos, procurando por mim. Você tinha me visto correr, eu tinha certeza disso. Provavelmente conseguia me ver também, agarrada nas pedras, tremendo, tentando freneticamente absorver um pouco de calor.

— Gem? — você chamou.

Após alguns momentos, você foi até a porta do passageiro e a abriu. Tirou de lá um casaco e o exibiu para mim.

— Volte para mim.





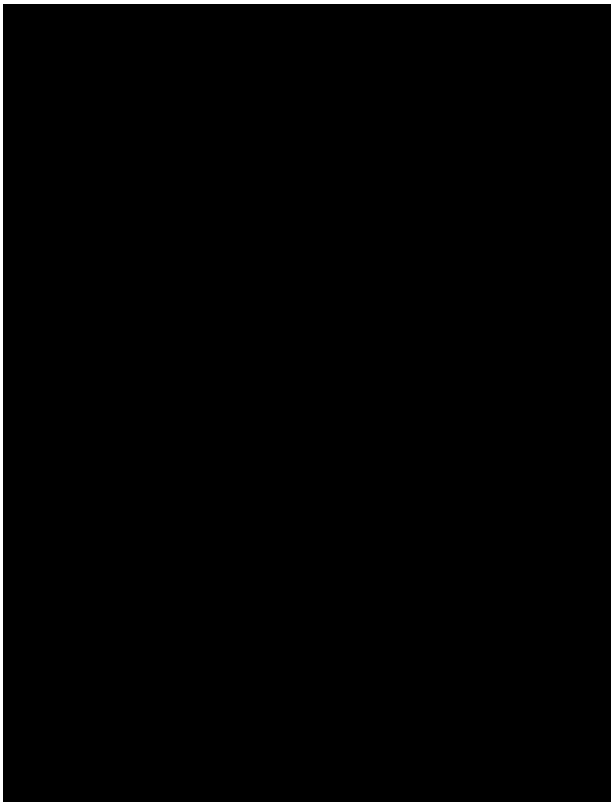
Permaneci em silêncio. Não queria voltar para você. Não sabia o que você iria fazer. Pressionei os braços na pedra e ordenei a mim mesma que parasse de tremer. As pontas dos meus dedos estavam ficando azuis.

— Não há escapatória — você gritou. — Vou esperar aqui a noite inteira, a semana inteira se for preciso. Você não pode escapar de mim.

Você enfiou as mãos nos bolsos, retirou um cigarro já pronto e começou a fumar. O cheiro de folhas queimadas flutuou no ar frio da noite e chegou até onde eu estava. Agarrada à pedra, inclinei a cabeça para escapar daquele cheiro. Depois, tentei curvar os dedos da mão; mas eles estavam tão enregelados que o movimento doeu. Uma vez mais, eu tinha sido aprisionada por você; era apenas

uma questão de tempo para que você me tirasse dali. Deslizei pelas rochas, sentei sobre a areia e enterrei minhas mãos em suas partículas ainda quentes, procurando desesperadamente obter calor. Você viu meus movimentos, veio até a cerca, apoiou nela as palmas das mãos e me observou com atenção. Voltou até a caminhonete. Retornou com um cortador de arame e começou a cortar uma pequena área da cerca. O luar banhava metade do seu rosto enquanto você trabalhava. Quando terminou, você enrolou a

tela, abrindo um buraco largo o bastante para eu passar.



Não lutei. Não fiz nada. Meu corpo estava flácido e vazio. Na casa, você me enrolou em cobertores, pôs uma bebida quente em minhas mãos e me obrigou a tomá-la. Mas meu corpo, meu cérebro e minhas entranhas estavam congelados. Eu afundara em um lugar muito escuro e vazio. Você falou alguma coisa comigo. Sua voz estava abafada. Eu não queria voltar à tona. A verdade era dura demais para ser ouvida.

Não havia nada no outro lado daqueles rochedos, somente mais da mesma coisa.

Para onde quer que eu fosse, você me pegaria.

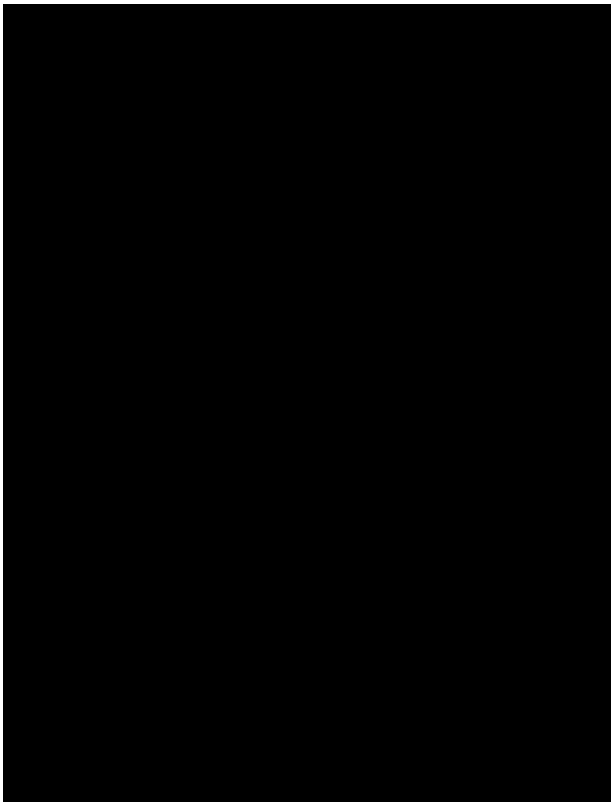
Eu não tinha como fugir.

Fechei os olhos. Por trás das minhas pálpebras o mundo era escuro e tranquilo. Mergulhei nele. Não me movi nem emiti nenhum som. Apenas recuei mentalmente. Atravessando o sofá e o piso, atingi aquele lugar escuro e refrescante embaixo da casa, onde me aninhei na terra e na obscuridade. Lá, esperei que a cobra me encontrasse.

Não havia mais nada que eu pudesse fazer...

... apenas esperar pelos sonhos.

Adormeci.



Mamãe estava ao meu lado, afagando minha testa. Falava baixinho e suas palavras eram uma canção de ninar. Ela pôs alguma coisa sobre os meus ombros, me embrulhou e me abraçou. Senti seus braços me envolvendo, seu hálito era doce como chá com açúcar.

Depois eu me vi um pouco mais velha. Não tinha ido à escola por estar doente. Vi mamãe sentada à mesa da cozinha, com o *laptop* aberto à frente e o telefone ao lado. Eu estava no sofá, coberta e aquecida. Não queria assistir aos *Teletubbies*, e mamãe não me deixava ver os programas de entrevistas.

— Vamos brincar? — perguntei a ela.

Ela não respondeu.

— De esconde-esconde?

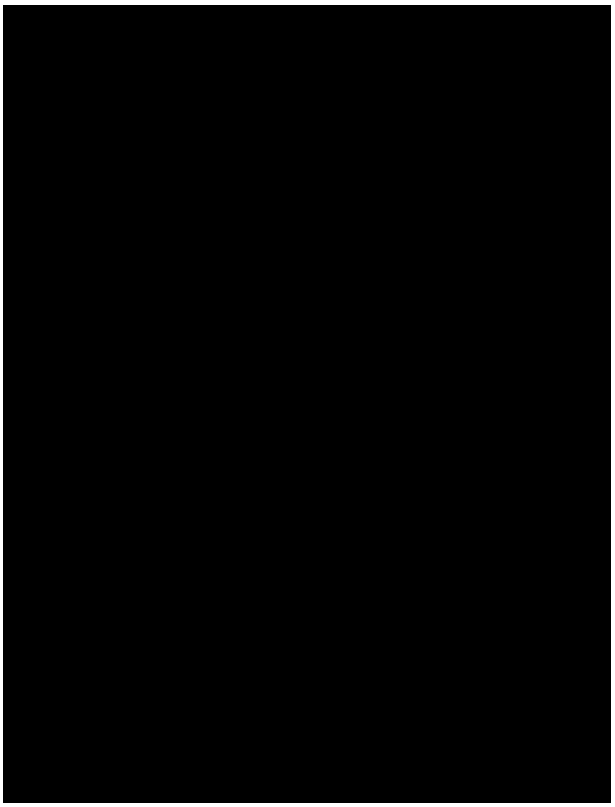
Após alguns momentos, eu me levantei do sofá e andei pé

ante pé até o armário onde fica o aquecedor central de minha casa. Abri a pesada porta e entrei naquele lugar escuro. O ar estava morno e úmido, e cheirava como meu casaco molhado. Encontrei um canto e parei ali; imaginei que estava no fundo do mar... na barriga de uma gigantesca criatura.

Através de um buraco na parede, eu conseguia ouvir mamãe martelando o teclado. Mas a qualquer momento ela iria parar de digitar e viria me buscar. Eu sabia que ela viria. A qualquer minuto ela se perguntaria onde eu estava.

Eu me afundei mais nas trevas... esperando...

De repente, eu estava num hospital. Havia máquinas ligadas a mim, emitindo bipes baixinhos. Eu não conseguia abrir os olhos, mas estava acordada. Pessoas me visitavam. Anna e Ben, o pessoal da escola. Papai estava sentado ao meu lado e afagava as costas da



minha mão. Cheirava a tabaco, como sempre. Havia uma enfermeira nas proximidades, dizendo como era importante que eles continuassem a falar comigo. Outra enfermeira enxugava minha testa.

Estendi a mão para Anna, agarrando o ar diante de seu rosto.

Mas ela não me viu. Tentei gritar, tentei pedir que ficassem ali, todos eles. Mas minha boca não se abria e o som permaneceu na minha garganta.

Quando abri os olhos, eles tinham desaparecido. A única pessoa ali era você.

91

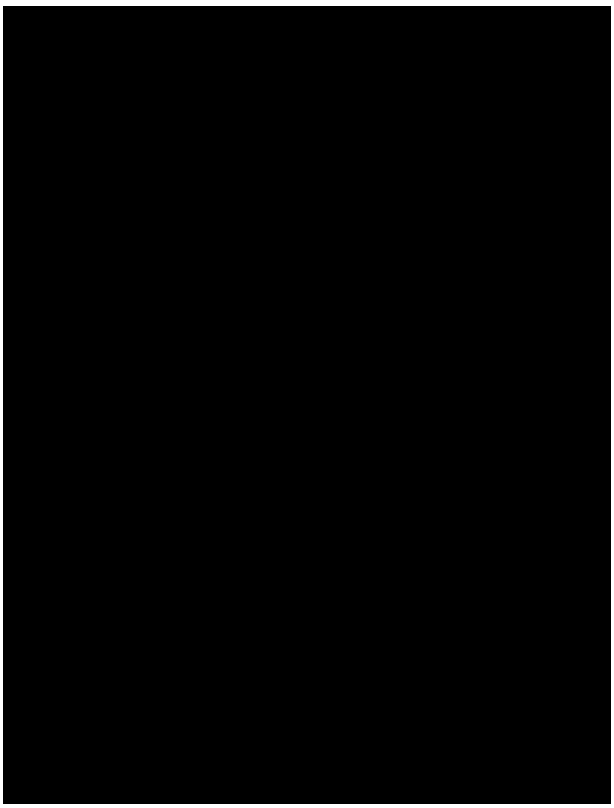
Não falei com você. Permaneci deitada na cama do simples

aposento de madeira, olhando para as paredes. Minha voz havia murchado e desaparecido, e eu não sabia como reencontrá-la. Tentei esquecer as marcas na cama. Tentei esquecer tudo.

Às vezes, você sentava ao meu lado. Tentava falar, mas eu não olhava para você. Encolhia os joelhos contra o peito e os enlaçava com as mãos.

E tentava me lembrar.

Começava comigo acordando, sentindo o grosso edredom sobre mim e a maciez do pijama de flanela. Se me concentrasse, quase conseguia ouvir os ruídos da cozinha, onde mamãe preparava café. Eu sentia o aroma pujante e amargo da mistura fervendo no



fogão, que entrava pelas frestas das portas e chegava ao meu leito. E ouvia os estalidos da calefação central se ajustando.

Então papai se levantava e batia em minha porta. Ele sempre

me dava conselhos durante o café da manhã, falando sobre a importância de se obter boas notas e sobre as universidades que eu deveria pesquisar no verão. Fechei os olhos e tentei ver o rosto dele. Fiquei um pouco ofegante quando não consegui. Qual era exatamente o formato dos seus óculos? De que cor era sua gravata

favorita?

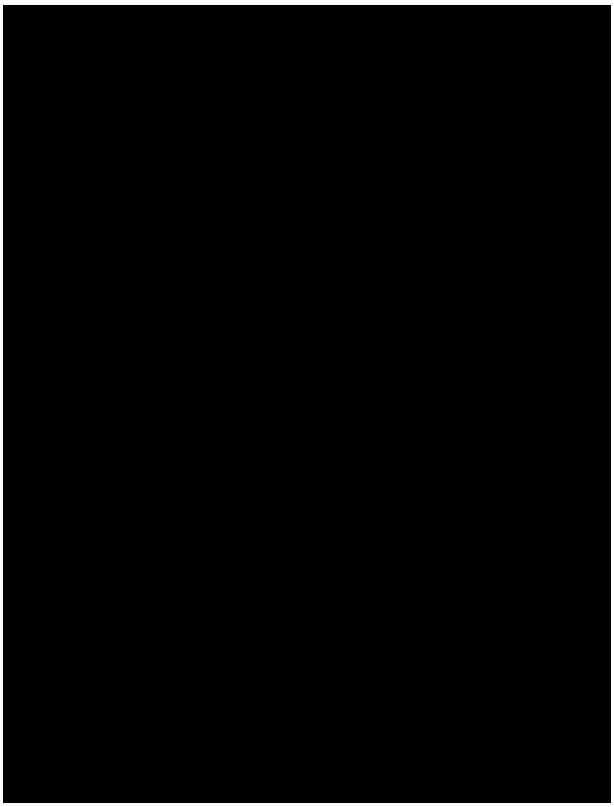
Tentei ver mamãe em seguida, mas foi difícil. Consegui me lembrar do vestido vermelho que ela gostava de usar nas *vernissages*, mas não consegui me lembrar do seu rosto. Eu sabia que seus olhos eram verdes, como os meus, e que ela tinha traços delicados... mas

não consegui juntar as peças.

Essa amnésia me assustou, e me fez odiar a mim mesma. Eu me senti como se não fosse digna de ser filha de alguém.

Mas consegui me lembrar de Anna. Consegui me lembrar de Ben. Passei horas pensando nele, imaginando que ele estava ali comigo; meus dedos acariciavam seus cabelos desgrenhados e alourados pelo sol. Quando fechei os olhos, ele estava sentado na beirada da minha cama, tomando conta de mim.

Naquele verão ele fora surfar na Cornualha, e levara Anna junto. Era o primeiro verão que eu e Anna passávamos separadas. Conjeturei sobre o que eles estariam fazendo naquele hotel à beira da praia. Talvez passassem o dia inteiro sentados na areia... uma areia muito diferente da minha, muito mais macia. Perguntei a mim mesma se eles pelo menos sabiam que eu havia desaparecido.



Quando abri os olhos novamente, você estava ao meu lado, mordendo a pele ao lado das suas unhas. Após alguns momentos, você me viu olhando.

— Como está se sentindo?

Não consegui responder. Parecia que meu corpo tinha se transformado em pedra. Se eu mexesse até mesmo os lábios, poderia me quebrar.

— Posso fazer comida para você — você arriscou. — Alguma coisa para beber?

Nem pisquei. Pensei que se permanecesse imóvel por tempo suficiente, você iria embora.

— Será que... será que a gente pode trocar os lençóis?

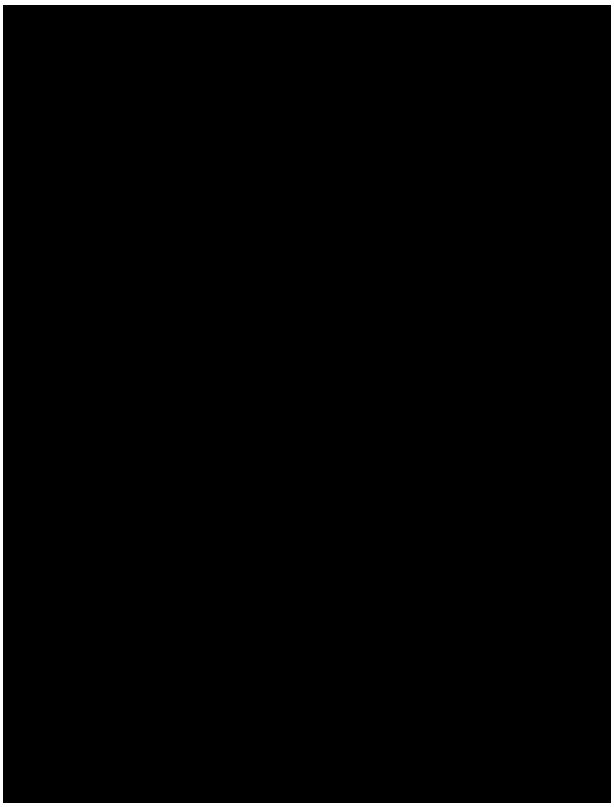
Você se virou um pouco na minha direção. Depois estendeu a

mão e pousou as costas dos dedos na minha testa, mas eu mal os senti. Naquele momento, você estava em um universo paralelo a um milhão de quilômetros de distância, era uma espécie de sonho. Eu estava de volta à minha casa, à minha cama... a qualquer momento eu acordaria e me aprontaria para a escola. Era Ben que estava sentado ao meu lado, não você. Não podia ser você. Você se sentou na cadeira e ficou me observando.

— Estou com saudade das suas palavras — você disse.

Engoli em seco. Minha garganta ressecada doeu. Você direcionou os olhos para os meus lábios.

— Eu sei como isso funciona — você disse. — Eu também fiquei em silêncio uma vez. — Você encontrou uma pele solta no canto do dedo e a moveu de um lado para outro com o polegar. — As pessoas pensavam que eu não podia falar, como se fosse... como





se diz? Mudo. Pensavam que eu era surdo também. Você mastigou o pedaço de pele solta. — Foi logo depois que encontrei este lugar. Minhas sobrancelhas se mexeram, e você viu isso.

— Ficou interessada agora?

Você encostou a cabeça na parede. Uma gota de suor deslizou pelo seu rosto, passando pela cicatriz desbotada.

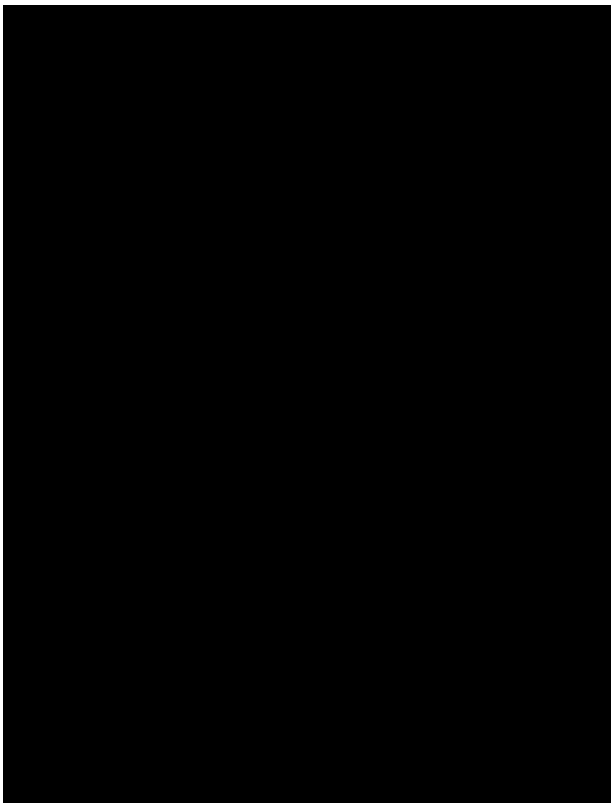
— É, pois é — você disse meneando a cabeça, ao perceber que eu tinha notado a cicatriz. — Eu ganhei isso quando fiquei em silêncio. Você limpou o suor rapidamente, mas sua mão continuou encostada na pele curtida. De repente, você deu um tapa no próprio rosto. O barulho me fez estremecer. — Uma rede pode atingir sua pele com muita rapidez — você disse. — É fácil fazer uma marca.

Você se pôs de pé e foi até a janela. Virei um pouco a cabeça

para poder ver você. Você notou.

— Mas eu não estava morto — você murmurou. — Não tinha desaparecido.

Algum tempo depois você deixou uma caderneta fina e desbotada sobre a mesinha de cabeceira. Depois que você saiu do quarto, eu a peguei e folheei. As páginas estavam em branco. Havia um lápis sobre a mesinha também, com a ponta afiada. Eu a espetei



com força na pele macia entre o indicador e o polegar. Doeu. Espetei de novo.

Tentei desenhar todos eles... mamãe, papai, Anna e Ben. Eu queria me lembrar. Mas nunca fui muito boa em desenho. As pessoas que desenhei eram estranhos sem rosto; uma mixórdia de linhas e sombras. Risquei tudo.

Depois tentei palavras. Sempre foram meu forte, afinal.

Mamãe e papai nunca conseguiram entender isso, como eu era tão boa em inglês e não muito boa em matemática ou desenho, como eles. Mas nem as palavras fluíram bem, não naquele momento. E com certeza não faziam muito sentido. Qualquer pessoa que lesse aquilo iria achar que eu estava tomando drogas ou coisa parecida,

pelo jeito que as palavras se atropelavam.

95

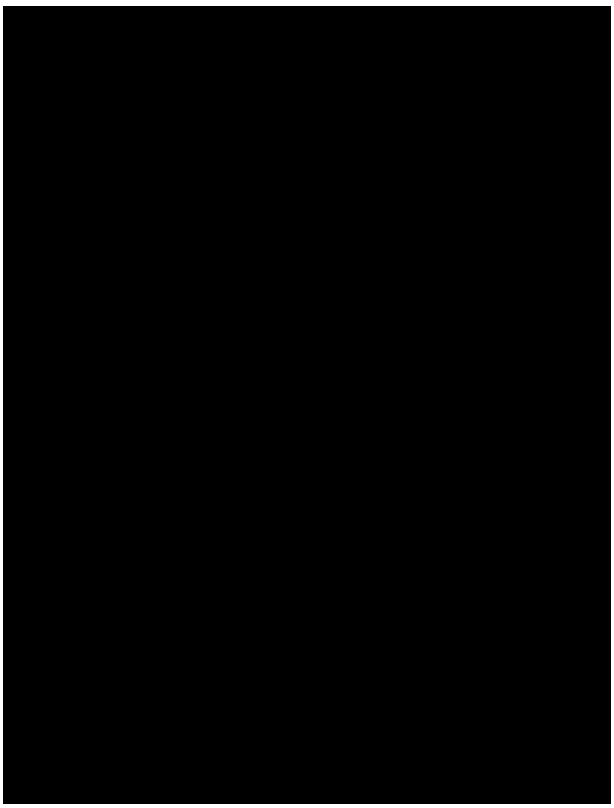
Tentei escrever uma carta, mas não consegui passar de

—Queridos papai e mamãe‖. Havia coisas demais para dizer. De qualquer forma, eu não sabia se você iria ou não ler o que eu escrevesse.

Então escrevi as únicas palavras em que consegui pensar...

prisioneira, confinada, detida, constrangida, encarcerada, trancada, internada, suspensa, roubada, sequestrada, levada, forçada, empurrada, ferida, raptada...

Também risquei tudo.



Eu não conseguia mais dormir. Sentia dor na bexiga, e uma rigidez no corpo todo. Mas queria me mexer. Cuidadosamente, dobrei os joelhos. Apertei os dedos dos pés e passei a língua nos

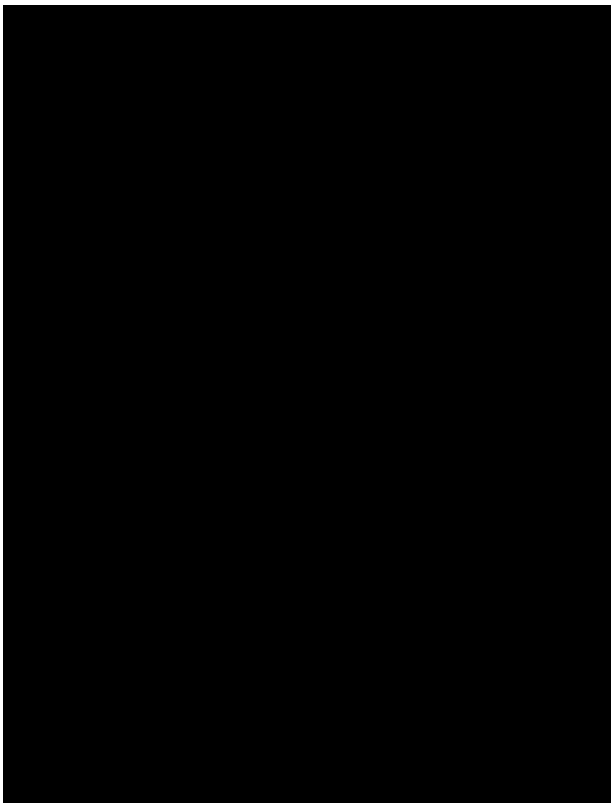
lábios ressecados. Ao me arrastar para fora do colchão senti os braços enfraquecidos. Minhas pernas tremeram quando tentei me pôr de pé.

Vesti roupas novas, que retirei da gaveta. O *short* estava largo demais na cintura e nos quadris. Fui até o banheiro e urinei no buraco. Depois abri a torneira, que vomitou jatos de água quente com partículas marrons. Lavei o rosto. Depois enfiei a cabeça embaixo da torneira e bebi água. No minúsculo espelho rachado, observei a água cair sobre mim. Meus olhos estavam ligeiramente inchados e o pouco sol que eu tinha apanhado fizera meu nariz

descascar. Eu parecia mais velha.

Você estava na cozinha, sentado à mesa de cabeça baixa, lendo palavras manuscritas e pedaços de papel. Você olhou para mim e voltou ao que estava fazendo. Pequenos recipientes de vidro estavam espalhados ao seu redor; alguns deles continham líquidos, alguns estavam vazios. Você pegou um e franziu os olhos para ler o rótulo. Mantendo o recipiente à luz da janela, escreveu alguma coisa num papel. A gaveta que ficava trancada estava aberta, mas eu não consegui ver o que estava lá dentro. Em cima de um banco, havia uma coisa que parecia uma agulha

Meu estômago meio que se revolveu. Tudo à sua volta apontava para uma coisa: drogas. Talvez as drogas que você tinha usado em mim, talvez outras que você ainda pretendia usar. Dei um



passo para trás. Você não levantou os olhos. Pela primeira vez você mais estava entretido com outra coisa do que comigo.

Atravessei o pequeno vestíbulo, passando pelas baterias e prateleiras, e cheguei à varanda. Fiquei olhando para o chão até meus olhos se acostumarem com a claridade. Quando consegui enxergar sem apertar muito os olhos, me encostei na balaustrada e olhei para os Separados. A cerca que você tinha construído ainda estava de pé. Os rochedos continuavam como sempre. De onde eu me encontrava, ninguém jamais adivinharia quanta vida e quanta vegetação aquelas rochas abrigavam, ninguém acreditaria que passarinhos cantavam lá dentro. Aquelas pedras eram misteriosas e estranhas. Como você.

Olhei para o céu azul e sem nuvens. Não vi aviões, nem

helicópteros. Nenhuma missão de resgate. Deitada na cama, eu tivera a ideia de escrever ―socorro‖ na areia, mas logo percebei que era uma ideia muito boba, já que ninguém sobrevoava aquele lugar.

Eu me virei para olhar o resto da paisagem: horizonte, horizonte, Separados, horizonte, horizonte... não havia para onde fugir.

Ouvi seus passos e o barulho da porta antes de ver você na varanda.

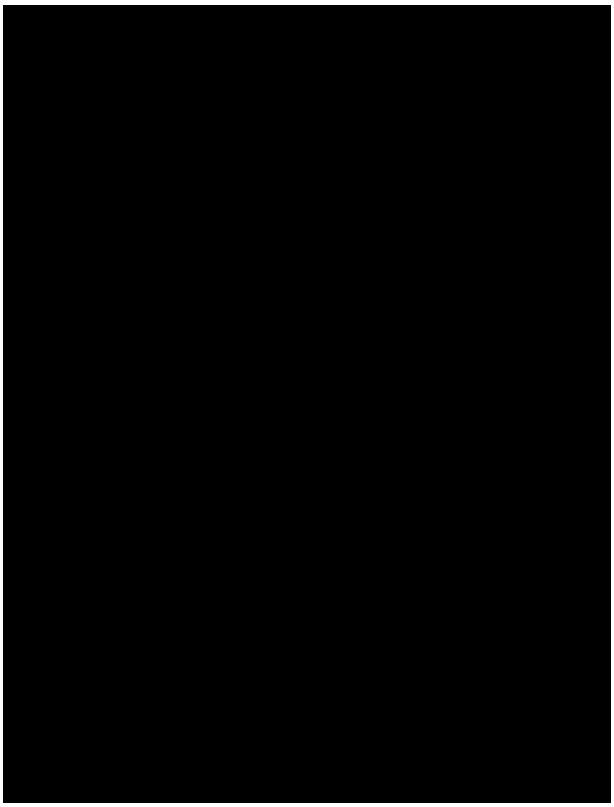
— Você se levantou — disse. — Fico contente.

Eu me encaminhei para o sofá de vime.

— Por que hoje? — você perguntou.

Parecia curioso de verdade.

Mas eu estava dominada pela tristeza. Sabia que se abrisse a boca, botaria tudo para fora. E não queria que você conseguisse nada de mim, nem mesmo isso. Mas você continuou tentando.



— Bonito dia — você disse —, quente e calmo.

Eu me apoiei no braço do sofá, fazendo o vime estalar.

— Você quer comer?

Olhei direto para a frente e me concentrei nos buracos dos rochedos.

— Sente aí — você disse.

Sentei no sofá; não sei por quê. Você estava com aquele tom de voz, eu acho, o tom que me dizia que seria bobagem discutir; o tom que deixava minhas pernas bambas de medo.

— Por que não conversamos?

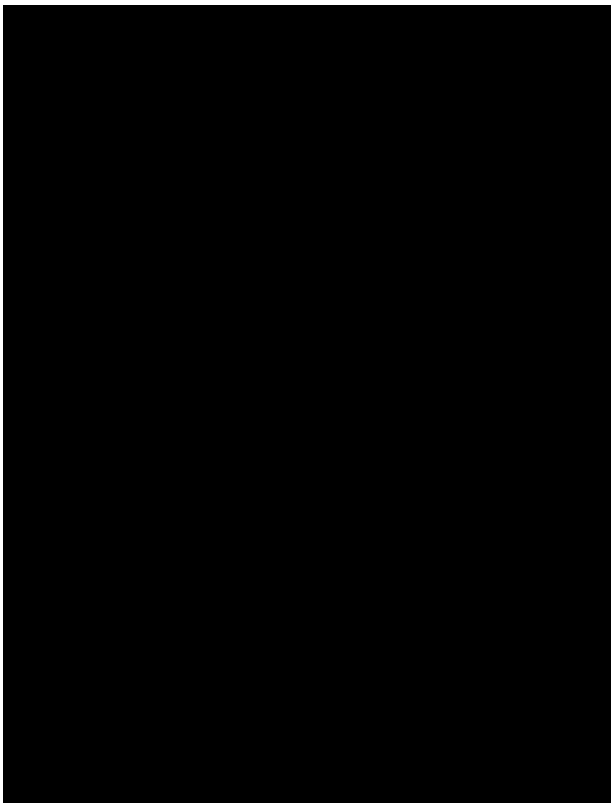
Encolhi as pernas e pousei os pés no sofá. Uma leve brisa começou a soprar. Observei a areia que começava a rodopiar alguns metros adiante.

— Me fale sobre alguma coisa, qualquer coisa. Sua vida em Londres, seus amigos, até seus pais!

A súbita elevação do seu tom de voz fez com que eu me encolhesse no sofá. Eu não queria lhe dizer nada, muito menos falar sobre meus pais. Enrolei os braços em torno dos joelhos. O que mamãe estaria fazendo agora? Até que ponto meus pais tinham ficado tristes com meu desaparecimento? O que estariam fazendo para me localizar? Enlacei as pernas com força, tentando me lembrar do rosto deles.

Você não disse nada durante algum tempo, só ficou olhando

a paisagem. Observei-o pelo canto do olho, enquanto você puxava uma sobrancelha com o polegar e o indicador. Você não estava à vontade, parado ali na varanda. Mas eu sabia em que estava pensando: estava procurando algum assunto um novo para



conversar, alguma coisa interessante que me atraísse para fora do buraco. Seu cérebro devia estar suado de tanto esforço. Por fim, você se debruçou na balaustrada e soltou um suspiro. Quando falou, foi em voz muito baixa.

— É tão ruim assim? — você perguntou. — Viver comigo?

Abri os lábios e expirei profundamente. Esperei pelo menos um minuto.

— É claro — sussurrei.

Olhando em retrospectiva, talvez houvesse algo mais nessas duas palavras... como uma necessidade de contato, o desejo de usar

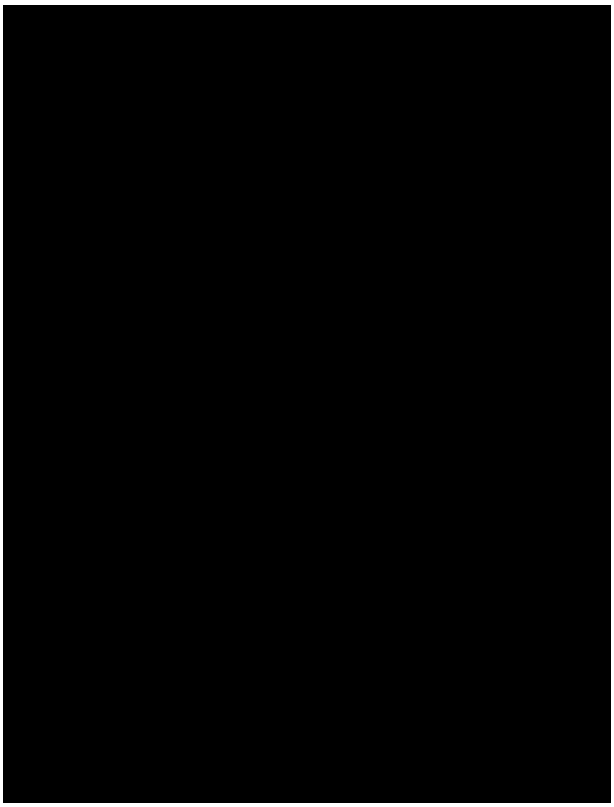
minha voz em vez de me arriscar a perdê-la. Porque era o que parecia naquele momento. Parecia que o vento, que estava soprando a areia, também poderia levar minha voz. Era como se eu estivesse

me espalhando e desaparecendo junto com aqueles grãos.

Você ouviu as palavras. E quase caiu da varanda com o choque. De testa franzida, procurou se recompor e pensar numa resposta.

— Poderia ser pior — você disse.

Você deixou a frase pairando no ar. O que poderia ser pior? Morrer? Nada poderia ser muito pior que estar no meio do nada, olhando para nada... e sem poder fugir. E, até onde eu sabia, eu poderia ser morta a qualquer momento. Fechei os olhos para afastar o pensamento e tentei me lembrar da minha vida em casa. Eu estava ficando melhor nisso. Se me aplicasse o bastante, poderia passar horas recordando as mínimas coisas que fazia durante o dia. Mas você não estava me deixando sonhar. Logo ouvi você chutar os balaústres com as pontas das botas. Depois, começou a marcar um



ritmo com os pés. Abri os olhos. Aquilo não parecia coisa sua. Você normalmente se movia como um gato.

— Pelo menos aqui não há cidades — você disse finalmente.

— Nada de concreto...

— Eu gosto das cidades.

Seus dedos apertaram os balaústres.

— Ninguém é verdadeiro numa cidade — você replicou com irritação. — Nada é real.

Tive um sobressalto, surpresa com sua raiva repentina.

— Eu sinto falta — murmurei.

Enterrei a cabeça nos joelhos, enquanto a constatação de quanto eu sentia falta da cidade se apoderava de mim.

Você deu um passo na minha direção.

— Eu sinto muito pelos seus pais — você disse.

— Sente muito por quê?

Você pestanejou.

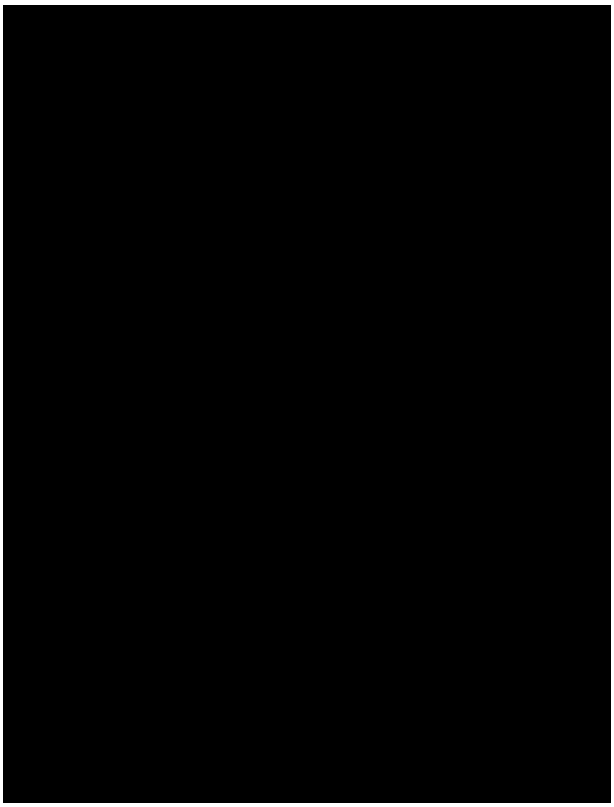
— Por ter deixado que eles ficassem para trás. — Você se sentou na outra extremidade do sofá. Seus olhos penetrantes pareciam perfurar os meus. — Eu gostaria de ter trazido seus pais... se soubesse que isso deixaria você mais feliz, quero dizer.

Eu me afastei, encostando-me o máximo possível na outra ponta do sofá.

Você raspou as tiras de vime com as unhas.

— Mas assim é melhor, só você e eu. É o único jeito de funcionar.

Olhei para o céu novamente, tentando organizar meus pensamentos. Então engoli meu medo.



— Há quanto tempo você estava planejando isso?

Você deu de ombros.

— Há algum tempo. Dois ou três anos. Mas estou observando

você há mais tempo que isso.

— Há quanto tempo?

— Uns seis anos.

— Desde que eu tinha dez anos? Você está me observando

desde essa época?

Você assentiu com a cabeça.

— Com intervalos.

— Eu não acredito em você — eu disse.

Mas alguma coisa dentro de mim estava me dizendo para

pensar no assunto. Havia alguma coisa lá no fundo de minha mente

que, se eu esforçasse um pouco mais, poderia explicar tudo.

Procurei na memória, tentando encontrar seu rosto em algum

recanto dela. Não havia nada de específico, mas lembranças vagas e

nebulosas. Como o homem que minhas amigas viram uma vez,

parado no portão da escola; e aquele dia no estacionamento quando

eu pensei ter visto alguém me espiando, escondido nas moitas... e o

jeito como mamãe cismou que alguém a tinha seguido até em casa.

Era você? Você estava me observando há tanto tempo assim? Claro

que não. Mas havia outra coisa, uma coisa que eu não conseguia

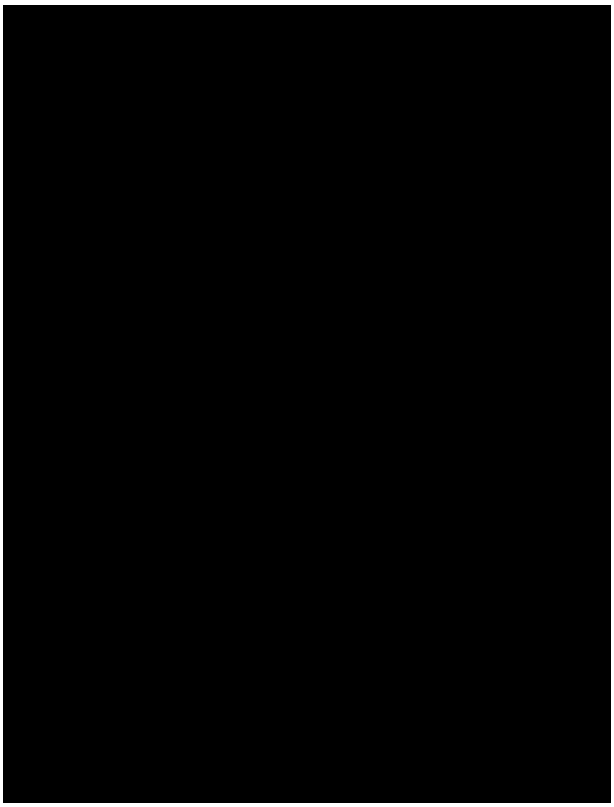
lembrar direito.

— Por que eu? — sussurrei. — Por que não outra pobre-

coitada?

— Você é você. Você me encontrou.

Sustentei seu olhar.



— O que você quer dizer com isso?

Você olhou para mim de um jeito estranho. Quando não reagi

do modo que você esperava, você se inclinou na minha direção.

Havia uma extraordinária intensidade em seus olhos.

— Você não se lembra? Você não se lembra do nosso

primeiro encontro?

Você abanou a cabeça com incredulidade.

— Por que deveria?

— Eu me lembro de você. — Você estendeu a mão como se

quisesse me tocar. Seu lábio inferior tremia levemente. — Eu

realmente me lembro de você.

Seus olhos estavam arregalados. Enterrei o queixo no peito

para escapar deles.

— Isso não aconteceu — eu disse. Minha voz estava trêmula

e baixa. — Isso não é verdade.

Você estendeu mais a mão e agarrou meu ombro. Senti seus

dedos se enterrando na minha pele, me forçando a olhar para você.

— Isso aconteceu — você disse. Seu rosto estava contraído e

seus olhos não piscavam. — É verdade. Você pode não ter se

lembrado ainda. — Você me olhou nos olhos, primeiro no olho

esquerdo, depois no direito. — Mas vai se lembrar — você

murmurou.

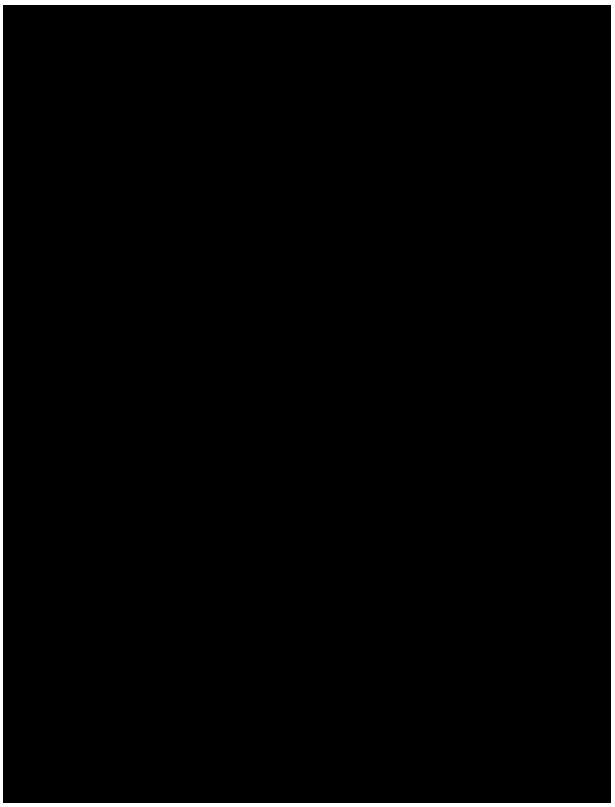
Após alguns momentos, ouvi você engolir em seco. Então

seus olhos começaram a se enevoar e você me largou. Eu me

choquei contra o encosto do sofá. Você se levantou e saiu da

varanda. Ouvi você na cozinha, batendo as portas dos armários.

Repousei a cabeça nos joelhos, tentando ficar pequena. Eu tremia;



minhas pernas estavam arrepiadas, embora eu não estivesse com frio.

Não sei quanto tempo fiquei sentada ali, apenas pensando.

Meus olhos se moviam pela paisagem procurando alguma coisa... alguma coisa diferente que me ajudasse a fugir. Listras alaranjadas começaram a se infiltrar no azul do céu, e o horizonte se tornou cor-de-rosa.

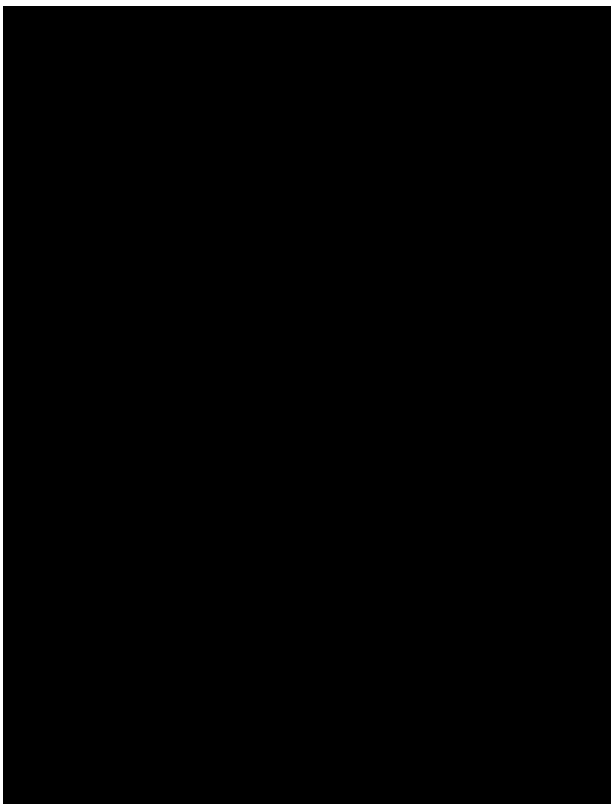
Você apareceu na porta da varanda, olhando, de olhos

semicerrados, o pôr do sol. Trazia um copo d'água em cada mão. Depois ficou parado à porta olhando para mim, esperando que eu olhasse para você. Quando não olhei, veio até o sofá e me estendeu

um dos copos. Eu não o peguei, embora o quisesse desesperadamente. Por fim, você o colocou no chão, perto de mim e se afastou, bebendo sua água. Você não parava de olhar para mim. Acho que estava esperando eu falar de novo. Não sei por quê; você não parecia ser do tipo falador. Mas fiquei olhando para o vento, catando alguns grãos de areia que caíam nos lugares mais inesperados do meu corpo.

— Quem é você? — sussurrei.

Essas palavras eram mais a expressão dos meus pensamentos que uma pergunta. Nem mesmo percebi que tinha falado até que vi



você se esforçando para me responder. Seu rosto estava franzido e enrugado. Você suspirou.

— Só o Ty — você disse. Sentou-se no braço do sofá e esfregou as pontas dos dedos nas sobrancelhas. À luz intensa do sol

poente, seus olhos estavam mais claros do que nunca. Pareciam ter grãos de areia também, soprados até eles pelo vento. — Eu sou daqui mesmo, eu acho.

Sua voz estava baixa e hesitante, muito diferente de como costumava soar. Era como uma tríodia se esfacelando. Pensei em me inclinar para captar suas palavras antes que o vento as levasse embora.

— Você é australiano?

Você meneou a cabeça.

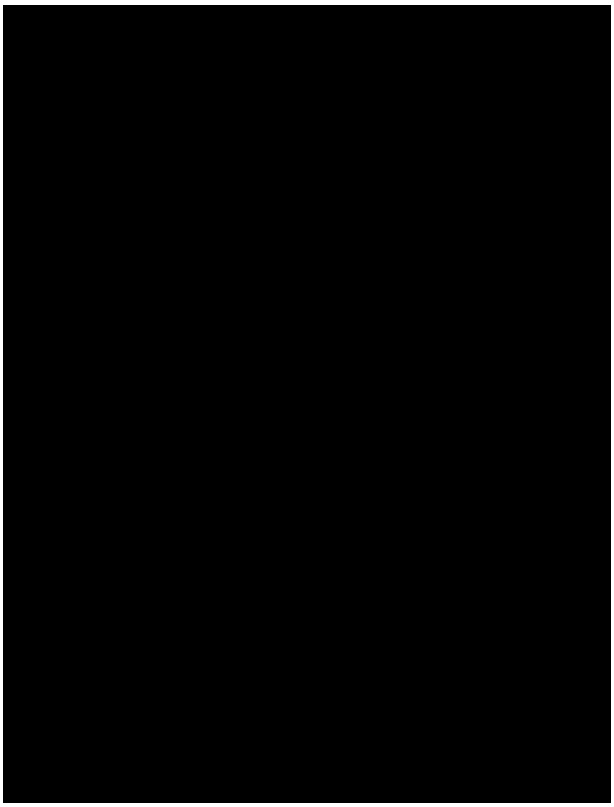
— Acho que sim. Recebi o nome de Ty por causa do riacho que há perto do lugar onde meus pais treparam.

Você olhou para mim, esperando uma reação; eu não o presenteei com nenhuma; apenas esperei você recomeçar a falar.

Achei que você iria fazer isso. Havia alguma coisa em você, uma espécie de energia reprimida que você precisava liberar.

— Minha mãe era bem nova quando nasci — você prosseguiu. — Mas ela e meu pai nunca viveram realmente juntos. Minha mãe era de uma família de bacanas ingleses. Eles me entregaram ao meu pai, voltaram para a Inglaterra e tentaram se esquecer da minha existência. Meu pai foi morar comigo num pedaço de terra com alguns milhares de hectares e um pouco de gado. Minha vida foi essa.

— O que aconteceu?



Observei você remexer no braço da cadeira, procurando uma resposta. Adorei vê-lo pouco à vontade. Era bom, para variar. E em parte eu pensava em usar as informações contra você, depois que fosse resgatada e você fosse jogado na prisão. Você roeu a unha do polegar, olhando o pôr do sol.

— Meu pai foi bem, no início — você disse. — Acho que não estava completamente ferrado naquela época. Até tinha gente trabalhando para ele; uns tosquiadores de ovelhas e uma senhora para cuidar de mim... não consigo me lembrar do nome dela. — Você se interrompeu e tentou se lembrar do nome. — Sra. Gee ou coisa parecida. — Você me encarou de sobrancelhas levantadas. — Que importância tem, não é mesmo?

Dei de ombros.

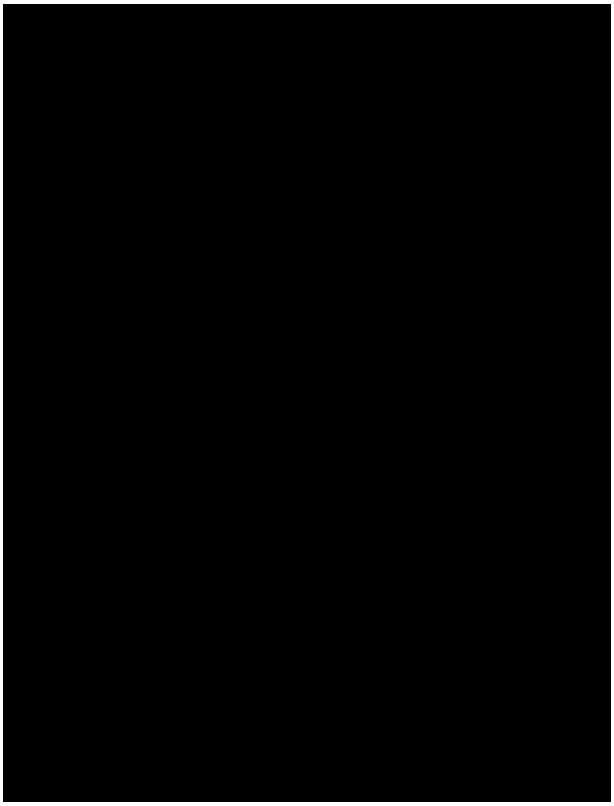
— Ela foi uma espécie de professora para mim. Ela, os vovôs e os tosadores.

— Vovôs?

— Os aborígenes locais, os caras que trabalhavam na fazenda do papai: os legítimos donos deste lugar. Eles me ensinaram sobre a terra, a Sra. Gee tentou me ensinar matemática e mais umas porcarias, e os tosadores me ensinaram a beber. Boa educação, né?

— Você meio que sorriu. — Mas era legal viver lá.

Era estranho ouvi-lo falar tanto; normalmente você só dizia algumas palavras de cada vez. Eu nunca pensei que também tivesse uma história. Até aquele momento você era só o sequestrador. Não tinha razões para nada. Era burro, mau e mentalmente insano. Isso era tudo. Quando você começou a falar, começou a mudar.



— Não havia outras crianças? Quero dizer, enquanto você

estava crescendo?

Você me lançou um olhar penetrante. Eu estava gostando do modo como minha voz soava irritada e exigente, e do modo como o fazia hesitar. Eu estava gostando do poder que isso me dava.

Você abanou a cabeça. Acho que não queria falar mais sobre o assunto, mas também não queria me ignorar, agora que eu finalmente estava falando com você.

— Não, nunca vi outras crianças até sair de lá — você disse.

— Eu achava que era o único no mundo. Quer dizer, a Sra. Gee me dizia que havia outros, mas não acreditava nela. — Sua boca se retorceu no que quase foi um sorriso. — Eu costumava pensar que tinha um poder especial que me mantinha menor que todo mundo.

Nunca pensei que era mais novo que os outros, só menor.

— Você nunca brincou com outras crianças?

— Não, só com a terra.

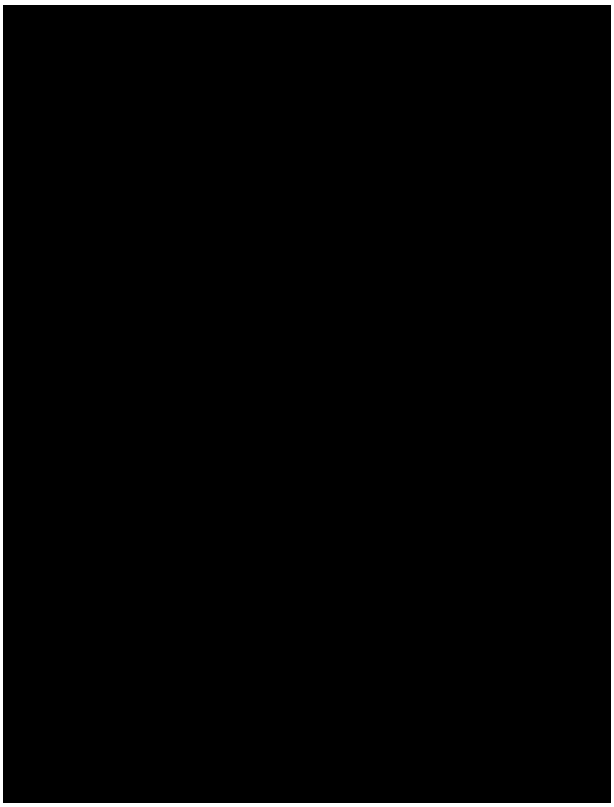
— E seu pai?

Você fungou com ar de desprezo.

— Ele não brincava com ninguém, não depois que minha mãe foi embora.

Fiquei em silêncio enquanto pensava. Quando eu era pequena, vivia cercada de crianças. Ou não? Quando fui para a escola, sim, mas e antes disso? Quando eu realmente pensava no assunto, não conseguia me lembrar de outras crianças. Fui uma

criança doente e minha mãe me mantinha muito presa. Antes de eu nascer, minha mãe tinha tido um colapso nervoso. Foi o que papai me disse. Ela tinha abortado uma vez, duas eu acho; não queria me



perder também. Fiz uma careta quando percebi que fora exatamente isso o que havia acontecido no final. Mamãe tinha me perdido.

Olhei para você, odiando-o novamente. Você acabara de beber a água e estava olhando para o copo vazio na sua mão. Ficou assim por muito tempo antes de falar de novo. E falou com voz tão baixa que tive de me inclinar para ouvir suas palavras.

— Depois de algum tempo, meu pai começou a ir até a cidade para procurar trabalho e outras coisas — você disse. — E começou a vender o gado. Mas não vendia por dinheiro, vendia em troca de bebida e drogas; ele queria esquecer. Então a cabeça dele mudou. Ele nunca mais percorreu suas terras, nunca mais tomou

conta do gado... e nunca mais quis saber de mim.

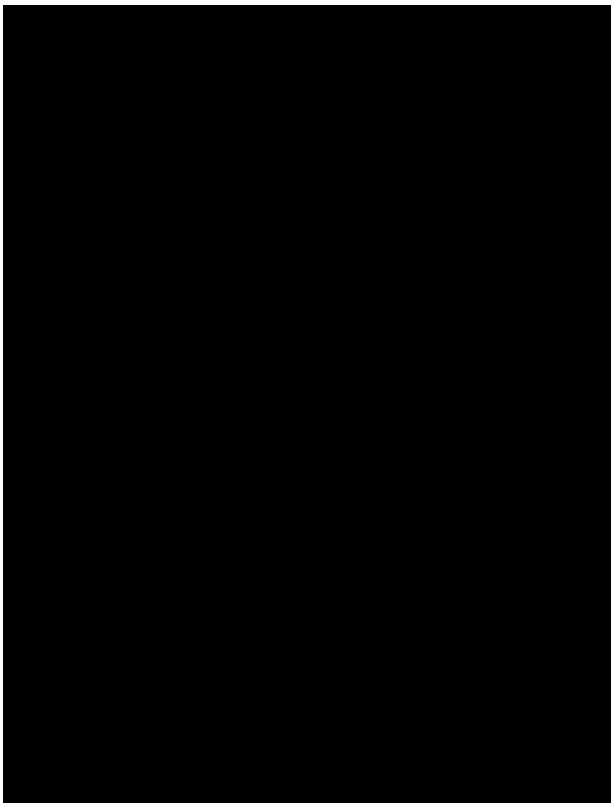
Você olhou para o copo novamente. Parecia que queria pegar

mais água. Não sei exatamente por quê, mas de repente eu queria continuar a conversar com você. Talvez porque estivesse começando a ficar entediada, ou talvez pela necessidade de me comunicar com outra pessoa... mesmo que fosse você. Não sei. Talvez eu só quisesse encontrar falhas na sua história.

— O que você fazia? — perguntei rapidamente. — Nesse tempo todo que seu pai ficava ausente, você devia fazer alguma coisa, não?

Você franziu a testa, tentando entender aonde eu queria chegar.

— Não está acreditando em mim? — você perguntou. Depois bateu repetidamente com o copo no assento de vime enquanto pensava. Por fim, deu de ombros. — Não tem importância.



Você pegou suas folhas e seu papel, e enrolou um cigarro. Os grilos começaram a cantar. Você fumou metade do cigarro antes de voltar a falar.

— Já que você quer saber o que eu fazia — você disse com a voz rouca —, eu corria pelo mato na maior parte de tempo, tentava viver como um vovô. Eu dormia sob as estrelas. Fiquei magro e doente. Ninguém me via durante dias, às vezes durante semanas. Uma vez, fiquei desesperado e matei um bezerro do meu pai para comer. Mas não contei nada para ele. — Você sorriu e, subitamente, seu rosto ficou jovem de novo. — Na maior parte das vezes eu comia lagartos... quando tinha sorte. — Você olhou para o céu como se estivesse buscando alguma coisa lá. — Eu conhecia muito bem essas estrelas, poderia pintar quadros com elas. Elas são uma obra-

prima do jogo de ligar os pontos.

Eu me lembrei das estrelas que tinha visto naquela noite que passei nos Separados, quando tentei fugir. Não seria um lugar tão ruim para se dormir, se não fosse pelo frio.

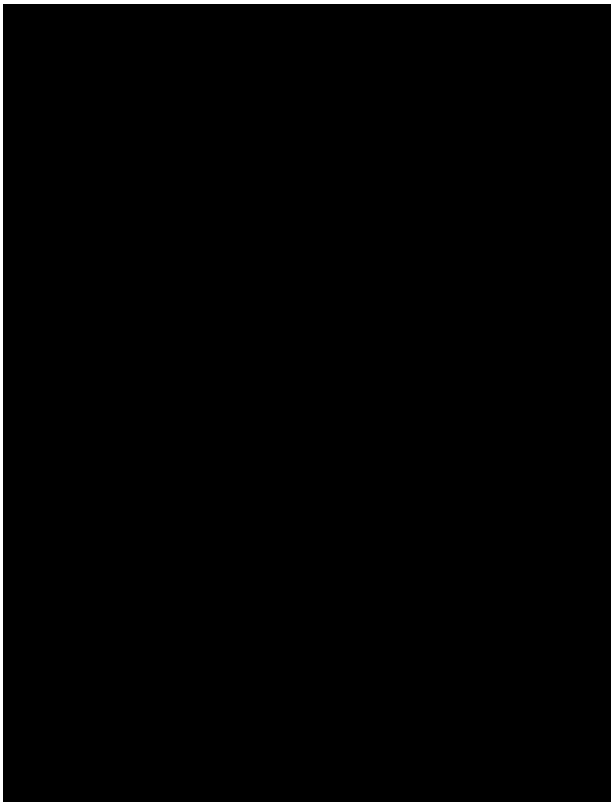
— Como você encontrava água? — perguntei.

— Fácil. Se você observar as plantas, achar água é muito simples... como a nascente nos Separados.

Pensei naquela pequena lagoa e no meu medo de que ela contivesse peixes que comem estômagos.

— Aquela água serve para beber? — perguntei.

Você acenou com a cabeça para o copo que estava aos meus pés.



— Como você acha que isso foi parar aí? Aonde você acha que aquele cano vai? — Você apontou para o longo cano que saía da

casa. — Eu coloquei isso aí.

— Não acredito em você.

— Você nunca acredita em mim.

Você se levantou do braço do sofá e sentou no sofá propriamente dito, perto de mim. Eu me encolhi na mesma hora, mais por hábito que por qualquer outra coisa. Você riu um pouco ao ver isso, e se recostou no sofá; mas não tentou se aproximar mais. Passado algum tempo, recomeçou a falar em voz baixa.

— Depois que meu pai descobriu a cidade e tudo o que existe nela, foi o fim... a fazenda nunca mais se recuperou. Ele se esqueceu das terras e se esqueceu de mim também... demitiu os empregados e

a Sra. Gee. Quando eu dormia na minha cama, às vezes via meu pai, mas não sei se ele me via, com tanta bebida e drogas dentro dele. Nós ficamos assim por algum tempo. Um dia meu pai não retornou da cidade. — Você lançou um rápido olhar para meu copo de água.

— Você vai querer isso? — perguntou.

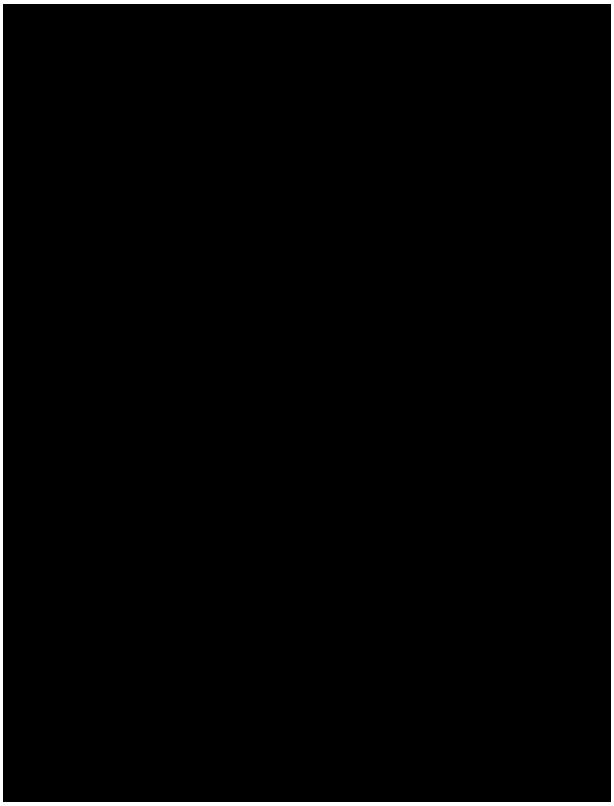
Olhei para a água amarronzada com as partículas escuras boiando na superfície. Abanei a cabeça. Você se inclinou e pegou o copo. Observei você bebendo a água. Seu pomo de adão se mexia como um pistão.

— Como assim, ele não retornou?

Você mordeu os lábios, que ficaram mais úmidos.

— Nunca mais voltou. Desapareceu. Deu o fora, porra!

— Que idade você tinha?



— Na verdade, não sei — você disse. — Eu não comemoro muito meus aniversários. — Uns onze anos, talvez. Todo mundo já tinha saído da fazenda há muito tempo; só eu fiquei lá. Mas demorou um ano até alguém dar por falta de mim e vir me buscar.

— Buscar você? — repeti. Você deu de ombros, encabulado.

— Você não queria que ninguém viesse buscá-lo?

— Não, por que iria querer? Eu ficava melhor sozinho. — Você semicerrou os olhos. — Eu fiz eles me procurarem durante muito tempo. Tentaram de tudo: suborno, outros garotos, o padre. No final me capturaram com uma rede, como se eu fosse um animal. Fizeram até aqueles ruídos com a boca que as pessoas fazem para acalmar bichos. No início eles pensaram que eu não era capaz de falar, falar inglês, pelo menos. Talvez tenham pensado que eu era

um vovô... eu estava muito escuro por causa do sol.

Você sorriu um pouco com a lembrança.

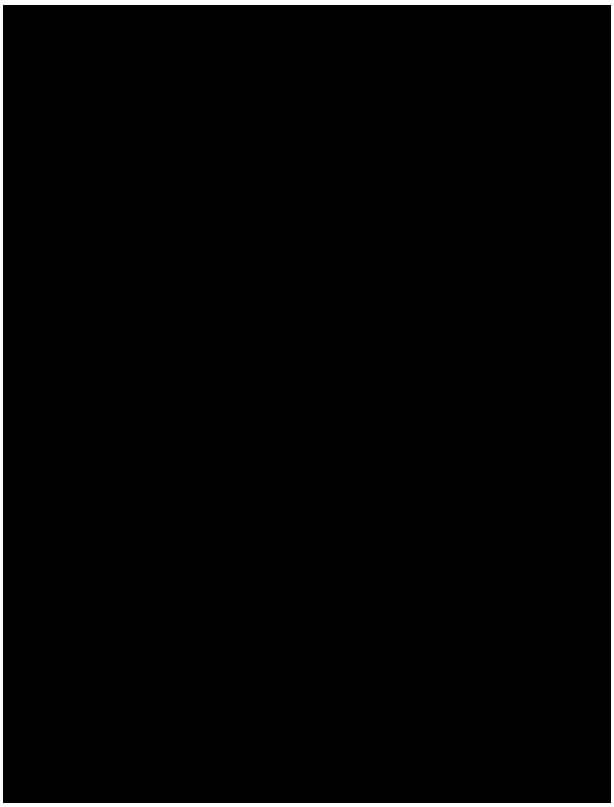
— O que eles fizeram com você?

Seus olhos se enevoaram rapidamente e sua boca se contraiu, como se você estivesse com raiva de mim por eu ter feito a pergunta.

— Eles me levaram para a cidade, me enfiaram na traseira de um caminhão... um desses que servem para transportar animais, sabe? Eles me levaram até aquele asilo de garotos. Me deram um quarto sem janela, cheio de outros garotos. Queriam saber meu nome, mas eu não disse a eles. Eu não disse nada a eles. Assim, eles me chamaram de Tom.

— Tom?

— Sim, por alguns meses. Eles decidiram quantos anos eu tinha e o que eu iria usar. Como não falava com eles, tentaram me



transformar em uma pessoa diferente... eu gostaria que eles nunca tivessem me pegado.

Perguntei a mim mesma o que teria acontecido se não tivessem feito isso. Você ainda estaria correndo pela fazenda do seu pai, mais selvagem que qualquer bicho? Teria desaprendido a falar? Mas talvez isto não tivesse importância para você.

— Quando você começou a falar novamente?

— Quando eles tentaram chamar um psiquiatra para mim.

Eu dei um jeito neles bem rápido. — Você deu de ombros. — Eu aprendi a lutar muito bem naquele lugar.

— Mas eles conseguiram trabalhar com você?

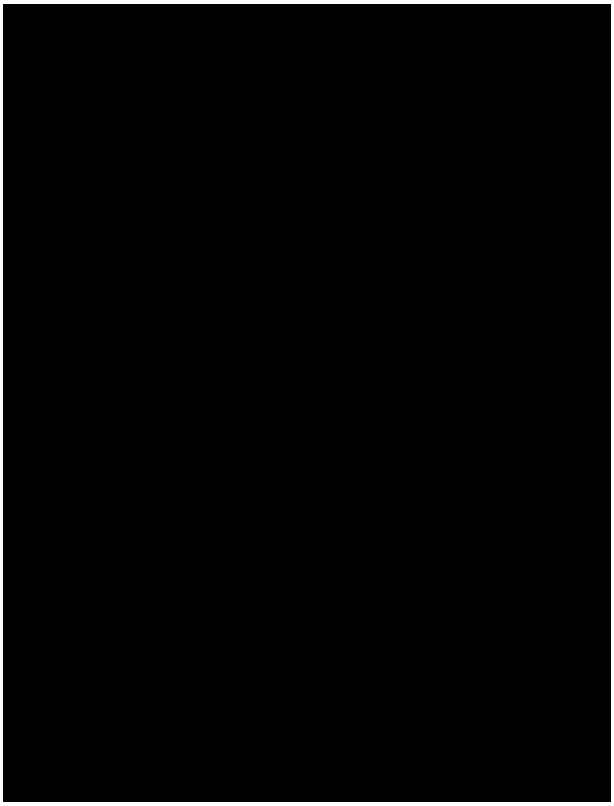
— Eles conseguiram descobrir o meu nome — você retrucou.

— Depois de algum tempo, souberam que minha mãe voltara para a

Inglaterra e meu pai morrera em um bar. Naquela altura, a fazenda já tinha sido leiloada por causa das dívidas. — Ainda me encarando, você apertou o braço do sofá até o vime começar a ranger. — Ninguém sabia quem eu era — você acrescentou. — Não de verdade. Quando eu fui para a cidade minha vida começou de novo, do zero.

Uma profunda ruga se formou no meio da sua testa. Seus ombros estavam contraídos. Eu percebi que estava começando a entender você, a perceber quando estava tenso, irritado ou angustiado. Você massageou as sobrancelhas, atenuando a ruga. Eu me inclinei um pouco na sua direção.

— Então, eles meio que raptaram você — eu disse com voz suave.





Eu me mantive calma e sustentei seu olhar. Seus olhos se transformaram em fendas. Você sabia exatamente o que eu queria dizer. Eles raptaram você assim como você me raptou. Era essa a sua maneira de se desforrar deles?

Você permaneceu em silêncio durante um longo tempo. Mas não desviei o olhar. Assim que percebi que não iria se enfurecer comigo, eu me senti corajosa. Foi você quem acabou desviando o olhar.

— Não — você disse. — Não é assim. Eu salvei você disso tudo. Salvei. Não raptei.

— Eu gostaria que você não tivesse feito isso.

— Não fale assim.

Você olhou para mim de olhos arregalados, com uma

expressão quase suplicante.

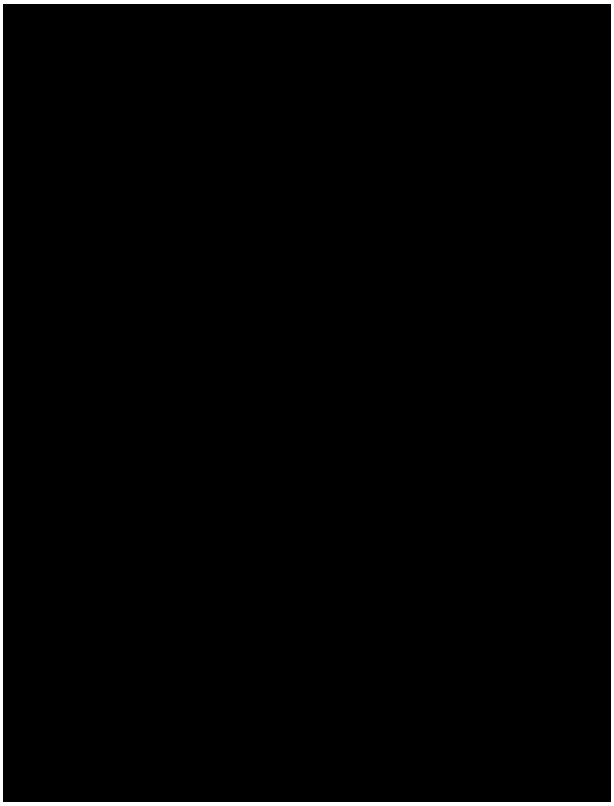
— Este lugar é melhor que o do meu pai — você disse com firmeza. — Ninguém comprou esta terra. E ninguém vai querer esta terra. É uma terra solitária, que está morrendo.

— Então é como eu — eu disse.

— Sim, como você. — Você mordeu o canto da boca. — As duas precisam ser salvas.

Naquela noite não consegui dormir. Mas não havia nada de

incomum nisso. Fiquei olhando para o teto, ouvindo os estalidos e



rangidos da casa. Ela parecia viva. Era um gigantesco animal deitado na areia, e nós estávamos em seu ventre.

Pensei em maneiras de matar você. Imaginei o som gorgolejante que você emitiria quando eu enfiasse alguma coisa afiada no seu pescoço. Imaginei o sangue jorrando sobre as minhas mãos e manchando o piso de madeira. Imaginei seus olhos azuis se tornando imóveis e opacos.

Mas essas imagens não me fizeram dormir. Então pensei nas coisas que diria aos meus pais se pudesse vê-los novamente; na maioria, eram desculpas.

Me desculpem por eu ter quebrado o vaso favorito da mamãe.

Me desculpem por vocês terem me encontrado bêbada naquele dia.

Me desculpem por eu ter discutido com vocês no aeroporto.

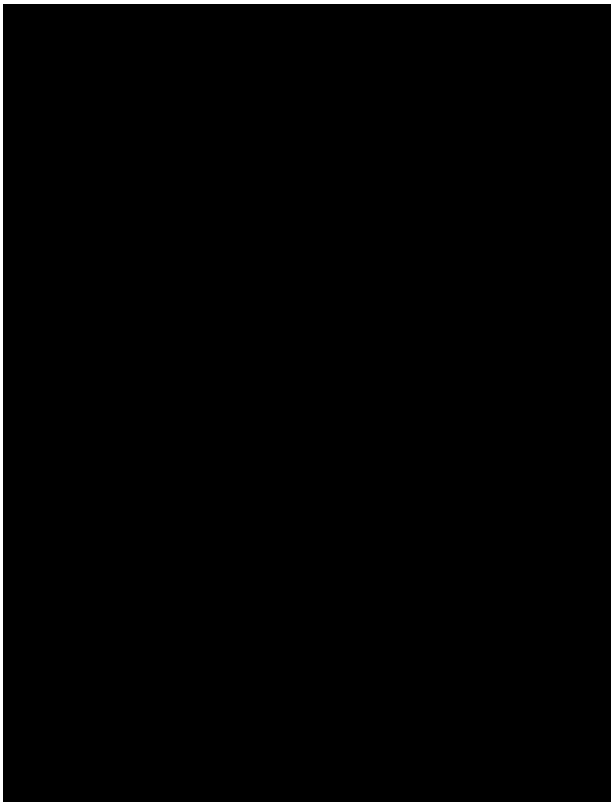
Me desculpem por ter sido sequestrada.

Me desculpem, me desculpem, me desculpem...

De repente, eu estava no parque. Tentando me livrar deste sonho, revirei-me na cama. Mas era tarde demais.

Eu estava caminhando depressa. Um cheiro de terra morna e musgosa enchia minhas narinas... era o que sobrara de um aromático dia de verão. Havia mosquitos esvoaçando ao meu redor, se prendendo nos meus cabelos e entrando nos meus olhos.

Ele estava lá, apenas a alguns metros. Estava ganhando terreno sobre mim. Estava me seguindo. Eu ouvia o roçar de sua calça jeans e o martelar de seus passos. Acelerei. Olhei as árvores e moitas em torno de mim, esperando ver alguma coisa que eu





reconhecesse, mas as árvores eram volumosas e escuras, e as folhas farfalhavam sem parar.

Ele estava tão próximo que eu podia ouvir sua respiração, pesada como um resfriado de verão. Acabei virando para o lado errado e segui em direção à lagoa. Ele fungou. Estava atrás de mim, falando comigo, me pedindo para caminhar mais devagar. Mas comecei a correr. Foi uma coisa boba, na realidade, eu *conhecia* aquele cara. De qualquer forma, a trilha não me oferecia outro lugar para ir — apenas a lagoa. Meus pés escorregavam no chão e minha respiração se tornou ofegante. A água se aproximava rapidamente.

A sombra dele avultou sobre mim e me engoliu, cobrindo minha sombra com sua escuridão. Comecei a correr, tentei pensar

em alguma coisa para dizer... sobre as matérias da escola, sobre Anna ou outra coisa qualquer.

De repente, ele parou. E eu o vi. Só que não era ele, desta vez.

Era você.

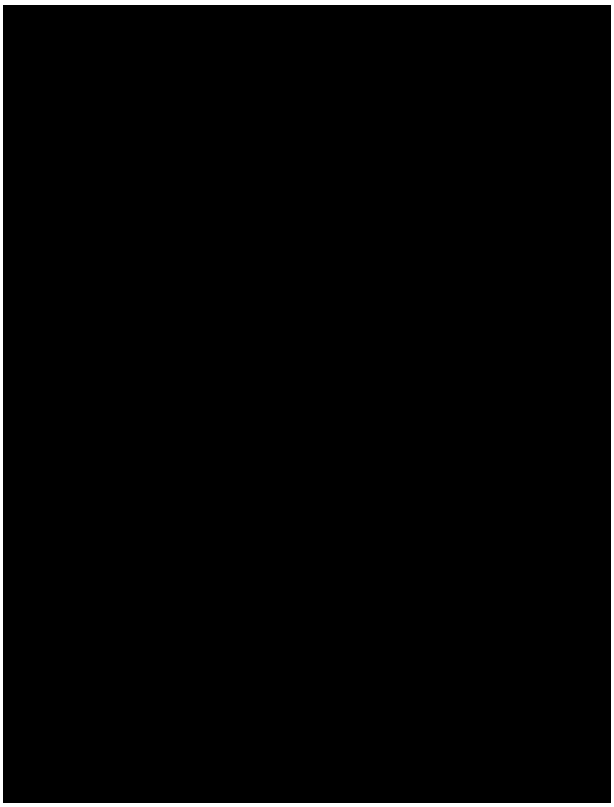
Você estava usando a camisa quadriculada que tinha usado no aeroporto e estava com os braços estendidos. Suas mãos tremiam.

— Por favor, Gemma — você estava dizendo —, por favor...

não faça isso.

Mas eu me afastei de você e corri para dentro da lagoa.

Deixei a água fria me cobrir e fui afundando nas profundezas obscuras, até meus cabelos se prenderem nas plantas aquáticas.



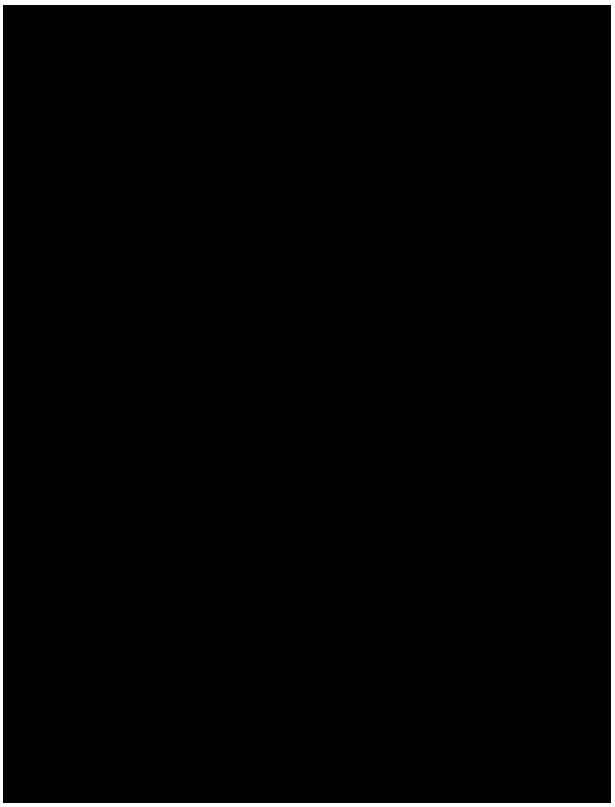
Ouvi um ruído surdo vindo da varanda; o barulho constante de alguma coisa sendo atingida. Abri a porta de tela e me imobilizei, com os pés descalços plantados na madeira. O sol da manhã estava mais suave naquele dia, não tão intenso. Não precisei esperar os segundos habituais para que meus olhos se ajustassem à claridade. Você estava à minha esquerda, vestindo um *short* surrado e uma camiseta fina. Um saco de boxe balançava entre seus punhos e o ar. Eu nunca tinha reparado nele antes, talvez você tivesse acabado de pendurá-lo. Você estava nas pontas dos pés, pulando de leve, socando fortemente o saco com as mãos nuas. Contornos de

músculos se projetavam por baixo de sua camiseta. Não havia nada

macio em seu corpo, nada desnecessário. Você soltava um grunhido baixo quando atingia o saco. Os nós dos seus dedos estavam vermelhos.

Acho que você não percebeu que eu estava ali. Sua expressão era extremamente concentrada e todos os músculos de seu corpo estavam direcionados para os socos. Tremi ao imaginar você me batendo com aqueles punhos duros como pedras, ao imaginar minhas costelas se partindo... as manchas negras na minha pele.

Você continuou a desferir golpes até o suor mudar a cor da sua camiseta. Então imobilizou o saco de boxe e limpou a testa com a camiseta. Tive um vislumbre da sua barriga: era totalmente musculosa. Você andou até uma barra de metal presa num dos lados da varanda e a segurou. Depois içou o corpo até o queixo e o abaixou lentamente. Seus bíceps inchavam a cada movimento,



dando a impressão de que sua pele iria estourar. Você era o homem mais forte que eu já tinha visto. Poderia me matar com facilidade, se quisesse. Poderia me estrangular com um leve aperto, ou estourar a minha cabeça com um simples soco. Não havia nada que eu pudesse fazer. Uma faca cega embaixo do colchão não era páreo para você.

Mais tarde, segurei a faca que tinha tirado da cozinha. Testei seu gume fazendo um corte no dedo. Imaginei que era a sua garganta que eu estava seccionando. Uma gota de sangue caiu e

manchou o lençol. Depois me inclinei sobre a base da cama e fiz mais alguns cortes. Achei que tinham se passado dezesseis dias, mas fiz uma marca extra, para o caso de estar enganada. Dezessete dias.

Você estava no quarto quando eu acordei.

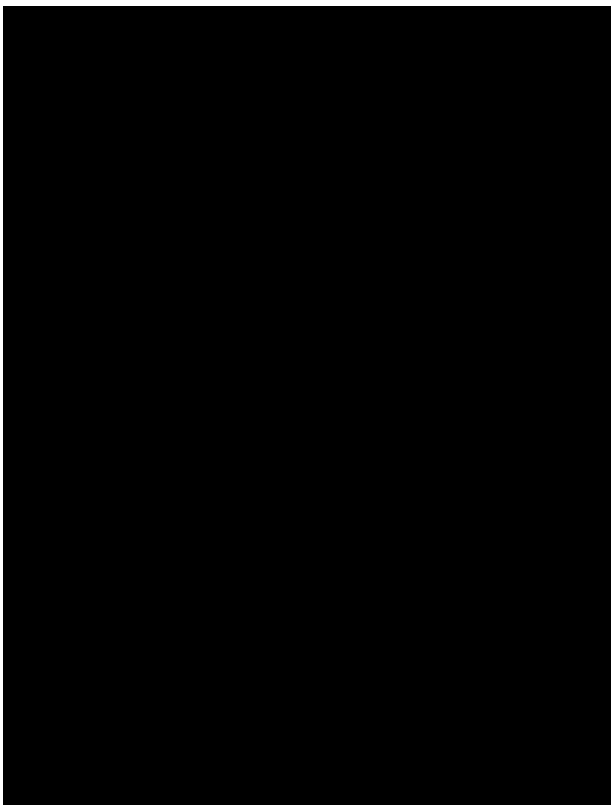
— Está pronta para ver os Separados? — você perguntou. —

Vou levar você lá hoje.

Franzi a testa.

— Já vi os Separados.

Rolei para o outro lado, tentando esquecer minha fracassada tentativa de fuga, mas você contornou a cama, de modo a poder me ver para onde quer que eu me virasse. Você estava sorrindo enquanto me olhava.



— Você não viu direito — você disse. — Não comigo.

Depois saiu do quarto. Quando me levantei, um bom tempo depois, você estava na cozinha à espera. Quando me viu, abriu a porta.

— Venha — você disse.

Então segui você. Não sei bem por quê. Poderia dizer que foi porque não tinha nada melhor para fazer a não ser olhar para quatro paredes, ou porque queria fugir de novo. Mas acho que era mais do que isso. Quando eu estava dentro da casa me sentia como se estivesse morta. Quando estava com você pelo menos sentia que minha vida tinha alguma importância... não, não é bem isso, sentia que minha vida estava sendo notada. Parece estranho, eu sei, mas eu sabia que você gostava da minha companhia. E esta era a melhor

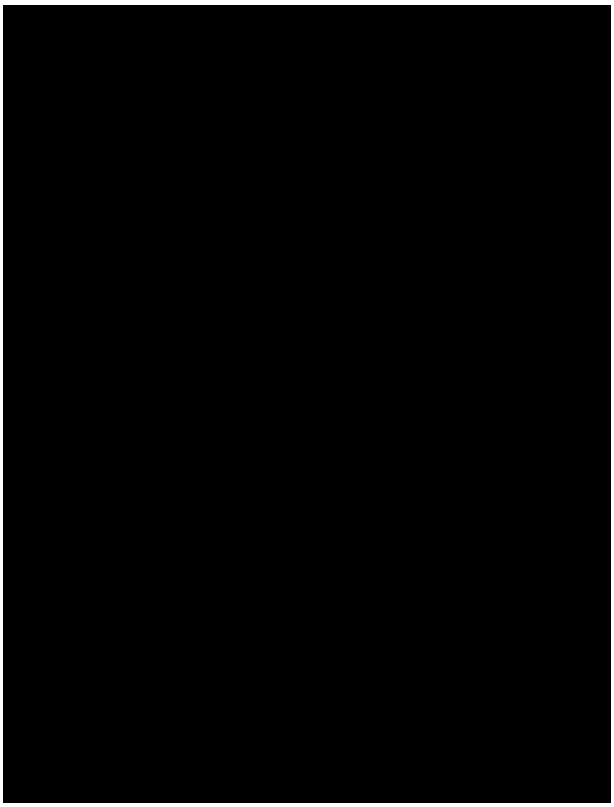
alternativa — a sensação de vazio que ameaçava me sufocar a cada hora que eu passava dentro daquela casa.

Você foi na frente. Quando chegou à cerca, puxou o pedaço que tinha cortado para eu passar para o outro lado. Caminhamos em silêncio até chegarmos à entrada da trilha. Você parou, com a mão repousando no tronco de uma das árvores que cresciam nas pedras. Fiquei um pouco para trás, mantendo um metro ou dois entre nós.

— Não está com medo? — você perguntou. — De entrar aqui?

— Eu deveria estar? — Olhei para outro lado. — O que você vai fazer?

— Nada, só que... — você abanou a cabeça rapidamente. — Um dos empregados de papai me disse uma coisa um dia. Ele me



disse que há espíritos nas pedras daqui: que as pedras têm uma razão para existir, um propósito... disse que se eu não respeitasse as pedras, elas iriam cair e me esmagar. Essas histórias me deixavam morto de medo. — Você deu mais uns passos e parou no início da trilha. Olhou então para os rochedos que se agigantavam ao seu lado. — Desde essa época eu sempre cumprimento as rochas antes de entrar... e espero um pouco para elas saberem que estou aqui. Você arranhou as pedras com o dedo, soltou um pouco de poeira e a esfregou entre o polegar e o indicador. Depois tocou os lábios. Antes de começar a andar pela trilha, olhou para mim. Esperei alguns segundos e segui você, mantendo uma boa distância. Minhas pernas tremiam um pouco, me fazendo cambalear. Uma vez mais, apoiei as mãos nas grandes paredes

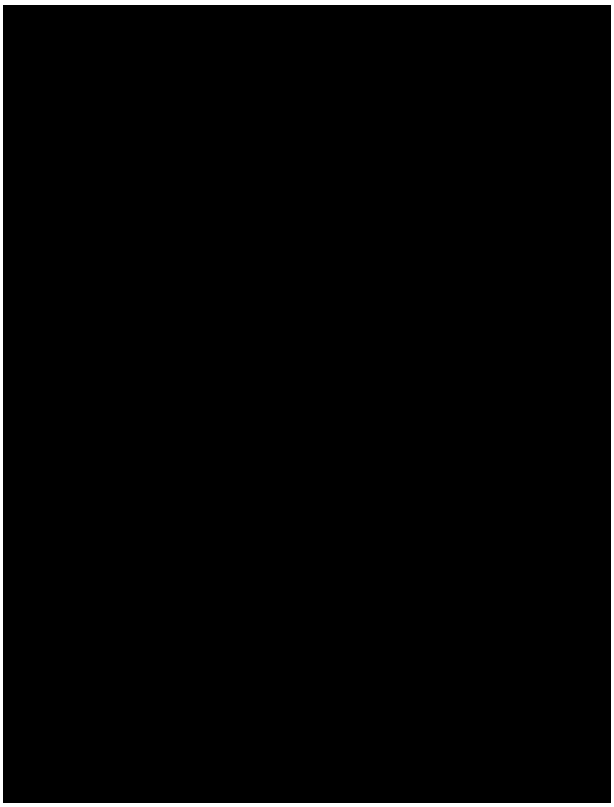
rochosas e caminhei com uma perna de cada lado do cano. Eu não gostava do gemido baixo que o vento fazia ao passar entre as pedras. E detestava pensar que aquela trilha através dos rochedos parecia ser o único caminho de saída. Tinha a sensação de que estava entrando em uma armadilha.

Você andava rápido. Quando cheguei à clareira, já estava encostado numa árvore de casca rugosa, rodopiando uma coisa entre os dedos.

— Noz-do-deserto — você disse.

Você a estendeu para mim. Parecia uma pedra e era igualmente dura. Bati com a unha em sua casca.

— Elas falam quando são cozidas — você disse. — Quando as conchas delas explodem no fogo, elas estão falando com você... é o que as pessoas dizem Na primeira vez que cozinhei essas pedras,



achei que eram os espíritos dos rochedos me dizendo que eu iria morrer.

Você deu um sorriso torto. Depois pegou a noz de volta e a enfiou no bolso. Antes de se afastar da árvore, deu uma palmada no tronco.

— Nogueira-do-deserto... ela nos dá doces, sal, castanhas... e abrigo também. É a nossa maior amiga aqui.

Você atravessou a clareira e foi até as gaiolas com as galinhas. Abrindo a porta da gaiola principal, depositou um punhado de sementes e frutinhas em um canto. Depois verificou o suprimento de água. As galinhas se precipitaram em direção à comida. Você tateou a gaiola em busca de ovos. Ao não encontrar nenhum, deu um muxoxo.

— Elas ainda não estão saudáveis — você murmurou. — Ainda estão abaladas com a viagem.

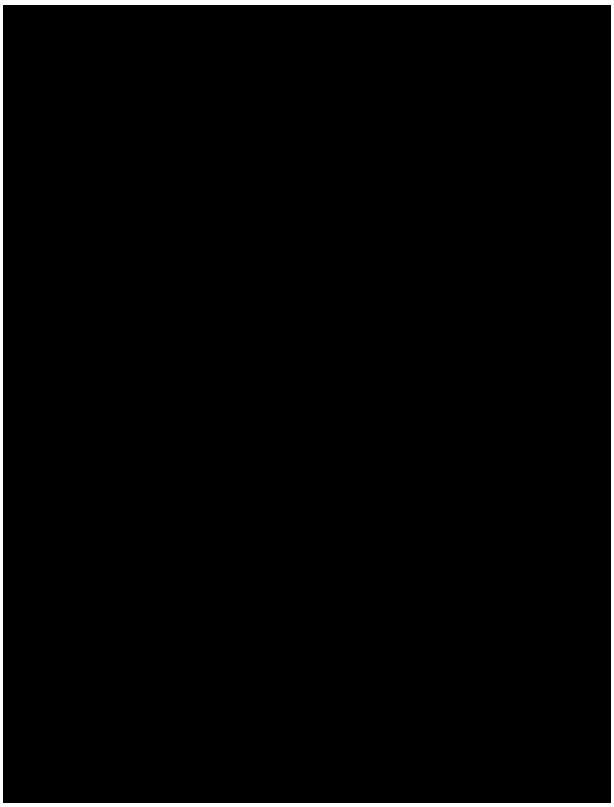
Você afagou as galinhas e falou com elas em tom suave. Olhei sua mão deslizar delicadamente pelos finos pescoços. Com um pouco mais de pressão, suas mãos poderosas as estrangulariam.

Você fechou a porta. Enfiei o dedo pela grade e toquei nas penas da ave cor de laranja.

A seguir, você examinou as plantas, checando se estavam sendo bem abastecidas pelos canos de água.

— Laranjas-do-mato, tomates-do-mato...

Você falava com as plantas como se elas fossem suas amigas, me informando os nomes delas. E remexia nas folhas e nos frutos, procurando sinais de doenças ou de insetos.



Depois se dirigiu à lagoa, seguindo o cano de água. Você atravessava confiantemente as touceiras de mato, fazendo bastante barulho.

— Tem cobras aqui? — perguntei.

Você assentiu.

— Mas se você fizer bastante barulho, elas vão embora. Na verdade, elas sentem medo.

Embora contra a minha vontade, segui você mais de perto.

Todos os raminhos que havia no chão me pareciam cobras, até você pisar neles e quebrá-los.

Na lagoa, você se debruçou sobre o galho que tinha

interrompido a minha marcha anteriormente. Você passou a mão sobre sua casca lisa.

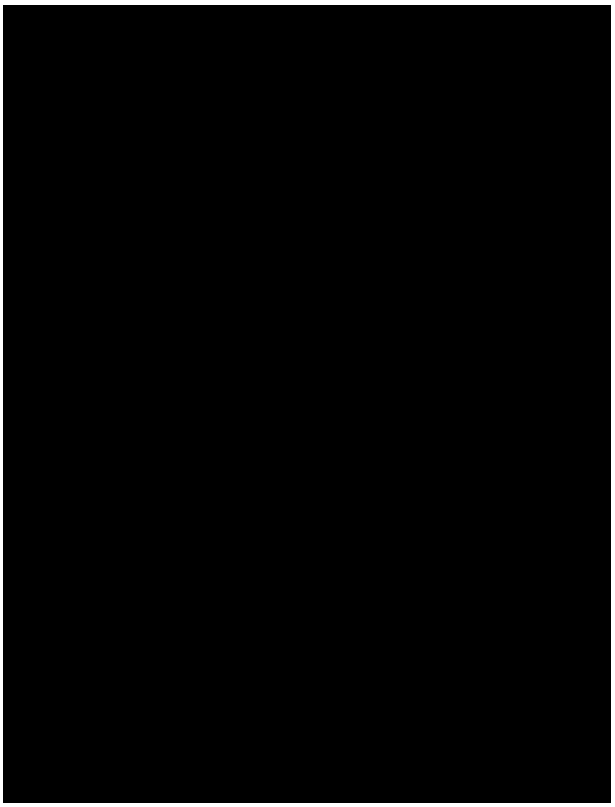
120

— Este é o Vermelhão — você disse, como se estivesse me apresentando. — É o cara que ajuda a filtrar a porcariada da nossa água.

Você se ajoelhou à beira da lagoa e enfiou a mão na água, seguindo o cano. Depois, com um rápido movimento, tirou a camisa.

— Vamos nadar? — você perguntou. — Preciso checar a nascente.

Abanei a cabeça vigorosamente, obrigando meus olhos a se desviarem de você. Cada centímetro do seu peito era firme e moreno. Eu nunca tinha visto antes ninguém tão bronzeado, tão perfeito, mas sabia que sua força não era uma coisa boa; as batidas do meu coração aceleravam quando eu pensava no que você poderia fazer comigo. Olhei para o chão. Vi grandes formigas negras



andando em torno das minhas botas e subindo nelas. Espanei uma delas, que tentava alcançar meu tornozelo.

— Pode sentar aí — você disse, acenando com a cabeça em direção às formigas. — Provavelmente não vão morder.

Você entrou no laguinho. Olhei para você uma vez, antes que mergulhasse. Suas costas eram bronzeadas e retas, e seus músculos ondulavam a cada movimento que você fazia.

Outra formiga tentou subir na minha perna, mas dei um peteleco nela. Um pássaro acima de mim emitiu um som que me fez pensar na risada de uma bruxa. Afora este ruído, tudo permaneceu em silêncio.

No caminho de volta, o único som que ouvimos foi o de

nossos passos sobre a areia. Eu precisava quebrar o silêncio, a

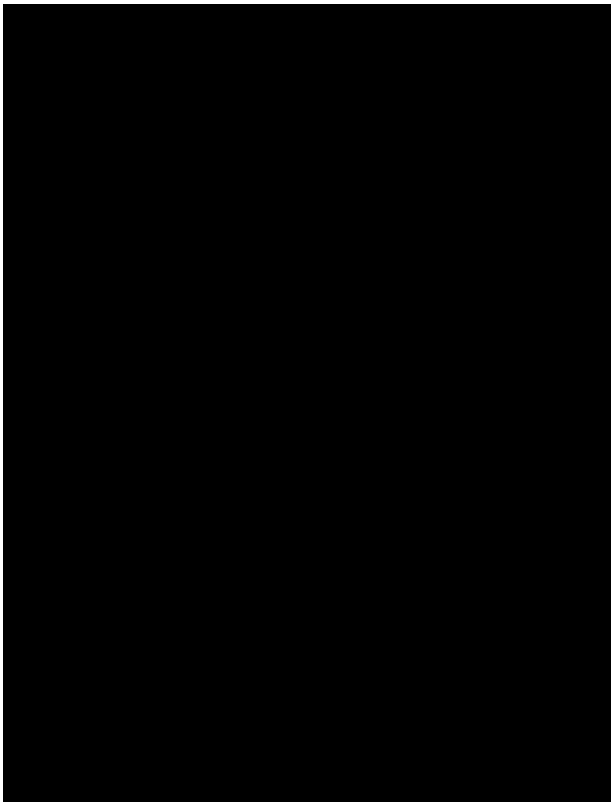
quietude daquele lugar.

— Posso alimentar as galinhas? — perguntei. — De vez em quando?

Você me olhou bem devagar, meio que rindo, depois meneou levemente a cabeça.

— Por que não? — você disse. — Talvez com você elas ponham ovos.

Sua camisa estava enrolada em seus ombros. Seu corpo ainda estava molhado. Gotas de água salpicavam sua pele. Quando nos aproximamos de casa, passei à sua frente. Não queria que me visse olhando para você.





Décimo oitavo dia. Você não estava esperando quando me levantei. Abri a porta da cozinha e me sentei no degrau improvisado. Olhei para a areia, para a areia e para a areia. Esperei; pelo quê não sei. O dia ficou mais quente. As moscas zumbiam em volta de minhas orelhas. Uma névoa de calor cobria o céu.

De repente, uma revoada de coisinhas minúsculas passou voando. Silvavam e guinchavam como crianças brincando. Tentei distinguir o aspecto daqueles pássaros. Tinham mais ou menos o tamanho do meu punho. Seus dorsos eram cinzentos, e os bicos, vermelhos. Após descreverem alguns círculos em torno da casa, dispararam em direção aos Separados. Passei horas esperando que

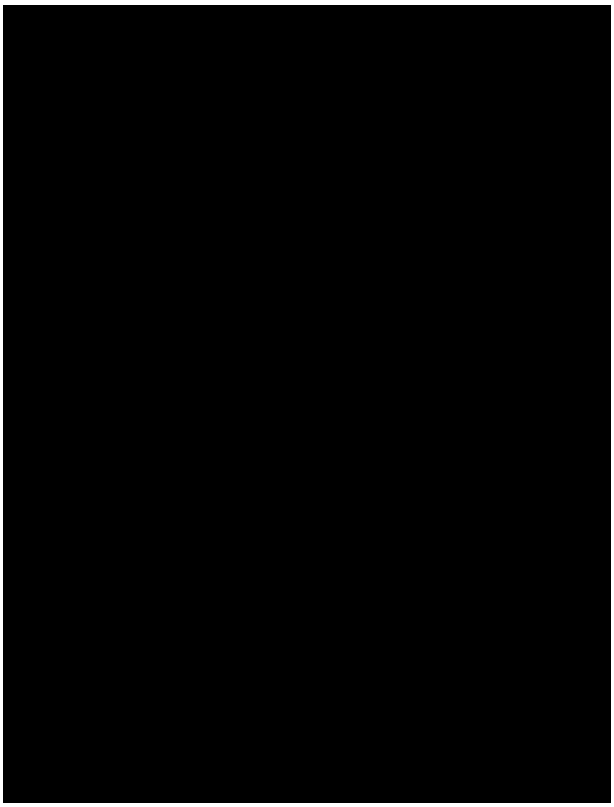
retornassem.

No dia seguinte, você estava esperando por mim.

— Vamos — você disse.

Acompanhei você. Estava começando a odiar o silêncio daquela casa; começando a odiar a depressão passiva na qual eu estava mergulhando. Mas você não se encaminhou para os Separados. Seguiu em direção aos galpões. Fui junto.

— Não quero entrar aí — eu disse, quando você parou ao lado da porta onde você tinha me empurrado.



— Venha — você replicou. — Preciso lhe mostrar isso.

Você abriu a porta e entrou no galpão. Fiquei parada no degrau, olhando para dentro. Você caminhou até a extremidade oposta e abriu as cortinas. O sol se derramou pela janela e iluminou o ambiente multicolorido; a areia, as flores, as folhas e a tinta. Aquilo me pareceu uma mixórdia, no início, com tudo espalhado por toda a parte. Imediatamente, meus olhos procuraram por algo que pudesse me machucar. A única coisa que vi foi uma pilha de pedras, a um canto. Quando você caminhou na direção delas, fiquei tensa e me preparei para correr.

Mas você não pegou nenhuma pedra. Abriu uma garrafa com água e despejou algumas gotas nelas. Então raspou as superfícies molhadas e aparou o pó num pequeno pires, onde acrescentou mais

água, obtendo uma pasta marrom-escura.

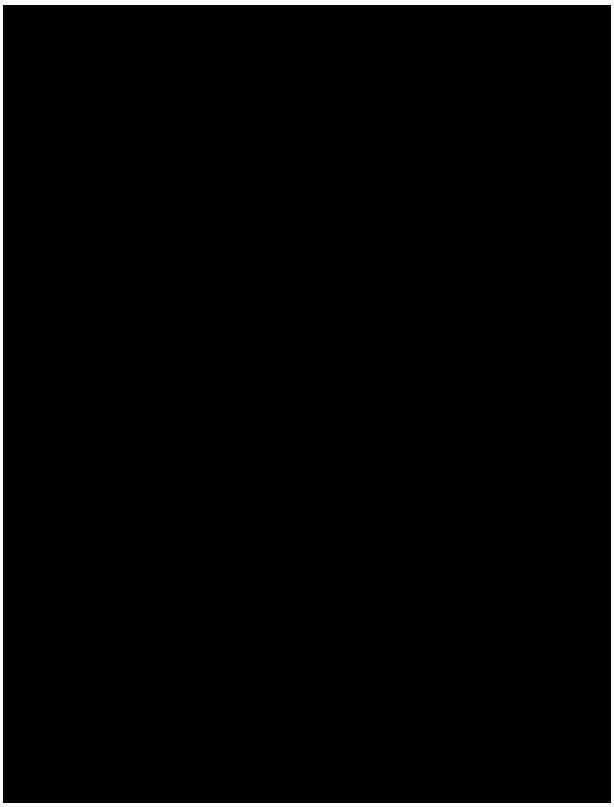
— O que você está fazendo? — perguntei.

— Tinta.

Perto de mim havia uma cesta de vime contendo folhas, frutinhas e flores. Você se aproximou e recolheu cuidadosamente algumas frutinhas vermelhas, que transformou em pasta também. Você trabalhava de forma rápida e metódica, coletando diferentes partes do ambiente e as transformando em tinta. Como o sol estava começando a queimar minha nuca, dei um passo para dentro e me encostei na parede.

Você sentou no chão e esticou as pernas nuas à sua frente.

Pegando um pincel que estava atrás das pedras, você o molhou na pasta cor de ferrugem e começou a pintar um dos pés. Pintou linhas finas e longas. Lembrava um pouco a textura de uma casca de



árvore. Você trabalhava de testa franzida. Vendo-o de cabeça baixa, concentrado, não senti medo. Mas ainda o observava com cautela.

— Quanto tempo você vai me manter aqui? — perguntei baixinho.

Você não levantou a cabeça.

— Eu já lhe disse — você respondeu. — Vou manter você aqui para sempre.

Não acreditei em você. Como poderia? Se eu me permitisse acreditar nisso, poderia muito bem cair morta ali mesmo. Dei um suspiro. Estávamos chegando à metade do dia, quando o calor se tornava insuportável, quando até mesmo dar alguns passos se tornava uma façanha olímpica. Continuei a observá-lo.

A pintura em seus pés logo se estendeu por seus tornozelos e

pernas. Você pintou folhas nas canelas e folhas de capim pontiagudo, vermelhas, nas panturrilhas. Você sorriu quando notou que eu estava olhando.

— Não se lembra de ter me encontrado, não é, naquela primeira vez? — você perguntou.

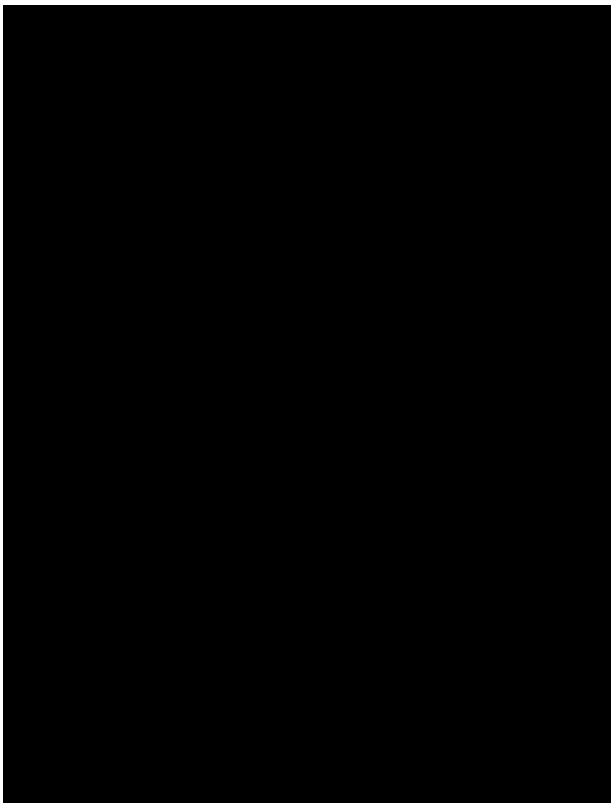
— Por que deveria me lembrar? — eu disse. — Isso não aconteceu.

Você terminou de pintar as gramíneas e preencheu o espaço entre elas de preto, usando um pedaço de carvão.

— Era a Páscoa — você começou. — Era primavera e o sol

estava iluminando os galhos das árvores. Não estava frio. As prímulas já estavam brotando. Você tinha ido ao parque com seus pais.

— Que parque?



— O Prince's Park. No final da sua rua.

Deslizei pela parede e me sentei no piso, chocada com o que você sabia a meu respeito. Seus olhos perscrutavam os meus, se recusando a acreditar que eu não me lembrava. Você falava devagar, como se isso pudesse forçar a lembrança a aparecer na minha cabeça.

— Seus pais estavam lendo jornais em um banco, em frente aos rododendros. Eles tinham comprado uma patinete para você brincar, mas você largou a patinete na grama e foi até os canteiros de flores. Eu ouvi você conversando com os narcisos e as tulipas;

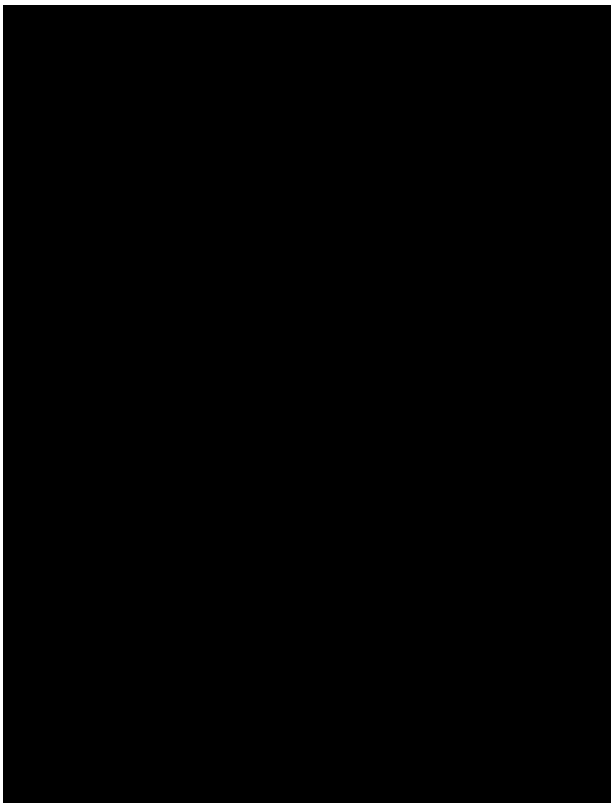
você cochichava com as fadas que viviam dentro das pétalas. Cada flor tinha uma família diferente morando nela.

Abracei minhas pernas. Ninguém sabia disso. Eu não tinha

contado nem a Anna sobre essas brincadeiras. Você percebeu minha perturbação, pareceu satisfeito consigo mesmo e continuou a falar.

— Você andou pelo canteiro de flores, cumprimentando cada família pelo nome... Moses, Patel, Smith. Mais tarde, descobri que eram sobrenomes de crianças da sua escola. Bem, você passou pelos rododendros e se aproximou dos arbustos... os *meus* arbustos. Foi onde você me encontrou, com os objetos que eu tinha roubado e meia garrafa de birita; eu já devia estar meio bêbado. Mas estava observando e escutando você. Tinha gostado das suas historinhas.

— Você sorriu ao se lembrar. — Você me perguntou se eu estava procurando ovos de Páscoa. Nós conversamos. Você me falou sobre as fadas que moravam nas flores. E eu lhe falei sobre os Min Mins: os espíritos que vivem nas árvores, aqui na Austrália, e roubam crianças perdidas. Você não ficou com medo de mim, como muita



gente ficava naquela época... você me tratou como se eu fosse uma pessoa comum. Eu gostei disso.

Você se calou enquanto desenhava uma forma oval na coxa, com pintinhas marrons no meio.

— O ovo de tordo que eu lhe dei — você disse, apontando para o desenho —, eu encontrei embaixo de um carvalho. Tinha um buraco na ponta, por onde eu tinha chupado a gema naquela manhã. Não sei por que guardei a casca... acho que foi para te dar.

— Enquanto eu observava, você pintou de amarelo-claro o interior da forma oval. — Os tordos são passarinhos ferozes — você disse.

— Eles defendem as casas deles até a morte.

Senti meu coração bater mais depressa. Eu estava me lembrando. Claro que sim. Mas como você sabia desse incidente?

— Era um vagabundo que estava naquelas moitas — eu disse. — Um homem magro, velho e cabeludo, provavelmente maluco. Não era você.

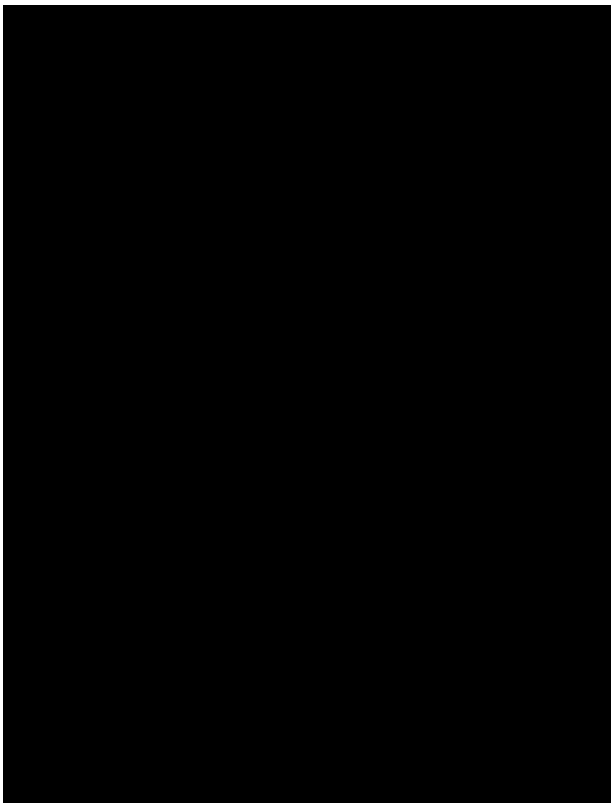
Você sorriu.

— Você disse que o meu teto de flores cor-de-rosa era o teto mais bonito que você já tinha visto.

— Não! Era só um vagabundo que eu encontrei. Não era você. Você está enganado.

Você mordeu a ponta do dedo polegar.

— É impressionante o que uma vida dura na cidade pode fazer. — Você arrancou uma lasca de unha e a cuspiu para o lado. — Mas você era uma criança naquela época. Eu iria parecer velho para você de qualquer maneira, apesar de mal ter entrado na idade adulta.



Limpei as palmas das mãos na camiseta. Eu me sentia pegajosa. Você notou, mas continuou a falar, se divertindo com minha perturbação.

— Você disse que aquele era o melhor ovo de Páscoa que já tinha encontrado. Você segurou o ovo na mão como se fosse a coisa mais preciosa que existisse. Eu me lembrei de como eu era antes, quando vivia aqui... me lembrei de encontrar uma coisa selvagem e saber que aquilo era importante, que servia para alguma coisa. — Você desenhou outro círculo no joelho e o preencheu com pintinhas.

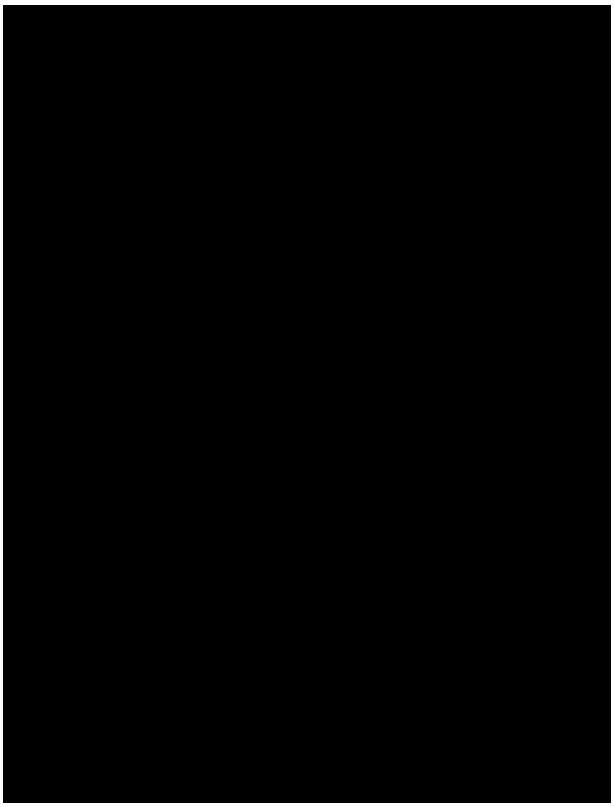
— Isso me fez perceber qual era o meu lugar... não era num parque da cidade, cheio de bebida barata, mas aqui, na terra que eu conhecia, com as coisas verdadeiras. — Você cobriu o joelho com mais círculos, ainda sem olhar para mim. — No dia seguinte, eu

encontrei o ninho de onde tinha tirado o ovo de tordo. Estava abandonado e destruído, mas eu sabia que você iria querer aquele ninho. Encontrar o ninho, encontrar você... foi um sinal.

— Como assim, ―sinal‖?

Minha garganta estava tão apertada que eu tinha dificuldade em articular as palavras. Eu me lembrava de um ninho de tordo. Eu tinha encontrado um ninho no parapeito da janela do meu quarto, certa manhã. Nunca soube de onde viera. Tentei engolir em seco. Você estava me observando, meneando a cabeça para alguma expressão que tinha detectado em meu rosto.

— Um sinal de que uma pessoa pode fazer uma coisa diferente... — você prosseguiu. — Que pode ser fisgada por uma droga mais poderosa que o álcool. Então comecei a pensar no que realmente queria da vida. E é isso... pintar a terra, viver aqui, ser



livre... — Você girou o braço indicando tudo o que havia ao redor. Uma gota de tinta caiu do pincel. — Encontrar você, portanto... acho que foi o primeiro passo para fazer tudo isso acontecer... eu arranjei emprego, aprendi a construir, pesquisei...

Um som baixo e sufocado saiu da minha garganta, interrompendo você. Cerrei os punhos e apertei os nós dos dedos contra o piso de madeira.

— Você é doente — eu disse entredentes. — Você ficou obcecado por uma menina de dez anos e a sequestrou seis anos depois? Que espécie de monstro...

— Não — sua boca se contraiu. — Não foi assim que aconteceu. Eu não estava obcecado... — Seu rosto estava petrificado, o rosto de um assassino. — Você não sabe a história toda.

— Nem quero saber.

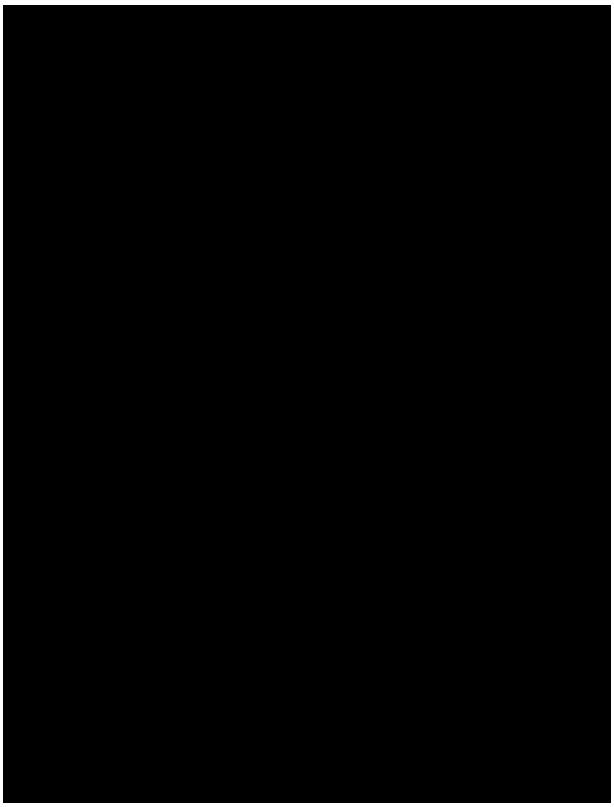
Você deixou o pincel cair no chão e atravessou o galpão a passos largos. Engatinhei pelo chão, em direção à porta. Mas você se curvou e agarrou minha perna.

— Me solte!

Você me puxou.

— Não vou largar você, e você vai aprender uma coisa a meu respeito. — Sua voz estava firme e serena, mas seu queixo estava tenso. Senti um acre cheiro de terra em seu hálito, senti seus dedos me apertarem. — Eu não sou um monstro — você rosnou. — Você era uma criança. Eu só quis você mais tarde.

Você pestanejou e olhou para outro lado, subitamente hesitante.



Tentei me libertar. Chutei seu joelho. Mas você prendeu meus braços contra o meu corpo, como se eu fosse um passarinho, interrompendo meu voo.

— Eu vi você crescer — você disse.

Sacudi os ombros, mas você era forte demais. Eu mal conseguia me mexer.

— Todos os dias seus pais pressionavam você para ser como eles — você continuou —, pressionavam para que você levasse uma vida sem sentido. Você não queria isso, eu sei que não queria.

— O que você sabe a respeito dos meus pais? — berrei.

Você pestanejou de novo.

— Tudo.

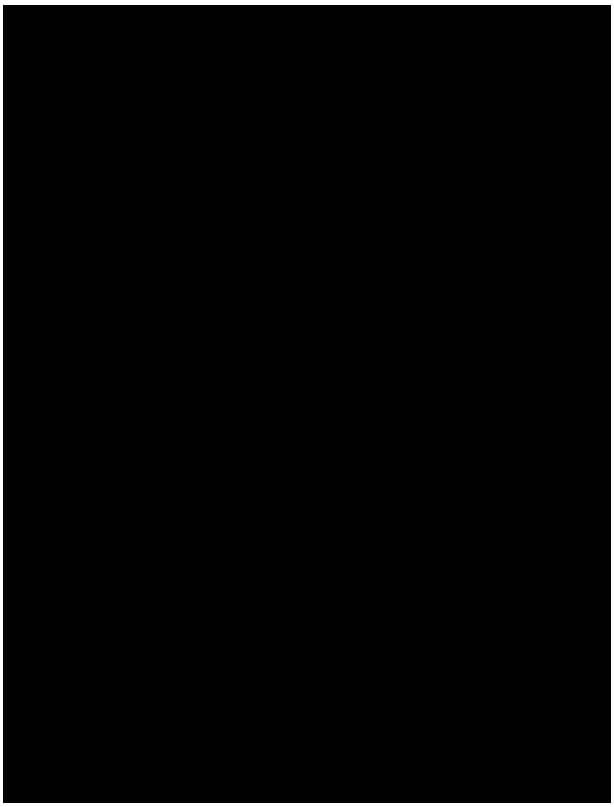
Juntei cuspe na boca e cuspi em você.

— Você é um mentiroso — eu disse.

— Eu não minto — você disse. — É como as coisas são.

A cusparada atingiu seu queixo. Você me largou para limpá-lo. Na mesma hora me levantei e recuei na direção da porta. Você se virou para o outro lado, me ignorando. Pegando o pincel, deu algumas pinceladas raivosas nas costas da mão. Naquele momento, seus olhos azuis pareciam sobre-humanos. A intensidade deles me fez dar outro passo em direção à porta. Mas eu ainda não tinha terminado. Havia mais uma coisa que eu precisava saber. Fiz força para que minhas pernas parassem de tremer. Cerrei o punho e o apertei, para controlar o medo.

— Como você sabe tudo isso? — Encarei você, desejando matá-lo apenas com o poder do olhar. Depois me virei e bati com o punho na parede. — Você não pode saber disso tudo!



Senti lágrimas nos olhos, prestes a se derramarem. O silêncio pairava no ar como o calor. Você se levantou e veio até onde eu estava.

— Eu observei você por muito tempo — você disse. — Eu estava curioso, nada mais. Era só que... você se parecia comigo quando eu era mais novo. Você parecia não se enquadrar. — Você suspirou e passou a mão pelas sobrancelhas. — Você não consegue se lembrar da minha presença lá, nunca?

— Claro que não! É tudo uma mentira idiota.

Bati com o punho na parede novamente, hesitando ao ver que os nós dos meus dedos estavam vermelhos e esfolados.

— Gem — você disse calmamente. — Eu conheço você, eu vi você... todos os dias.

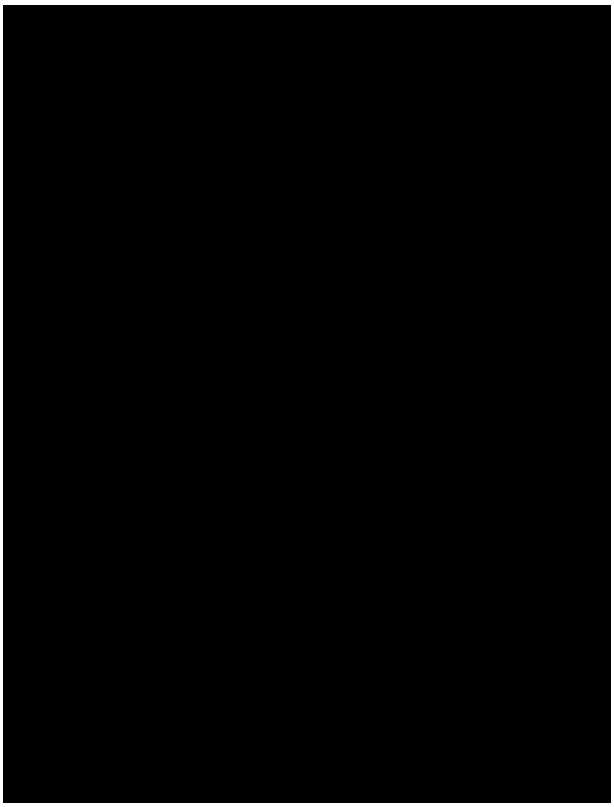
Cerrei os dentes, incapaz de olhar para você. Pensei nas vezes que andei nua pela casa, achando que não havia ninguém lá. Pensei em quando Matthew Rigoni veio junto comigo para casa depois que nos embriagamos no parque.

— O que você viu? — murmurei. — *Como?*

Você deu de ombros.

— O carvalho perto do seu quarto, a janela da garagem, a casa dos vizinhos quando eles viajavam para a Grécia, e eles viajavam muito para a Grécia... e o parque, é claro. É mais fácil do que você pensa.

Seu rosto estava próximo de mim. Próximo o bastante para que eu lhe desse um tapa. Jesus, como eu queria. Queria estapear, chutar e socar você até você se transformar num pedaço de bosta. Queria que você se sentisse como eu estava me sentindo. Mas você



se aproximou ainda mais, segurou minha mão e a afastou da parede. Depois passou o polegar pelas partes esfoladas da minha pele. Minha mão estremeceu e eu apertei os dedos com mais força.

— Não me toque — gritei.

Você deu um passo para trás.

— Eu sei quem você é, Gem.

Então eu gritei e dei um soco no seu estômago. Com força.

Tomei distância e golpeei você de novo. Atirei todo o meu peso contra você, sem parar, colidindo contra seu peito duro e firme.

Naquele momento eu não me importava com o que fizesse comigo.

Só queria machucar você. Mas você nem pareceu notar. Apenas agarrou meu braço e o torceu para trás das minhas costas. Depois pôs os lábios tão próximos ao meu ouvido que se me mexesse

encostaria neles.

— Eu sei como eram as coisas... — você sussurrou — As noites em que ficava em casa sozinha porque seus pais estavam trabalhando até tarde... seus amigos enchendo a cara no parque e você sem saber se iria se juntar a eles. Josh Holmes batendo na janela do seu quarto à uma hora da manhã... — Você largou meu braço. — Você era mesmo feliz na cidade?

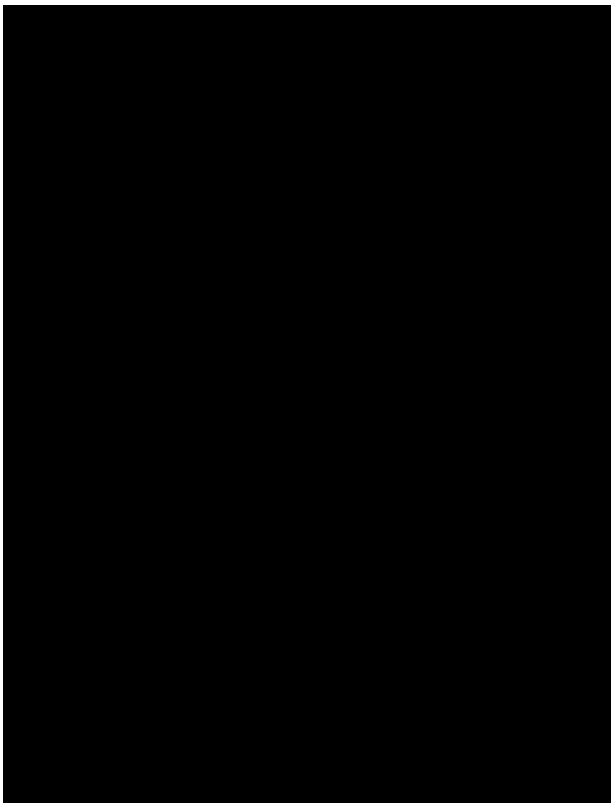
— Pare com isso!

Você deu um passo para trás.

— Só estou perguntando — você disse. — Você tinha realmente uma vida perfeita? Tem mesmo saudades dela... dos seus pais, dos seus amigos, disso tudo?

Você sustentou meu olhar. Eu meneei a cabeça.

— Claro que sim.



Mas minhas palavras soaram como uma tosse.

Você voltou para o lugar onde estava pintando. Cobri os dedos machucados da mão direita com a mão esquerda e tentei me acalmar. Não tinha percebido o quanto estava tremendo. Você mergulhou um novo pincel num pires de tinta verde e começou a desenhar padrões nos dedos dos pés.

— Você sabe que o que estou dizendo faz sentido — você disse. — Seus pais são uns idiotas. A maior preocupação deles é ganhar dinheiro, fazer a casa parecer um *showroom* e aparecer nos jornais de domingo. Eles estavam moldando você também, moldando você para ser uma versão deles. Eu salvei você disso.

— Não!

Rangi os dentes com força suficiente para quebrá-los.

Você deu de ombros.

— O quê? Eu ouvi você dizer isso a eles várias vezes.

— Eu sou filha deles.

— E daí?

— Eu posso.

Você limpou o pincel no *short*.

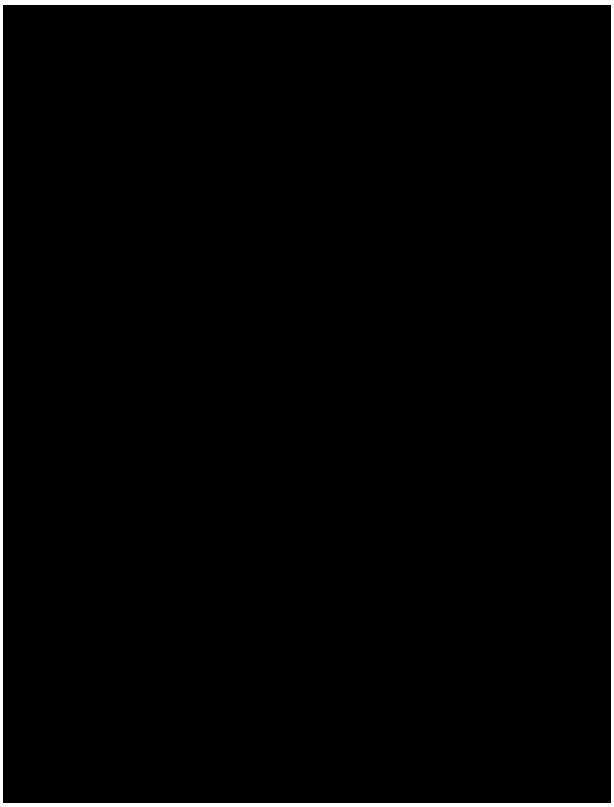
— Reconheça, Gem, eles gostam mais de trabalhar, comprar coisas caras e ter amigos influentes do que de você. Eles só gostavam de você quando você se comportava como eles.

— Isso é besteira.

Você ergueu uma sobrancelha.

— Eles deixaram de comparecer à cerimônia de entrega dos prêmios da sua escola para irem buscar um carro novo.

— Eu não ia receber nenhum prêmio.



— Mas você teve que ir, e os pais de todo mundo estavam lá.

— E você também, ao que parece.

— É claro. — Você deu de ombros e pintou minúsculos pontinhos verdes na base do dedão do pé. — Mas entendo por que eles são assim. Eles só querem reconhecimento, querem se enquadrar... é o que a maioria das pessoas quer.

— Exceto aberrações como você — cuspi.

Seus olhos faiscaram.

— Eu quero liberdade — você disse simplesmente. — Você não obtém liberdade imitando a vida dos seus pais, você só se ferra.

— Veias pulsavam em seu pescoço. Você engoliu em seco lentamente, sem deixar de olhar para mim. — Eu vi coisas que você não viu, lembra? — você disse baixinho, com os dedos crispados no

pincel. — Ouvi conversas que você não ouviu.

Tapei as orelhas com as mãos.

— Você está tentando me envenenar — murmurei. — Tentando me dizer que sabe mais da minha vida do que eu.

— Talvez eu esteja. Quer que eu fale dela para você? — Você se pôs de pé, com o rosto tenso. — Para começar, eu sei que seus pais querem se mudar, sem você... sua mãe falou com seu pai sobre isso. Disse que você poderia ir para o internato da escola.

— Isso não é verdade.

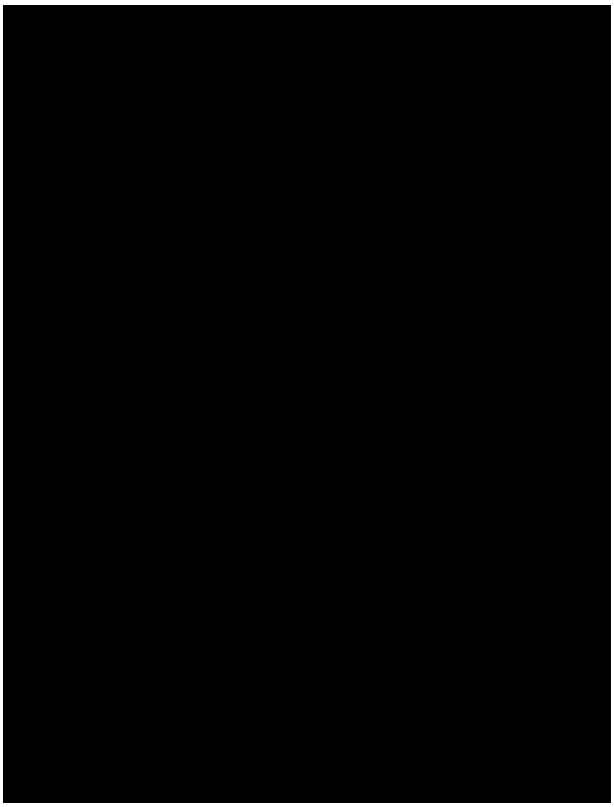
— Tudo bem, então. E o que você me diz do Ben?

— O que tem ele?

— Anna sabia o que você sentia por ele, e não estava

gostando disso... ela não confiava em você.

— Não.



— E Josh Holmes?

A surpresa me deixou sem palavras.

— Eu sei exatamente o que ele queria fazer com você, até

onde ele pretendia ir... eu vi Josh seguir você, vi as mensagenzinhas

nojentas que ele escreveu.

— É mentira.

Você me encarou.

— Eu não acertei tudo até agora?

Dei alguns passos para trás; quando senti a parede me

encostei nela. Era a segunda vez que você mencionava Josh.

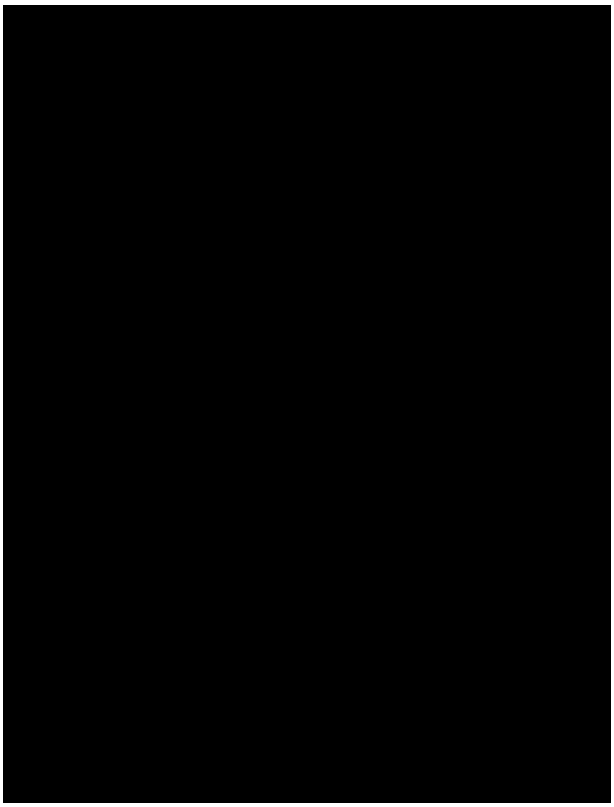
— Ele gostava de você, *realmente* gostava de você. Ele contou a Anna como desejava você.

— Você seguiu Josh também?

— Eu segui todo mundo. — Você olhou para o pé e continuou sua pintura. — Mas você nunca precisaria se preocupar com Josh. Não realmente. Eu teria quebrado a cabeça dele antes que ele abrisse a braguilha.

Abanei a cabeça, enquanto pensamentos me assaltavam a cabeça. Seria bom se você tivesse quebrado a cabeça de Josh... assim você estaria na prisão, Josh estaria no hospital e eu estaria em casa. Perfeito. Apoiei-me mais na parede e tentei digerir tudo aquilo. Ainda queria acreditar que você estava falando besteira. Mas tudo, tudo o que você sabia fazia sentido. Fechei os olhos e desejei que você desaparecesse para sempre.

Mas então pensei numa coisa. Perguntei a mim mesma se alguém teria suspeitado de Josh quando eu desapareci. Ele poderia ter sido o suspeito óbvio, embora eu duvidasse que alguém pudesse



acreditar que ele se daria a tanto trabalho para me sequestrar. Talvez a polícia o tivesse interrogado, achando que ele era meu amigo ou meu namorado. Talvez ele tivesse sido preso. Tremi: mesmo com Josh a milhares de quilômetros de distância, pensar nele ainda me dava arrepios... principalmente pensar nele bancando o amigo preocupado.

— Onde você vivia? — perguntei.

— Kelvin Grove.

— Você vivia no abrigo?

Seus olhos relancearam os meus.

— Vivi por algum tempo.

— É perto de onde Josh mora.

— Eu sei.

Você não tirou os olhos de sua pintura quando falou.

— Você acha que eu e ele éramos cúmplices? — Você riu um pouco. — Talvez ele tivesse mais sorte com você se eu lhe desse uma ajuda, já que sozinho nunca conseguiu nada.

— Você espionou ele?

— Claro.

— Falou com ele?

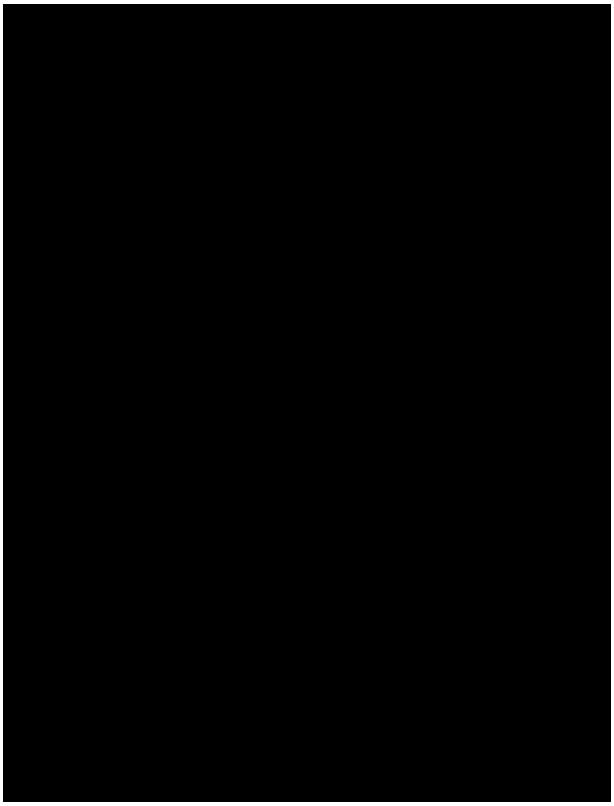
— Uma vez.

— E...?

Aguardei sua resposta com impaciência. Apesar de tudo, estava curiosa para saber o que você tinha dito ou feito.

— Eu disse que era o seu anjo da guarda.

— Você falou mesmo com ele, cara a cara?



Minha mente trabalhava a todo vapor, pensando que se Josh

tivesse visto você, ele poderia descrevê-lo à polícia, e isso poderia ser uma pista. Os policiais poderiam fazer um desses desenhos de criminosos e enviar para o *Crimewatch*. De alguma forma, eles encontrariam você. Encontrariam nós dois.

Pensei em Josh com um pouco mais de atenção, tentando descobrir o que ele faria. Ele era bastante medroso, mas não creio que fosse desonesto. E não iria querer ser suspeito. Mas será que se apresentaria à polícia? Pelo menos poderia informar sua altura, descrever sua voz ou coisa assim. Naquele momento, ele parecia ser minha única esperança. Era estranho pensar em alguém que eu detestava como minha única esperança.

— A polícia vai acabar me encontrando — eu disse. — Você

não vai me segurar aqui para sempre.

Sua testa se enrugou um pouco, e você parou de pintar.

— E se você simplesmente me deixasse ir embora? — continuei. — Ou se cansar de tudo isso? — sugeri, mantendo uma entonação casual, tentando uma tática diferente. — Olhe, eu posso arranjar ajuda para você, ou dinheiro. Papai conhece muita gente... médicos, advogados...

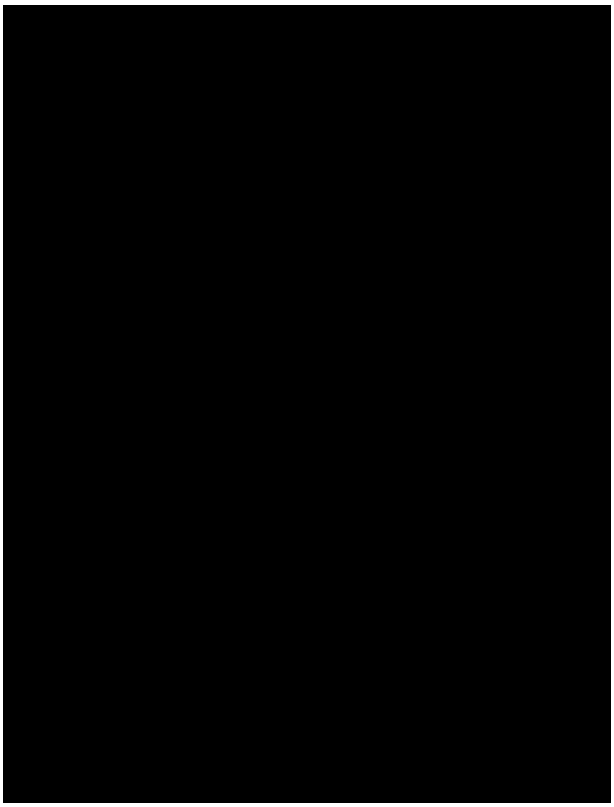
Você não me deixou terminar. Em um segundo se pôs de pé.

— Você acha que é isso o que eu quero? — Sua voz falseou.

Você me estendeu o pincel. — Pinte a sua mão — você disse, agora com firmeza. Não era um pedido. Você me estendeu também um

pires com tinta cor de terra. Vi uma veia pulsar em sua garganta e seu queixo se contrair. — Agora se pinte.

Abanei a cabeça, muito levemente.



— Não — sussurrei.

Você pressionou o pincel na minha pele.

— Eu quero que você desenhe na sua mão — você disse devagar, pronunciando cada palavra com cuidado. — Como eu.

Ao ver que eu não me mexia, você se inclinou e cobriu minha mão direita com a sua, mantendo o pincel entre o indicador e o polegar. Seu aperto era forte e rude. Minha mão cedeu como um monte de farrapos. A pressão era tanta que minha pele parecia geleia. Você moveu o pincel até as costas da minha mão esquerda. Uma fria gota de tinta caiu sobre a minha pele.

— Não — eu disse de novo.

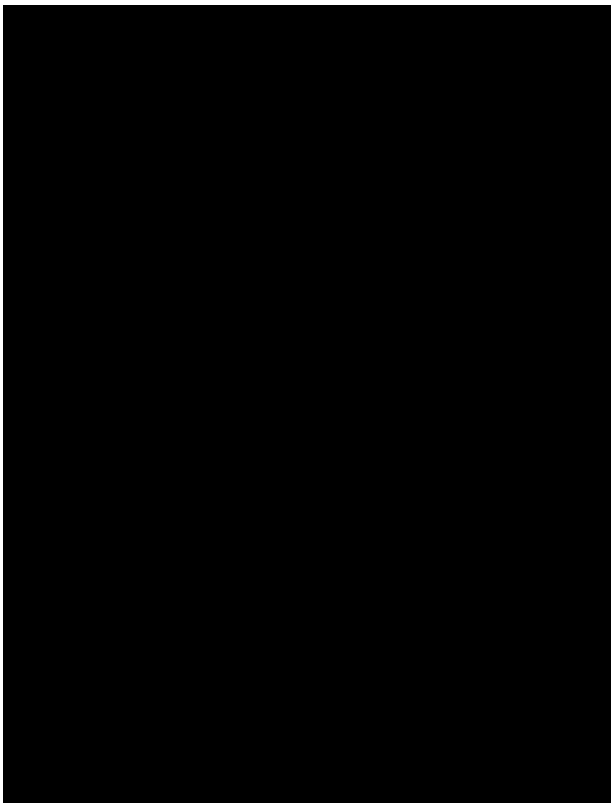
De repente, consegui livrar minha mão do seu aperto. O impulso me fez derrubar o pires e a tinta se derramou no seu pé,

cobrindo os padrões que você tinha desenhado.

— Sua...

Você levantou o braço, ao mesmo tempo em que engolia a palavra ―vagabunda‖. Eu me encolhi, observando seu punho. Mas você chutou o pires, que se estilhaçou na parede. Seus olhos refulgiam de loucura. Você queria me bater. Mas em vez disso sorriu. Ou tentou sorrir. Era como se seus olhos e seu sorriso estivessem lutando um contra o outro. Raiva contra autocontrole. Seu punho cerrado tremia.

— Vamos dar um passeio de carro amanhã? — Sua voz estava melodiosa e falsamente feliz, mas seu olhar era duro — Talvez você consiga aprender a apreciar isso tudo. Se você tiver sorte, talvez a gente pegue um camelo.



Você não esperou uma resposta, mas me deixou sozinha no seu galpão de pintura, com a tinta derramada escorrendo ao meu redor. Permaneci ali, sentada, em meio ao mar pardacento. Estava tremendo. Demorei um longo tempo até retornar à casa.

Há uma coisa que os assassinos sempre fazem nos filmes de terror: antes de esquartejarem as vítimas de modo criativo, dão um passeio de carro com elas até algum local deslumbrante. Isso acontece em todos os filmes, pelo menos naqueles com assassinatos

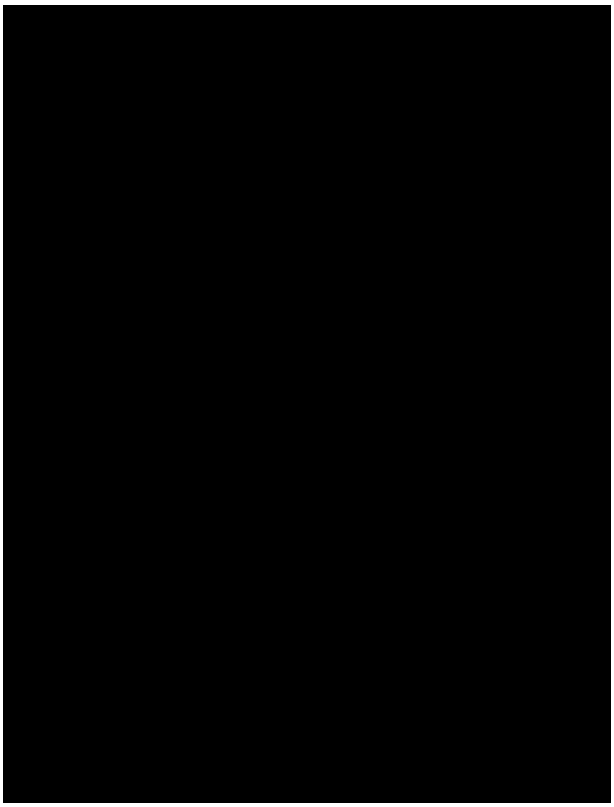
em lugares remotos. Foi o que pensei quando você me acordou na manhã seguinte.

— Vamos dar um passeio na caminhonete — você disse. —

Para pegar um camelo.

Era muito cedo, como indicava a luz rosada e o frescor do ar.

Eu me vesti e enfiei a faca no bolso do *short*. Ouvi você se movendo pela casa. Depois você saiu e ligou a caminhonete. Eu não estava acostumada com tanto barulho. Levei algum tempo para me preparar. Duas coisas eu sabia. A primeira: uma viagem dessas poderia significar uma boa oportunidade para fugir. A segunda: poderia significar que eu jamais retornaria.



Você estava carregando a caminhonete com caixas e mais caixas de comida e equipamentos. Eu não queria que você se descontrolasse como na noite anterior. Portanto, decidi falar.

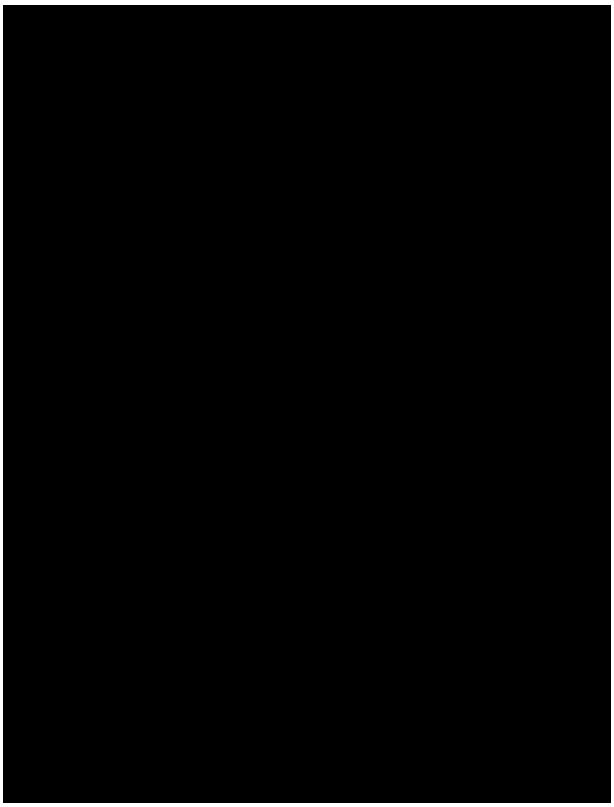
— Aonde vamos? — perguntei.

— A lugar nenhum.

— Eu pensei que este lugar fosse aqui.

— Não. — Você abanou a cabeça. — Aqui é só a beirada. —
eu observei você enrolar uma corda e colocá-la em cima de uma
caixa térmica. Depois, pegou outra corda e começou a enrolá-la
também. — Saiba que não vou deixar você aqui.
Bufando, você arrumou três grandes galões de água no porta-
malas.
— Quanto tempo isso vai levar?

— Só um dia, mas por lá a gente nunca sabe... pode haver
uma tempestade de areia, um incêndio, qualquer coisa. — Você deu
umas palmadinhas no último galão. — De qualquer forma, o camelo
vai precisar de água.
— Eu pensei que os camelos carregassem água nas corcovas.
Você abanou a cabeça.
— Gordura.
— O quê?
— Eles carregam gordura nas corcovas... reservas de energia.
Eles precisam de água como qualquer outro animal.
Você tentou enfiar um balde no porta-malas, mas ele não
cabia. Imaginei a mim mesma deitada embaixo daquilo tudo;
retorcida, esmagada, sufocada. Tremi um pouco. Então me



encaminhei para a frente do veículo. Você espichou a cabeça por detrás do porta-malas e me observou.

— Dessa vez o banco da frente é seu — você gritou.

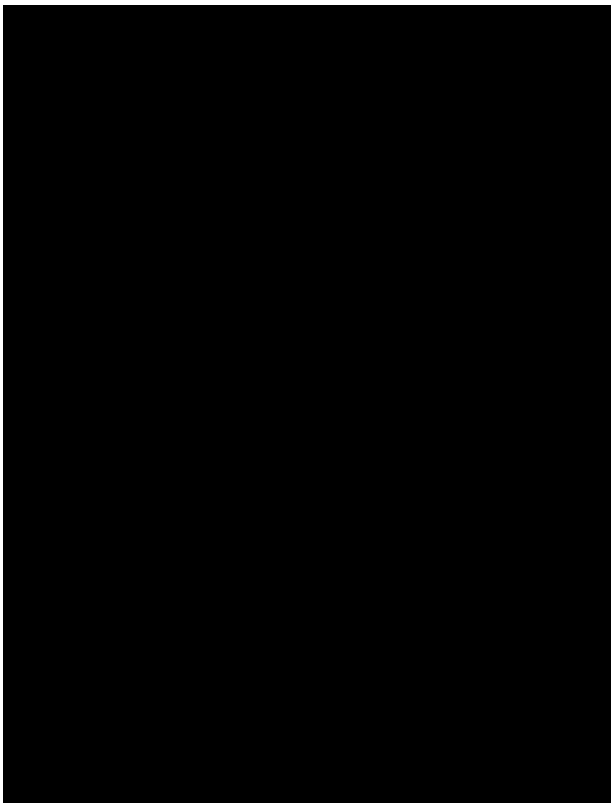
Abri a porta, mas não entrei na caminhonete. Senti cheiro de mofo, de sujeira, de coisa rançosa, de lugar abandonado. Uma fina poeira cobria tudo. Parecia que a caminhonete não era usada há cinquenta anos. Isso me deixou nervosa; me fez pensar que eu estava naquela casa com você há mais tempo do que imaginava. A poeira tinha até se acumulado sobre umas embalagens de chocolate amarrotadas que estavam no chão. Quando eu saísse da caminhonete meu *short* estaria coberto de poeira... *se* eu saísse.

A chave não estava na ignição. Mas talvez estivesse em algum lugar da caminhonete, coberta com tanta poeira que seria

impossível de se ver. Apalpei o interior do veículo e mudei coisas de lugar, na vaga esperança de encontrá-la. Virei o espelho retrovisor de modo a poder observar você. Você se movia com rapidez, colocando coisas no porta-malas; depois as retirava e recolocava numa posição melhor. Eu podia ouvi-lo cantarolando algo desafinadamente. Você estava feliz, até mesmo empolgado. Quando terminou, você veio me ver. Sorridente e com rugas nos cantos dos olhos, lembrava um pouco o homem que eu vira no aeroporto três semanas antes; estava quase bonito. Tive que me virar e olhar para o chão. Pensar em você dessa forma me deixava enjoada.

— Não quero ir — eu disse.

— Por que não? — pensei que gostaria de ir a um lugar diferente.



— Não com você. Não com tudo o que você colocou lá atrás.

Você se encostou na caminhonete.

— Bem, nós poderíamos ir andando, se você preferir, mas demoraríamos semanas. E teríamos que viver da terra. Isso significa comer lagartos, para obter sustento, e rãs, para obter água. Você está preparada para isso?

Abanei a cabeça. Assim não teria opções de fuga. Além disso, a ideia de andar com você pelo deserto era pior que a de estar com você perto da casa. Eu me lembrei do que os professores tinham nos ensinado nos acampamentos da escola: *se você se perder, permaneça onde está, alguém vai acabar encontrando você*. Talvez no lugar onde eu estava houvesse mais chances de resgate.

— Eu pensei que quisesse capturar um camelo — você tentou

novamente.

— Não.

— Eu quero.

— Bem, então vá *você*.

Você riu.

— Eu quero seu rostinho bonito onde eu possa ver. Vamos.

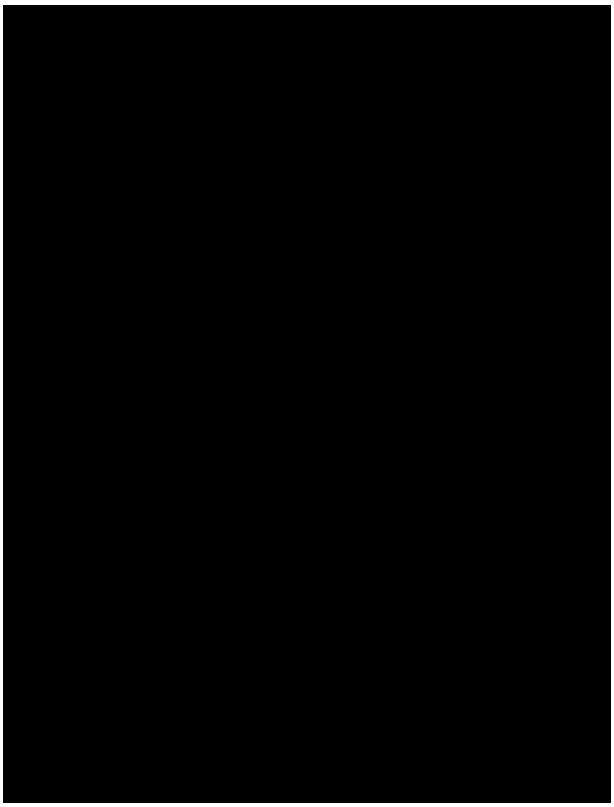
Permaneci onde estava. Você deu um suspiro, começou a tamborilar na lateral da caminhonete e tentou me convencer.

— Não está mais pensando que eu vou machucar você, está?

Fiquei em silêncio, olhando para a areia. Você deu a volta na

caminhonete e parou ao meu lado.

— Escute, eu pensei que você já tinha entendido isso... Eu não vou fazer nada com você, não como você está pensando. — Você se acocorou de modo a olhar para mim de baixo para cima. — Seja lá o



que você estiver pensando a meu respeito, seu corpo... bem, é seu. Você é quem escolhe o que fazer com ele.

— Você não deixou que eu me matasse.

— Isso é diferente. Você não estava pensando direito.

— Porque você me drogou!

— Eu tive que fazer isso. — Você olhou na direção do sol, enrugando o rosto. — Escute, eu sinto muito. Não previ que tudo isso fosse ficar tão difícil.

Você olhou para o horizonte. Havia uma ruga em sua testa.

Tive vontade de perguntar o que queria dizer com ―tudo isso‖.

Queria perguntar se você achava que me sequestrar seria como dar um passeio no parque. Mas você se virou rapidamente e olhou fixo para mim.

142

— Prometo que não vou machucar você — você disse.

— Como vou saber que você não está mentindo?

— Você vai ter que confiar em mim, eu acho. Você está comigo agora, então acho que vai ter de ser assim.

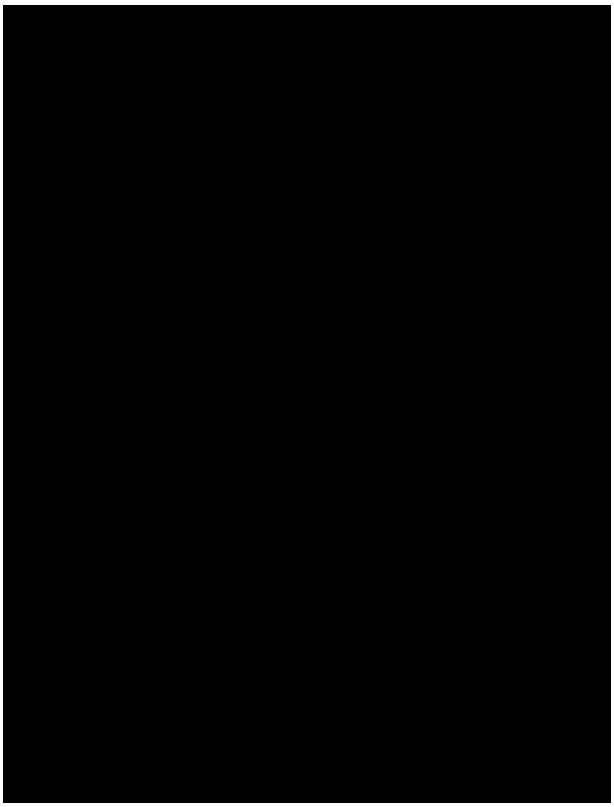
Evitei olhar para você.

— Eu não *tenho* que fazer nada — sussurrei.

— Eu sei — você disse bruscamente. — Mas às vezes você bem que podia querer. — Você pegou um punhado de areia. — Ainda mais quando a coisa pode ser divertida. — Você abriu a mão e me mostrou a areia. — Olhe, juro sobre isto que não vou fazer nada. Que tal?

— Jurar sobre um pouco de terra, isso não vale nada.

— Essa areia é mais velha e verdadeira que qualquer coisa... com certeza é a melhor coisa para se fazer um juramento.



Funguei com desprezo.

— É mais verdadeira do que nós — você disse baixinho. Você deixou a areia cair e limpou as mãos uma na outra. Depois as apoiou no chão e se levantou. — Vamos — você repetiu. — Vamos procurar um camelo.

Você tirou a camiseta e limpou a poeira que tinha na testa. A camiseta ficou vermelha na mesma hora.

— Você vai para perto de alguma cidade?

— Não mais do que estamos.

Espantei uma mosca que estava zumbindo perto do meu rosto.

— Mas vou para perto de outras coisas. — Você se encostou de novo na caminhonete. — Coisas melhores.

Outra mosca estava subindo pelo meu joelho. As pernas dela faziam minha pele coçar.

— Você não vai fazer nada comigo — eu disse baixinho.

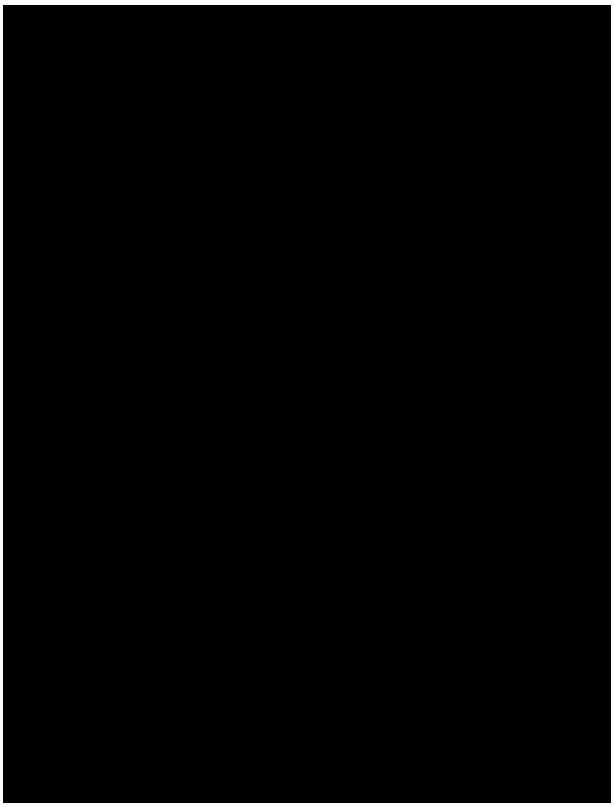
— Relaxe. Eu prometo.

Você segurou a porta para eu entrar. Depois a fechou e sorriu. Minha cabeça girava. Quando abaixei o vidro da janela um monte de poeira caiu sobre mim. Você entrou na caminhonete e também abaixou o vidro da janela. Eu me afastei de você o máximo que pude.

— Você quer que eu ponha o cinto de segurança? Ou prefere me amarrar no banco?

Você deu de ombros.

— Tanto faz. Eu tenho corda na mala, se você quiser, muita corda.





Então você riu sinceramente. Era um som que você não produzia com muita frequência, e que não lhe caía muito bem. Era exuberante demais. Talvez essa exuberância o tenha perturbado também, pois a risada não durou muito. Você fechou a porta, olhou para a frente, deu partida na caminhonete e começamos a nos afastar da casa, abrindo nossa própria trilha na areia. Senti o suor se formar na minha na nuca e nas palmas das mãos. Apoiei a cabeça na coluna da porta e inspirei a brisa seca que entrava pela janela. Minha boca se encheu de poeira.

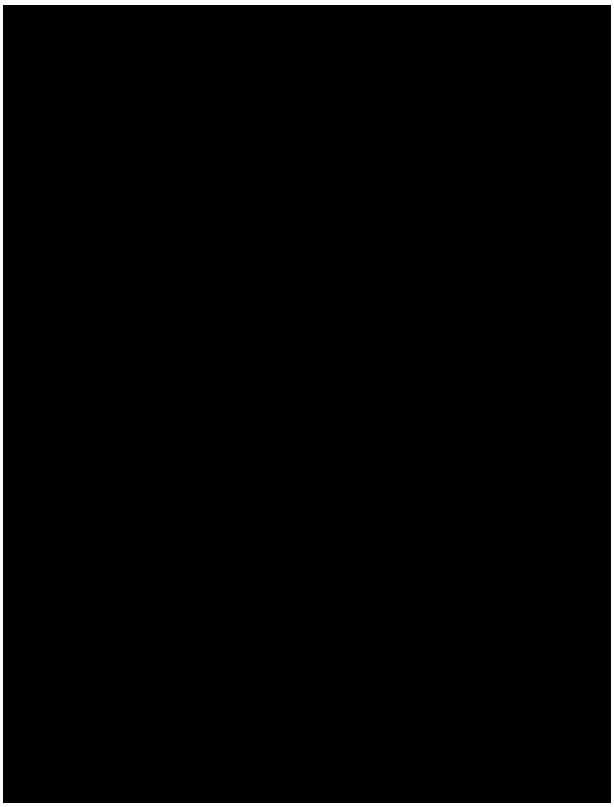
144

O chão era irregular, e a caminhonete chacoalhava. Você não dirigia depressa; não creio que isso fosse possível naquele solo macio e coberto de touceiras. As rodas giravam em falso nos pontos mais arenosos. Você aumentava a rotação do motor para sair deles. Às vezes, parava para retirar mato do radiador. Logo fiquei com dor de cabeça. Meus olhos e ouvidos estavam cheios de poeira. Um pequeno deserto se instalara dentro da minha boca. Estendi a mão para o rádio.

— Não funciona — você disse imediatamente.

Liguei o rádio mesmo assim. Só ouvi um leve assovio.

— Eu lhe disse. Vamos ter que cantar. Você sabe cantar?



Você estava olhando para mim com ar verdadeiramente interessado.

— Fiz parte do coro da escola durante seis meses, quando estava na sétima série. Você ainda não sabia?

Você deu de ombros.

— Eu não acompanhei toda a sua vida. Tinha que ganhar dinheiro. Às vezes eu estava aqui, preparando tudo.

Você agitou a mão na direção das construções que estavam desaparecendo atrás de nós em uma nuvem de poeira rodopiante.

— Você realmente construiu aquilo tudo?

— Claro que construí — você respondeu com orgulho.

— Eu não acredito. Deve ter havido alguém aqui, antes.

— De jeito nenhum. — Você franziu a testa. — Eu construí

tudo.

Não consegui deixar de olhar você com ar irônico.

— Tudo bem, talvez houvesse uma fazenda abandonada ou

coisa parecida... mas eu fiz o resto.

— Como?

— Devagar.

— Como você arranjou dinheiro para comprar o material?

Você sorriu misteriosamente.

— Rápido.

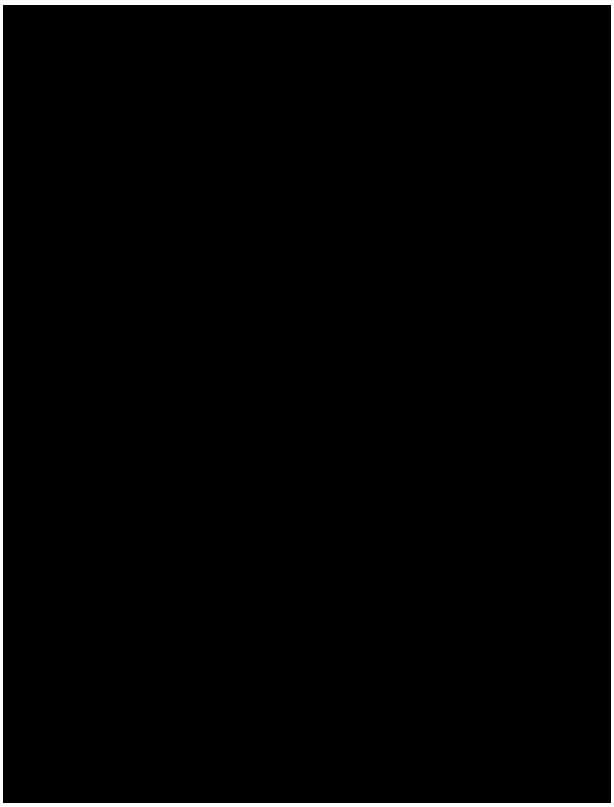
— Me diga como.

Você deu de ombros.

— Em outra ocasião.

Você voltou a olhar para a frente, examinando a área.

— Você sabe há quanto tempo estou aqui? — perguntei.



— Tenho uma vaga ideia.

A caminhonete atingiu um trecho de areia fofa e desacelerou mais uma vez. Eu me recostei bruscamente no assento, me sentindo frustrada com tudo.

— Acho que é meu vigésimo primeiro dia, mas nem ao menos tenho certeza...

Ao ver seu sorriso largo, parei logo de falar, desejando não ter falado nada.

— Então vamos comemorar — você exclamou.

Engoli em seco, sentindo um aperto por dentro.

— Como assim?

A caminhonete alcançou um trecho mais pedregoso. Quando você sentiu a mudança de textura, pressionou com força o

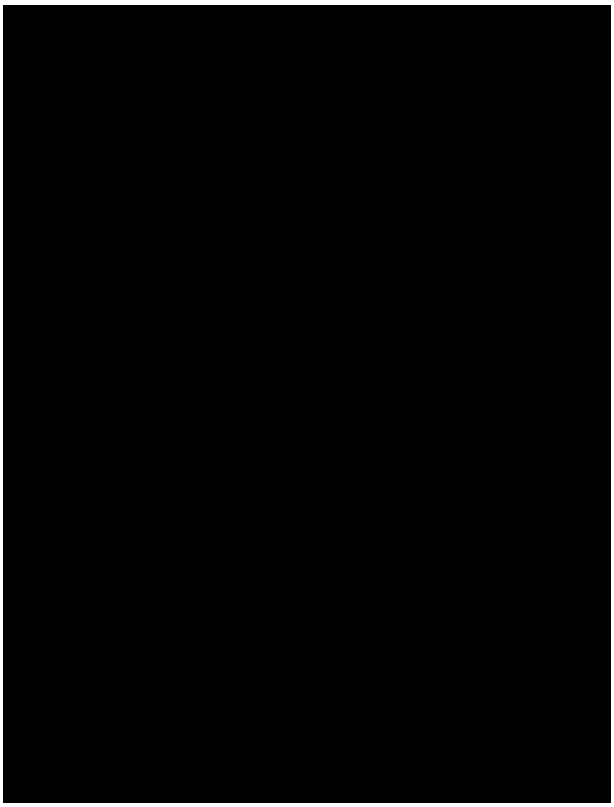
acelerador e girou o volante. Na mesma hora a traseira do veículo derrapou para o lado, enquanto o motor gemia e as rodas lutavam para manter tração, levantando areia e arrancando triódias. Fui arremessada contra o seu ombro e você começou a rir. Comecei a tatear freneticamente, procurando alguma coisa para me agarrar.

— Eta! — você gritou.

Quando a caminhonete derrapou em um banco de areia, você girou o volante para o lado contrário. Dessa vez, fui arremessada contra a porta do veículo. Passei o braço pela janela aberta e me agarrei à lataria. Podia ouvir você rindo enquanto nuvens de poeira

me chicoteavam o rosto. De repente, você puxou o freio de mão. A caminhonete deslizou alguns metros e parou com um tranco. Com os olhos brilhando, você apoiou o rosto no volante.

— O que está fazendo? — eu berrei.



— Me divertindo. Comemorando. — Você olhou para a vastidão ao redor e sorriu. — Ninguém pode nos parar, pode?

Olhei para fora também, notando as enormes marcas de pneus que sulcavam a terra imaculada atrás de nós.

— Isso não significa que você tenha que me matar — eu disse, lamentando imediatamente a minha escolha de palavras.

Quando olhei de novo, você estava pensativo, de olhos tristes.

— Eu só queria que você se divertisse um pouco.

Funguei com ar de pouco caso.

— Então deveria ter me deixado na Inglaterra.

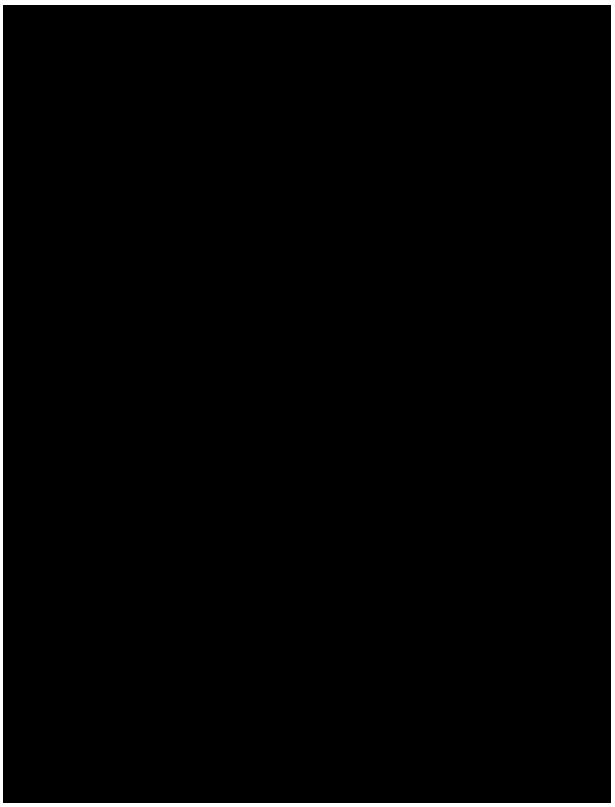
Quando você tornou a partir, agora dirigindo mais suavemente, observei o que fazia. Você pressionava o pedal

esquerdo e engrenava a primeira marcha na alavanca mais próxima. Não tocava na outra alavanca. Então pressionava o acelerador.

Papai tinha tentado me ensinar a dirigir uma vez, num pátio de ferrovia abandonado, perto da loja da Sainsbury's, mas depois que eu arranhei sua Mercedes numa moita ele desistiu. Você me viu olhando.

— Está querendo aprender?

Você riu, abanou a cabeça levemente e apertou mais o acelerador. Minha cabeça bateu no encosto do assento e a areia se espalhou por toda a parte. Parte dela entrou pela janela e se alojou no meu colo. Quando a caminhonete chegou a quarenta por hora, você deixou os pneus ziguezaguearem e derraparem livremente na areia e, com um sorriso enlouquecido, gritou para que eu puxasse o freio de mão. Gritei para que você parasse.



— Então, puxe o freio!

Puxei o freio de mão. A caminhonete descreveu um arco e, durante alguns segundos, tenho certeza, equilibrou-se apenas sobre duas rodas. Fui arremessada com tanta força contra você que não consegui me mover. Minha testa bateu forte no seu ombro. Seu corpo vibrava enquanto você ria.

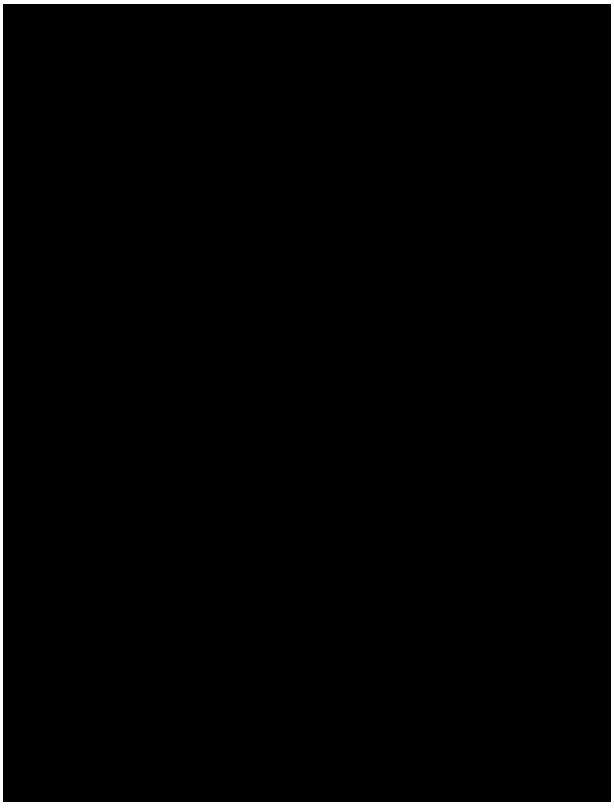
Estávamos viajando há cerca de duas horas. Durante esse tempo, procurei sinais de alguma cidade, sinais de qualquer coisa.

Mas não vi nem mesmo uma estrada. Parecia uma loucura dirigir por tanto tempo sem ter chegado a lugar nenhum. É verdade que o cenário mudara um pouco durante a viagem; passara de plano e

pedregoso para mais arenoso e vermelho. Árvores mirradas e enegrecidas superavam em número as touceiras de triódias. A mancha verde de um eucalipto surgia a intervalos esparsos. Rochas serrilhadas emergiam do solo como lanças. Outras apontavam para o céu como dedos vermelhos e retorcidos.

— Cupinzeiros — você disse.

Nada era como na Inglaterra. No último verão, quando andamos de carro com papai durante duas horas, fomos parar no País de Gales, outro país. Naquele deserto, andar duas horas era como avançar mais para o meio da fogueira. Quanto mais



andávamos, mais quente e vermelha ficava a paisagem, e mais eu receava nunca mais sair dali.

Você parou lentamente perto de um pequeno grupo de árvores.

— Está vendo eles? — você perguntou.

— Vendo o quê?

— Eles! Logo ali! — Você apontou para as árvores. — Espere as orelhas deles se mexerem e você vai ver.

Olhei para as árvores. De repente, alguma coisa se mexeu.

Uma orelha. Segui o contorno dela até descobrir a cabeça e o focinho alongado. E grandes olhos castanhos.

— Cangurus — eu disse.

Você assentiu e deu um leve sorriso.

— Essas damas são muito gostosas.

— O quê?

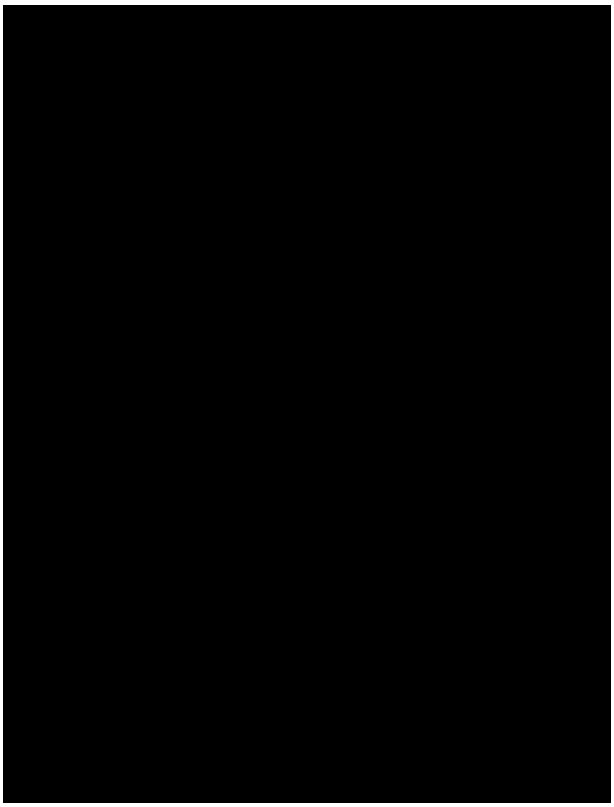
Você apontou os dois primeiros dedos como se fossem o cano de uma espingarda e, pousando a cabeça no volante, fingiu que dava um tiro.

— Você vai atirar neles?

— Uma delas pode dar um ensopado muito gostoso, você não acha?

Engoli em seco. Eu não sabia que você tinha uma arma na caminhonete. Isso me dava medo. Você se virou para mim, achando que eu estava aborrecida com o que você dissera sobre os cangurus.

— Tudo bem — você disse. — Não vou atirar nelas. Nós temos bastante comida.



Eram três cangurus-fêmeas. A mais próxima estava lambendo os antebraços.

Ela está se refrescando — você disse. — Os vasos sanguíneos dela estão perto da superfície da pele. Ela lambe a pele para abaixar a temperatura corporal. Um método muito bom, não é?

Você lambeu as costas da mão, como que colocando o método em prática, e fez uma careta ao sentir o gosto. Então deu um sorriso torto. Neste momento, um dos cangurus se esticou para mordiscar uma folha.

— Elas não sentem sede? — perguntei, sentindo a secura na minha própria garganta.

Você abanou a cabeça.

— Os cangurus não precisam de água, pelo menos de muita

água. Eles obtêm umidade nas árvores.

Enquanto observava os animais, você sorria com uma expressão que eu reconheci. Era como se você quisesse alguma coisa, precisasse de alguma coisa. Dos cangurus também.

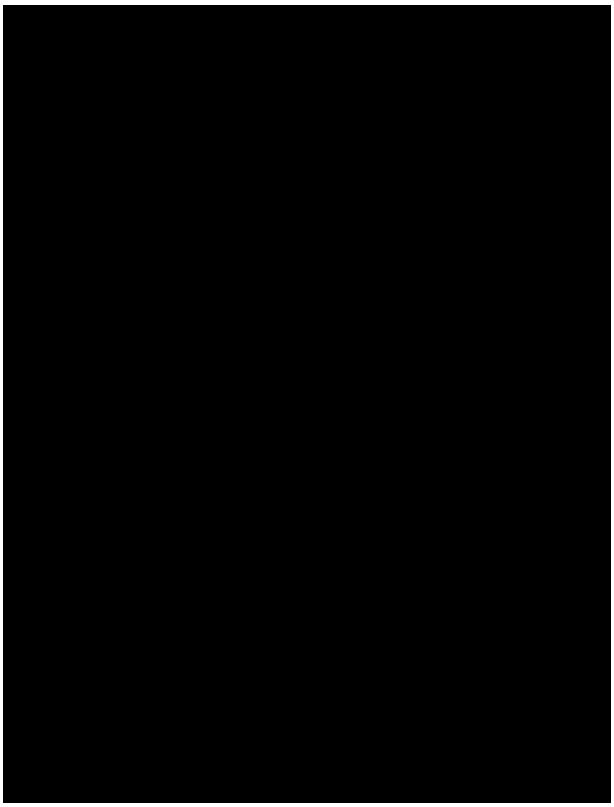
— Tchau, lindas senhoras — você disse, quando começamos a nos afastar.

Durante algum tempo não falamos nada. Eu observava você de vez em quando. Seus olhos examinavam os arredores continuamente, não satisfeitos em observar a paisagem arenosa à frente.

— Como você sabe para onde estamos indo? — perguntei.

— Eu sigo a direção para onde a areia está sendo soprada, procuro sinais.

— Você sabe como voltar?



Você assentiu, com ar ausente.

— Claro.

— Como?

— Esta terra conta histórias, ela canta.

— Eu prefiro o rádio.

— Estou falando sério, Gem. Existem canções aqui, os vovôs conhecem essas canções. Eu conheço algumas... elas são como mapas, elas ajudam a gente a encontrar o caminho. Nós cantamos as canções e elas nos mostram os pontos de referência. Há toda uma música silenciosa aqui; música da terra.

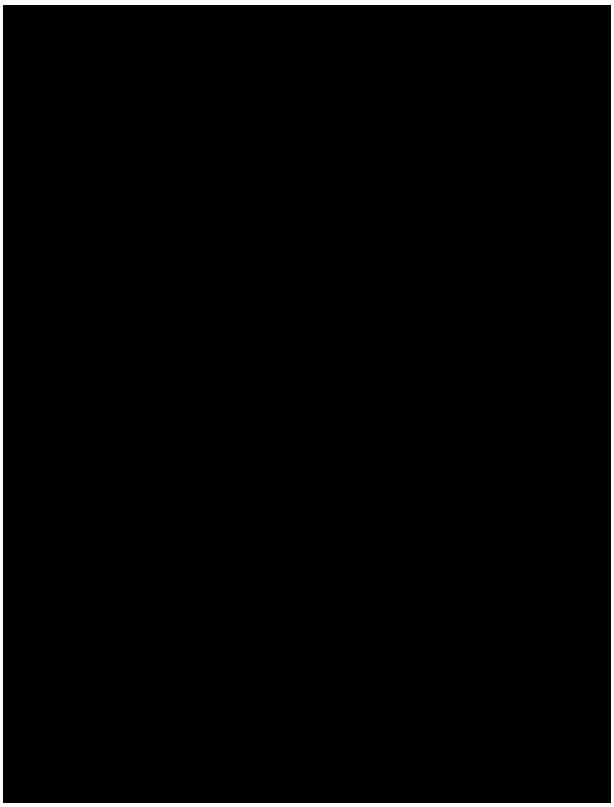
Ignorei você e olhei para o horizonte. Você não tornou a falar. Devia estar pensando nas canções da terra ou, quem sabe, em alguma coisa mais sinistra. Seu rosto não revelava nada. Eu nunca

tinha conjeturado sobre o que os sequestradores pensam. Mas quem é que faz isso? Será que você pensaria na sua família? Nos lugares que deixou para trás? O que exatamente você pensava a meu respeito?

Meu estômago se revirou quando me fiz essa pergunta, e esperei o pior. Quanto mais a caminhonete avançava, mais eu pensava no que você poderia estar pensando e mais tensa eu ficava. Se você me matasse naquela hora, no meio do nada, ninguém ficaria sabendo. Ninguém iria procurar um corpo naquela imensidão sem fim. Seria como tentar encontrar um grão de areia específico.

De repente você pisou no freio, fazendo a caminhonete deslizar pela areia.

— Camelos — você disse, apontando para o que mais parecia uma série de manchas no para-brisa que um grupo de grandes



animais. Ergui a mão para proteger os olhos. Você abriu o porta-luvas, pegou um binóculo e o deixou cair no meu colo. — Você vai enxergar melhor com isso.

Coloquei o binóculo nos olhos.

— Está desfocado.

Você estendeu a mão e girou um botão. Você estava perto demais para que eu pudesse me afastar. Um leve odor de suor emanava do seu peito.

— Posso fazer isso sozinha.

Afastei o binóculo de você e ajustei o foco até a imagem ficar

nítida.

Cinco camelos, quatro grandes e outro um pouco menor, se destacavam contra o horizonte, caminhando vagarosamente.

Envoltos em uma névoa de calor, pareciam montículos de areia se deslocando com o vento.

— Eu não acreditei quando você disse que eram camelos.

— São animais selvagens — você disse. — Mas foram importados, assim como você. Foram trazidos para cá para ajudarem na construção da ferrovia.

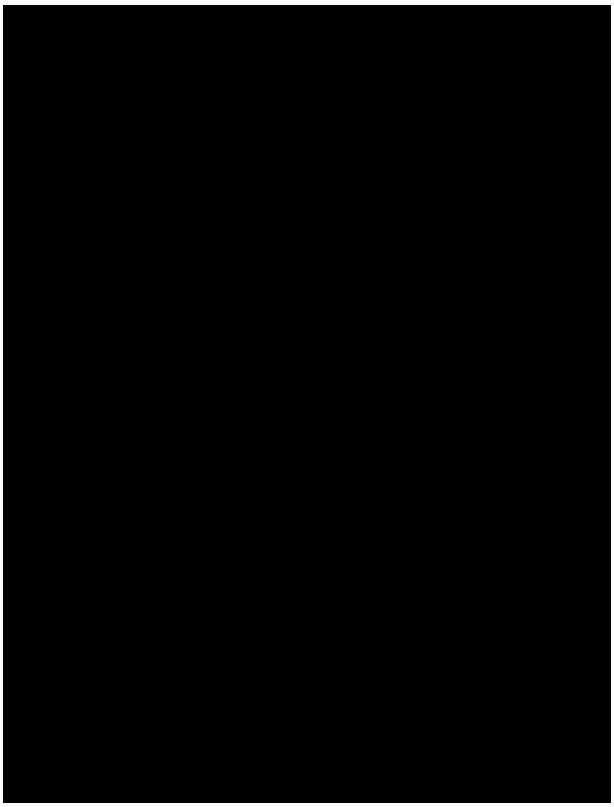
— Ferrovia?

— Sim, fica bem longe daqui. De qualquer forma, já não funciona muito. Quase nada funciona muito por aqui.

— Por que não?

— Tudo mudou de lugar. As minas se esgotaram, os animais se extinguiram. Até os vovôs foram embora. Por isso, tudo é silencioso, muito silencioso. Você não está ouvindo?

— O quê?



Você desligou o motor da caminhonete.

— O silêncio.

Você observou os camelos com a mão sobre os olhos.

— Você não vai tentar pegar um? — perguntei.

— Eles estão longe demais para serem perseguidos. Correm muito rápido, sabia? Vamos esperar que fiquem curiosos e venham até onde estamos. Ou isso ou precisaremos encontrar areia mais firme. Só assim poderemos obter a velocidade necessária para capturar esses camelos. Vamos ter que esperar para ver o que eles vão fazer.

— Por quanto tempo?

Você deu de ombros.

— O tempo necessário. Algumas horas, talvez. — Você abriu

a porta da caminhonete. — Está com fome?

Abanei a cabeça; comida era a última coisa que eu tinha em mente.

— Então vou preparar as cordas.

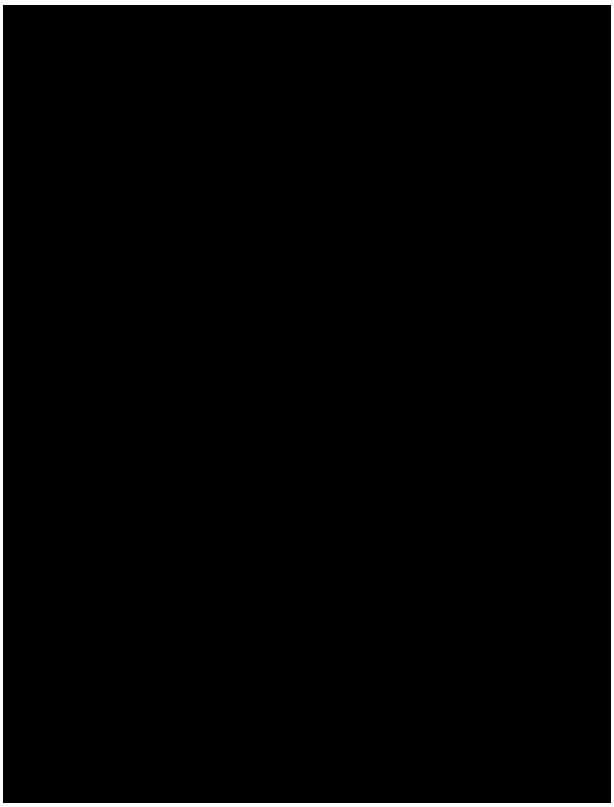
Você saltou do veículo, foi até o porta-malas e remexeu lá dentro. Eu me virei e vi você retirar um rolo de corda. Retesei o corpo ao imaginar aquela corda enrolada em mim.

A chave ainda estava na ignição.

Eu poderia pegá-la se não fizesse barulho. Poderia passar por cima do freio de mão e ocupar o assento do motorista — seria fácil.

E poderia partir antes que você me detivesse, antes mesmo que você percebesse. Dirigir não era tão difícil. Eu já tinha dirigido antes.

Sabia como mudar as marchas. Poderia deixar você ali, e talvez até atropelar você.



Observei você pelo espelho retrovisor. Você estava de cabeça baixa, mexendo nas coisas do porta-malas. Movi minha perna para cima, de modo a colocar o joelho junto ao freio de mão. Agora tudo o que eu tinha que fazer era esticar a perna até o lado do motorista e manobrar o corpo até a posição correta. Levantei a perna sobre o freio de mão. Devagar, muito devagar, centímetro a centímetro, comecei a passar para o seu assento. Não fiz nenhum barulho, nem mesmo um rangido no banco. A única coisa que eu ouvia eram as batidas do meu coração. Arriei o corpo sobre o seu assento. Pus as mãos sobre o volante. Mesmo com as pernas totalmente esticadas, meus pés não alcançavam os pedais. Deslizei para a frente até chegar à beira do banco. Estiquei a mão até a chave. Silêncio. Percebi então que já não estava ouvindo há algum tempo os ruídos que você

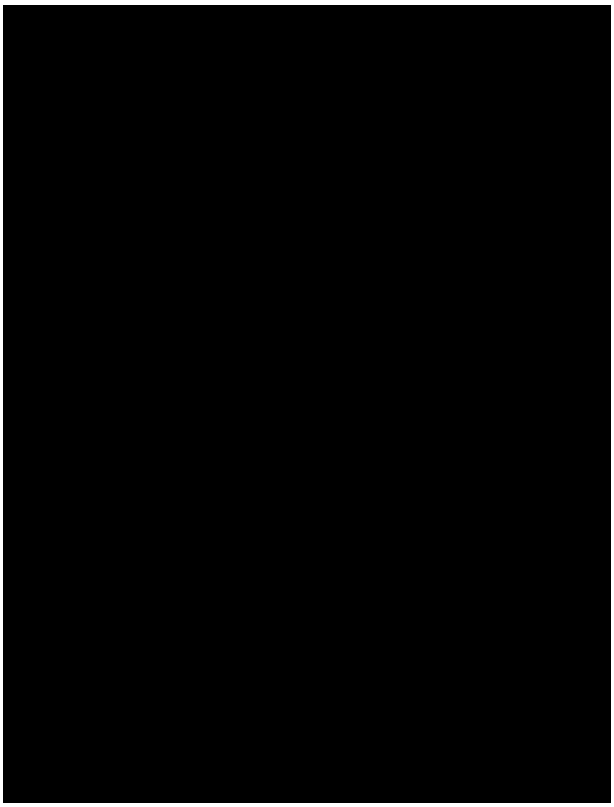
fazia. Olhei pelo espelho retrovisor.

Alguma coisa se moveu à minha direita. Fiquei com falta de ar ao perceber o que era. A cabeça prateada estava pousada à beira da sua janela, a um palmo de mim. Se tanto. Os olhos cor de âmbar fitavam os meus. A língua entrava e saía da boca, farejando o ar, farejando meu corpo.

Tirei a mão da chave e me recostei na cadeira, tentando me afastar ao máximo daquela coisa. A cobra virou a cabeça, prestes a investir contra mim. Não aguentei olhar mais. Rapidamente, pulei de volta sobre o freio de mão. Mas meu pé ficou preso. Tombei

sobre o meu assento, batendo a cabeça e os ombros na porta.

Verifiquei meu corpo. Não havia nenhum ferimento. Será que a cobra tinha me picado sem eu ter percebido? Sua cabeça marrom-prateada ainda me espiava da janela.



Foi então que eu vi suas mãos. Também estavam pousadas na janela, segurando a cobra logo abaixo da cabeça. Seu rosto surgiu também à janela, a poucos centímetros da cabeça do animal.

— Bonita, não é? Encontrei essa cobra perto das rodas. Nós quase passamos por cima dela... por sorte não fizemos isso.

Não sei se você viu a expressão de terror nos meus olhos. Ou talvez você já soubesse que eu estava no assento do motorista, tentando escapar. Até onde eu sabia, este era o seu modo doentio de me punir.

— Ela é inofensiva — você disse. — Até certo ponto. E se

você está preocupada com cobras... esta é a única por aqui.

— Por que você está segurando ela?

— Para mostrar a você.

— Para me assustar.

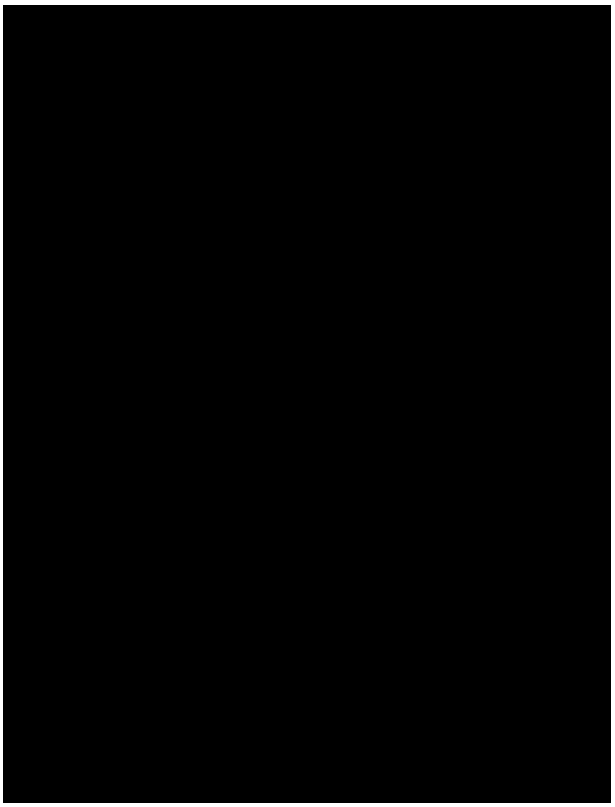
— Que nada. — Você olhou afetuosamente para a criatura. — Pensei em levar a cobra para casa. Como bichinho de estimação. Você pode escolher um nome para ela.

— Eu não vou a lugar nenhum com essa coisa na caminhonete.

Eu estava ofegante, as palavras saíam em jorros.

— Então vamos amarrar o bichinho no camelo.

Você sorriu e largou a cobra. Logo recomecei a ouvir você mexendo em coisas no porta-malas. Esperei que não estivesse guardando a cobra lá. Tive de engolir o vômito que subiu até minha garganta. Com o coração aos pulos, respirei tão fundo quanto possível. Fechei os olhos e me imaginei de volta à minha casa,



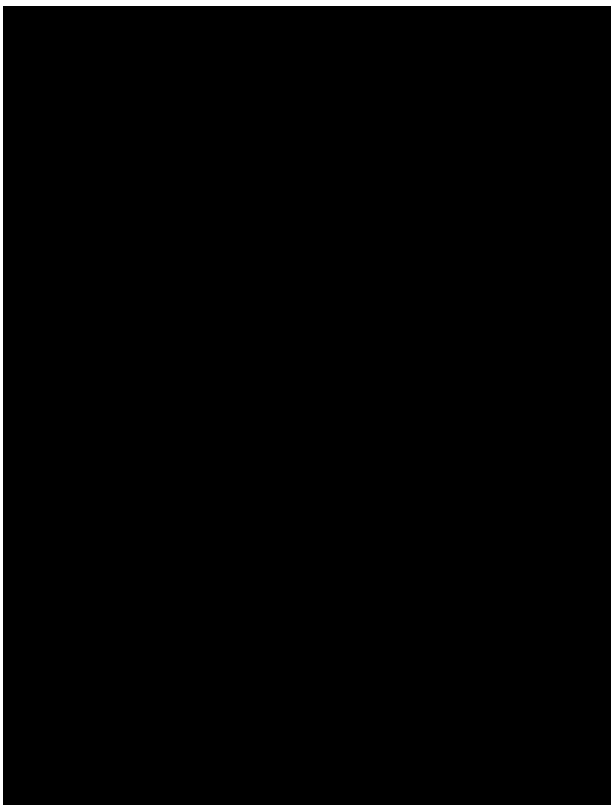
sentada no armário do aquecimento central. Continuei de olhos fechados quando ouvi você entrar de novo na caminhonete.

— Desculpe ter assustado você — você disse baixinho. — Eu só queria que você visse a cobra. Esqueci que você ainda não gosta de cobras. — Você ligou o motor. — Por favor, vou tentar me redimir.

Você recomeçou a dirigir e não voltou a falar por algum tempo. Meu corpo oscilava de um lado para outro e minha cabeça ficava batendo no encosto do banco, acompanhando o balanço do veículo, cujo motor, rugindo, lutava para vencer o terreno.

Após mais alguns quilômetros dessa viagem conturbada,

você parou a caminhonete. Ouvi sua porta bater e a tampa do porta-malas se abrir. Quando finalmente abri os olhos, tudo o que pude ver foi o céu; um céu azul, luminoso e sem nuvens, onde um pássaro grande voava em círculos. Estávamos estacionados num lugar alto. Da caminhonete eu via o deserto se estender diante de mim como um mapa, um cobertor marrom e alaranjado, pontilhado de pequenos rabiscos verdes — as triódias — e calombos cor de ferrugem — as pedras. Leitos secos de rios, que lembravam longas minhocas escuras, cortavam a planura interminável.



Você tinha estacionado a caminhonete em meio a um grupo de árvores, cujos troncos negro-avermelhados estavam cobertos de formigas. Minúsculos passarinhos tagarelavam em acima, como se fossem crianças numa excursão da escola. Havia alguns rochedos ao redor, de relevo irregular. Em suas fissuras cresciam minúsculas

flores, que uma brisa suave fazia dançar. Considerando a terra desértica que nos cercava, aquele lugar era como um oásis.

À esquerda da caminhonete, sob uma das árvores maiores, você tinha preparado um piquenique. Agora estava sentado à beira de uma manta xadrez, cortando uma espécie de fruta. Sementes caíam à medida que a faca penetrava na polpa. Moscas pousavam nos pãezinhos que você tinha preparado mais cedo. Você não as espantava.

157

Vi uma garrafa de vinho espumante pousada sobre a areia. Parecia tão fora de lugar que fiquei um bom tempo olhando para ela. Então, mais atraída pela promessa de uma brisa do que por qualquer outra coisa, saí da caminhonete. Você me serviu um copo, depois se serviu de um menor.

— Ainda bem que eu trouxe isso.

— Por quê?

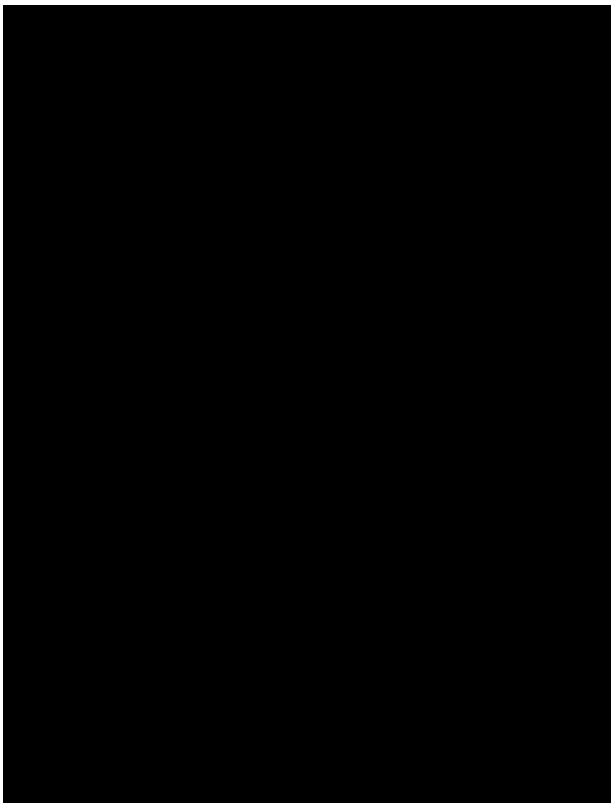
— Seu vigésimo primeiro dia! É uma ocasião especial. Você deve achar isso também, senão não teria falado nada.

Uma vez mais desejei ter guardado a informação para mim mesma. Olhei para o copo na minha mão.

— Você drogou essa bebida?

Você esvaziou seu copo, com uma expressão contrafeita.

— Eu não vou fazer isso de novo, já lhe disse.



Balancei o copo ligeiramente enquanto o examinava. Um pouco do líquido se derramou na minha mão. Estava morno. Em casa, meus pais trancavam as bebidas alcoólicas num armário envidraçado. Quando eu enchia a cara no parque, com meus amigos, era com a bebida que eles traziam. Mas ali eu não queria beber. Joguei o vinho no chão. Imediatamente, você voltou a encher os copos.

Você me deu um pão. Estava duro como pedra, e a fatia de tomate que havia dentro parecia ter derretido. Você percebeu minha expressão e deu de ombros.

— É o melhor que temos.

— Se você está querendo me impressionar com um piquenique, não vai funcionar.

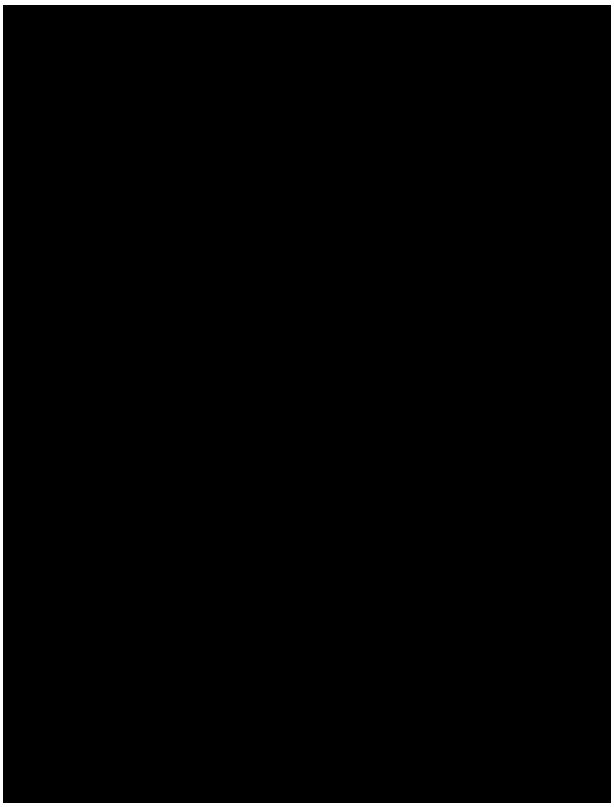
— Eu sei — você disse com ar sério. — Esqueci os morangos.

Você tirou a camiseta, limpou a testa e engoliu sua segunda dose. Depois se deitou no chão com a cabeça apoiada na camiseta dobrada, e ficou contemplando os galhos das árvores. Alguma coisa estava sacudindo as folhas no alto de uma delas. Você franziu a testa, enquanto tentava descobrir o que era. Gotas de suor se formaram em seu peito, alojando-se nos sulcos dos músculos. Tomei um pequeno gole da bebida. Era como se fosse chá gasoso e quente. Peguei a blusa que tinha usado mais cedo e a coloquei na cabeça. O sol causticante conferia à paisagem um aspecto imperturbável.

— Escute — você disse.

— Escutar o quê? Não tem nada aqui.

— Tem sim. Talvez não haja shopping centers e automóveis, mas tem outras coisas... insetos zumbindo, formigas correndo, uma



brisa que faz uma árvore estalar. Tem um comedor-de-mel pulando naquele galho, e os camelos estão chegando.

— O quê?

Você acenou com a cabeça para a área abaixo, com um leve sorriso.

— Vá lá ver.

Eu me pus de pé e olhei para a planície. De fato, alguns pontos pretos e desfocados avançavam em direção à nossa pequena colina, tornando-se cada vez maiores à medida que se aproximavam. Eu não precisava de binóculos para perceber que eram camelos.

— Você não *ouviu* eles chegarem... para isso você teria que ter uma audição de super-homem.

— Quem disse que eu não sou o Super-Homem?

Você estava olhando para mim com um olho fechado, para protegê-lo do sol direto. Dei de ombros.

— Você me resgataria agora se fosse o Super-Homem — eu disse em voz baixa.

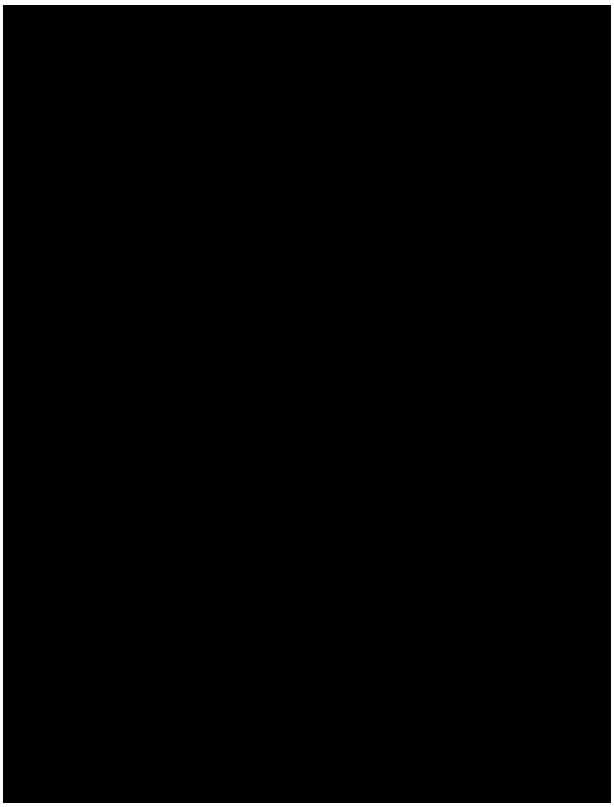
— Quem disse que eu não fiz isso?

— Qualquer um saberia que você não fez isso.

— Então esse *qualquer um* está olhando as coisas de forma errada. — Você ergueu um pouco o corpo, apoiando-se nos cotovelos. — De qualquer forma, eu não posso sequestrar você e, ao

mesmo tempo, resgatar você. Isso me daria personalidades múltiplas!

— E você já não tem personalidades múltiplas? — murmurei.



Comi o pão e me forcei a engolir mais um pouco de espumante. Você fechou os olhos. Sem ter outra coisa para olhar, relanceei os olhos para seu peito, realmente curiosa. Eu só vira peitos assim em revistas. Perguntei a mim mesma se tinha sido assim que você conseguira seu dinheiro... trabalhando como modelo. Olhei para a minha barriga. Depois a agarrei, para ver quanta banha conseguiria levantar de uma só vez.

— Não se preocupe — você disse, levantando um pouco a cabeça e me olhando com um olho só, como um crocodilo. — Você é linda. — Você meneou a cabeça. — Linda — você murmurou. — Perfeita.

— Você não entende nada de gente normal. Seu corpo parece

o de um supermodelo. — Mordi os lábios, lamentando ter elogiado

você. — Ou de um *stripper*. De um prostituto.

— Eu não gostaria de pensar que você me acha repulsivo —

você disse, meio que sorrindo.

— Tarde demais.

Você abriu o outro olho e me encarou.

— Você não vai nunca me dar uma chance?

— Me dê a chave da caminhonete e eu vou achar que você é o

melhor cara do mundo.

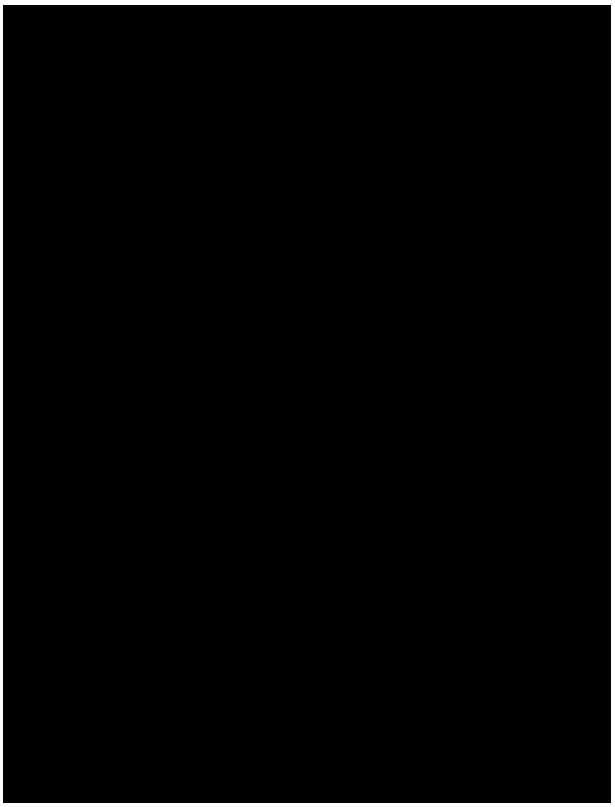
— De jeito nenhum. — Você fechou os olhos novamente e

pousou a cabeça na camiseta dobrada. — Você vai se perder e

morrer.

— Experimente.

— Talvez na semana que vem.



Você permaneceu deitado ali, preguiçosamente, por mais alguns minutos. De olhos fechados e lábios um pouco entreabertos, parecia quase sereno. Uma mosca pousou em sua bochecha e andou até seu lábio inferior, onde parou para se limpar com sua saliva.

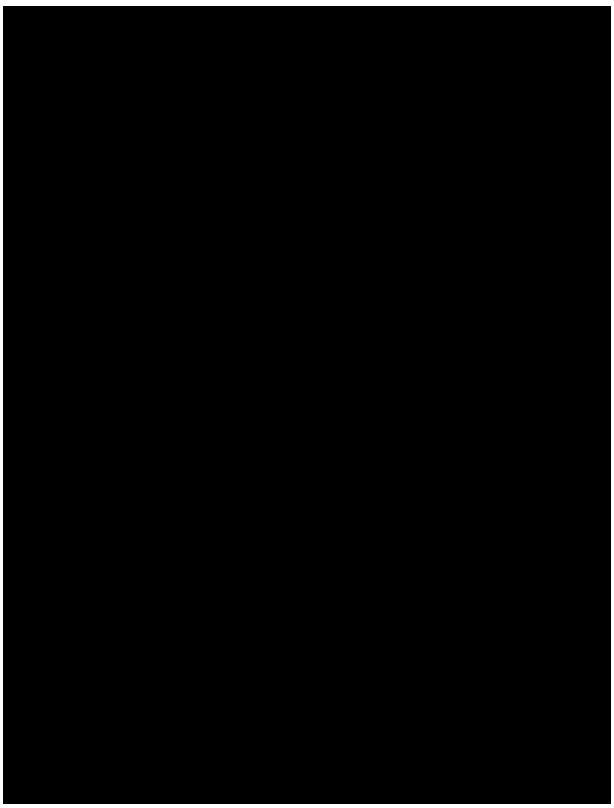
Após algum tempo, você guardou as coisas do piquenique e nós descemos a colina. A caminhonete ficava quase na vertical em algumas partes da ladeira. Às vezes passávamos sobre pedras tão grandes que faziam o volante girar sozinho. A visão panorâmica foi encolhendo à medida que descíamos; quando chegamos à base da

colina eu já quase tinha esquecido a vastidão infindável que se estendia diante de mim quando eu estava no topo.

Você estacionou à sombra da montanha. Como estava quente demais para ficarmos dentro da caminhonete, você me disse para descer e me postar embaixo de um ressalto da encosta. Os camelos continuavam a se aproximar de nós. Vinham andando pachorrentamente, mas de repente aumentaram o ritmo das passadas. Seus vultos ficavam maiores à medida que chegavam mais perto. Você apontou o binóculo para eles. Então se virou para mim e gritou.

— Entre na caminhonete! Eles nos viram. Vão dar meia-volta antes de chegarem aqui.

Ouvi o martelar distante de cascos na areia dura.



— Vamos! Você acenou para mim. — Rápido, senão vou deixar você para trás.

Era uma sugestão tentadora. Mas eu estava excitada também,

embora fingisse não estar. Eu queria ver como você iria capturar uma daquelas criaturas enormes. Antes mesmo que eu fechasse a porta, você partiu a toda. Depois relanceou os olhos para o lado, verificando se eu estava na caminhonete.

— Procure alguma coisa para se agarrar!

Enquanto acelerávamos na direção dos camelos, o velocímetro deu um pulo para cima. A caminhonete andava mais rápido na areia dura. As coisas no porta-malas começaram a se entrechocar. Torci para que a cobra não estivesse mais lá, prestes a ser arremessada na minha direção a qualquer momento. Eu podia

sentir os pneus derrapando. Mais de uma vez a caminhonete se inclinou violentamente para o lado. Seu rosto concentrado tinha um ar feroz.

— Isso é perigoso! — gritei.

Minha cabeça bateu no teto quando passamos por cima de uma grota seca.

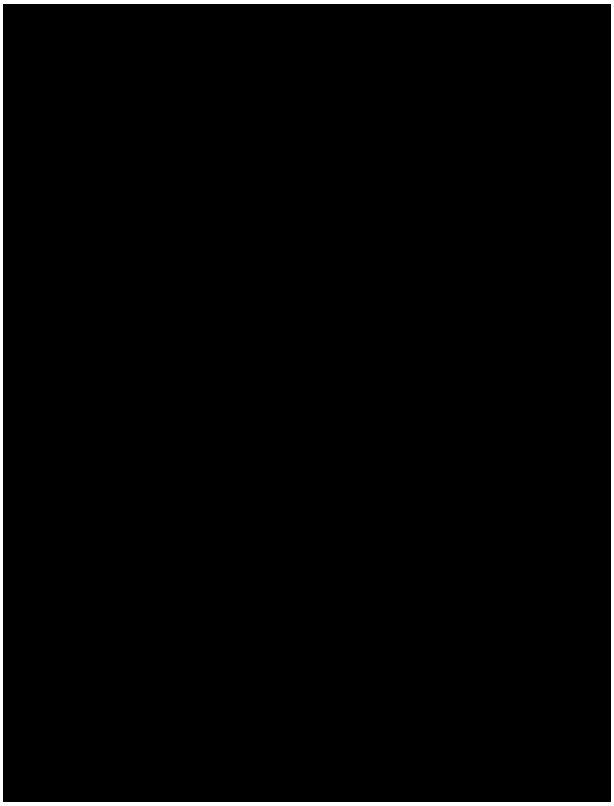
Seu binóculo deslizou pelo banco traseiro e colidiu contra a porta. Você deu uma olhada para trás.

— Talvez seja.

Enquanto pisava fundo no acelerador, você ria. Segurei a maçaneta da porta com tanta força que meus dedos ficaram dormentes. O velocímetro passou dos quarenta quilômetros.

Estávamos quase ao lado dos camelos. Como você dissera, eles

tinham dado meia-volta ao chegar perto de nós. Agora corriam a



toda em direção ao horizonte, com os pescoços esticados e abaixados. Davam passos incrivelmente largos. Eu nunca vira um camelo selvagem antes. Dava medo o modo como eles se agigantavam ao lado da caminhonete. Um coice bem calibrado poderia atravessar minha janela.

— Pegue a vara no banco de trás! — você berrou. — Rápido!

Eu me virei e peguei a comprida vara de madeira com um laço de corda na ponta. Tentei entregá-la a você, mas isso era difícil naquele espaço estreito. Ela se prendia nas laterais e eu não conseguia fazer com que transpusesse o espaço entre os assentos. Você olhou para a vara e depois para os camelos, procurando manter a caminhonete paralela a eles.

— Preciso disso agora!

— Estou tentando.

Você estendeu o braço e deu um puxão na vara, que acabou atingindo seu rosto. A caminhonete guinou de forma alarmante para a direita, na direção dos camelos. Eu gritei. Você me deu um tapa no ombro.

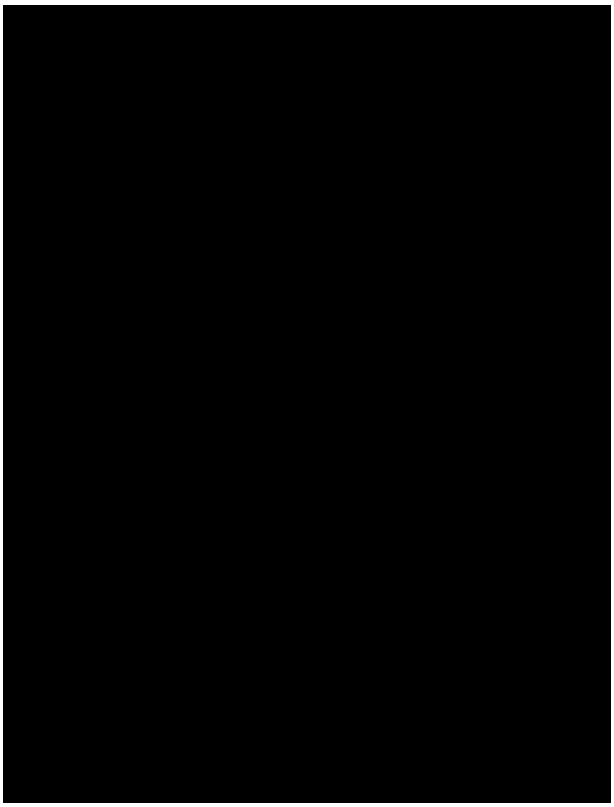
— Pare de gritar! Você vai assustar os camelos.

Você puxou a vara por cima das pernas e a passou pela janela, apontando o laço para os animais. Você os observava com atenção. O suor porejava do seu rosto. Porejava do meu também, apesar do vento que entrava pela janela.

— Vou na fêmea jovem — você gritou. — A que está mais perto de nós. Você pode dirigir um momento?

Você começou a se debruçar para fora da janela aberta.

— O que você está fazendo?



— Pegue o volante! — você ordenou.

Você não me deu muita escolha. Logo depois de dar a ordem se inclinou perigosamente para fora da caminhonete, que começou a se aproximar dos camelos. Se continuasse naquela direção, você acabaria batendo com a cabeça na traseira de um deles. Estive tentada a deixar que isso acontecesse.

— Pegue o volante agora!

Estendi as mãos. Podia ouvir os camelos grunhindo com o esforço da corrida. Podia ouvir você ofegar também. Segurei o volante. Estava quente e viscoso. Seu pé esquerdo estava pousado sobre o acelerador, e não nas proximidades do freio. Sua perna direita estava apoiada na moldura da janela. Não havia como parar a caminhonete, caso fosse necessário.

— Dirija em linha reta!

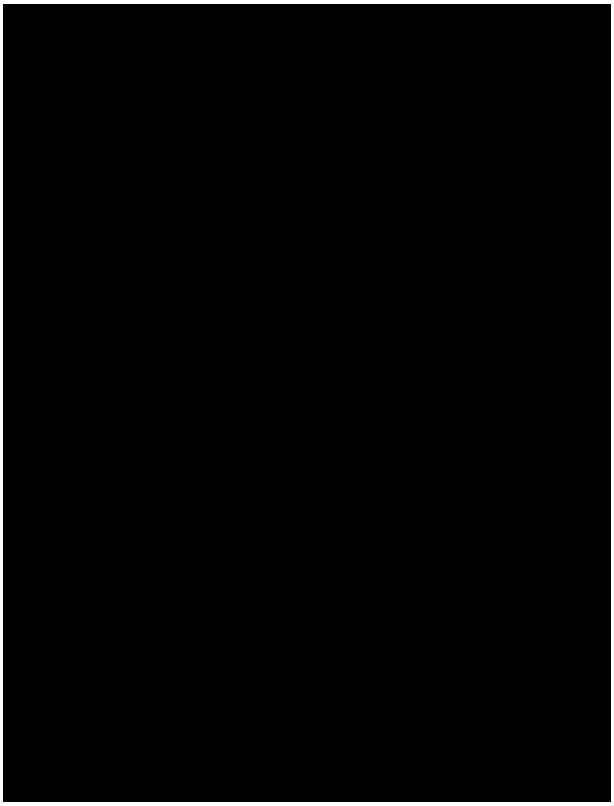
Tentei não olhar para você nem para os camelos. Todas as vezes que fazia isso, começava a guinar na direção deles. Girei o volante para me desviar de uma touceira de triódias e quase joguei você para fora da janela.

— Meu Deus! Você ainda dirige pior do que eu!

Você lançou uma risada ao vento.

Você enganchou a perna direita por trás da esquerda, se debruçou mais para fora e esticou a vara, puxando a corda que estava pendurada nela. Sua coxa estava empurrando o meu braço; acho que você estava com ela ali para se equilibrar.

— Quando o laço estiver sobre a cabeça dela, saia do caminho. A corda vai se esticar toda. Se abaixe, se puder; se você se



embaraçar na corda, ela pode cortar você em pedaços. Estou falando

sério.

Olhei para o meu corpo esticado sobre o assento, e para as minhas mãos agarradas ao volante, pensando em como poderia sair do caminho de alguma coisa. Você pressionou mais o acelerador. A caminhonete chacoalhou e tremeu. Você estava pronto para jogar o laço. Todo o seu corpo estava retesado. Sua perna começou a pressionar mais o meu braço.

Eu me obriguei a continuar respirando. Seu braço estava levantado, pronto para fazer o arremesso. Você se debruçou mais para fora, com seu longo tronco esticado até o limite e todos os músculos tensionados. Será que se eu o empurrasse você cairia da caminhonete? Você rodopiou a vara sobre a cabeça, ganhando

velocidade e impulso.

Então você soltou a corda.

Tive um vislumbre do laço caindo sobre a cabeça da camela.

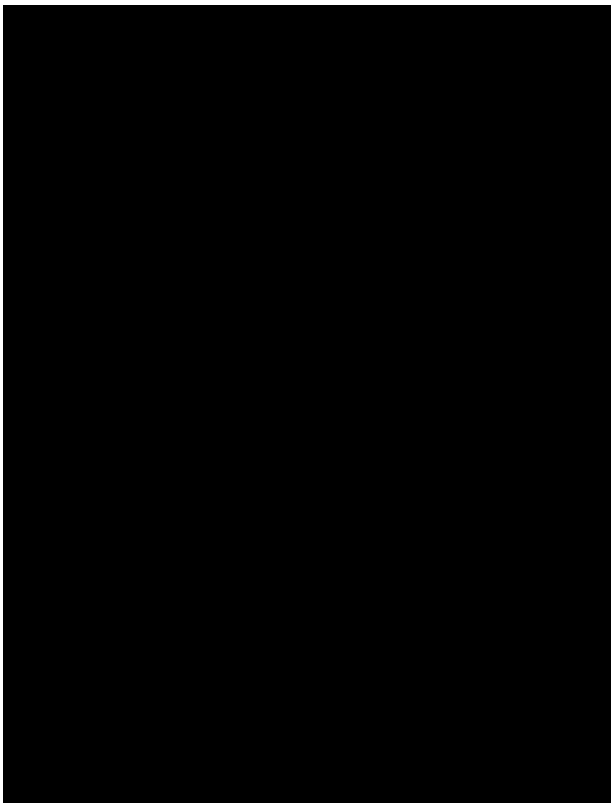
A corda zuniu pela caminhonete, queimando minha pele quando passou por sobre o meu braço. Arranhou também sua barriga nua, marcando você com um profundo vergão vermelho. De repente a caminhonete começou a adernar, como que por conta própria. Senti o porta-malas guinando para a esquerda. Tentei desesperadamente girar o volante no sentido oposto.

— Largue! — você berrou.

Você se deixou cair sobre o assento do motorista, quase

sentando em cima de mim. Segurou o volante com uma das mãos e o virou na direção da camela.

— Aguente firme!





Seu pé esquerdo parou de pressionar o acelerador e acionou o freio. A caminhonete parou de derrapar. Vi a camela passar a toda pela janela. Tombei sobre o meu assento, tentando me segurar em alguma coisa, e fechei os olhos.

Você pulou da caminhonete. A camela estava emitindo um som esquisito, um gemido profundo e desesperado que ecoava pelo deserto.

Saí para olhar.

— Você machucou ela? — perguntei.

— Só o orgulho.

Com os olhos brancos de medo, a camela rodopiava o longo pescoço. Estendi a mão e toquei os pelos de sua coxa.

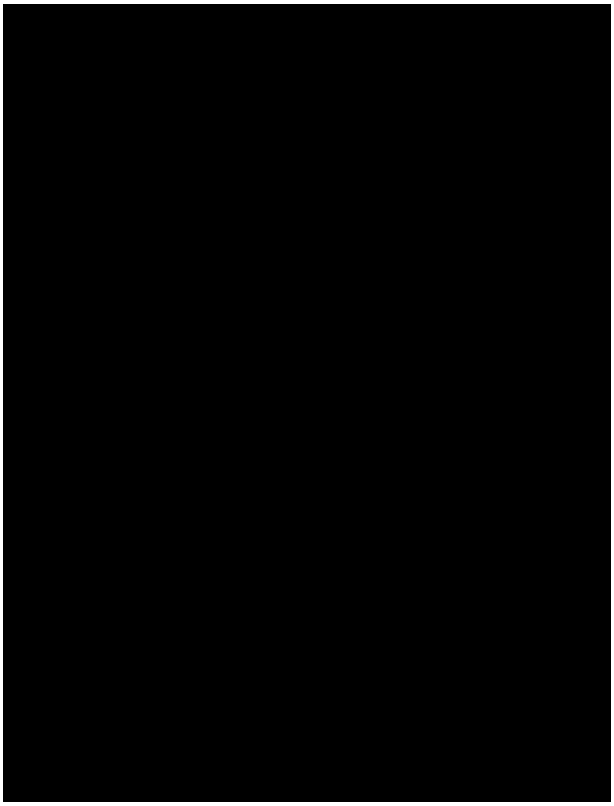
— Coitadinha.

Com movimentos rápidos, você enrolou a corda em torno das pernas do animal. Depois, pegou um balde no porta-malas, junto com um grande galão de água. Grunhindo um pouco, você apoiou o galão na perna e, cuidadosamente, despejou água no balde.

Então encorajou a camela a beber, murmurando:

— Aí, menina, fique tranquila.

Você afagava o pescoço dela, tentando acalmá-la. Mas a camela não parava de olhar para o resto do grupo, que desaparecia



ao longe. Gemendo sem parar, tentava ir ao encontro deles, mas

você estava enrolando a corda em volta de suas pernas dianteiras. Ela tentou me dar um coice com uma perna traseira, errando por centímetros.

— Cuidado — você avisou, enquanto pulava para perto de mim e enrolava a corda acima dos joelhos do bicho. — Vá para o outro lado dela.

Depois, por cima da corcova, arremessou a corda para mim.

— Puxe isso — você disse. — Eu puxei. — Com mais força.

Eu puxei, detestando fazer aquilo. A cada puxão que eu dava, a camela rosnava, gorgolejava e me olhava com expressão suplicante. Você também puxava do outro lado. Finalmente, as pernas da camela se dobraram e ela se ajoelhou na areia.

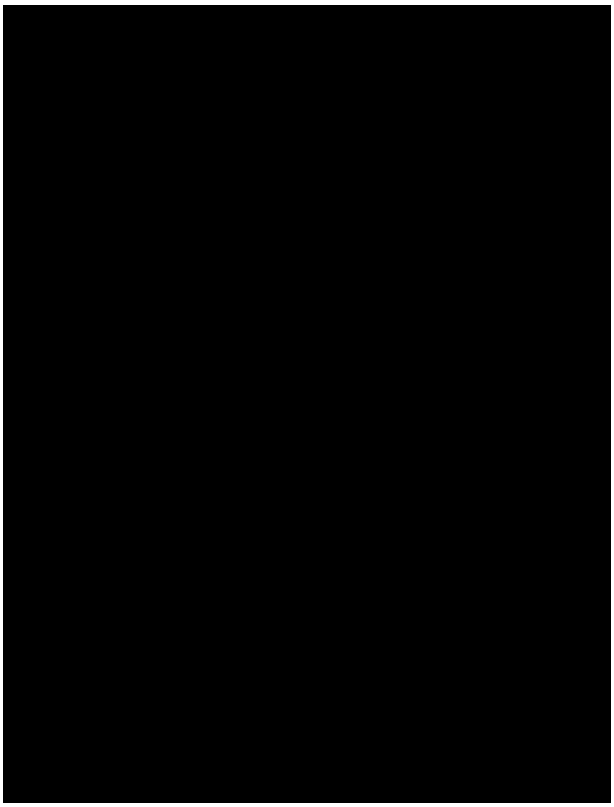
— Chega! — você gritou.

Você se jogou em cima da corcova e fez pressão com todo o corpo, até as pernas traseiras do animal cederem e você ter certeza de que ela não iria se levantar. Então, amarrou a corda nos joelhos dela — com tanta força que ela ficou impossibilitada de esticar as pernas.

— Isso é cruel — eu disse.

— Você quer ter uma hemorragia cerebral provocada por um coice na cabeça? — Você coçou a pele da camela acima de um dos joelhos. — Há meios muito mais cruéis de se fazer isso, acredite no que estou dizendo.

Acreditei. Você provavelmente conhecia meios mais cruéis de se fazer a maior parte das coisas. Os gemidos da camela aumentaram em volume e desespero. Eram tão altos que davam a



impressão de não partirem apenas dela. Parecia que todo o deserto lhes fazia coro. Conjeturei se mais alguém poderia escutar aquilo. Os outros camelos tinham voltado a ser apenas pontos no horizonte, quase impossíveis de se ver. A camela continuava a mover o corpo na direção deles.

— Se você acha que vai escapar, está sonhando, menina — você murmurou.

Após imobilizar todas as pernas da camela, você a amarrou na caminhonete. Parecia altamente improvável que ela pudesse ir a algum lugar. Mas eu gostaria que pudesse. Gostaria que ela rompesse as cordas e galopasse em direção aos companheiros,

chamando por eles.

— Você me levaria com você? — sussurrei junto à cara cálida

e ofegante dela.

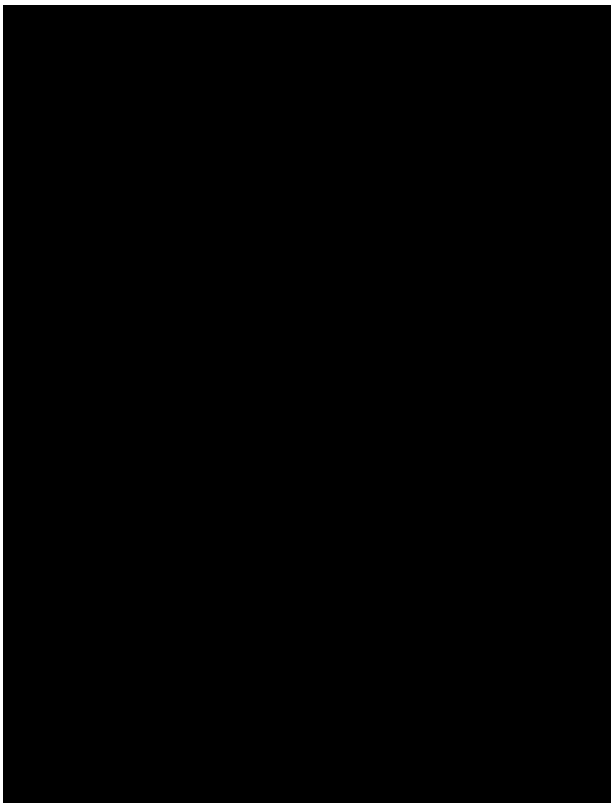
Eu me afastei um pouco para olhá-la melhor. Mesmo amedrontada, ela tinha olhos lindos. Marrom-escuros, com pestanas de aspecto macio. Ela parou de olhar os companheiros e olhou para mim.

— Você está presa também — eu disse a ela. — Nem se dê o trabalho de pensar em escapar. Ele virá atrás de você.

Ela abaixou a cabeça sem tirar os olhos de mim, me observando. Era como se tivesse entendido. Eu meneei a cabeça.

— Você e eu — sussurrei. — Você e eu, menina.

Quando ela parou de se mexer, você caminhou na direção dela, estendeu a mão e segurou seu rosto. Você tinha uma espécie de cabresto na mão. Assim que o viu, ela afastou a cabeça de você o máximo que pôde. E desta vez rugiu. O som era monstruoso e



gutural. Você pôs a mão sobre o pescoço dela e tentou forçar sua cabeça para baixo.

— Ei, menininha — você murmurou. — Ei, menina bonita.

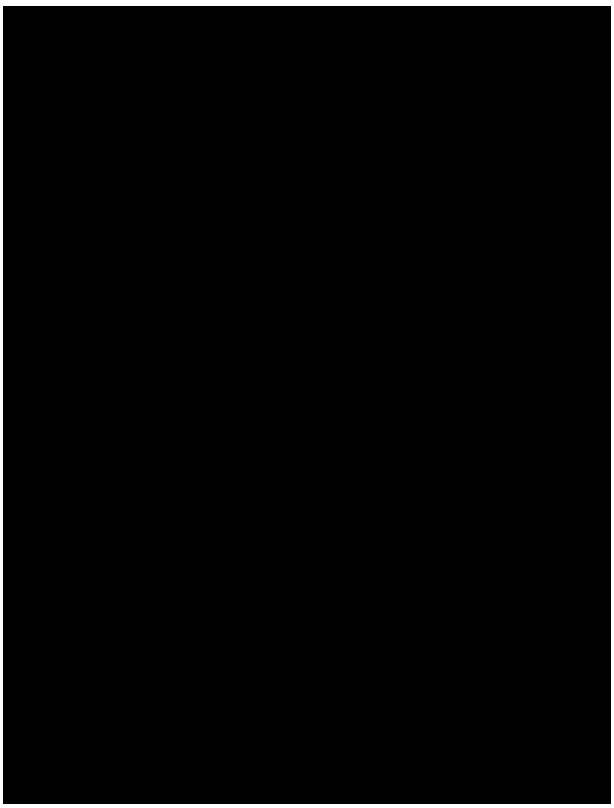
Não faça isso.

A camela detestou suas palavras, rugindo, gorgolejando e agitando a cabeça freneticamente. Você continuou a puxá-la na sua direção; sua força superava até a força de um camelo. Ela olhou para mim de novo, piscando as pestanas longas e adoráveis. Depois se virou para você e vomitou na sua cabeça.

Não existe nada que se compare ao vômito de um camelo. A substância marrom-esverdeada, viscosa e granulosa, tem cheiro de

bosta de cachorro, esgoto e mijo, tudo junto. É o pior cheiro que já senti, sem a menor dúvida. Pior que os peidos do meu pai. Pior que cocô de bebê. Pior que qualquer coisa. E a sua cabeça estava coberta com aquilo. Enquanto eu observava, você cuspiu um pouco da coisa, que havia entrado em sua boca. Depois limpou o rosto com as costas da mão e os olhos com as pontas dos dedos. Por fim, inclinado para a frente, vomitou seu próprio vômito.

Eu não estava muito longe de você. No que senti aquele cheiro, botei todo o conteúdo do estômago para fora. Eu sou assim mesmo, não tem jeito, sempre vomito quando alguém vomita perto



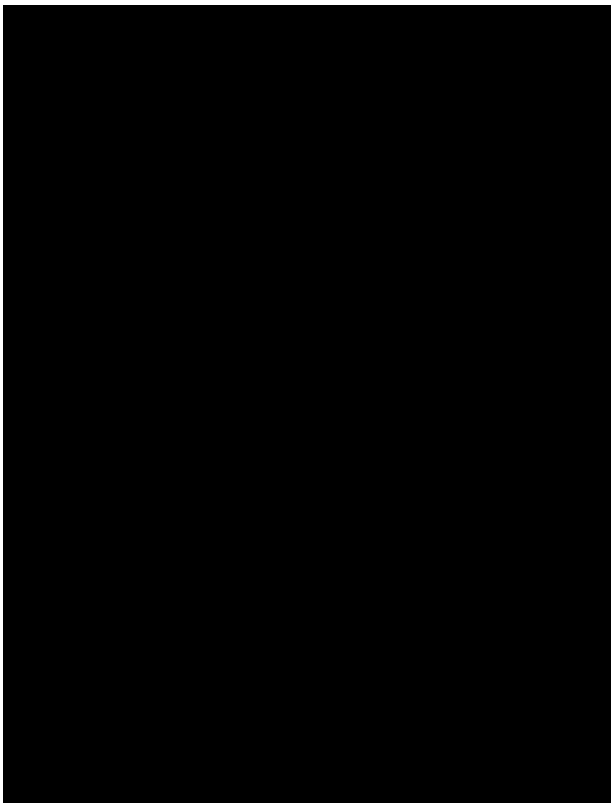
de mim. Fiquei tão mal que tive de me sentar na areia e colocar a cabeça entre os joelhos. E o som de você vomitando não melhorou as coisas. Continuei a vomitar durante um tempão, até por mais tempo que você. Em meio a tudo isso, a camela parou de gemer.

Provavelmente estava bastante satisfeita consigo mesma e rindo da gente. Não a culpo. Ou talvez ela apenas tivesse perdido totalmente as esperanças ao perceber que seus amigos tinham ido embora para sempre e que ficar gemendo não fazia mais sentido.

Rolei para o lado e me encostei numa árvore. O cheiro de vômito podre estava por toda a parte. As moscas já o tinham descoberto e, zumbindo implacavelmente, mergulhavam na porcaria. Em seguida, tentavam pousar no meu rosto. O calor só tornava as coisas piores, e fazia minha cabeça girar. Olhei para a

areia, que se estendia por quilômetros, mas era difícil me concentrar.

A viagem de volta foi a pior viagem da minha vida. Pior até que aquela em que você me enfiou no porta-malas, da qual nem consigo me lembrar direito. Mesmo com todos os vidros das janelas abaixados, o fedor permanecia, infeccionando cada recanto da caminhonete com sua pestilência. Quando o vômito secou sobre nós, começou a cheirar ainda pior. Algo como chulé combinado com leite estragado. A mistura desse fedor com o cheiro de frutas esmagadas — as frutas remanescentes do piquenique tinham se espalhado pela caminhonete quando você resolveu dirigir feito um louco — também não ajudou em nada. Nós viajávamos com a cabeça para fora das janelas.



A camela trotava atrás de nós, agora dócil. Era como se, depois de obter sua pequena desforra, se sentisse mais feliz. Eu vomitei mais algumas vezes... filetes de bile finos e brancos.

No dia seguinte, você foi treinar a camela num cercado de cordas e madeira que deve ter construído na noite anterior — numa área adjacente à cerca que levantara em torno dos Separados e na mesma altura em que abrira o buraco na tela.

Saí para olhar. Você conduzia a camela por um cabresto de

corda que tinha colocado nela. E ela seguia você. Estava mais calma agora, quase resignada. Mantinha a cabeça baixa e parara de gemer. Você falava com ela em tom suave e gentil, com palavras que não

consegui entender. Ela parecia estar gostando.

— Que nome que quer dar para ela? — você perguntou, ao notar minha presença.

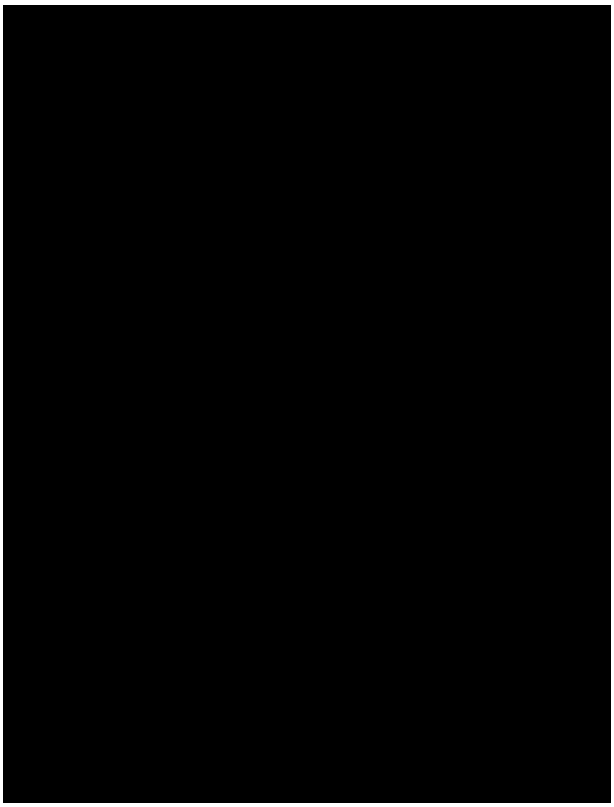
— Raptada — disse eu.

Foi a primeira coisa que me ocorreu.

— Não é um bom nome.

— Mas ela foi raptada, não foi? Tirada da família dela.

Eu me sentia mal por ter ajudado.



— Ela vai aprender a nos amar — você disse em voz baixa. — Você não sentiu a mesma coisa quando escolheu o seu gato no abrigo de animais?

— Isso foi diferente.

Você caminhou até onde eu estava, puxando a camela pela corda. Ela abaixou a cabeça para que eu pudesse acariciá-la. Você

encostou a mão na barriga dela, com ar pensativo.

— Vamos chamá-la de Vomitadora — você disse.

— É uma porcaria de nome.

— É apropriado. Levei séculos para limpar a caminhonete. —

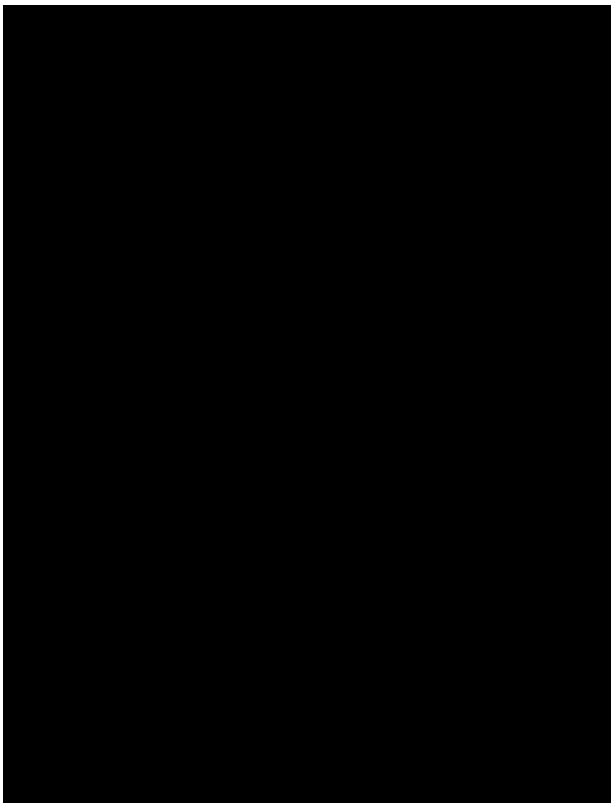
Seus olhos fitaram os meus por mais tempo que o necessário, com uma expressão meiga. Então você me estendeu a corda. — Aqui. Quer conduzi-la?

Peguei a corda sem tocar em você, entrei cautelosamente no cercado e dei umas palmadinhas no ombro dianteiro da camela, pensando em palavras que transmitissem tranquilidade. Queria que ela soubesse que eu não iria machucá-la. Ela avultava ao meu lado. Era só pernas e músculos. Ainda tinha um leve odor de vômito, misturado a alguma outra coisa... uma coisa que lembrava terra e deserto. Ela tinha cheiro de areia.

— Basta sair andando que ela vai atrás de você.

Dei alguns passos e a camela me acompanhou. De repente, com muita delicadeza, ela abaixou a cabeça e cheirou meu ombro. Senti seus lábios tocarem a gola da minha camiseta e seu hálito morno na minha nuca. Seus pés martelavam o chão pesadamente.

— Você é uma menina maravilhosa — murmurei para ela.



Sua mandíbula inferior se movimentava em círculos, como se estivesse mascando alguma coisa. Fiquei surpresa com a gentileza dela, sua disposição para ceder. Não parecia o mesmo animal que tinha resistido ferozmente no dia anterior.

— Precisamos ensiná-la a sentar.

— Como?

— Bem, passe para o outro lado da cerca de novo.

Você tirou a corda da minha mão e me empurrou em direção à cerca. Depois que passei para o outro lado, você me entregou a corda de novo.

— Só fique segurando, bem firme. Com você no outro lado da cerca ela não vai poder lhe dar coices.

Então você amarrou outra corda numa das pernas dianteiras

da camela e jogou uma ponta por cima de sua corcova.

— Vamos ter que puxar juntos — você disse. — Ela logo vai entender a ideia.

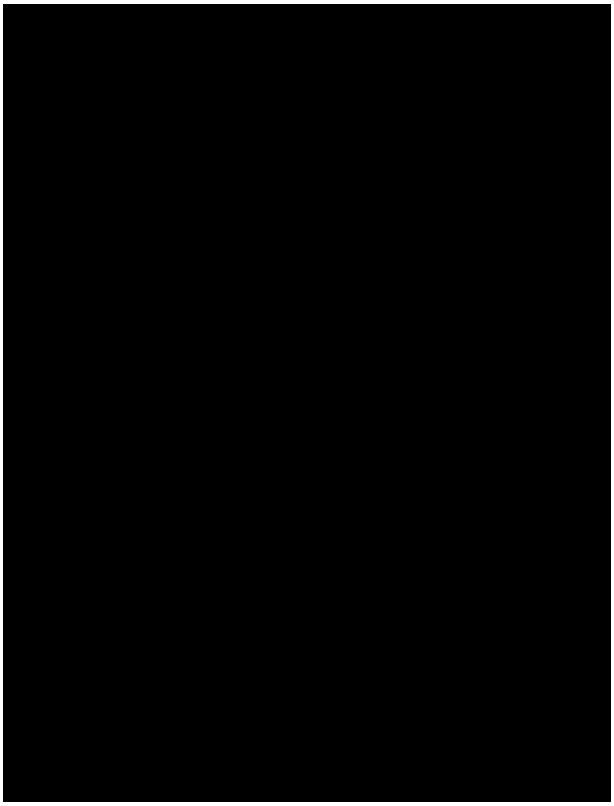
Assim que começamos a puxar, a camela começou a gemer.

Abanei a cabeça para você.

— Não estou gostando disso.

— Os camelos fazem muita barulheira. — Você acariciou o pescoço dela e lhe falou mais algumas palavras gentis. Ela abaixou a orelha para ouvir você. — Assim que ela entender o que a gente quer, ela vai fazer. Os camelos são assim.

Perguntei a mim mesma se você não pensava a mesma coisa de mim.





Meu couro cabeludo começou a arder por causa do sol. Voltei para a varanda e me estendi no sofá. Observei você ensinando a camela a se sentar e a se levantar de novo. O calor na varanda era intenso, mas não sufocante. Apenas deixava minhas pálpebras pesadas. Então, enquanto eu estava semiadormecida, alguns fiapos de lembranças começaram a surgir em minha mente: o rosto de Anna quando ela me disse pela primeira vez que estava saindo com Ben; mamãe chegando em casa com embalagens de comida para viagem; Josh me chamando para sair.

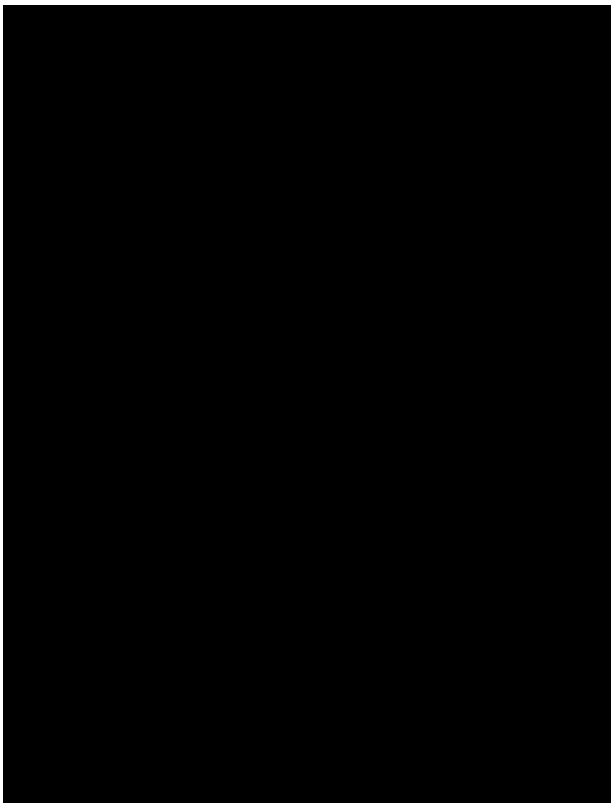
Ouvi as notas desafinadas do seu assovio. Abri os olhos e

obriguei meu corpo a sentar. Você estava caminhando na minha direção.

Você se encostou no pilar da varanda e deu um suspiro. Seu rosto estava ligeiramente vermelho, com mechas de cabelo grudadas na testa. Você puxou um papel do bolso, lambeu as beiradas e enrolou um cigarro. Passei algum tempo estudando seu rosto; meus olhos se demoraram sobre seu queixo, seus malares salientes, sua pequena cicatriz, seus cabelos um tanto longos.

— Eu *realmente* vi você antes, não vi? — eu disse. — Quer dizer, depois de quando eu tinha dez anos.

Você deu uma tragada no cigarro. Havia muitas lembranças pela metade na minha cabeça; vagas imagens de você nas vizinhanças da minha casa, em algum lugar do parque... e mais



alguma coisa também. Eu me lembrei do modo como você me pareceu familiar no aeroporto.

— Por que será que estou reconhecendo você?

— Eu já lhe disse, eu estava te seguindo.

— Isso foi uma coisa horrível.

Você deu de ombros. Eu me inclinei para a frente.

— Mas *eu* estou reconhecendo você. E isso ainda é mais horrível. Por que será?

Você sorriu.

— Eu morava perto.

— Sim, mas é outra coisa... assim que vi você no aeroporto, eu sabia... eu sabia que já tinha visto você.

Meu cérebro doía de tanto pensar. Limpei o suor da testa e

dos cantos dos olhos. Passei para um lado mais fresco do sofá. Seus ombros largos bloqueavam o sol, o colarinho da sua camisa estava amarrotado. Você deu outra tragada no cigarro.

— Eu me encontrei com você no parque, lembra?

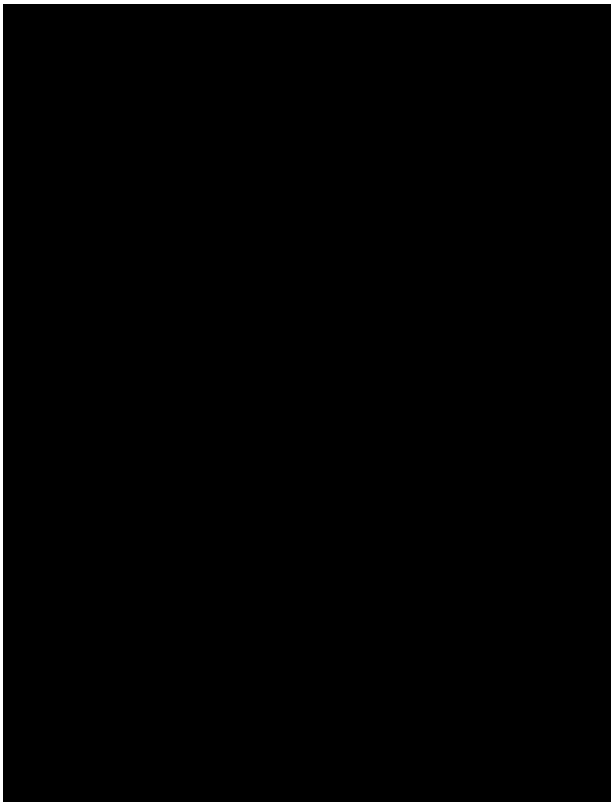
— Você ia sempre lá?

— O tempo todo. Como você sabe, eu vivi lá durante algum tempo... Jardim dos Rododendros nº 1. — Você sorriu. — Depois eu trabalhei lá.

— Trabalhou?

— Sim, depois que eu encontrei você resolvi mudar de vida. E arranjei um emprego no parque... manutenção, jardinagem. Eu via você lá com os seus amigos.

— Isso foi há quanto tempo?



— Talvez três anos, trabalhei lá uns dois anos... de forma

intermitente. Eu gostava do trabalho.

Procurei me recordar do parque. Eu conseguia me lembrar de onde estavam as árvores e os canteiros de flores, de onde exatamente estavam todos os bancos... e das moitas que eram ótimas para eu fumar escondida. Às vezes, eu achava que conhecia aquele parque melhor que a minha casa.

Mas eu não conseguia me lembrar de você no parque. Ou conseguia?

— Você usava cabelo comprido naquela época?

Você assentiu e deu um leve sorriso. Então tudo me veio à cabeça: aquele garoto calado e magricela que trabalhava nos canteiros meio fora de vista, com os cabelos caindo sobre o rosto, o

garoto que estava sempre concentrado no trabalho.

— Era você?

— Talvez, às vezes.

— Nós costumávamos falar sobre você. Anna achava você bonito.

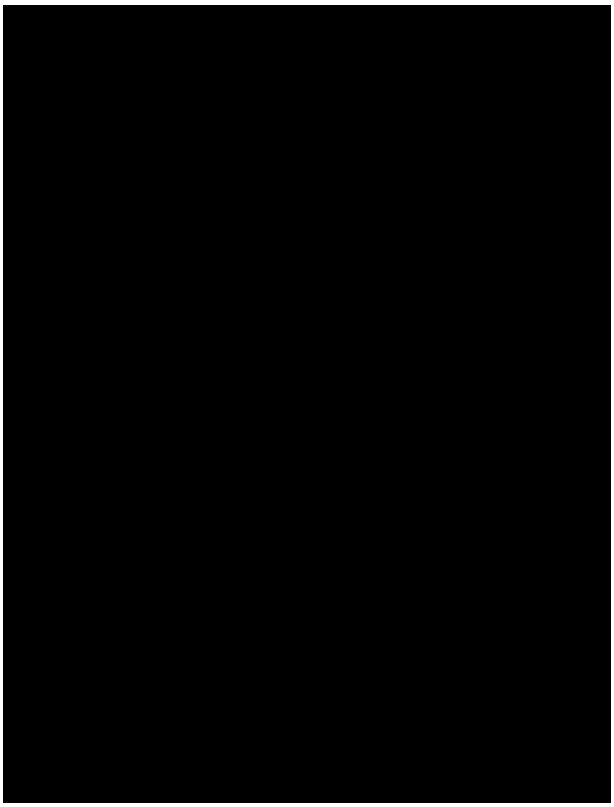
Você riu.

— Mas o que *você* achava? Era você a pessoa que eu estava observando.

Senti um calor nas bochechas. Detesto essa facilidade que tenho para ruborizar. Levantei os joelhos e apoiei o rosto neles, para que você não visse meu rosto.

— Acho uma coisa muito esquisita, você ficar me observando desse jeito.

— Nem sempre. Às vezes era uma coisa boa.



O rubor desapareceu. E uma sensação de enjoo se instalou em meu estômago novamente; era a náusea que eu sempre sentia quando pensava no que você tinha feito comigo. Eu desejava saber o que você tinha visto no parque ao longo dos anos — certamente eu fizera coisas idiotas —, mas ao mesmo tempo não queria saber. Muito menos perguntar.

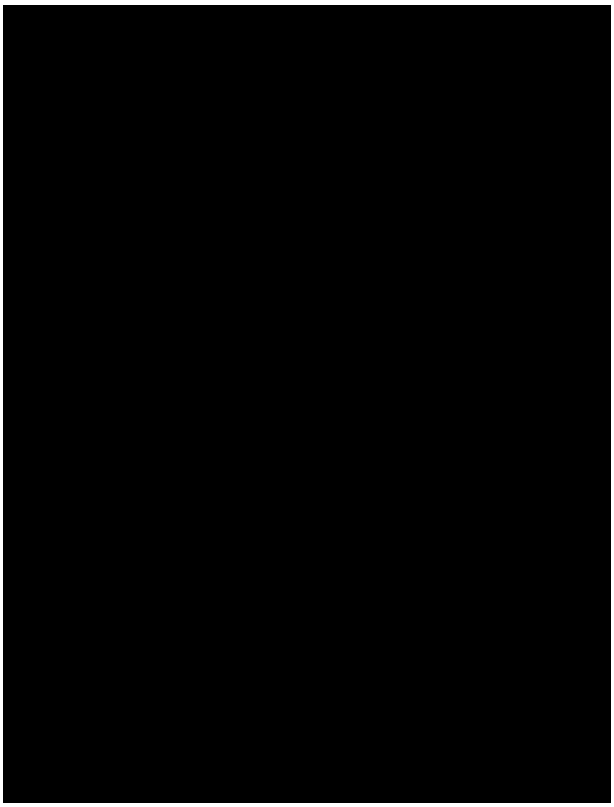
Então comecei a pensar no parque, nas vezes em que eu ia lá.

No início, eu ia com os meus pais. Costumávamos ir lá quase todos os domingos, pelo menos quando o tempo estava bom. Isso durou mais ou menos um ano. Mamãe e papai liam os jornais no banco e eu brincava perto deles. Mamãe levava brinquedos, mas eu preferia

perambular pelos canteiros de flores, inventando histórias sobre o reino das fadas. Era uma boa lembrança, uma das mais felizes que

eu tinha dos meus pais. Mamãe não tinha voltado a trabalhar em tempo integral, naquela época, e papai, de certa forma, parecia mais descontraído. Nas minhas lembranças, nós éramos uma família normal e feliz. É uma lembrança boa. Deve ter sido no verão desse ano que eu encontrei você pela primeira vez.

Teria você visto tudo isso? Esses raros momentos felizes com minha família seriam em parte responsáveis pela atração que você sentiu por mim? Olhei de novo para você. Você estava tentando tirar um prego de um dos pilares da varanda usando uma das unhas. A tarefa absorvia toda a sua atenção. Curvado como estava, você parecia menor do que era. Eu me recostei no sofá e desviei a atenção para o céu, aquele céu tão azul, infinito e vazio. Mas havia algumas nuvens naquele dia; eram flocos de algodão doce soprados pelo vento. Tentei encontrar rostos neles.



Quantas vezes estive no parque com Anna, fazendo as mesmas coisas? Nós sempre encontrávamos Ben — ele era a nuvem grande e sorridente, com as bordas esfumaçadas. Anna disse que tinha visto Josh por lá, uma vez, olhando para mim.

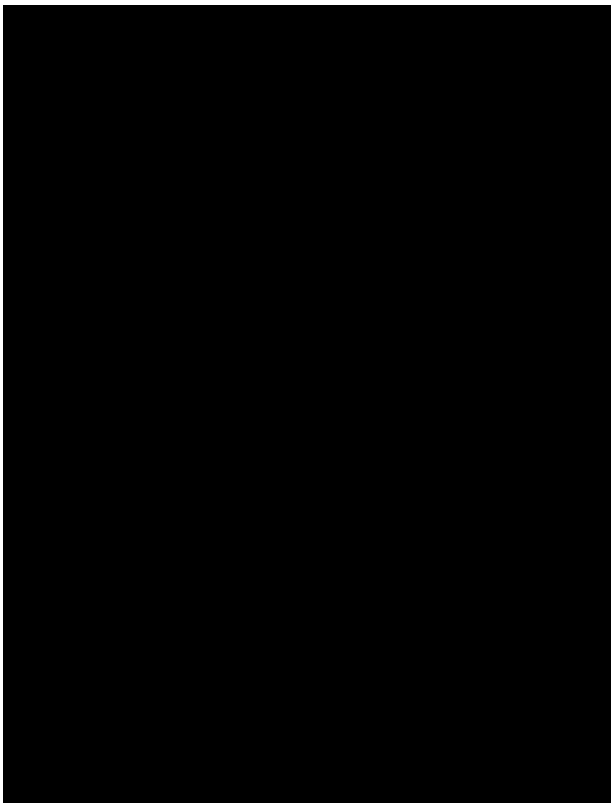
Passei a olhar em volta, depois disso, para ver se via Josh. Até conversei com ele, tentando descobrir se ele era mesmo tão ruim quanto eu pensava. Isto só o encorajou. Ele começou a me seguir; ficava me espreitando um pouco afastado do nosso grupo. Anna não se incomodava, o que era estranho, pois qualquer um podia ver que ele estava obcecado por mim. Mas talvez ela quisesse que eu namorasse Josh. Assim, teria Ben só para ela.

Senti meu corpo se contrair. Flutuando lá em cima, junto com as nuvens, havia uma lembrança em que eu não queria pensar.

Desviei os olhos do céu e tentei concentrar o olhar em você. Mas a lembrança não ia embora. Uma noite quente de verão. Há quase dois anos. O parque. *Aquela* noite.

Você conseguiu enfiar a unha embaixo do prego e o puxou.

Josh estivera lá naquela noite, perambulando na periferia do grupo como uma espécie de morcego. Havia bebida circulando entre nós, bebida forte. Cada um trouxera um pouco, e tudo fora misturado numa garrafa de dois litros. Anna estava rindo. Ben a bolinava diante de todo mundo. Ouvi o zunido do zíper dela sendo abaixado. Ouvi o ruído elástico da calcinha. Jay e Beth zoavam, dizendo que eles iriam perder a virgindade bem ali, na nossa frente, mas na verdade nós só estávamos com ciúme. Deixamos Anna e Ben para lá e bebemos mais. Depois de algum tempo, paramos de conversar. Então, Jay e Beth desapareceram nas moitas e eu fiquei



sozinha, sentada ao lado dos meus melhores amigos, que estavam praticamente transando ao meu lado.

Mas Josh ainda estava lá, nas sombras, um pouco atrás de nós. Eu bebi mais. Bobamente, desejei que Anna e Ben parassem logo com aquilo, para que nós pudéssemos voltar juntos para casa. Olhei para eles e vi que Anna estava olhando para mim, por sobre o ombro de Ben. Eu sabia exatamente o que ela queria que eu fizesse.

Então, dei o fora. Saí tropeçando pela escuridão do parque, em direção à saída. Não voltei a ver Jay e Beth. Senti um cheiro terroso e pungente no ar. Mosquitos esvoaçavam na frente dos meus olhos.

Josh me seguiu.

Eu não o vi, no início, mas ouvi os passos dele quando estava a meio caminho da saída. Eram passos hesitantes, mas rápidos. Ouvi

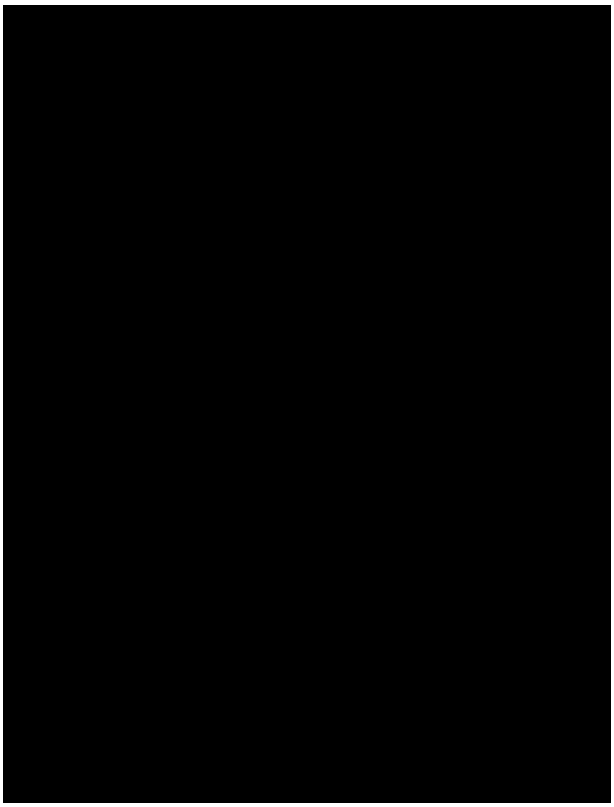
o roçar de uma calça jeans e me virei. Então o vi, a cerca de três metros, vindo na minha direção. A expressão em seus olhos era, bem, indecente. Era como se ele tivesse esperado todos aqueles meses apenas para me encontrar sozinha — e bêbada. Fora o objetivo dele o tempo todo. Enquanto eu olhava para ele, minha cabeça começou a girar e eu tive que me apoiar em uma árvore.

Então vi que tinha me perdido. Retornei à alameda onde estava antes, mas segui na direção errada. Não percebi isso na mesma hora, já que Josh começou a falar comigo e a se aproximar. A única coisa em que pude me concentrar foi em andar mais depressa.

Ele deu uma risada baixa e suave.

— Gemma, espere — ele disse. — Eu só quero conversar.

Cheguei a uma parte do parque que não costumava frequentar muito, nos fundos, perto das samambaias. Teria que



retornar por onde onde viera. Mas Josh estava bloqueando o caminho. E chegando mais perto. A escuridão era tanta que eu nem podia ver a que distância ele se encontrava.

— Se manda, Josh — eu disse. — Depois a gente conversa. Vá para casa.

— Mas ainda é cedo.

Olhei ao redor, procurando algum galho, alguma coisa sólida que pudesse colocar entre nós. Tentei lembrar onde ficava o laguinho, exatamente. Aquela alameda contornava o laguinho? E para onde iria depois?

— Vamos, Josh — apelei novamente. — O que você está pretendendo? Você sabe que eu não quero ficar com você. — Minha voz estava trêmula e minha garganta, contraída, mal permitindo

que as palavras saíssem. — Me deixe em paz.

— Eu não quero.

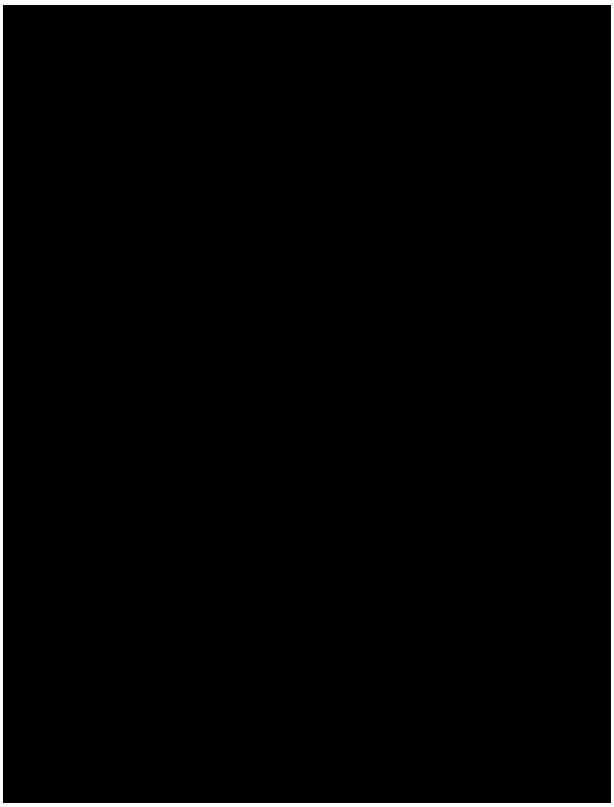
Josh estava apenas alguns passos atrás de mim. Eu já quase podia ver o laguinho, diretamente à frente. As plantas que o cercavam pareciam lanças escuras. Senti uma súbita umidade no ar. O chão ficou mais macio. Ouvi o jeans de Josh roçando no mato atrás de mim. Vi que a alameda dobrava à esquerda, contornando o laguinho.

Eu estava retornando à alameda quando tudo aconteceu.

Arregalei os olhos de repente quando pensei numa coisa.

Você já estava quase arrancando o prego. Olhei para as suas costas curvadas. Ouvi seus grunhidos.

— Onde você estava naquela noite? — perguntei baixinho. — Naquela noite no parque, com Josh?



Sua boca se contraiu e seus ombros se curvaram mais sobre o peito. Fechei os olhos, apenas por um segundo.

O som era fácil de lembrar: um ruído seco e rápido que me fez pensar que Josh tinha escorregado na grama. Depois, as sombras. Havia duas sombras além da minha, ambas delineadas sobre a alameda. Uma alta e outra baixa. Olhei para trás rapidamente. Havia mais alguém lá. Alguém com um capuz. Alguém se atracando com Josh e o empurrando para longe de mim. Ouvi Josh começar a gritar alguma coisa, mas sua voz foi abafada pela de outra pessoa; uma voz baixa, profunda e insistente. Achei que fosse um dos amigos esquisitos de Josh se intrometendo, puxando Josh em direção às moitas para fumar maconha ou coisa parecida. Talvez fosse Ben ou Jay.

Não fiquei parada para descobrir. Saí correndo. Passei em disparada pelas moitas onde Josh tinha se enfiado e corri até chegar em casa. Só parei depois de chegar em casa e passar a chave na fechadura.

Você começou a balançar o prego na madeira, até soltá-lo.

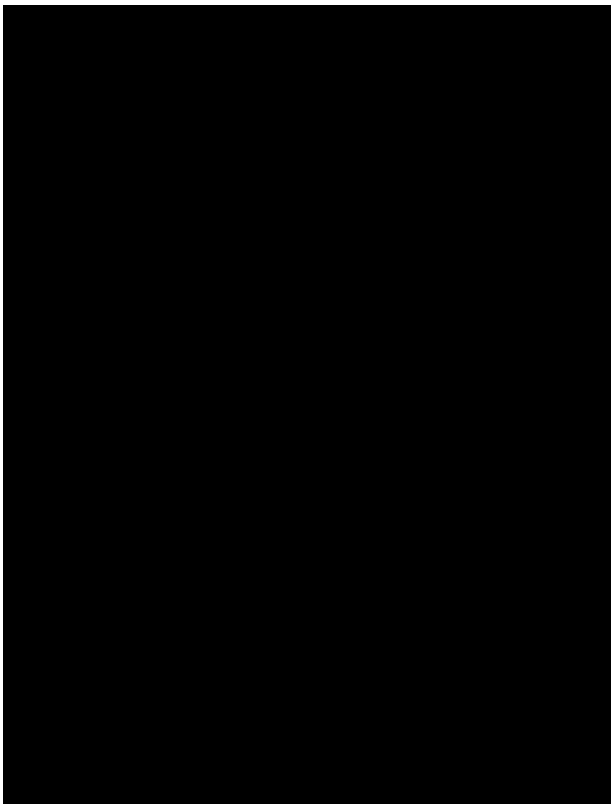
Você o jogou para o alto e o aparou na mão uma ou duas vezes.

Então me encarou. De alguma forma, consegui sustentar seu olhar.

— Foi por isso que Josh foi embora? — perguntei. — Você era o cara de capuz, não era?

Você olhou para o prego em sua mão e depois para a paisagem. O sol estava começando a se pôr. Sua luz banhava os Separados, transformando as rochas em ouro.

— O que você fez com ele? Depois de jogar ele nas moitas?





Você olhou para mim novamente. Um clarão em seus olhos me informou que sabia exatamente do que eu estava falando.

— Nada — você disse. — Eu não fiz nada.

— Ele me deixou em paz depois disso.

— Eu sei.

Eu me inclinei mais para a frente. Estava vendo as gotas de suor em seu pescoço, mas naquela hora só sentia frio. Encarei você, incrédula.

— Você pensa que me salvou dele?

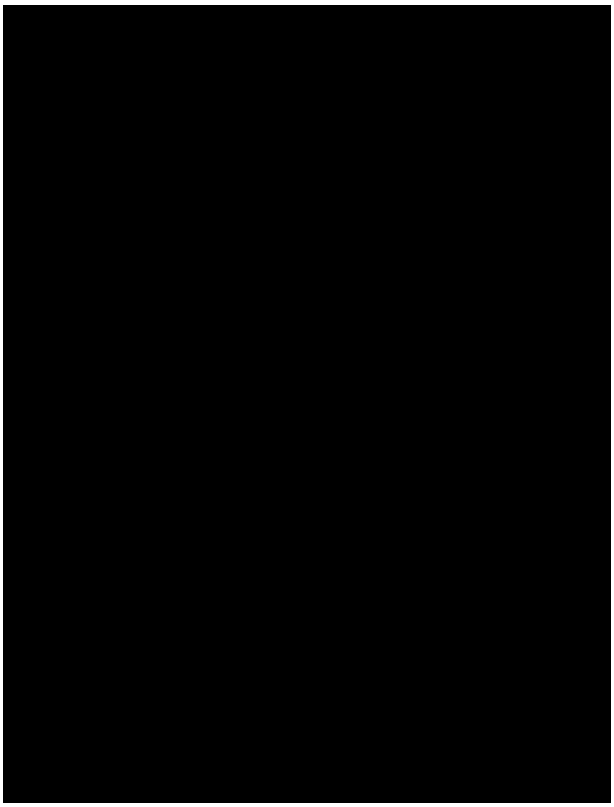
— O que você acha? — Você deu um passo na minha direção e se agachou no chão. Seus olhos estudavam meu rosto, tentando decifrar meus pensamentos — Você não se sente feliz por eu ter estado lá?

Você pousou a mão no sofá, roçando na minha coxa. Franzi a testa, confusa.

— E caso você queira saber — você disse suavemente — ... *aquele* foi o momento.

— Que momento?

— O momento em que eu soube que queria você... o momento em que eu soube que tinha de trazer você para cá. Não foi quando você tinha dez anos, foi *naquela noite*. Depois, tudo girou em torno de você. Eu trabalhei duro para resgatar você o mais rápido possível.



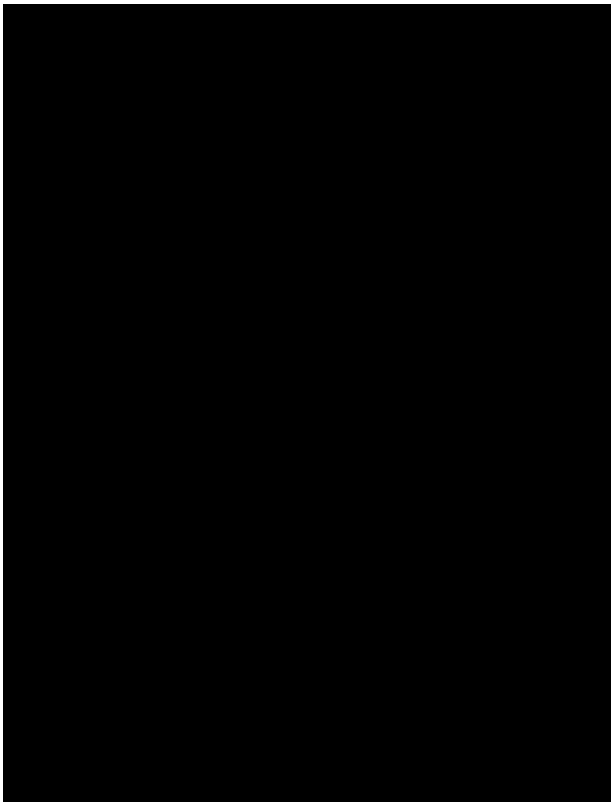
No dia seguinte eu me sentei no chão, perto do cercado. Você foi gentil com a camela, e paciente. Sempre que ela fazia o que você queria, você a recompensava com um galho cheio de folhas secas, que ela arrancava com seus lábios macios e elásticos. Você falava com ela constantemente, murmurando bobagens amáveis à altura do pescoço dela. Quando ela não fazia o que você pedia, você simplesmente erguia as mãos e caminhava em sua direção como se fosse bater nela. O medo que ela tinha de você era o bastante para que ela aprendesse. Ela se afastava imediatamente, mas logo retornava de cabeça baixa e movimentando os maxilares. Era um duelo de vontades, mas a camela parecia já ter se rendido.

Eu me estiquei na areia, apoiada nos antebraços. Estavam

bem morenos, mais morenos do que nunca. Quando eu os pousava

no chão eles quase se confundiam com a área adjacente. Senti cócegas quando uma formiga grande subiu no meu dedo mindinho. Não me senti incomodada o suficiente para espantá-la, apesar de suas pinças de aspecto ameaçador. Duas semanas antes eu provavelmente teria pisado nela. Ela passeou por três outros dedos e desapareceu atrás das minhas costas. Temendo esmagar a criatura, evitei me mexer.

Observei você atrair a camela com os galhos. Quando ela se aproximava o suficiente, você colocava uma corda sobre sua corcova. No início, ela recuava, amedrontada. Você deixava a corda deslizar para o chão. Mas à medida que você insistia, ela começou a se acostumar com a corda.



— É um treino para ela se acostumar com a sela — você gritou para mim.

Eu me aprumei ligeiramente. A camela percebeu meu movimento e andou para o lado. A corda caiu no chão.

— Você quer montar nela? — perguntei.

— É claro. — Você virou as costas para a camela, evitando fazer contato visual com ela. Após alguns instantes, ela veio em sua direção. — Quando a gasolina acabar nós podemos precisar dela.

— Quando é que vai acabar?

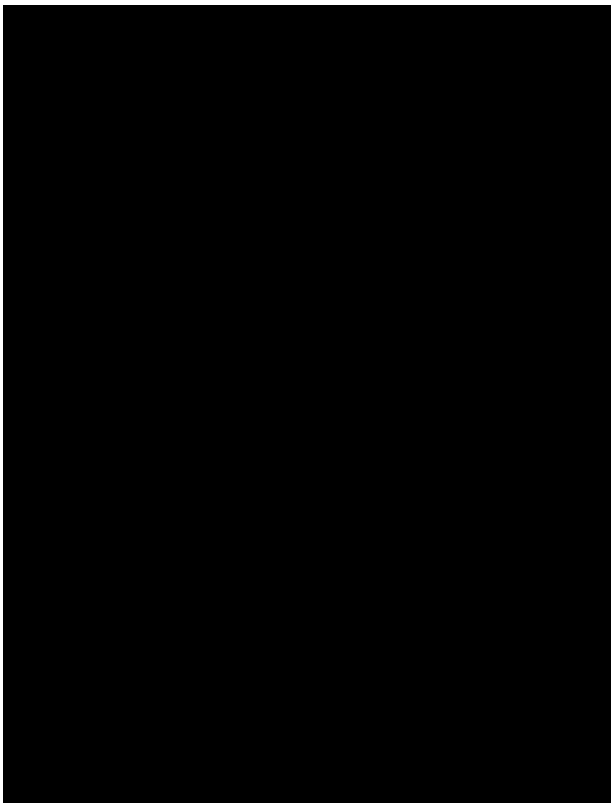
— Não por enquanto, ainda falta muito, mas temos que estar preparados. De qualquer forma, essa menina vai servir para muitas outras coisas, além de transporte.

Olhei para o galpão ao lado do galpão de pintura — aquele

em que eu ainda não estivera. Será que a gasolina estava lá? Eu me imaginei trancando você na casa, jogando gasolina em volta, botando fogo na varanda e olhando você queimar lá dentro. Pela bilionésima vez, passei os olhos pela roupa que você vestia. Sem saber onde guardava as chaves, minhas chances de escapar, ou mesmo de incinerar você, eram nulas. O segundo galpão estava trancado. Eu tinha visto um cadeado na porta. Olhei para o dorso alto da camela. Não parecia muito confortável.

— Quando vai conseguir montar nela? — perguntei. — Hoje?

— Não! Você coçou o pescoço da camela. — Sem chance. Mas é sempre assim com camelos... aos pouquinhos. Uma coisinha de cada vez até ela aprender a aceitar.



A cada tentativa, você procurava manter a corda mais tempo em cima dela. Ela se esquivava facilmente. Mas às vezes deixava a corda ficar.

— Quer dizer que você está forçando ela a fazer o que você quer? Acabando com a vontade dela?

— Não é bem assim. — Você estalou a língua para a camela e se aproximou dela, de cabeça levantada. Desta vez, quando jogou a corda sobre a corcova, ela não se esquivou. Virou o longo pescoço e farejou a corda. — Estou fazendo ela ter fé em mim — você disse. — Depois que ela confiar em mim e me aceitar, ela vai se sentir melhor. Os camelos vivem em manadas, como você sabe. Ela vai se sentir mais segura se tiver alguém para seguir, um líder. Assim ela não vai sentir mais medo.

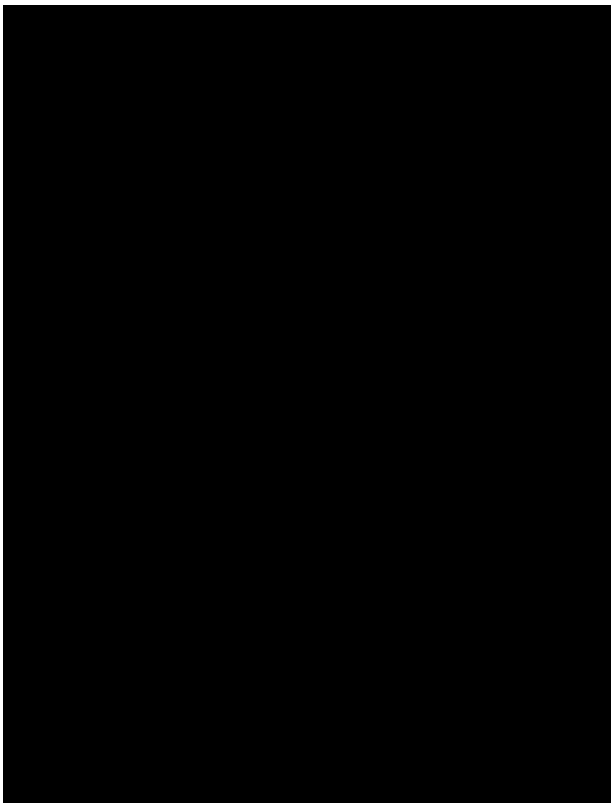
Você falou sem desviar os olhos da camela. Então encostou as mãos no quadril dela e fez pressão com o seu peso, para induzi-la a aceitar você. Ela não se afastou. E até mordiscou as folhas que você lhe ofereceu.

— Boa menina — você disse. — Boa, linda menina. É isso o que nós queremos.

Você tirou a corda das costas dela, pegou outro galho com folhas e reiniciou todo o processo. Após fazer isso mais algumas vezes, passou as mãos sobre ela, começando no pescoço e indo até os pés. Ela gorgolejou suavemente, e você murmurou de volta.

— Agora chega, neném — você disse. — Amanhã a gente faz mais.

Enquanto ela mastigava as folhas de outro galho, você aumentou o buraco na cerca dos Separados, fazendo uma abertura





suficiente para um camelo passar. Então apontou a abertura para a camela, tentando encorajá-la a penetrar nos rochedos.

— Depois você não vai conseguir pegar ela... comecei a dizer.

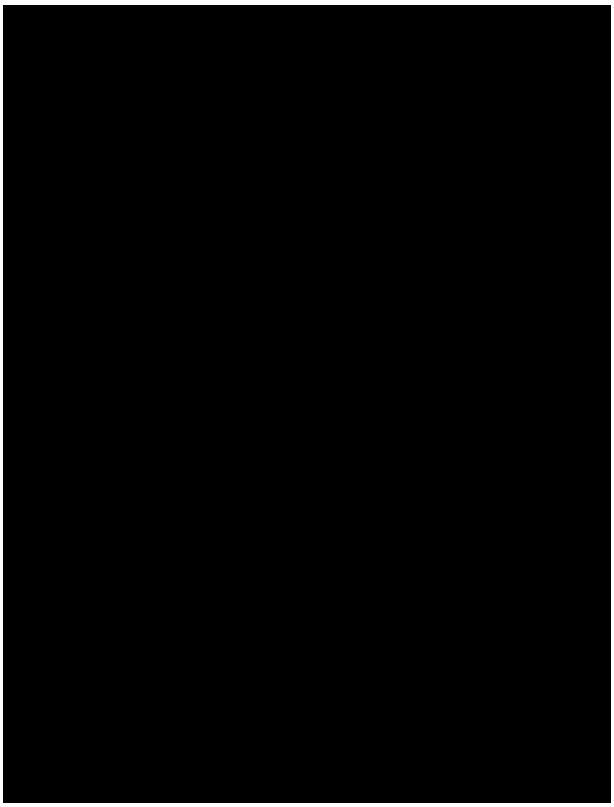
Mas a camela se aproximou de você e abaixou a cabeça até a altura dos seus ombros. Você saiu do cercado, veio até onde eu estava e se estendeu na areia ao meu lado, fechando os olhos. Você estava bem perto, mas desta vez não me movi. Ainda estava preocupada com a formiga embaixo de mim; não queria esmagá-la nem que ela me mordesse. E estava com muito calor e preguiça. Um dos seus olhos se abriu e você olhou para mim.

— Estamos chegando lá — você suspirou. — Aos pouquinhos.

Depois de algum tempo, você sentou e esfregou a mão na testa.

— Vamos beber alguma coisa — você disse. — Está muito quente aqui.

Acompanhei-o até a varanda, mas não entrei com você na casa. Queria pensar um pouco sobre a nossa conversa do dia anterior, sobre o que de fato ocorrera naquela noite no parque. Às vezes, eu pensava que fazia sentido; outras vezes, que não fazia.



Você tinha deixado a porta aberta, e eu o ouvi na cozinha, bebendo água na torneira, cheio de sede. Retornou com dois copos cheios e me entregou um. Eu o segurei, mas não bebi. Observei seus ombros ficarem tensos quando pousei o copo no chão. Cheguei mais para a beirada do sofá. Você tinha a altura certa para ser o cara de capuz. Mas aquela história sua, o modo como me conheceu... era exagerada demais, louca demais. E ainda havia muitas coisas que não faziam sentido. Por quê? Por que me seguir durante todos esses anos? Por que eu?

— Por que você saiu da Austrália? — perguntei. — Por que você foi para a Grã-Bretanha, para início de conversa?

Você não respondeu. Andou lentamente até um dos pilares da varanda, apoiou a cabeça nele e tentou fechar os olhos. Mas eu

continuei pressionando, querendo descobrir.

— Por quê?

Você abanou a cabeça e apertou com força o copo que estava segurando. Depois, num movimento rápido, se virou para mim.

— Eu recebi uma carta — você disse. — Está bem?

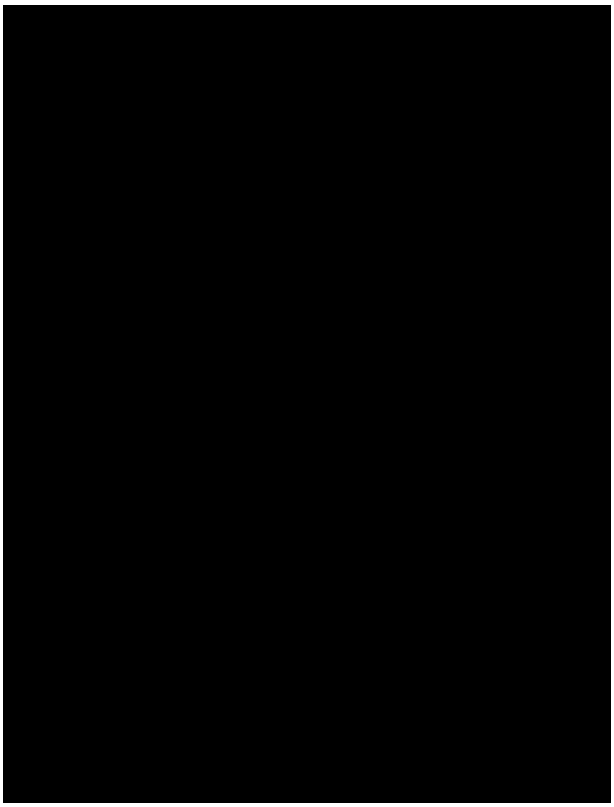
— Que carta? — Vi as pontas dos seus dedos ficarem brancas, de tanto você apertar o copo. — O que ela dizia?

Sua boca se abriu como se você fosse me contar, mas você respirou fundo, em vez disso.

— Não sei... — Seus dedos estavam tão tensos que achei que o copo iria quebrar. Você seguiu a direção do meu olhar e olhou para eles também. — Eu não sei como ela me achou.

Mudei de posição no sofá, subitamente interessada.

— Quem achou você?



Você bateu o copo com tanta força na balaustrada que ele se quebrou na sua mão. Seus olhos se arregalaram quando olhou para os cacos serrilhados.

— Minha mãe, certo? — você sussurrou. — Ela me encontrou.

Um filete de sangue escorreu pelo seu punho. Você ficou olhando para ele. Os pedaços de vidro tilintaram quando você os jogou no chão. Olhei os quatro cacos e novamente para a sua mão. Você a tinha fechado, mas o sangue escorria entre os seus dedos. Seus olhos continuavam arregalados, confusos. Você se abaixou para recolher os cacos; mas, quando me viu olhando para você, desistiu e me virou as costas, colocando a mão à sua frente, onde eu não poderia vê-la. Seus ombros estavam contraídos. Mais uma

palavra e você poderia explodir. Esperei um pouco antes de falar. Quando falei, minhas palavras saíram hesitantes.

— Você não me disse que sua mãe sumiu depois que você nasceu?

— Ela sumiu. — Você se debruçou sobre a mão para avaliar os estragos. — Mas me descobriu — você murmurou. — Não sei como. Pouco depois de eu completar dezessete anos ela me mandou uma carta.

— Por quê?

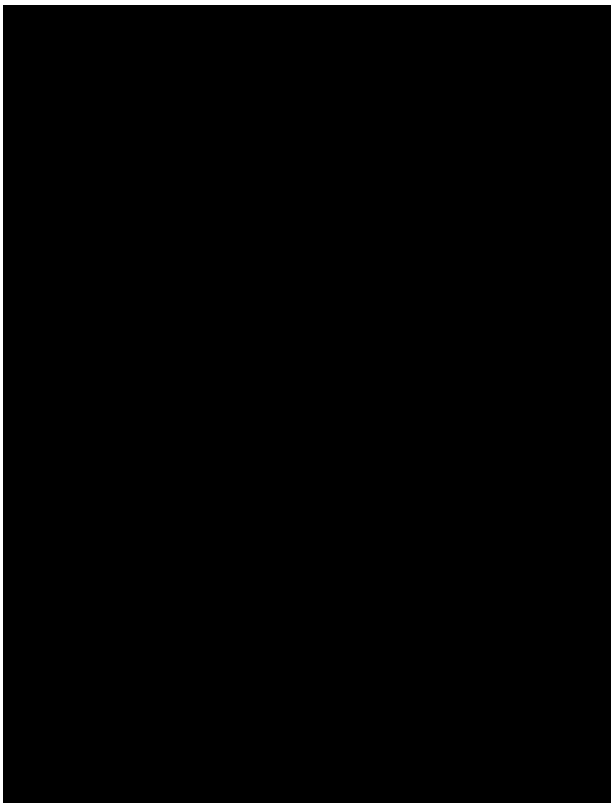
A pergunta saiu mais baixa que um sopro. Mas ficou

pairando entre nós. Suas costas estavam tão duras quanto o pilar em

que você estava encostado. Nada em você se movia.

— Ela disse que queria me ver. E me deu o endereço dela:

Rua Elphington 31a.



— É perto da minha casa.

— Eu sei.

— Então você foi visitar sua mãe.

— Eu tentei. O casal que estava tomando conta de mim, na

época, me emprestou dinheiro.

— E o que aconteceu?

— Eles ficaram felizes em se livrar de mim.

— Eu estou falando da sua mãe.

Você se virou. Seu rosto estava crispado devido às emoções

que dominavam você.

— Você quer mesmo saber?

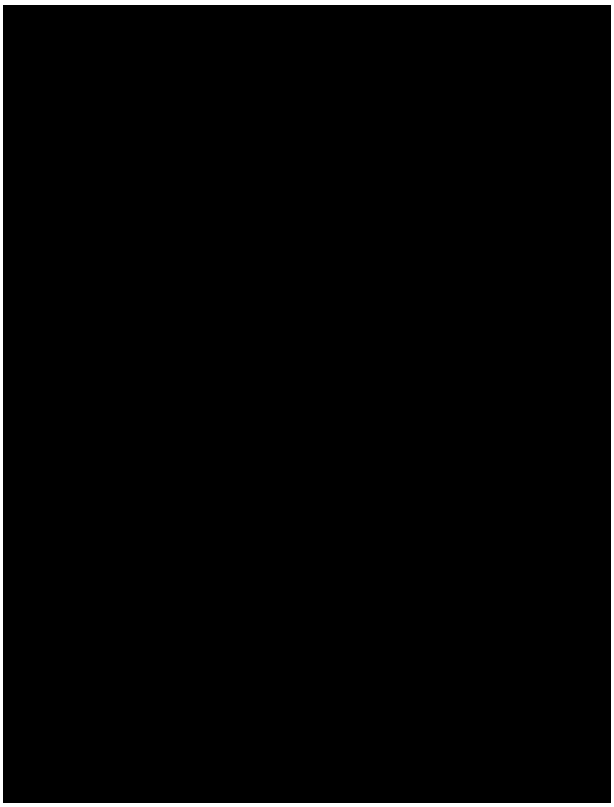
Assenti. Você atravessou a varanda em três passos, entrou na casa e bateu a porta. Ouvi você andar pisando duro e abrir uma

gaveta. Fiquei aguardando, nervosa. Você retornou à varanda, batendo a porta. Depois, colocou uma coisa nas minhas mãos: um envelope.

— Leia a carta — você rosnou.

Minhas mãos estavam trêmulas quando retirei as finas folhas que estavam dentro do envelope. Uma fotografia caiu sobre o meu colo. Eu a peguei.

Estava velha, desbotada e levemente amarrotada nas bordas. Mostrava uma garota — uma garota da minha idade segurando um bebê no colo. Olhava direto para a câmera, como se estivesse desafiando a pessoa que estava batendo a foto. Tive um sobressalto ao examinar seus longos cabelos escuros e olhos verdes. Ela se parecia um pouco comigo. O bebê que ela segurava era bem pequeno, e estava embrulhado em cobertores de hospital. Os olhos



dele eram azuis como o oceano, e os poucos cabelos que tinha na cabeça eram dourados.

Olhei para você, demorando o olhar nos cachos louros que lhe caíam sobre os olhos.

— ...você?

Você bateu com a mão no pilar da varanda, fazendo toda a estrutura tremer.

— Eu quero que você *leia* a carta! — Você arrebatou as folhas que estavam no meu colo. — Devolva, se não vai ler.

Você pegou a foto também. Tomando cuidado para não amassá-la, enfiou-a delicadamente no bolso da camisa. Depois colocou as folhas lá, também. Quando falou, sua voz saiu baixa, como se estivesse falando consigo mesmo.

— Ela me escreveu pedindo que eu fosse morar com ela —

você explicou. — Ela disse que já estava sozinha há tempo demais.

— E o que aconteceu?

Minha voz mal passava de um sussurro.

Você se debruçou sobre mim. Cuidadosamente, desdobrou os

dedos e os estendeu diante do meu rosto. Vi o sangue escuro que

cobria sua palma da mão e já estava endurecendo. Virei o rosto, mas

você o puxou de novo, me obrigando a olhar para você. As pontas

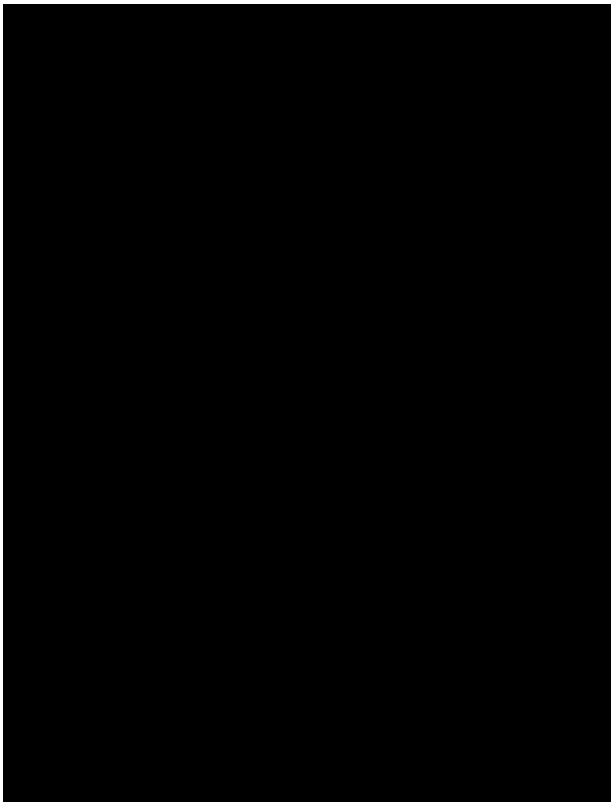
dos seus dedos tocavam meus cabelos.

— O número 31a da rua Elphington era um cortiço — você

suspirou. — Cocô nas paredes e pardais mortos na lareira. Um

traficante de drogas quase me matou quando eu bati na porta.

— E a sua mãe?



Seus dedos apertavam meu rosto com tanta força que eu

quase não conseguia falar.

— Ela não estava lá. Parece que tinha ido embora uma semana antes de eu chegar. — Seus olhos faiscaram com a lembrança. — Tentei conseguir o novo endereço dela, mas ninguém quis me informar... disseram que ela estava metida em muita merda, não queriam mais saber dela.

Tentei escapar do seu aperto. Mas você não deixou. Apenas me apertou com mais força e aproximou os lábios do meu rosto. Seu hálito era penetrante como o cheiro dos cigarros que você enrolava.

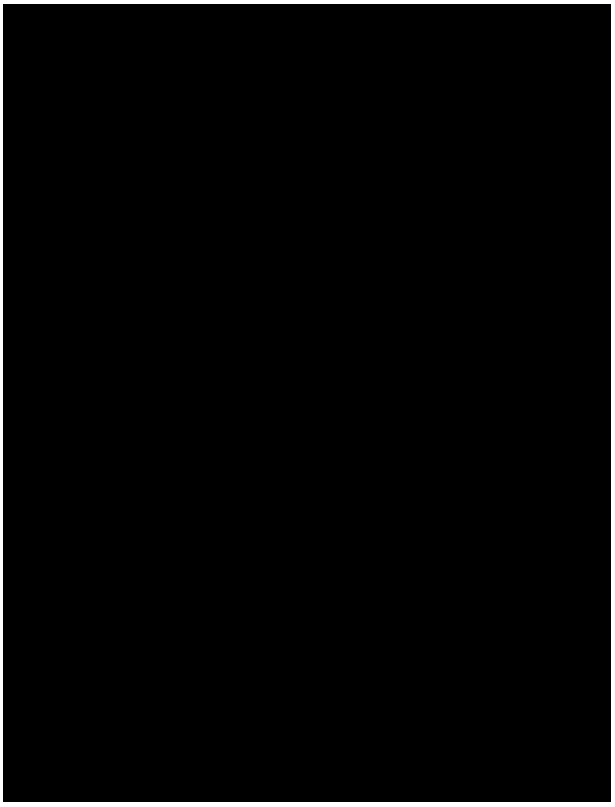
— Acabaram me dando um endereço onde ela poderia estar. Guardei o pedaço de papel no bolso durante dias, antes de ter coragem de ir lá. Até decorei o endereço. Quando cheguei no

endereço encontrei uma velha que me perguntou se eu tinha dinheiro. Quando eu disse que não, ela disse que não sabia de quem eu estava falando. Mas a voz dela... — você respirou fundo — ... parecia que ela estava bêbada, drogada, alguma coisa assim. Era como a voz do meu pai soava, às vezes. — Você fez uma pausa e depois prosseguiu. — Muitas vezes eu me perguntei se a mulher era ela, se aquela era a voz dela.

Eu sustentei seu olhar. Lentamente, tentei afastar o rosto de você.

— Mas continuei procurando — você prosseguiu, sem notar meu movimento. — Continuei procurando em cortiços e abrigos,

tentando encontrar minha mãe. Porra! Eu nunca tinha visto neve quando cheguei lá, e detestei essa droga desde o primeiro dia. Eu



não tinha dinheiro para voltar para casa, nem nada para fazer, nem ninguém, então...

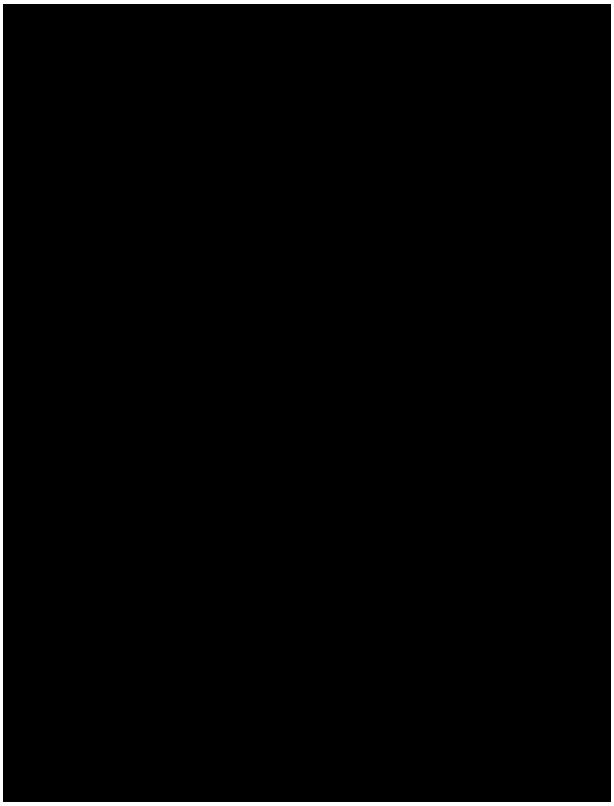
Você parou de falar e finalmente me largou. Mexi o queixo em círculos para ver se não estava machucado. Seu rosto demonstrava preocupação quando olhei para você. Você estendeu um dedo na direção do meu rosto, como se quisesse tocá-lo de novo. Abanei a cabeça. Não. Seu rosto se contraiu. Eu me recostei mais no sofá. Você bateu a mão com força na almofada do encosto. Ambos olhamos para a sua mão. Estava a trinta centímetros de mim, e tremendo. Depois de alguns momentos, você a retirou dali e a

enfiou no bolso. Então se afastou de mim, voltou para junto do pilar e contemplou a paisagem.

— Foi então que você me encontrou? — perguntei em voz

baixa. — Lá em Londres, depois que não conseguiu achar sua mãe?

Você não respondeu. Atravessou a varanda batendo os pés e deu um soco no saco de boxe. Depois se curvou e desferiu mais um monte de socos. A cada vez que sua mão machucada atingia o saco, você soltava um grunhido. De repente, você bateu com os dois antebraços no saco, virou as costas e começou a caminhar na direção dos Separados. Fiquei ouvindo o saco balançar de um lado para outro até se imobilizar. Mais tarde, escutei um barulho nos rochedos. Poderia ser um grito seu.



Você não retornou no final da tarde, quando normalmente

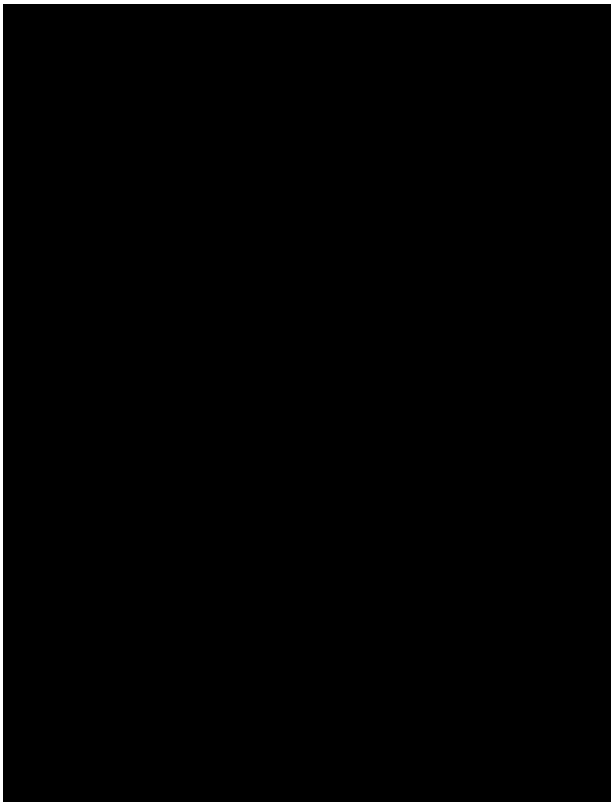
alimentava as galinhas. Assim, peguei a caixa com sementes, que estava na varanda, e fui fazer isso. Para chegar aos Separados, tive que passar pelo cercado da camela. Era a primeira vez que eu entrava lá sem você. A camela estava repousando, com as pernas embaixo do corpo. Quando entrei, ela levantou a cabeça.

— Aí, menina, fique tranquila — eu disse, tentando imitá-lo.

Ela era tão grande que era difícil não ficar um pouco nervosa na presença dela. Cuidadosamente, entrei na trilha que atravessava os rochedos. Conjeturei se você ainda estaria lá. E, caso estivesse, onde seria? Eu tinha a sensação de que você estava me observando. Cheguei à clareira. Havia mais barulho lá, com os pássaros silvestres iniciando sua tagarelice vespertina. Um lagarto que

tomava sol sobre uma pedra se escondeu rapidamente em uma sombra quando me dirigi às gaiolas. Primeiro fui até a gaiola das galinhas, deixando o galo para o final. Ele se pavoneava em sua gaiola, como que se preparando para uma luta. Abri a porta da gaiola das galinhas e comecei a distribuir a comida. Elas se amontoaram em torno da minha mão. Senti na pele o calor de seus corpos macios e emplumados. Eu gostava do modo como elas cacarejavam. Pareciam as duas velhas senhoras que às vezes viajavam no meu ônibus quando eu voltava da escola; elas também cacarejavam, mas era sempre sobre seus programas de tevê favoritos. Senti saudade daquelas velhas senhoras. Perguntei a mim

mesma se elas teriam notado que eu não viajava mais no ônibus delas.



Decidi dar nomes às galinhas. As duas gordas e cinzentas eu chamei de Ethel e Gwen, em homenagem às senhoras do ônibus. Batizei a magricela vermelha de Mamãe. A vermelha mais gorda, de Anna. Chamei a grande, de cor alaranjada, de Ben (sim, é nome de garoto, e daí?), e a esbranquiçada com ar doentio, de Alison, em homenagem à vovó. Dei ao galo o nome de Babaca, me lembrando de você.

Após afagar as galinhas durante algum tempo, fechei a porta da gaiola e fui cuidar do galo. Ele estava com o bico entre os arames da gaiola, tentando me atacar. Joguei um pouco de terra na direção dele e tentei abrir o trinco. Ele investiu contra mim na mesma hora, bicando meus dedos. Eu afastei a mão e recuei.

Ouvi seu riso, vindo das proximidades das árvores frutíferas.

194

Olhei e vi você reclinado numa pedra, com as pernas sobre um galho. Estava tão imóvel quanto a rocha atrás de você.

— Precisa pegar ele quando ele faz isso — você disse. — E ficar andando com ele até ele se acalmar. Ou então virar ele de cabeça para baixo.

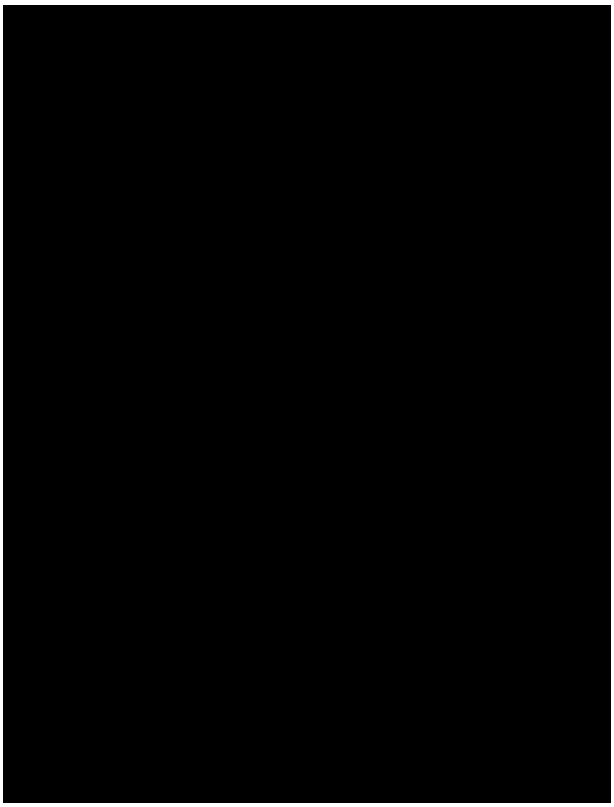
— Eu gostaria de ver você tentar.

Você deu de ombros e se aproximou. Quando se ajoelhou ao lado da gaiola, Babaca também tentou bicar você, dando pulos e batendo no trinco com seus pés afiados.

— Galinha ninja, é? — você sorriu para mim. — Então vamos ver.

Você enfiou a mão na gaiola. Babaca investiu imediatamente contra ela, arrancando pedaços com o bico e as garras.

— Droga de galo!



Você tentou puxar a mão, mas Babaca se agarrou a ela. Virei o rosto para esconder meu sorriso de satisfação. Você sacudiu a mão, tentando se livrar. Mas o galo cravou as garras nela desesperadamente, abrindo um profundo talho sobre os nós dos seus dedos. Você tentou puxá-lo com a outra mão, mas Babaca continuou lutando, guinchando e grasnando, deliciado com o massacre. Você gritava também. Era um autêntico combate, como os que se vê em programas sobre a natureza, quando dois machos dominantes se enfrentam. Minha vontade era aplaudir o galo, comemorando cada arranhão que ele fazia em você.

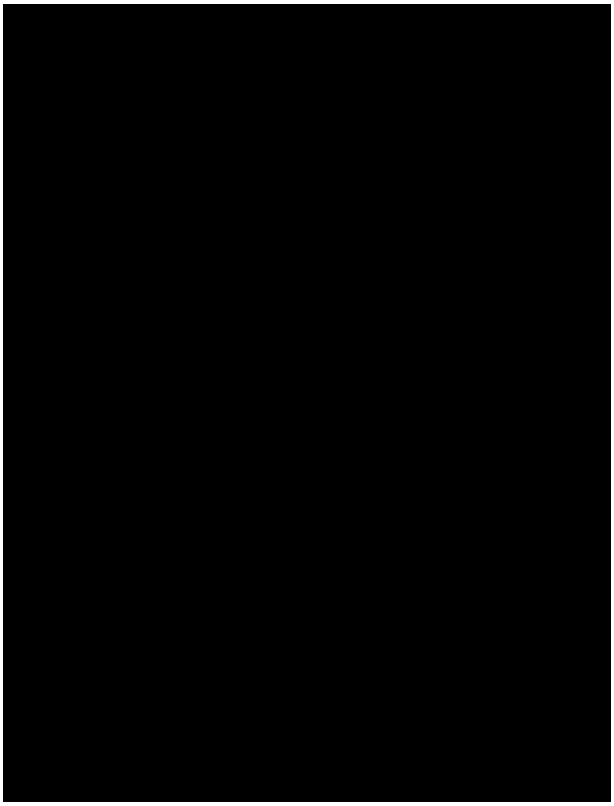
Por fim, você conseguiu posicionar a outra mão em torno das asas dele e o imobilizou. Eu aguardei, pensando se você iria ou não apertá-lo com força para se desforrar. Mas você apenas o largou na

gaiola, jogou comida para ele e fechou a porta rapidamente. Depois de fazer isso, esbarrou com o pé na gaiola. Dick voou até as grades e as golpeou com força, grasnando alucinadamente.

Suas mãos e braços estavam sangrando e tinham começado a inchar. Seus olhos estavam arregalados.

— Você tem razão, ele é um matador. Um galo com problemas sérios — você disse abanando a cabeça, talvez surpreso com o fato de que outra criatura pudesse derrotar você.

Você mantinha as mãos feridas à sua frente, como uma criança faria. Sangue jorrava do talho sobre os nós dos seus dedos e escorria sobre seu pulso. Duas minúsculas penas tinham entrado nele. Você tentou estancar o sangramento com a outra mão, mas isto apenas reabriu um talho que havia nesta mão.





— Ai! — você exclamou. — Depois me olhou com seus grandes olhos azuis. — Acho que você vai ter que me ajudar a limpar isso — você disse.

Sentado no chão poeirento da sala, você aguardava que eu lhe levasse uma vasilha com água quente. Aqueci a água, e a deixei pelando. Ao mergulhar as mãos na água, você estremeceu. Eu sorri. Pequenos prazeres, pequenas vinganças. Fui até a pia e peguei uma esponja velha e deformada que você usava para lavar pratos.

— Isso aqui está bom? — perguntei inocentemente.

— Você quer arrancar minha pele? — você disse. Depois, revirou os olhos. — Não precisa responder a essa pergunta.

De qualquer forma, levei a esponja para você. Depois me agachei no outro lado da vasilha. A cada vez que você mexia as mãos dentro dela, a água ficava mais vermelha.

— Isso não dói? — perguntei.

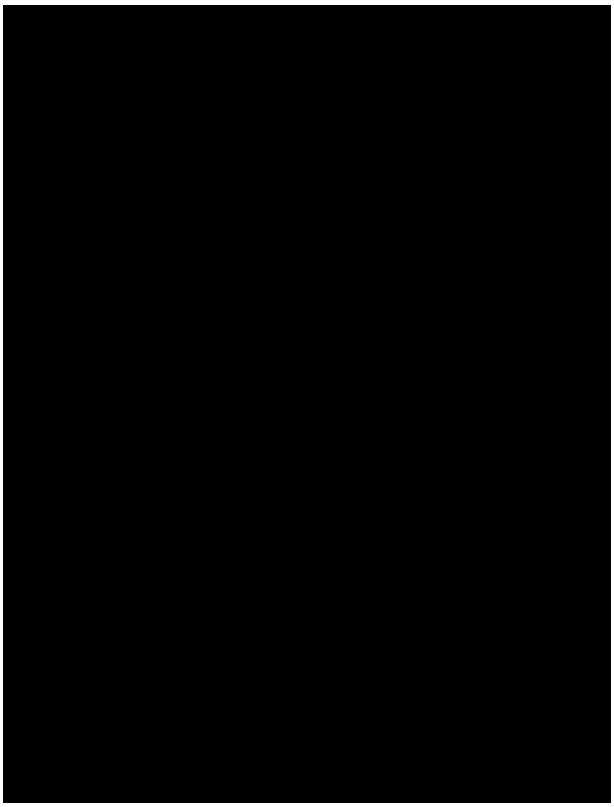
— Dói.

— Então por que você deixa as mãos aí?

— Porque sou teimoso. — Você sorriu. — Teimoso como uma mula. De qualquer maneira, a dor significa que está melhorando.

— Nem sempre.

O sangue continuava a sair, espiralando entre os seus dedos.



— Droga de galo — você murmurou.

Você ainda não tinha cuidado dos braços. Havia arranhões neles também, até os cotovelos. Você suspirou, tirou as mãos da água e as pousou ao lado da vasilha. Estavam rosadas e inchadas.

— Você vai ter que me ajudar — você disse. — Você me faz esse favor?

Olhei para você.

— Por que eu faria isso?

Sua testa se franziu.

— Porque se eu não puder usar as mãos nós dois estamos ferrados. — Você estava ofegante, com ar frustrado. — E sozinho eu não consigo limpar as mãos direito. — Os cantos de sua boca formaram um sorriso e seus olhos, uma súplica. — E isso dói, Gem.

Você estendeu as mãos na minha direção, como tinha feito antes. Gotas de água cor-de-rosa pingaram no chão. Uma delas aterrissou no meu joelho e começou a deslizar, desenhando uma trilha marrom.

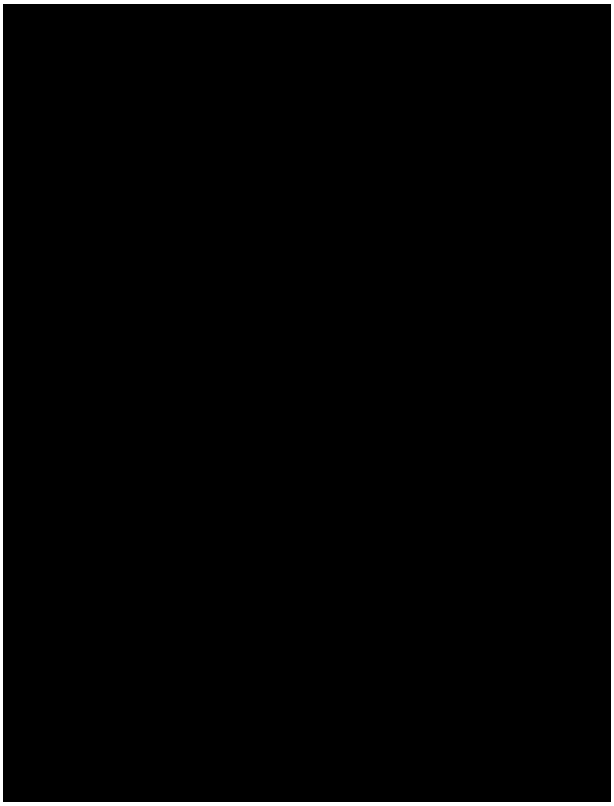
— O que você vai fazer por mim? — perguntei em voz baixa.

Enquanto pensava numa resposta, você também olhou a gota que escorregava pela minha perna.

— O que você quer?

— Você sabe o que eu quero.

— Você não vai a lugar nenhum. — Você virou uma das mãos e observou o sangue aquoso que escorria em filetes. — Quero dizer: o que você quer de mim aqui e agora?



Você olhou de novo para mim. Seus cabelos seguiram os olhos. Estavam queimados de sol e tinham crescido quase até sua

boca. Você soprou os cabelos, mas eles se grudaram em seus lábios.

— Por favor. — Você disse. — Qualquer coisa que não seja sair daqui. Vamos, basta me pedir. Fico feliz em atender você. — Você se inclinou para a frente, curioso como um gato. Eu recuei. — Mas primeiro... — você sussurrou — antes de qualquer coisa, você pode me pegar uma toalha? As toalhas estão no banheiro, dentro de uma caixa.

— Eu sei.

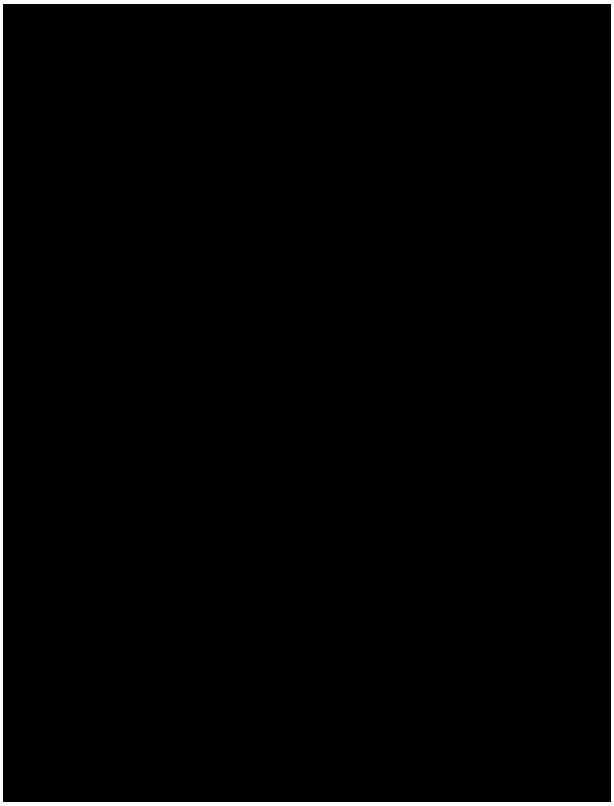
Abri a sovada caixa de latão que estava ao lado da porta do banheiro e peguei uma toalha. Enquanto retornava pensei em todas as coisas que desejava saber sobre você... centenas de coisas. Mas

perguntar a respeito delas me parecia um crime, uma espécie de traição. Pensativa, me ajoelhei com a toalha no colo. Eu estava pronta para lhe entregá-la quando você me pedisse, mas você pousou os braços diretamente nela, por cima dos meus joelhos. Senti o tecido ficar úmido e quente com a mistura de água e sangue. Seu rosto estava próximo do meu, mas olhei para seus braços. Minhas pernas estavam tensionadas, como as de um animal prestes a fugir.

— Quero saber como você construiu isso tudo — eu disse finalmente. — Onde arranjou o dinheiro. Se era mesmo você, como você disse, que estava naquelas moitas anos atrás... E como passou daquela situação para esta.

Olhei em volta, reparando nas teias de aranha presas ao teto.

Seus fios finíssimos desciam em direção às cortinas, formando



frágeis trilhas de vida. Você rolou os braços na toalha e meneou a cabeça em direção à esponja.

— Pode lavar meus braços? Por favor? Depois eu lhe conto.

Mergulhei a esponja na água e a esfreguei nos arranhões, abrindo ainda mais os cortes e esfolando sua pele. Você se contraiu quando sua pele morena cedeu lugar à pele rosada que havia por baixo. Esfreguei um pouco mais forte. Pedaços da esponja estavam grudando nos seus ferimentos. Para aguentar a dor, você mordia os lábios.

— Eu ganhei dinheiro de várias formas — você disse. — Primeiro, eu roubei. Eu era muito bom em pegar sacolas em *pubs*, esse tipo de coisa... mas um dia eu fui pego e ameaçado de prisão.

Você percebeu meu olhar. Você sabia que, se dependesse da

minha vontade, iria para a prisão o mais rápido possível. Você ignorou meu olhar.

— Eu até pedi esmolas durante algum tempo — você prosseguiu. — Punha um copo do McDonald's no chão à minha frente, como os outros, e me sentia um bosta.

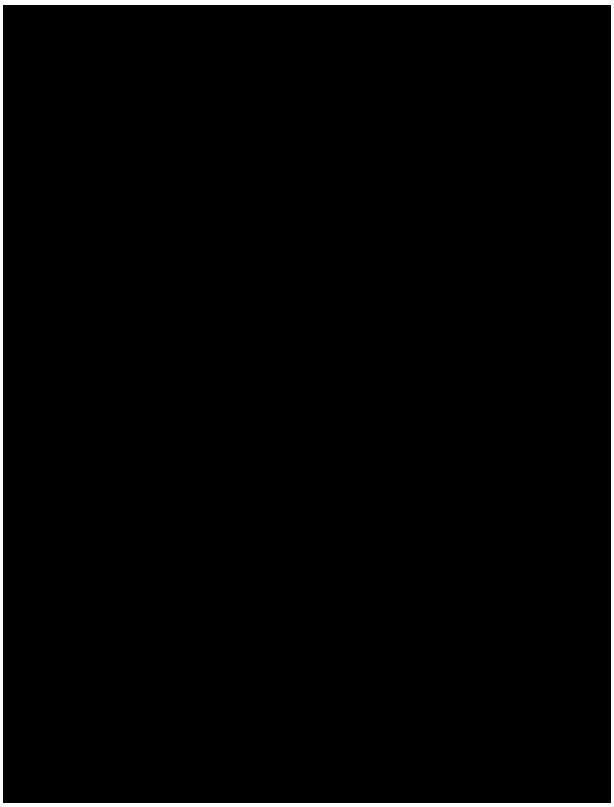
Parei de esfregar a esponja.

— Mas pedir esmolas não é suficiente para construir uma coisa assim — disse eu, olhando ao redor novamente. Era tudo rústico e básico, mas devia ter custado mais do que alguns trocados para ser construído... muito mais. — O que mais você fez?

Você assentiu.

— Eu vendia coisas.

— Vendia o quê?



— O que eu tinha. — Você estremeceu, e não foi devido à dor dos cortes nos braços. Eu nem estava esfregando a esponja. — Eu vendi a mim mesmo para ter este lugar.

— Você quer dizer... como um prostituto?

— Como alguém que vende a alma. — Seu rosto se contraiu com a lembrança. Você abanou a cabeça, tentando afastá-la. — Eu só fiz o que todo mundo fazia na cidade — você disse, com um olhar distante. — Eu corria atrás de dinheiro, fingia ser outra pessoa para conseguir dinheiro. Quanto mais tempo eu fazia isso, mas fácil ia ficando... mas essa é a armadilha, percebe? Quando o caminho para a morte se torna fácil, você sabe que está afundando cada vez mais e está para se tornar um cadáver. — Você começou a apalpar os braços com a toalha, pressionando os arranhões para estancar o

sangue. — De repente, alcancei o sucesso.

— Se tornou um prostituto de alta classe?

Dei um sorriso malicioso.

— Quase. Comecei a trabalhar para o Reino da Fantasia.

— Como, fazendo personagens de Disney?

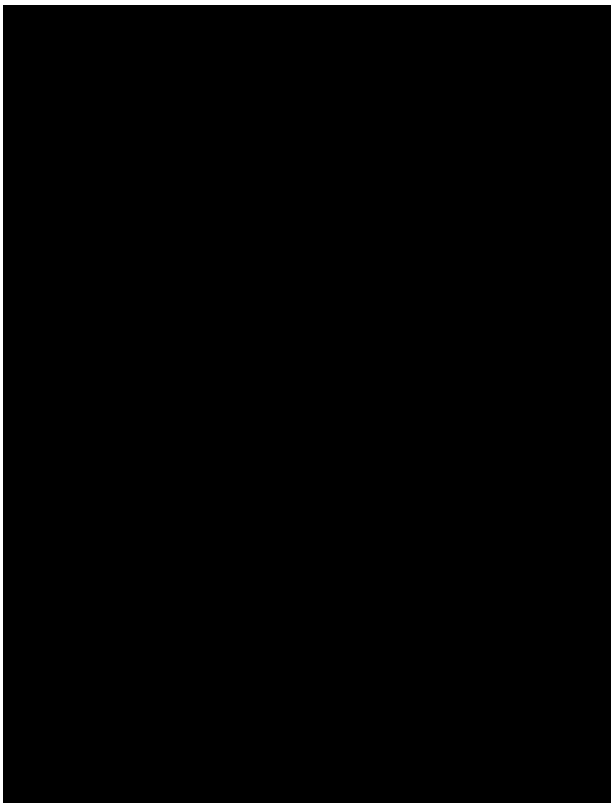
— Eu poderia ser um deles, se me pedissem. — Você sorriu tristemente. — Eu trabalhava como acompanhante profissional. Realizava fantasias. Eu saía com quem me quisesse, e era quem quisessem que eu fosse: James Bond, Brad Pitt, Super-Homem... — Você fez uma pausa para verificar minha reação. — Eu lhe disse que

poderia ser o Super-Homem.

— Isso é loucura.

— Sim, mas a cidade é assim, todo mundo adora fingir.

Principalmente os ricos. De qualquer forma, é fácil ser o que as



pessoas querem: basta dar a elas alguma coisa para olhar, sorrir e dizer a elas que são maravilhosas. — Você me lançou seu sorriso mais charmoso e acrescentou: — São os três passos para se ganhar dinheiro.

Você sorriu de novo. Mas não de modo charmoso, desta vez.

Era um sorriso contraído e triste.

— E o dinheiro? Você ainda tem dinheiro?

Você girou as mãos, indicando a casa.

— Tudo enterrado neste lugar... para que mais serviria?

— Então... Quando você sair deste lugar você não vai ter nada? Nem dinheiro, nem família, nem futuro?

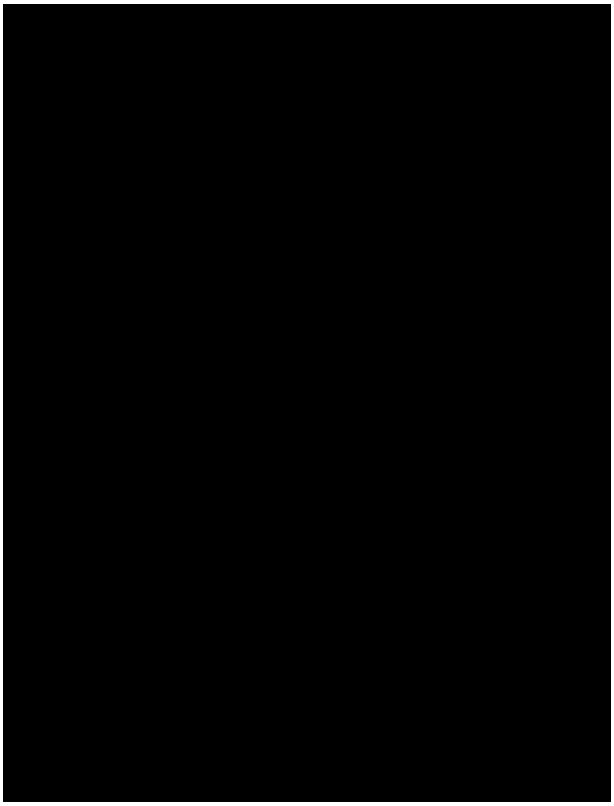
Você parou de sorrir.

— Eu não vou sair deste lugar. Nunca.

201

Você se pôs de pé, dando por concluído seu processo de cura.

Mais uma vez, não consegui dormir naquela noite. Tinha ido para a cama com muitas perguntas na cabeça. Ouvi sua voz murmurando algumas palavras pouco antes do alvorecer. Andei na ponta dos pés pelo corredor, encostei a orelha na porta e fiquei escutando. Mas você não emitiu outro som. Talvez estivesse sonhando.





Encontrei você na cozinha. O sol da manhã entrava pela janela e banhava sua pele. Você molhava trapos numa vasilha contendo uma pasta marrom-escura que cheirava a eucalipto e terra. Suas mãos estavam inchadas e cobertas de crostas. Você pegou um dos trapos e me pediu que o ajudasse. Enquanto eu o enrolava em seu pulso, você olhava pela janela, impaciente para fazer alguma coisa.

— Vai ser um dia quente — disse. — Talvez até caia uma chuva qualquer dia desses, se nós tivermos sorte... e se continuar

aumentando.

— Se o que continuar aumentando?

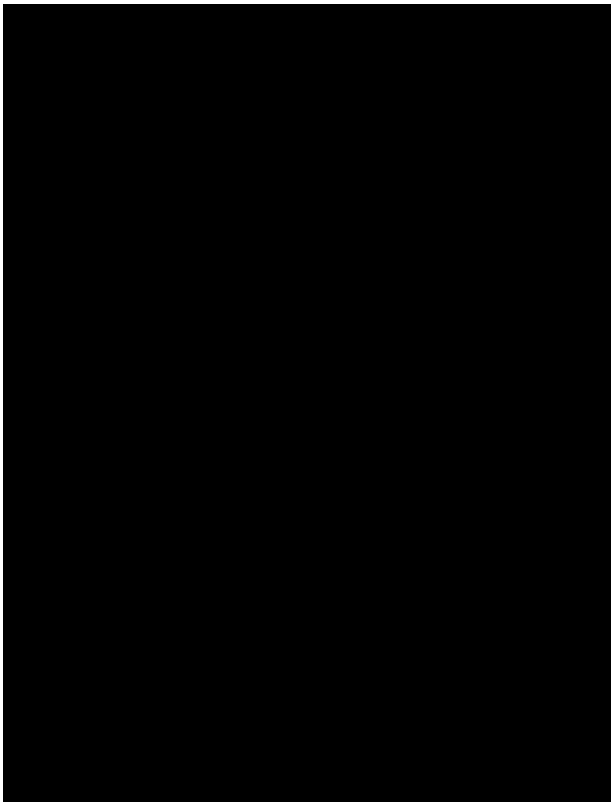
— A pressão. Quando o ar fica pesado como está agora, a chuva cai em algum lugar. Tem que cair.

Eu também tinha sentido a pressão. Nos últimos dias, o ar parecia vivo; se agarrava às minhas orelhas como se estivesse tentando entrar nelas, e pressionava seu calor em mim. Por vezes eu pensava: se eu me plantar no lado de fora de braços abertos e aguardar, será que a pressão do ar poderia me levar até minha casa?

Você recolheu a mão e testou as ataduras, para ver se estavam bem apertadas.

— Ótimo — murmurou, abrindo uma gaveta e remexendo

nela.



— Como você trouxe isso até aqui? — perguntei. — Toda a madeira e todo o equipamento?

Você tirou um pequeno grampo de metal da gaveta.

— Eu tinha um caminhão.

— Só isso?

— E tempo.

Você fez sinal para que eu prendesse o grampo na atadura, para segurá-la melhor.

— O que mais?

Prendi o grampo na atadura e fiquei segurando seu pulso até você olhar para mim novamente.

— Tudo bem — você suspirou. — Existe outro lugar... não há muita coisa lá, na realidade, é só uma velha mina. Não fica muito

longe. Eu armazenei umas coisas lá antes de começar a construir. Comecei a construir alguns anos atrás, quando a ideia me ocorreu pela primeira vez, antes mesmo de saber que queria trazer você para cá.

— Nós podemos ir até lá? — perguntei rapidamente. — Até a mina?

— Não há nada lá.

— Deve haver mais do que aqui.

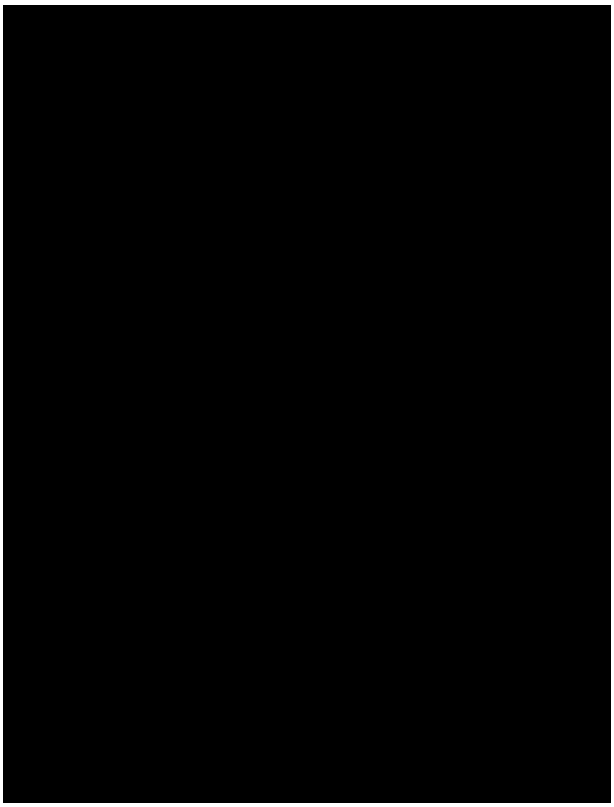
Você abanou a cabeça.

— A terra foi roubada, violentada. Está tudo morto.

Suas palavras fizeram com que eu me encolhesse.

— Estou falando sério, Gem. É só um buraco na terra que devorou tudo. É uma coisa repulsiva. — Você abriu a porta externa.

— Você vem?



Abanei a cabeça. Suas palavras tinham feito meu coração disparar. Se eu pudesse pegar suas chaves talvez conseguisse encontrar a mina que você tinha mencionado. Sendo uma mina, deveria haver pessoas lá... deveria haver alguma coisa. Pela bilionésima vez, vasculhei sua cozinha. Estava cada vez mais convencida de que você carregava sempre a chave da caminhonete.

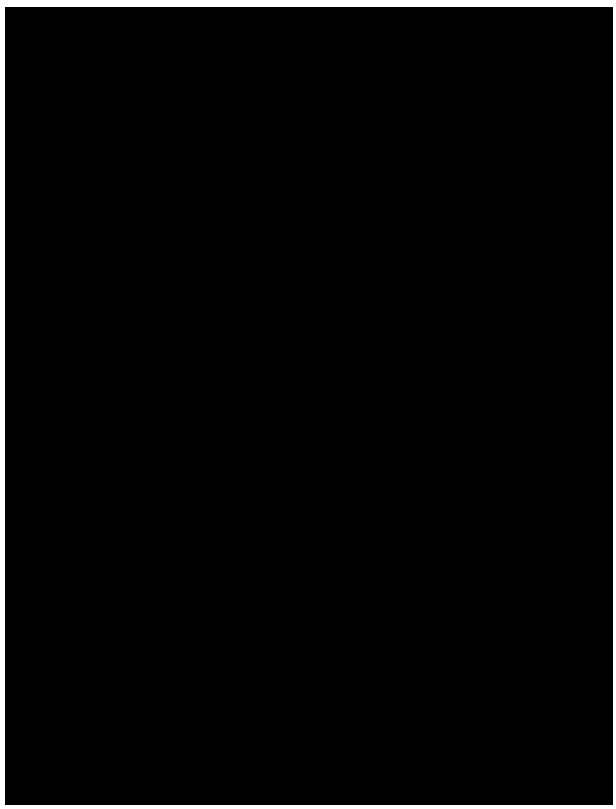
Fui até a biblioteca. Passei um dedo pelas lombadas dos livros e tirei alguns da prateleira. Não havia mapas neles, nada que me dissesse onde eu estava. Peguei um, chamado *História do Deserto Arenoso,* e olhei algumas das fotos; eram paisagens diversas e fotos dos aborígenes que você disse que tinham vivido aqui. Eu gostaria que eles nunca tivessem partido.

Puxei o livro seguinte: um guia da flora australiana. De

repente, tive uma ideia. Identificando a vegetação das vizinhanças, talvez eu pudesse descobrir onde estava. Folheei o livro. Algumas das plantas me pareceram familiares, como as que havia na seção de triódias. Uma das linhas dizia: *A spinifex triodia domina a vegetação em mais de vinte por cento da Austrália, e ocorre em todos os estados, com exceção da Tasmânia*. Maravilha, pensei. Eu poderia estar em qualquer lugar, exceto a Tasmânia.

Abri o armário. Na prateleira inferior, vi um violão sem cordas e uma bola de futebol murcha. Quando mexi nelas, uma coisa preta e cheia de pernas desapareceu correndo nos fundos do armário. Uma fina teia pendia num dos cantos. Desisti de examinar aquela prateleira.

Na prateleira do meio, havia uma máquina de costura que parecia mais velha que eu. Girei a roda e observei a agulha se mover





para cima e para baixo. Eu gostaria que ela fosse mágica e costurasse um mapa que me mostrasse como voltar para casa. Pressionei a agulha com o dedo. Estava enferrujada, mas ainda afiada, o que era surpreendente considerando como parecia antiga. Torci a agulha até ela se quebrar em meus dedos. Depois passei a ponta pela palma da mão, acompanhando a linha da vida. Parei a meio caminho. Eu poderia furar minha mão? Iria doer muito? Quais os danos que aquela coisa poderia provocar?

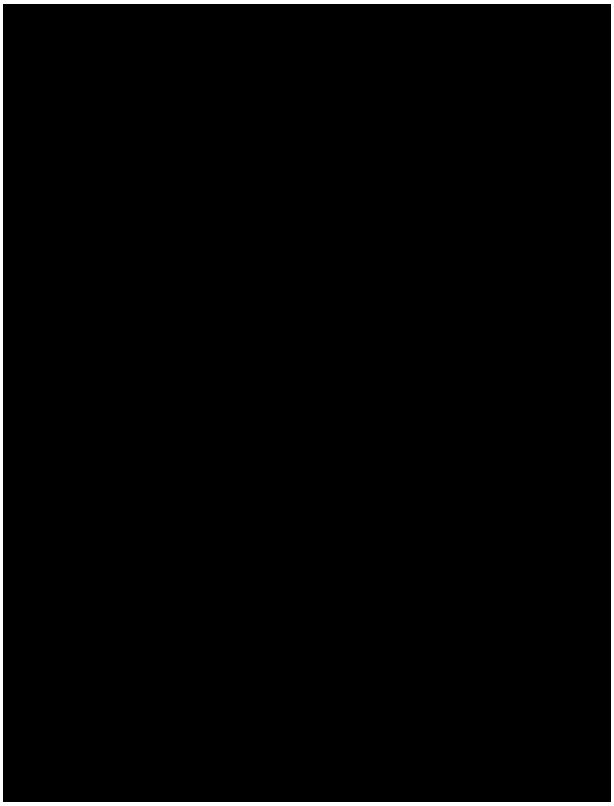
Ouvi a porta da cozinha bater, e o som dos seus passos na casa. Enfiei a agulha no bolso do *short*, fechei rapidamente a porta do armário e me postei de novo em frente às prateleiras de livros. Peguei *As Aventuras de Huckleberry Finn* e aguardei. Você entrou na sala. Ultimamente você tinha parado de me perguntar o tempo todo

o que eu estava fazendo, e aquele dia não foi exceção. Você apenas olhou para mim por um instante e começou a andar de um lado para outro no aposento, como se estivesse numa jaula. Então ergueu as mãos enfaixadas como se estivesse apelando para algum deus.

— Não consigo fazer nada com as mãos desse jeito — você disse, bruscamente. — Quer sair para dar um passeio ou qualquer coisa assim?

Assenti com a cabeça, pensando na mina. Mantive a agulha

no bolso.



Você levou uma cesta. Uma velha cesta de supermercado feita de plástico vermelho com os seguintes dizeres em letras desbotadas: *Propriedade dos Supermercados Coles2*. Você a balançava ao seu lado enquanto caminhava. Ao passarmos pelo cercado da camela, você a cumprimentou. E quando nos aproximamos dos rochedos, parou e examinou atentamente a vegetação que crescia em torno deles. Depois, tocou nas folhas de uma pequena touceira que lembrava um pouco a triódia. Pensei no guia de plantas que tinha visto e conjeturei se aquelas folhas verde-acinzentadas poderiam me oferecer algum tipo de pista. Perguntei a você que planta era aquela.

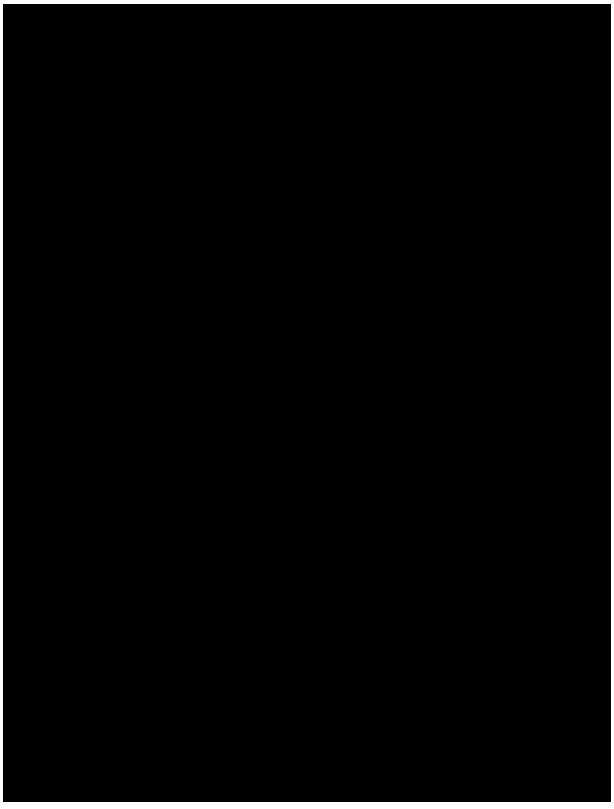
— Erva-sal — você disse. — Cresce em qualquer lugar.

— Que vergonha. — Toquei as folhas em forma de diamante.

— Pensei que era uma planta especial, rara ou coisa parecida.

— A erva-sal é especial. — Você me olhou de olhos semicerrados. — Dá para escrever um monte de livros sobre essa menina. Se você cozinhar ela direito, ela fica saborosa. Além disso, ajuda no tratamento de inflamações, dor de dente, má digestão... — Você pegou algumas das folhas finas e escamosas, e as colocou na cesta. — É uma das poucas plantas que conseguem tolerar todo o sal que existe nesta terra. Na verdade, ela se desenvolve melhor no sal — você acrescentou. — Isto faz com que ela seja uma planta muito útil.

2 Coles é uma rede australiana de supermercados. (N. E.)



— E você vai usar para quê? — perguntei, passando o dedo sobre as folhas.

— Para isso! — você ergueu as mãos enfaixadas. — Também podemos comer um bocado das folhas no jantar.

Tentei arrancar uma folha do talo, mas ela se esfarelou na minha mão.

— Não parece gostosa, parece uma coisa morta.

— Ouviu isso, erva-sal? — Você falou com a planta, não comigo. — Você está morta. Rápido, ressuscite! — Você riu, se levantou e me olhou. — Aqui as coisas fingem que estão mortas, Gem. É uma tática de sobrevivência. Por baixo, elas estão cheias de vida. A maior parte das plantas do deserto fica abaixo do solo.

Você pegou as folhas esfareladas que estavam na minha mão

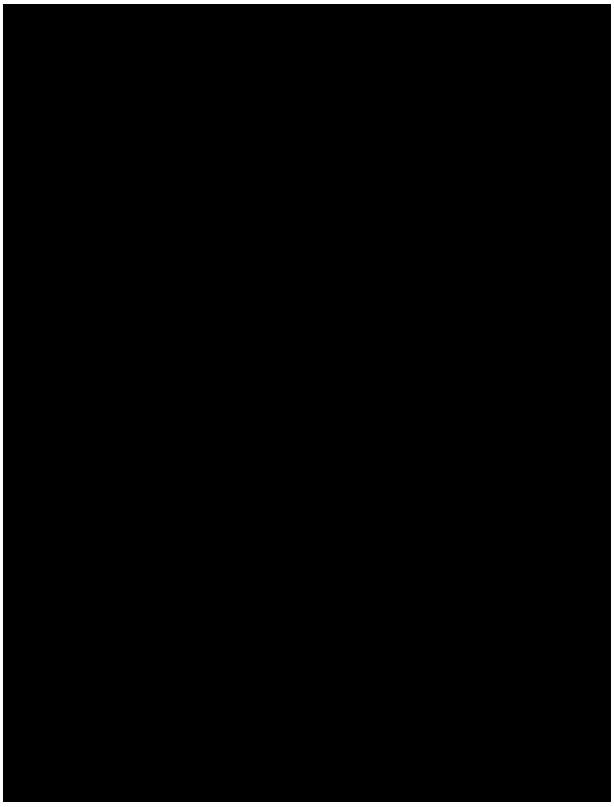
e encostou a língua nelas.

— Acho que elas são um pouco como os habitantes das cidade, ou como as próprias cidades... Parecem mortas, mas por baixo estão fervilhando. Veja, olhe isso. — Apontou para uma raiz que crescia na fenda de uma rocha. Isso não parece muita coisa, não é?

— Parece morta como as outras.

— Mas só está adormecida, pronta para voltar à vida. — Você passou o dedo nela. — Na próxima chuva que cair, essa raiz vai crescer e florescer. Então, algumas semanas mais tarde, ela vai dar um fruto, uma espécie de passa do deserto. Impressionante, não é, uma coisa ficar quieta durante tanto tempo...?

Você não entrou nos Separados, mas continuou a andar em volta deles. Depois de colocar mais algumas folhas na cesta, sentou-



se encostado no tronco negro de uma árvore grande. Estendendo a mão para trás, você tocou no tronco.

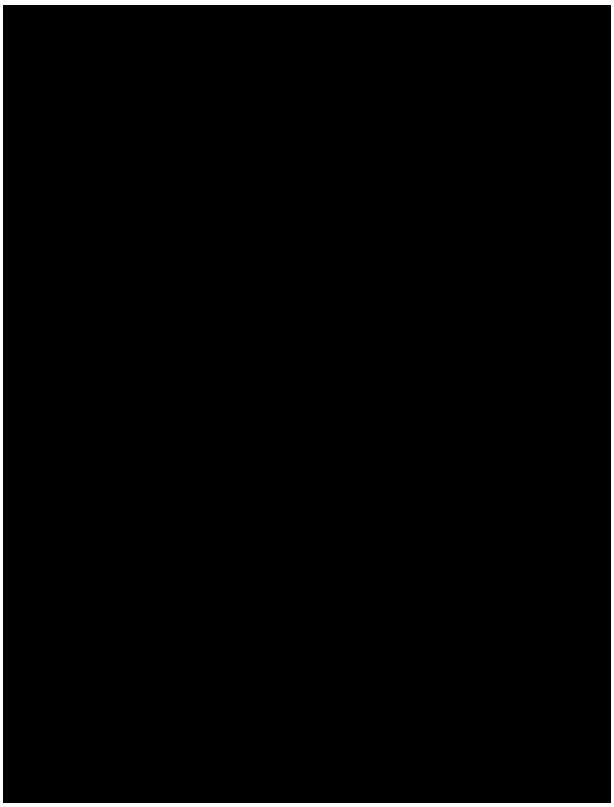
— E esse aqui é o Carvalho do Deserto — você murmurou —, maior e mais trágica de todas as plantas.

Erva-sal, passa do deserto, carvalho do deserto... devia haver pistas nesses nomes simples. Eu os repeti várias vezes mentalmente, tentando imprimi-los no cérebro. Sentei-me diante de você. A agulha espetou um pouco a minha coxa quando dobrei os joelhos. Enfiei a mão no bolso e apertei de novo a ponta enferrujada. Enquanto você afagava o tronco, segurei a agulha entre os dedos. Observei sua garganta se mover. Quando você engolia, seu pomo de adão se movia como um alvo. Você ergueu a mão e arrancou

algumas folhas da árvore.

208

— Tem gente que diz que essa árvore tem o espírito do dingo — você continuou. — Ou que ela é um ser ancestral, de cabelos brancos e esvoaçantes... tem gente que diz que, quando sopra o vento certo, ela pode retirar as raízes de dentro da terra e caminhar pela terra. Mas, para se reproduzir, ela tem que morrer antes. — Você amassou as folhas na mão e depois as rolou em sua palma, como se fosse um apresentador de TV falando sobre grãos ou sementes. — Veja bem, essas vagens só se abrem se houver um incêndio. Depois do incêndio, as sementes que estão dentro se espalham e a árvore se multiplica. — Você deixou cair as folhas e deu umas palmadinhas no tronco da árvore. Você sorriu. Estava feliz por eu estar escutando, por achar que eu estava interessada. — Eu já vi árvores como essa queimando — você prosseguiu, em voz suave — ...queimando como tochas, destruindo tudo em volta, mas



também criando vida nova. — Você se recostou de novo na árvore, esfregando o pescoço e os cabelos em sua casca negra. Um pequeno besouro caiu sobre o seu ombro.

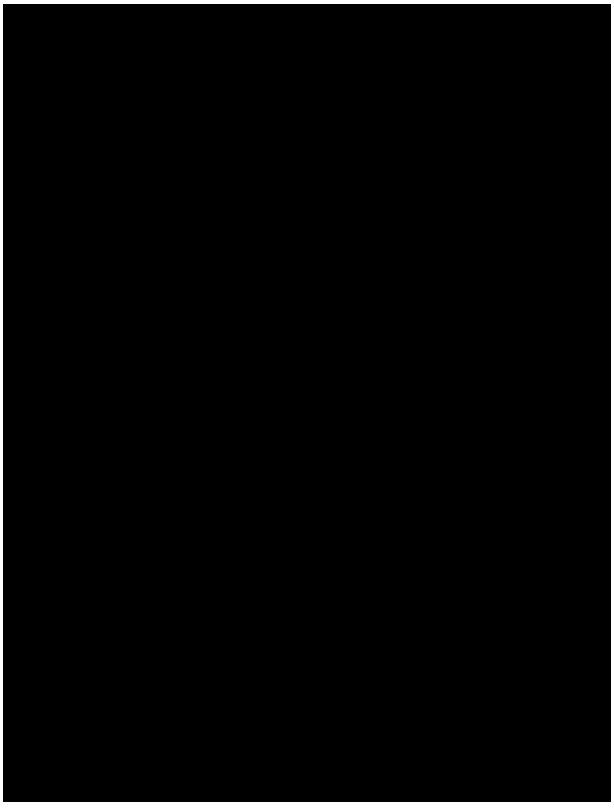
A agulha era tão pequena que eu mal podia senti-la. Apertei mais a mão até ter certeza de estar segurando aquele pedaço de metal fino e duro. Olhei para seu rosto, para seus olhos malignos e belos. Eu sabia o que queria fazer. Eu me inclinei na sua direção, calculando a que distância você estava de mim. Um metro? Dois? Você pensou que isso era um sinal de que eu estava interessada na sua história, então continuou a falar, sorrindo como um menino.

— Quando quase tudo morre num incêndio no mato — você continuou —, os carvalhos sobrevivem... de certa forma. Eles se beneficiam com as chamas, ou melhor, os filhos deles se beneficiam.

— E as outras plantas? — perguntei, ganhando tempo para pensar.

— O fogo mata tudo, para que os carvalhos possam viver. É uma coisa inteligente, bem humana, na verdade... Esperar até que tudo tenha sido exterminado para continuar a viver.

Você fechou os olhos, estendeu os braços para trás e abraçou o tronco da árvore. Abri a mão e olhei para baixo. A agulha cintilou ao sol. Observei os raios de sol que dançavam sobre o seu rosto e deixavam você preguiçoso. Escolhi aquele momento para me inclinar sobre você. Meu joelho fez um galho estalar. Eu me imobilizei, agachada como um animal. Mas você permaneceu onde estava.



— Talvez, quando tudo terminar, os únicos sobreviventes seremos nós e os carvalhos — você murmurou —, e teremos que

lutar contra eles.

Eu estava a poucos centímetros de você. Você deve ter me ouvido, mas manteve os olhos fechados. Talvez pensando que eu tivesse mudado de opinião a seu respeito. Talvez imaginando que, quando abrisse os olhos, eu estaria bem ao seu lado, desejando encostar meu rosto no seu. Você até lambeu os lábios, umedecendo as rachaduras e os buracos, se preparando.

Posicionei a agulha entre o polegar e o indicador, e a aproximei de você. Minha mão estava tremendo. Mas levei a agulha até bem perto da sua pálpebra, prendendo a respiração para firmá-la. Alinhei bem a mão. Então abaixei a agulha até ela roçar sua pele

delicada.

Você se retesou imediatamente.

— Se fizer qualquer movimento eu enfio a agulha — eu disse.

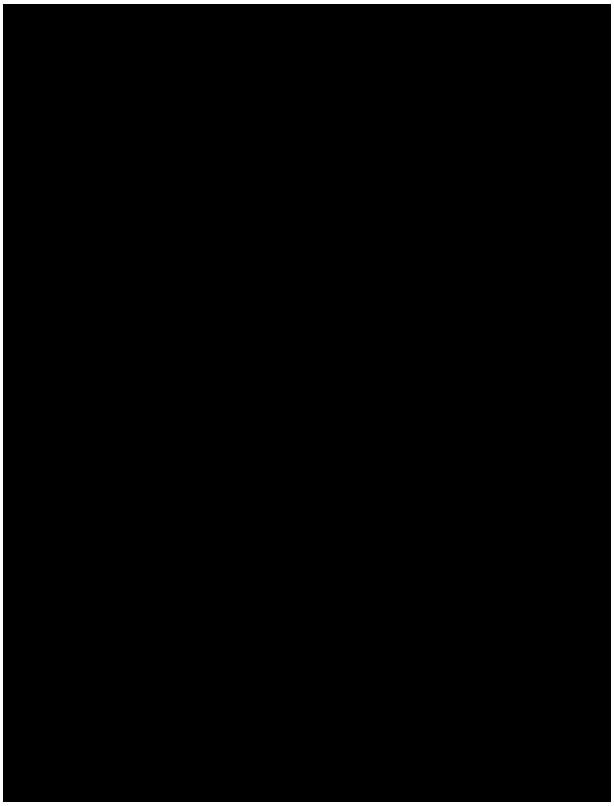
— Ela vai passar direto pelo seu olho e entrar no cérebro.

— O que é isso? — você franziu a testa. — É da máquina de costura, não é? — Então os cantos de sua boca se mexeram e você começou a rir. — Você me pegou com uma agulha?

Encostei a agulha na sua pálpebra, não com muita força, mas o suficiente para você saber que eu estava falando sério... sério o bastante para que você parasse de rir. Você se afastou o máximo que pôde, pressionando a cabeça na árvore.

— Eu quero a chave da caminhonete — eu disse. — Me dê as

chaves agora e eu não enfio a agulha.



— Você quer fugir? Pensei que nós estivéssemos superando isso. — Você suspirou. — Me deixe ir com você.

— Não.

Cuidadosamente, você abriu o outro olho. E encontrou meu olhar.

— Você vai morrer no deserto, Gem. Me deixe ir junto.

— Por que eu o levaria? Eu estou querendo fugir de você.

Você continuou a olhar para mim. Eu me perguntei se tentaria me amedrontar, me ameaçar dizendo o que iria fazer se eu não fizesse o que queria. Mantive a pressão sobre a sua pálpebra.

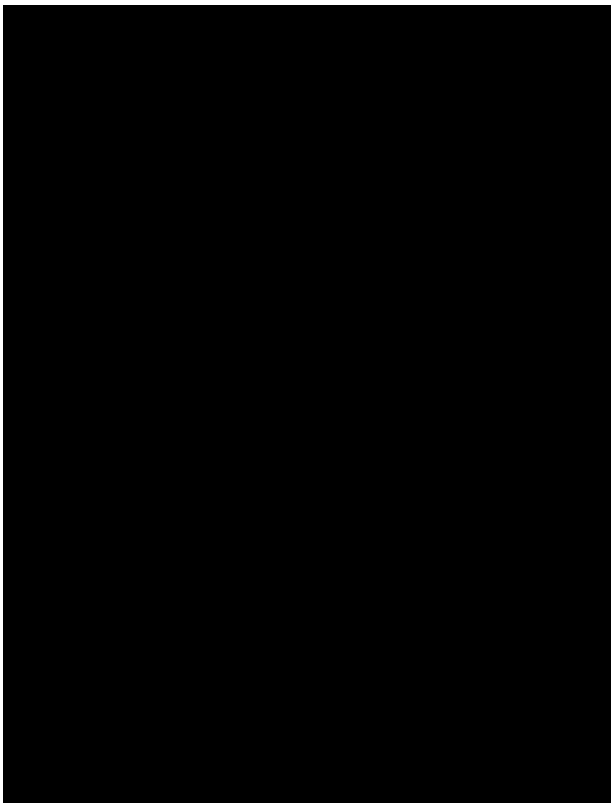
— Me diga onde ficam aquelas minas.

— Acredite no que estou dizendo — você sussurrou. — Não pode ser desse jeito.

— Pode, sim. Me diga onde ficam. Onde estão as pessoas?

Com minha outra mão, tateei os bolsos da sua camisa. Depois seu *short*. Você não resistiu. Talvez estivesse gostando de ser apalpado por mim, ou talvez estivesse sem forças para discutir naquele dia. Encontrei uma chave no fundo do bolso do seu *short* e a segurei com força. Mas fiquei sem saber o que fazer. Deveria manter a agulha encostada no seu olho e fazer você me acompanhar até a caminhonete? Deveria golpear você com a agulha? Ou deveria simplesmente correr?

No final, você resolveu as coisas para mim. Começou a rir de novo e, de repente, levantou a mão e agarrou meu braço. Antes que eu me desse conta, você já tinha afastado a agulha do olho. Depois, ainda segurando meu pulso com firmeza, olhou para mim, desta vez com os dois olhos.





— Não seja patética — você disse, com voz clara e controlada.

— Se está realmente tão desesperada, Gem, então vá. Vamos ver até onde você consegue ir.

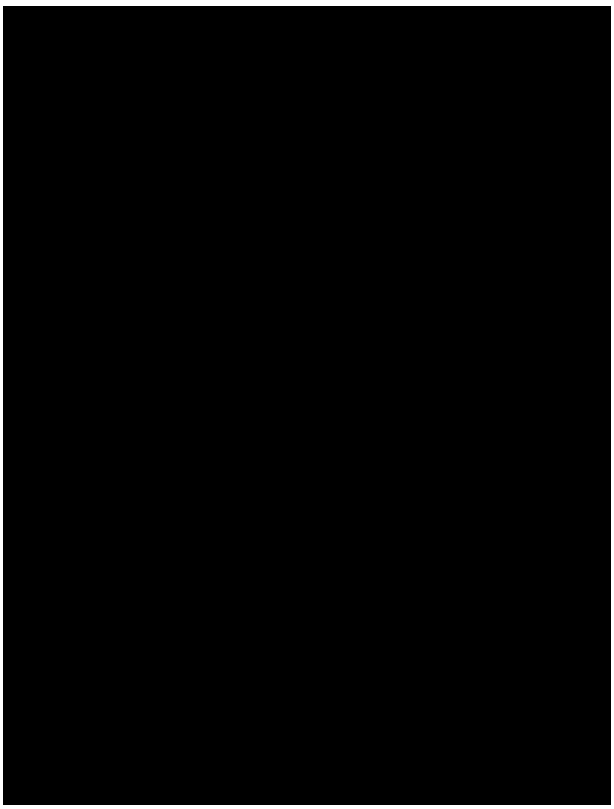
Antes mesmo de você terminar a frase, eu já tinha saído dali, apertando a chave na mão. Estava achando que você viria atrás de mim a qualquer momento e me empurraria para o chão com seus braços poderosos. Não olhei para trás. Passei correndo por uma touceira de erva-sal, cujas folhas pontiagudas arranharam minhas

pernas. Um raminho grudou no meu *short*, mas não me dei o trabalho de retirá-lo. Eu mal o sentia. Pulei sobre um pequeno cupinzeiro. Avistei a caminhonete estacionada ao lado do galpão de

pintura, com o capô apontado para o deserto. Torci para que você tivesse deixado alguma coisa no porta-malas... água, mantimentos, combustível. Entrei no cercado da camela, que se levantou e trotou na minha direção. Mas passei por ela correndo.

— Tchau, menina — arquejei. — Sinto muito não poder levar você.

Ela correu ao meu lado por alguns metros, com passadas equivalentes a três das minhas. Tive vontade de soltá-la, mas não podia perder tempo.



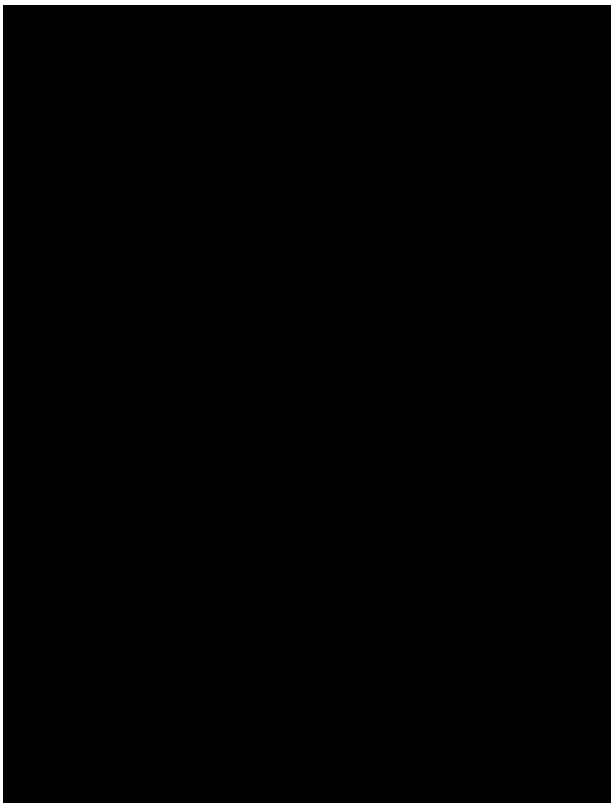
Ao chegar perto da caminhonete, parei e enfiei a chave na fechadura da porta. A chave não girou. Talvez fosse dura demais. Ou talvez eu estivesse com a chave errada. Girei a chave de um lado para outro, correndo o risco de quebrá-la. Então percebi que a porta não estava trancada e a puxei. A porta se abriu emitindo um rangido

alto.

Olhei para trás. Um erro. Você estava saindo dos Separados e vindo na minha direção, balançando os braços e a cesta vermelha. Você não estava com pressa. Talvez achasse que eu não sabia dirigir, parecia convencido de que eu não poderia escapar. Mas eu sabia que poderia. Sentei no assento do motorista. Bati a porta. Enfiei a chave na ignição. Meus pés estavam longe dos pedais. A alavanca de ajuste estava entupida de areia e não consegui modificar a posição

do banco. Então me sentei na beira do banco. O volante estava tão quente que não consegui segurá-lo por muito tempo. Não havia ar dentro da caminhonete. Só calor. Tentei me lembrar do que papai me dissera: gire a chave na ignição, pé na embreagem, alavanca em ponto morto. Ou a alavanca deveria estar na primeira marcha? Olhei para trás. Você estava caminhando mais depressa, gritando alguma coisa para mim, mas não consegui entender o que era. Você tinha acabado de sair do cercado da camela.

Girei a chave. A caminhonete ganhou vida e deu um grande salto para a frente. Neste momento pensei que tinha conseguido. Estava indo embora! Mas meu pé escorregou do pedal, a caminhonete parou de repente e meu peito bateu contra o volante.



— Vamos, vamos! — gritei, batendo com as mãos no volante.

Você estava a uns dez metros da caminhonete, provavelmente menos. — Comece a andar!

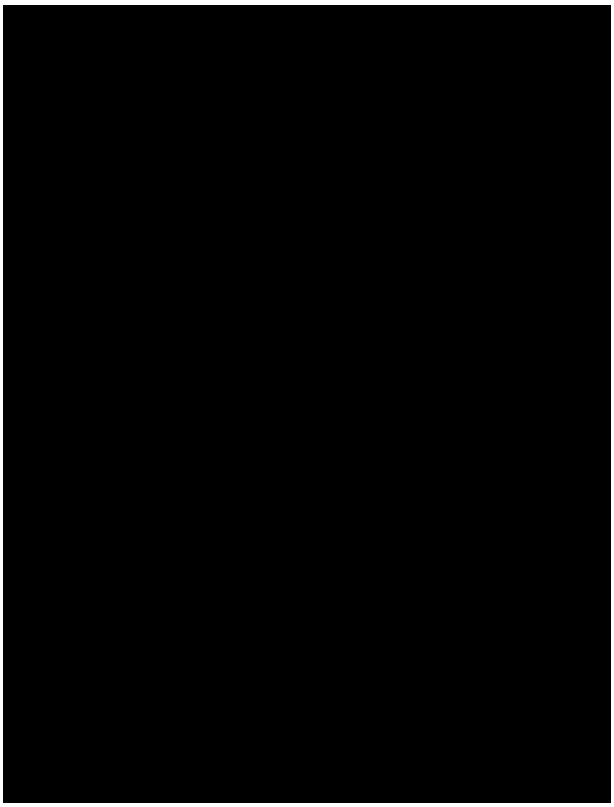
Você também estava gritando alguma coisa. Apertei os pedais com o pé e sacudi o corpo, como se minha vontade pudesse fazer a caminhonete andar. Algo úmido escorria pelo meu rosto — podia ser suor, lágrimas ou sangue. Você estava estendendo os braços na minha direção, como que suplicando.

— Por quê, Gemma? — você estava dizendo. — Por que isso?

Mas eu sabia por quê. Porque era minha única chance; porque eu não sabia quando teria outra chance de sair daquele lugar. Coloquei o câmbio em ponto morto. Girei a chave. Não sei como, comecei a me lembrar de tudo. Era como se uma parte de

mim tivesse assumido o controle, uma parte mais lógica e adulta que se lembrava dessas coisas. Apertei o acelerador, mas não muito. A caminhonete não morreu; ficou apenas roncando, aguardando. Quando eu observei você, no outro dia, você tinha empurrado a alavanca devagar. Tentei fazer a mesma coisa, apertando o acelerador com o outro pé. A caminhonete roncou mais forte. Segurei o volante e me equilibrei na beira do banco. Você estava se aproximando.

De repente, você percebeu que eu de fato poderia conseguir e começou a correr na minha direção, gritando furiosamente, com o rosto contorcido. Então atirou a cesta vermelha contra a caminhonete. A cesta se chocou contra o teto e raminhos de plantas se espalharam pelo para-brisa. Mas a caminhonete ainda estava roncando, tensa como um cão na coleira, pronta para fugir. Fui



soltando a embreagem. Tentei ser delicada, tentei fazer como você fizera, mas arranquei, cantando os pneus, de um jeito que deixaria meus amigos orgulhosos. E gritei tão alto que não sei como os grupos de busca não me escutaram.

Mas você escutou. Seu rosto estava ao lado da janela. Suas mãos empurravam o vidro e puxavam a porta. Seu olhar era feroz. Pressionei mais o acelerador e a caminhonete deu um pulo. Senti os pneus girando. Você mergulhou sobre a caminhonete, conseguiu agarrar o espelho lateral e se segurou ali.

— Gemma, não faça isso — você gritou, com voz firme e imperiosa. — Não pode fazer isso.

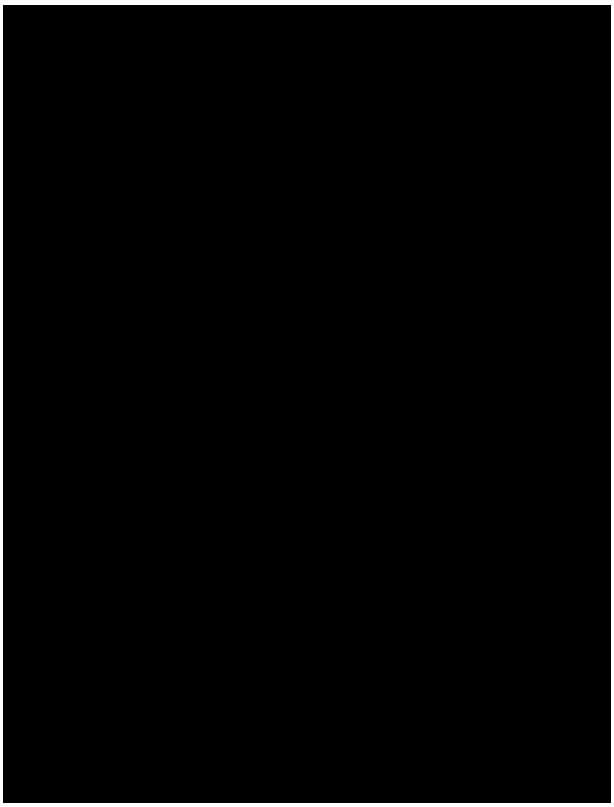
Dei uma guinada com a caminhonete, mas você não soltou o espelho. Puxou a maçaneta da porta. A porta se abriu um pouco.

Estendi a mão e abaixei a tranca. Você bateu com a mão na janela, frustrado. Pressionei o acelerador novamente e você começou a correr ao lado da caminhonete, ainda agarrado ao espelho. Você puxava o espelho como se achasse que poderia deter a caminhonete apenas com sua força. Apertei o acelerador até o fundo. Foi o bastante. Com um grito, você caiu no chão, deixando o espelho lateral pendurado por alguns fios e batendo na lataria da caminhonete. Ouvi você gritar atrás de mim, com voz rouca e desesperada.

Agora, à minha frente, só havia um espaço amplo e aberto.

Girei o volante, fazendo a caminhonete derrapar, e rumei para as colinas escuras que via no horizonte. O motor gemia, lutando para vencer a areia.

— Por favor — murmurei. — Por favor, não enguice.





Aumentei a velocidade e verifiquei o espelho retrovisor. Vi você parado no lugar, ainda gritando, com os braços estendidos na minha direção. Depois começou a correr atrás da caminhonete, dando socos no ar como um maluco.

— Não! — você gritou. — Você vai se arrepender, Gemma!

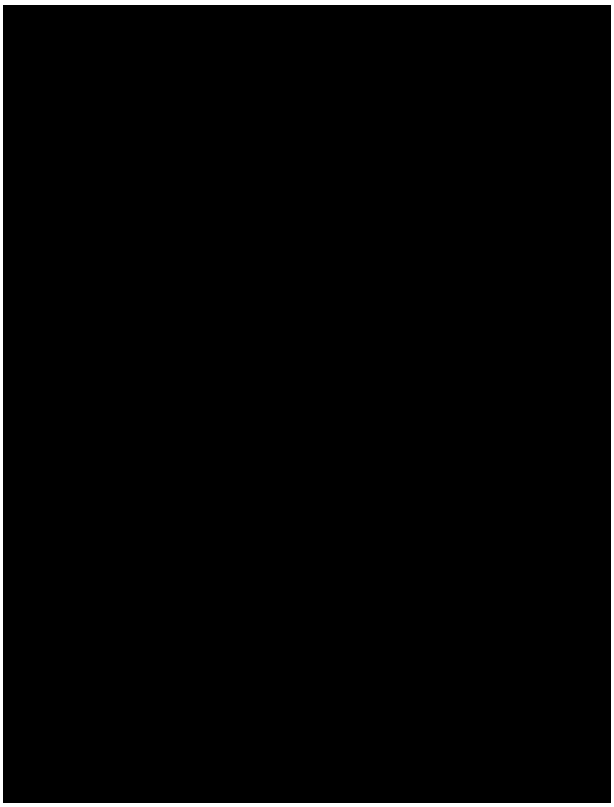
Você tirou o chapéu e o arremessou na direção da caminhonete; depois se abaixou, pegou algumas pedras, galhos, tudo o que pôde encontrar, e começou a arremessá-los também.

Ouvi o baque de algumas pedras sobre o porta-malas. Seus gritos eram ferozes como os de um animal selvagem... como se você tivesse perdido completamente o controle. Rangi os dentes e continuei pressionando o pedal. De repente, uma pedra acertou um dos pneus. A caminhonete guinou para o lado. Olhei pelo retrovisor.

Você estava de cócoras, atirando as pedras embaixo da caminhonete, como se quisesse estourar os pneus. Mas mantive o pé no pedal e fui me afastando.

Não ia permitir que você me detivesse.

A caminhonete sacolejava, passando por cima de pedras e touceiras de triódias. De algum modo, eu conseguia mantê-la em linha reta, rumando para as sombras distantes que acreditava serem as minas. Já deveria ter mudado de marcha, mas não confiava em



mim mesma. Precisava deixar suas construções de madeira muito, mas muito para trás, antes de tentar alguma coisa. A caminhonete pelejava e gemia. Provavelmente você ainda ouvia o barulho; cada lamento desesperado da embreagem devia cortar seu coração.

O conjunto de prédios foi se tornando cada vez menor e, finalmente, eu já não conseguia divisar nem seu vulto no espelho retrovisor. Comecei a gritar, sabe Deus o quê. Eu tinha conseguido! Estava em campo aberto, sozinha... sem você. Sem ninguém. Estava livre. Gritei mais ainda, enquanto zunia pela paisagem, rumando para um espaço vazio... que poderia abrigar tudo.

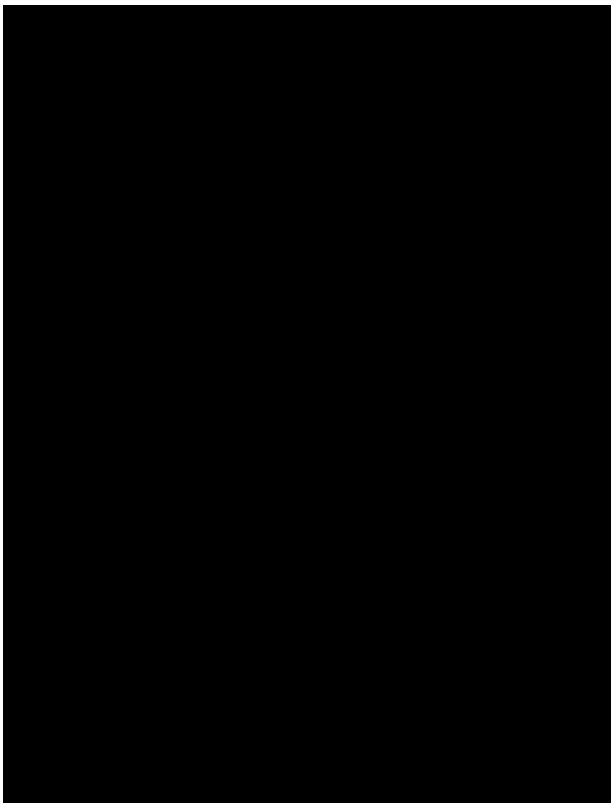
Os pneus às vezes revolviam areia demais e a caminhonete começava a desacelerar. Para que recuperasse a velocidade, eu pressionava mais o acelerador, como vira você fazer. A caminhonete

sempre se mostrava potente o bastante para vencer o terreno.

Quando eu sentia que o motor estava esquentando muito, mudava de marcha. Era o curso de direção mais rápido do mundo. Papai teria um ataque cardíaco se estivesse ali comigo. Olhei para o medidor de combustível. Ponteiro no meio. O tanque estava cheio pela metade — vazio pela metade também. O comportamento do medidor de temperatura não parecia normal; o ponteiro pulava para cima e para baixo, mas se aproximava cada vez mais da área vermelha. Acho que era uma indicação de que o motor estava esquentando demais. De uma coisa eu tinha certeza: eu estava

ferrando com a sua caminhonete.

Tentei ignorar o que se passava no painel e continuei a dirigir. Olhei para a frente, concentrando a atenção nas sombras que tremulavam no horizonte. O terreno se estendia sempre mais,

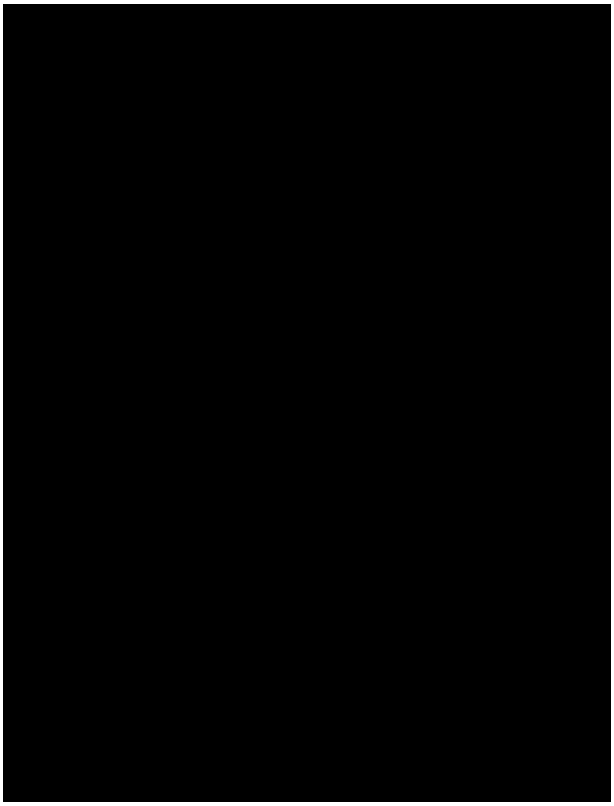


parecendo infinito. Não havia estradas. Nem linhas telefônicas. Não havia nada indicando presença humana naquela área. Só havia eu.

Finalmente alcancei o local onde se erguiam as sombras que eu vira no horizonte. Só que não era a mina que eu esperava, nem mesmo uma cadeia de colinas férteis. Eram dunas de areia, extensas e elevadas. Esculpidas pelo vento e unidas por trechos de vegetação. Percebi isso antes de chegar lá, mas rumei na direção delas, de qualquer forma. Não sei por quê. Talvez tenha pensado que aquilo

seria melhor que a plana monotonia das outras áreas, pensado que haveria alguma coisa no outro lado. Quando me aproximei, as dunas se mostravam altas demais. Não havia como subir nelas com a caminhonete, que já estava chacoalhando, gemendo e ameaçando enguiçar. Teria que contornar as dunas. Esfreguei o braço no rosto, mas só o umedeci ainda mais. Sentia o corpo quente e viscoso, apesar da janela aberta. As costas da minha camiseta estavam molhadas como se eu tivesse pulado em uma piscina.

Pus a cabeça para fora da janela e me concentrei em manter a caminhonete em movimento. O chão estava ficando mais macio. Pisei mais fundo no acelerador. Os pneus jogaram areia no meu rosto. Com a areia se acumulando ao redor dos pneus, a caminhonete começou a estrebuchar. Tentei girar o volante em outra



direção, esperando encontrar mais aderência, mas foi um erro. Os pneus atingiram a areia fofa nas bordas da trilha que eu mesma fizera e pararam de avançar. Girei o volante para o outro lado e tentei de novo. Não adiantou. Por mais que eu pressionasse o pedal do acelerador, a caminhonete não se movia. Apenas se afundava mais na areia. Continuei a pressionar o pedal até sentir cheiro de queimado. Então saí e tentei empurrar a caminhonete. Mas ela pesava mais que um elefante. Eu estava aprisionada naquele lugar.

A paisagem começou a se desfocar diante de mim, como se estivesse dentro d'água. As triódias se retorciam como algas. Fechei os olhos. Mas tive a sensação de estar rodopiando. Minha cabeça latejava, minha língua estava seca e inchada. Deitei sobre o pneu. O calor da borracha negra fez meus braços formigarem. O sol me

ressecava, me espremia. Gotas de suor escorriam pelo meu rosto e caíam sobre o pneu. Estendi a mão para o espaço escuro embaixo da caminhonete. Pensei em me arrastar até ali. Desejei ser um pequeno inseto, capaz de cavar um túnel na areia e encontrar um lugar mais fresco sob a superfície. Eu precisava de água.

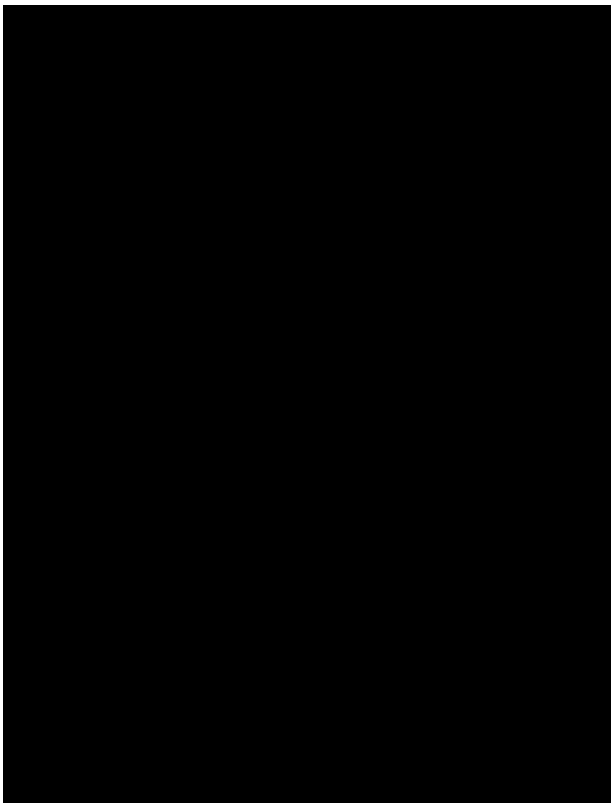
Então vomitei, apenas um pingo de nada que caiu ao lado do pneu. Eu queria fazer mais coisas, mas não conseguia. Tudo rodopiava sem parar.

Quando abri os olhos, o sol tinha se movido um pouco.

Minha visão não estava tão turva. Fixei os olhos nas árvores perto

de mim; eram três. Ouvi suas folhas secas roçando umas nas outras, e moscas zumbindo ao redor dos troncos.

Eu me arrastei até o porta-malas. Antes de abri-lo, juntei as mãos e rezei. Eu nunca tinha acreditado em Deus, realmente, mas



naquele momento prometi tudo a Ele. Seria a fiel mais convicta do mundo se encontrasse água e comida dentro daquele porta-malas, e alguma coisa que me ajudasse a tirar a caminhonete da areia.

— Por favor — murmurei. — Por favor.

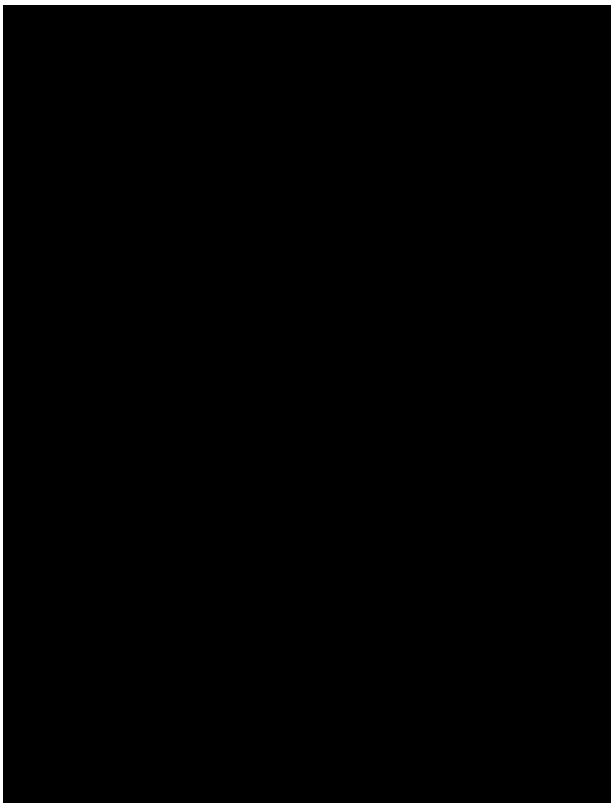
Achei o trinco e abri o porta-malas. Havia água lá. Uma garrafa plástica de dois litros. Peguei a garrafa, tirei a tampa e despejei o líquido na garganta. Estava quente, mas o engoli assim mesmo. Uma parte caiu sobre meu o rosto e o meu pescoço. Eu parecia uma esponja. Tive que me obrigar a parar de beber, embora quisesse mais. Já bebera quase a metade.

Não havia muitas coisas no porta-malas. Uma toalha. Uma lata cheia de gasolina, a julgar pelo cheiro. Um dos seus chapéus feitos com peles de animais. Algumas ferramentas. Mas não havia

comida. Nem nada que pudesse me ajudar a mover a caminhonete. Concluí que Deus não existia, afinal de contas.

Voltei para a caminhonete e liguei o motor novamente. As rodas se afundaram mais na areia. Bati com as mãos no volante. Pensei em examinar as árvores, talvez encontrasse pedaços de madeira para colocar sob os pneus. Se a caminhonete pudesse encontrar um ponto de aderência, talvez eu pudesse fazer com que ela andasse. Mas as árvores eram altas e seus galhos distantes demais do chão. Tentei arrancar partes da casca, mas só obtive pedaços pequenos.

Foi então que vi o sangue. Naquele momento, pelo menos, pensei que fosse sangue... sangue pastoso, vermelho como rubi, escorrendo pela casca da árvore ao lado. Olhei em volta rapidamente, mas não vi ninguém, nem nada fora do normal. Era



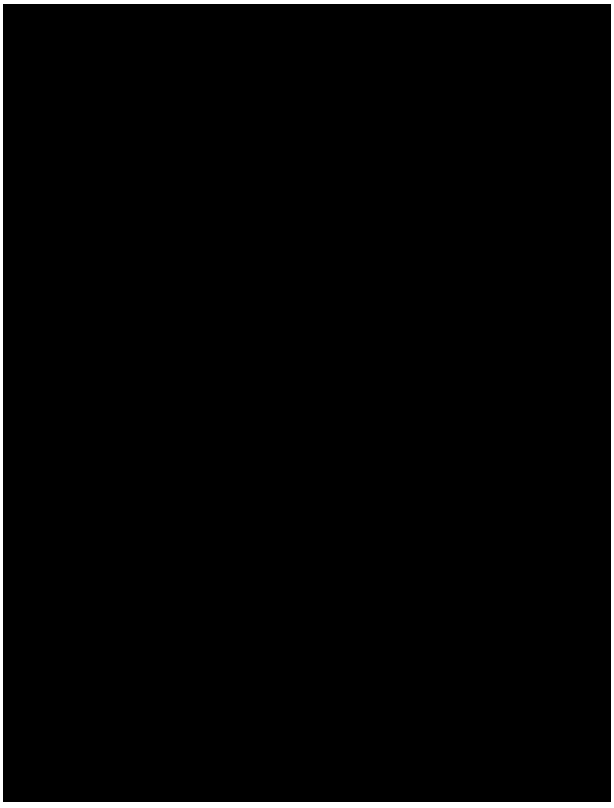
como se a árvore estivesse sangrando espontaneamente. Raspei um pouco da substância com as unhas. Era farelenta, e manchou meus dedos. Depois a cheirei. Eucalipto. Aquilo era seiva.

Comecei a subir a duna. Meus pés se enterravam na areia fofa, e meus músculos se esticavam ao máximo. Criaturas se escondiam nas triódias, às pressas, quando eu passava. Parei no topo da duna, protegendo os olhos com a mão para enxergar melhor. Não havia nada diferente no outro lado. Nenhuma mina, nenhuma pessoa. Só havia mais areia, mais pedras, mais árvores e, ao longe, outras dunas escuras. Até onde eu podia ver, eu era a única pessoa ali. Cruzei os braços no peito e inalei profundamente. O ar ali era um pouco mais fresco. Se eu morresse naquela duna,

ninguém jamais ficaria sabendo. Nem mesmo você. Caminhei de

volta para a caminhonete. Iria dormir um pouco. Não estava conseguindo pensar naquele momento, estava quente demais.

A lua havia surgido quando eu acordei. Deitada no banco traseiro, olhei para ela através da janela. Cheia e amarelada, lembrava um desses grandes queijos redondos que papai trazia do trabalho no Natal. Tracei um rosto de homem nela: dois olhos esbugalhados, um sorriso letárgico e, abaixo, as crateras que lembravam uma barba por fazer. Uma lua benévola, mas muito



distante. O céu ao redor lembrava um lago profundo, de águas claras. Se houvesse um astronauta na lua, naquela hora, eu tinha certeza de que o veria. Talvez ele pudesse olhar para baixo e me ver também... era a única pessoa que poderia me ver.

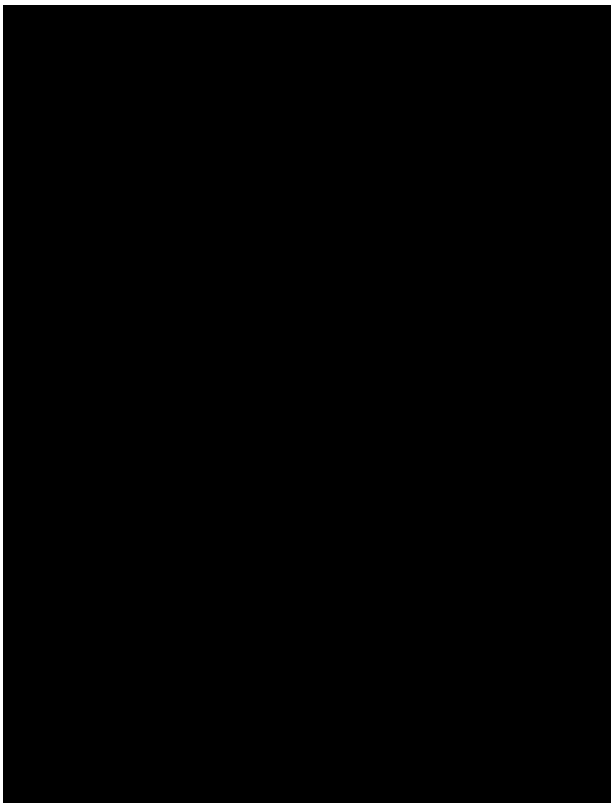
Eu me cobrira com a toalha que encontrara no porta-malas, mas ainda sentia muito frio. Esfreguei os braços. O sol os deixara rosados, e a parte de cima estava descascando. Estava muito frio para que eu conseguisse dormir mais. Então passei para o banco da frente, ocupei o assento do motorista e cobri as pernas com a toalha. Depois girei a chave na ignição e acendi os faróis. Um túnel de luz iluminou a areia à minha frente, cinzenta e fantasmagórica. Uma pessoa recém-falecida devia ter uma visão semelhante. Vi algo se mover ao lado. Era um pequeno roedor, de orelhas longas, que

escavava a terra entre as raízes de uma árvore. Ele olhou na direção da luz, momentaneamente cego, e depois se afastou aos pulos, desaparecendo na escuridão.

Virei mais a chave, até o motor roncar, e pisei no acelerador. O ronco se transformou em um rugido, que ecoou na noite silenciosa. Será que alguém, além de mim, conseguiria ouvi-lo também? Empurrei a alavanca da embreagem, tentando fazer a caminhonete andar com a pura força de vontade. E ela andou, um pouquinho. Por alguns segundos suas rodas lutaram contra a areia, e quase conseguiram aderência. Mas voltaram a cair no buraco que tinham cavado. Chutei os pedais.

— Carro idiota!

Minha voz soou tão alta, que tive um sobressalto. Deitei a cabeça no volante e cantarolei um hino que cantávamos na escola.



Mas ninguém me fez coro. O silêncio me cercava, ameaçador como um lobo à espreita. Perguntei a mim mesma o que haveria ali, dentro daquela escuridão. Meu corpo começou a tremer e meus olhos se enevoaram. Demorei algum tempo para perceber que estava chorando.

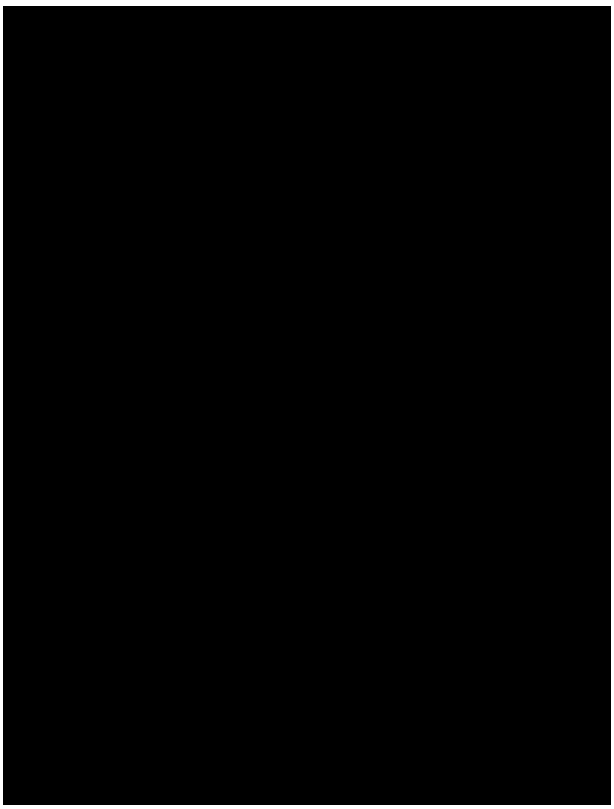
Juntei todas as plantas que pude recolher sem ferir muito as minhas mãos, e as enfiei embaixo dos pneus. Nem assim consegui mover a caminhonete. As rodas enterraram as plantas na areia, sem

obter nenhuma tração. Tentei novamente, utilizando pequenas pedras, mas foi pior. Os pneus apenas aumentaram o buraco. Se houvesse alguém para empurrar a caminhonete enquanto eu

acelerava, talvez eu tivesse conseguido movê-lo, mas sozinha era causa perdida. Sai do carro e chutei os pneus.

Iniciei a caminhada quando o dia começou a clarear.

Carregava a garrafa de água e usava o seu chapéu, que era um pouco largo, sua aba quase me batia nos olhos. Eu sabia que andando durante o dia o calor seria maior, mas não tinha escolha. Não poderia permanecer dentro da caminhonete; ninguém me encontraria. De qualquer modo, era cedo. A temperatura ainda estava amena.



Fui avançando pela areia, mantendo a duna à minha direita.

Minhas pernas logo começaram a doer com o esforço. Tentei andar rápido, no início, para cobrir o máximo de terreno antes que o calor aumentasse. Mas o calor logo aumentou. Notei isso quando senti dificuldade para respirar fundo e minhas botas começaram a pesar a

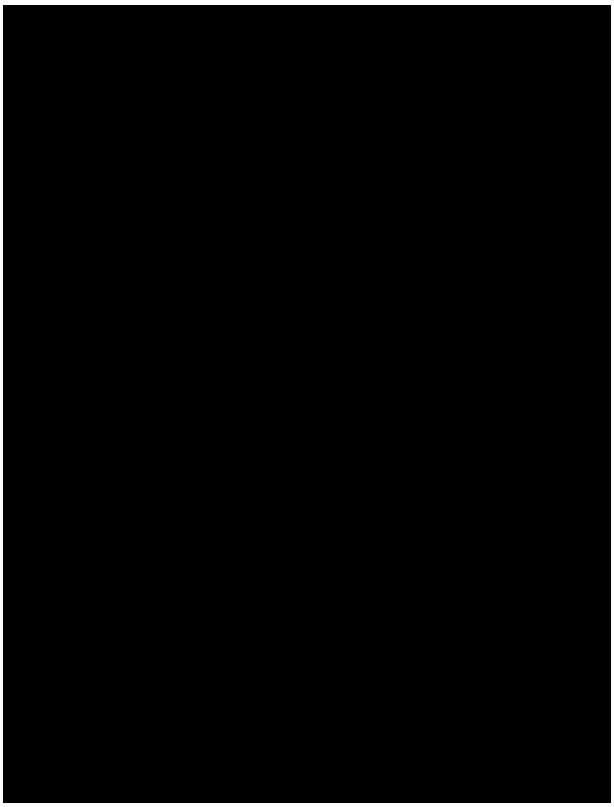
cada passo que eu dava, como se fossem feitas de chumbo. Abaixei a cabeça e me concentrei nos meus pés... um passo à frente, depois outro. Meu suor se misturava com o suor seco do dia anterior, já rançoso, e eu comecei a feder. Tomei um gole de água. Era pouco para minha sede, mas não me permiti beber mais.

Depois de caminhar durante algum tempo, percebi que não estava vendo mais nenhuma árvore. A coisa mais elevada naquela paisagem cor de ferrugem era uma touceira de triódias. Parei, girei o

corpo e contemplei a vastidão infindável ao meu redor. Não havia nada em lugar nenhum, a não ser areia. Como alguém poderia encontrar alguma coisa? Sentei sobre a areia quente. Curvei o corpo até me transformar em uma bola minúscula e comecei a me balançar. Comecei a chorar, e odiei a mim mesma por isso... por desperdiçar toda aquela água em lágrimas. Grãos de areia começaram a arranhar minhas bochechas. Ouvi então o barulho do vento, que mais à frente levantava nuvens de poeira. A poeira entrava na minha boca e se grudava nos meus dentes e na minha língua. Aquela terra estava me derrotando, me esfarelando como tinha esfarelado as pedras. Eu ia morrer. Tinha sido uma idiota por pensar que chegaria a algum lugar.

Mas alguma coisa dentro de mim não me deixava desistir.

Não ainda. Não naquele momento. Eu me levantei e recomecei a



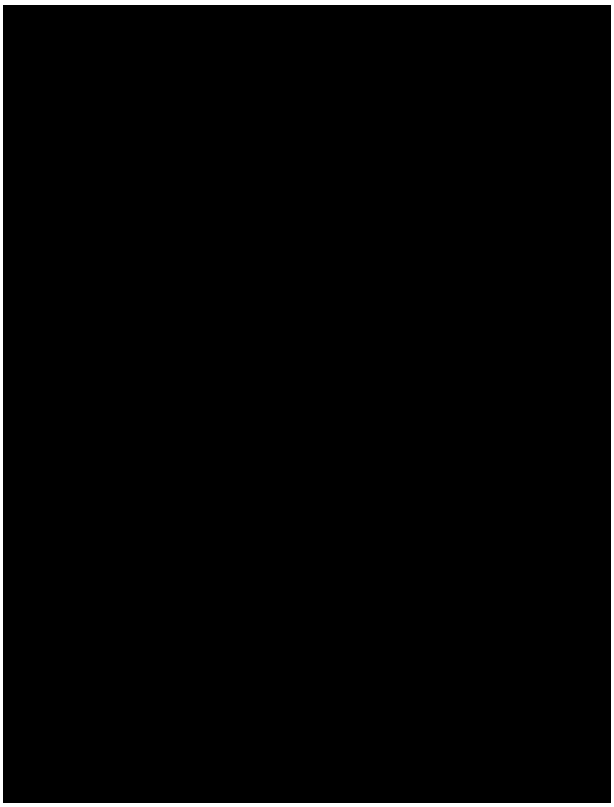
andar. Tentei pensar na minha casa. Imaginei que Anna caminhava ao meu lado, me incentivando a continuar. Mas sempre que eu me virava para olhar para ela, ela desaparecia. Apenas sua voz permanecia, girando à minha volta como o vento.

Bebi os últimos pingos de água. Depois lambi o bocal da garrafa, enfiando a língua nas ranhuras, e joguei a garrafa na areia. Pus um pé à frente, depois outro. Continuei a avançar. Durante algum tempo fui bem. Mas o sol se ergueu mais no céu e me atingiu de chapa. Cambaleei. Caí no chão. Consegui me levantar. Dei mais alguns passos, arrastando os pés na areia. Mantinha os braços esticados diante de mim, agarrando o ar, tentando me puxar mais para a frente. A terra me desejava, seus braços esperavam para me acolher. Eu não poderia aguentar para sempre. Cambaleei

novamente. Desta vez não consegui me levantar. Comecei a engatinhar.

De repente, rasguei a camisa e a arranquei do corpo.

Precisava fazer alguma coisa, qualquer coisa, para me refrescar. Em seguida tirei as botas, que larguei na areia. Tirei o *short*. Era melhor engatinhar apenas com a roupa de baixo. Até consegui me pôr de pé e dar alguns passos. Mas caí de novo. Fiquei deitada na areia, com o rosto virado para o sol, tentando respirar. Tudo era branco e brilhante. Mas eu precisava continuar. Então enfiei os dedos sob o elástico da calcinha e a removi. Alguns metros depois, tirei o sutiã. Engatinhei mais. A areia arranhava minha pele, mas eu podia suportar isto. Já não sentia tanto calor. Fui me erguendo de novo até ficar de pé. Mas foi só o que consegui fazer. Meu corpo oscilava, minha cabeça desenhava círculos no ar. Uma mosca entrou na





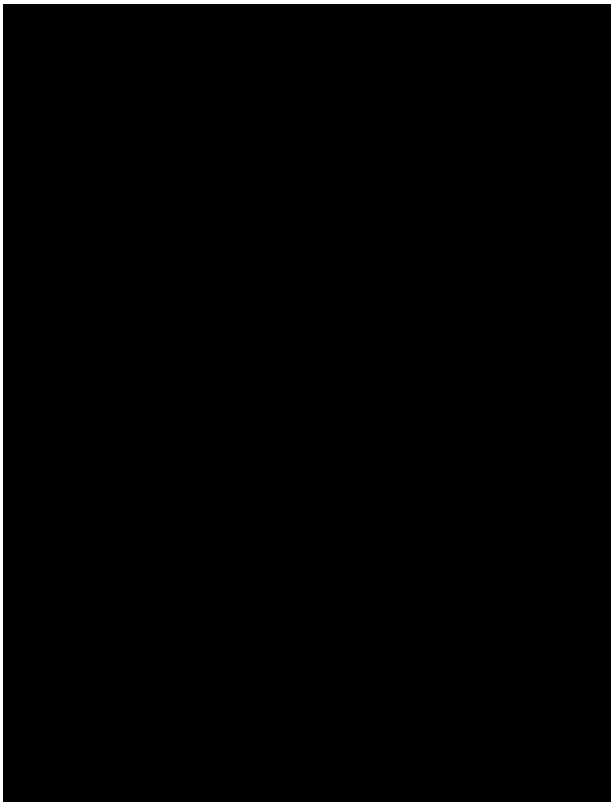
minha narina, desesperada para encontrar umidade, e se arrastou bem para o fundo. Outras vieram. Enxamearam à minha volta e se instalaram no meu corpo como se eu já fosse uma carcaça. Ocuparam minhas orelhas, minha boca e o espaço entre as minhas coxas. Espantá-las exigiria energia demais. Em vez disto, dei mais um passo. O mundo começou a rodopiar. Por alguns momentos, o céu se tornou vermelho e a areia, azul. Fechei os olhos. Dei outro passo. Então me concentrei na sensação dos grãos de areia sob as solas dos pés; estavam quentes, mas não me machucavam. Continuei a caminhar dessa forma, nua, cega e coberta de moscas, apenas tateando o caminho. Já não sabia para onde estava indo. Já não sabia muita coisa. Só que estava me movendo.

Pouco depois, desmoronei novamente. Dessa vez, sabia que

não conseguiria me levantar, independentemente do que fizesse. Rolei na areia e enfiei o rosto nela. Queria ser um animal para cavar fundo, bem fundo. Comecei a cavar, tentando enfiar o corpo embaixo da terra, tentando alcançar a camada mais fria. Mas todas as minhas forças haviam me deixado, juntamente com o suor. Tudo se escoara de mim. A areia absorvera tudo. Fiquei deitada ali, meio enterrada na areia. Fechei os olhos e me deixei afundar.

Primeiro foram os dedos dos pés; depois as pernas, o corpo

e, finalmente, a cabeça... Comecei a afundar cada vez mais. Passei



através dos grãos de areia e através da terra; passei por pedras, túneis de animais, raízes de árvores e pequenos insetos. Continuei afundando até chegar ao outro lado.

Eu estava deitada na minha cama, em casa. Meus olhos estavam fechados, mas eu conseguia ouvir as pessoas conversando. Minha tevê estava ligada. Reconheci a voz de um dos locutores do telejornal.

— E hoje Londres está sendo atingida por uma alucinante onda de calor — ele dizia. — Uma temperatura incrível.

Eu estava com o edredom puxado até o pescoço. Não conseguia tirá-lo de cima de mim. Parecia estar costurado no travesseiro, e me sufocava de calor. Eu sentia o suor se empoçando nas minhas costas e encharcando meus cabelos.

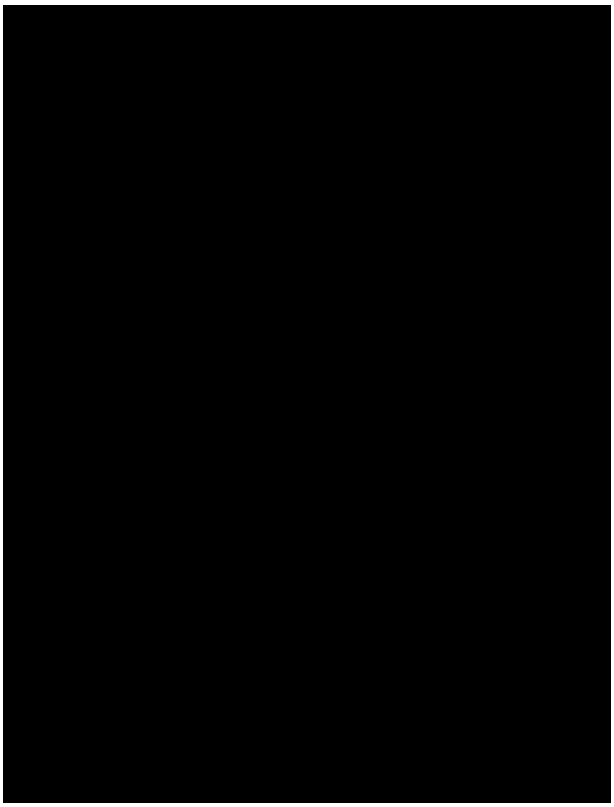
Senti um cheiro. Café. Mamãe estava em casa. Tentei escutar seus movimentos. Ela mexia em coisas na cozinha e cantarolava uma melodia boba. Eu queria ir ao encontro dela, mas não conseguia tirar as pernas de baixo do edredom. Chutei o edredom, me sentindo aprisionada. Meus olhos ainda estavam fechados, as pálpebras como que coladas. Comecei a gritar.

— Mamãe! Venha cá!

Mas ela não veio. Apenas cantarolou mais alto. Eu sabia que ela podia me ouvir. A cozinha era ao lado do quarto e as paredes eram finas. Gritei de novo.

— Mamãe! Socorro!

Por um momento ela parou de mexer nas coisas, como se estivesse me escutando. Depois ligou o rádio e uma música clássica abafou meus gritos. Eu me debati, tentando sair da cama. Mas não

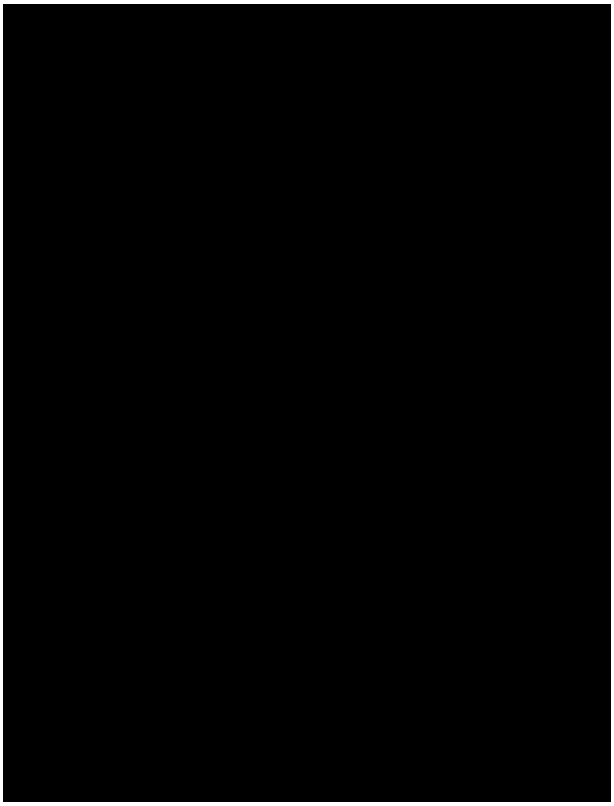


conseguia encontrar um ponto de apoio. A mesa de cabeceira não estava em seu lugar habitual. Não havia nada ao lado da minha cama. Continuei a gritar para mamãe, pedindo ajuda. Mas ela apenas aumentou o volume do rádio. De repente, entendi por que ela não vinha. Ela tinha costurado meus olhos e me costurado na cama. Ela queria me aprisionar.

Senti braços se erguerem do meu colchão. Emergiram um de cada lado e envolveram minha barriga, se juntando no meio. Eram braços fortes e morenos; braços cheios de arranhões, que me puxaram através dos lençóis e do colchão. Através da cama, do piso do quarto, das fundações de concreto e me levaram para o solo macio, escuro, que havia abaixo. Lá, apenas me abraçaram, me acalentando no seio da terra.

Quando acordei a temperatura estava mais fria. Quase fria demais. Panos encharcados de água cobriam o meu corpo. Um ventilador soprava de cada lado. Uma flanela molhada fora pousada sobre a minha testa e sua a água escorria pelo meu rosto. Eu me virei um pouco. Meu corpo doeu com o movimento, e um dos panos molhados caiu do meu braço, revelando a pele queimada que estava por baixo, cuja cor era de um vermelho vivo. Havia bolhas em alguns lugares. Sem o pano, meu braço esquentou imediatamente. Sua mão pegou o pano e o recolocou no meu braço; depois o comprimiu suavemente, para que a água escorresse sobre a minha pele.

— Obrigada — sussurrei.



Minha voz mal conseguiu passar pela minha garganta inchada. Aquela palavra provocou mais dor do que você jamais poderia imaginar.

Você assentiu com a cabeça. Depois pousou a cabeça ao lado da cama, a poucos centímetros do meu braço.

Dormi de novo.

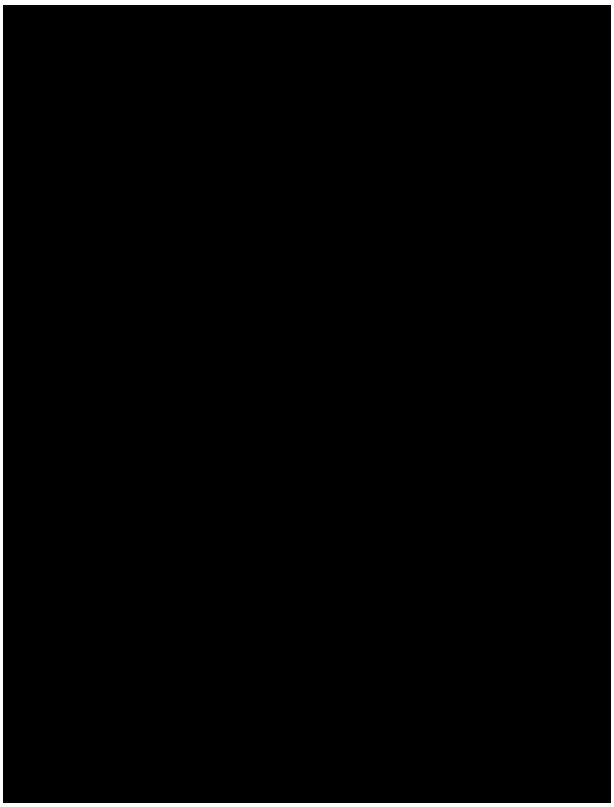
Quando acordei na manhã seguinte, você encostou uma caneca nos meus lábios.

— Beba — você disse. — Você tem que beber. Seu corpo precisa disso.

Afastei a cabeça de você e tossi. Senti dores em todo o corpo. Parecia que minha pele rachava a cada movimento, e se transformava em feridas. Olhei para baixo. Um pequeno lençol me cobria. Por baixo eu estava nua, ou achava que estava. Minha pele tinha ficado insensível demais para eu ter certeza. Mas pude perceber que os panos molhados não estavam mais sobre o meu corpo. Tentei mexer as pernas, mas elas estavam levantadas e amarradas aos balaústres da cama com panos macios. Eu as puxei.

— Você disse que não faria isso — sussurrei.

Você torceu uma flanela, que gotejou água sobre a minha testa.



— Você está com queimaduras graves — você disse. — Eu tive que levantar suas pernas para diminuir a inflamação. Eu sei que eu disse isso. — Você levantou a ponta do lençol e examinou meus pés. — Eu posso desamarrar suas pernas se você quiser. Você está se recuperando bem.

Assenti. Delicadamente, você segurou meu pé direito e o desamarrou. Depois o abaixou até o colchão. Fez o mesmo com o outro pé, e depois cobriu ambos com o lençol.

— Quer mais panos frios? — você perguntou. — Está com muita dor?

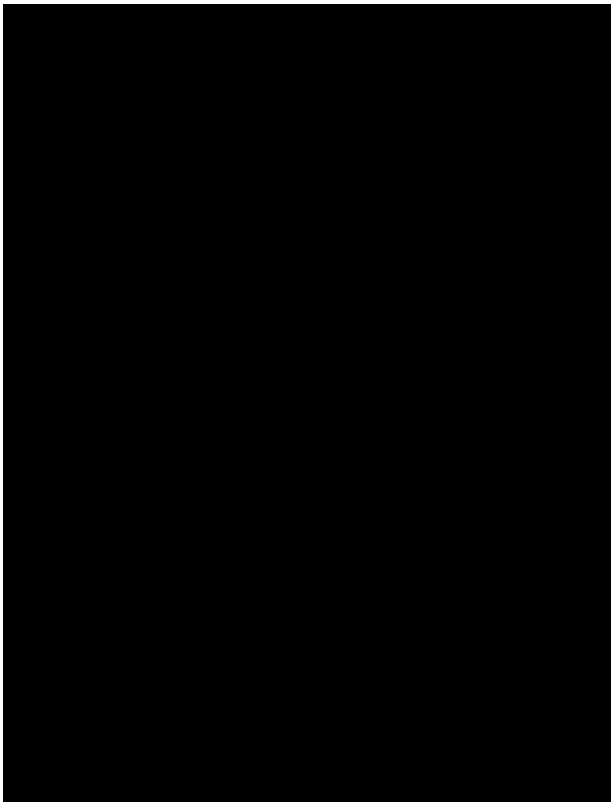
Assenti de novo. Você saiu do quarto. Seus pés descalços e úmidos grudavam no assoalho. Olhei para o teto e testei diversas partes do corpo, verificando quais doíam mais. Tentei me lembrar

de tudo. Eu estava fugindo. Eu estava me afundando na areia. Mas e depois?

Você tinha aparecido. Senti seus braços me envolvendo e me apertando contra seu corpo. Você tinha murmurado alguma coisa; eu senti sua respiração no meu pescoço, sua mão na minha testa. Você me levantou do chão; suavemente, como se eu fosse uma folha seca que você não queria esfacelar. Você me carregou até algum lugar. Eu estava aninhada em seus braços, minúscula como um bebê. Você me borrifou com água. Depois disso, nada. Trevas. Somente trevas.

Você voltou para o quarto, com uma vasilha cheia de panos encharcados.

— Quer fazer isso, ou quer que eu faça?



Você apertou um dos panos para escorrer a água e começou a

levantar o lençol.

— Eu faço.

Arranquei o lençol da sua mão. Depois o levantei e perscrutei meu corpo. Minha pele, em grande parte, estava vermelha e brilhante. Em alguns lugares tinha descascado completamente. Toquei uma bolha no meu peito. Em torno dela, a pele parecia molhada. Coloquei os panos úmidos sobre as áreas em piores condições e o alívio foi imediato. Parecia que minha pele respirava quando os panos a tocavam, e depois absorviam a água. Mas era difícil alcançar as queimaduras das partes mais baixas sem que você me visse nua, embora eu acredite que você já tivesse me visto nua. Estremeci ao me lembrar de você me carregando nos braços. Como

você tinha me tocado? Será que eu teria coragem de perguntar? Após algum tempo, desisti de arrumar os panos e me deitei no travesseiro.

— Há quanto tempo estou aqui? — perguntei. — Assim?

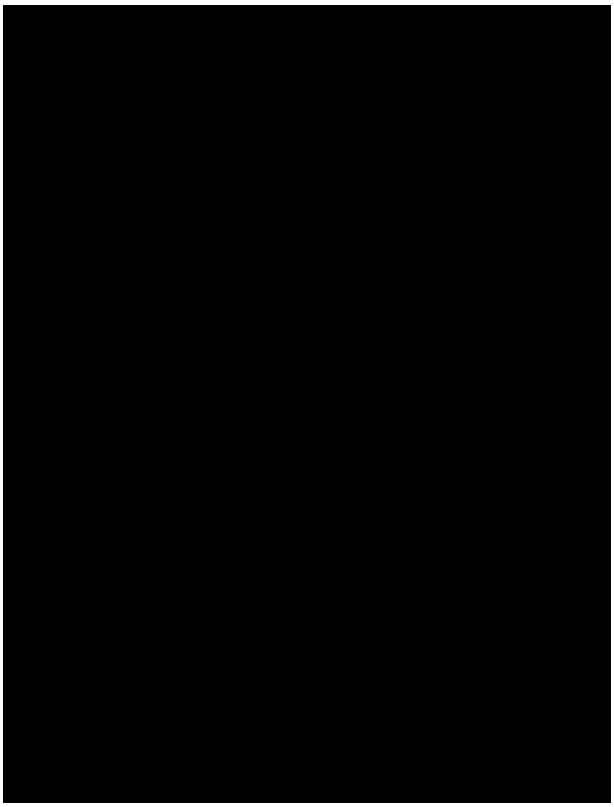
— Um dia e pouco. Você só vai ficar totalmente curada daqui a mais alguns dias. Foi uma sorte eu ter encontrado você.

— Como você me encontrou?

— Segui seus rastros. Fácil. — Você apoiou os cotovelos no colchão, perto demais de mim. Mas seria muito doloroso me afastar. Você pegou a caneca com água e a estendeu para mim. — Fui com a camela.

— Como assim?

— Montado nela. — Você sorriu levemente. — Ela anda bem rápido.





Havia alguma coisa seca nos cantos da minha boca. Lambi aquilo. Depois deixei você despejar água na minha boca.

— Logo vai começar a se sentir melhor — você disse em voz baixa. — Com sorte, não vai ficar nem com cicatrizes.

A água me deu um formigamento na garganta. Engoli mais. Naquele momento, não era uma água marrom cheia de detritos, mas um champanhe dos melhores. Deixei o excesso se derramar sobre o meu pescoço. Pensei na caminhonete completamente atolada na areia.

— Como é que nós voltamos?

— No início eu carreguei você, depois pus você em cima da camela. Andamos a noite toda. — Você acenou para a caneca. — Quer mais?

Abanei a cabeça.

— E a caminhonete?

— Não sei. Você estava vindo na minha direção quando eu a encontrei.

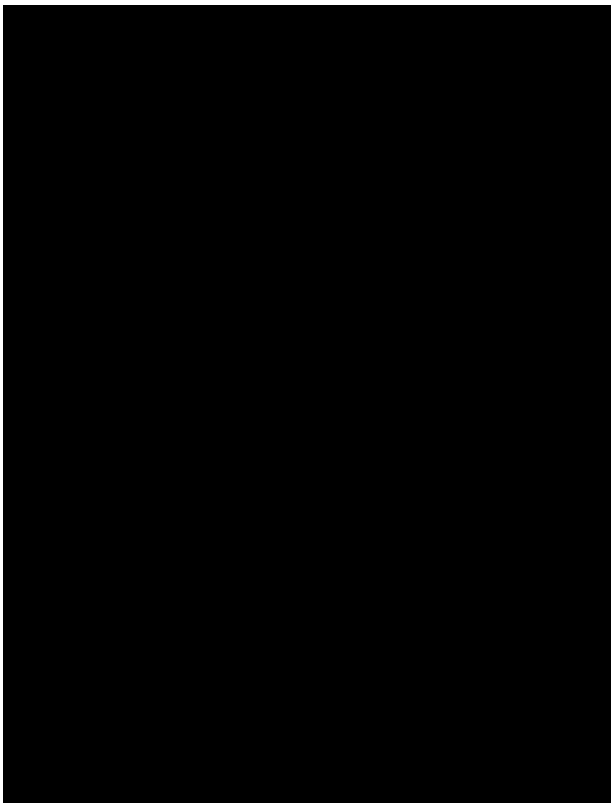
— Na sua...?

Você assentiu.

— Então concluí que a caminhonete devia ter enguiçado, ou morrido, e você estava voltando para casa.

— Para casa?

— Sim. — Sua boca se retorceu. — De volta para mim.





Como você disse, comecei a me sentir melhor rapidamente.

No dia seguinte, deu-me um punhado de nozes e frutinhas. As frutinhas tinham um gosto amargo; as nozes eram doces e estavam picadas, bem diferentes de como eu estava acostumada a comê-las. Mesmo assim, comi tudo. Depois apalpei o espaço entre o colchão e a base da cama. A faca ainda estava lá. Contei os riscos na madeira. Vinte e cinco. Mas quantos dias haviam se passado desde o último? Risquei mais quatro linhas.

233

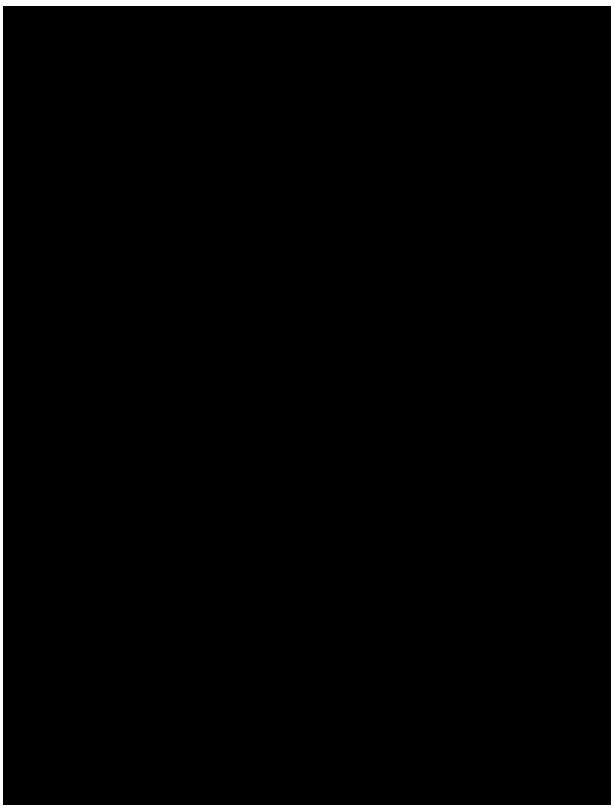
No dia seguinte, após ter feito o trigésimo entalhe, pensei na minha menstruação... no motivo de estar atrasada. Talvez eu tivesse secado como a terra ao redor e meu corpo necessitasse de umidade.

Eu me levantei e vesti as roupas, mas o tecido me machucava ao encostar na minha pele queimada. Cerrei os dentes e fui capengando até a varanda. O contato com o assoalho fazia meus pés doerem. E tive que segurar a camiseta à frente do peito enquanto caminhava.

— Devia ter vindo nua — você disse quando me viu. — Não ia doer tanto.

Parei de segurar a camiseta.

— Estou bem.



— Tome.

Você me estendeu o copo d'água que tinha na mão.

Olhei para o líquido meio bebido.

— Vou pegar um copo para mim — eu disse.

Fui até a cozinha. Depois de me servir de um pouco de água,

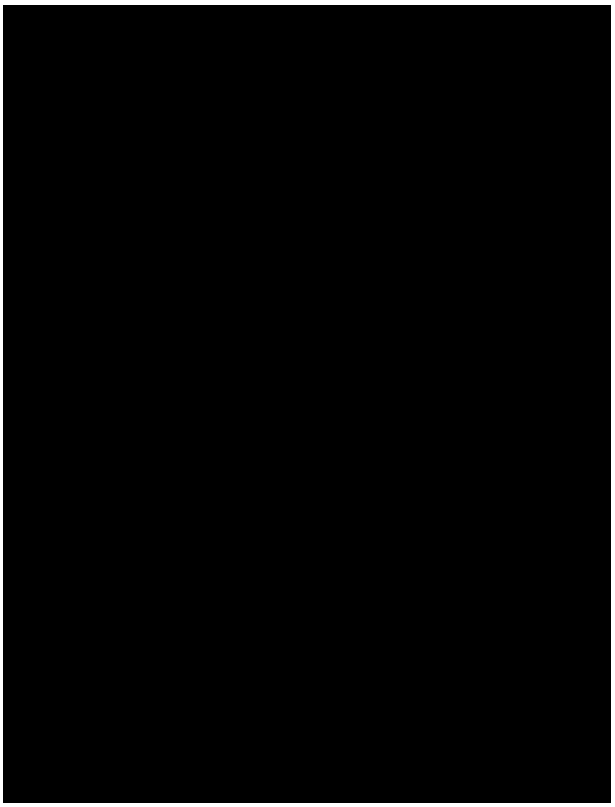
saí pela porta do lado oposto à varanda. Mantendo meu corpo na sombra, encostei-me na parede. De onde estava, podia ver a camela, descansando num canto do cercado. Estava de cabeça baixa, com o cabresto pendurado frouxamente. Parecia bastante dócil, como se você tivesse sugado toda a sua selvageria. Protegi os olhos com a mão e perscrutei o horizonte até encontrar a silhueta sombria das dunas; as dunas que eu pensei que fizessem parte da mina.

Pareciam bem distantes.

234

Tive que me sentar no caixote em frente à porta quando a realidade saltou aos meus olhos. Eu sempre alimentara uma pequena esperança de escapar. Mas de repente percebi uma coisa. Aquela paisagem arenosa e infindável... era tudo o que eu tinha, era a minha vida. A não ser que você me deixasse numa cidade, seria tudo o que eu veria pelo resto da vida. Eu não tinha mais pais, amigos ou escola. Não tinha mais Londres. Só tinha você. Só tinha o deserto.

Passei o copo na testa. Depois lambi uma gota de água que escorreu pelo lado de fora. Deixei minha língua momentaneamente encostada no vidro frio. Talvez eu acabasse vencendo a sua resistência. Talvez você me levasse de volta. Não havia casos em que garotas sequestradas eram libertadas anos depois? Não havia resgates também? Mas quanto tempo isso demoraria?





Ouvi um movimento à esquerda.

Você estava agachado sob a janela do meu quarto de dormir, pulando para a frente e para trás com os braços estendidos. Olhei com mais atenção. Vi uma cobra. Você se esticava para tentar pegá-la e pulava para trás quando ela dava o bote. Ela estava com a cabeça levantada, desafiando você. Era como uma dança de acasalamento.

Mas você foi rápido. Numa de suas investidas você a confundiu e a agarrou pelo corpo, torcendo sua cabeça para o lado. Ela se contorceu, fez de tudo para virar a boca rosada na sua direção. Mas você a segurou com firmeza. Então a levantou da areia e começou a conversar com ela, mantendo o rosto a centímetros das

presas afiadas. Depois se afastou com ela.

235

Você passou direto por mim e se dirigiu ao segundo galpão.

Parou diante da porta, abriu-a e, com a cobra tentando se enrodilhar

no seu pulso, entrou no galpão.

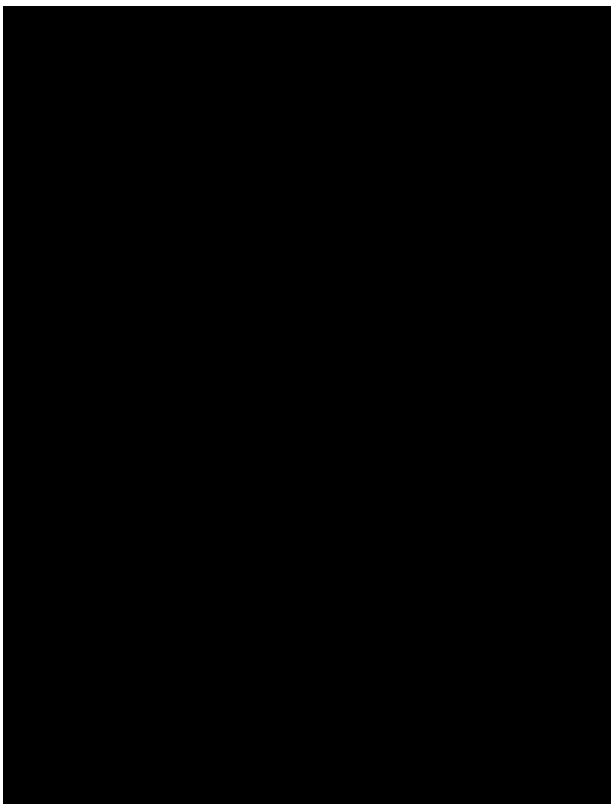
Cochilei no sofá da sala e só acordei quando a luz mudou de

branco brilhante para dourado fosco. Um raio de sol que banhava o

assoalho dava à madeira um tom acobreado. Perambulei pela casa.

Você não estava em lugar nenhum. Resolvi mudar de roupa.

Encontrei uma camiseta larga jogada no armário da sala com as



palavras: *salvem o planeta, não vocês mesmos*. Era larga o bastante para

não se atritar muito com as queimaduras. Depois me sentei no

caixote diante da porta da cozinha e aguardei.

Uma fileira de formigas passou por cima dos meus

tornozelos. Em algum lugar muito acima de mim, um pássaro emitiu um grasnido estridente. O calor fazia minha pele queimada coçar. Puxei a gola da camiseta, tentando cobrir a nuca. Depois de algum tempo, andei até o galpão onde vira você entrar. Quando me aproximei, vi que você tinha deixado a porta entreaberta, com o cadeado pendurado no trinco. Tentei perscrutar a escuridão que reinava lá dentro, mas só distingui sombras difusas. Não consegui ouvir nada. Abri mais a porta e deixei o sol penetrar. O recinto estava cheio de caixas, todas cuidadosamente empilhadas. Entre as

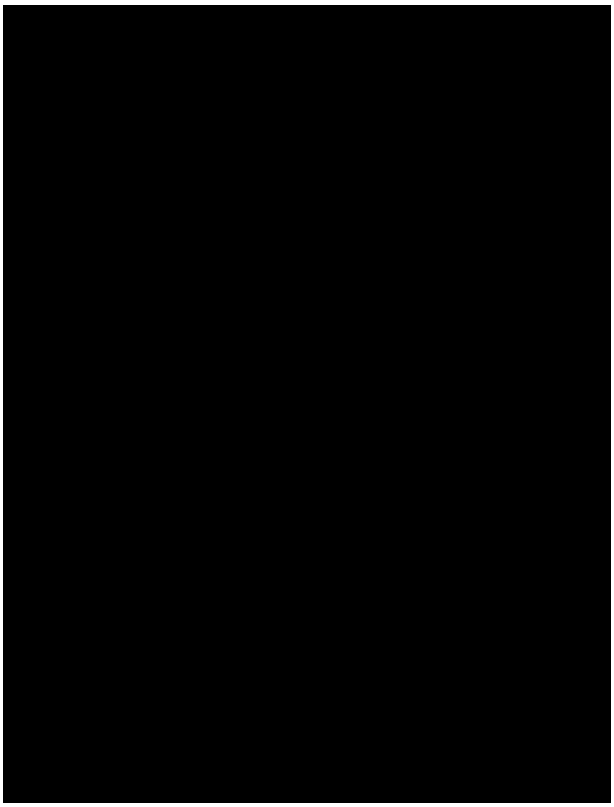
pilhas, havia um corredor.

— Ty? — chamei.

Nenhuma resposta. Fiquei escutando. Pensei ter ouvido um ligeiro ruído atrás das caixas.

— Ty? É você?

Entrei no galpão. O frescor da penumbra sobre a minha pele era agradável. Dei mais um passo à frente e li os rótulos de algumas caixas: *comida (latas), comida (seca), ferramentas, fios elétricos*... Tinham sido escritos a caneta, com uma letra pontuda. Sua letra, presumi. Sua ortografia era horrível. Virei a cabeça e olhei para a casa. Tudo estava tão imóvel que mais parecia o cenário de um teatro, não a vida real. Passei os dedos sobre as caixas, limpando a poeira à medida que andava: *suprimento medico, cobertores, luvas*... continuei a caminhar entre as caixas. Era interessante ver os suprimentos, ver o



que você achava necessário para vivermos. *Cordas, equipamentos de jardinagem, costura, higiene feminina*... você tinha pensado em tudo.

Quanto mais eu avançava, mais o ruído aumentava. Era suave e hesitante, mais parecia um animal furtivo do que você.

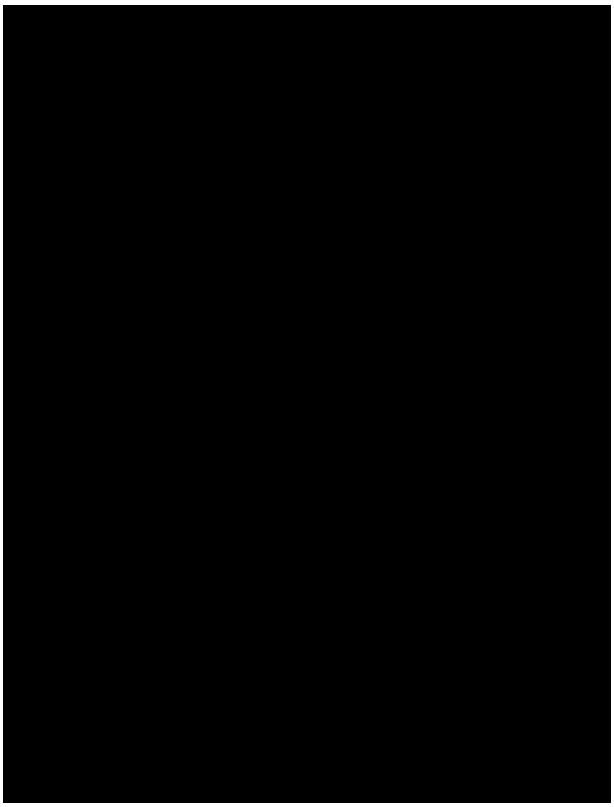
— Olá! — tentei novamente. — Ty?

O corredor desembocava num espaço mais amplo. O ruído se tornou mais alto, parecia ecoar ao meu redor. Eu me virei. Vi caixas por todo lado, empilhadas do chão até a altura da minha cabeça. Algumas eram de vidro, outras de metal. Percebi movimento dentro delas, um leve fru-fru. Que tipo de criaturas seriam? Então me inclinei para olhar melhor.

Minúsculos olhos me olharam de volta. Uma cobra negra que estava enrolada levantou a cabeça ligeiramente, e uma aranha tão

grande quanto a minha mão atravessou rapidamente seu compartimento. Dei alguns passos para trás por precaução e verifiquei se as portas dos cubículos estavam fechadas. Um escorpião levantou a cauda e chocalhou um aviso. Minhas pernas ficaram bambas. Devia haver pelo menos vinte caixas daquelas ao meu redor. A maioria abrigava cobras e aranhas, outras continham escorpiões e algumas pareciam não ter nada dentro. Por que aquilo estaria ali? Por que você não tinha me dito nada? Meus olhos se fixaram na cobra marrom-prateada. Era parecida com a que você tinha capturado naquela manhã. Ela agitava nervosamente o rabo enquanto me observava; sua língua entrava e saía da boca como um punhal.

Eu me forcei a respirar. As portas dos compartimentos estavam fechadas, tudo estava trancado. As criaturas não poderiam



se aproximar de mim. Mas eu as ouvia se arrastar e estalar as caudas. Estes barulhos faziam meu coração palpitar. Eu me apoiei nas caixas e voltei pelo corredor, tateando o caminho. *Jardinagem, suprimentos, cobertores, álcool...*

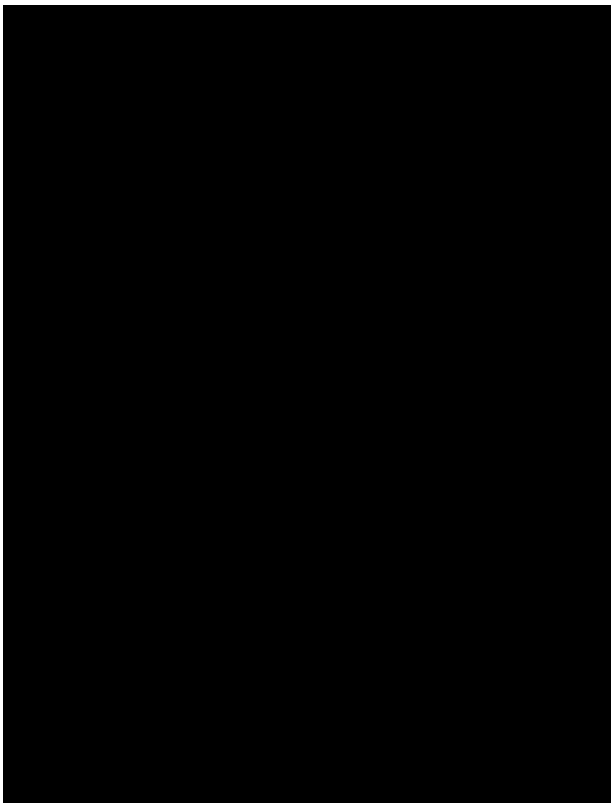
Parei nesta última, uma caixa de papelão, e me ergui na ponta dos pés. Observei a tampa. A fita que a fechava estava solta e mal se prendia nas laterais. Relanceei o olhar para a porta aberta, pronta para correr para fora, se necessário... se alguma das criaturas viesse na minha direção. Então, puxei a caixa. Garrafas tilintaram com o movimento. Respirando fundo, enfiei a mão por baixo da tampa solta. Meus dedos estavam trêmulos. Eu estava preocupada com o que mais poderia haver ali dentro. Esperei pelo suave roçar de pernas nas costas da mão. Como nada aconteceu, segurei a

primeira garrafa que encontrei e a retirei da caixa, espirrando com a poeira que caiu em cima de mim.

Bundaberg Rum. Uma garrafa de um litro. Eu poderia fazer um estrago com aquilo. De uma forma ou de outra, aquilo poderia derrubar um de nós. Levando a garrafa comigo, saí do galpão, feliz por dar o fora dali. Deixei a porta entreaberta, como a tinha encontrado. A meio caminho da casa, parei para procurar a camela. Ela não estava no cercado e também não estava perto dos Separados. Talvez estivesse atrás dos rochedos. O sol estava começando a se pôr, cobrindo tudo com uma luminosidade cor de

pêssego. Não faltava muito para que anoitecesse.

Fui direto até o meu quarto e escondi a garrafa embaixo do travesseiro. Depois fiquei sentada por algum tempo, de ouvidos atentos. Mas só ouvi os estalidos da madeira esfriando, à medida



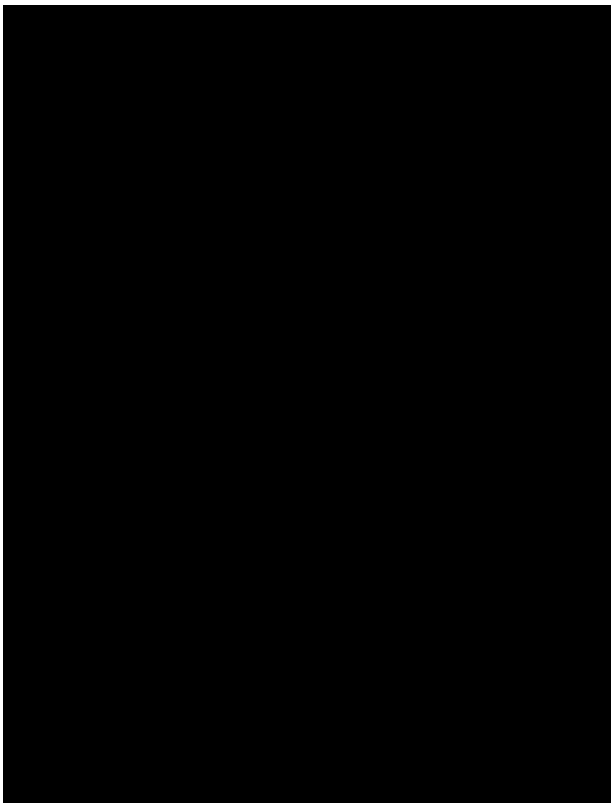
que o calor escoava da casa. Dei mais uma volta pelos aposentos, procurando você, depois saí para a varanda. O sol estava descendo sobre o horizonte e logo a noite caiu (caía sempre muito rápido). De olhos semicerrados, fitei a luz minguante, depois a areia que vagarosamente mudava de cor — de púrpura para cinza e de cinza para preto. Eu ainda podia discernir quase todos os vultos em volta da casa: os galpões, o trailer, os Separados. Mas o seu vulto não estava presente, nem o da camela.

Eu não sabia como ligar o gerador, portanto fui até o vestíbulo e peguei uma das lamparinas. Desatarraxei o vidro, como

tinha visto você fazer, e cheirei o pavio de algodão. Parecia que você o tinha embebido em combustível recentemente, portanto o acendi e recoloquei o vidro. Luz! Fiquei um tanto orgulhosa de mim mesma,

por ter feito aquilo funcionar. Girei o botão lateral para aumentar a chama e levei a lamparina para a sala.

Sentada no sofá, fiquei brincando com uma ponta do estofamento, que tinha saído por um buraco. Meu corpo estava retesado, atento aos menores sons. Uma pequena parte de mim começou a conjeturar se tudo estivera caminhando para aquele momento; o momento em que você, enfim, iria realizar sua suprema fantasia e me matar. Talvez você estivesse esperando até escurecer completamente para agir. Apurei os ouvidos, tentando ouvir seus passos na varanda, sua tosse na penumbra. Se fosse um filme de terror, um telefone tocaria naquela hora para me informar que você estava me observando no lado de fora.



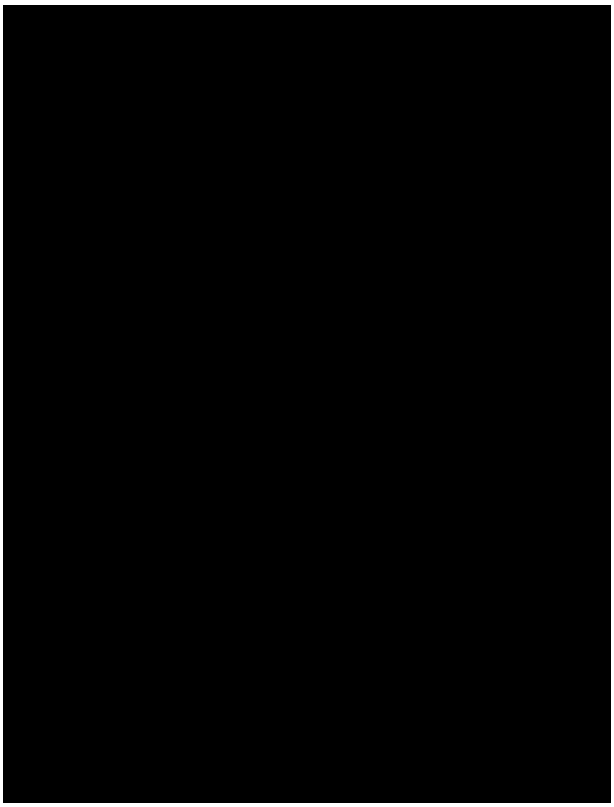
Mas outra parte de mim estava preocupada com algo bem diferente. Estava matutando se teria acontecido alguma coisa com você.

— Pare de ser idiota — disse a mim mesma em voz alta.

Após esperar pelo que me pareceu uma eternidade, voltei para o meu quarto, levando a lamparina bruxuleante. Fechei a porta e coloquei a cômoda na frente. Mantive as cortinas abertas para ver se algum vulto se destacaria na penumbra. A lua ainda não havia se levantado. Tudo estava mais escuro que o habitual. Recostei-me num travesseiro e observei os rostos sombrios que a luz da lamparina projetava na parede, recortados e deformados. Peguei a garrafa de rum pelo gargalo e treinei alguns golpes, para me defender com ela, caso necessário. Depois passei algum tempo

abrindo e fechando a tampa, e cheirando conteúdo. Tomei um gole. Era uma bebida amarga, difícil de engolir. Mas após tantas noites no parque com meus amigos eu já estava habituada a bebidas fortes. Eu costumava ser muito boa em fingir que o gosto era tão agradável que eu iria querer mais um gole.

Dei outro gole. A bebida queimou minha garganta como os raios de sol tinham feito, só que agora por dentro. Fiz uma careta, ao estilo dos personagens de filmes, e bebi mais um gole. Olhei pela janela. O deserto estava imóvel e silencioso como sempre. Extremamente silencioso. É impressionante como o silêncio absoluto pode ser assustador, como pode afetar nossa cabeça, se bobearmos. Em Londres, eu estava habituada a noites barulhentas, às buzinas, gritos e zumbidos de uma grande cidade. Londres tagarelava como um macaco ao cair da noite. O deserto, por sua vez, serpenteava em





torno de mim como uma cobra. Suave, silencioso e mortal... e furtivo o bastante para que eu mantivesse os olhos abertos, sempre.

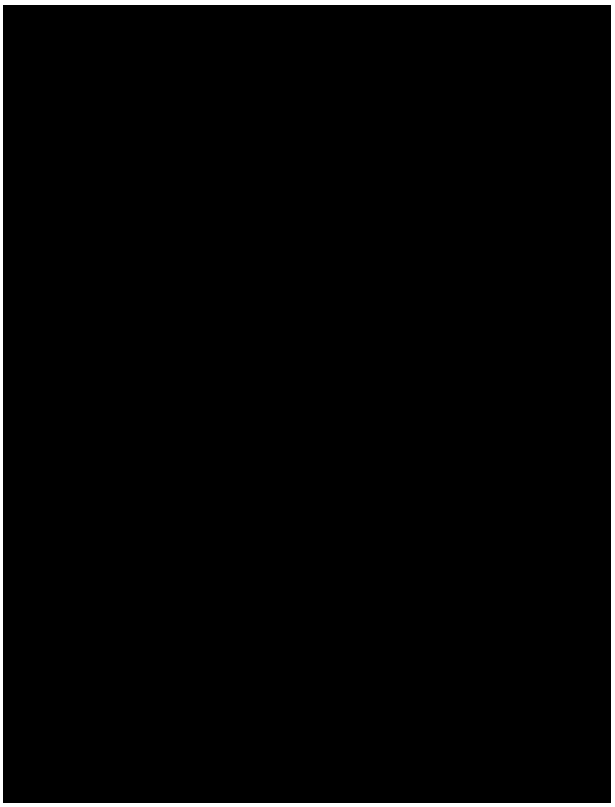
Mordisquei o gargalo da garrafa. Continuei bebendo até o quarto começar a dar voltas, até eu parar de pensar que aquela poderia ser minha última noite no mundo, ou que aquele lugar seria o único lugar que eu veria pelo resto da vida. Depois de algum tempo parei de procurar sombras na janela. Parei de me importar com a escuridão. E com o silêncio.

Então lembrei por que todos os meus amigos gostavam de se embriagar... era o esquecimento. A sedução de não pensar no futuro.

241

O barulho de alguma coisa se arrastando me despertou. Abri os olhos. A cômoda estava se movendo, empurrada pela porta. Alguém estava tentando entrar no quarto. Eu estava com parte do corpo fora da cama, e ainda segurando a garrafa. Ainda havia rum na garrafa, mas, a julgar pela umidade dos lençóis e o cheiro de álcool, a maior parte dele tinha se derramado. Eu me encolhi na cama e segurei a garrafa pelo gargalo, pronta para golpear.

A cômoda se virou para um lado e o seu braço arranhado passou pela porta entreaberta. Abaixei a garrafa quando você se espremeu pela abertura. Então me encolhi ao máximo, fraca demais e bêbada demais para fazer qualquer outra coisa. Era de manhã



cedo, e o quarto estava iluminado por uma claridade acinzentada. Você me olhou de alto a baixo, notou a garrafa e franziu o nariz ao sentir o cheiro. Virei o rosto para não ver seu rosto crispado.

— Tive que buscar uma coisa — você disse. — Levei mais tempo do que esperava.

Você tentou me levantar, mas eu gritei para que você me largasse e bati com a garrafa no seu peito. Então você ficou parado ao lado da cama, apenas me observando. Após alguns momentos, retirou a garrafa da minha mão e me cobriu com o lençol.

— Vou preparar seu café da manhã — você disse.

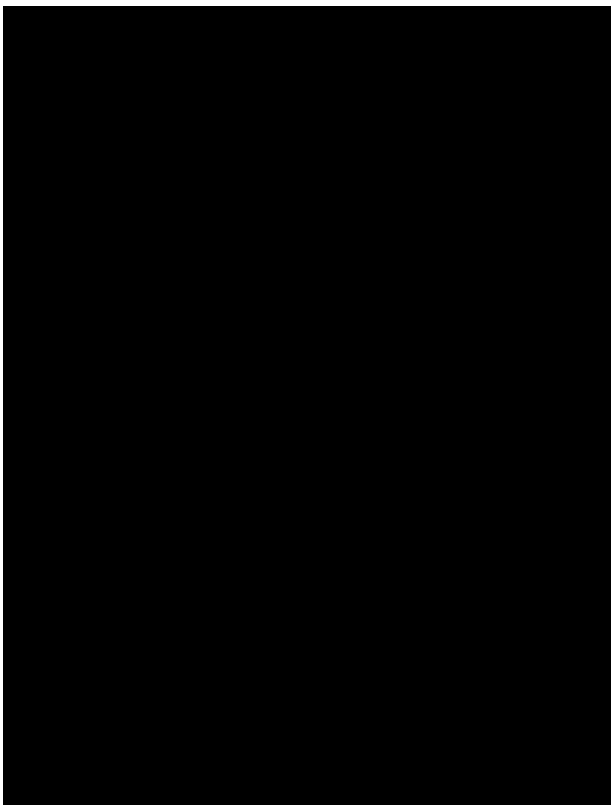
Dormi.

— Está na varanda — você disse.

Abanei a cabeça, que doeu até as têmporas. Andar aquela distância, naquela manhã, parecia tão possível quanto fugir. Mas eu sabia que precisava comer.

— Vamos, eu carrego você.

Abanei a cabeça de novo, mas seus braços me envolveram e me levantaram antes que eu pudesse fazer alguma coisa. Fechei os olhos, sentindo a cabeça rodar e um enjoo no estômago. Você me carregou como carregava os galhos que recolhia, delicadamente,



com os braços bem abertos para me dar mais conforto. E eu me sentia tão leve quanto os galhos.

Você me pousou no sofá da varanda. Percebi que seus olhos estavam vermelhos e rodeados por olheiras escuras, aparentando cansaço. Mas a luz da alvorada banhava sua pele e a fazia brilhar.

Fazia tudo brilhar naquela manhã, inclusive os grãos de areia, que cintilavam como minúsculos cristais.

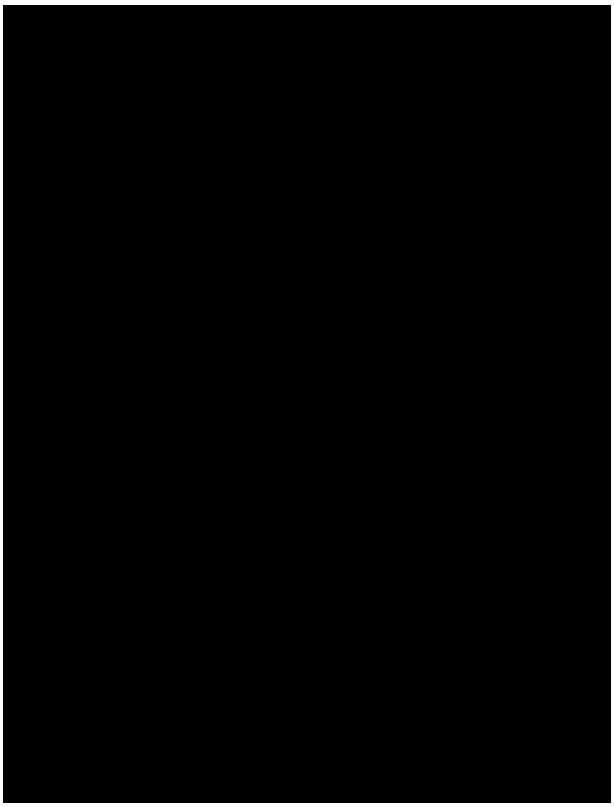
Mas não me fez brilhar. Eu me sentia mais como se fosse apagar, como se o mundo já tivesse se esquecido de mim. Enquanto olhava para a areia faiscante, perguntei a mim mesma se meu desaparecimento estava sendo noticiado. Alguém ainda estaria interessado? Eu sabia que os jornais abandonam uma história quando não há nenhum fato novo. E o que poderia haver de novo

na minha história, quando a única coisa que mudava era a direção do vento?

Eu estava em sua casa há mais de um mês. Alguém ainda estaria procurando por mim? Até que ponto meus pais estavam se empenhando em me procurar? Eles sempre foram inteligentes.

—Bom negócio‖ eram as duas palavras mais populares no vocabulário de papai. E talvez ele estivesse perguntando a si mesmo: procurar por mim ainda seria um bom negócio? Será que eu seria um bom investimento? Naquele momento, acho que eu mesma não gastaria mais dinheiro na minha busca.

Você me deu um prato com frutas amarelas. Pegou uma e me mostrou como enfiar as unhas nela e comê-la, chupando o miolo. Tentei fazer isto. O gosto era amargo, no início, mas foi se tornando



mais doce à medida que eu comia. As sementes se prendiam nos meus dentes e gengivas. Você chupava uma delas enquanto falava.

— Então você encontrou os caras do galpão? — você disse.

Eu me lembrei daqueles olhos me fitando; todas aquelas escamas e pernas. Estremeci.

— Para que eles servem? — perguntei.

— Para nos manter vivos.

Você estendeu a mão para pegar outra fruta amarela. Eu lhe entreguei o prato. Meu estômago estava muito enjoado para aceitar mais, embora eu quisesse mais. Você estalou os lábios e começou a retirar as sementes dos dentes.

— Eles vão me ajudar a fazer antídotos.

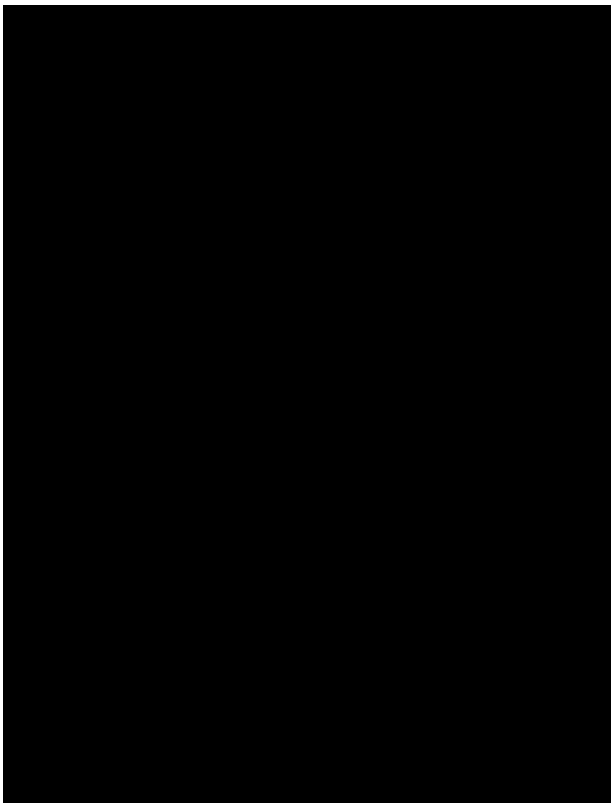
Abanei a cabeça.

— Você não consegue antídoto com uma cobra, você só consegue veneno.

Os cantos de sua boca se levantaram.

— Você é tão sabida quanto parece, sabichona — você disse.

— Eu sempre soube disso. — Você olhou para mim como se estivesse orgulhoso. — Tem razão — você disse, cuspindo sementes no chão. — Aqueles caras são venenosos. O antídoto é feito com uma reação imunológica ao veneno... É por isso também que nós precisamos da camela. Dentro em breve vou extrair veneno daquelas criaturas, injetar o veneno na camela e recolher os anticorpos dela; a reação imunológica. Depois eu filtro tudo e fabrico os antídotos. Pelo menos esse é o plano. Vai levar algum tempo, e eu ainda não sei se vou conseguir. Mas, de qualquer forma, vou tentar. Assim, teremos antídotos sempre que precisarmos.



Franzi a testa.

— Mas a camela não vai ficar doente?

— Não, ela é imune, como muitas coisas por aqui. Nós, humanos, é que somos as criaturas fracas. — Você retirou a casca de outra fruta e mordiscou a polpa carnuda. — Mas o que nós temos que fazer primeiro, antes de mais nada, é começar a dessensibilizar você. Se nós injetarmos um pouco do veneno dessas criaturas em você, você criará sua própria imunidade.

— Você não vai injetar nada em mim.

Você deu de ombros.

— Você mesma poder fazer isso, não é difícil. Basta puxar a pele e injetar um pouco do veneno dentro dela. Eu faço isso o tempo todo.

— E se eu não quiser fazer isso?

— Então você vai correr o risco.

— De quê?

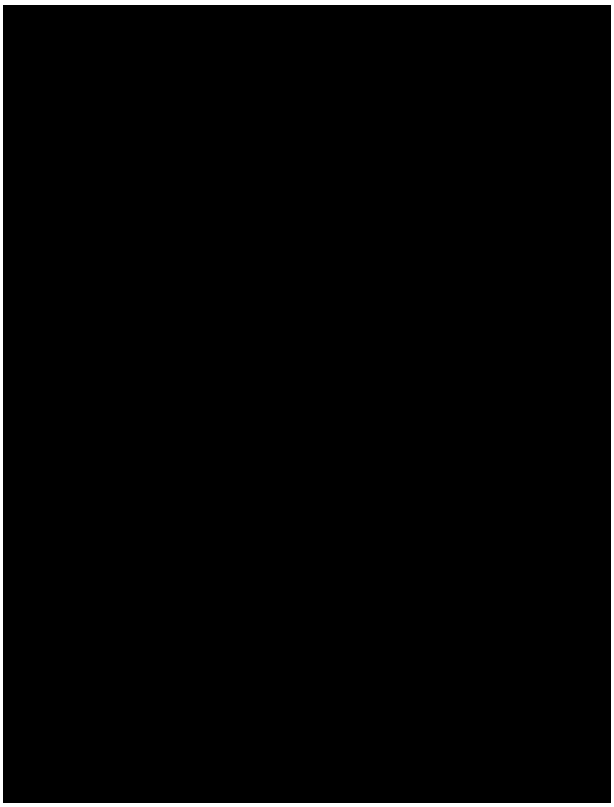
— De morrer, ficar paralisada... veneno não é uma coisa muito divertida, sabia? Você olhou para mim sorrindo com um dos cantos da boca.

— Mas acho que você já sabia disso... com todo o rum que bebeu ontem à noite. Aquela garrafa era o suprimento de um ano.

Evitei olhar para você. Era a primeira vez que você mencionava o rum. Eu me preparei para enfrentar sua fúria por eu

ter mexido nos estoques. Mas você simplesmente deu de ombros.

— Em qualquer meio ambiente existem riscos, eu acho — você murmurou. — É sempre a mesma realidade: venenos, ferimentos, doenças... o que muda são as causas. Na cidade essas



coisas são causadas por pessoas e, aqui, pela terra. Eu sei qual das duas prefiro.

Minha cabeça estava começando a girar novamente. Eu não parava de pensar naqueles bichos nos cubículos, esperando para me matar; ou me salvar com o veneno que tinham.

— Há quanto tempo eles estão lá? — perguntei. — Naqueles cubículos?

Você pousou a fruta no prato e limpou as mãos nos joelhos.

— Eu estou recolhendo esses caras desde que nós chegamos aqui. Já encontrei a maioria dos que estou procurando, mas alguns são duros de encontrar... na verdade, faltam poucos.

— São todos venenosos?

Você assentiu.

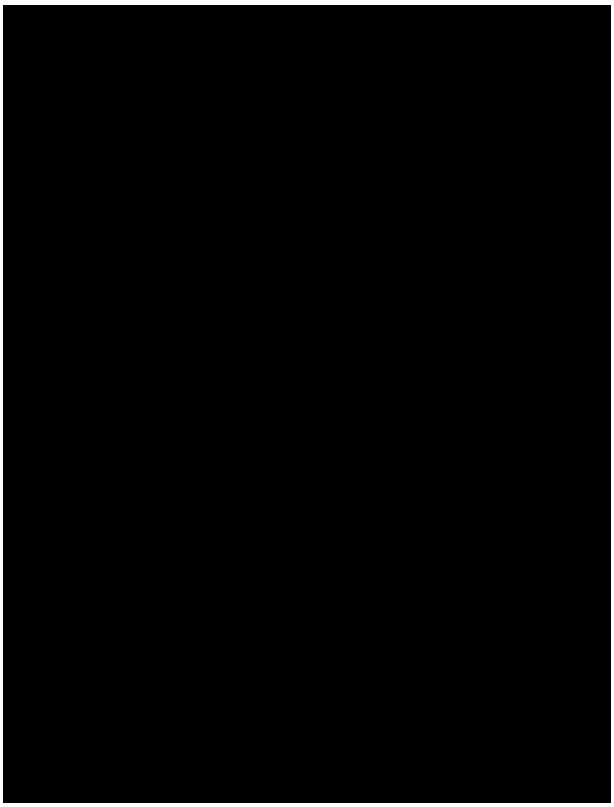
— Claro. Não me interessariam se não fossem. Nem todos são mortais, mas você não iria gostar se levasse uma picada.

— Por que você não foi mordido?

— Eu fui, mas nada sério. Acho que aprendi a conhecer o que irrita essas criaturas. Elas não são tão perigosas depois que a gente as entende.

Você me estendeu de novo o prato com frutas.

— Vamos, coma. — Você sorriu. — Senão alguém pode pensar que você está de ressaca.



Você foi gentil comigo depois desse incidente. Quero dizer, *realmente* gentil. Continuou a trazer panos molhados e cuidou de mim de um jeito que minha mãe jamais teria sonhado. Até me preparou petiscos que achou que iriam me agradar... ou pelo menos tentou (acho que é difícil fazer sorvete quando o congelador mais próximo está provavelmente a centenas de quilômetros). Mas você também me vigiou; o tempo todo. Era como se estivesse sempre me avaliando, descobrindo o que era aceitável para mim; o que você poderia dizer ou fazer sem me angustiar muito. Logo comecei a usar isso. Comecei a testar até onde poderia ir com você. E você me deixou testar.

No dia seguinte, fui dar comida às galinhas. Você foi comigo, dizendo que precisava examinar a nascente. Quando chegamos à

entrada do cercado da camela, diminuí o ritmo das passadas e deixei você caminhar ao meu lado. Você me olhou como que verificando se eu não me incomodava.

— Você deve me odiar mesmo — eu disse.

— Como assim?

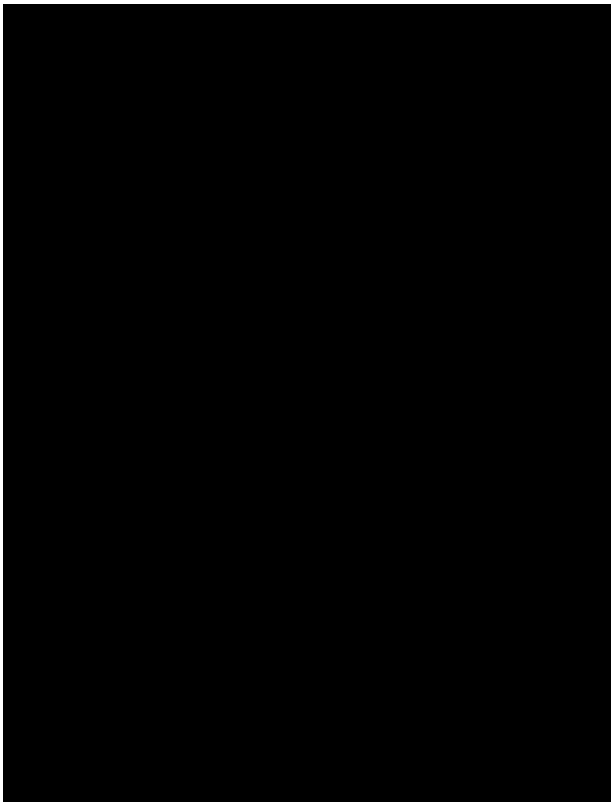
— Você deve me odiar tanto que não se importa que eu morra... se não me deixaria ir embora.

Você se virou para mim rapidamente, tão rapidamente que tropeçou numa pedra.

— Isso é o oposto do que eu sinto.

— Então por que não me deixa ir? Você sabe que é isso o que eu quero.

Você ficou em silêncio durante quatro ou cinco passos.



— Mas eu deixei você ir embora — você disse baixinho. — E

você quase morreu.

— Isso foi porque sua caminhonete é uma droga e eu não sei andar por aqui. Mas *você* sabe. Se você realmente não me odiasse, você me levaria até uma cidade. Você me deixaria ir embora.

— Não comece de novo com isso, por favor.

— Mas é verdade, não é? Você poderia me deixar ir embora, se quisesse, só que não quer. Logo, isso significa que você deve me odiar.

Passei por cima de uma pequena touceira, esmagando suas folhas com as as botas. Você parou para levantá-las.

— As coisas não são tão simples.

— Mas poderiam ser.

Eu parei também. Você terminou de arrumar a planta e a contornou. Depois deu um passo hesitante na minha direção.

— Dê um pouco de tempo, Gemma. Alguns meses aqui e você vai aprender a gostar de tudo isso, se não...

— Se não o quê? Se não você vai me deixar ir embora? Não acredito em você.

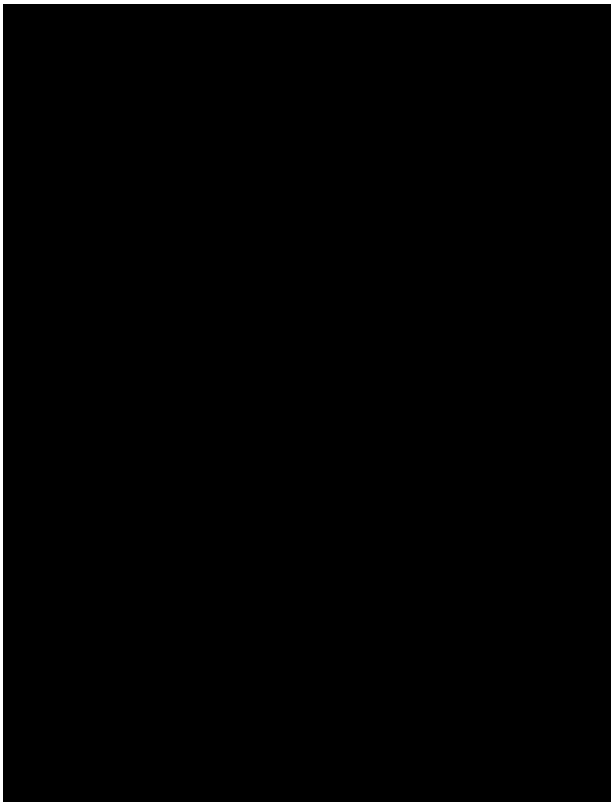
— Acredite em mim, por favor. Só uma vez.

Você estendeu os braços na minha direção, num gesto quase suplicante.

— O que você vai fazer?

Eu estava com as mãos nos quadris, tentando parecer mais

alta do que era. Mesmo assim, minha cabeça não passava dos seus ombros. Você suspirou.



— Está bem — você suspirou finalmente. — Me dê seis meses. Só seis meses. Isso é tudo o que você vai precisar. Se depois desses seis meses você ainda detestar isso aqui, *então* eu levo você de volta. Prometo. Até deixo você em uma cidade.

— Eu ainda não acredito em você.

— Experimente.

Continuei a olhar para você. Após alguns momentos, você abaixou os olhos e pôs as mãos nos bolsos.

— Estou falando sério — você disse, com a voz um pouco embargada. — O que são seis meses para você agora? O que você tem a perder?

Você chutou a areia. A batida seca da sua bota na terra foi o

único som que ouvi naquele momento. Limpei o suor da testa. Eu

ainda não estava certa de que podia confiar em você. Quer dizer, quem é que confia num sequestrador, seja lá para o que for? Você tinha feito alguma coisa que me fizesse acreditar em você?

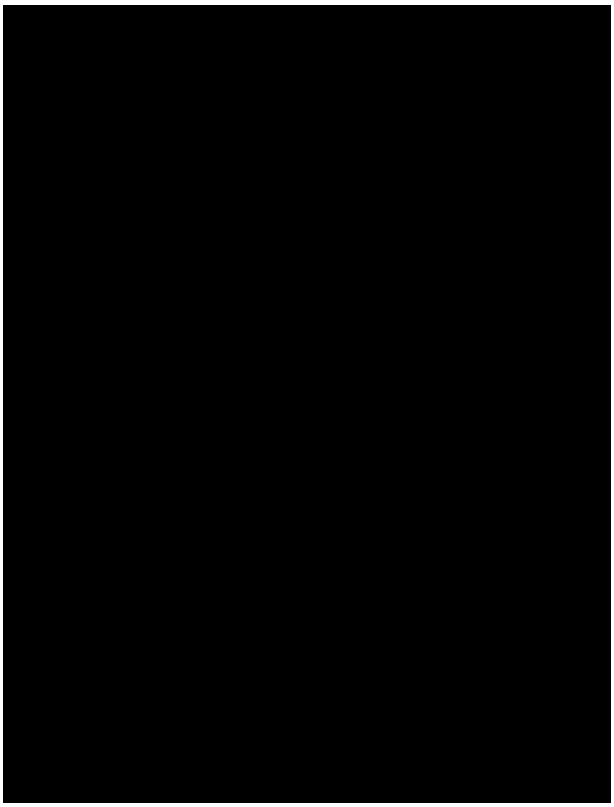
— Mesmo que você esteja falando sério — questionei —, mesmo que você me leve de volta, o que vai impedi-lo de fazer a mesma coisa com outra garota?

Você passou a mão pelos cabelos.

— Não existe outra garota. Sem você, eu vou viver aqui sozinho.

— Você é asqueroso. — Você retrocedeu. Eu andei na sua direção. — Está tentando me bajular para eu fazer o que você quer. Você não tem jeito. Sempre vai existir outra garota. O que é mesmo que se diz dos cães? Depois que eles tomam gosto por matar...

— Eu não sou assassino.



— Mas é um cão.

Você olhou para mim de olhos arregalados. Naquele momento, você era um cachorro esperando que eu lhe atirasse um osso... esperando por alguma coisa que eu jamais daria a você.

— Eu te amo — você disse simplesmente.

Você não piscou. Ficou esperando que eu assimilasse o que tinha dito. Não assimilei. Simplesmente rechacei. E me recusei totalmente a pensar no assunto.

— Você é um miserável — eu disse.

Recomecei a caminhar, deixando você para trás. Você elevou a voz e falou atrás de mim:

— Esta terra quer você aqui. *Eu* quero você aqui. Você não dá nenhuma importância a isso?

Eu me virei, incrédula.

— Você acha que eu poderia me importar com você depois do que fez? — Você é tão louco assim?

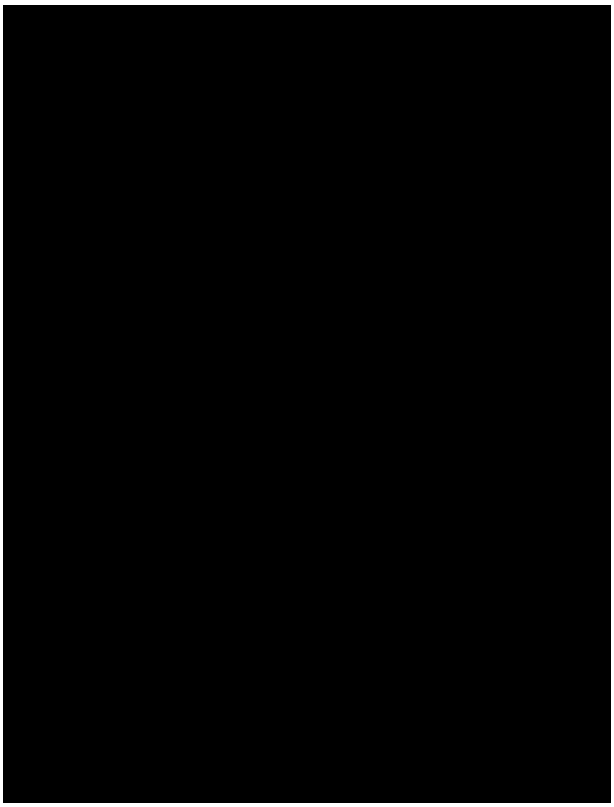
— Nós precisamos de você.

— Você não precisa de nada a não ser de ajuda.

Você ficou me olhando de boca aberta. Depois seus olhos se encheram de lágrimas. Abanei a cabeça, não me deixando influenciar.

— Isso aqui é uma droga — eu disse. Falei baixinho, mais para mim mesma do que para você. Você tentou dizer alguma coisa, mas eu continuei a falar, já não sentindo mais medo. — Você é seriamente perturbado, sabia? E aqui nunca vou me ver livre de você. A não ser que você me leve para alguma cidade.

— Eu não quero fazer isso.





— É o que eu quero.

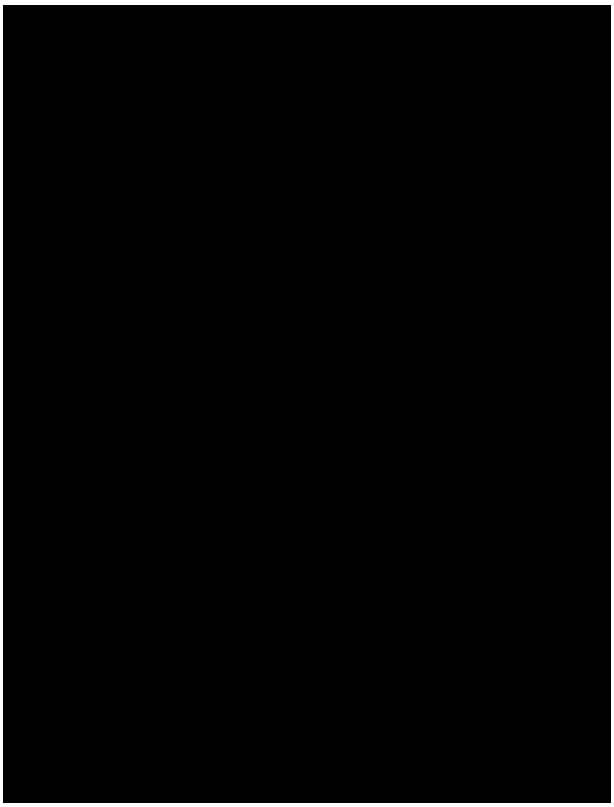
Você se encolheu ao ouvir minhas palavras, como se elas o tivessem ferido fisicamente. E evitou olhar para mim, embaraçado com a própria reação.

— Você não está sendo tão durão agora — murmurei.

Então me virei e andei rapidamente na direção dos Separados. Senti que começava a tremer. Estava fragilizada naquele momento, tanto quanto você. Mas não queria que você visse isso.

Você não me seguiu; permaneceu parado no lugar, de cabeça baixa. Andei aos tropeções por entre as rochas, feliz por você não estar comigo. Eu quase conseguia lidar com você quando você estava sendo durão. Sabia o que esperar. Mas desse jeito? Nem sabia o que pensar.

Você molhou pedaços de pano para aplicar sobre as minhas queimaduras, acrescentando uma mistura de plantas com cheiro de hospital. Depois do jantar, ficou parado em frente à pia da cozinha, em silêncio, olhando a escuridão. Seu corpo estava tenso, como o de um caçador à espreita. A luz da lamparina desenhava sombras sobre sua pele. Tirei os pratos da mesa e os levei até você. Você se virou e agarrou meu pulso, quase me fazendo largar tudo.



— Eu estava falando sério, sabia? — disse. — O que eu disse hoje... era verdade. Por favor, dê seis meses a este lugar. Você pode dar esse tempo?

Dei um passo para trás, soltando meu pulso. Pousei os pratos na bancada da pia. Uma ruga profunda tinha se formado na sua testa, sulcando sua pele como um desfiladeiro. Seus olhos azuis brilhavam abaixo dela.

— Pode?

Percebi aquela intensidade em você, já familiar, aquela seriedade. Podia quase acreditar em você. Se você fosse outra pessoa, eu não teria hesitado. Balancei a cabeça. Não chegava a ser um gesto de concordância, mas também não era um gesto de discordância.

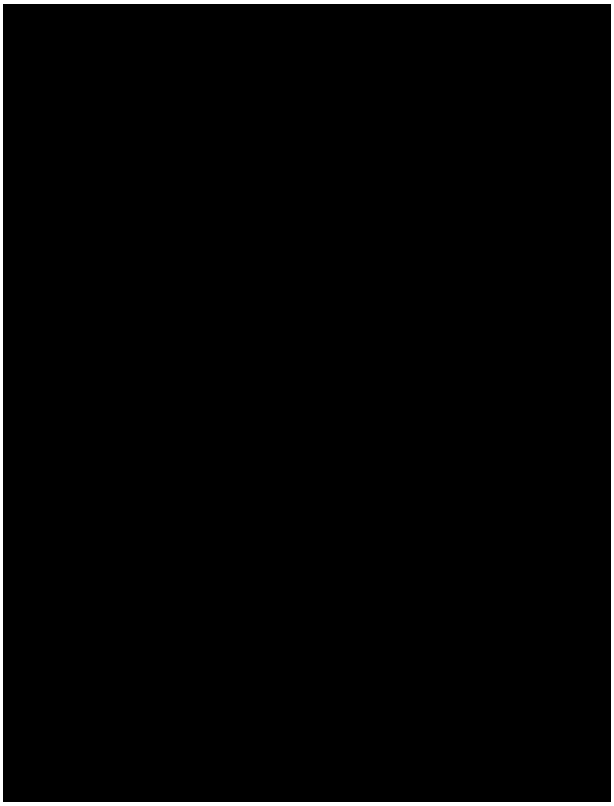
— Três meses — eu disse.

— Quatro. — Seu rosto se contraiu. — E, por favor, não tente escapar de novo — você disse. — Não sozinha, não até eu poder levar você. Você ainda não conhece este lugar. — Você pegou os pratos e, antes de abrir a torneira, desenrolou a atadura que ainda envolvia sua mão direita. — É que... para sobreviver aqui você tem que amar esta terra. Isso leva tempo. Por enquanto, você precisa de mim.

— Eu sei.

Você me encarou, tão surpreso quanto eu com minhas palavras. Mas eu precisava de você, não? Tinha tentado fugir sozinha e não conseguira.

Você suspirou e se virou para a janela escura.





— Depois de quatro meses, se ainda quiser ir, eu levo você até os arredores de uma cidade. Só não me faça entrar nela com você.

— Eu não gostaria que você viesse junto — eu disse.

Mas franzi a testa. Como se eu pudesse obrigar você a fazer alguma coisa que não quisesse.

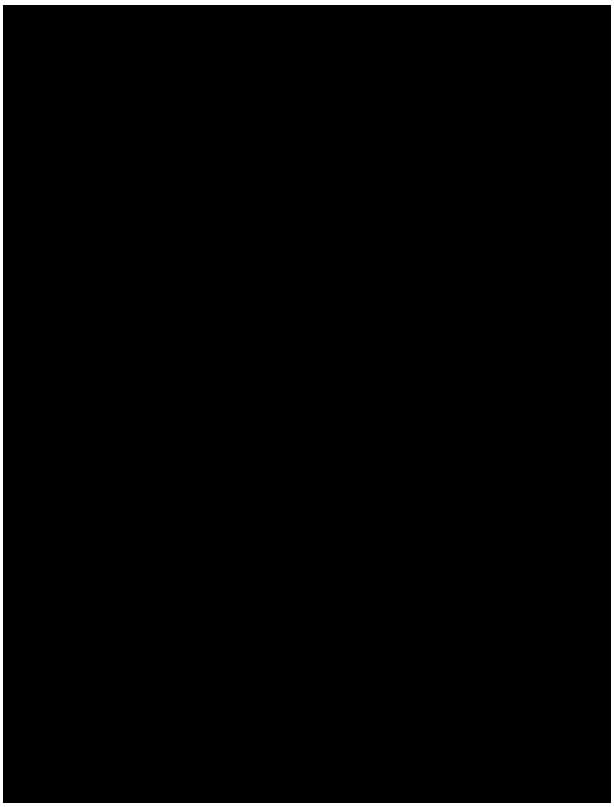
Você começou a lavar a louça, de ombros encolhidos. Seus dedos se moviam agilmente sob a água. Notei que uma veia no seu pescoço pulsava rapidamente, uma minúscula parcela de vida abaixo de sua pele morena e curtida. Havia sardas em seu pescoço, que se estendiam pelas clavículas.

— Eu não preciso entregar você — comecei a dizer, sem realmente falar a sério. — Se você está preocupado com isso, saiba

que eu não preciso entregar você. Basta me liberar e desaparecer no deserto. Eu posso dizer que não me lembro do lugar onde estava, que tive insolação, amnésia ou coisa parecida. Não vou nem me lembrar do seu nome.

Seus olhos relancearam os meus, tomados por uma tristeza prestes a vazar.

Naquela noite ventou. Deitada na cama, ouvi o vento levantar a areia e arremessá-la contra o madeirame e as janelas da



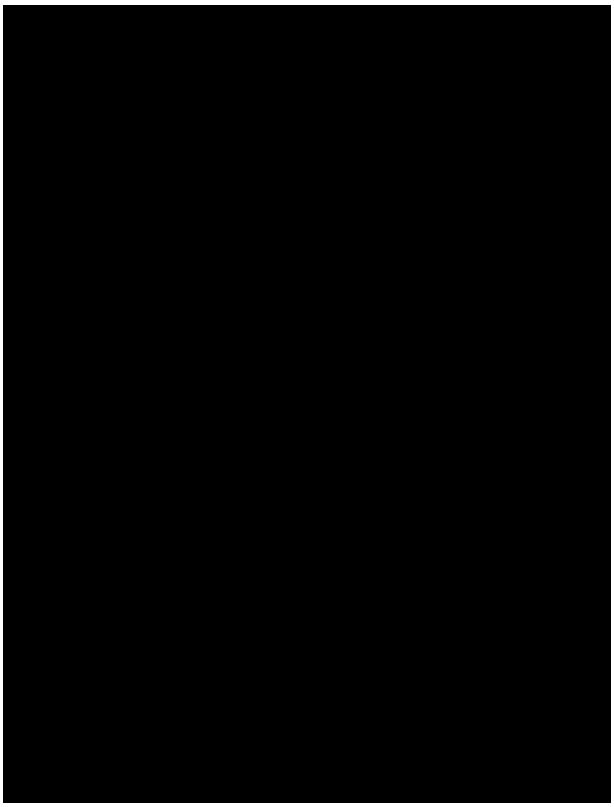
casa. Era como uma rajada de tiros. Ou de chuva. Fechando os olhos, eu quase conseguia imaginar que era uma chuva inglesa, tamborilando ao meu redor num dia de verão, encharcando os jardins e os campos, inundando o Tâmisa e os esgotos perto da minha casa. Eu já tinha me esquecido de como o som da chuva pode ser reconfortante, de como pode nos dar uma sensação de segurança.

Você foi se deitar antes de mim, naquela noite. Estava muito calado, desiludido comigo, eu acho. Sua aventura não tivera o resultado que esperava. Será que você estava começando a se arrepender? Estaria achando que tinha escolhido a garota errada? Ou talvez apenas tenha percebido, pela primeira vez, que eu era uma garota comum, sem nada de especial, um desapontamento tão

grande para você quanto para qualquer outra pessoa. Eu me virei e dei um tapa no travesseiro, aborrecida com esses pensamentos e por ainda estar acordada.

De repente, ouvi você gritar. Foi um som que varou o silêncio e me fez dar um pulo na cama. Um som desesperado, animalesco, que parecia vir do seu íntimo mais profundo. A coisa mais alta que ouvi em muitos dias.

Meu primeiro pensamento foi o de que havia mais alguém na casa. Alguém que tivesse vindo me resgatar e estava primeiro se livrando de você. Mas foi uma ideia idiota. Ninguém resgata ninguém assim, exceto nos filmes. E com certeza não no deserto. No deserto, a equipe de resgate chegaria de avião e cercaria a casa com holofotes e barulho. E nós ouviríamos qualquer um chegar mesmo que estivesse a quilômetros.



Mesmo assim, fiquei atenta a ruídos provenientes do lado de fora ou passos na varanda. Mas não ouvi nenhuma batida, nada que sugerisse que havia outra pessoa na área. Somente eu. Somente você. E a única coisa que eu conseguia ouvir eram seus gritos. Além de gritar, você também dizia alguma coisa, mas não consegui entender o que era. Entre uma coisa e outra, você parecia estar chorando. Eu me levantei da cama. Peguei a faca. Andei até a porta do quarto na ponta dos pés, devagar e em silêncio. Quando você gritou de novo, eu puxei a maçaneta, usando o seu grito para camuflar o rangido. Saí para o corredor. Não vi nenhum vulto, nenhuma pessoa. Mas seus gritos ficaram mais altos, roucos, e ecoaram por toda a casa. A sua porta estava entreaberta. Encostei o ouvido na fresta e fiquei escutando.

255

Houve alguns segundos de silêncio, talvez até um minuto ou dois. Então ouvi você chorar baixinho. Mas o choro aumentou rapidamente até se tornar incontrolável e desesperado, do modo como uma criança às vezes chora. Espiei pela abertura, tentando enxergar na penumbra. Alguma coisa estava se mexendo na sua cama: você. Não havia outro movimento. Abri mais a porta.

— Ty?

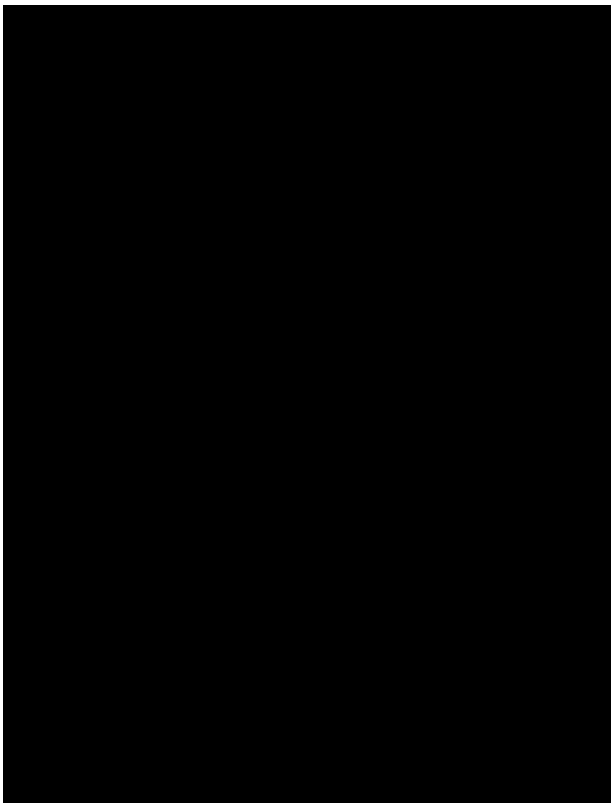
Você continuou a chorar. Dei um passo na sua direção. Uma tênue claridade entrava pela janela e iluminava o seu rosto, revelando suas bochechas molhadas. Você estava de olhos fechados.

Dei mais um passo.

— Ty? Você está acordado?

Com os punhos cerrados, você socava o pulôver enrolado

que usava como travesseiro. Seu lençol tinha escorregado, expondo



suas costas no colchão descoberto. Esticado como estava, você

parecia grande demais para a cama. Suas costas eram longas e retas,

longas como um tronco de árvore. Mas naquele momento você

tremia como um arbusto.

Abri totalmente a porta e observei o aposento. A janela se

encontrava fechada, e não havia nada sugerindo que alguém tivesse

entrado no quarto. Fosse qual fosse o motivo, você estava gritando

durante o sono.

Seus soluços diminuíram e você enterrou o rosto no pulôver.

Fiquei parada, olhando. Você chorava como eu tinha chorado

quando cheguei, desesperadamente, interminavelmente, mas baixinho. Era uma coisa estranha, que quase me deu vontade de chorar também. Abanei a cabeça. Você era rijo, forte e perigoso.

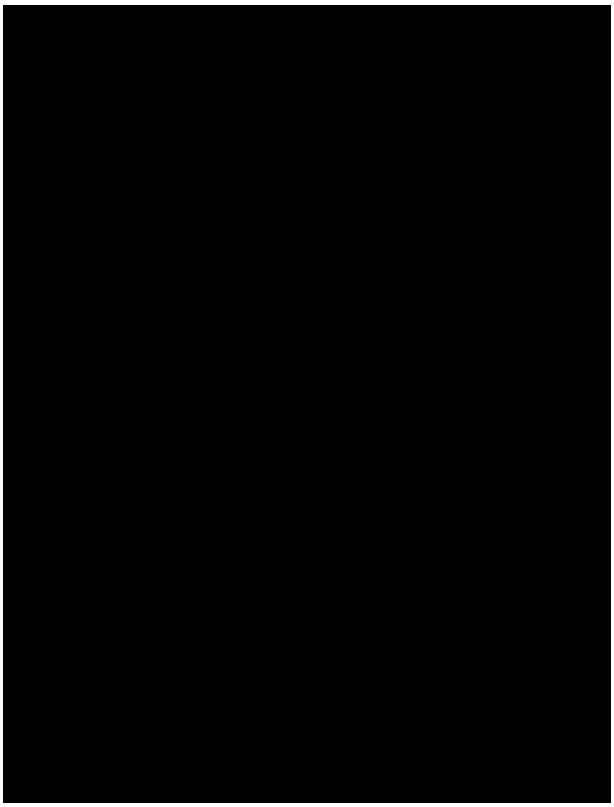
Talvez fosse apenas uma encenação.

Enquanto eu observava, você encolheu as pernas contra o peito e começou a se balançar. Depois começou a gritar de novo. Os gritos doíam nos meus ouvidos. Eu tive que tapá-los. Dei um passo na sua direção. Tinha que fazer você parar. Sem pensar no que estava fazendo, segurei seus ombros. Sacudi você. Sua pele estava pegajosa. Quente.

Seus olhos se abriram, mas você não me viu imediatamente.

Viu outra pessoa. Você me empurrou para o lado e se encolheu no colchão até esbarrar na parede. Seus olhos esbugalhados se moviam de um lado para outro enquanto você tentava enxergar direito. De repente, você começou a murmurar palavras e sons.

— Não me leve embora — você dizia. — Por favor, me deixe em paz.



Tentei atrair seu olhar e mantê-lo fixo em mim.

— Sou eu, Gemma — eu disse. — Não vou levar você a lugar nenhum. Fique calmo.

— Gemma?

Você pronunciou meu nome como se fosse uma vaga lembrança. Você pegou o lençol e se cobriu com ele.

— Você está sonhando, Ty — eu disse.

Mas você não estava escutando. Engatinhou para a frente e agarrou minha camiseta. Dei um passo para trás.

— Pare, Ty!

Dei um tapa nas suas mãos e empurrei seus dedos. Mas seu rosto mostrava desespero.

— Não me leve embora — você soluçou com voz de criança.

— Mamãe esteve aqui, as árvores, minhas estrelas... eu não quero ir.

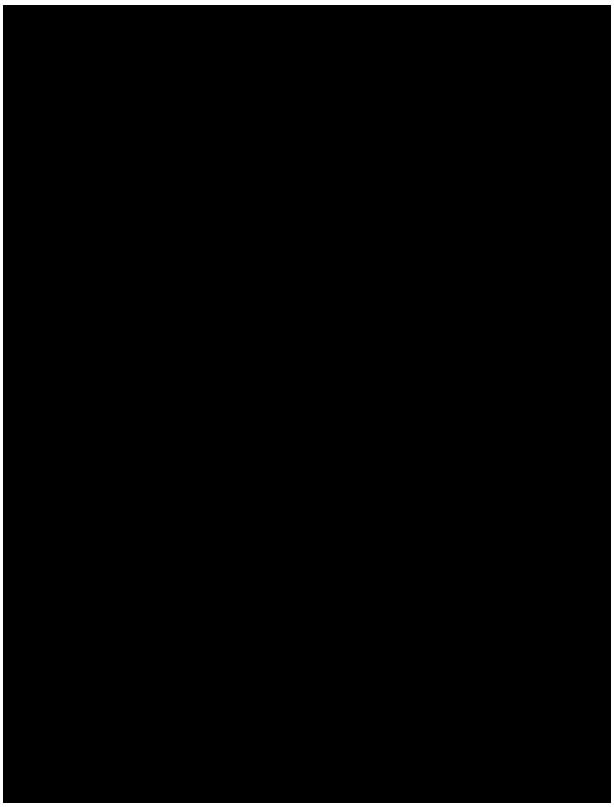
Você me enlaçou pela cintura, atirando os braços em torno dela. E começou a chorar junto à minha barriga. Seus olhos estavam abertos, mas você ainda não estava me enxergando. Batia nas minhas costas com os dedos e puxava minha camiseta. Toquei seus cabelos e seu choro diminuiu um pouco.

— Sou eu, Gemma — repeti. — Acorde.

Senti suas lágrimas sobre a minha barriga; seus dedos enlaçados na minha cintura não permitiam que eu me afastasse. Deixei você permanecer nessa posição. Subitamente, você parou de chorar.

— Eu não sei onde eu estou — você murmurou.

— Você está aqui — eu disse. — No deserto. Não tem ninguém aqui.





Você limpou os olhos na minha camiseta. Depois olhou para mim. Desta vez, você me viu; e sabia quem eu era. Seus olhos entraram em foco e seu rosto relaxou.

— Gemma — você disse.

Assenti.

— Obrigado.

— Você estava sonhando. Eu só acordei você.

— Obrigado.

258

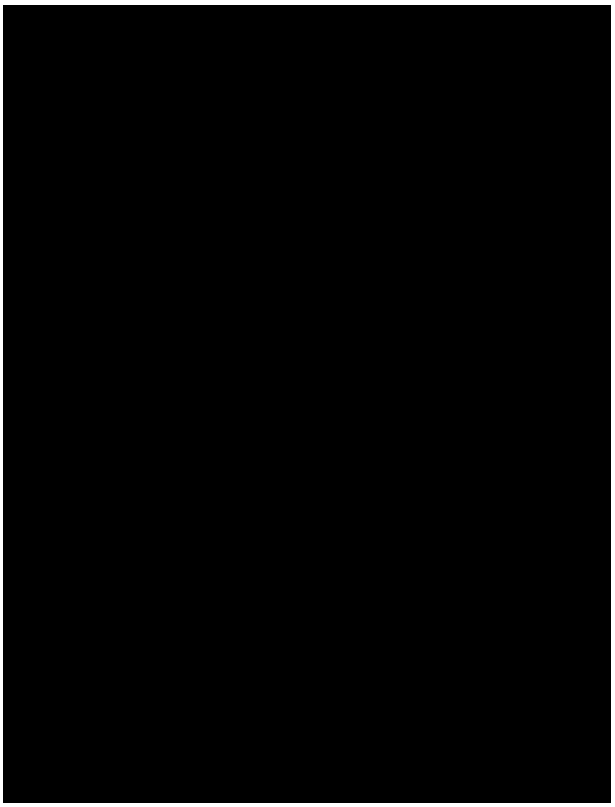
Depois de algum tempo, você me soltou. Sentou de pernas cruzadas no colchão, olhou para o piso e começou a revolver os polegares um sobre o outro. Embaraçado, eu acho.

— O que você estava sonhando? — perguntei.

Você abanou a cabeça e não respondeu à pergunta.

Permaneci onde estava, esperando. A madeira estalava ao redor, e o vento bombardeava o teto de metal. Você olhou para a janela, como que verificando se ela ainda estava lá.

— O orfanato — você disse em voz baixa. — A viagem na van, indo embora. Você olhou para a noite e as estrelas. Olhei para elas também. Achei que estava conseguindo discernir a linha do horizonte, que separava a terra, ainda mergulhada em trevas, do céu que começava a clarear. Você deu um suspiro e passou a mão sobre



o rosto. — Agora você deve estar pensando que eu sou maluco, não é?

Olhei para você, todo encolhido.

— Todos nós temos sonhos.

Seus olhos grandes brilhavam na penumbra, como os de alguma criatura noturna; uma criatura que precisava de cuidados.

— Quais são os seus? — você murmurou.

— Sonho com a minha casa, geralmente.

— Londres? — você refletiu sobre a palavra, tentando definir o que ela significava para você. — Como pode sonhar com esse lugar? — você disse, olhando de novo para a janela. — Como pode gostar tanto de lá?

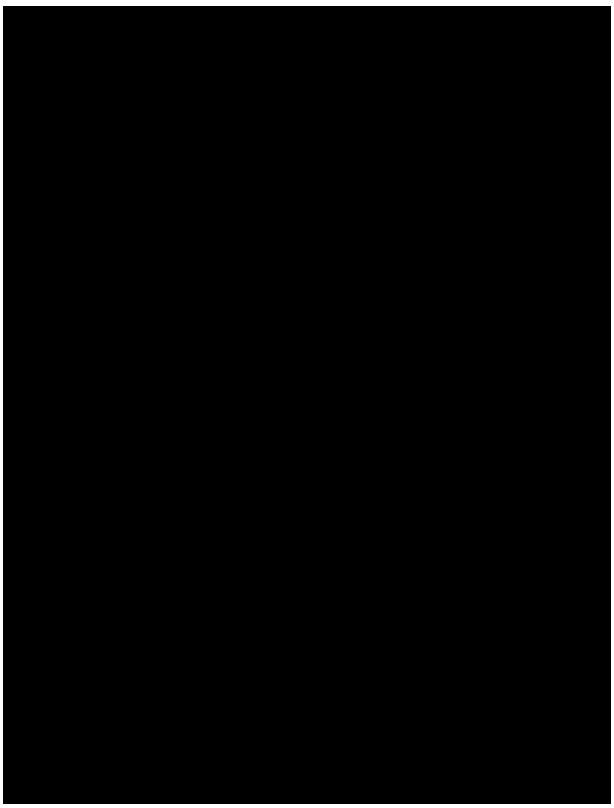
— As pessoas amam as coisas com as quais estão

acostumadas, eu acho.

— Não. — Você abanou a cabeça. — As pessoas deveriam amar as coisas que precisam ser amadas. Assim elas podem salvar essas coisas.

Você permaneceu em silêncio por um longo tempo, olhando para a janela, apenas pensando. Devagarinho, eu me encaminhei para a porta.

— Desculpe — você sussurrou.



Seu quarto estava vazio quando eu acordei. Fui alimentar as galinhas. Na volta, a camela veio ao meu encontro, andando pesadamente. Cocei suas orelhas e puxei os cabelos macios que cresciam dentro delas, como você tinha me dito que ela gostava. Ela

descansou o focinho no meu braço.

— Ele vai ficar com você — murmurei para ela. — Quando eu for embora, daqui a alguns meses, ele não vai deixar você ir também. — Afaguei a pele de suas bochechas, aveludadas como as de um ursinho de pelúcia. Seus lábios macios roçaram as costas da minha mão. — Como você pode ser tão gentil? — eu disse. — Você devia ser selvagem, pior que ele.

Toquei suas longas pestanas com as pontas dos dedos. Ela piscou.

Dei alguns passos, me afastando, mas ela me acompanhou.

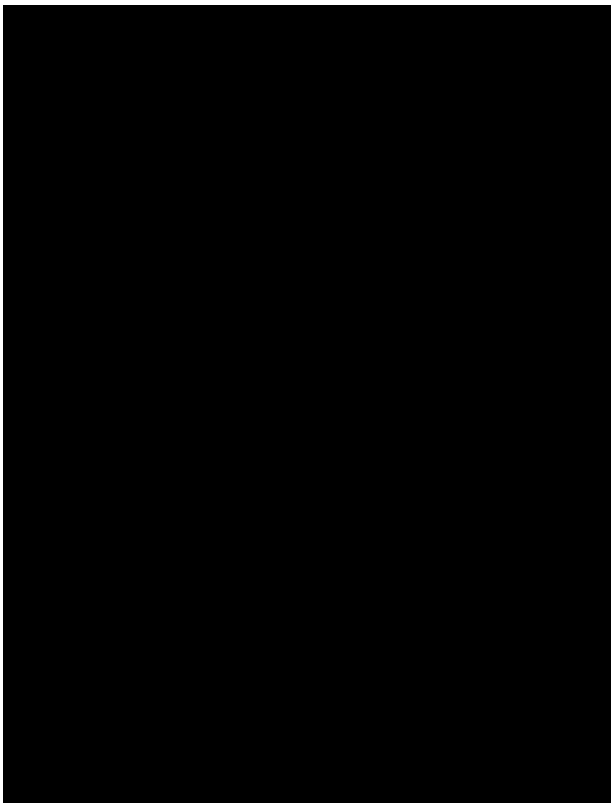
Dei uma volta pelo cercado e o ruído suave dos seus cascos permaneceu atrás de mim. Parei e me virei para ela, pensando em tentar uma coisa.

— Se abaixe — eu disse.

Levantei o braço, como você fazia. Ela soltou um pequeno gemido, inclinou o pescoço para a frente e dobrou as pernas até bater com a barriga no chão, levantando uma nuvem de poeira.

— Boa menina — eu disse.

Então me ajoelhei à sua frente. Nossos rostos ficaram à mesma altura. O focinho dela era enorme, e os dentes, estragados. Seu hálito meio fedido penetrou nas minhas narinas. Ela virou a cabeça na direção dos galpões e do sol e fechou os olhos. Pousei o braço sobre seu ombro largo e musculoso. Ela encostou o pescoço no



meu quadril. Nesta posição, eu poderia subir no pescoço dela, alcançar a corcova e montar nela. E poderíamos galopar para longe. Apoiei a cabeça no pelo dela e fechei os olhos também. Bolas de fogo dançaram por trás das minhas pálpebras. Naquele momento, pelo menos, ficar parada ali era o bastante.

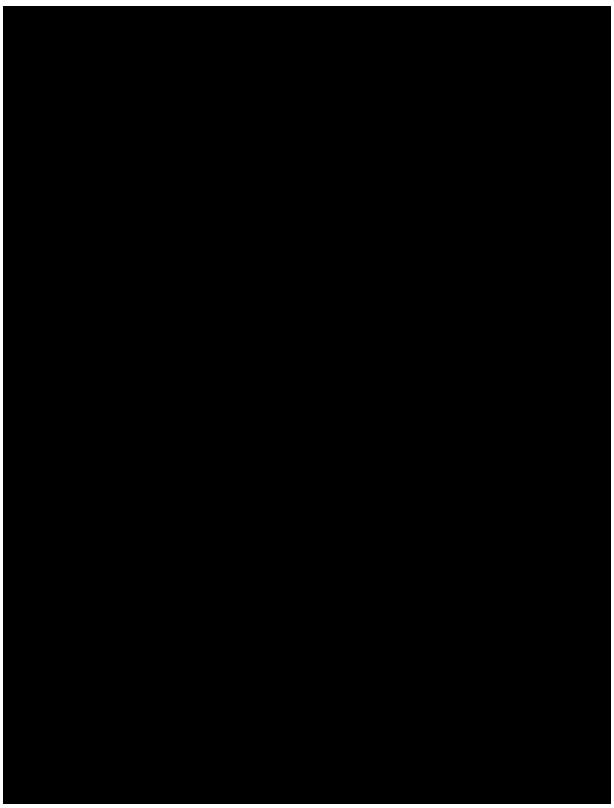
Você passou o dia todo no galpão de pintura. Eu só reuni coragem para ir ao seu encontro no meio da tarde. Você tinha estado muito diferente na noite anterior, quase vulnerável... eu queria ver

como reagiria à minha presença no dia seguinte.

A porta do galpão estava entreaberta. Eu a empurrei.

O recinto estava muito iluminado e quente. Levei alguns

momentos para me acostumar. As cortinas instaladas na janela haviam sido arrancadas e amontoadas no chão. Com a luz do sol inundando o ambiente, pude perceber que as paredes, antes desbotadas, tinham sido repintadas com espirais, listras e pontos vividamente coloridos, intercalados com riscos vermelhos, negros e marrons. Folhas, areia e galhos, colados em alguns pontos, davam textura às superfícies. Se eu recuasse e observasse o trabalho como um todo, conseguiria enxergar padrões. Uma onda de pintas amarelas se estendia pelo chão como areia, e círculos azuis na parede oposta formavam tanques de água. O galpão tinha um



aspecto selvagem e me lembrou de uma história que mamãe lera para mim há muito tempo, sobre o quarto de uma criança que fora transformado num lugar selvagem.

Você estava no meio de tudo, de pé sobre um banco de

madeira, pintando o teto. Vestia apenas um *short*, cujo pano fino e rasgado mal escondia suas coxas. Sua pele era quase da mesma cor que a tinta marrom que se via na parede às suas costas. Você pintou a área sobre sua cabeça com milhares de pontinhos alaranjados. Após algum tempo, pegou outro pincel atrás da orelha e encheu o espaço entre os pontos com espirais brancas. Parou somente quando acabou a tinta.

Você se virou. Seu peito, coberto por manchas cor de terra, brilhava de suor. Observei seu rosto, para ver se restara alguma

angústia da noite anterior. Mas você parecia relaxado e feliz. Você desceu do banco e se aproximou de mim.

— Gostou da minha pintura? — perguntou.

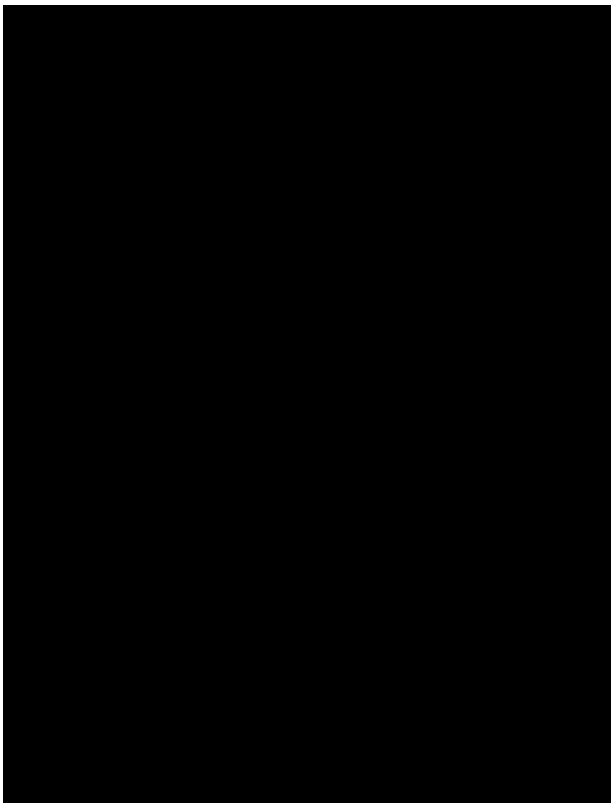
— O que é isso?

— É tudo o que existe em torno de nós, a terra. — Você sorriu. — Ainda não terminei. Todos os pedaços da parede vão se tornar parte disso. E eu também.

— Por quê?

— Quero capturar tudo, toda essa beleza, quero conectar... quero que você veja tudo do jeito que deve ser antes de... antes de ir...

Seus olhos estavam faiscantes. Eu me virei, captando as cores, rodopios e texturas à minha volta. Meus olhos se fixaram num grupo de pintas brancas e brilhantes sobre fundo negro, que cobria



um dos cantos to teto. Lembravam estrelas, pequenas bolas de luz cintilantes. Seria esta a sua intenção? Você se aproximou mais. Havia areia grudada em seus ombros e em metade do peito. Estendi a mão e toquei sua pele. Estava áspera e quente como as areias lá fora.

— Isso não coça?

— É só a camada básica — você disse. — Quando estiver totalmente seca, vou poder pintar os padrões.

— Que padrões?

Você sorriu ao perceber minha perplexidade. Então segurou minha mão, apertou-a contra o peito e a manteve ali.

— Padrões da terra. — Você acenou com a cabeça, indicando

o interior do galpão. — Espere só até o sol começar a se pôr — você

disse. — Tudo isso vai ganhar vida.

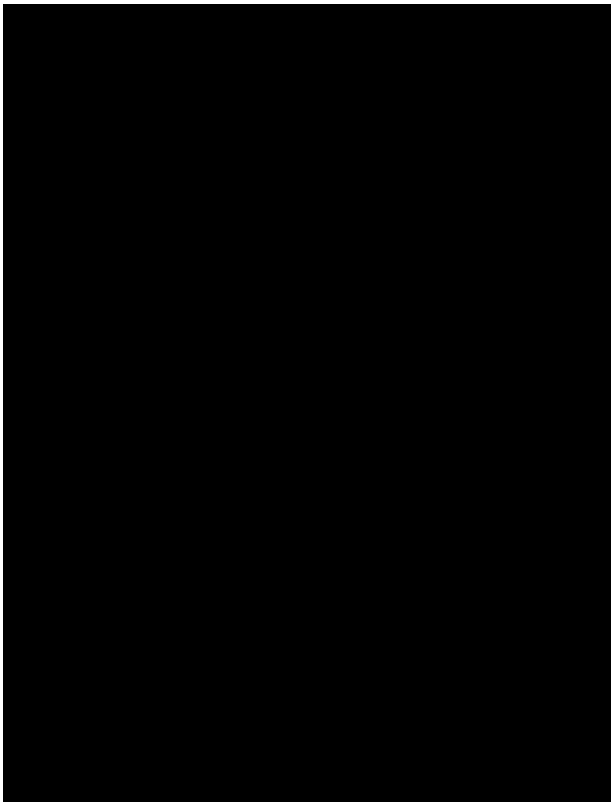
— Como assim?

— Você vai ver.

Minha mão, coberta pela sua, sentia o martelar profundo do seu coração. Rapidamente, eu a recolhi. Você tirou a mão do peito e a passou sobre os cabelos. Uma cascata de areia caiu no chão. Você abanou a cabeça, derramando mais areia.

— Tempestade de areia — você disse.

E começou a girar a cabeça, fazendo a areia voar e seus cabelos dançarem.



Segui você até a porta, ainda um tanto confusa com o que acabara de ver. Você colocou minha mão sobre suas costas. Sua pele

estava morna e úmida. Sua coluna se projetava como uma raiz.

— Eu posso pintar minha parte da frente, mas preciso de

ajuda para pintar as costas — você disse.

Retirei a mão rapidamente.

— Eu não quero pintar você.

— Não vai ser preciso. — Você se virou para me olhar. —

Existem umas folhas perto do laguinho dos Separados, folhas

longas. Você poderia pegar uma para mim? E já que vai até lá me

traga um punhado de musgo também.

Você voltou para dentro do galpão, enquanto eu tentava me

equilibrar no caixote que servia de degrau, balançando para frente e

para trás.

— Volte quando o sol começar a se pôr — você gritou. —

Então vou estar preparado.

Você fechou a porta. Caminhei displicentemente na direção

dos Separados, dizendo a mim mesma que não estava realmente

fazendo o que você queria. Andava devagar, parando para observar

algumas coisas, fingindo que a pequena flor púrpura que eu vira na

areia era o verdadeiro motivo da minha caminhada. Como vira você

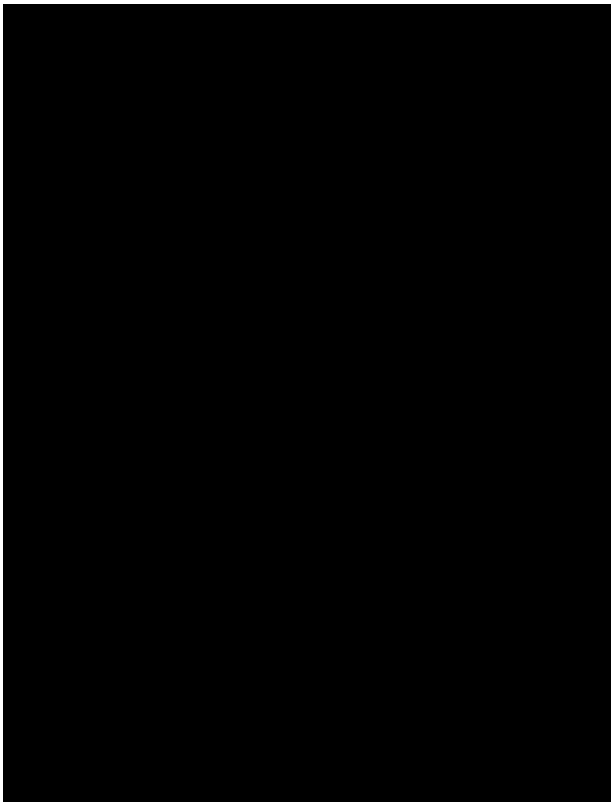
fazer, eu batia com um bastão nas moitas mais altas, me precavendo

contra cobras.

Na lagoa, passei por baixo do galho de eucalipto, engatinhei

até a beira da água e mergulhei meus dedos nela, me deliciando

com a súbita frialdade. Em seguida, fui até a saliência rochosa que ficava no lado oposto, onde o musgo se alojava numa estreita



fissura. Coisas corriam ao meu redor, mas não me afastei. Estava estranhamente calma, aproveitando a letargia vespertina do lugar. A pedra ficava em um lugar sombreado. Eu me sentei nela e estiquei as pernas, deixando minhas panturrilhas nuas entrarem em contato com seu frescor. Passado algum tempo, tateei dentro da fissura e arranquei um pedaço de musgo. Depois me imobilizei, esperando que uma aranha minúscula terminasse de passar sobre os meus dedos.

Ao contornar novamente o laguinho, vi as folhas que você mencionara, grandes e de aspecto suculento. Pareciam estranhas

naquele ambiente, cercadas por uma vegetação mais seca. Arranquei uma delas do caule, fazendo jorrar uma seiva leitosa, que tentei estancar com as mãos.

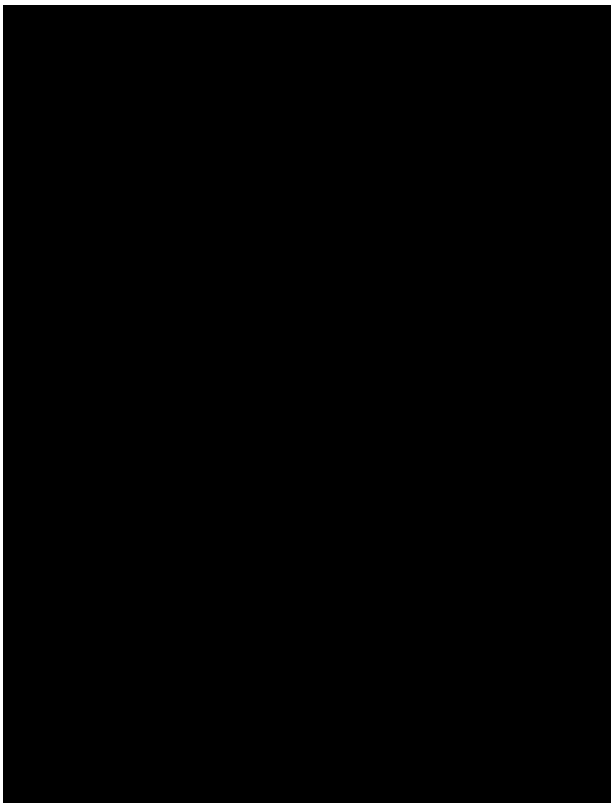
265

Ao retornar, parei na área das galinhas. Babaca estava no fundo da gaiola, mas quando comecei a conversar com ele, ele trotou até a frente. Enfiando o bico através dos arames, arrancou um pedaço da folha que eu tinha acabado de colher.

— Ty não vai gostar disso — ralhei.

Mas Babaca apenas estufou as penas, orgulhosamente, e cuspiu o pedaço de folha. Sentei ao lado da gaiola, em meio aos murmúrios desaprovadores das galinhas. Logo as rãs começaram a coaxar, promovendo uma algazarra cada vez mais frenética.

O sol começou a baixar. Estava na hora. Entrei na trilha sinuosa e me dirigi ao seu galpão de pintura.



Abri a porta do galpão. Os raios róseos e alaranjados do sol poente brilhavam através da janela, banhando as paredes que você tinha pintado. A luz se refletia nos grãos de areia, que fazia faiscar e cintilar. Tudo à minha volta era colorido e fulgurante, numa escala quase ampla demais para ser assimilada. Rapidamente você transformara aquele espaço — em cujo centro estava perfilado. Seu corpo colorido também refletia a luz. Suas costas eram a única parte que ainda não tinha sido pintada. Senti um forte cheiro de ervas, pesado e intoxicante como o odor dos seus cigarros.

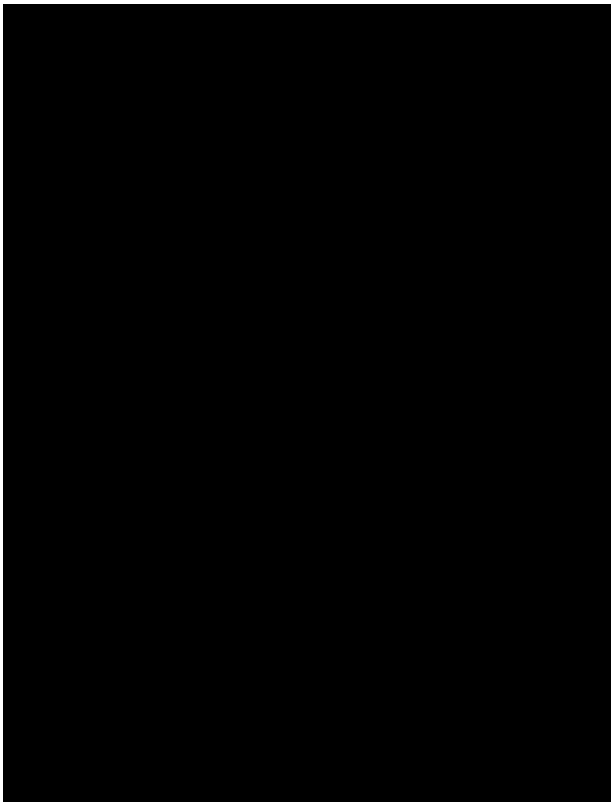
Você veio até onde eu estava e pegou as plantas. Você estava nu. Mas tão coberto de tinta, areia, flores e folhas que não notei isto de imediato. A tinta e os materiais o vestiam como roupas. Você

pintara o rosto com uma tonalidade vermelho-clara, coberta de

arabescos amarelos e alaranjados. Seus lábios estavam marrom-escuros. Uma textura granítica, acinzentada, cobria suas pernas. Seu pênis fora pintado de preto, em meio a uma área de ramagens púrpuras, verdes e cinzentas. Eu me afastei às pressas, olhando para seus pés, que exibiam uma tonalidade ocre pardacenta, coberta por uma rede de espirais brancas. Voltei até a porta sem saber o que dizer. Você parecia um louco, paramentado daquele jeito. Mas era bonito também.

— Isso é o que eu queria lhe mostrar — você explicou. — A beleza desta paisagem. Você precisa saber que é uma parte dela.

Seus olhos brilhavam, muito azuis contra o fundo avermelhado. Pareciam fora de lugar, lembravam muito o oceano.



Você se ajoelhou no chão, ao lado de um prato com pétalas vermelhas. Esmagou as pétalas e lhes acrescentou água, para fazer

tinta. Depois mergulhou o musgo na mistura e o esfregou nas costas, imprimindo sua textura em vermelho até onde pôde alcançar. Um pouco da tinta escorreu, formando riachos de sangue que pingavam no chão.

Olhei ao redor. Não vi nenhuma corda para me amarrar, nem nenhuma arma. A porta estava atrás de mim, aberta. Eu poderia ir embora facilmente. Mas, por alguma razão, não quis ir.

— A luz está diminuindo depressa — você disse.

Então pegou a folha que eu trouxera e mergulhou seu talo grosso numa substância negra e pastosa, até recobri-lo totalmente. Em seguida, esticou a mão para trás e tentou pressionar o talo nas

costas. Quando percebeu que não conseguiria alcançar o lugar que desejava, estendeu a folha na minha direção.

— Você pode pintar os padrões em mim? — perguntou. — Com isso?

— Eu não quero.

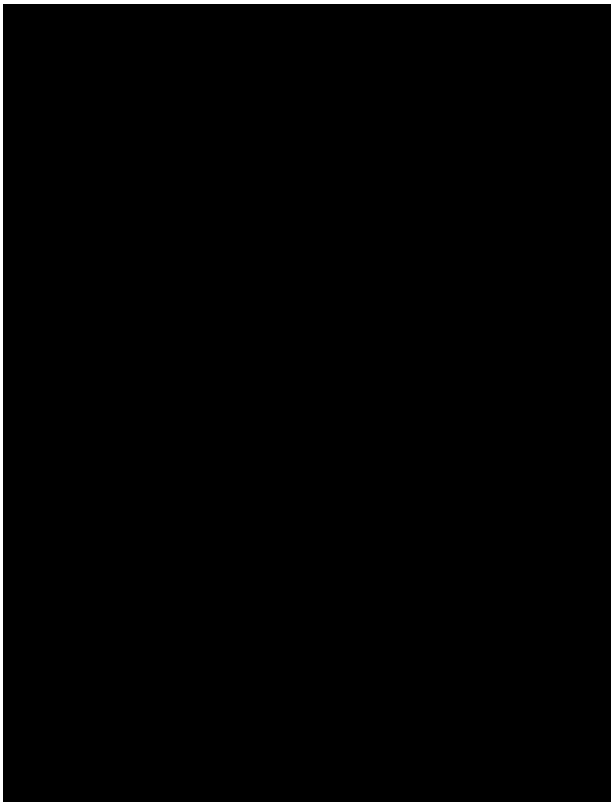
Empurrei sua mão.

— Mas a luz está ficando mais fraca. Quero fazer isso antes de o sol se pôr, para você poder ver como tudo vai ficar.

Sua voz soava impaciente, firme. Você envolveu minhas mãos no calor das suas. Tintas vermelhas e negras sujaram meus dedos, imprimindo neles uma mancha semelhante a uma contusão.

— Por favor — você disse baixinho. — Faça isso por mim.

Você sabe que eu vou levar você de volta. Eu prometi.



Seus olhos refulgiram sob a luz, e seus dedos apertaram os meus com mais força. Recolhi a mão e segurei o talo. Depois o mergulhei na pasta negra e me ajoelhei atrás de suas costas.

— O que eu devo desenhar?

— Qualquer coisa. O que você estiver achando deste lugar.

Minha mão tremia um pouco. Uma pequena gota de tinta caiu sobre o meu joelho. A extremidade do talo era pontuda e serrilhada. Eu a encostei na sua pele, fiz pressão e formei um ponto. Você se contraiu um pouco. Um raio de sol atravessou a janela e atingiu suas costas horizontalmente. Minha visão ficou enevoada. Apertei os olhos.

— Não estou conseguindo enxergar.

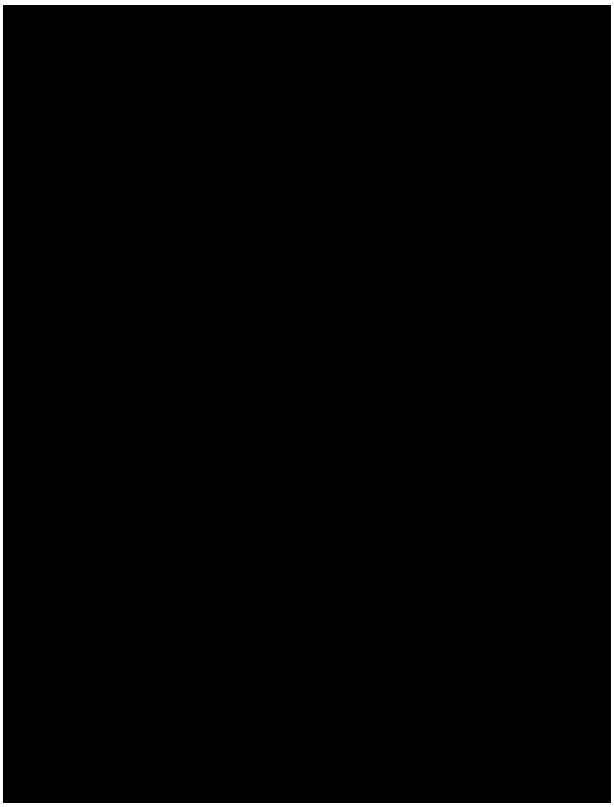
— Então faça sem enxergar.

Molhei o talo na pasta preta mais uma vez e desenhei uma longa linha reta de um ombro ao outro, arranhando sua pele enquanto tentava fixar a cor. Desenhei também uma mixórdia de pontas eriçadas: uma triódia. Depois tentei esboçar uma pessoa, com o corpo fino como um palito e um círculo irregular formando a cabeça. Delineei olhos no rosto e os colori. Por cima, pintei cabelos cor de fogo. Então desenhei um pequeno coração no meio do corpo. Você estendeu a mão para trás e tocou meu joelho.

— Terminou?

— Quase.

Abaixo de um dos ombros, pintei um pássaro voando. Em seguida, desenhei um sol negro na base da sua nuca, brilhando acima de tudo. Você se virou para me encarar e nossos joelhos se tocaram. Seu rosto estava a menos de meio metro.



— Você quer um pouco? — Você molhou o dedo em uma poça de barro cor de sangue e riscou uma linha na minha testa. — Eu posso pintar você. — Você tocou no meu rosto, espalhando barro vermelho nele também. — Ocre — você murmurou. — Intensifica tudo.

Você tirou a folha da minha mão e a moveu na direção do meu pescoço, mas joguei o corpo para trás.

— Não — eu disse.

Você deu de ombros, com tristeza nos olhos, segurou minha mão e me fez levantar. Resisti apenas um pouco. Depois andamos até o centro do galpão.

— Agora vamos esperar — você disse.

— O quê?

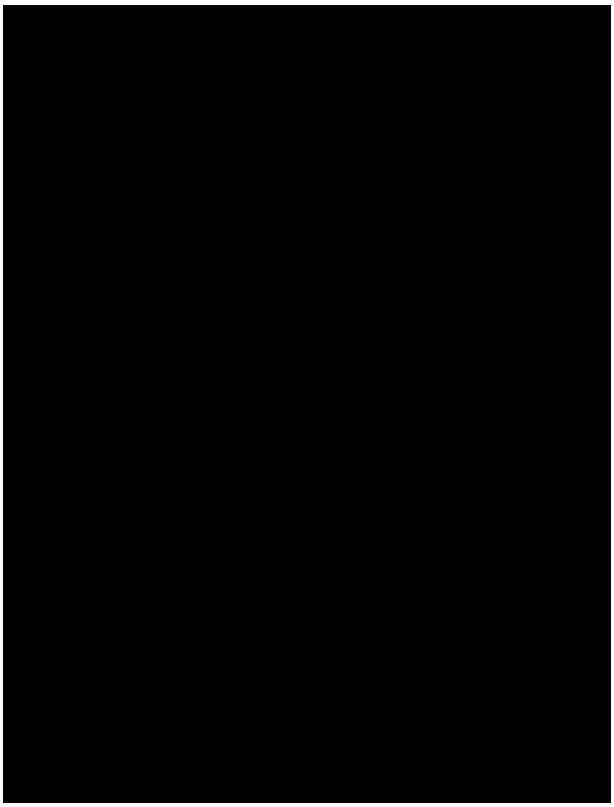
— O sol.

Você me puxou até um leito de areia e folhas, bem no meio da pintura multicolorida. O sol que resplandecia através da janela era tão brilhante que tive dificuldade em manter os olhos abertos, ou mesmo entreabertos. Havia ali um aroma refrescante de folhas, ervas e terra.

— Fique virada para esse lado — você disse.

Você se virou para a parede dos fundos, e eu fiz o mesmo.

Com o sol por trás de nós, pude ver seus raios destacarem até os mais leves pontos da pintura, fazendo com que parecessem tridimensionais. Você pegou algumas folhas secas, esmagou-as na mão e retirou seus papéis de cigarro debaixo de uma pedra. Tirando um pouco de cinzas de uma pilha, você as misturou com as folhas e colocou a mistura em um dos papéis de cigarro, que selou



rapidamente com a língua. Quando acendeu o cigarro, senti aquele cheiro novamente, aquele odor intenso de folhas do deserto queimadas: o cheiro que naquele dia emanava de tudo o que havia no galpão de pintura. Você deu uma tragada longa e profunda, e passou o cigarro para mim.

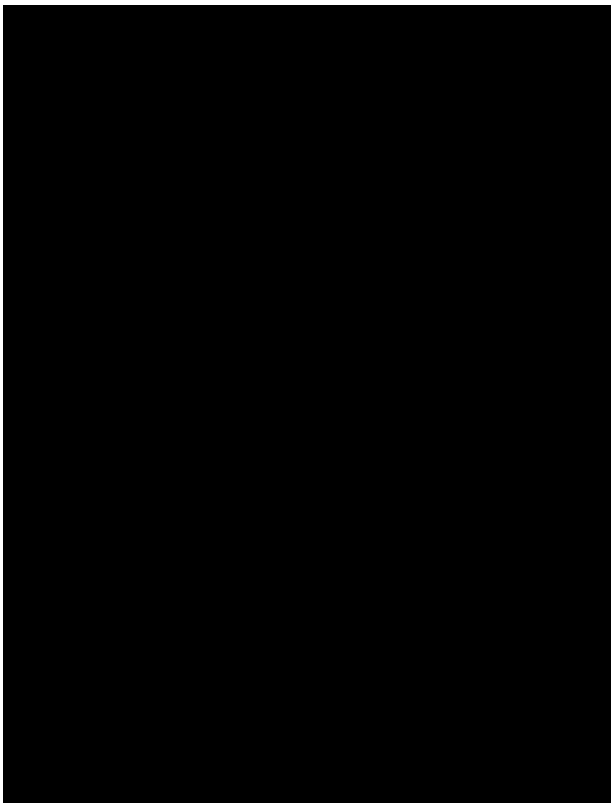
Era como uma minúscula árvore em chamas queimando entre os meus dedos. Depois de rolar o cigarro de um lado para outro, olhando para a ponta incandescente, resolvi experimentá-lo, não sei explicar por quê. Talvez estivesse mais relaxada naquele dia, com mais esperanças de que você me deixasse partir. O odor daquelas folhas não era tão desagradável quanto o de tabaco, nem tão pungente quanto o de maconha. Um sutil sabor de ervas encheu minha boca. De repente, comecei a respirar mais suavemente e

relaxei um pouco os ombros.

Você se deitou sobre os cotovelos. Quanto mais o sol baixava, mais vivas se tornavam as cores. Uma tonalidade avermelhada banhou todas as coisas, destacando até os trechos mais obscuros do painel. Colunas de luz iluminavam milhões de pingos de tinta e pétalas de flores. Vermelhos, laranjas e rosas se intensificavam em torno de nós, até nos dar a impressão de que estávamos sentados sobre uma fogueira... ou no meio do próprio crepúsculo.

— Parece que estamos no centro da Terra, não é? — você sussurrou. — Bem no meio das brasas.

Senti o calor nas costas, grudando a camiseta na minha coluna. Pestanejei para que as cores parassem de se esfumaçar. Linhas e manchas negras dançavam diante dos meus olhos, como contornos de chamas. O sol baixou mais. A luz alcançou seu corpo



pintado e tornou você dourado... fazendo-o brilhar. Os grãos de areia em seus braços resplandeceram. Senti o sol sobre minha pele também, que adquiriu um suave tom alaranjado. Todo o galpão estava inundado de luz.

Você me observava, com seus olhos azuis flutuando em ouro. Notei as marcas negras na sua bochecha esquerda, minúsculos rastros de animais que iam até seus cabelos, passando por cima da

cicatriz. Você estendeu a mão tocou meu braço no ponto onde o sol me atingia e onde minha pele estava mais aquecida. A areia que recobria seus dedos brilhou contra a minha pele. Você me afagou com as pontas dos dedos.

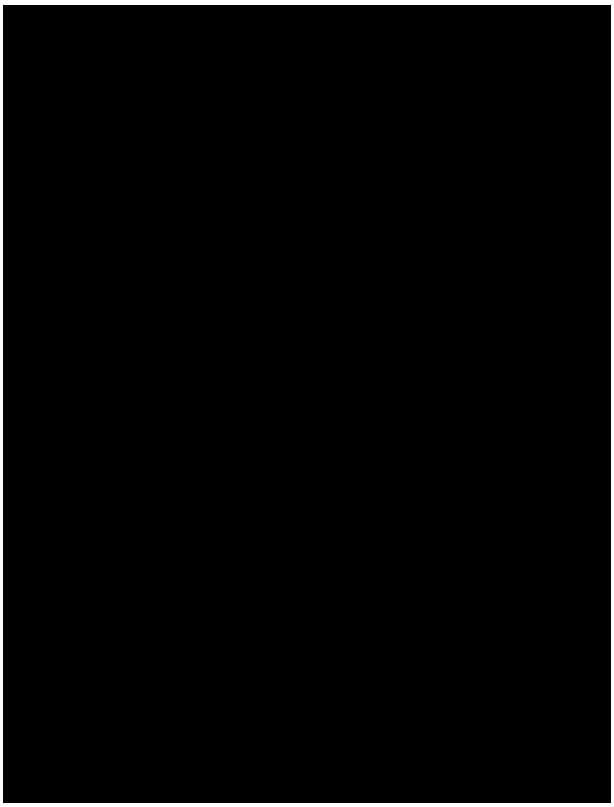
— A luz está vindo de dentro de você também — você disse.

— Você está brilhando.

271

Virei a cabeça e tentei abarcar toda a pintura de uma vez.

Minha mente rodopiava um pouco, não sei se devido às cores, à luz ou à fumaça do seu cigarro. Aquele galpão pintando era muito diferente de todas as pinturas que eu tinha visto com mamãe, muito mais real de certa forma. E sim, eu admito: era lindo. De uma forma selvagem. Seus dedos traçavam padrões sobre o meu braço; círculos e pontos. Seu toque já não me assustava.



Rapidamente o sol se ocultou sob a janela e as cores desapareceram. Você me passou o cigarro de novo, enquanto as sombras do crepúsculo avançavam pelas paredes. Ficamos sentados ali por mais algum tempo, até as cores desaparecerem por completo. Pestanejei e devolvi o cigarro. O aposento estava imerso em penumbra e ficava cada vez mais difícil enxergar os objetos no chão. Eu me levantei e cambaleei na direção da porta.

— Vou ajudar você — você disse.

Você segurou meu braço. Andava de modo confiante, enxergando como um animal noturno. Quando chegamos à porta, senti a friagem da noite. Abracei a mim mesma, enquanto você retornava ao interior do galpão para buscar suas roupas. Você me entregou o suéter de lã esburacado que estava usando de manhã.

— Vista isso — você disse. — Vai se sentir mais aquecida.

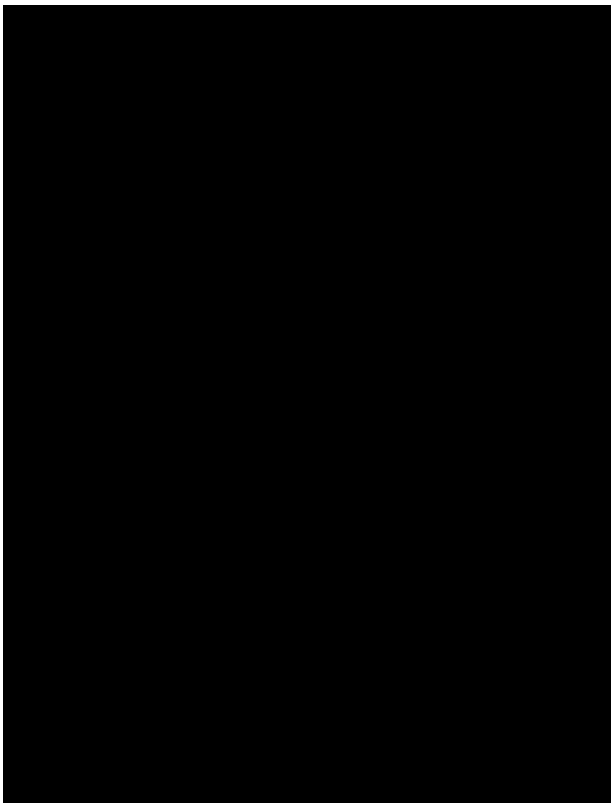
Seu cheiro de suor, eucalipto e terra encheu minhas narinas quando passei o suéter pela cabeça. A lã arranhou meus braços. Você estava de *short* quando olhei para você de novo. Você pegou meu braço pelo cotovelo e me levou para fora do galpão.

As estrelas já brilhavam no céu ainda cinzento. A lua era um sorriso torto. Deixei que você me conduzisse. Não falamos nada. Os únicos sons que ouvíamos eram os que minhas botas e seus pés descalços produziam na areia. Longe, muito longe em meio às trevas, alguma coisa emitiu um uivo fantasmagórico, como uma

entidade de mau agouro.

— Dingo — você sussurrou.

Muitos pensamentos me assaltavam naquele momento, e muitas emoções. Apertando meu cotovelo firmemente, você me



guiava com segurança. Uma pequena parte de mim gostava daquela situação. Pisquei os olhos e abanei a cabeça, sem querer admitir o fato. Mas era verdade, não? Parte de mim estava começando a aceitar você. Se eu cedesse, se começasse a me interessar por você — perguntei a mim mesma — aonde isso me levaria?

— Está com fome? — você perguntou.

Abanei a cabeça. Então parei e olhei para o céu. Era agradável olhar para toda aquela penumbra. E até repousante, após todas aquelas cores.

— Eu só quero me sentar um pouco — eu disse. — Aqui.

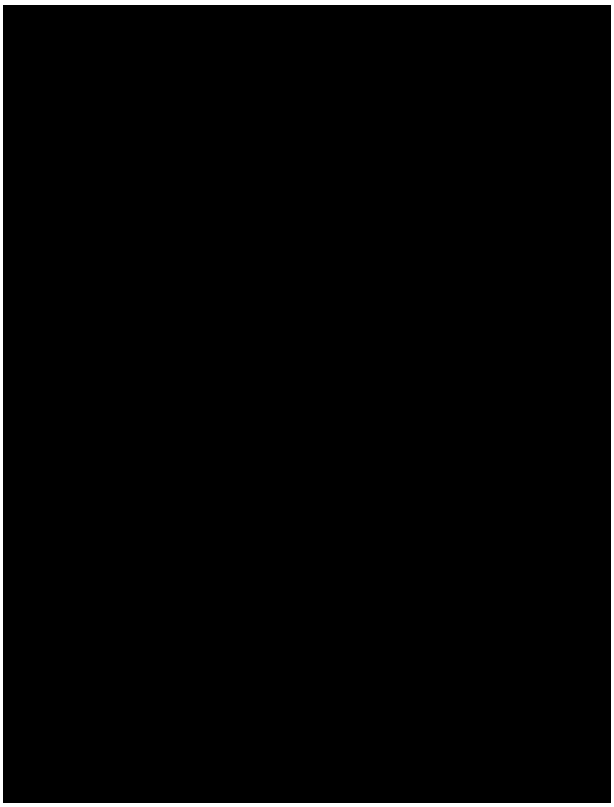
— Sozinha?

— É.

— Vou pegar um cobertor.

273

Você se encaminhou para a casa. Observei suas costas desaparecerem na escuridão. Esfreguei os cotovelos, sentindo frio, e me afastei um pouco dos galpões, penetrando mais no deserto. Encontrei um trecho plano, sem plantas nem pedras e me sentei ali. A areia ainda estava quente. Enterrei as mãos sob as camadas superiores e senti o calor armazenado nos grãos se infiltrando em mim. Outro uivo ecoou ao longe. Desta vez era uma resposta; outro espírito gemendo nas trevas. Olhei para as estrelas, agora em maior número, povoando as sombras como faróis de automóveis na hora do *rush*. Suponho que, para as estrelas, aquela era a hora do *rush*. Parecia haver tantas estrelas no céu quanto grãos de areia ao meu redor. Enterrei mais as mãos, enquanto os grilos atrás de mim iniciavam um coro entrecortado.



Senti as vibrações dos seus passos retornando. Você trazia um cobertor cinza enrolado nos ombros e outro pendurado no braço. Não tinha tirado a areia nem a pintura do corpo. Mas a pintura havia borrado um pouco; na sua boca, nos seus olhos, nos seus braços...

Você enrolou um dos cobertores em mim, e me entregou uma caneca.

— O que é isso?

— Apenas ervas e água. Vai manter você quente.

— Não estou sentindo frio.

— Vai sentir.

O vapor cheirava a folhas recém-colhidas. A infusão estava quente demais para que eu a bebesse de imediato, mas apenas

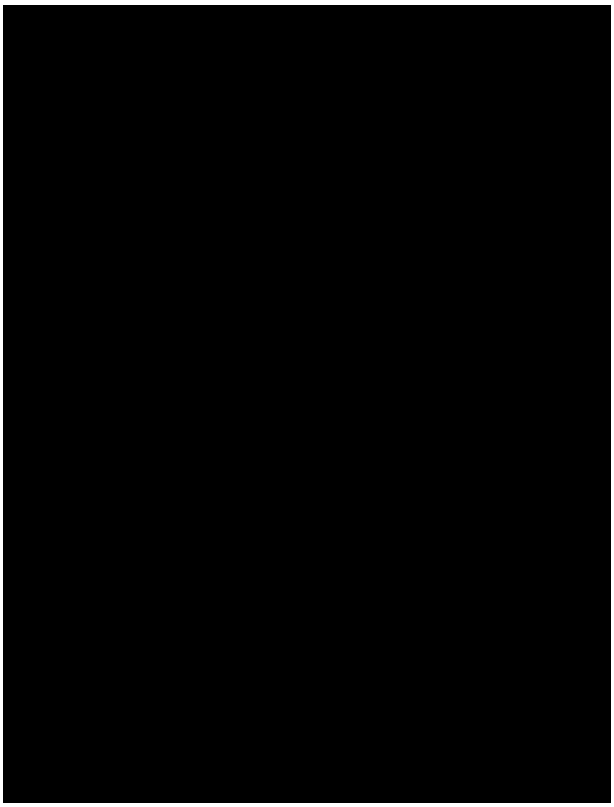
segurar a caneca já era reconfortante. Inclinei a cabeça e inalei o vapor. Com o cheiro de mato ainda nas minhas narinas, olhei para as estrelas. Você olhou para cima também, perscrutando o céu como se estivesse examinando um mapa. Depois meneou a cabeça. Não consegui saber o motivo.

— Já tem tudo o que precisa? — você perguntou.

E se virou na direção da casa. Mas hesitou antes de dar o primeiro passo. Permaneceu parado no lugar por alguns momentos, esperando que eu dissesse alguma coisa... querendo que eu dissesse alguma coisa. Estalou os dedos da mão e brincou com os polegares, nervosamente. Eu cedi.

— O que você está vendo lá em cima? — perguntei, erguendo as mãos para o céu.

Você sorriu, agradecido.



— Posso ver o que você quiser.

— Você conhece os padrões?

— Você quer dizer as constelações? — Você deu de ombros.

— Eu conheço os *meus* padrões.

— Como assim?

Você se agachou ao meu lado rapidamente.

— Conheço as formas que eu vejo nelas. Posso traçar rostos de pessoas lá em cima, coisas da terra... qualquer coisa, na verdade. Se você olhar para elas por tempo suficiente, essas estrelas vão dizer tudo o que você quiser saber: pontos cardeais, condições atmosféricas, hora do dia. Podem até lhe contar histórias.

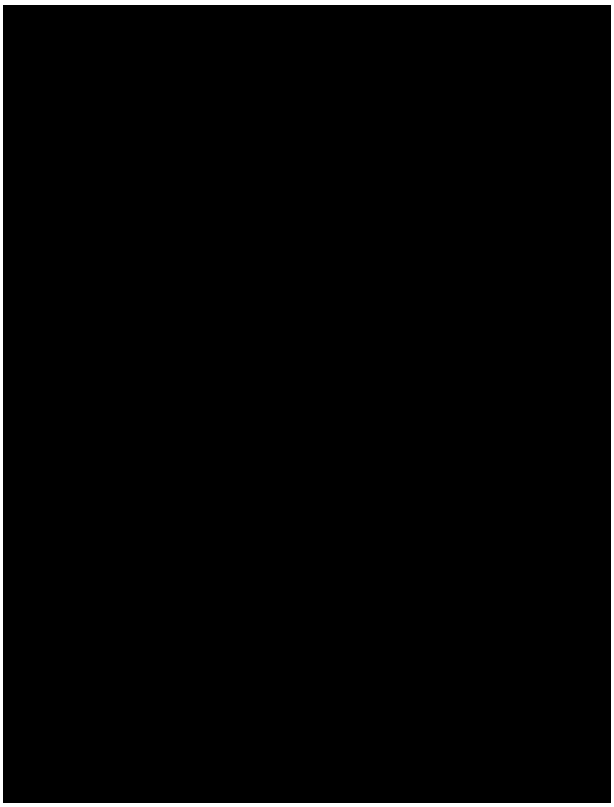
Você sentou ao meu lado e enterrou as mãos na areia.

Quando viu que eu estava com as botas enterradas na areia, sorriu e

enterrou seus pés. Isso me lembrou de quando Anna e eu partilhávamos a mesma cama e nos enfiávamos embaixo do mesmo edredom. Essa época me pareceu um milhão de anos distante.

Ficamos algum tempo calados, tão silenciosos quanto as mariposas que esvoaçavam em torno de nós. Estendi a mão e peguei uma, que se debateu na minha mão. Quando abri a mão, ela permaneceu imóvel, provavelmente machucada. Tinha a cor bronzeada da minha pele. O luar iluminava os padrões de suas asas, tênues e intrincados. Ela tinha pequenas antenas peludas. Suas pernas começaram a me dar coceira. Como aquela coisa conseguia

sobreviver? Parecia tão delicada. Sacudi a mão e ela caiu na areia. Eu lhe dei um empurrão e ela se afastou voando, meio desajeitada, pronta para nos rondar novamente.



— Essas mariposas são precoces — você disse. — Elas só deveriam aparecer daqui a algumas semanas. Você teve sorte.

Você sorriu. Seus olhos se enrugaram nos cantos. Olhei para outro lado imediatamente. Queria sustentar seu olhar, mas sabia que não deveria. Algumas estrelas piscavam para mim, outras se mantinham imóveis. Ouvi os estalidos agudos dos morcegos, cujas silhuetas vislumbrei na escuridão, batendo as asas silenciosamente no céu aveludado. Naquele momento era como se fôssemos as duas únicas pessoas no mundo. Não estou sendo sentimental, foi o que realmente senti. Os únicos sons no ambiente eram os zumbidos dos grilos, os estalidos dos morcegos, o leve assovio do vento na areia e

os ocasionais uivos dos dingos. Não havia buzinas de carros. Nem trens. Nem esquinas movimentadas. Nem cortadores de gramas.

Nem aviões. Nem sirenes. Nem alarmes. Nem nada humano. Se você me dissesse naquela hora que havia me salvado de um holocausto nuclear, eu poderia ter acreditado.

Você se deitou na areia, com o rosto voltado para as estrelas. Ficou tão silencioso e imóvel que poderia estar adormecido. Ou morto. Cutuquei você.

— O quê? — você deu um meio sorriso. — Estou pensando nas estrelas.

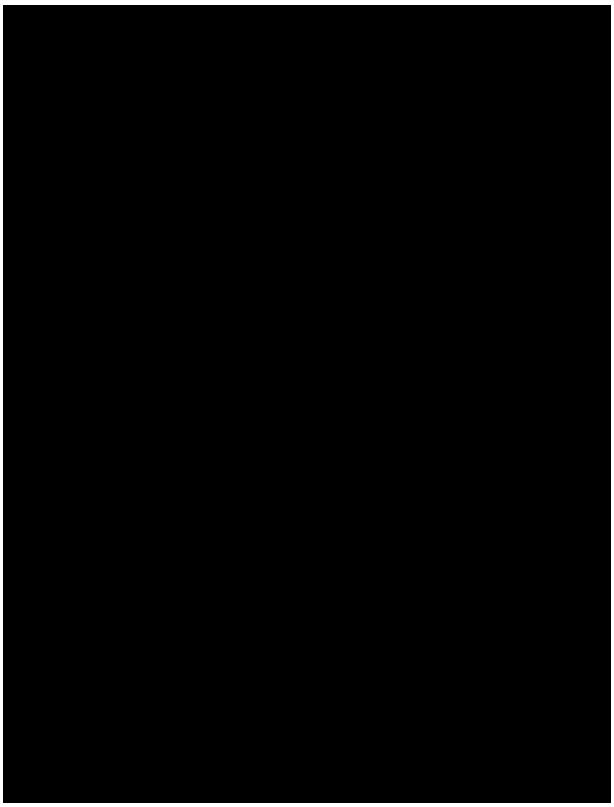
— O que tem elas?

— Como tudo é eterno e passageiro ao mesmo tempo.

— Como assim?

Você falava ainda olhando o céu noturno.

— Bem, aquela estrela lá longe, à minha direita, está piscando alucinadamente; mas por quanto tempo ela vai continuar piscando?



Uma hora, duas ou por um milhão de anos? E por quanto tempo vamos ficar sentados assim? Só por mais alguns momentos ou pelo resto das nossas vidas? Você sabe qual opção eu escolheria...

Ignorei seu comentário e olhei também para as estrelas.

— Se você se lembrar bem, fui *eu* quem quis me sentar aqui.

Foi você quem me seguiu.

Você se apoiou nos cotovelos.

— Quer que eu vá embora?

Seu rosto estava a menos de um metro do meu. Eu poderia me inclinar até você, ou você poderia se inclinar até mim. Nós poderíamos nos beijar. Seus olhos estavam fixos em mim. Senti seu hálito aquecer a minha pele. Seus lábios estavam ligeiramente entreabertos, secos e rachados nas bordas. Precisavam de um pouco

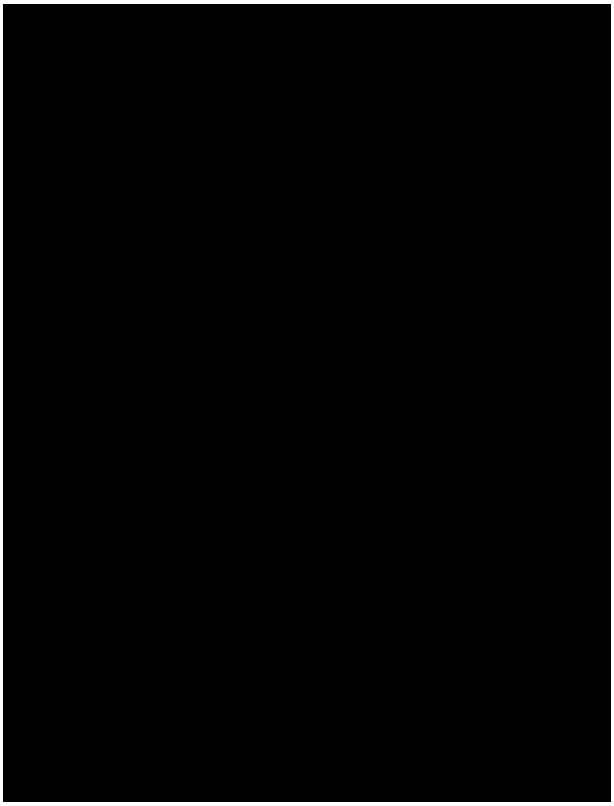
de umidade. Estendi a mão e tirei uma partícula de tinta ainda grudada na sua barba curta. Você segurou meus dedos e os apertou contra o queixo. Permaneci imóvel, sentindo o calor da sua mão e a aspereza da sua barba curta nas pontas dos meus dedos. Onde é que eu estava com a cabeça? Olhei de novo para as estrelas. Após alguns momentos, você deixou meus dedos escorregarem entre os seus.

— Eu só quero ficar sentada aqui — disse, com voz trêmula.

— Você pode fazer o que quiser.

— Eu quero ficar.

Não confiando em mim mesma o bastante para encarar você, olhei para o céu. Vi algumas estrelas, particularmente próximas e resplandecentes, descendo no horizonte. Eram como uma pequena cidade, feita de luzes cintilantes. Uma rodovia de estrelas brilhantes



desembocava nelas. Você percebeu em que direção eu estava

olhando.

— As Irmãs — você disse. — É como algumas pessoas chamam elas.

— Por quê?

Você se sentou, surpreso com a minha disposição para conversar.

— Essas estrelas já foram mulheres bonitas — você disse. — As primeiras mulheres que existiram nesta terra. Quando elas andavam, árvores e flores surgiam atrás delas... e rochas. Um rio se formava nas pegadas delas. Mas um dia, quando elas estavam tomando banho nesse rio, um espírito masculino ficou espiando elas. E decidiu que aquelas mulheres seriam suas esposas. Ele correu

atrás delas e elas fugiram. Fugiram para o único lugar onde achavam que estariam a salvo, o céu. Elas viraram estrelas. Mas o espírito masculino foi até o céu e acabou virando uma estrela também. Uma estrela que sempre anda atrás delas.

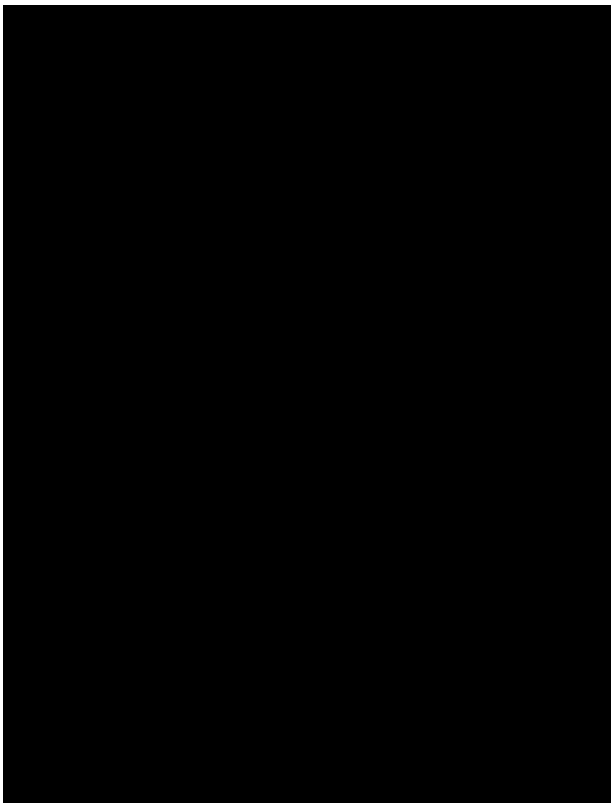
Você levantou o braço e apontou para uma das estrelas mais brilhantes.

— Está vendo? Ele está ali. — Você traçou uma linha entre a estrela e o aglomerado de estrelas que chamou de Irmãs. — Viu? Ele sempre está ali, perseguindo as irmãs eternamente... mas ele nunca consegue se emparelhar com elas.

De repente, estremeci.

— Quer dizer que as irmãs nunca conseguem fugir dele?

— É verdade. — Você apertou o cobertor em torno dos meus ombros. — Mas elas também nunca são apanhadas. Ele está sempre





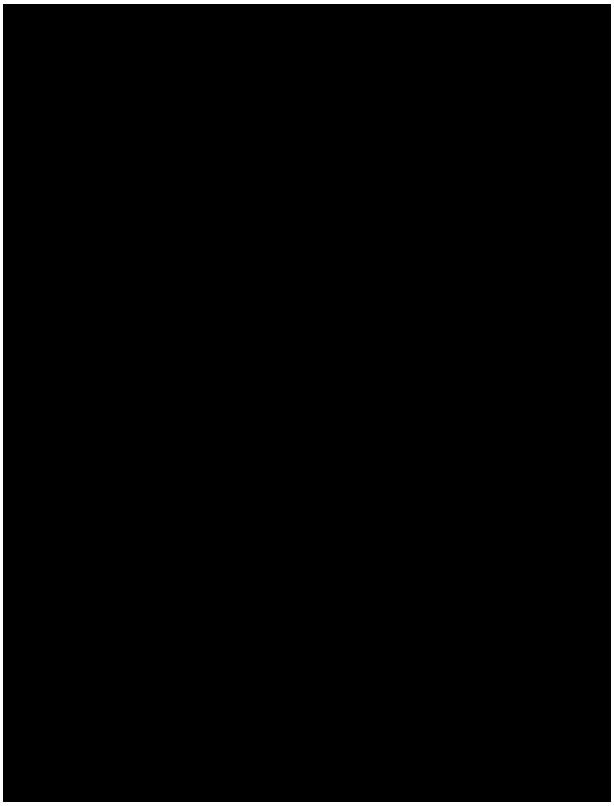
atrás delas, sempre observando... querendo elas. Ele persegue elas ao redor do mundo. Você poderia ter visto ele perseguindo elas em Londres, se tivesse procurado.

— Você sabe que a gente não consegue ver estrelas em Londres, não realmente — eu disse.

Você se deitou de novo na areia.

— Talvez não. Mas ele está lá, mesmo assim. Atrás das nuvens, atrás das luzes... observando.

Permanecemos sentados por mais algum tempo; eu bebendo o chá que você me trouxera e você falando mais sobre as estrelas. Você tinha razão a respeito do chá. A bebida parecia se espalhar sob a minha pele e me aquecer. Você me perguntou se eu queria que você acendesse uma fogueira, mas eu abanei a cabeça. Não queria nada que poluísse o show de luzes acima de nós. Você me mostrou algumas das imagens que via no céu. Primeiramente, um pequeno agrupamento de estrelas que achava parecidas com os rochedos dos Separados; depois, duas estrelas mais brilhantes, que seriam os galpões, e uma terceira estrela que seria a casa. Em seguida, você apontou para duas estrelas azuladas e disse que éramos nós. Apertei os olhos, tentando ver isso também. Mas tudo o que vi foram estrelas.



— Você consegue ver Londres? — você perguntou. — Lá em

cima?

— Como assim?

— Você consegue ver a cidade? A silhueta dos prédios? As pontes? Você pode enxergar essas coisas nas estrelas?

Esquadrinhei o céu. Estava coalhado de estrelas, e mais estrelas surgiam a cada segundo. Havia estrelas demais para que se pudesse destacar qualquer coisa. Tracei uma linha imaginária entre algumas estrelas, como você fizera para delinear os Separados, e tentei formar o Big Ben. Você rolou o corpo e olhou para mim.

— É engraçado, não é? — você disse baixinho. — Assim como você olha para cima e vê uma cidade e eu olho para Londres e vejo uma paisagem.

Franzi a testa e olhei para você.

— Como assim, ―paisagem‖?

— Tudo o que existe abaixo. — Você esfregou os dedos na barba, enquanto pensava. — Toda a terra e a vida que estão embaixo do concreto, prontas para atravessar o calçamento e retomar a cidade a qualquer instante. Toda a vida que existe abaixo dos mortos.

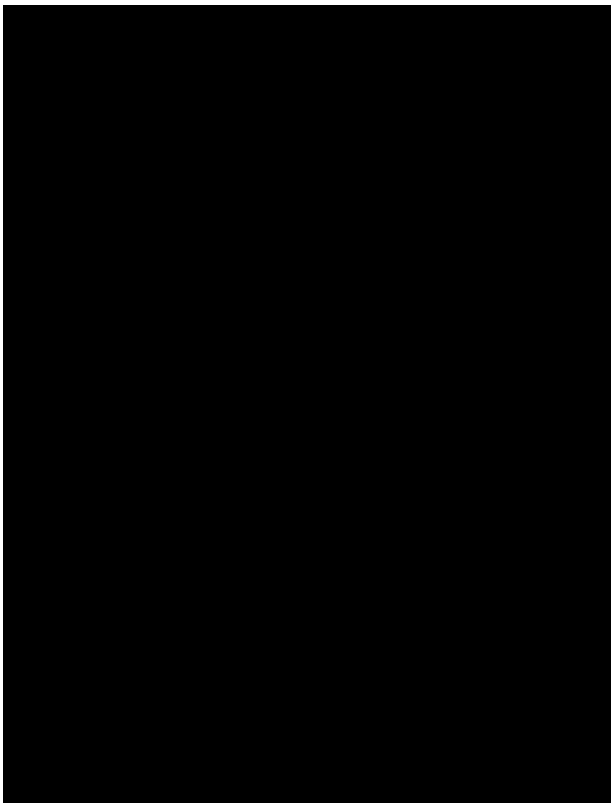
— Londres é mais do que apenas uma pilha de concreto — eu disse.

— Talvez. — Seus olhos cintilaram no escuro. — Mas sem os humanos a natureza reassumiria o lugar. Levaria só uns cem anos

para ela dominar tudo. Na verdade, nós somos transitórios.

— De qualquer forma, nós estamos lá — eu disse. — Você

não pode ignorar os humanos, os edifícios, a arte e tudo o mais que



existe numa cidade. Você não pode tirar isso. Senão, realmente não

haveria nada...

Parei de falar quando me lembrei do que tinha deixado para

trás; quando pensei no meu trajeto para a escola no ônibus

panorâmico, passando pelos museus e pelos portões dos parques.

Pensei nas duas velhas senhoras sentadas à minha frente,

conversando sobre a *EastEnders*[3].C:\Users\Poty\Text\notas.xhtml - footnote-210-

3 Passei os braços em torno das canelas e as apertei com força, quando pensei no que deveria estar acontecendo na minha terra. As

aulas já teriam recomeçado, Anna e Ben já teriam voltado da viagem

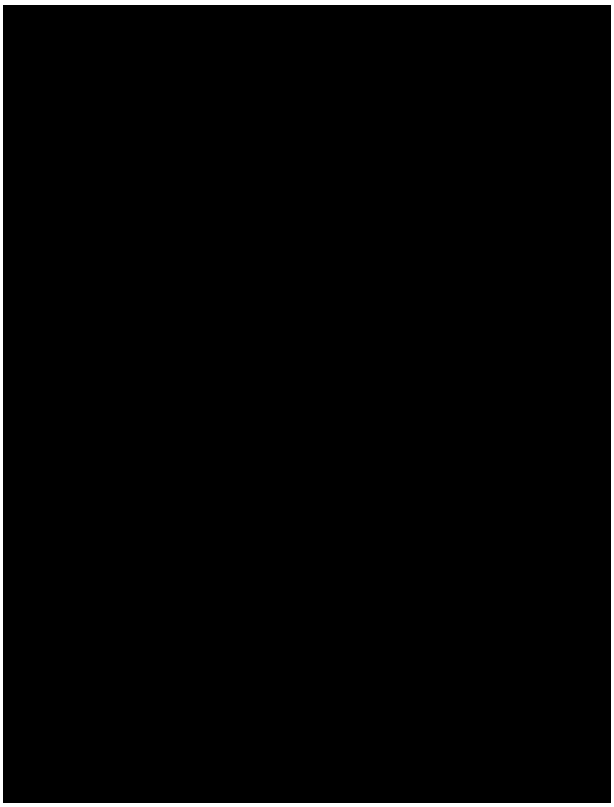
de férias e o verão teria terminado. As folhas estariam passando do

verde para o amarelo, cobrindo o *playground*. A calefação dos corredores da escola ainda não teria sido ligada, e de manhã o

cavernoso auditório da escola devia estar um gelo. Será que meus amigos estariam sentindo a minha falta? Será que alguém estaria anotando as aulas para mim? Ou já teriam me esquecido? Com lágrimas escorrendo no rosto, encostei a boca nos joelhos. Depois escondi o rosto entre os braços, para que você não notasse que eu estava chorando. Mas você se levantou e se postou atrás de mim. Você pousou a mão nas minhas costas, sacudidas pelos soluços. Sua mão era quente e firme.

— Você tem razão — você sussurrou. Senti seu hálito na minha nuca. — Talvez haja coisas boas nas cidades, às vezes... coisas bonitas.

3 Novela exibida na televisão inglesa. (N. T.)



Você me puxou até você. O modo como fez isto foi suave e gentil, primeiro me abraçando pelos ombros, e depois me guiando até você. Com a sensação de estar me movendo em câmera lenta, caí nos seus braços. Você apertou os braços e os dois cobertores em torno de mim, me envolvendo num casulo aconchegante. Pensei na mariposa que tinha capturado — segura na escuridão dos meus dedos, mas prisioneira.

— Desculpe — você disse. — Eu não quis deixar você triste.

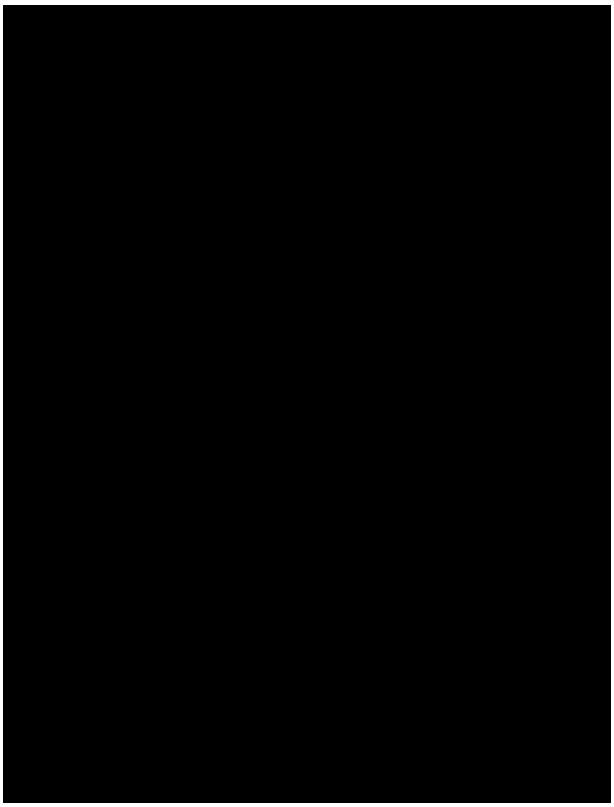
Senti você tremer. Você me apertou com mais força contra o peito, e também contra a areia, terra e pintura que ainda estavam lá. Eu me afundei em você, pela primeira vez precisei de você. Seu cheiro de terra se espalhava em mim. Você afagou meu rosto, levando a tinta ocre que estava lá para os meus cabelos. Permaneci

sob os cobertores, aconchegada no calor do seu corpo. Seus braços eram firmes como pedras. Senti seus lábios roçarem meus cabelos. Senti seu hálito quente nas pontas das minhas orelhas. Contraí o corpo, mas não me afastei. Pensei cuidadosamente nas palavras que queria dizer.

— Se nós estivéssemos em Londres — comecei — antes de tudo isso acontecer, me conhecendo como me conhece agora, você ainda me sequestraria?

— Sim — você murmurou, arrumando meus cabelos atrás das minhas orelhas. — Eu não posso ficar sem você.

Você apertou mais os cobertores em torno de mim. Senti suas mãos quentes e secas sobre os meus ombros, seus dedos friccionando minha pele. Após algum tempo, você se deitou na areia e me levou junto com você. Não tive energia para lutar contra você.



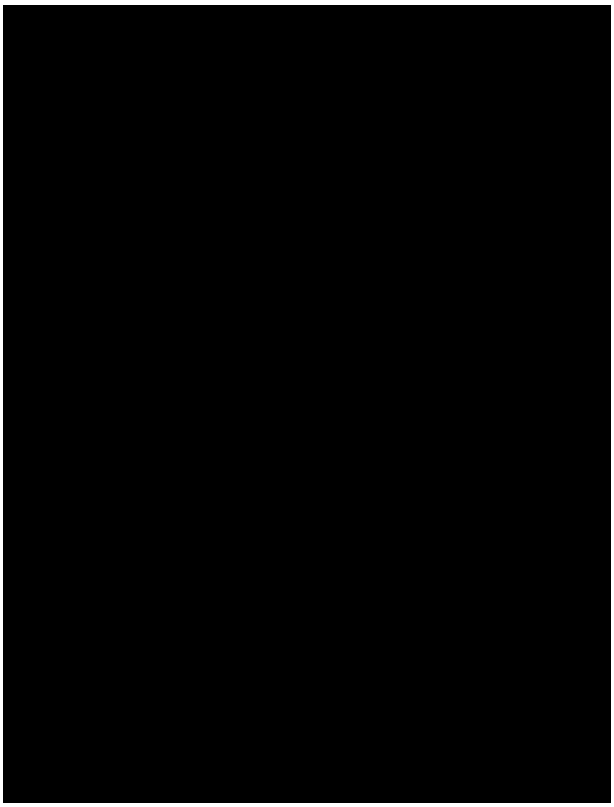


E você estava quente, muito quente. Continuei com o rosto encostado no seu peito. Senti seu corpo relaxar. Deitei de lado na areia. Ainda havia calor nela, mesmo naquela hora tardia. Você me aninhava com um braço e afagava meus cabelos com o outro. E falava. Sussurrava histórias sobre como o deserto tinha sido criado, cantada pelos espíritos da terra. Contou como tudo estava entrelaçado, como o mundo à minha volta se equilibrava na asa de uma mariposa. Fechei os olhos e deixei sua voz me acalentar. Seu ritmo era como o fluxo de um riacho. Senti seus lábios tocarem a minha testa. Estavam macios, não secos. E seus braços me puxavam para você, para as profundezas da terra.

Dormimos assim.

283

Uma frialdade rósea me acordou. Alvorada. Senti a falta do seu calor antes mesmo de abrir os olhos, e descobri que você não estava mais ali. Senti falta do seu calor. Estendi o braço: o lugar que você ocupara ainda estava morno. Talvez você não tivesse saído há muito tempo. O contorno do seu corpo estava estampado na areia. Passei os dedos pela depressão onde sua cabeça repousara, depois pelos seus ombros largos, suas costas e suas pernas. A areia estava firme e compacta no lugar onde você deitara. Restos de pintura tinham manchado algumas partes dela.



Apertei mais os cobertores no corpo, barrando o gélido frescor da manhã. Mas o dia já estava muito claro. Minhas pálpebras adquiriam uma tonalidade laranja quando eu as fechava. Então me sentei. Estava coberta de areia. Devia ter ventado durante a noite. Engraçado, eu nem sentira nada. Espanei a areia. Vi uma linha feita com pedras indo até um trecho de areia mais fofa, alguns metros adiante. Segui as pedras.

No final da linha havia algumas palavras escritas na areia.

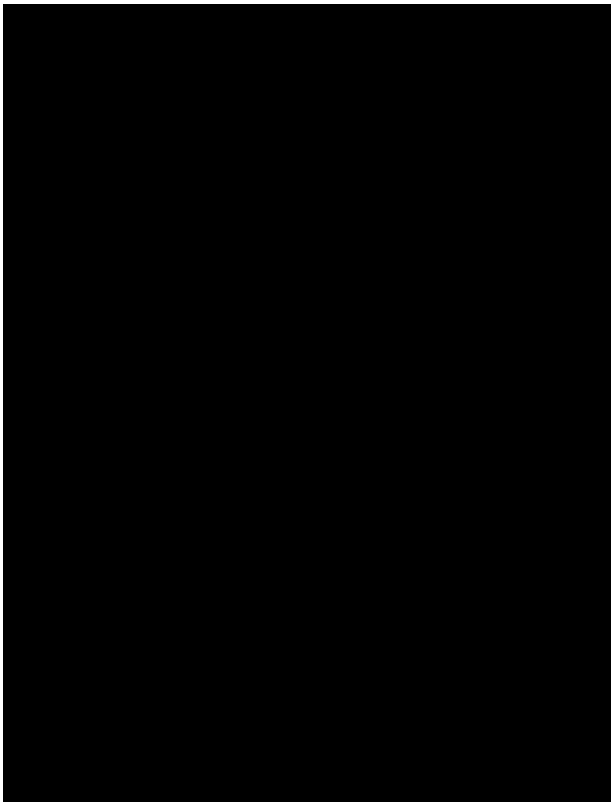
Saí pra pegar uma cobra. Vejo você dipois. Ty b

Eu me ajoelhei e apaguei o —b‖. Depois o escrevi de novo.

Você não me parecia o tipo de cara que escreveria um —b‖ na areia, significando um beijo. Senti um frio no estômago quando pensei no assunto, mas dessa vez não foi de medo.

Fiquei de pé. Meu corpo estava frio e precisava se movimentar. Olhei para a casa, mas não tive vontade de ir até lá. Não ainda. O que eu realmente precisava era sentir seus braços firmes e quentes de novo em torno de mim. Precisava muito do seu calor. Abracei a mim mesma, friccionando os dedos nos braços, para cima e para baixo. Acho que as pessoas são como insetos às vezes, atraídas pelo calor. Uma espécie de ânsia por raios infravermelhos. Meus olhos vasculharam a paisagem, procurando calor humano. De um humano, em particular.

Pestanejei e esfreguei os olhos. Eu estava sendo idiota. Mas não conseguia agir diferente. Eu queria, e ao mesmo tempo não queria, estar perto de você. Não fazia sentido. Sem realmente pensar no assunto, comecei a caminhar na direção dos Separados.



Parei ao lado da camela. Ela estava sentada e sonolenta.

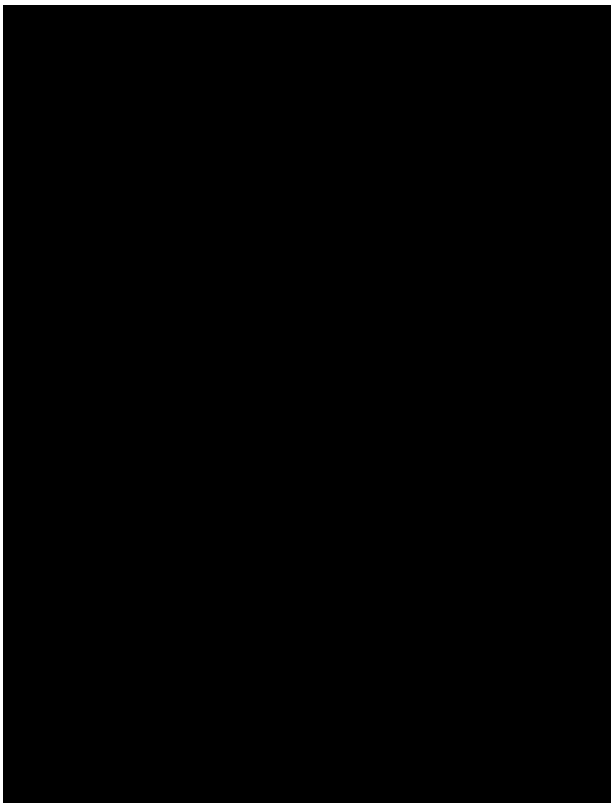
Estendi a mão e a afaguei entre os olhos. Suas pestanas roçaram meu pulso. Eu me sentei ao lado dela, me aconcheguei em sua pele morna e contemplei o nascer do sol, em tons róseos e acinzentados. A manhã estava perfeita, tranquila. Vindos de muito longe, ouvi os guinchos de um bando de pássaros que chegavam aos Separados para seu banho matinal. Tirei as botas, mergulhei os dedos dos pés na areia e os esfreguei nos grãos. Tentei ficar imóvel por alguns momentos, recostada na camela, observando o amanhecer. Mas queria encontrar você.

Descalça, andando nas pontas dos pés, evitando cuidadosamente as plantas espinhosas e as pedras pontudas, comecei a me dirigir aos Separados. De repente, vi pegadas frescas

na areia. As suas. Coloquei o pé dentro de uma delas; seu pé envolveu totalmente o meu.

Suas pegadas contornavam os rochedos. Comecei a fazer o mesmo, lentamente, passando os dedos nas pedras e plantas que me ladeavam. Senti a superfície das rochas passar de lisa para áspera. Toquei os sulcos que havia na superfície de uma delas. Eram as marcas de um antigo riacho. Um pássaro preto grasnou para mim do alto de uma árvore; um aviso áspero, que quebrou o silêncio. Talvez ele estivesse alertando os companheiros sobre a minha presença, um desastrado ser humano entrando aos tropeços em seu território.

Caminhei até me deparar com um ressalto rochoso que se projetava dos Separados. Não consegui enxergar o que havia no outro lado. Mas vi uma série de pedras grandes e lisas que subiam



por sua extremidade, formando um caminho que parecia contorná-lo. Apoiei o braço no paredão lateral, para obter equilíbrio, e comecei a pular de uma pedra para outra. A frialdade delas sob os meus pés era agradável. Algumas florezinhas brancas, que lembravam margaridas desleixadas, emergiam das fissuras.

Quando eu já tinha quase contornado a projeção rochosa, ouvi movimentos no outro lado. Alguns grunhidos. Depois, silêncio. Só poderia ser você. Fiz uma pausa, me apoiando na rocha, com a respiração subitamente acelerada. Eu deveria passar para o outro lado e me mostrar? Deveria ficar parada ali, escutando? Eu apurava os ouvidos para escutar você. Ouvi um leve farfalhar de folhas. Uma

imprecação abafada. Depois, silêncio de novo. Então me colei ao paredão e comecei a contornar o rochedo.

286

— Gemma?

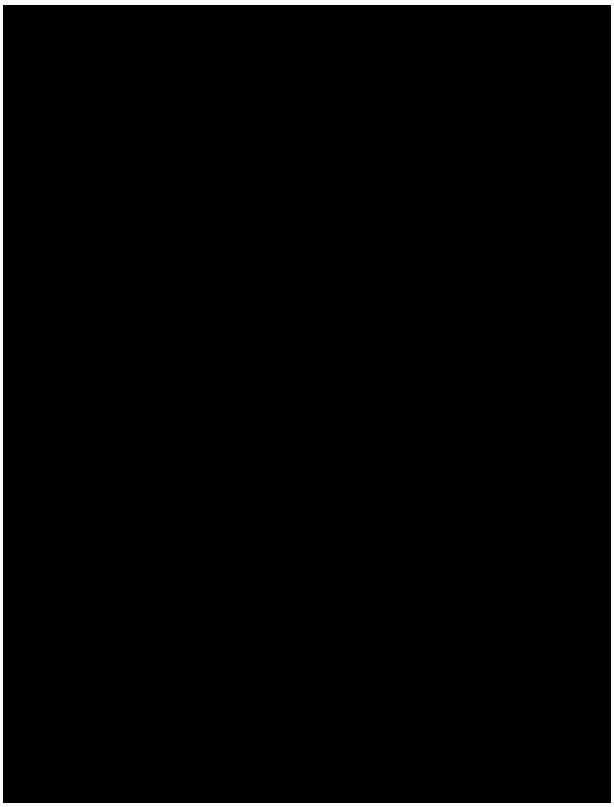
Sua voz me assustou tanto que eu quase caí. Mas me segurei e consegui passar para o outro lado. Você estava de pé, olhando para mim, com os braços estendidos. Por um segundo, pensei que você estivesse esperando por mim nessa posição, pronto para me abraçar; para me aninhar como fizera na noite passada. O sol estava batendo em cheio no seu peito, fazendo sua pele brilhar. Ainda havia restos de pintura grudados nela e nos seus cabelos. Senti vontade de correr na sua direção, mas algo em seus olhos me manteve à distância.

— Onde estão suas botas? — você sussurrou.

Franzi a testa. Então me lembrei.

— A cobra.

Você assentiu com a cabeça.



— Eu estava quase pegando ela quando ouvi você chegar. Eu não estava esperando que você me seguisse. — Você me olhava com olhos afetuosos, curiosos, e um leve sorriso. — Tudo bem — você sussurrou novamente. — Essa cobra não é agressiva. Ela não quer picar você. Basta você ficar imóvel... Fique aí e não venha para a areia, está bem?

— É mesmo? — minha voz estava trêmula. Tossi, para não parecer nervosa. — Não é melhor eu voltar para a casa?

— Não, é melhor você ficar parada. A cobra está por perto; não quero que ela se distraia com seus movimentos. Você me olhou de alto a baixo. — Sente naquela pedra ali e fique imóvel. Vou continuar a procurar por ela. — Você tirou uma mecha de cabelos de cima dos olhos. — Não se preocupe, Gem. Eu já peguei centenas

dessas camaradinhas antes.

Fiz o que você pediu e me sentei cuidadosamente na pedra.

Você começou a andar devagar, se movendo como um caranguejo.

Estendia um pé para a frente e só depois movia o resto do corpo.

— O que você está fazendo?

— Essa cobra se esconde. Se enterra na areia para não ser

vista. Ela é cautelosa e esperta. Nem precisa caçar, a presa é que vem

ao encontro dela.

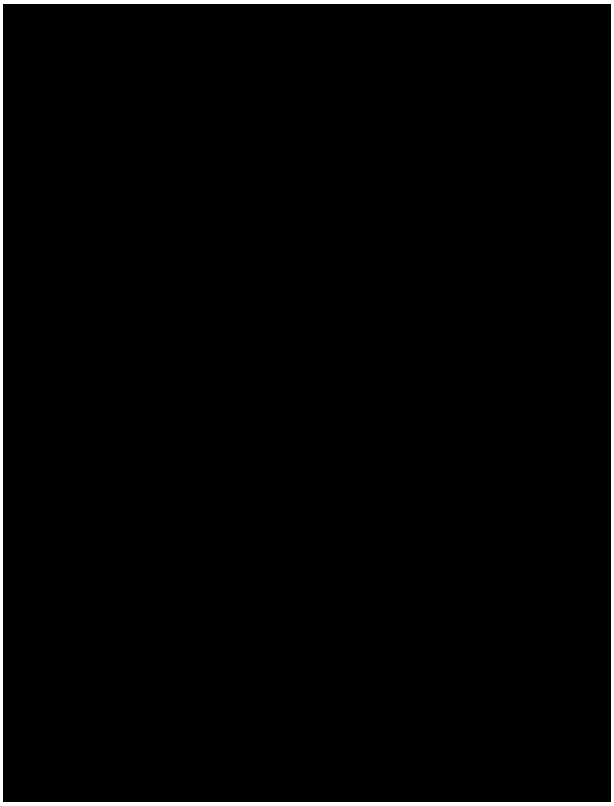
Quando você chegou mais perto de mim, a ponta de uma

cauda se ergueu entre uma pilha de folhas secas em frente à pedra

onde eu estava. Comecei a recuar.

— Ela está aqui — sussurrei.

— Não se mexa.



Meu corpo se contraiu, querendo mais do que nunca correr

em direção à casa. Olhei para a ponta da cauda. Em torno do amontoado de folhas, havia um trecho de areia macia. A cobra estava embaixo dessa areia. Você se curvou um pouco e, de olhos fixos na área à minha frente, veio em minha direção como um ninja.

— Tudo bem, ela está olhando para mim — você disse. — Ela sabe que a ameaça sou eu.

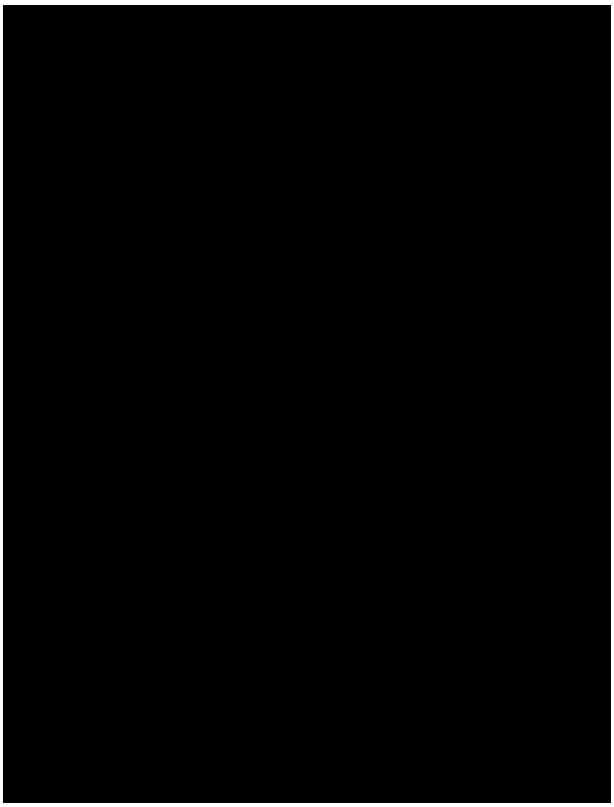
Você caminhou devagar e chegou a menos de meio metro do pequeno monte de areia. Foi quando a cobra ergueu a cabeça, espanando a camuflagem. Fiquei sem ar. Ela era do tamanho do meu braço e tinha a cor da areia, intercalada com finas faixas amarelas. De cabeça levantada, vigiava seus movimentos. Você se imobilizou e a observou... Cada um na expectativa do que o outro

iria fazer.

— Tome cuidado — sussurrei.

Minhas palavras fizeram você relancear os olhos para mim. A cobra percebeu. E escolheu este momento para fugir. Por infelicidade a rota de fuga passava pela pedra onde eu estava — e ela deslizou rapidamente na minha direção. Sua grande cabeça era triangular e achatada, e sua língua entrava e saía da boca. Com a cobra olhando para mim, você se arriscou a dar dois passos na direção dela. A cobra sentiu suas vibrações e se virou, movendo a língua sem parar, tentando identificar a ameaça. Quando encontrou você, levantou o corpo, pronta para dar o bote. Você parou, com os

braços estendidos. Havia apenas um passo entre ela e você. Um movimento e ela atacaria. Ela balançou um pouco o corpo, observando você. Você estava pronto para agir. Mas a cobra



surpreendeu a nós dois: deu meia-volta e se afastou de você. Rapidamente, veio se arrastando ao meu encontro. Você avançou e a segurou pela ponta da cauda. Mas ela escorregou com facilidade por entre seus dedos e, serpenteando de um lado para outro, foi ganhando velocidade na areia.

— Ela está tentando escapar — você gritou, quando a cobra se aproximou de mim. — Não se mexa. Fique exatamente onde está. Ela só está com medo.

Mas não tive como evitar. A cobra estava a centímetros de mim, balançando a cabeça levemente e movendo a língua rosada. Dei um pulo na direção do rochedo, tentando subir nele de qualquer

jeito. Meu pé direito encontrou um ponto de apoio.

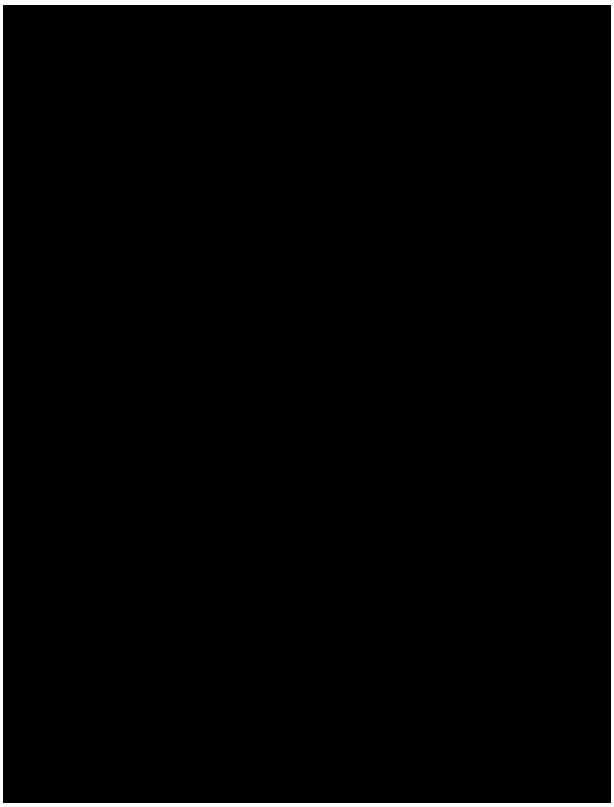
Só que a cobra estava indo na mesma direção. Senti seu corpo

gordo e pesado deslizar sobre meu outro pé. Olhei para baixo e gritei. Foi quando perdi o equilíbrio e meu pé deslizou pela face do rochedo. Tentei me agarrar à pedra, tentei impedir meu pé de escorregar mais. A cobra se arrastava na direção de uma fenda que havia abaixo. Mas não fui rápida o bastante. Um segundo mais tarde, meu pé bateu com força sobre sua cauda. A cobra se virou para mim e abriu a boca em sinal de alerta, exibindo as enormes presas triangulares. Eu me dobrei para trás, tentando me afastar. Mas a cobra não gostou do meu movimento e investiu como um raio contra mim, enfiando os dentes na minha perna.

Depois desapareceu na fenda rochosa.

Num instante você estava ao meu lado.

— Ela picou você? — Você pegou minha perna e a virou de lado. — Eu vi ela dar um bote.



Você segurou minha perna com cuidado e a tateou do joelho para baixo, até encontrar o que estava procurando. Pouco acima do tornozelo, havia pequenos arranhões, como se eu tivesse roçado numa planta espinhenta. Você esfregou o polegar acima e ao redor dos arranhões. Então olhou para mim.

— Preciso da sua camisa — você disse.

— O quê? Para quê?

— Pode ser sua camisa ou meu *short*, você escolhe. Preciso impedir que o veneno suba pela sua perna.

Olhei para seus sérios olhos azuis.

— Use a camisa.

— Não se preocupe — você murmurou. — Eu sei o que fazer. Eu tenho o antídoto.

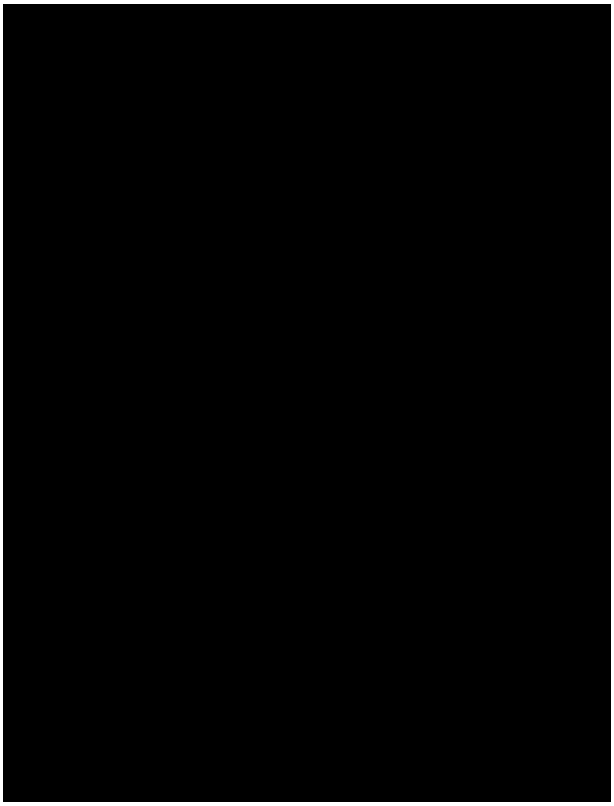
Você tentou sorrir, mas seu sorriso não me pareceu lá muito sincero. Fiquei olhando para você, ainda em choque, eu acho. Você se moveu mais para perto de mim e sentou ao meu lado, para que eu pudesse me apoiar em você.

— Vamos lá, a camisa.

Segurei a camisa e a retirei por sobre a cabeça. Você a arrancou da minha mão. Cruzei os braços na frente do sutiã, mas você não olhou nem uma vez para o meu corpo. Encontrou um graveto longo e reto, e o pressionou contra a minha batata da perna.

— Segure esse galho aí — você disse.

Apertei o graveto contra a pele, enquanto você rasgava minha camisa ao meio e amarrava o tecido na minha perna, com bastante força.



— Não estou sentindo nada — eu disse. — Você tem certeza

que ela me picou?

— Picou. — Você franziu a testa. — Mas talvez não tenha liberado nenhum veneno. Vamos esperar que não, certo? Mas se alguém tivesse pisado em mim com tanta força... — Você não conseguiu terminar a frase e, mais uma vez, deu aquele sorriso forçado. De repente ficou sério, segurou minha cabeça entre as mãos e afagou minha bochecha com o polegar. — A partir de agora você vai ter que me contar tudo o que está sentindo... dor de cabeça, enjoo, dormência... qualquer coisa fora do normal. Isso é importante.

Havia gotas de suor na sua testa. Estendi a mão e as limpei.

— Tudo bem — eu disse. — Mas estou me sentindo bem agora.

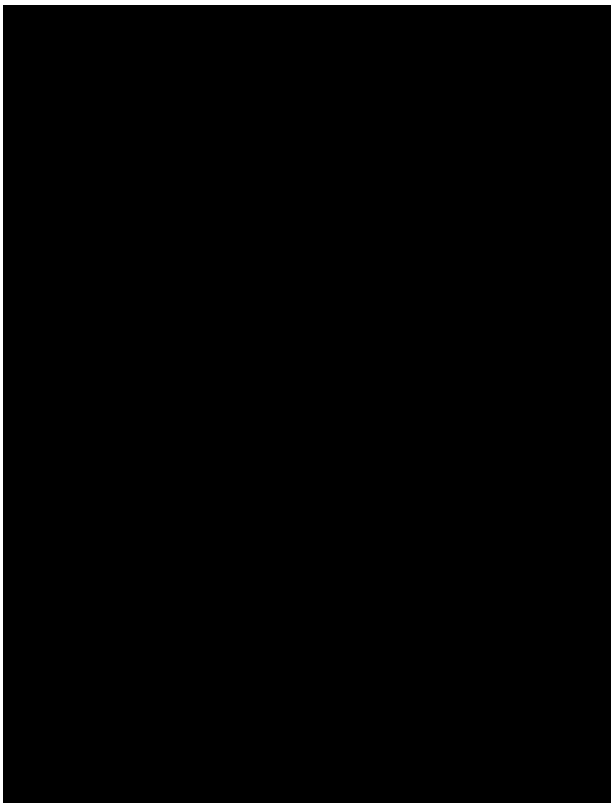
— Ótimo. — Você segurou minha mão. — Mas você precisa ficar calma e não se mexer muito. Mesmo que o veneno não tenha entrado, você precisa permanecer relaxada.

Assenti. Mas não gostei da seriedade da sua voz. Dei uma olhada na minha perna enfaixada. Achei que estivesse começando a sentir uma dormência perto do tornozelo. Fechei os olhos e tentei não entrar em pânico.

— Mantenha a perna bem reta e imóvel — você disse.

Cuidadosamente, você passou um braço por baixo dos meus joelhos e pousou o outro atrás das minhas costas. Depois ficou de pé, me levantando junto com você. Você me segurava com firmeza,

me mantendo um pouco afastada do corpo para que eu ficasse o mais reta possível. Vi os músculos dos seus braços se contraírem com o esforço.





— Vou levar você para a casa — você disse.

Você caminhava depressa, mas com cuidado, avançando por entre as rochas e as triódias. Senti você estremecer quando pisou numa pilha de galhos.

— Não vou deixar nada acontecer com você — sussurrou.

Com a respiração cada vez mais ofegante, você atravessou rapidamente o cercado da camela. Seus músculos estremeciam com o esforço de me manter naquela posição. Fechei os olhos para protegê-los do sol. Os raios eram muito brilhantes e penetrantes.

Virei o rosto para o seu peito e apertei a testa contra ele.

— Qual o problema? — você murmurou, parando de andar.

Senti as palavras ecoarem em seu peito.

— Estou começando a sentir dor de cabeça — murmurei

também.

Você deu um leve suspiro e voltou a caminhar.

— Vou dar um jeito nisso — você disse. — Prometo que vou

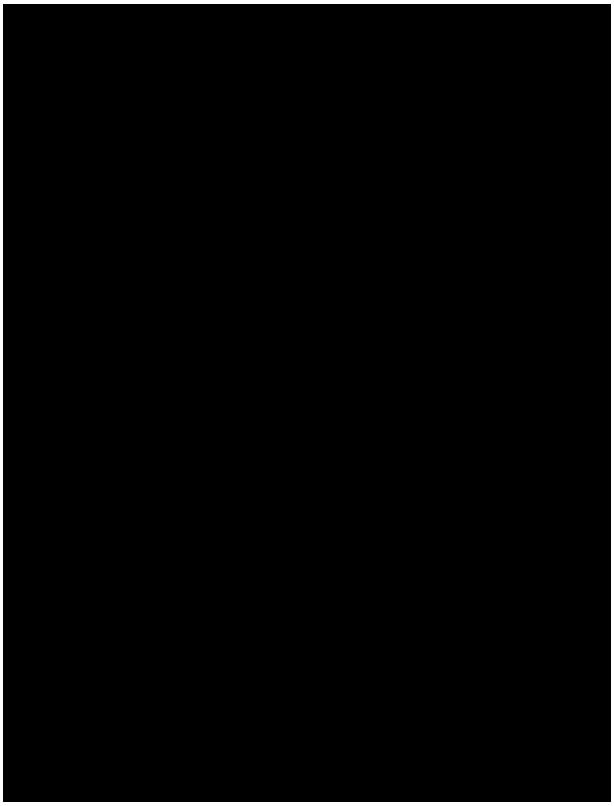
dar um jeito nisso. Mas não entre em pânico.

Eu não disse nada. Estava sentindo uma leve dor na perna e

me concentrei nela.

Você empurrou a porta com as costas, entrou na cozinha e me

pousou suavemente sobre a mesa. Depois desapareceu por alguns



momentos. Ouvi você no corredor, abrindo o armário. A luz do sol

que penetrava pela porta aberta era tão brilhante que me virei para o outro lado da cozinha. Você voltou com duas toalhas. Enrolou uma delas e a colocou embaixo da minha cabeça.

— Como está se sentindo?

— Meio esquisita.

— Esquisita como?

— Só esquisita. Não sei. Como se estivesse para pegar um resfriado ou coisa assim.

Você engoliu em seco.

— Alguma coisa mais? Dor em volta do tornozelo? Dormência?

Assenti com a cabeça.

— Um pouco.

Você verificou minha pulsação, encostou as costas da mão na minha testa e apalpou meu tornozelo. Depois, sacudiu a outra toalha e se inclinou sobre o meu peito, de testa franzida.

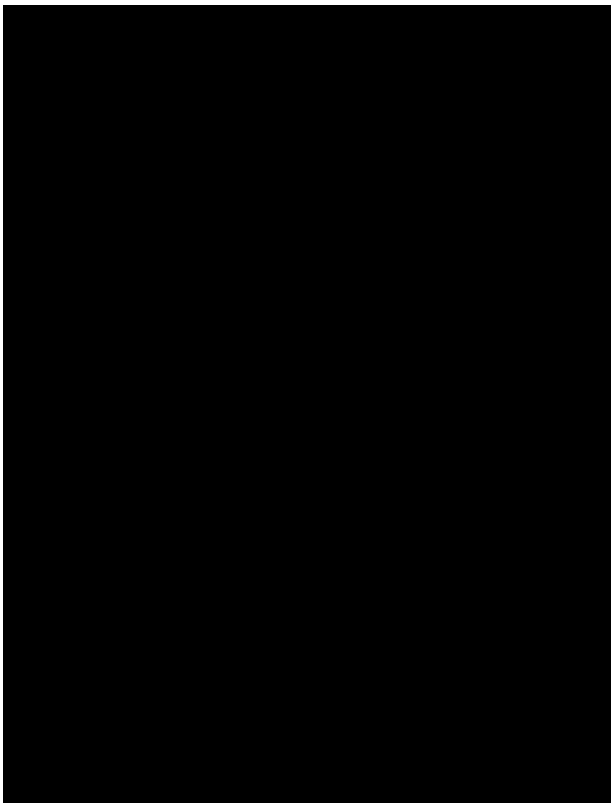
— Acho melhor trazer uma camiseta para você, não?

— O quê?

Com as bochechas ligeiramente ruborizadas, você gesticulou com a cabeça, indicando meu sutiã.

— Não quero que você se sinta desconfortável. — Você ergueu uma sobrancelha e forçou o sorriso novamente. — E eu também preciso me concentrar.

Você foi pegar a camiseta. Através da porta aberta, ouvi o guincho de uma ave de rapina, que devia estar circulando acima de nós, mas foi só. Apalpei o alto da perna. Até que ponto a picada



teria sido grave? Eu não conseguia saber se o seu tom brincalhão era porque você realmente não estava preocupado ou se era para disfarçar sua preocupação.

Você voltou logo e me deu uma camisa, me segurando enquanto eu a vestia para que eu não tivesse de mover muito a perna. Depois saiu e voltou com uma caixa de metal. Abrindo a tampa da caixa, retirou um rolo de atadura e a enrolou sobre a camisa que já estava enrolada na minha perna. A atadura ficou bem apertada.

— Não dá para acreditar como fui burro — você murmurou.

— Como assim?

— Eu deixei você ser picada, não foi?

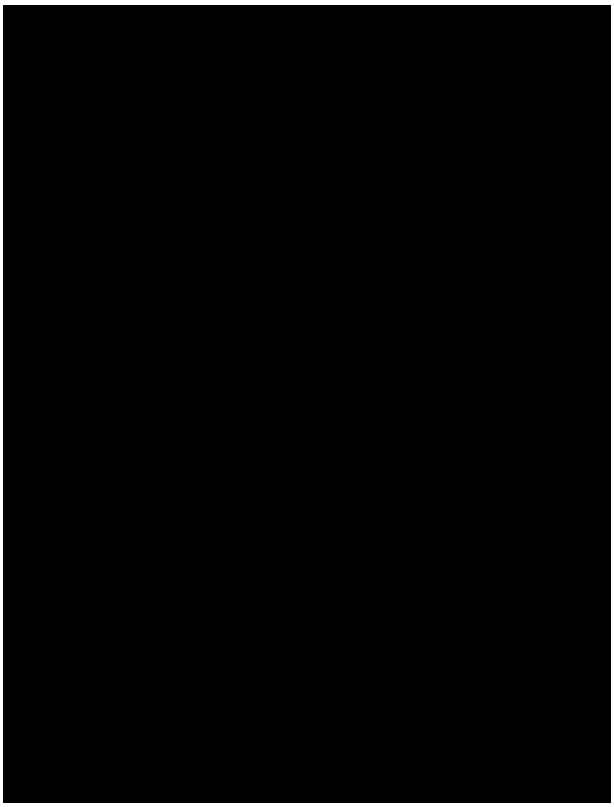
Você colocou a caixa no chão e remexeu nela fazendo

barulho. Curativos, ataduras e luvas de borracha caíram no chão enquanto você vasculhava dentro dela.

— Eu deveria ter capturado essa cobra há dias — continuou.

— E deveria pelo menos ter tentado dessensibilizar você ao veneno dela. Mas é que eu nunca sou mordido por cobras e meio que esperava... pensei que nós iríamos ter tempo para cuidar dessas coisas...

Você parou de falar quando encontrou o que estava procurando. Então retirou a mão de dentro da caixa. Sua mão estava fechada. Quando você a abriu, vi uma chave dentro dela. Seus dedos pareciam estar tremendo. Seu rosto estava muito pálido, como quando você teve aquele pesadelo. Senti uma súbita vontade de tocá-lo. Estiquei um pouco os dedos na sua direção.



— Eu roubei antídotos de um laboratório de pesquisas —
você explicou. — Você vai ficar boa.

Você foi até a pia e usou a chave para abrir a gaveta trancada que havia abaixo. Depois remexeu no conteúdo. Suas costas me impediam de ver o que havia lá dentro. Você retirou alguns pequenos frascos de vidro e uma bolsa plástica cheia de um líquido claro. Colocou tudo sobre a bancada da pia. Em seguida pegou uma tira de borracha, uma coisa que parecia uma agulha e voltou para perto de mim, deixando a gaveta aberta. Então segurou meu braço e apertou algumas veias. Olhei para os frascos. Eram os mesmos que eu já tinha visto antes, espalhados à sua frente na mesa da cozinha.

— Você sabe o que está fazendo? — sussurrei.

— Claro. — Você esfregou a testa. — Você vai ficar boa. —

De qualquer forma, aquela cobra não é tão perigosa.

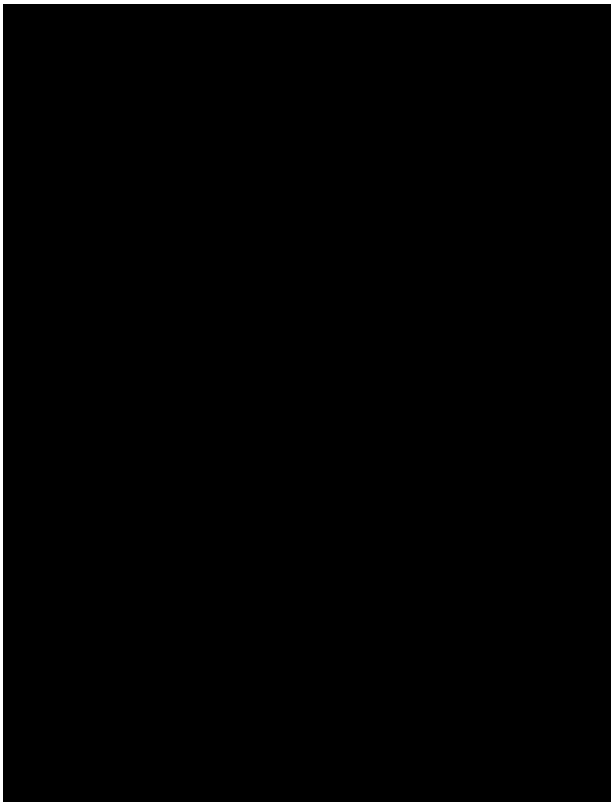
— Até que ponto ela é perigosa?

— Vou dar um jeito. — Você amarrou a tira de borracha em volta do meu braço bem acima do lugar onde tinha apertado minhas veias. — Olhe para o outro lado — você pediu.

Olhei para a gaveta aberta. Você abriu alguma coisa que produziu um estalo. Senti a picada da agulha, uma sacudida quando você prendeu a bolsa plástica... e alívio quando você desamarrou a tira de borracha. Depois, um súbito fluxo de sangue e soro percorrendo minhas veias.

— O que é isso? — perguntei, ainda olhando para a gaveta.

— Solução salina, que também peguei no laboratório de pesquisas. Misturei com o antídoto da víbora-da-morte. Deve



começar a se espalhar pelas suas veias imediatamente, e você vai se

sentir melhor.

Ao registrar suas palavras, virei a cabeça para você.

— Víbora-da-morte?

Você afagou meu rosto.

— O nome é pior que a mordida.

Olhei para o tubo enfiado em meu braço, observando o soro que, lentamente, saía da bolsa e entrava no meu corpo.

— Como você aprendeu a fazer isso?

Seus olhos se desviaram dos meus.

— Pratiquei em mim mesmo.

Você deu um tapinha na lateral da bolsa, verificando a rapidez do fluxo.

— E agora?

— Agora vamos esperar.

— Quanto tempo.

— Uns vinte minutos, não sei bem. Até a bolsa esvaziar.

— E depois.

— Depois vamos ver.

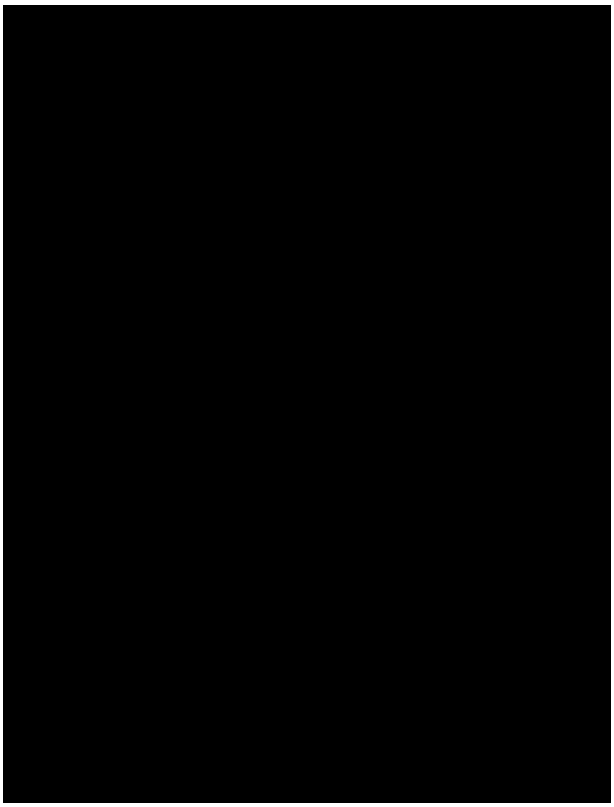
Você puxou uma das cadeiras da mesa, sentou ao meu lado e passou o dedo levemente na agulha espetada no meu braço.

— Eu vou melhorar depois disso? — perguntei acenando com a cabeça para a bolsa.

— Mais ou menos.

Uma vez mais vi suor na sua testa. E sua têmpora pulsando rapidamente.

— Você está preocupado — sussurrei. — Não está?



Você abanou a cabeça.

— Que nada — você arquejou. Sua boca estava petrificada em um sorriso. — Você vai ficar boa. Eu tenho outra bolsa dessas, caso seja necessário. Mas você vai ficar ótima. Apenas relaxe e espere.

Mas seus olhos estavam irrequietos, e tremiam levemente nos cantos. Você soltou o ar dos pulmões, com deliberada lentidão, e pressionou os cantos dos olhos.

— O que vai acontecer comigo? — sussurrei. — O que você está escondendo?

Senti minha respiração acelerar e minha garganta apertar.

— Nada — você disse rapidamente. — Mas não entre em pânico, isso é a pior coisa que pode acontecer. Quando você entra

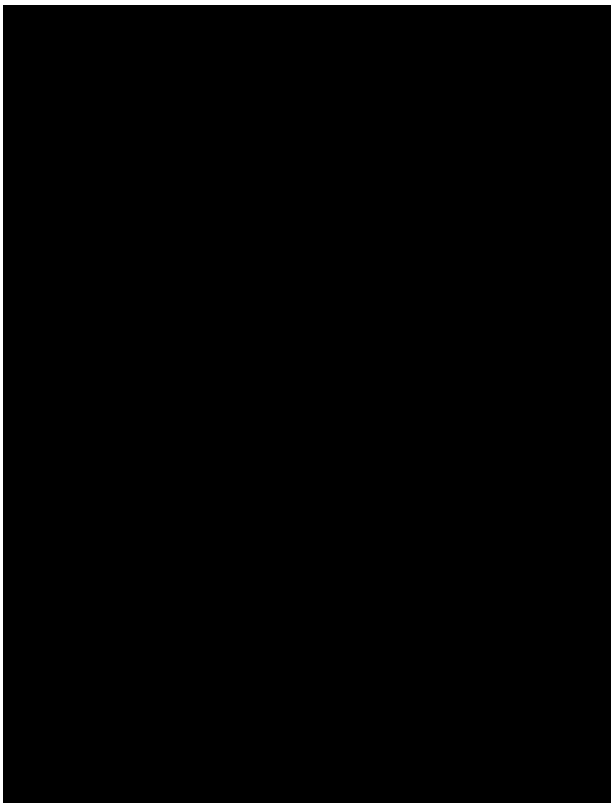
em pânico, o sangue corre mais depressa e acelera a propagação do veneno. — Você massageou os músculos do meu pescoço. — Relaxe —murmurou.

Mas eu não conseguia me acalmar, não como deveria. Só conseguia pensar que iria morrer ali, numa mesa de cozinha, em meio a um bilhão de grãos de areia. Minha respiração se acelerou ainda mais. Você pôs a mão na minha boca para me acalmar. Depois afagou meus cabelos.

— Não se preocupe, está tudo bem — você repetia sem parar.

— Eu vou manter você saudável.

Fechei os olhos. Atrás das minhas pálpebras só havia trevas. Talvez fosse tudo o que eu veria dentro em breve. Talvez a dormência que tomava conta da minha perna estivesse para dominar meu corpo, depois minha mente e depois seria o fim. Meu



coração pararia de bater e uma dormência eterna assumira seu lugar. E eu iria para debaixo da areia, com areia por cima, por baixo e em volta de mim. Agarrei com força as bordas da mesa, enterrando as unhas na madeira macia.

— Calma — você murmurou.

Eu já havia pensado na morte antes, diversas vezes. Mas a morte que eu imaginava, violenta e dolorosa, seria causada por você. Não seria essa morte letárgica e imperturbável.

— Você não vai morrer — você sussurrou. — Só precisa esperar. Eu estou aqui e sei como ajudar. Só não entre em pânico. — Você acariciou meu rosto. — Gem, eu não vou deixar nada acontecer com você.

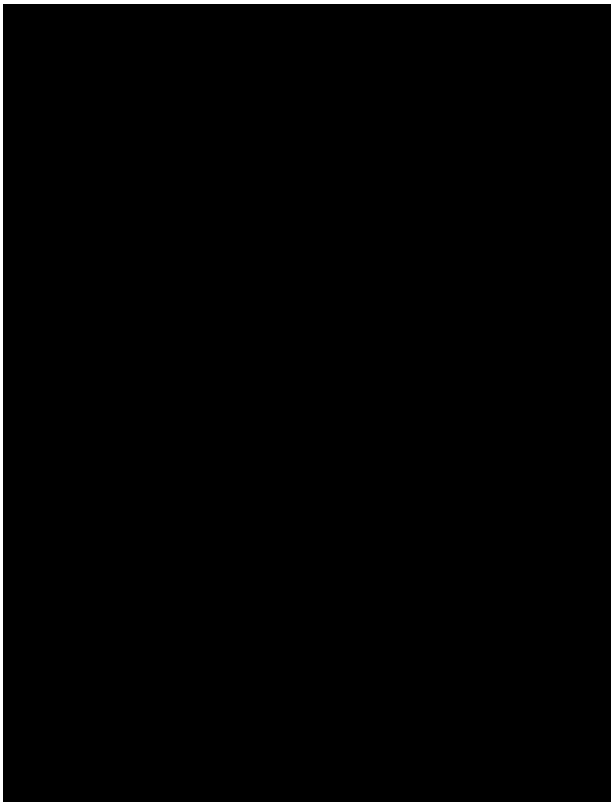
Você afastou as mechas de cabelo suadas que cobriam minha testa.

— Você está com febre — murmurou. — Muita febre.

Cerca de metade do soro da bolsa já tinha entrado dentro de mim, mas eu ainda sentia uma dorzinha incômoda na extremidade da perna. Seria por causa da picada da cobra ou porque as ataduras estavam muito apertadas? Você verificou meu pulso novamente.

— Você está ficando enjoada? — perguntou.

— Na verdade, não.



— Alguma dor no estômago?

— Não.

Você colocou os dedos sobre a boca enquanto pensava.

Depois olhou fixamente para minha perna enfaixada.

— Ainda está doendo aí?

— Sim.

Tive a impressão que a dorzinha incômoda já tinha chegado ao joelho, e subia vagarosamente pela minha coxa. Estendi a mão e toquei um lugar próximo ao ponto onde ela parecia estar.

— Está aqui — eu disse. — A dor está aqui.

Você fechou os olhos por um segundo. O canto de um deles ainda estava tremendo. Você pressionou aquela parte da minha perna e deslizou os dedos até o tornozelo.

— O veneno está viajando rápido — você sussurrou. Para você mesmo, eu acho. — Está tudo inchando. — Olhou para a bolsa de soro e a apertou para ver quanto ainda restava. — Vou colocar o outro frasco. Olhei você retirar o antídoto com a agulha e injetá-lo na bolsa. Você agitou a bolsa. — Isso vai te dar um barato — você disse.

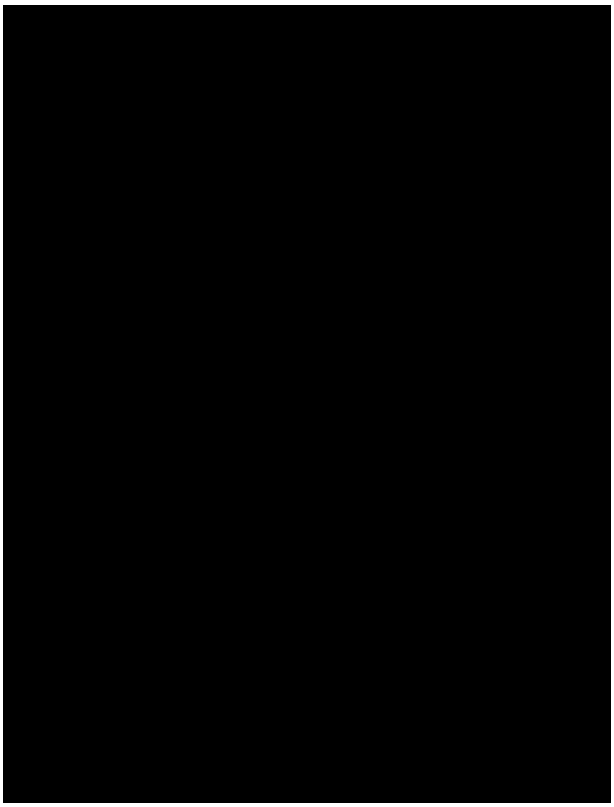
Você tentou sorrir, mas só conseguiu fazer uma careta.

— Esse é o último frasco, não é? — perguntei.

Você assentiu, com o rosto tenso.

— Deve bastar.

Você começou a limpar minha testa novamente, mas eu segurei sua mão. Acho que não queria me sentir sozinha naquela hora. Não queria que você se sentisse sozinho também. Seus olhos se arregalaram quando você sentiu meus dedos tocarem você. Percorreram meu rosto, minhas bochechas e minha boca, descendo



pelo meu pescoço. Eu era o melhor panorama que você jamais teria.

O estado em que deixei você, naquele momento, fez com que eu me sentisse eufórica.

— Você está tonta? — você perguntou.

— Um pouco. Parece que estou flutuando.

Comecei a apertar sua mão, desejando que parte da sua força se infiltrasse em mim. Você me encarou. Havia perguntas em seus olhos, e pensamentos por trás deles.

— A essa altura, o antídoto já deveria estar funcionando — você disse. — Não sei por que não está.

— Talvez leve tempo.

— Talvez.

Pude sentir a tensão nos seus dedos. Você olhou para a bolsa

de soro. Depois se levantou rapidamente e se postou ao lado da porta aberta. Meus dedos esfriaram depois que você os largou. Pestanejei. Os contornos dos armários da cozinha estavam se esfumando. Tudo ficou ligeiramente desfocado. Eu me senti flutuando numa névoa.

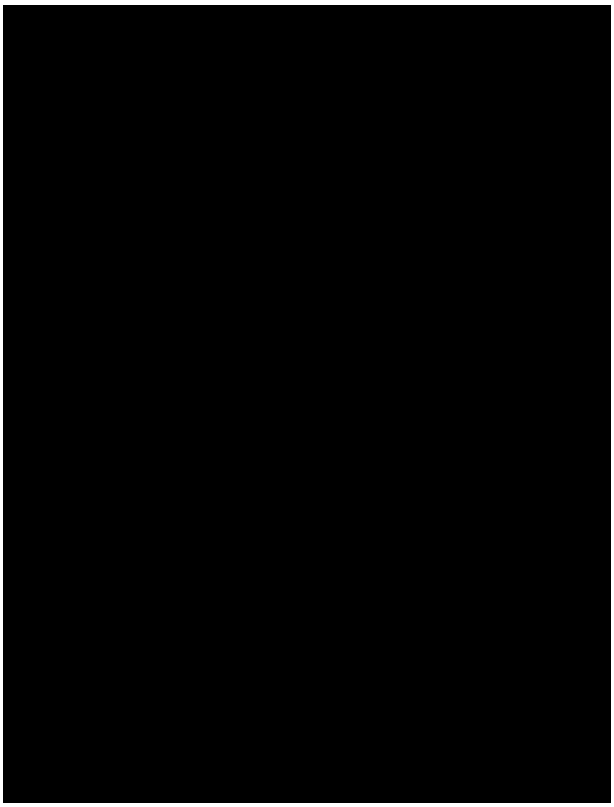
Você começou a andar de um lado para outro. Depois pegou os frascos vazios e começou a ler os rótulos, franzindo a testa.

— O que foi?

Você deu um suspiro. Um dos frascos se quebrou na sua mão.

— A única explicação que consigo encontrar é que o antídoto não está funcionando corretamente. O lugar em que eu guardei os frascos... minha preocupação é que estivesse muito quente.

— Isso significa o quê?



Você voltou para perto de mim, tropeçando na cadeira, e pousou a mão úmida no meu ombro. Seus olhos procuraram os meus.

— Significa que temos duas alternativas.

— Que alternativas?

— Ou ficamos aqui e enfrentamos a situação... eu tenho outras substâncias, naturais, que podem ajudar você. Ou então...

— O quê?

Você limpou a testa com o lado da mão.

— Ou nós voltamos.

— Voltamos para onde, o que você quer dizer com isso?

Você deu um suspiro profundo e entrecortado. Então falou lentamente, olhando para os armários da cozinha, sem querer

pensar nas palavras que estava dizendo.

— Há uma mina não muito longe daqui. Já lhe falei dela uma vez. Eles têm um consultório médico. Eles podem estabilizar você. Eu poderia levar você até lá antes que você...

— Por que você vai fazer isso? — interrompi. — Pensei que você não queria me deixar ir embora.

— E não quero.

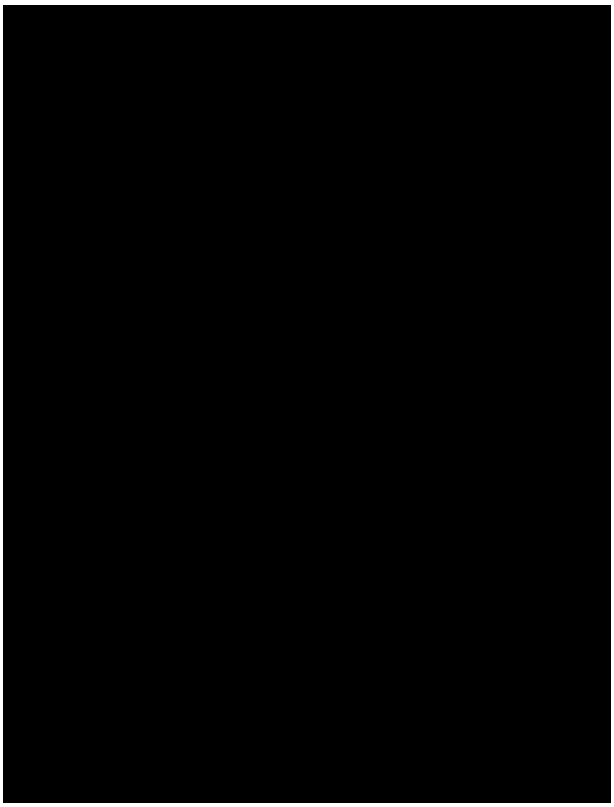
Sua voz falseou um pouco.

Observei você olhando para mim. Vi meu rosto nos seus olhos, refletido em dobro.

— Você disse quatro meses.

Você teve de engolir as emoções antes de conseguir falar.

— Você escolhe. Vou fazer o que você quiser.





— Você não disse que a cidade mais próxima estava a centenas de quilômetros?

— Está... a cidade mais próxima.

— Então como...

— O lugar aonde eu posso levar você é uma mina. Lá só tem alguns homens e um grande buraco. Mas eles têm um consultório médico e uma pista de pouso. Eles podem ajudar você.

— A que distância fica?

— É longe. — Você sorriu um sorriso triste. — Mas eu

conheço um atalho.

Seu rosto se contraiu, assumindo uma expressão angustiada.

— Você realmente me levaria de volta? — sussurrei,

gemendo um pouco ao sentir uma pontada de dor nas entranhas.

302

Você assentiu e afagou meu rosto.

— Vou preparar a camela.

Pousei as palmas das mãos na madeira fria e lisa da mesa e

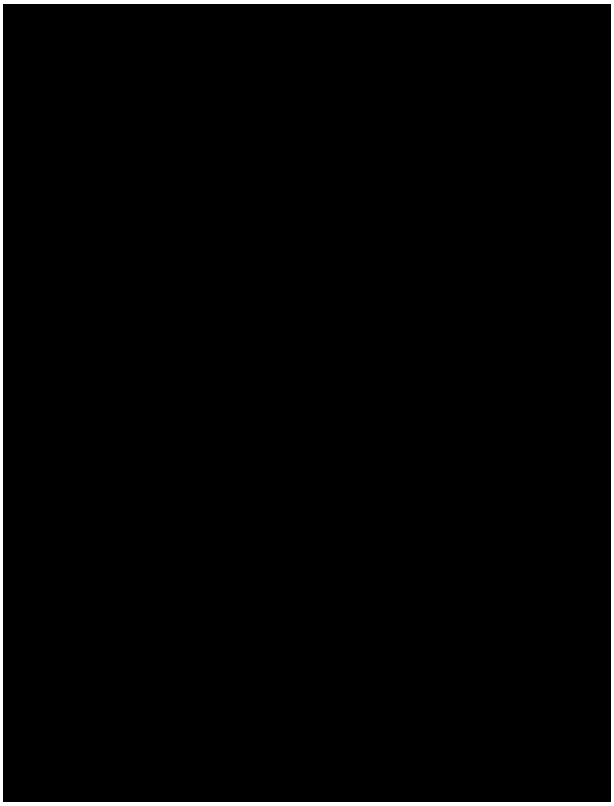
aguardei seu retorno. Olhei para a bolsa de soro, agora vazia,

desconectada do meu braço. Algum tempo antes eu estava

caminhando pela areia, ansiosa para encontrar você. Agora estava

olhando para o teto da cozinha com veneno percorrendo meu corpo.

Meus olhos queriam se fechar. Quase permiti. Seria fácil afundar na



névoa que ameaçava me engolfar. Eu me concentrei na dor que

sentia no estômago, enquanto ouvia você no lado de fora, chamando a camela. Eu não sabia como você me tiraria dali, e ainda não sabia se realmente faria isso. O aposento começou a girar levemente e senti um enjoo que subiu até a garganta. Virei-me para o lado e cuspi. Depois apertei a mão no peito. Podia sentir meu coração batendo. Bumba, bumba, bumba. Dava a impressão de que iria atravessar minhas costelas, quebrando tudo. Tentei respirar mais devagar. Antes, tentei determinar exatamente onde estava o meu coração. Lado esquerdo ou direito? Nós já tínhamos aprendido isso na escola. Pressionei a mão em todos os lugares do peito, tentando sentir o coração, mas parecia que todo o meu peito tinha virado um coração. Todo o meu corpo estava batendo. E as batidas estavam se

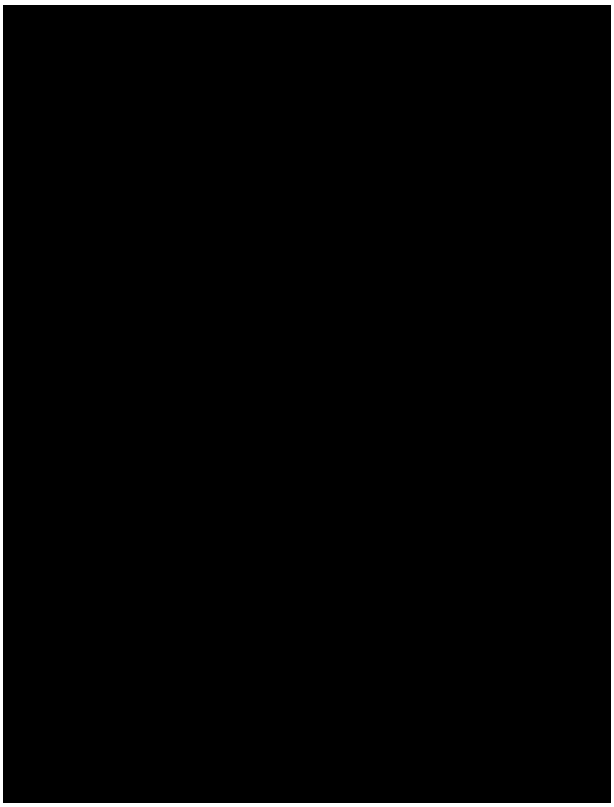
acelerando. Tive a sensação de que iria explodir.

Olhei para os armários, procurando me concentrar em outra coisa... qualquer coisa menos a morte. Meus olhos se fixaram na gaveta aberta. Algumas folhas de papel tinham caído quando você estava procurando os frascos. Pisquei, tentando focalizar os olhos. Vi aquela fotografia. A que eu vira antes, da garota com o bebê. Estava entre as outras folhas.

— Gem?

Sua voz me trouxe de volta. Você estava passando pela porta, carregando um monte de coisas, que deixou cair no chão. O barulho reverberou ao meu redor. Você se aproximou de mim, viu para onde

eu estava olhando e pegou a foto. Antes que você a enfiasse no bolso traseiro do *short*, tive um último vislumbre dela. Vi os longos cabelos da sua mãe e o bebezinho que você era.



Quando estava para fechar a gaveta, você hesitou e tirou outra coisa de lá.

— Fiz isso para você — você disse em voz rouca.

Você enfiou o objeto num dos meus dedos. Era frio e colorido. Um anel. Fora entalhado de maneira tosca numa pedra só. Era lindo. Tinha reflexos verdes cor de esmeralda e vermelhos cor de sangue, que se projetavam sobre a minha pele. Pequenos pigmentos dourados refletiam a luz. Eu não conseguia parar de olhá-lo.

— Por quê? — perguntei.

Você não respondeu. Tocou o anel delicadamente e me

encarou com um olhar penetrante. Havia perguntas não formuladas em seus olhos. Depois você segurou minha mão e verificou a

pulsação, apertando os dedos na minha pele. Sua pele estava molhada de suor. Eu me sentia duas vezes mais febril que poucos momentos antes.

— Agora escute — você disse com mais firmeza, recuperando o controle da voz. — Eu tenho um plano.

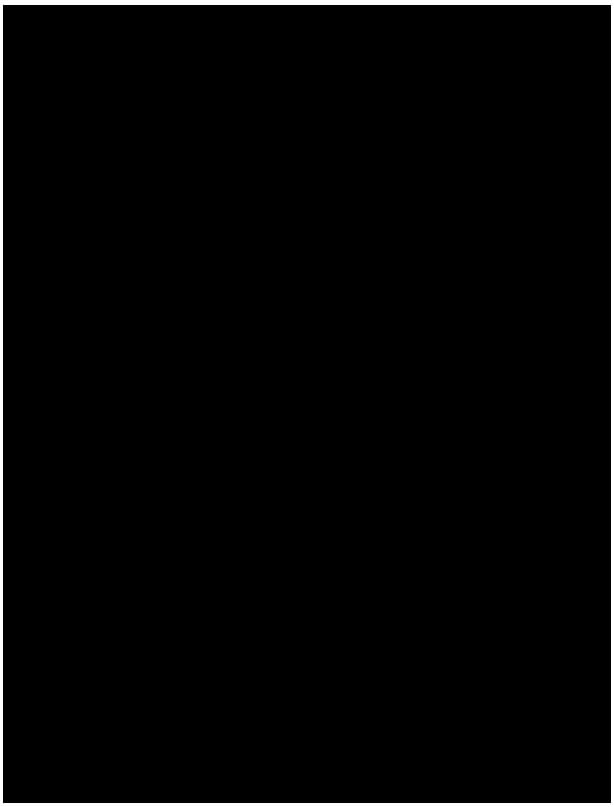
Tentei me concentrar em você, mas os contornos do seu rosto estavam um pouco fluidos. Você pegou uma coisa no chão.

Pestanejei quando percebi o que era: uma longa serra de metal. Seus dentes pareciam afiados, mas estavam enferrujados.

— O que você vai fazer com isso? — eu disse, tateando a perna enfaixada.

Você notou.

— Não se preocupe, sua perna não está em perigo. — Você acenou com a cabeça indicando a mesa. — Mas as pernas dela estão.



Você enfiou a mão na caixa de metal, retirou mais ataduras e começou a desenrolá-las. Uma delas você colocou sobre a minha barriga. Então deu um passo para trás, olhando para mim como se estivesse me medindo.

— E agora? — perguntei.

— Vou amarrar você na mesa — você disse. — Depois vou amarrar você na camela. Depois vamos até o lugar onde você deixou a caminhonete e ligar o motor.

Havia muitas coisas mal explicadas naquele plano, portanto me concentrei na caminhonete.

— Você nunca vai encontrar a caminhonete.

— Eu vou.

Pensei na última imagem que tinha da caminhonete,

afundada na areia.

— Não vai conseguir dar partida — eu disse. — Está enguiçada.

Você deu de ombros.

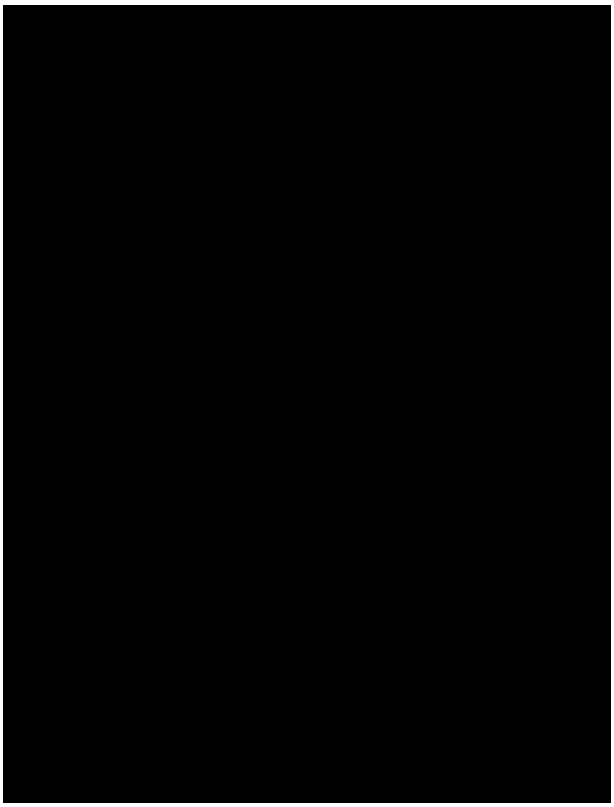
— Deve estar.

— Eu não quero morrer lá — sussurrei.

Mas acho que você não me escutou. Pegou uma caixa e começou a enchê-la com frascos de vidro, comida e garrafas de água. Depois, com um movimento rápido, me pegou no colo e me depositou suavemente no chão.

— É só enquanto eu corto as pernas da mesa — você disse, sorrindo com ar constrangido.

Uma corrente de ar entrou por uma fresta do assoalho e fez a poeira rodopiar, o que me deu cócegas nas narinas. Você pegou a





serra e começou a cortar uma perna da mesa. Senti o ar vibrar enquanto você serrava, e a serra se transformou em um borrão acobreado. A primeira perna foi cortada. Você passou para a seguinte. Você trabalhava com rapidez. Mas eu gostaria que você trabalhasse mais rápido.

Logo o tampo da mesa, apenas com tocos de pernas, estava no chão ao meu lado. Você me deitou em cima dele e me amarrou com bastante força, usando as ataduras que tinha preparado.

— Está muito apertado — reclamei.

Você secou meu rosto com a toalha e a deixou sobre o meu corpo. Depois encheu um copo com água, que me forçou a beber.

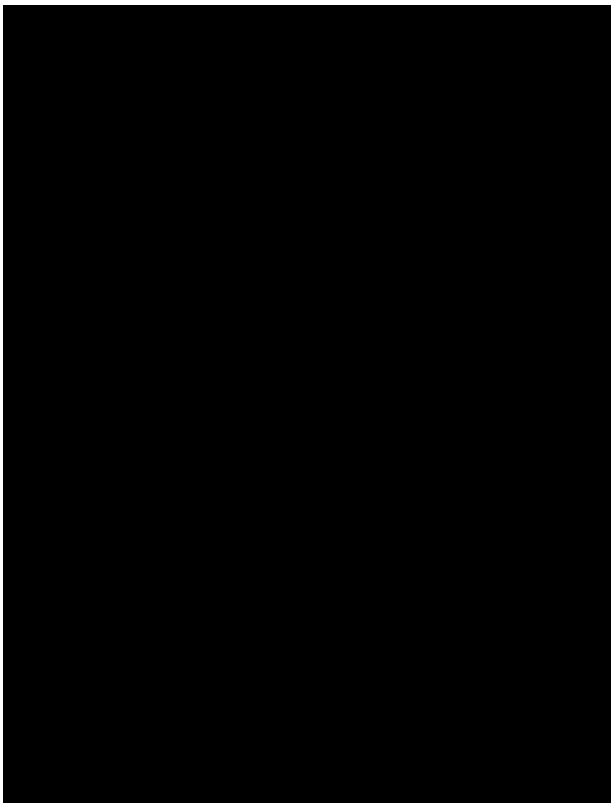
— Vai ficar cada vez mais quente — você disse.

Gritei quando você carregou a maca improvisada para fora.

O balanço dos seus passos me dava câimbras no estômago. Fechei os olhos para protegê-los do sol e coloquei a toalha sobre o rosto. Por baixo do pano, minha respiração era morna e ofegante, e minhas bochechas pareciam quentes como carvão.

Quando você pousou a mesa na areia, comecei a ficar tensa.

A camela estava ao meu lado, de joelhos. Eu podia ouvi-la ruminando e também sentia seu calor. Estendi o braço para o lado e toquei a barriga dela com as pontas dos dedos. Você estava no outro

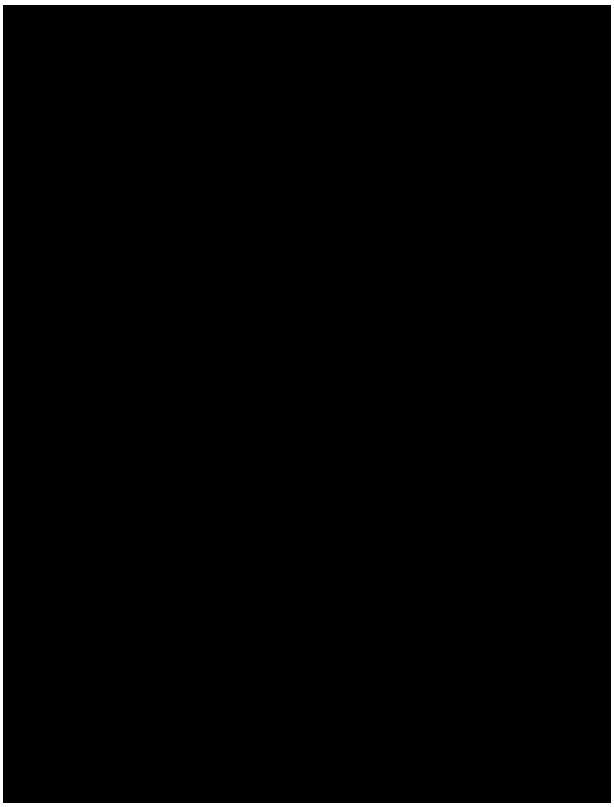


lado. Ouvi você amarrando alguma coisa; presumi que fosse a caixa que tinha acabado de encher. Você jogou uma corda na minha direção, por sobre a corcova da camela, e a amarrou na mesa. Depois puxou a corda com força. A maca se moveu pela areia, me aproximando mais da camela. Fiquei tão perto que podia sentir o cheiro desagradável dela e ouvir seu estômago roncar. Encostei a mão nela. Um minúsculo inseto pulou dela para a minha pele. Você mandou a camela se levantar. Ela soltou um gemido que se iniciou em seu ventre e ecoou ao meu redor. Em algum lugar ao longe ouvi você lhe dizer palavras de encorajamento. De repente, ela levantou as pernas dianteiras e meu corpo foi sacudido para trás. Soltei um grito e me agarrei ao seu pelo. A dor foi pior quando ela ergueu as pernas traseiras. Mas de alguma forma a maca

permaneceu na horizontal, comigo em cima, atada firmemente ao flanco da camela. Como um alforje pesado.

— Aguente aí, Gem — você disse, pousando a mão no meu ombro. — Isso vai doer um pouco.

A camela deu alguns passos hesitantes. Eu me preparei, agarrando as bordas da mesa. Meu corpo balançava para frente e para trás, gerando pontadas de dor. Finalmente nos pusemos a caminho. Assim que começou a se mover, a camela pareceu se esquecer do peso que carregava e começou a andar lepidamente. Levantei um pouco a toalha e perscrutei o lado de fora. Com uma das mãos, você segurava uma corda amarrada na camela e, com a outra, uma longa vara. Você andava depressa, quase correndo, para acompanhar as largas passadas da camela. Suor porejava do seu peito nu, lavando os últimos vestígios de tinta.



— Vamos, menina — você gritava —, mais rápido...

As palavras que você falava eram um pouco como uma canção, entoada no ritmo das passadas da camela. Os sons se fundiam em minha mente, cada vez mais suaves...

Tentei respirar devagar, me concentrando na canção, em vez de nas cãibras que sentia no estômago. A luz começou a ofuscar meus olhos, me impedindo de enxergar. Recoloquei a toalha sobre eles. Você tinha colocado uma garrafa com água de cada lado da minha cabeça. Encostei o rosto numa delas; minha pele esfriou um pouco. Mas as garrafas logo ficaram tão quentes quanto eu. O barulho da água se agitando ressoava nos meus ouvidos. Meu corpo sacolejava a cada passo. Minha cabeça latejava.

A certa altura, você fez a camela parar e enfiou alguma coisa

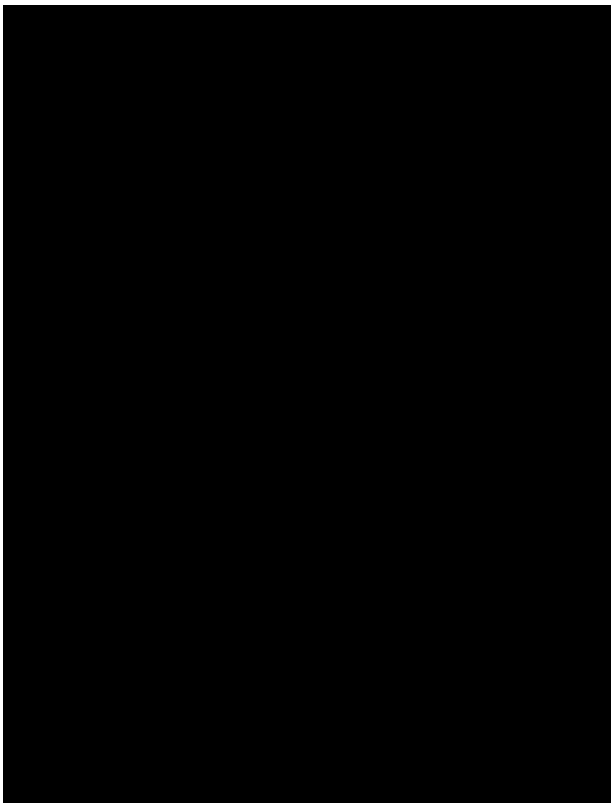
na minha boca.

— Mastigue isso — você disse. — Vai aliviar a dor.

A substância era macia como goma de mascar, mas amarga como uma folha. Um cheiro terroso invadiu minhas narinas. Uma dormência se espalhou nos meus lábios. Reiniciamos a marcha. Eu ouvia a água se agitar, a camela caminhar e você ofegar ao nosso lado. Uma mosca zumbiu acima da toalha. O calor me sufocava, tornando minha respiração entrecortada. Acho que dormi.

Eu estava de volta ao lar, caminhando na minha rua. Era um dia quente de primavera. No gramado do vizinho, algumas crianças

chapinhavam numa piscina inflável. Pulei a cerca da minha casa e fui até a janela do meu quarto de dormir. Sacudindo o trinco do modo certo, poderia abri-la. Mas não fiz isso. Não dessa vez. Fiquei empurrando e batendo na janela, tentando forçar a entrada. Uma



fina rachadura se abriu no vidro. Examinei minha mão para ver se havia algum caco. Em seguida, olhei pela janela.

Havia uma criança na minha cama. Tinha cerca de dez anos, cabelos marrom-acobreados e olhos verdes. Meu coelhinho cor-de-rosa estava ao lado dela. Ela agarrava as cobertas com força e mantinha os olhos bem abertos. Estava olhando para mim.

Enquanto eu a observava, ela olhou para a porta do quarto, medindo a distância que teria de correr. Ela poderia fazer isso. Eram apenas cinco passos até a porta e mais dez até a cozinha. Ela estendeu a mão para o interfone, mas eu já sabia o que ia acontecer.

Sua mão esbarrou no copo que estava ao lado da cama e o derrubou no chão. Quando sua boca se abriu para gritar, eu apertei os dedos nos lábios e abanei a cabeça.

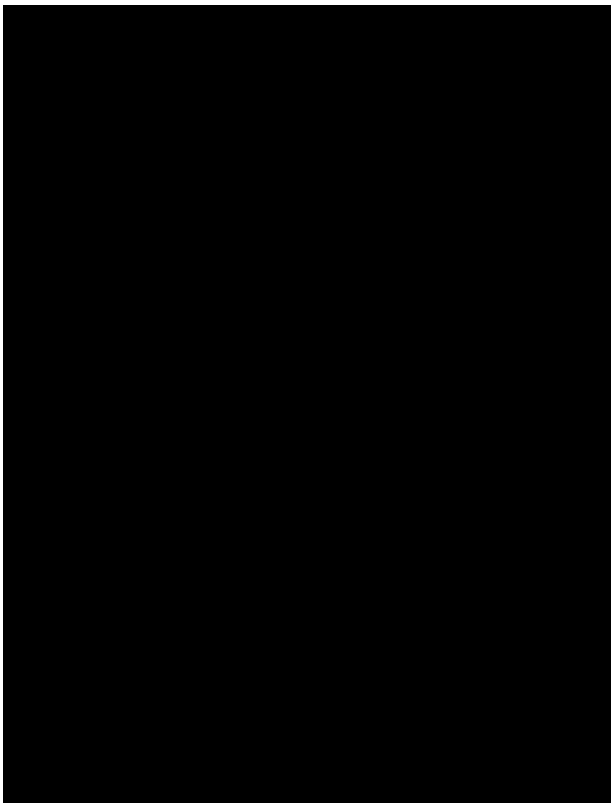
309

— Não — eu disse em voz inaudível. — Está tudo bem. Sou eu.

A garota se imobilizou então, de boca aberta, me olhando como se eu fosse um ser interplanetário. Sorri de leve para ela. Então, tirei uma coisa do bolso — um ninho de passarinho — e o depositei no parapeito da janela.

Então eu soube. Era você depositando o ninho na janela. E era eu quem estava olhando para fora. Eu era nós dois.

Gotas de água surgiram sobre a minha testa e fizeram a toalha se grudar na minha pele. Obriguei meus olhos a se abrirem. Estendi um braço para fora da toalha e gotas de água caíram na minha mão. Pensei que ainda estava sonhando. Tirei a toalha de cima do rosto. Água fria e refrescante molhou minhas bochechas e minha boca. Quando atingia meu rosto quase se evaporava. Botei a



língua para fora e lambi aquela água. O céu estava cinzento. Já não fazia tanto calor. Eu conseguia respirar.

Meu corpo chacoalhava mais do que antes. A camela tinha acelerado o passo. Senti uma dor aguda no pescoço e soltei um grito. Virei a cabeça. Você estava trotando, esticando bem as pernas, para acompanhar a camela. Seus olhos relancearam na minha direção. Você percebeu que eu estava olhando para você. Tive vontade de perguntar há quanto tempo nós estávamos em marcha. Mas minha garganta estava apertada e não consegui falar.

— Não falta muito — você disse, ofegante de tanto correr.

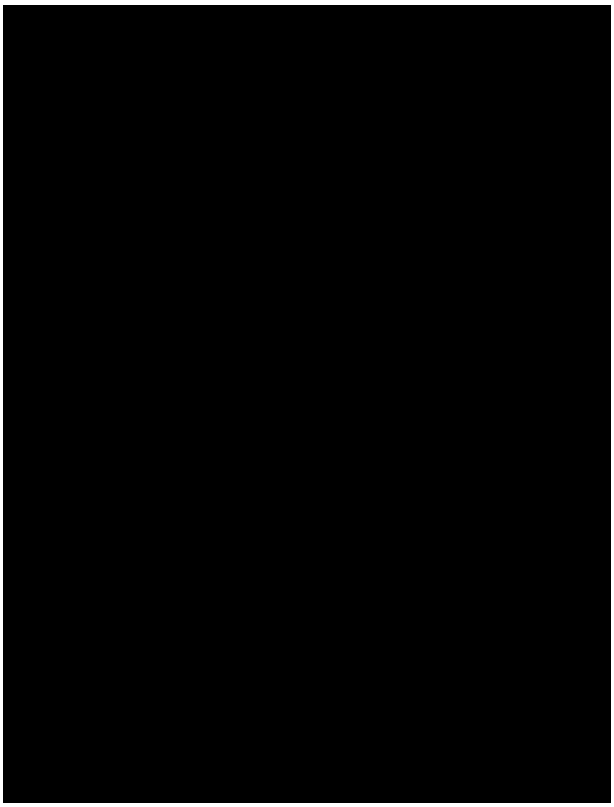
Olhei para as gotas de água, que agora caíam em maior volume. Você sorriu, esticou os braços para os lados e deu um rodopio, sem deixar de correr.

— Chuva — você disse. — O céu está chorando por você.

Você estalou a língua e deu umas batidinhas com o bastão nas pernas da camela, que aumentou o ritmo das passadas. Minha maca começou a balançar com mais força. Eu me contraí de dor. Era a primeira vez que eu sentia dor desde que você me dera as folhas para mastigar. Você notou e fez a camela diminuir o ritmo. Ergui um pouco a cabeça e olhei para onde nos dirigíamos. Não estávamos longe de um afloramento de rochas e árvores. A chuva aumentou. A toalha se colou no meu corpo. O temporal formava cascatas sobre você e escureceu seus cabelos. Você os jogou para trás, arremessando mais gotas sobre mim.

— Vamos ter que esperar essa chuva passar — você arquejou.

A chuva tamborilava sobre a areia, produzindo um estrépito que lembrava uma pequena salva de palmas ou um leve solo de



bateria. Eu sentia novamente muitas câimbras no estômago. Mas chegamos ao terreno onde estavam as árvores. Rapidamente, você fez a camela se abaixar, descarregou os suprimentos e preparou um abrigo improvisado, utilizando lonas, cordas e galhos. Com bastante cuidado, me levou até lá e me deitou sobre um cobertor. Depois tirou a toalha molhada de cima de mim e a trocou por alguma coisa quente e seca.

— Você está com febre — você disse.

Tentando bloquear a chuva que entrava por um dos lados do abrigo, você puxou uma ponta da lona. Depois colocou outro cobertor em cima de mim. Minhas pálpebras estavam secas e pesadas. Ouvi um ronco que parecia vir do céu. Achei que eram trovões. Você levantou minha cabeça e a colocou em seu colo.

— Abra os olhos — você disse. — Fique comigo.

Eu tentei. Acho que usei todos os músculos do rosto apenas para entreabrir os olhos. Acabei conseguindo. Vi você de baixo para cima. Seus lábios estavam acima dos meus olhos e seus olhos estavam acima dos meus lábios.

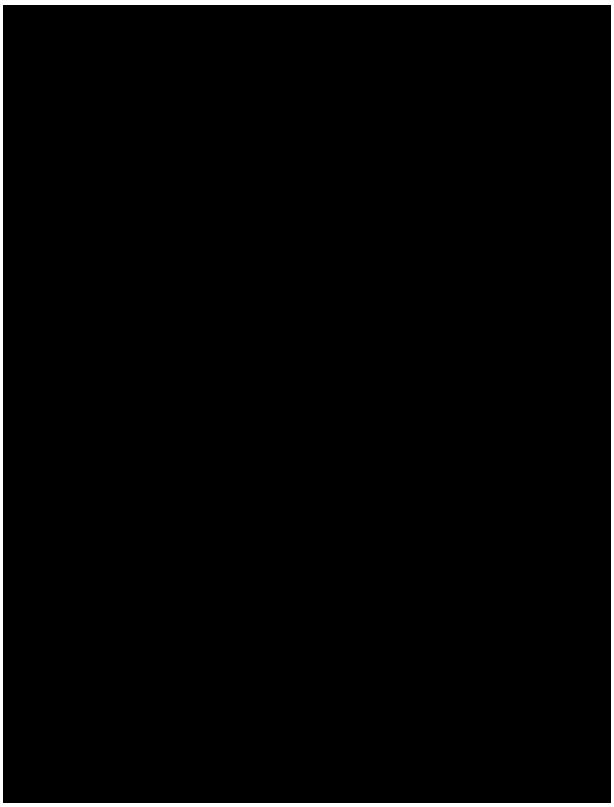
— Fale comigo — você disse.

Minha garganta parecia estar se fechando; como se tivesse inchado, transformando–se em uma massa de carne sólida. Eu segurei sua mão.

— Então fique olhando para mim — você disse. — Fique me

escutando. Você olhou para o céu, verificando como estava o tempo.

— Isso não é exatamente uma tempestade. É apenas o efeito colateral de uma tempestade perto da costa. Vamos esperar que não dure muito.



Franzi a testa. Eu pensava que nunca chovia no deserto. Você leu minha expressão.

— Normalmente não chove — você murmurou. — Só quando é preciso.

Seu rosto começou a sair de foco. Seus olhos boiavam em uma piscina redonda de pele marrom. Abri a boca para respirar melhor e uma gota de chuva caiu dentro dela. Você afastou as mechas de cabelo molhado que estavam sobre a minha testa.

— Vou lhe contar uma história — você disse. — É sobre a chuva.

Você despejou um pouco de água na minha boca. Comecei a tossir e quase cuspi tudo fora. Você também tomou um gole de água antes de prosseguir.

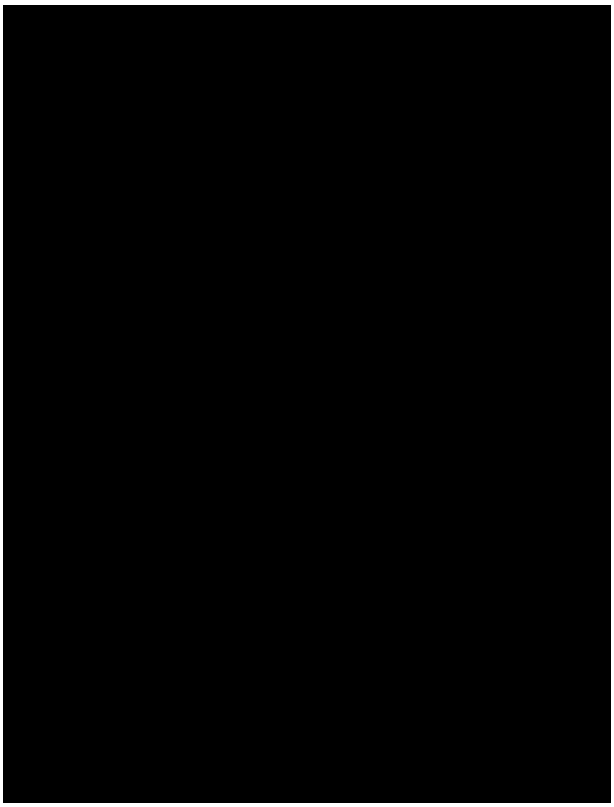
312

— A chuva aqui é sagrada — você disse. — Vale mais que dinheiro ou pedras preciosas. Chuva é vida.

Você pressionou os dedos nas minhas têmporas. Com essa pequena pressão, ficou mais fácil manter meus olhos abertos e olhar para você.

— Quando chove nesta terra — você disse —, a água se mistura com a areia e forma rios vermelhos. Leitos secos há meses ganham vida ,e as águas vermelhas feito sangue criam veias na terra... criam vida. É como se a terra revivesse e injetasse vida em tudo.

Você esticou a mão para fora da lona, embaixo da chuva, e a pousou na terra. Depois a recolheu e mostrou para mim: estava manchada de barro vermelho. Você afagou minha testa, minhas bochechas e meus lábios. Senti grãos de areia se espalharem na



minha pele; senti o cheio ferruginoso e o frescor da chuva. De alguma forma, isso me ajudou a ficar acordada.

— Quando a chuva cai aqui — recomeçou —, animais que não eram vistos há meses, às vezes há anos, se arrastam para fora da terra. Plantas se erguem da areia. Raízes ganham vida.

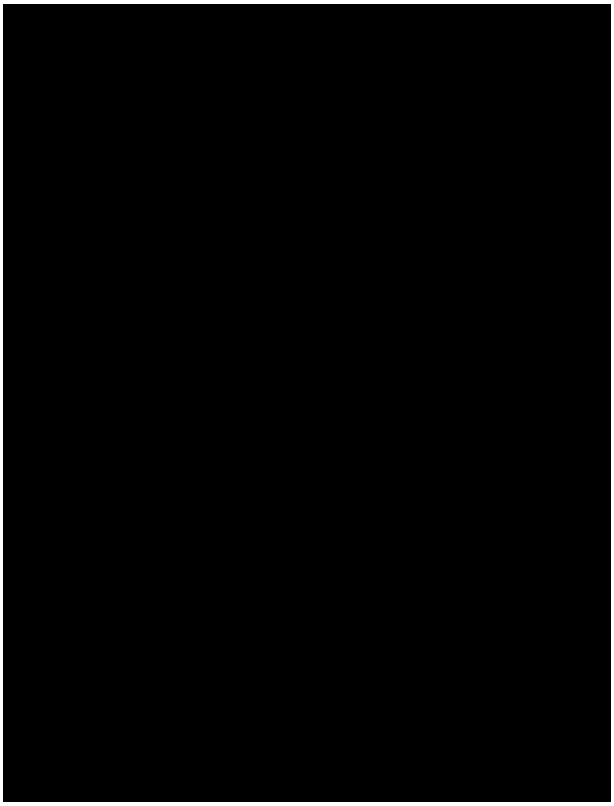
Seus dedos se moviam pelo meu rosto. Eu sentia suas unhas curtas tamborilando na minha pele, como a chuva, e me mantendo acordada. Quando você voltou a falar, sua voz estava sussurrante. Tive de me esforçar para entender suas palavras antes que elas se perdessem no barulho do temporal.

— Existe uma tradição quando a chuva cai — você disse. — As mulheres dançam na beira nos baixios dos rios vermelhos. Enquanto elas dançam, sangue escorre pelas pernas delas... o

sangue-chuva e o sangue delas. Não é só a terra que sangra por aqui... nós sangramos também.

Seus dedos deslizaram para baixo e roçaram os meus lábios. Senti gosto de sal. Um grão de areia deslizou para dentro da minha boca. Você massageou o barro vermelho no meu pescoço e nos meus ombros, fazendo com que penetrasse na minha pele. Uma gota de chuva caiu na minha testa e escorregou pelo meu rosto, levando parte do barro. Eu me senti como as árvores que vira sangrar quando me perdi nas dunas de areia: coberta de fios de seiva rubi.

Uma vez mais ouvi o som estrondeante, com se a terra estivesse se abrindo em algum lugar ao longe e engolindo alguma coisa. Rapidamente, você olhou na direção do barulho. Depois examinou as lonas, verificando se estavam bem presas.



— Então, como você vê — você murmurou —, a chuva é a

forma de o deserto mudar. Por toda a parte, em torno de nós, as plantas estão se espalhando, os insetos se acasalando... as coisas vivem novamente.

Seu rosto começou a rodopiar. Você continuava a falar, mas eu já não escutava as palavras. Seus lábios eram lagartas se remexendo. Com a pele pesada e inchada como a de uma larva, eu me sentia afundar. Uma dor incômoda percorria meus músculos. Eu também precisava da chuva para reviver.

De repente você estava me recolocando na maca, apertando as ataduras e as cordas ao meu redor. Senti uma dor torturante no estômago, era como se alguém enfiasse a mão lá dentro e retorcesse minhas entranhas.

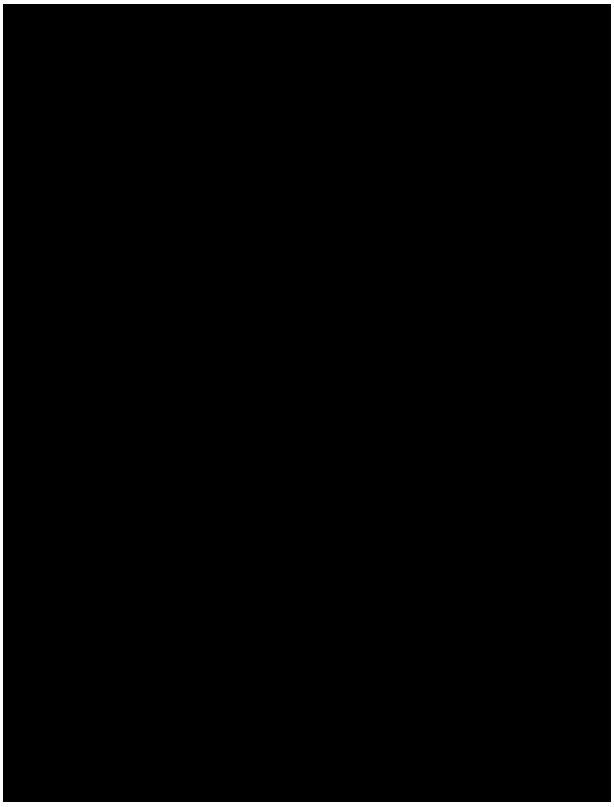
— Abra os olhos — você estava dizendo. — Abra.

Seus cabelos estavam pendurados acima de mim gotejando água, que caía sobre o meu nariz. Você mandou a camela se levantar. Ela roncou como um trovão, protestando. Você bateu com a vara no flanco dela. Senti que ela levantava as pernas da frente; depois as de trás.

— Agora vamos, minha senhora — você gritou.

Ainda estava chovendo, mas só um pouco; as gotas eram leves como as de um irrigador de grama. Abri a boca e senti a água bater na língua e nos dentes. Acho que aquela chuva era a única coisa que me mantinha viva. Cada gota era como uma espécie de

remédio, me curando... me mantendo consciente. A chuva caía e a camela corria.



Após algum tempo — não sei quanto —, encontramos a caminhonete. Você mandou a camela se abaixar sob as árvores, me desamarrou e levou a camela para um lugar afastado. Em seguida tentou dar partida na caminhonete; ouvi os rangidos e os roncos do motor. Ouvi também os gemidos da camela. Tentei desesperadamente manter os olhos abertos. Olhei para o céu, azul-acinzentado e para as árvores, cujas cascas ainda estavam cobertas por veios de sangue. Insetos bebiam a seiva vermelha. Moscas zumbiam e passeavam por todo o meu corpo. Senti o cheiro da terra recém-molhada de chuva. A caminhonete roncava e rosnava, se debatendo na areia. Você gritou com a camela. Um galho estalou em algum lugar.

Você voltou para perto de mim com cobertores e água, e fez

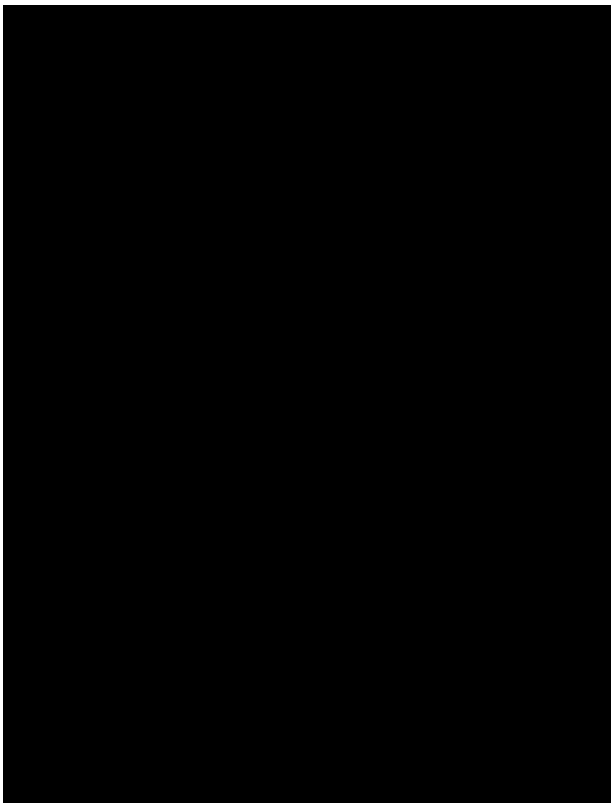
com que eu bebesse. Você falava sem parar, mas suas palavras eram apenas ruídos de fundo; como o vento sibilando na areia ou um rádio com estática. Você segurou meu braço e enfiou uma agulha nele. Senti alguma coisa disparando nas veias. Fiquei um pouco mais desperta depois.

— Temos que andar depressa — você estava dizendo.

Você me levantou e me levou até a caminhonete. Sua pele estava coberta de óleo, terra e suor. Você cheirava a gasolina. A caminhonete roncava, nos esperando. Você parou antes de me colocar dentro dela.

— Quer se despedir? — você disse.

Você estalou a língua e a camela veio em nossa direção. Aproximou o rosto enorme do meu e começou a farejar minha bochecha. Seu cabresto tinha desaparecido. Estendi a mão e toquei



seu nariz aveludado, mas a sensação de maciez só chegou aos meus dedos depois que os afastei dela.

— É isso aí — você murmurou.

— Como vai encontrar ela de novo? — tentei dizer. — Como ela vai encontrar você?

Você não respondeu. Acho que não entendeu o que eu tinha dito. Ficou olhando direto para a camela com os olhos levemente embaciados.

— Tchau, menina — você disse suavemente.

Você estalou a língua de novo e a camela roncou em resposta.

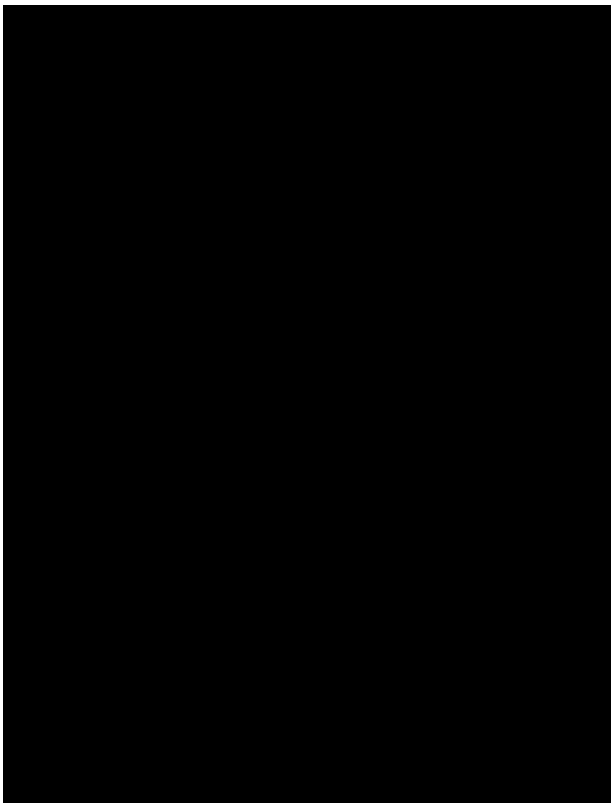
Depois deu alguns passos para trás, se afastando da caminhonete.

Você me deitou no banco traseiro e encostou minha cabeça na janela oposta, para que eu pudesse manter a perna esticada. Então fechou

a porta. Vi você afagar o pescoço da camela pela última vez, ao passar perto dela.

Você bombeou o pedal do acelerador para aumentar a rotação do motor. Os pneus giraram na areia. Observei a camela através da janela. Quando o carro se pôs em movimento, ela começou a trotar. Você acelerou. Ela aumentou o ritmo das passadas e ficou correndo ao nosso lado. Encostei a bochecha no vidro da janela e desejei coisas boas para ela. Eu não queria que ela ficasse sozinha de novo. Como iria encontrar seu grupo? Como iria encontrar você?

Por fim, você ganhou distância. Ela tentou nos acompanhar, tropeçando na areia. Depois voltou a trotar e foi ficando cada vez mais para trás. Quando viu que estávamos nos afastando, parou, inclinou a cabeça para trás e soltou um gemido. Senti vontade de





gemer também. Se tivesse energia, teria gemido. Mantive os olhos fixos nela até ela se tornar um pequeno ponto ao longe. Ela continuava parada, e ainda nos observava.

— Tchau — sussurrei.

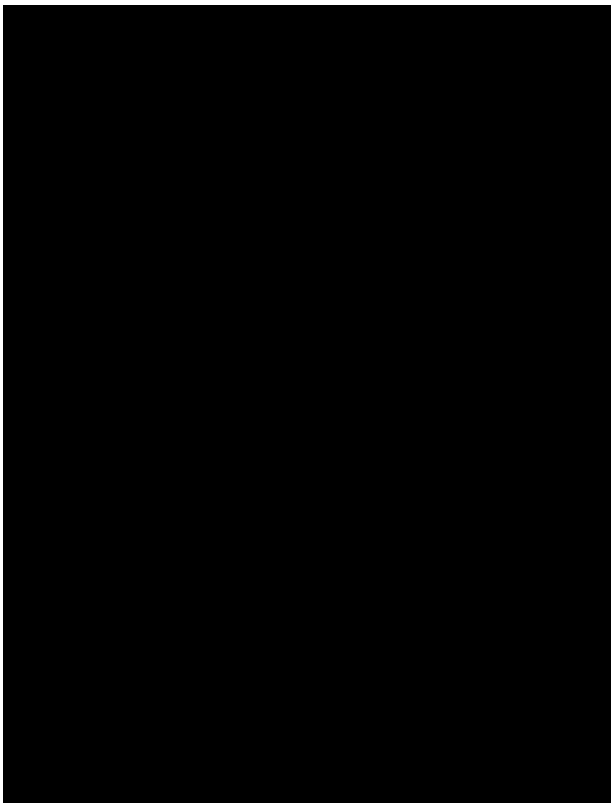
O carro chacoalhava e deslizava sobre a areia. Pedras voavam e martelavam a janela. Tensa, eu me segurava no banco. Cada guinada e derrapada gerava uma pontada de dor em meus músculos.

— Aguente aí — você dizia.

Mas estava difícil. Depois de algum tempo, meus olhos se fecharam de novo. Tive a impressão de estar afundando na almofada do assento. O veneno se propagava lentamente pelo meu corpo. Meus membros ficaram duros e enrijecidos. Sonhei que meus pés atravessavam a porta do carro e mergulhavam na areia. Minha pele se transformou em casca de árvore, e meus braços, em galhos. Meus dedos eram folhas macias e farfalhantes.

Tive a vaga impressão de alguma coisa sacolejando. Meu corpo se movia de lado, mas eu não sabia como. O movimento continuou. Alguma coisa falou comigo. O vento, ou a areia, ou alguma coisa estava chamando meu nome.

— Gemma... Gem — ouvi. — Estamos quase lá.



Mas meu corpo não reagia. Tentei abrir os olhos. Nada funcionava. Minha pele estava rígida. Meus dedos se agitavam com a brisa. Então senti sua mão em meu rosto, fria e seca.

— Acorde, Gem — você estava dizendo. — Acorde, por favor.

Tentei movimentar o rosto, tensionando os músculos da testa. Desta vez deu certo. Abri os olhos. Apenas uma fresta. Mas era tudo o que eu precisava. Vi você. Você se virou no assento dianteiro e pousou uma das mãos sobre mim, mantendo a outra no volante. Olhei para o para-brisa. Uma montanha de terra se avultava atrás de você.

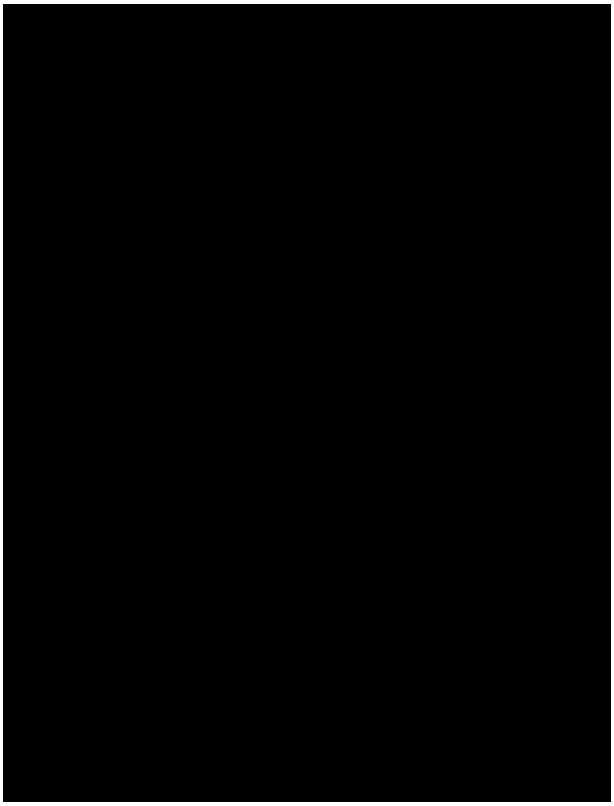
— É a mina — você disse.

Mais uma vez, você enfiou um tablete de folhas macias na

minha boca, muito mais amargo que o primeiro.

— Mastigue — você disse. — Fique acordada.

Você se virou para a frente de novo. Subitamente, o carro parou de chacoalhar. Estávamos numa estrada de terra. O piso era duro e nivelado. Minha cabeça bateu na janela quando você pisou mais fundo no acelerador, levantando poeira à nossa volta. Depois do chão pedregoso ao qual eu já estava acostumada, tive a impressão de que o carro estava voando. Quando avançamos mais, vi enormes caminhões se movendo no alto da montanha. No sopé da montanha vi torres, túneis, grandes tanques, prédios e, no céu, uma poeira branca. A terra vermelha estava por toda parte. De outras cores também... marrom, branca, laranja e preta. Havia pilhas de pedras. Não havia árvores.



Mastiguei o amargor antisséptico das folhas. Pestanejei,

forçando meus olhos a se manterem abertos. Eu sonhava com esse momento há semanas: o primeiro vislumbre de vida além da sua casa no deserto. Mas naquela hora a visão não me pareceu real. Edificações, postes de linhas elétricas, caminhões e montes de pedregulho se dissolviam numa mancha vermelha. Tudo parecia quente e queimado.

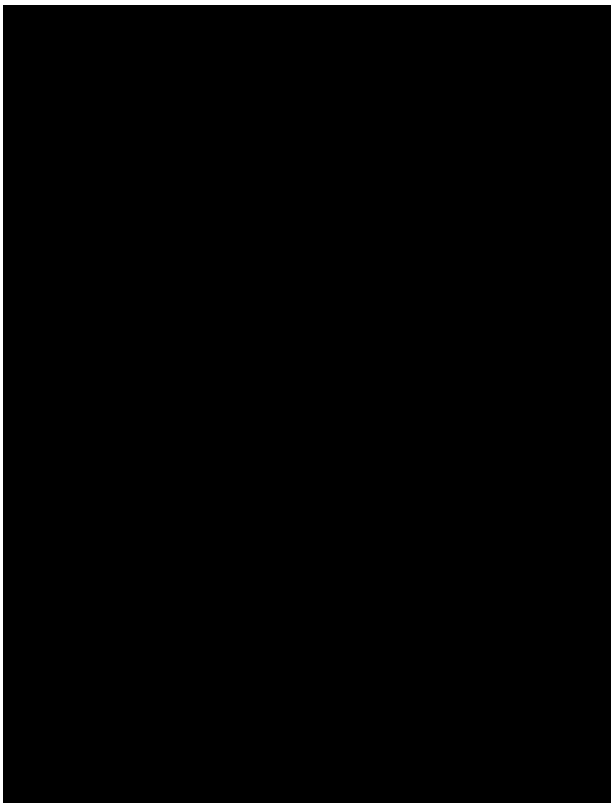
Você girou o volante na direção dos prédios. Soltei um arquejo, pois a força da guinada gerou uma onda de dor em meus ombros. Era como se houvesse arame farpado sob a minha pele.

Você passou roncando por uma rua ladeada por pequenos prédios quadrados. Casas? Minha respiração ficou mais difícil. Aquele lugar era mais quente; o ar era mais sufocante, tomado pela poeira da

mina. Meus olhos começaram a se fechar.

Você entrou num pátio de estacionamento, diante de um dos prédios quadrados. Cheguei a estremecer quando a dor me atingiu novamente. Fechei os olhos e encostei o rosto no vidro frio da janela. Cada respiração era mais difícil que a anterior. Você pulou do carro, sem se preocupar em desligar o motor. Você gritou alguma coisa na direção do prédio, mas não sei o que foi. Minha audição também estava desaparecendo. Ao meu redor, tudo se tornara mais lento e silencioso. Meu corpo começava a se fechar, como uma loja no final do expediente. Tudo se esfumava, como em um sonho. Nada era real.

Ouvi outra voz gritar também. Então a porta em que eu estava encostada foi aberta e eu caí para trás. Seus braços estavam lá para me amparar. Alguma coisa foi pressionada sobre o meu nariz e





minha boca. Senti cheiro de alguma coisa médica. De repente, pude respirar um pouco melhor. Você estava inclinado sobre mim, me levantando. Mas eu realmente não sentia você. Sentia apenas o roçar do seu braço nas pontas dos meus dedos. Isso eu conseguia sentir.

Você me levou até um quarto e me pousou sobre uma mesa.

Um homem se debruçou sobre mim. Eu o vi quando ele abriu minhas pálpebras. Ele me disse alguma coisa. Depois enfiou uma coisa no meu braço. Em algum lugar, muito distante, senti uma pequena ponta de dor. Então uma máscara foi colocada no meu

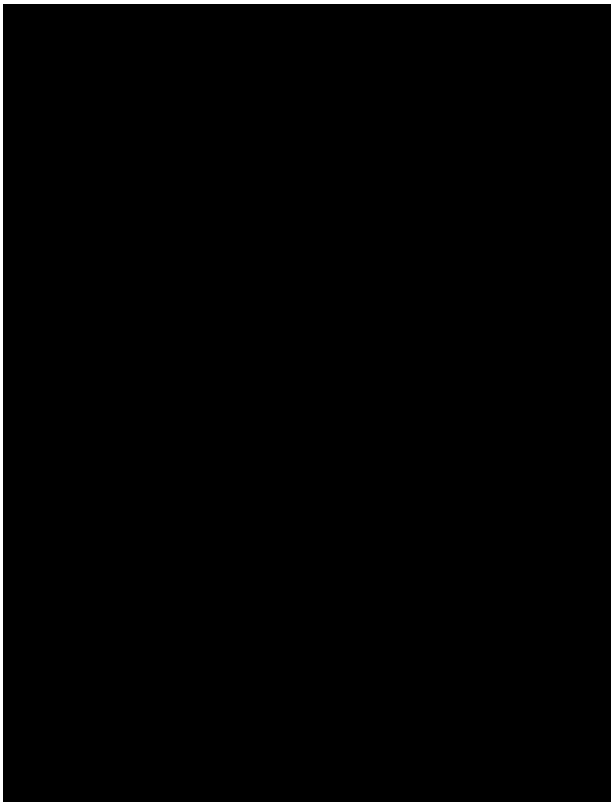
rosto. E pude respirar novamente.

320

De repente estávamos num carro, andando depressa.

Consegui ver o céu pelas janelas: azul, com faixas alaranjadas projetadas pelo crepúsculo que se iniciava. Você parou derrapando. A porta se abriu. Você me levantou novamente. Você começou a correr me levando nos braços. Meu corpo balançava. Mas eu não sentia dor. Ouvia o som dos seus passos, vindo de muito longe, martelando o asfalto. Ouvi outros sons também. Um zumbido ritmado. Um estrondo mecânico. Alguém vestido de branco estava à espera.

— Nome? Idade?





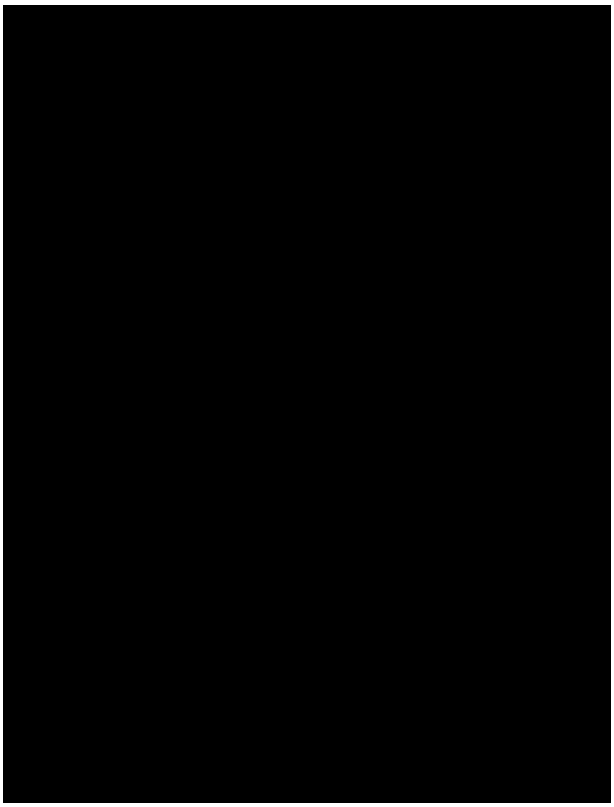
Ouvi a voz de uma senhora, a uma grande distância, como se ela estivesse em outro mundo.

Você me carregou para dentro do avião e me pousou sobre uma coisa macia. Depois começou a se afastar. Estendi o braço, segurei sua mão e cerrei meus dedos sobre os seus. Não queria largar você. Não queria ficar sozinha com aqueles estranhos. Olhei para você, meus olhos encontraram os seus. Você hesitou, olhou para trás, para o asfalto e para a planície vermelha que havia além... depois de novo para mim. Com um leve aceno de cabeça, você sentou ao meu lado e começou a falar comigo. Não sei o que você disse. Mas havia lágrimas em seus olhos.

Minhas orelhas pareciam inchadas, e a máquina se movia em torno de mim. A pessoa de branco era negra. Outra máscara sobre o

meu rosto. Ar. Mais coisas espetadas no meu braço. Fiquei olhando para você. Só você poderia manter meus olhos abertos. Mas meu peito estava afundando, atravessando o colchão macio, atravessando o piso do avião... eu estava sob uma avalanche. O céu se tornou alaranjado em torno de nós. Abaixo, a terra era vermelha. Estávamos voando na direção do sol.

De repente senti o avião descer; logo depois começou a sacolejar no chão. Fui retirada dele e empurrada colocada num



carrinho e empurrada pelo asfalto. Estava escuro, mas luzes piscavam ao longe. A máscara foi tirada do meu rosto. Você estava correndo ao meu lado. Correndo como se estivesse na areia, ao lado da camela. Dessa vez segurava minha mão, com força. Seus olhos nunca deixavam os meus. Surgiu um prédio. Entrei nele por uma porta corrediça.

Então paramos. Um homem de terno estava lhe fazendo perguntas, e empurrando você para trás. Você estava gritando, apontando. Então olhou para mim... realmente olhou para mim. Seus olhos estavam desesperados, querendo alguma coisa… encontrando alguma coisa. Talvez. Seus olhos foram umedecendo à medida que passeavam sobre mim, se demorando sobre meu rosto, meus olhos, minhas pernas. Tentei falar, mas não consegui. Você se

virou para o homem de terno e gritou algo para ele. Depois veio até minha maca e se inclinou sobre mim. Tocou meu rosto.

— Adeus, Gem — você sussurrou. — Você vai ficar boa.

Você tocou o anel no meu dedo e começou a se afastar. Não.

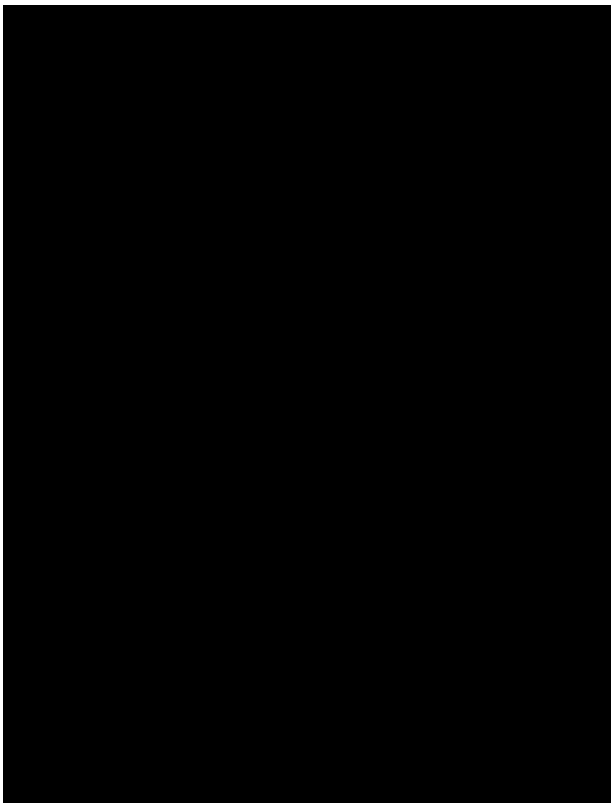
Eu abanei a cabeça. Não.

Estendi o braço e agarrei seu cotovelo. Meus dedos se enterraram na sua pele. Com todas as forças que eu tinha, puxei você para mim. Você não resistiu. Veio docilmente. De repente, você estava ali. Apalpei seu braço e seu peito nu, procurando seu coração. Segurei sua nuca.

Então, com meus últimos vestígios de força, puxei seu rosto.

Levantei a cabeça do travesseiro, um pouco, para chegar até você.

Sua pele estava a poucos centímetros da minha. Sua boca estava bem perto. Meus lábios encontraram seu rosto. Senti seu gosto de



terra, sal e suor. Senti a aspereza da sua barba. Senti seu hálito cálido e seu cheiro de eucalipto. Seus lábios eram macios.

De repente, alguém arrancou você de mim e segurou você.

Tombei de volta no travesseiro. Quando a maca começou a se afastar, olhei para você e encontrei seus olhos. Ainda podia saborear seu gosto salgado.

Você não chorou. Não se mexeu. Ficou plantado feito uma pedra, me observando, enquanto os funcionários do hospital o cercavam. Agora você era a caça. Eu queria levantar a mão e lhe agradecer. Mas só consegui olhar para você. Ao passar por uma porta vaivém ergui o corpo, tentando avistá-lo. Você levou a mão à boca, abriu os dedos e soprou na minha direção. Parecia ser um beijo. Mas vi a areia pairar no ar por alguns instantes, antes de cair

no chão.

A porta se fechou e outros dedos, mais frios, apalparam meu rosto. Outra máscara foi colocada sobre a minha boca. Tiras de plástico apertaram meu rosto. Respirar ficou mais fácil. Mas não tinha importância. De qualquer forma, o mundo todo escureceu.

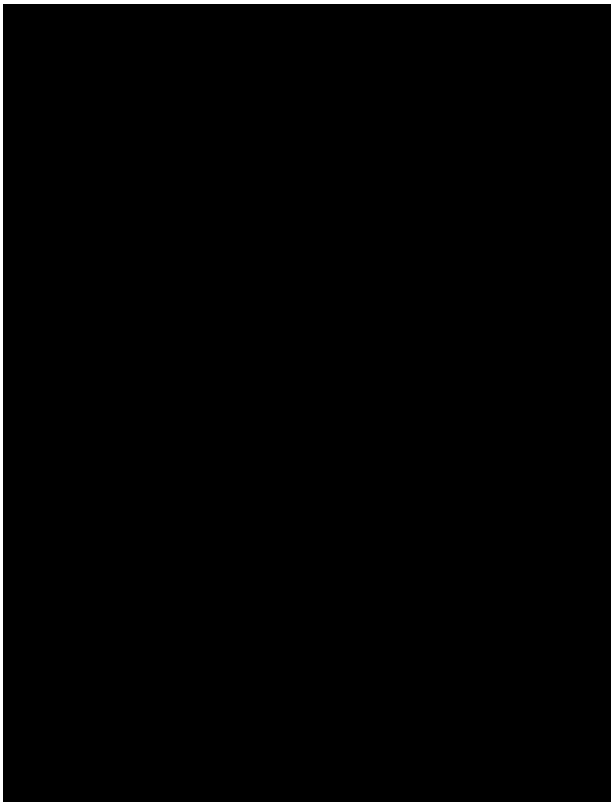
Afundei. Tudo era frio, escuro e distante. Um surdo zumbido de máquinas me cercava, e havia uma longínqua vibração de vozes...

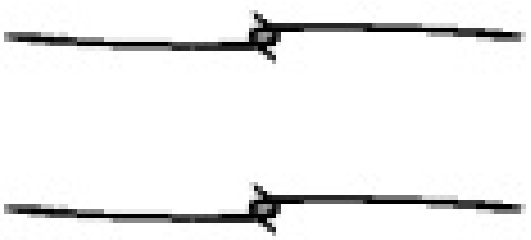
— Mas quem é essa garota?

— Ela está apagando...

— Leve para o intensivo.

Depois, nada.





Um cheiro penetrante de substâncias químicas. Lençóis esticados sobre a minha pele, pesando sobre o meu peito. Fios espetados nos meus braços. Alguma coisa emitia bipes. Quando tentei localizá-la, ela começou a soar mais rápido. Senti frio. Meu corpo já não estava tão entorpecido, tão dolorido. Parecia vazio. Vi quatro paredes escuras ao meu redor. Nenhuma janela. Quando eu olhava para uma delas tinha a sensação de que as outras se

aproximavam. Era apenas um pequeno quarto. Você não estava

nele.

Só eu.

324

Mais tarde senti os dedos frios de alguém, enrolando alguma

coisa no meu braço.

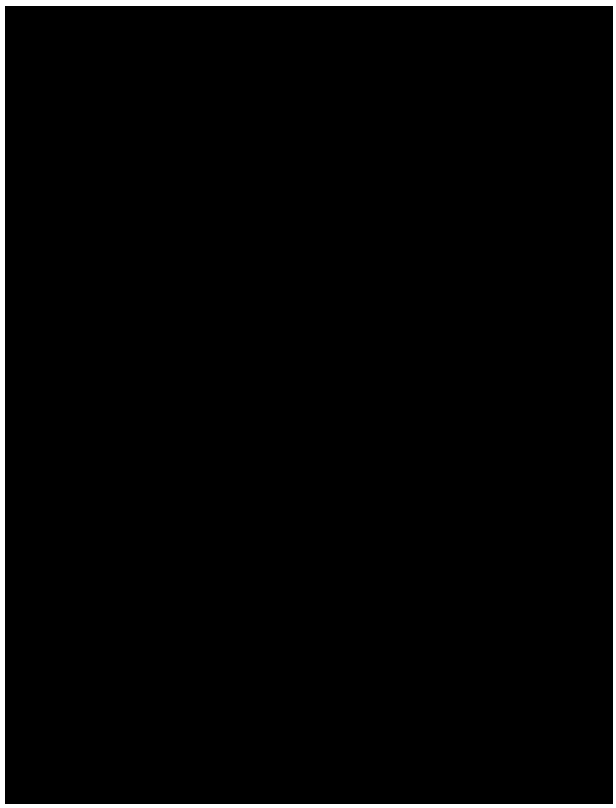
— Onde está o Ty? — eu disse.

— Quem?

Era uma voz de mulher, um tanto idosa.

— Onde está o Ty?

Os dedos pararam de se mexer. Um suspiro.





— Você não precisa mais se preocupar com ele — disse a voz

suavemente. — Ele já era.

— O que você quer dizer com isso?

Os dedos deslizaram pelo meu pulso e o apertaram. Suas pontas eram muito frias.

— Seus pais estão a caminho.

Dormi.

Havia sangue entre as minhas pernas... era minha menstruação, que finalmente chegara. Com algumas semanas de atraso. Dizem que o medo às vezes seca a menstruação. Fiquei deitada ali, entorpecida demais para me sentir embaraçada,

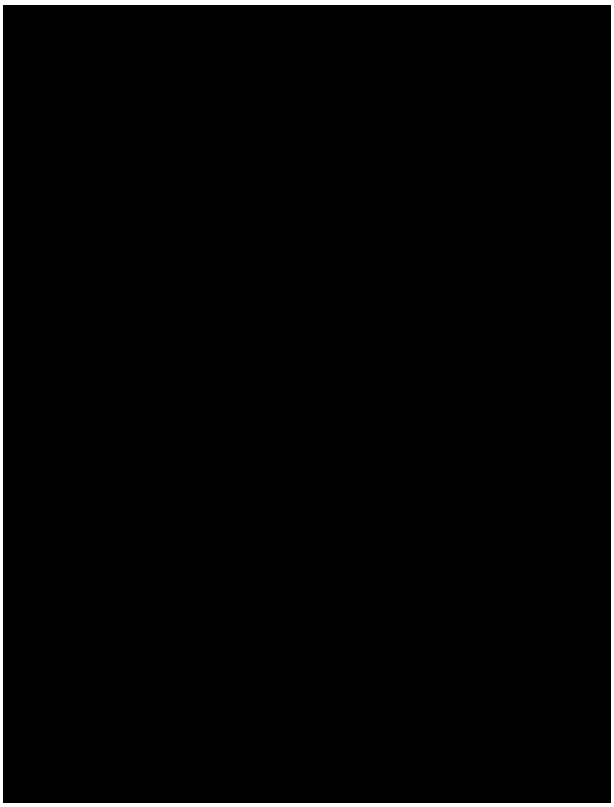
observando a enfermeira trocar os lençóis.

Dormi de novo, querendo sonhar.

Primeiro ouvi mamãe falando no corredor, com voz alta e esganiçada.

— Nós viemos o mais rápido que pudemos. Onde está ela?

Os saltos dos seus sapatos clicavam rapidamente, cada vez mais alto... se aproximando.



Ao fundo a voz de papai, mais baixa, falava com uma terceira voz.

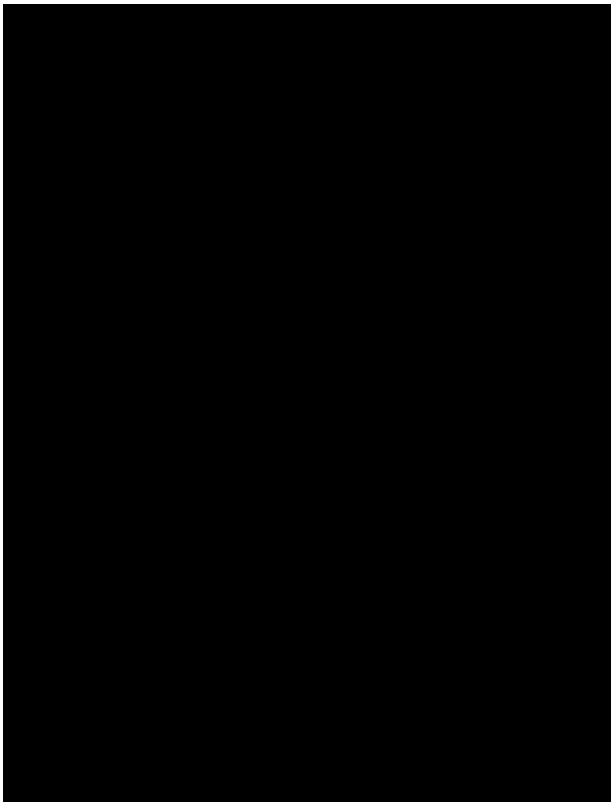
— Ela esteve em coma induzido por causa do veneno — dizia a voz. — Ela vai se sentir estranha por algum tempo.

Subitamente, eles estavam no quarto; mamãe, papai e um médico de jaleco branco. Havia um policial à porta. Mamãe me abraçou, quase me sufocando com seu perfume caro e seu macio casaco de lã. E chorou nos meus ombros. Papai estava de pé atrás dela, falando alguma coisa. Estava sorrindo. Sorrindo com o rosto todo, o que me deixou confusa por alguns momentos, porque papai nunca sorria daquele jeito. Não para mim, de qualquer forma, não que eu me lembre. Então todo mundo começou a falar, fazendo perguntas e me olhando fixamente... Olhei de mamãe para papai e

depois para o médico. Havia barulho demais. Olhei para suas bocas se abrindo e fechando, mas não conseguia entender as palavras. Abanei a cabeça.

Então, quase ao mesmo tempo, todos ficaram em silêncio. Eu queria falar com eles. Queria conversar. Queria mesmo. Uma parte de mim, a maior parte, estava feliz com a presença deles, tanto que tive vontade de me desmanchar em lágrimas. Mas eu não conseguia chorar, não conseguia nem mesmo falar. Não saía nada. Eu nem mesmo conseguia erguer os braços para dar um abraço. Não ainda. Não imediatamente.

Mas mamãe chorou por mim, despejando rios de lágrimas, que deixaram meu pescoço molhado e viscoso.



— Ah, Gemma, deve ter sido horrível para você — soluçou ela. — Mas agora nós estamos aqui. Prometo que vai ficar tudo bem.

Não precisa se preocupar. Você está segura.

Havia algo estranho no modo como ela disse essas palavras.

Era como se estivesse tentando convencer a si mesma. Tentei sorrir para ela. E realmente fiz isso. Todos os músculos do meu rosto doeram. Uma dor latejava na minha testa. As luzes no quarto eram brilhantes demais.

Tive que fechar os olhos.

Mamãe voltou mais tarde, sozinha. Seus olhos estavam vermelhos e pareciam cansados. Ela havia trocado de camisa. Agora usava uma cor de pêssego, recém-passada, com cheiro adocicado.

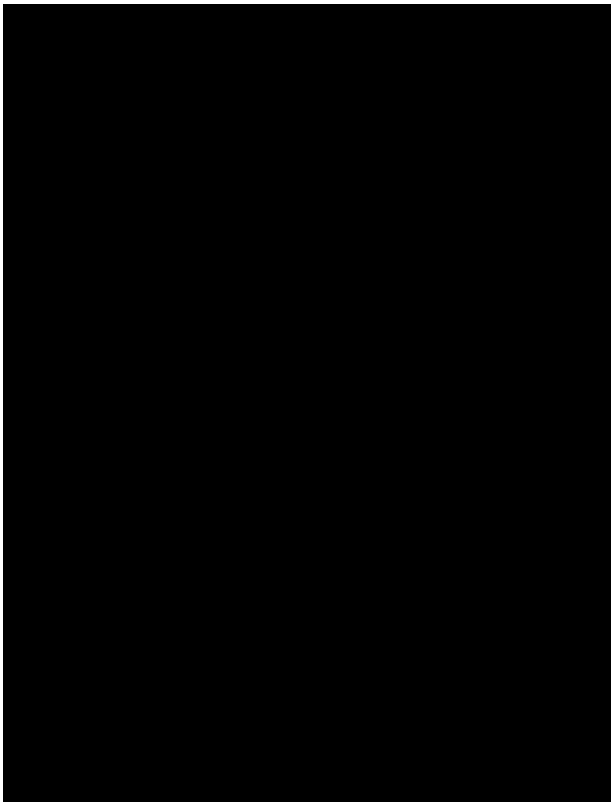
— Nós não devíamos ter vindo juntos — disse ela. — Deve

ter sido difícil para você... depois de não ter ninguém por tanto tempo, ninguém a não ser...

Ela não conseguiu dizer seu nome. Só de pensar em você fez o rosto dela se contrair numa careta de dor. Assenti com a cabeça, indicando que compreendia, e ela prosseguiu.

— Os médicos me disseram que as pessoas às vezes custam a se readaptar à vida real. Eu sei que não posso esperar que você... — O rosto dela lutava com uma emoção que eu não conseguia entender. — Franzi a testa. — E nem sei o que ele fez com você — murmurou ela. — Você parece diferente, de alguma forma. — Ela teve que olhar para outro lado, mordendo os lábios. Depois respirou fundo até recobrar a serenidade. — E nós estávamos tão

preocupados, Gemma... — ela sussurrou — achando que você nunca... que você nunca...



Lágrimas cobriram o rosto dela novamente, fazendo a maquiagem escorrer. Na vida anterior, ela teria detestado isso. Olhei para as linhas negras que deslizavam pelas suas bochechas. Ela segurou minha mão. Deixei que ela fizesse isso. Seus dedos eram frios e finos, suas unhas, longas. Ela sentiu o anel que você tinha me dado. Fui ficando tensa, enquanto a observava girar o anel, vendo as cores cintilarem.

— Você já tinha isso? — ela perguntou.

Assenti.

— Comprei na rua — menti. — É bijuteria.

— Eu não me lembro dele.

Um silêncio caiu entre nós. Mamãe mordeu a ponta do lábio.

Finalmente se recostou na cadeira e começou retorcer os dedos. Pus

a mão embaixo dos lençóis. Com a outra mão, tirei o anel do dedo.

Mamãe olhou para mim com atenção. A preocupação contraía o seu

rosto.

— A enfermeira disse que você perguntou por ele — ela

disse.

— Eu só perguntei..

— Eu sei, a gente compreende. — Ela se inclinou para a

frente e afagou meu rosto. — Mas você não precisa se perguntar

mais nada, meu amor, nem precisa mais pensar nele.

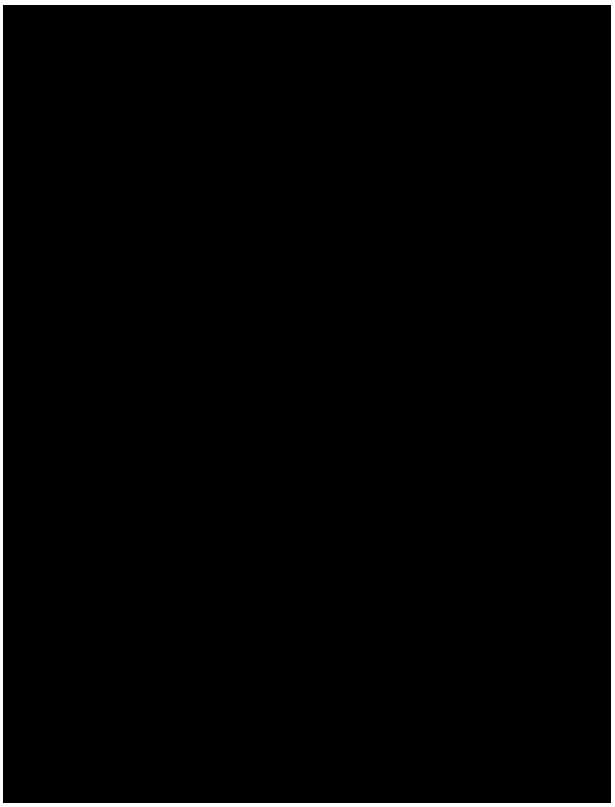
— Como assim?

— Ele foi preso, Gemma — ela sussurrou. — Ele se entregou

no hospital. A polícia vai precisar de uma declaração sua dentro em

breve.

— E se eu não quiser...?



— Você precisa. É a melhor coisa. — Ela apertou os lençóis em volta de mim. — Ele só pode ser acusado depois que você der a declaração. Vamos dar mais um passo para mandar esse monstro para a prisão. É o que você quer, não é? A voz dela estava hesitante.

Abanei a cabeça.

— Ele não é um monstro — eu disse baixinho.

As mãos de mamãe se crisparam sobre o lençol. Ela olhou para mim.

— Esse homem é mau — ela sibilou. — Por que teria tirado você de nós se não fosse?

— Não sei — murmurei. — Mas ele... não é isso.

Eu não conseguia encontrar as palavras certas.

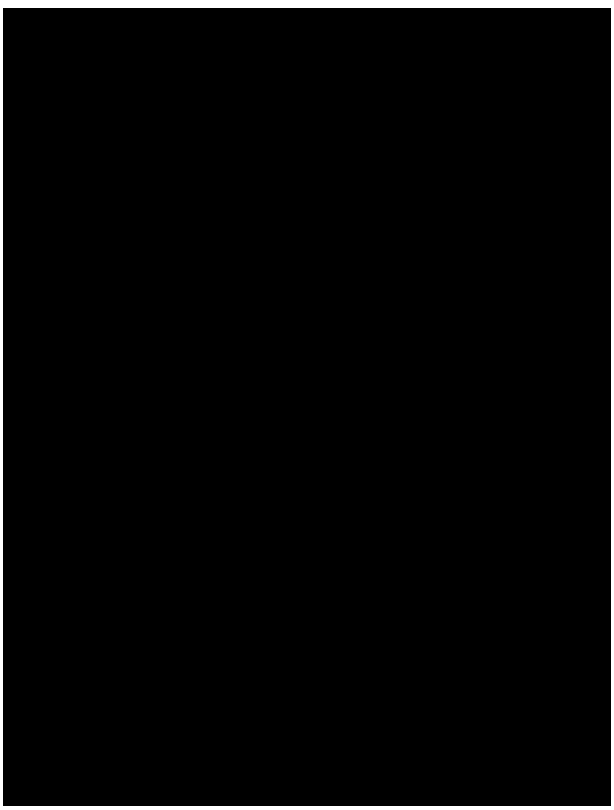
Mamãe me olhou atentamente, com o rosto pálido e os lábios

contraídos.

— O que ele fez com você? — ela perguntou. — O que ele fez com você para você pensar assim?

No dia seguinte, dois policiais apareceram: um homem magro e uma mulher jovem. Ambos traziam bonés nas mãos. Eram bonés de beisebol, mais informais que os chapéus usados pelos policiais do Reino Unido. E suas camisas eram de mangas curtas.

Meus pais se postaram no fundo do quarto. Um médico também





estava presente. Todos me observavam, me avaliavam. Eu me senti como uma atriz no palco, com todo mundo esperando que eu

dissesse minhas falas. O policial magro tirou um bloco de notas e se inclinou para mim. Ficou perto o bastante para que eu visse a covinha em seu queixo.

— Nós sabemos como isso é difícil para você, Srta. Toombs — começou ele. Tinha a voz anasalada e aguda. Antipatizei com ele na mesma hora. — Pessoas sequestradas passam frequentemente por um período de silêncio e rejeição. Seus pais disseram que você não está falando muito, com ninguém, sobre a sua provação. Eu não quero pressionar você, mas...

Permaneci em silêncio. Ele fez uma pausa e olhou para mamãe. Ela olhou para ele, como que o incentivando a ir em frente.

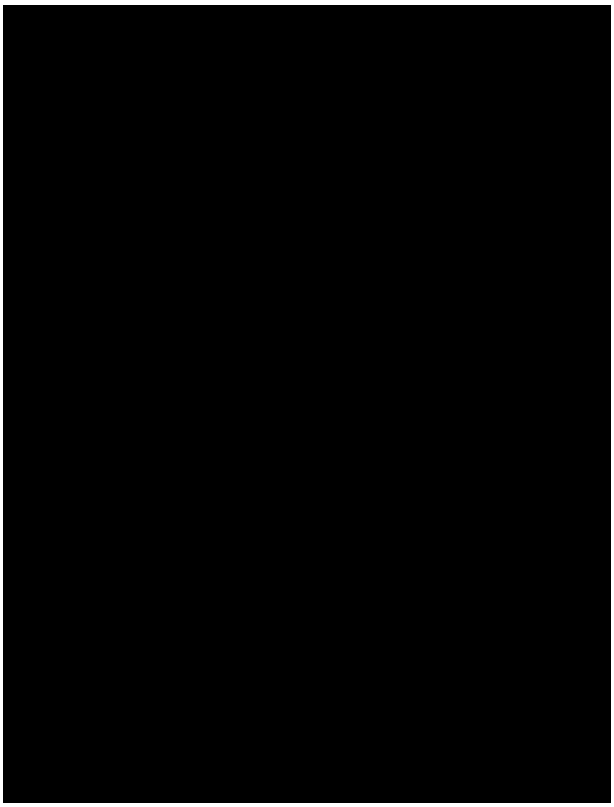
— Bem, Srta. Toombs, Gemma... — continuou ele. — Nós estamos mantendo um homem em custódia. Temos razões para acreditar que ele seja o seu sequestrador. Precisamos de uma declaração sua para confirmar isso.

— Quem é ele? — eu disse, abanando a cabeça.

O homem magro consultou suas anotações.

— O acusado é Tyler MacFarlane. Tem 1,90 de altura, cabelos louros, olhos azuis, uma pequena cicatriz no canto...

Senti o estômago revirar. Literalmente. Tive que pegar o penico para vomitar.



Os policiais continuaram pressionando. Todos os dias retornavam com as mesmas perguntas, formuladas de forma diferente.

— Fale sobre o homem que você encontrou no aeroporto.

— Ele levou você contra a sua vontade?

— Usou a força?

— Drogas?

Minha resistência tinha limites. No final, tive que falar.

Mamãe estava sempre ao meu lado, me incitando. Depois de algum tempo, eles me mostraram umas fotos. Algumas de você. Algumas de outros homens.

— Ele é um desses? — eles perguntavam repetidamente, brandindo as fotos.

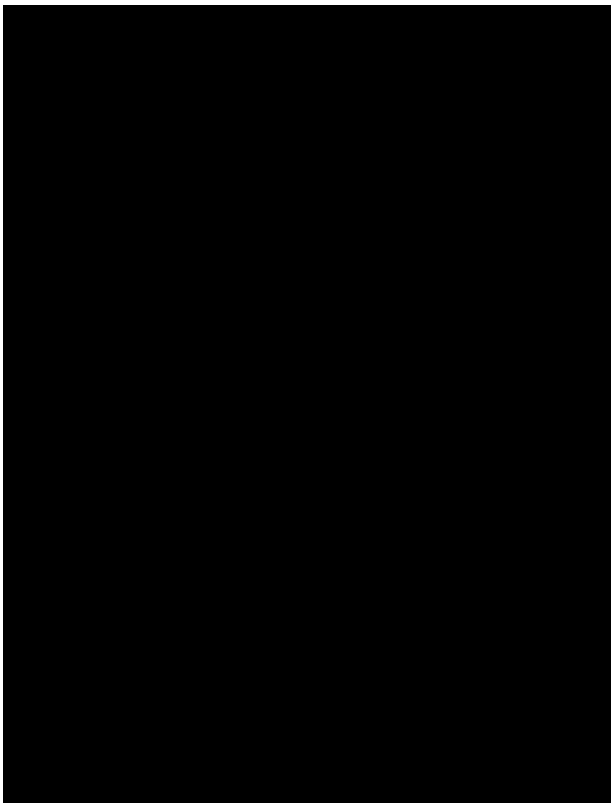
Eles não desistiam.

Você era muito fácil de identificar: era o único homem com fogo nos olhos. O único homem que eu realmente conseguia olhar. Era como se você estivesse olhando para a lente da câmera apenas para me ver; como se soubesse que mais tarde eu iria examinar a foto. Você parecia orgulhoso. Tão orgulhoso quanto se pode ser diante de uma parede encardida de um posto policial. Vi um corte embaixo do seu olho que não havia antes. Eu queria guardar a foto. Mas, claro, o detetive a enfiou no envelope de papel pardo, junto com as outras.

As coisas se arrastaram. Pelo menos por mais alguns dias.

Mas acabei lhes dando meu testemunho. Tive que fazer isso.

Era um período de injeções e interrogatórios. Eu havia me tornado propriedade pública. Parecia que todo mundo podia me



perguntar o que quisesse. A detetive até me perguntou se você e eu tínhamos feito sexo.

— Ele fez você tocar nele? — ela perguntou.

Abanei a cabeça.

— Nunca.

— Tem certeza?

Conversei com psicólogos, terapeutas, conselheiros, doutores disso e daquilo. Uma enfermeira me tirava sangue todos os dias. Um médico examinou meu coração à procura de tremores ou palpitações. Fui tratada como paciente em estado de choque. Nunca me deixavam em paz. Principalmente os psicólogos.

Certo dia, uma senhora de cabelos curtos e terno azul-marinho sentou ao lado da minha cama. Era o final da tarde e eu

estava aguardando o carrinho com o meu jantar.

— Eu sou a Dra. Donovan — disse ela. — Psiquiatra clínica.

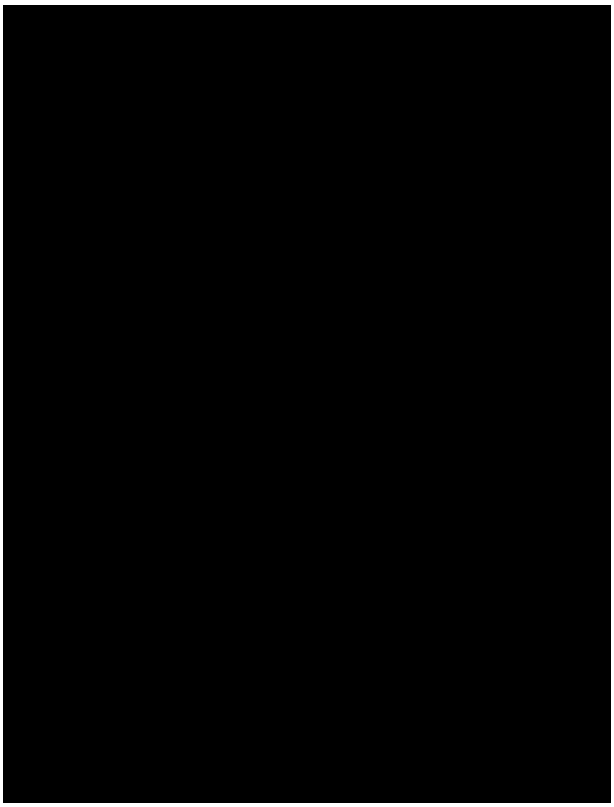
— Já estou cheia de psiquiatras.

— É muito justo. — Mas ela não foi embora. Simplesmente se debruçou sobre a prancheta pregada ao pé da cama e começou a folhear os papéis que havia lá. — Você já ouviu falar da síndrome de Estocolmo? — perguntou ela.

Não respondi. Ela olhou para mim antes de fazer algumas anotações na prancheta.

— É quando uma vítima se liga emocionalmente ao seu algoz

— ela explicou, ainda escrevendo. — Pode ser um mecanismo de sobrevivência. Por exemplo, você se sente mais segura quando se dá bem com seu sequestrador. Ou pode acontecer de você sentir pena do sequestrador... talvez ele tenha sido prejudicado em algum



período da vida e você queira compensar isso... você compreende ele. E há outros motivos: talvez você esteja isolada com ele e tenha que fazer o jogo dele para não ficar extremamente entediada... ou talvez ele faça você se sentir especial, amada...

— Eu não sei aonde você quer chegar — interrompi. — Mas não é assim que eu me sinto.

— Eu não disse que era. Eu só estava querendo ver se você sabia disso. — Ela olhou para mim com atenção, erguendo uma sobrancelha. Esperei que ela prosseguisse, levemente curiosa. — Qualquer coisa que ele tenha feito — continuou ela em tom suave —

, seja o que for que o sr. MacFarlane tenha feito com você ou dito a você, você sabe que ele não agiu certo, não sabe, Gemma?

— Você está falando como a minha mãe — eu disse.

— Isso é tão ruim?

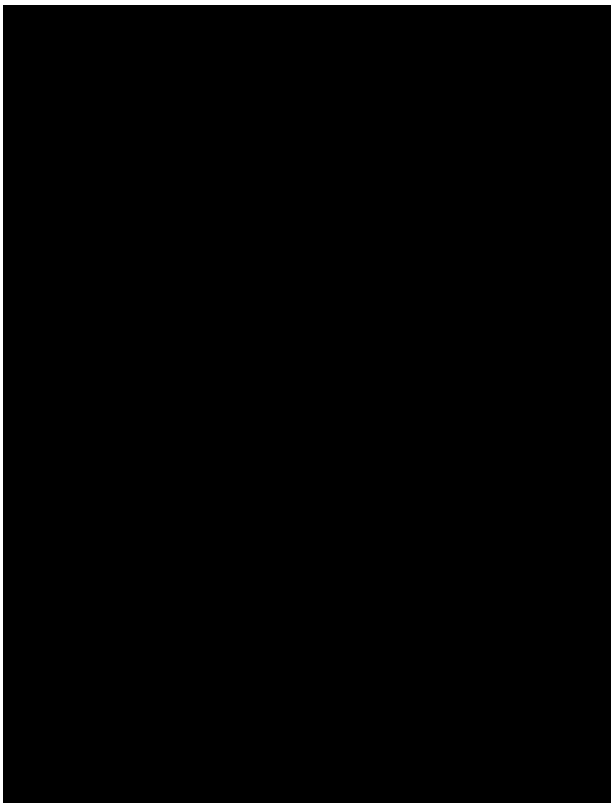
Quando eu não respondi, ela suspirou profundamente e tirou um livrinho da bolsa.

— Você logo vai receber alta. — Mas os médicos vão continuar a interrogar você até você compreender o que o Sr. MacFarlane fez.

— Eu sei que Ty fez uma coisa errada — interrompi mansamente.

E eu sabia, não? Mas era como se uma parte de mim não quisesse acreditar no que a psiquiatra dizia. Uma parte de mim compreendia por que você fizera o que fizera. É difícil odiar uma pessoa depois que você a compreende. Eu me sentia muito confusa.

A Dra. Donovan fez uma pausa, e olhou para mim com uma expressão bondosa.



— Você acha que precisa de ajuda para desanuviar seus pensamentos?

Permaneci em silêncio, olhando para a parede cinza-clara. Ela pousou o livro na mesinha de cabeceira. Havia alguma coisa sobre ―síndrome de Estocolmo‖ na capa. Não olhei para ele com muito interesse.

— Em algum momento você vai ter que conversar com alguém, Gemma — insistiu a Dra. Donovan. — Você vai ter que entender o que realmente está sentindo, quais são seus verdadeiros sentimentos.

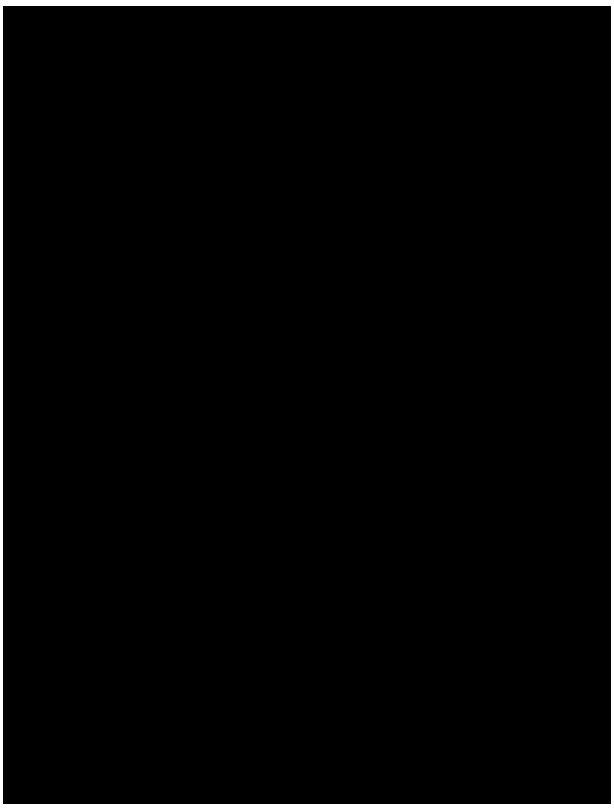
Ela deixou seu cartão sobre a mesa. Eu o enfiei na gaveta, ao lado do anel que você tinha me dado. Quando ela foi embora, fiquei

olhando para o teto. De repente senti frio e me enrolei nos

cobertores. Estava me sentindo nua... como se tivesse me despido da minha pele no deserto, com as cobras fazem. Como se tivesse deixado uma parte de mim para trás.

Perguntei a mim mesma se você também estaria sendo interrogado. Comecei a tremer e cobri a cabeça com os cobertores, saboreando a escuridão que me proporcionavam.

Mamãe e papai lidavam com os repórteres. Compareciam aos programas de notícias e davam entrevistas aos jornais. Eu me senti



grata por isso. Naquele momento, apenas a ideia de enfrentar uma câmera apontada para o meu rosto me deixava ofegante.

Certo dia, quando estavam ambos em uma conferência de imprensa, eu me levantei da cama e andei pelo quarto onde estava

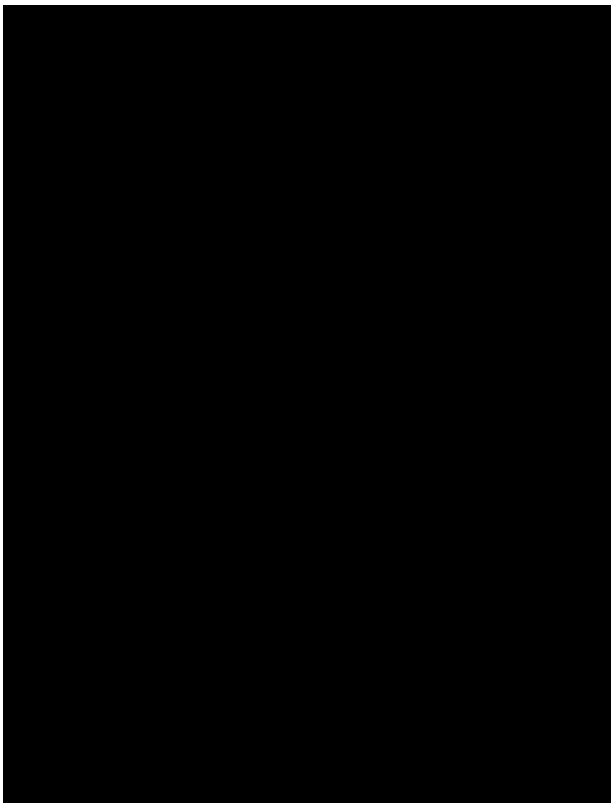
aprisionada até minhas pernas funcionarem direito. A perna que tinha sido picada ainda estava dura e dolorida. Mas era bom poder movê-la.

Tentei andar pelo corredor, verificando a distância que a perna conseguiria caminhar antes que a dor ficasse insuportável. Será que eu poderia sair andando do hospital? Dois pacientes idosos me olharam fixamente quando passei. Eles sabiam quem eu era. Seus olhares quase me fizeram correr de volta para o quarto. Era quase como se eu fosse famosa. Engoli em seco e obriguei minhas

pernas a continuarem caminhando.

Fui até a porta vaivém que dava acesso ao *hall* de entrada, onde eu vira você pela última vez. Passei pela porta. Uma senhora grávida estava aguardando na recepção. Ela também me olhou quando passei, mas eu a ignorei. Andei até a porta corrediça que dava acesso ao lado de fora. Parei diante dela e ela se abriu, emitindo um zumbido mecânico. O dia estava quente e ensolarado. A claridade me fez piscar. Vi carros, postes e pessoas. Passarinhos cantavam em árvores frondosas. O asfalto do estacionamento se estendia à minha frente. Depois só havia a planície, vermelha e poeirenta.

Dei um pequeno passo. Quase imediatamente uma enfermeira surgiu ao meu lado, pousou as mãos nos meus braços e não me deixou prosseguir.



— Você ainda não recebeu alta — ela sussurrou.

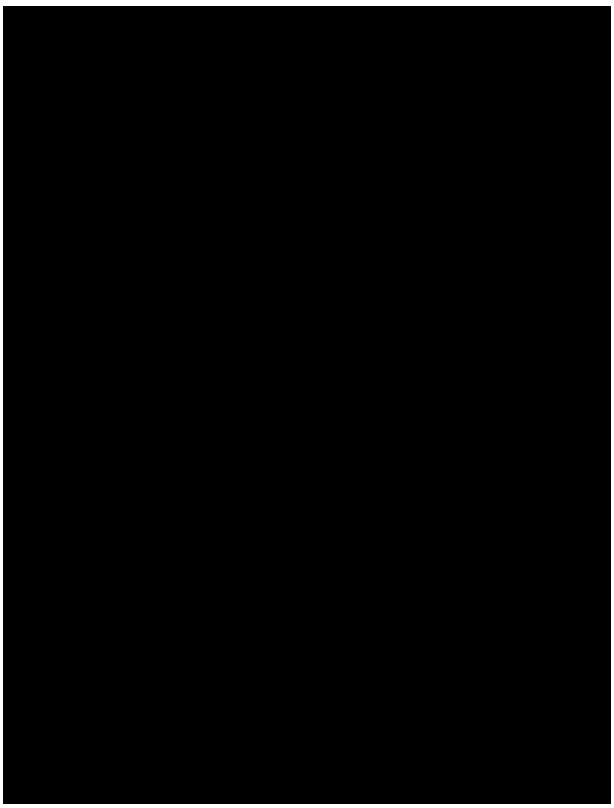
Ela me fez dar meia-volta e me reconduziu ao quarto. O quarto minúsculo, com paredes grossas e pouca luz... muito parecido com uma cela. Após me deitar na cama, ela me cobriu com os lençóis.

Mais tarde, mamãe entrou no quarto carregando uma sacola de plástico. Dentro dela havia centenas de recortes de jornais, todos cuidadosamente arrumados.

— Não sei se você faz ideia da repercussão da coisa — disse ela. — O mundo inteiro já conhece você. — Ela pousou a sacola na minha cama e folheou os recortes. — E esses são só os que reuni

desde que saímos da Grã-Bretanha. — Tem mais em casa. Eu achei... — ela fez uma pausa, escolhendo as palavras. — Achei que você gostaria de se atualizar, ver como as pessoas se importam com você.

Puxei a sacola na minha direção, sentindo o peso dos papéis sobre as minhas pernas. Retirei um maço de recortes. A primeira coisa que notei foi a fotografia. Minha última foto escolar, ampliada, enorme, na primeira página do *Australian*. Eu estava com os cabelos presos num rabo de cavalo e a camisa do uniforme abotoada até o pescoço. Eu detestava aquela foto, sempre detestara. Folheei os recortes. A foto aparecia na maioria deles.



— Por que você deu essa foto a eles? — perguntei.

Mamãe franziu a testa e olhou para a foto.

— Você está bonita.

— Pareço muito nova.

— A polícia precisava de uma foto recente, querida.

— Tinha que ser uma foto da escola?

Então pensei em você, sentado numa cela em algum lugar.

Você também teria visto os artigos dos jornais? Teria visto a foto?

Li trechos dos artigos.

Gemma Toombs, a garota de 16 anos sequestrada no aeroporto de Bangkok, deu entrada num remoto hospital da Austrália Ocidental, aparentemente levada até lá por seu sequestrador...

Os pais de Gemma Toombs, ansiosos, fretaram um avião em

Londres para estarem ao lado da filha...

O rosto de mamãe estava manchado e coberto de lágrimas na foto que ilustrava o artigo. Papai a abraçava pelos ombros. Anna estava na multidão atrás deles, olhando para a câmera com ar preocupado.

Os artigos se sucediam, quase todos dizendo a mesma coisa.

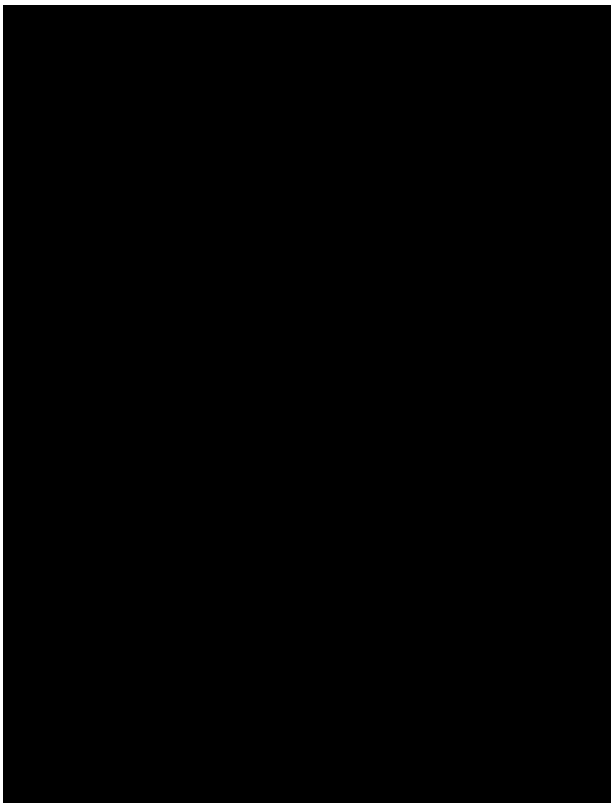
Li as manchetes.

Gemma: encontrada!

Gemma Toombs escapa do andarilho do deserto!

Será o rosto de um monstro?

Parei neste. Era um jornal do dia anterior. No meio do artigo havia um desenho representando você. Você estava sentado numa sala de tribunal, com a cabeça abaixada e as mãos algemadas... Seus olhos azuis não haviam sido desenhados. Procurei mais detalhes. A



matéria informava que aquela era a sua audiência preliminar, que só durara alguns minutos. Você manteve a cabeça baixa o tempo todo. E dissera apenas uma palavra: ―Inocente‖.

Então olhei para mamãe.

— Eu sei. — Mamãe abanou a cabeça. — Ele deve estar maluco. Isso nunca vai colar. A polícia tem testemunhas, vídeos filmados pelas câmeras do aeroporto e você, é claro. Como ele pode alegar inocência? — Ela abanou a cabeça mais uma vez. — Isso prova que ele é louco.

— O que mais ele disse?

— Nada, por enquanto. Vamos ter que esperar o julgamento.

Mas a polícia acha que ele vai dizer que você o acompanhou por vontade própria; que você queria ficar com ele.

Ela se interrompeu abruptamente, pensando se não teria falado demais. Não sabia como eu iria reagir. Eu podia ler nos olhos dela que ela ainda não sabia ao certo o quanto eu fora influenciada por você.

Sorri, agradeci a ela e tentei tranquilizá-la.

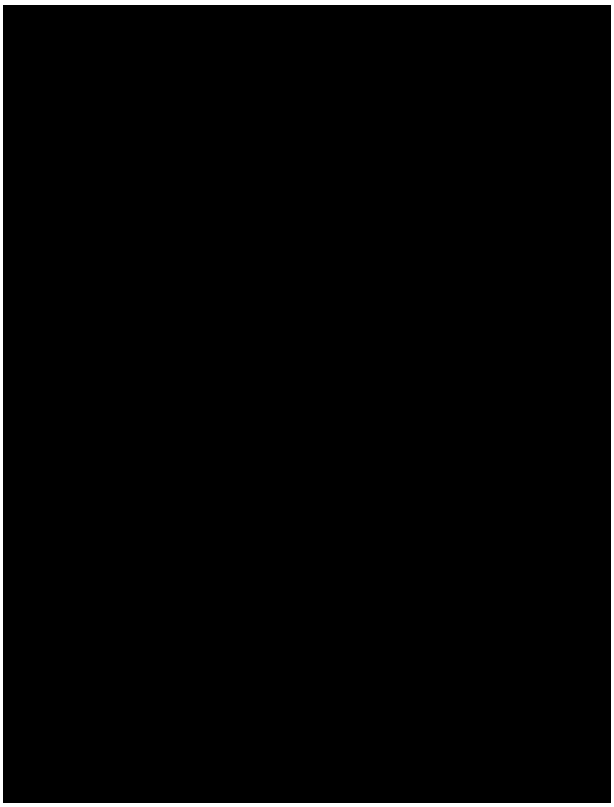
— Você tem razão, isso é loucura — concordei mansamente.

Então, mamãe começou a se agitar, recolhendo os recortes espalhados ao meu redor antes mesmo que eu terminasse a leitura.

— Você gostaria de voltar para Londres? — perguntou ela. — Até a data do julgamento? Assim, já poderíamos realmente nos preparar. Você gostaria de pôr os pensamentos em ordem, de ficar com seus amigos?

Assenti com ar ausente.

— Eu só quero que isso termine — eu disse. — Tudo isso.





Nós faríamos uma conexão em Perth, antes de voar de volta para Londres. Depois aguardaríamos o julgamento em casa. Até lá, a polícia iria reunir provas contra você e eu redigiria minha declaração. Eu retornaria à escola, se achasse que tinha condições, e continuaria a conversar com os psiquiatras e psicólogos. Mamãe fez tudo parecer muito simples quando conversou comigo.

— Dentro de poucos meses, sua vida vai se tornar mais fácil — ela disse. — Você vai ver. As coisas vão começar a entrar nos eixos.

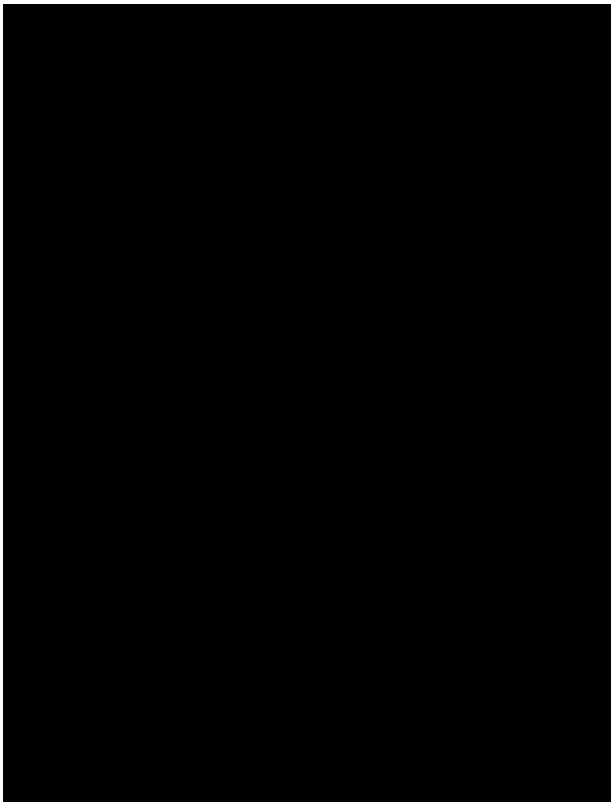
339

Eu não descobrira muita coisa a seu respeito. Sabia que você estava num presídio de segurança máxima de Perth. Em uma solitária. Não tivera direito a fiança e não falava com ninguém. Isso foi tudo o que a polícia pôde me dizer. Aparentemente.

Durante o voo até Perth, sentei ao lado da janela. Era um avião pequeno, especialmente fretado para nós, e começou a chacoalhar assim que suas rodas saíram do chão. Era estranho sermos os únicos passageiros. Ao que parece, o governo britânico tinha pago o frete. Eu chamei uma comissária de bordo e pedi um copo de água. Que veio logo em seguida.

Quando começamos a ganhar altitude, agarrei com força o caixilho da janela. Papai segurou minha outra mão, com firmeza.

Senti nos dedos o contato frio de sua grossa aliança de ouro. Ele



estava me falando sobre a vida em Londres, sobre os meus amigos que tinham enviado mensagens e estavam esperando para me ver... sobre Anna e Ben.

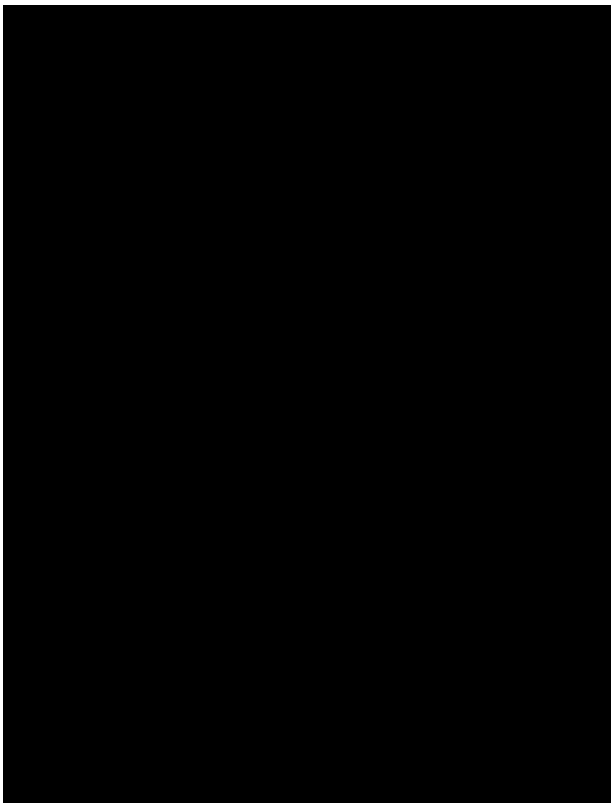
— Talvez você queira convidar todos eles para ir até lá em casa — ele disse. — Gostaria de organizar uma espécie de... festa?

A entonação era interrogativa, portanto assenti com a cabeça.

Na verdade eu não estava escutando. Eu só queria que ele parasse de fazer perguntas, por mais bem intencionadas que fossem. Fechei os olhos quando uma coisa me ocorreu. Ninguém parecia ter a menor pista do que eu realmente estava pensando. Era como se eu existisse numa espécie de universo paralelo, com pensamentos e sentimentos que ninguém entendia. Exceto você, talvez. Mas mesmo disso eu não tinha certeza.

Encostei a cabeça no vidro da janela, que começou a trepidar contra a minha têmpora. Observei a terra se movendo abaixo. De cima, o deserto era feito de muitas cores... diversas tonalidades de marrom, vermelho e laranja. E branco, dos rios secos e dos bancos de sal. E negro, dos solos calcinados. Minúsculos pontos verdes — as árvores. Rochas cinza-escuras. Um rio de águas escuras serpenteando como uma cobra. Espirais, círculos, linhas e texturas. Tudo se espraiando numa infinidade de padrões.

Levamos duas horas para atravessar todas aquelas centenas de quilômetros, todos aqueles bilhões de grãos de areia, toda aquela vida. De cima, de uma altitude tão elevada, a terra parecia uma pintura; uma das *suas* pinturas. Lembrava o seu corpo quando você se pintou. Apertando os olhos, eu quase podia imaginar que a terra lá embaixo era você... esticado e imenso.



Então percebi uma coisa. Entendi o que você fazia durante tanto tempo no seu galpão do deserto. Você pintava a terra vista de cima, como um pássaro a veria, ou um espírito, ou eu... Suas espirais, pontos e círculos representavam os padrões da terra.

Os repórteres estavam à espera. Sabiam que teríamos que fazer uma conexão do terminal doméstico para o terminal internacional; sabiam que teríamos que aguardar três horas pelo avião que nos levaria para casa. Eles nos cercaram e se aproximaram

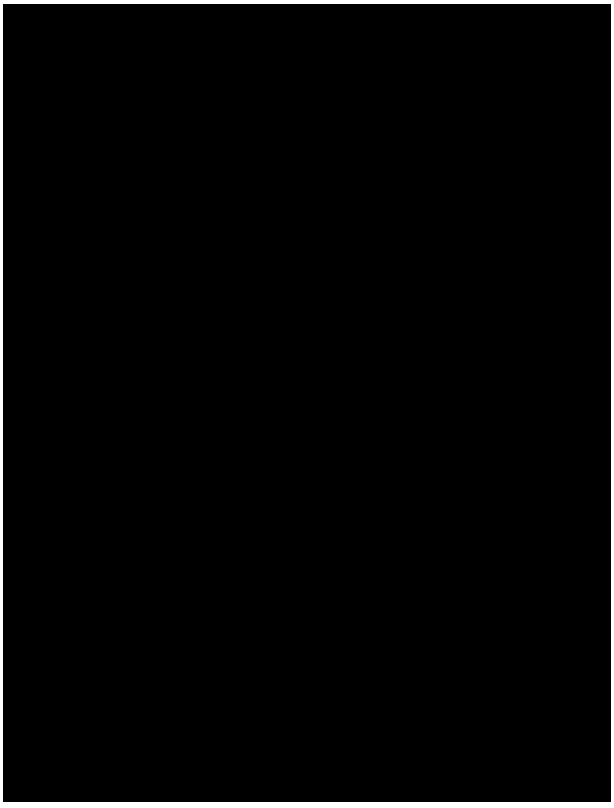
de mim, fazendo espocar os *flashes* das câmeras.

— Gemma, Gemma — gritaram. — Podemos conversar?

Falavam como se me conhecessem, como se eu fosse uma

colegial que vivesse na rua deles.

Papai tentou me proteger, tentou afastá-los, mas eles persistiram. Até as pessoas comuns que estavam no aeroporto, até os outros passageiros, os motoristas de táxi e os funcionários da lanchonete me conheciam. Vi alguns deles batendo fotos também. Era ridículo. No final, mamãe tirou o casaco e o colocou sobre a minha cabeça. Papai ficou irritado... irritado nos termos dele, de qualquer forma. Acho que até mandou alguém se foder, o que me surpreendeu. Parei um minuto e estudei o rosto dele. Ele realmente se importava comigo naquele momento, realmente queria me



preservar. Quando passamos por uma equipe de tevê, ele me apertou junto de si.

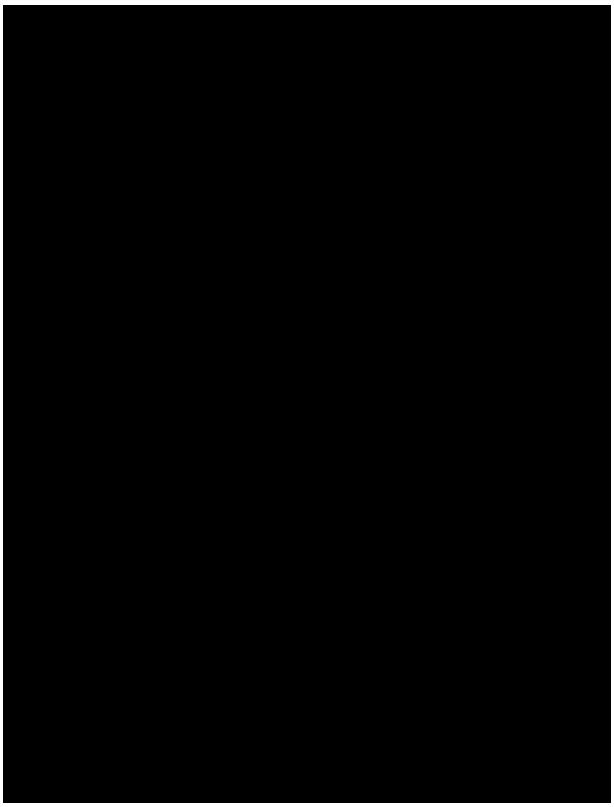
Mas uma coisa estava clara. Eu já não era uma garota comum. Fora transformada em celebridade. Meu rosto vendia

jornais. Milhões de jornais. Fazia as pessoas assistirem aos noticiários. Mas naquela hora, com um casaco sobre a cabeça e aqueles homens de jaquetas de couro gritando na minha direção, eu me sentia como uma criminosa. Eles eram como sanguessugas, queriam sugar cada detalhe do que tinha acontecido entre mim e você no deserto... queriam saber tudo. Você me tornara famosa, Ty. Você fizera o mundo inteiro se apaixonar por mim. E eu detestei isso.

Conseguimos chegar ao outro terminal. Lá também havia

repórteres, além de curiosos e policiais. E muito barulho, luzes e mais barulho. Minha respiração acelerou. Eu só conseguia pensar naquele enorme avião que estava na pista de pouso, esperando para me levar de volta à Inglaterra, ao frio, à cidade e ao cinza... esperando para me afastar de você. Senti suor sobre a pele. Minhas roupas começaram a grudar em mim.

Então não aguentei mais. Saí correndo. Mamãe segurou meu suéter, mas eu me livrei dele e a deixei segurando a manga vazia. Passei em disparada pelos repórteres, em meio ao barulho e ao espocar dos *flashes*, e fui direto para o toalete. Encontrei um cubículo vazio. Entrei nele, fechei a porta tranquei a fechadura. Depois me sentei na privada e encostei a cabeça no dispensador de papel higiênico. Tapei a boca para me impedir de chorar, para me impedir de gritar, berrar e depredar o lugar. Aspirei o aroma floral do papel.



E permaneci ali. Não conseguia encarar aqueles indivíduos, nenhum deles. Eles queriam respostas que eu não estava preparada para dar.

Mamãe me encontrou. Vi seus sapatos vermelhos pararem em frente à porta do cubículo.

— Gemma? — ela chamou. — A voz dela estava trêmula e fraca. — Vamos, amor, abra a porta. Ninguém vai entrar aqui. Pedi ao papai para bloquear a entrada. Estamos sozinhas aqui.

Ela ficou parada ali um tempão, até eu destrancar a porta.

Então entrou no cubículo e me abraçou desajeitadamente, pois eu continuava sentada no tampo da privada. Depois se ajoelhou sobre a sujeira, pedaços de papel higiênico e poças de mijo e me puxou na direção dela. Pela primeira vez, desde que ela chegara, eu a abracei também. Então pensei numa coisa. Essa mãe que me abraçava bem

apertado não parecia ser a mesma mãe das histórias que você me contara. Pela primeira vez me perguntei se as histórias que você me contara no deserto eram verdadeiras; aquelas conversas em que você disse ter ouvido meus pais dizerem que iriam se mudar ou que estavam desapontados comigo. Será que você mentira o tempo todo?

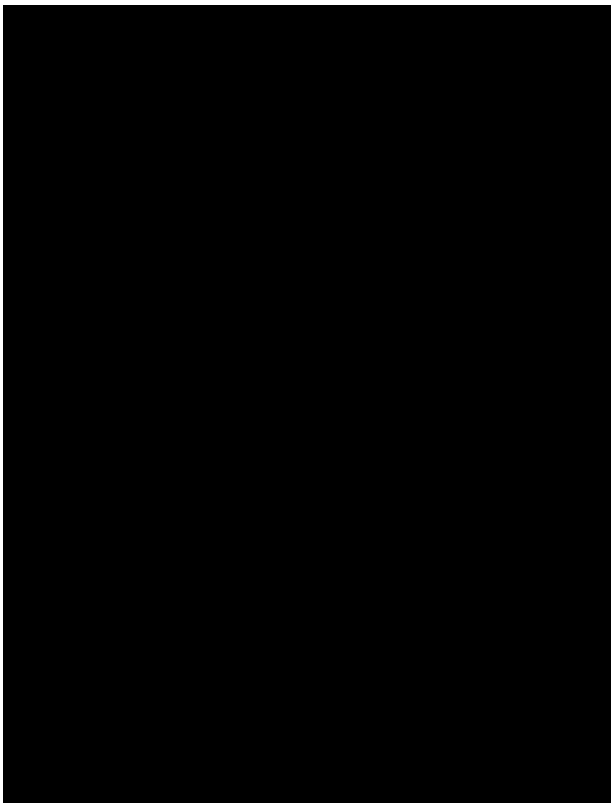
Suavemente, mamãe afagou meus cabelos.

— Eu não posso voltar. Não ainda. Não posso ir embora — sussurrei no ombro dela.

Ela apertou minha cabeça contra o peito e me enlaçou com os braços.

— Você não precisa voltar — disse ela me embalando. — Você não precisa fazer nada que não queira fazer, nunca mais.

Chorei.





Nenhum de nós falou nada no táxi na volta para a cidade.

Permaneci aninhada nos braços de mamãe. Minha cabeça zumbia quando eu recordava o modo como você falava; quando me lembrava das coisas que você me contara sobre a minha vida. Você me dissera que meus pais não ligavam para mim, que só se importavam com eles mesmos e com dinheiro. Você dissera que eles queriam se mudar. Você pareceu muito convincente.

Tive que forçar minha mente a não pensar. Não sabia o que faria se começasse a pensar de novo. Provavelmente pularia fora do

táxi e me mataria. Papai se ocupara da bagagem e encontrara um lugar para ficarmos. Eu me concentrei no panorama que desfilava pelas janelas... pavimentação de concreto, prédios de concreto, pavimentação novamente, uma árvore ocasional. Depois me concentrei no aroma suave da blusa de mamãe.

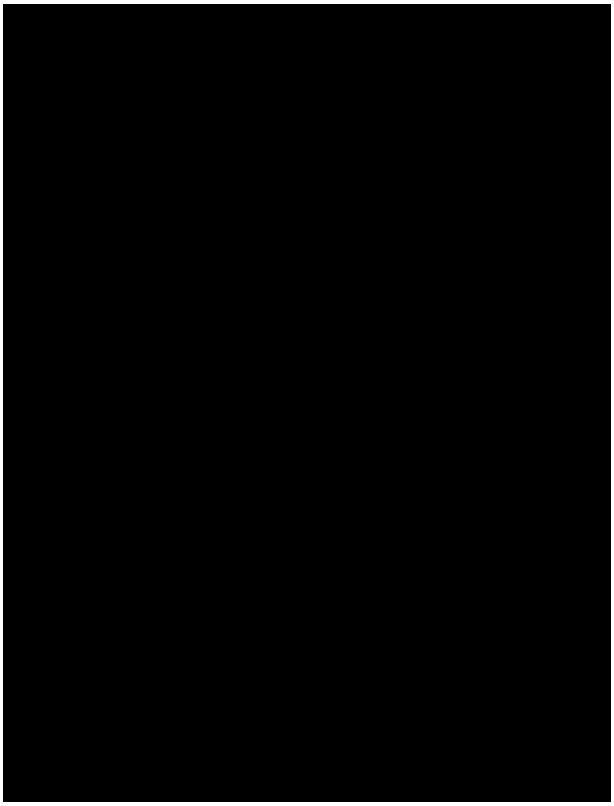
O motorista estacionou diante de um prédio de apartamentos cinza-escuro.

— É um apart-hotel — grunhiu ele. — É novo. Ninguém sabe que já abriu.

E ficou esperando a gorjeta.

Entramos no apart-hotel. Minha expressão impassível disfarçava o que se passava dentro de mim. Fomos até o balcão de

atendimento. Enquanto papai finalizava os procedimentos de



registro, mamãe pegou a chave do apartamento e me conduziu pelo saguão. Minhas pernas vacilaram quando comecei a subir as escadas.

No interior do apartamento, explodi. Bati a porta, peguei a primeira coisa que encontrei — uma luminária — e a arremessei contra a recém-pintada parede bege. Sua base de porcelana se estilhaçou com o impacto e cacos voaram por todos os lados. Depois peguei outra coisa — um vaso — e também o atirei contra a parede. Mamãe teve de se esquivar. Com os olhos arregalados e chocados, ela andou na minha direção. Mas eu segurei o objeto seguinte e o levantei, antes que ela chegasse mais perto. Era um pequeno ventilador elétrico, que estava ligado e com as pás girando.

— O que houve?

Os olhos de mamãe não se desviavam dos meus.

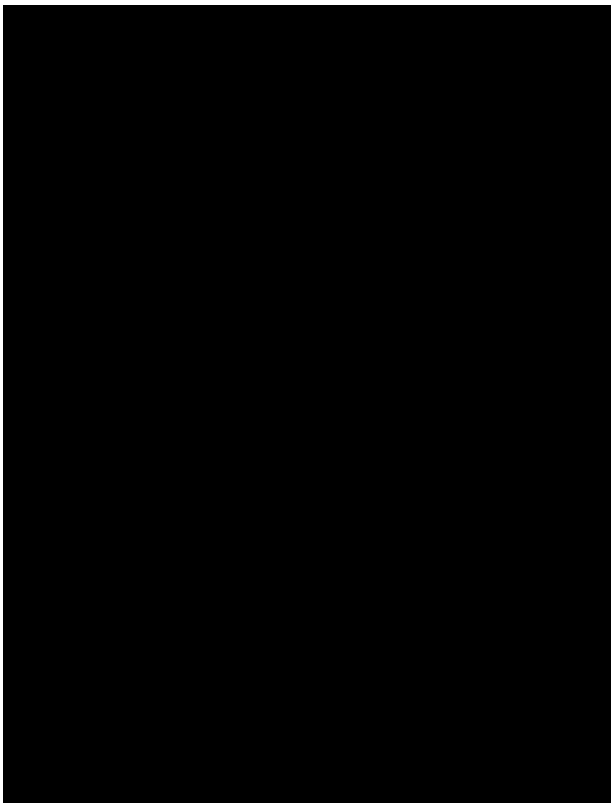
Abanei a cabeça, com lágrimas rolando no rosto.

— Me diga uma coisa — murmurei. — Vocês estão pretendendo se mudar no ano que vem sem me levar? Você alguma vez conversou sobre isso com papai?

— O quê? — As sobrancelhas de mamãe se ergueram. — Não, claro que não! Quem foi que lhe disse isso?

Ela se aproximou mais de mim, mas eu mantive o ventilador entre nós, pronta para arremessá-lo no rosto dela. O fio ligado à tomada estava todo esticado. Ela leu em meus olhos que não deveria se aproximar mais. Todo o meu corpo tremia, cada molécula minha estava furiosa.

— Eu odeio isso, tudo isso — gritei com voz embargada. — Odeio até ele, até ele.



Um enorme soluço me subiu pelo peito.

Foi nesse momento. Foi nesse momento que comecei a odiar você por tudo. Por me fazer sentir tão indefesa para onde quer que eu fosse, por me fazer perder o controle. Odiei você por todas as emoções que ocupavam minha cabeça, pela confusão... por de repente duvidar de tudo. Odiei você por virar minha vida de cabeça para baixo e depois a transformar em cacos. Odiei você por me colocar naquela situação, segurando um ventilador e gritando com minha mãe.

Mas odiei você por outra coisa também. Mesmo naquele momento, e em cada momento desde que nos separamos, eu só conseguia pensar em você. Eu queria você naquele apartamento. Queria seus braços me enlaçando, seu rosto junto ao meu.. Queria

sentir seu cheiro. E sabia que não podia — não devia sentir isso. Foi o que eu mais odiei. A incerteza em que estava. Você tinha me sequestrado e colocado minha vida em perigo... mas eu amava você. Ou pensava que amava. Nada fazia sentido.

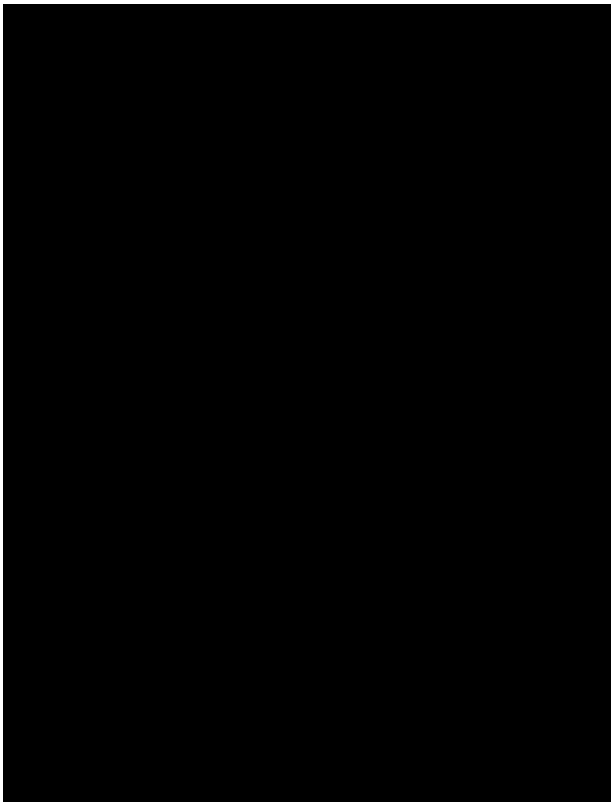
Cheguei a grunhir de frustração comigo mesma. Mamãe deu um passo cauteloso na minha direção.

— É normal ficar confusa — ela sussurrou. — As pessoas por quem sentimos... afeto... nem sempre são as que merecem...

Ela franziu a testa, pensando se teria se expressado bem.

De repente um som passou pelos meus dentes cerrados, vindo das profundezas do meu peito.

— Não me diga nada — rosnei. — Mais nenhuma palavra!



Arranquei o ventilador da tomada e a mantive à distância com ele. Em seguida o empurrei contra ela. Ela pulou para trás e tropeçou na mesinha de café.

— Mas Gemma! — murmurou ela. — Eu te amo.

Arremessei o ventilador tal como fizera com a luminária.

Suas pás ainda estavam girando quando ele bateu na parede.

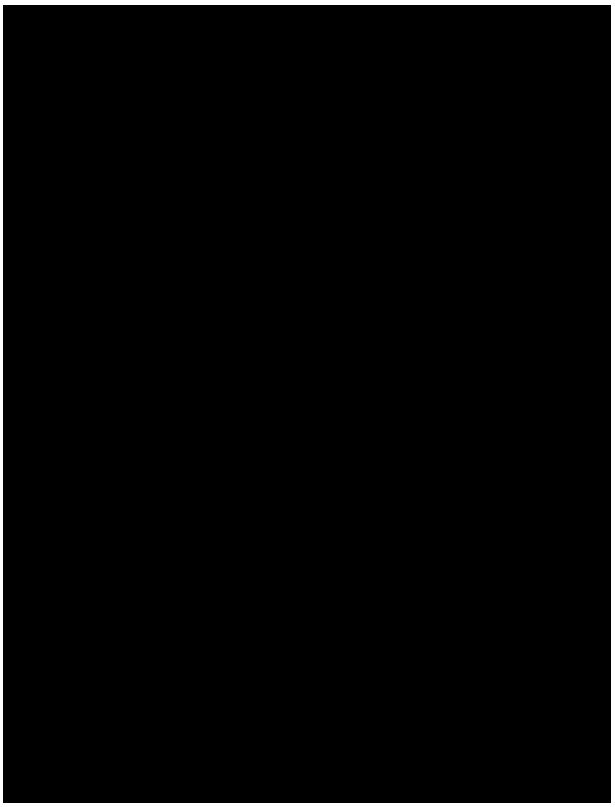
Permanecemos em Perth. Mesmo com todos os objetos que quebrei, tivemos permissão para continuar no apartamento. A

direção do apart-hotel não poderia recusar o dinheiro que papai ofereceu para que não criassem caso.

Ainda falta um mês para o julgamento, embora o tribunal tenha concordado em priorizar seu caso.

Minhas emoções variam. Em certos dias eu me sinto melhor sabendo que você está aqui, na mesma cidade, sabendo que você está próximo. Em outros dias, esses mesmos pensamentos me enchem de medo. De qualquer forma, eu imagino você em sua cela todas as noites. Ainda sinto um nó no estômago quando mamãe abre as janelas e deixa entrar o cheiro dos eucaliptos.

Nosso apartamento lembra um pouco uma prisão, com suas cores acinzentadas e seus aposentos despojados. Eu não posso sair para a rua sem que alguém me tire uma foto. Das janelas, eu



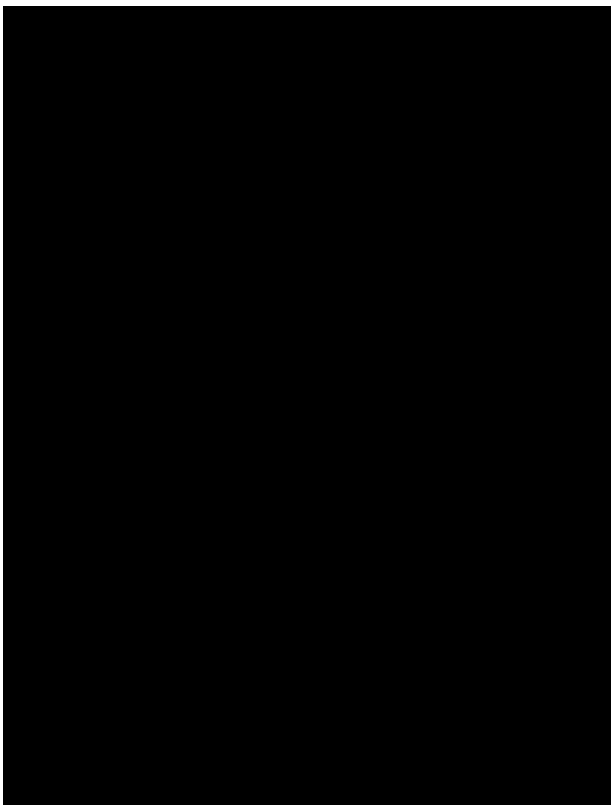
contemplo a cidade... a pavimentação de concreto, os prédios, os carros e os ternos. Em alguns dias eu penso na terra que está por baixo de tudo, vermelha e adormecida; a terra que você ama. E a imagino ganhando vida algum dia. Depois minha mente vagueia de volta para o deserto, para os espaços abertos repletos de cores e padrões. E sinto falta da imensidão sem fim.

O policial encarregado do caso já me visitou duas vezes.

Após o incidente com o ventilador, mamãe chamou de novo a Dra. Donovam. Ela vem quase todos os dias. Eu não me incomodo de conversar com ela. Ela não me pressiona muito, apenas me deixa falar quando eu sinto vontade... quando eu posso.

Na verdade, foi a Dra. Donovam quem sugeriu que eu escrevesse isto. Só que, é claro, não sugeriu que eu escrevesse a você. Claro que não. Apenas me entregou o *laptop* e me disse para escrever.

— Se você não consegue falar sobre suas experiências, escreva sobre elas — disse ela. — Ponha todos os seus pensamentos para fora, do modo que puder, comece um diário talvez... o que for mais fácil. Você precisa entender essa enormidade que aconteceu com você.



E estou tentando, pode acreditar. Eu adoraria entender tudo.

Mas por enquanto só consigo escrever este diário — esta carta — para você. Afinal de contas, você era a única pessoa que estava comigo no deserto... a única pessoa que sabe o que aconteceu. E alguma coisa aconteceu, não? Alguma coisa poderosa e estranha.

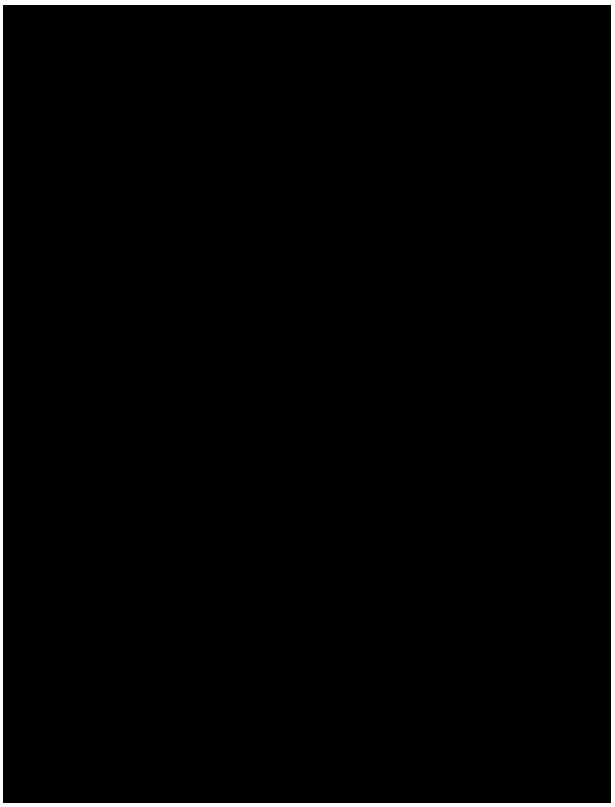
Alguma coisa que eu jamais poderei esquecer, por mais que me esforce.

A dra. Donovan acha que estou com a síndrome de Estocolmo. Todo mundo acha. Eu sei que assusto mamãe quando falo alguma coisa boa a seu respeito; quando digo que você não é tão ruim quanto as pessoas pensam, ou que existem coisas sobre você que os jornais não publicam. Quando eu digo alguma coisa assim na frente da Dra. Donovan, ela apenas faz muitas anotações e

meneia a cabeça.

Então parei de falar essas coisas. Em vez disso, digo às pessoas o que elas querem ouvir. Digo a elas que você realmente é um monstro, completamente louco. Digo a elas que o único sentimento que tenho em relação a você é ódio. Concordo com tudo o que a polícia diz que eu tenho que dizer. Escrevi a declaração que eles queriam que eu escrevesse. E tento acreditar nisso tudo.

Eu gostaria de ter amnésia, para esquecer como você é. Eu gostaria de me sentir bem em deixar você ficar na prisão durante dez ou quinze anos. Eu gostaria de poder acreditar em tudo o que os jornais escrevem. Ou no que meus pais dizem. Ou no que a Dra. Donovan diz. Não que eu não compreenda as motivações deles. Eu também quis que você morresse.



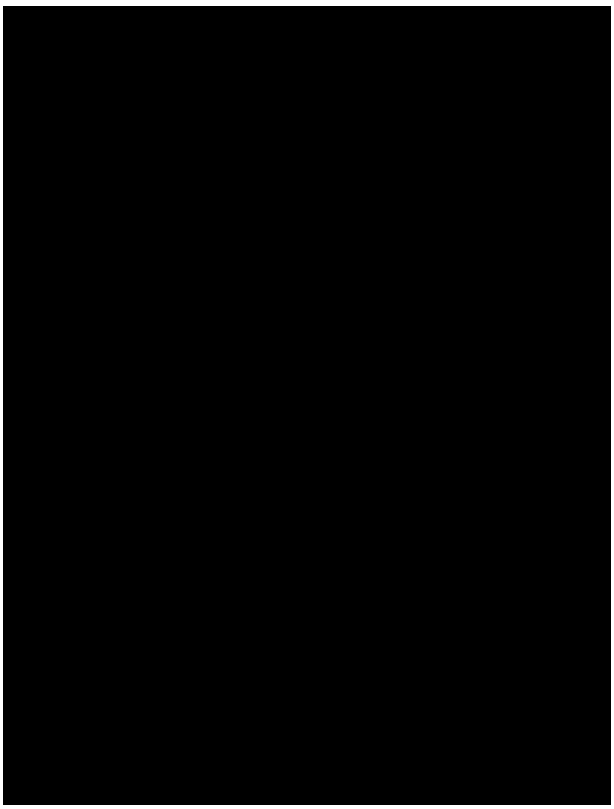
Além disso, temos que reconhecer, você me sequestrou. Mas salvou minha vida também. E entre uma coisa e outra você me mostrou um lugar diferente e lindo, que eu não consigo tirar da cabeça. Assim como não consigo tirar você. Você está tão incorporado ao meu cérebro quanto meus vasos sanguíneos.

Reservei um tempo para dar uma volta no jardim que fica nos fundos do prédio. Não chega a ser um jardim; é apenas uma área com alguns arbustos e vasos de plantas. Sentada no piso

aladrilhado, observei os arranha-céus ao redor. Quase consegui sentir sua presença em algum lugar da cidade, não muito distante. Quase ouvi sua tosse abafada. Você estava pensando em mim

também. Fechei os olhos e tentei imaginar como será quando estivermos frente a frente. Vou sentir medo quando vir você, ou sentirei algo diferente?

Você estará algemado. Seus braços poderosos estarão imobilizados. Você não poderá me machucar, nem me tocar. Seus olhos estarão suplicantes ou me olharão com ódio? Como você tem sido tratado na cadeia? Seus pesadelos voltaram? Uma coisa é certa: na próxima vez que nos encontrarmos, haverá todo um sistema jurídico se interpondo entre nós.





Achei que quando chegasse a esta altura da carta, eu já estaria compreendendo alguma coisa. Entenderia por que você entrou na minha vida, a razão de tudo... por que você me escolheu.

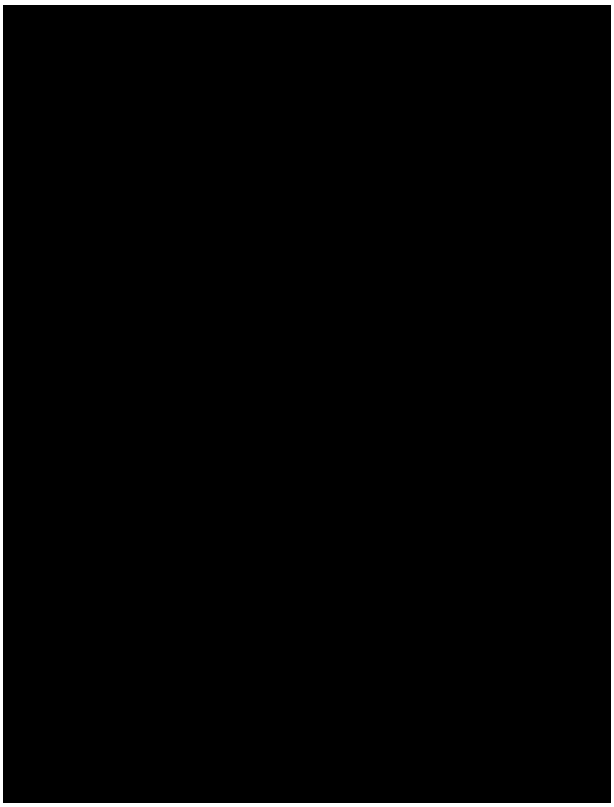
Às vezes penso acho que você ainda está tão perturbado quanto naquele primeiro dia em que o encontrei, no parque. E às vezes penso no seu plano de viver em meio ao calor, à vastidão sem fim e à beleza — e me pergunto se isto teria funcionado. Na maioria das vezes, não sei o que pensar.

Mas escrever a carta está servindo para alguma coisa.

Enquanto estou na cama, escrevendo estas linhas, quase posso ouvir o vento sibilando na areia, ou os rangidos da madeira ao meu redor. Quase posso sentir o cheiro empoeirado da camela ou saborear o amargor da erva-sal. E quando sonho, suas mãos quentes envolvem

meus ombros. Seu sussurros contam histórias e soam como o farfalhar das triódias. Eu ainda uso o anel, sabia?... De noite, quando ninguém está me observando. Está no meu bolso agora. Vou escondê-lo quando os policiais vierem, hoje à tarde.

Eles querem conversar sobre o que vou dizer quando ocupar o banco das testemunhas. Acho que eu deveria pensar no assunto. Mas é que... não sei exatamente como vai ser. O primeiro dia no tribunal pode ter dois finais diferentes... mas começará do mesmo modo.

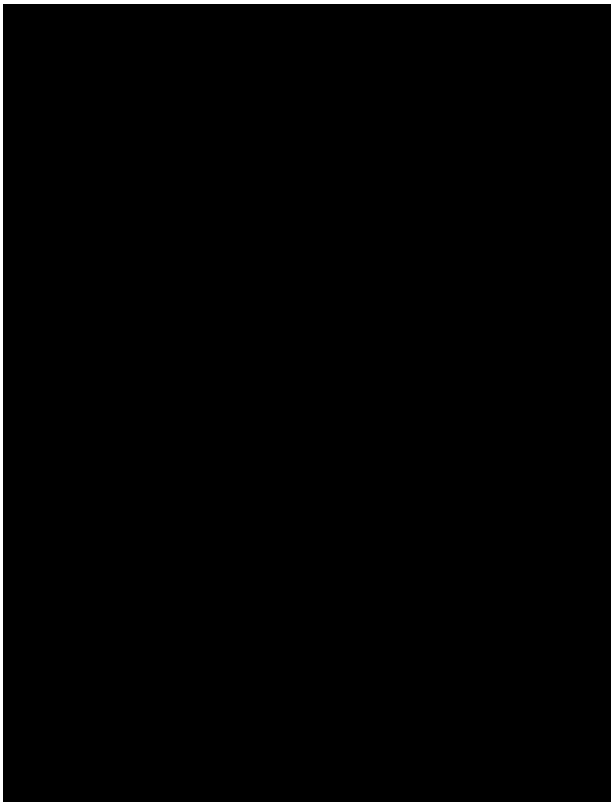


Será numa segunda-feira, pouco antes das nove da manhã. A imprensa estará à espera. Eu estarei imprensada por mamãe e papai, de cabeça baixa. Teremos de abrir caminho entre repórteres, transeuntes e curiosos. Alguns deles vão me agarrar, empurrar microfones na minha cara. Mamãe estará segurando minha mão com tanta força que suas unhas irão se enterrar na minha pele. Papai estará de terno. Mamãe terá escolhido alguma discreta roupa preta para mim.

Assim que entrarmos no tribunal todos farão silêncio. O grande *hall* de entrada com tanta gente de terno vai, de certa forma, nos intimidar. Depois nos encontraremos com o Sr. Samuels, o promotor. Ele perguntará se eu tive oportunidade de reler minha declaração. Depois entrará com meus pais na sala do tribunal. Eu

ouvirei um burburinho antes que a porta se feche atrás deles. Serei deixada no lado de fora, numa fria cadeira de couro, sem outra companhia a não ser meus pensamentos.

Depois de algum tempo, um tempo que parecerá mais longo do que foi, a porta se reabrirá. Será a minha vez. Meu testemunho. A atmosfera estará tensa como uma cama elástica, à espera de que eu comece a pular. Todos olharão para mim. Mesmo que achem ser uma descortesia, todos olharão para mim. O artista do tribunal começará a desenhar meu rosto. Mas eu só olharei para uma pessoa. Você estará sentado no banco dos réus, com suas mãos fortes entrelaçadas no colo. Seus olhos procurarão os meus, grandes como o oceano. Você precisará de mim nesse momento. E eu tomarei minha decisão. Depois, virarei o rosto para o outro lado.



E o julgamento iniciará da forma convencional. Alguém

perguntará meu nome, minha idade e meu endereço. A partir daí as coisas ficarão interessantes. Alguém me perguntará como conheci você.

Na primeira alternativa, eu direi exatamente o que todos querem ouvir. Vou contar a eles como você me seguiu, como você... me espreitou... desde que eu era bem nova. Vou dizer a eles como você foi até o Reino Unido para procurar sua mãe e, em vez dela, encontrou a bebida e as drogas... e depois me encontrou. Vou lhes falar sobre sua incapacidade para se ajustar, sobre suas ideias delirantes de que o deserto e eu éramos sua única escapatória.

O advogado me perguntará sobre o aeroporto, e eu responderei que você me drogou e me raptou. Direi a ele que você

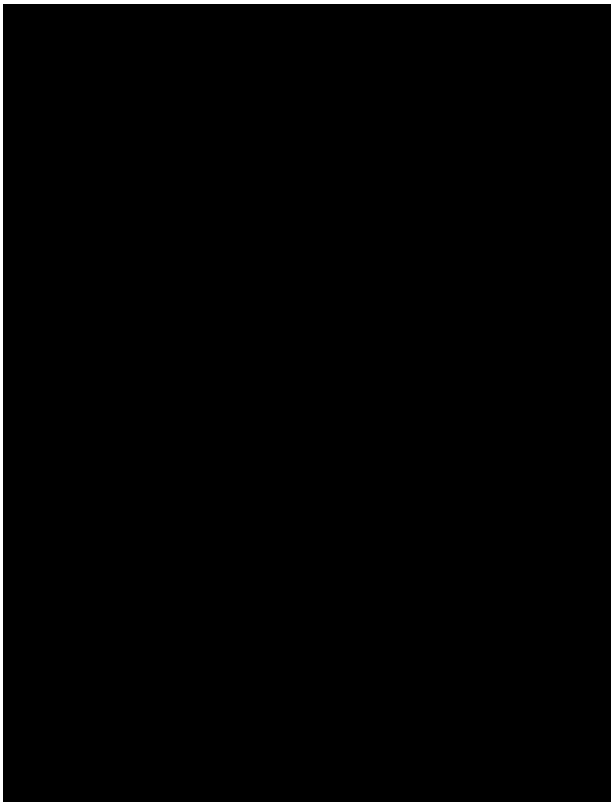
me enfiou no porta-malas do carro e me deteve contra a minha vontade. Falarei sobre as noites longas e solitárias na pequena cabana de madeira e sobre eu ter me trancado no banheiro... porque achava que você ia me matar. Falarei sobre a sua fúria, seus acessos de instabilidade, suas mentiras e contarei como você às vezes me agarrava com tanta força que meus olhos lacrimejavam e minha pele ficava vermelha.

Não olharei para você durante esse testemunho. Só direi o que eles esperam que eu diga.

— Ele é um monstro — direi. — Sim, ele me sequestrou.

E o juiz vai bater o martelinho e proferir uma sentença em

torno de quinze anos. E tudo — tudo — finalmente estará terminado.





Mas existe uma segunda alternativa.

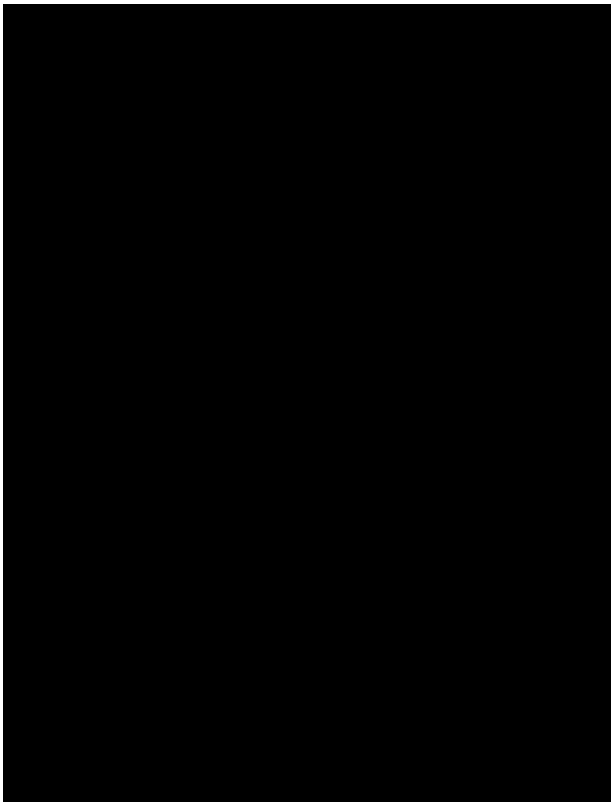
Eu poderia contar ao tribunal a história do nosso encontro no parque, há tanto tempo, quando eu tinha dez anos e você quase dezenove. Quando encontrei você embaixo dos rododendros, quase totalmente coberto pela folhagem e com florezinhas rosadas pouco acima da cabeça. Poderia contar como nos tornamos amigos, como você conversou comigo e cuidou de mim. Poderia contar também como você me salvou de Josh Holmes.

O Sr. Samuels tentará interromper, é claro. Ficará vermelho,

com os olhos arregalados de surpresa. Ele poderá dizer ao juiz que meu testemunho não é confiável, que eu ainda estou sob o efeito da síndrome de Estocolmo. Mas eu estarei calma e controlada, em condições de explicar com clareza por que não estou. Já fiz umas leituras. Sei exatamente o que preciso dizer para que acreditem em mim.

O juiz me deixará falar por algum tempo. Então deixarei todos surpresos. Contarei ao tribunal como nos apaixonamos. Não no deserto, é claro, mas perambulando pelas ruas de Londres, dois anos atrás, quando eu tinha quatorze anos e me parecia tanto com a sua mãe.

As pessoas presentes no tribunal se agitarão, começarão a murmurar. Mamãe provavelmente vai chorar. Vai ser difícil olhar





para ela nos momentos seguintes, então não o farei; olharei para você. Vou dizer que queria fugir.

Você me lançará um leve aceno de cabeça, e seus olhos ganharão vida novamente. E eu falarei sobre o seu plano.

Você me disse que conhecia um lugar perfeito para nós. Um lugar sem gente, sem prédios e muito, muito longe. Um lugar coberto de terra cor de sangue e vida adormecida. Um lugar ansioso para reviver. É um bom lugar para se desaparecer, você disse, um lugar para a gente se perder... e se encontrar.

Vou levar você até lá, você disse.

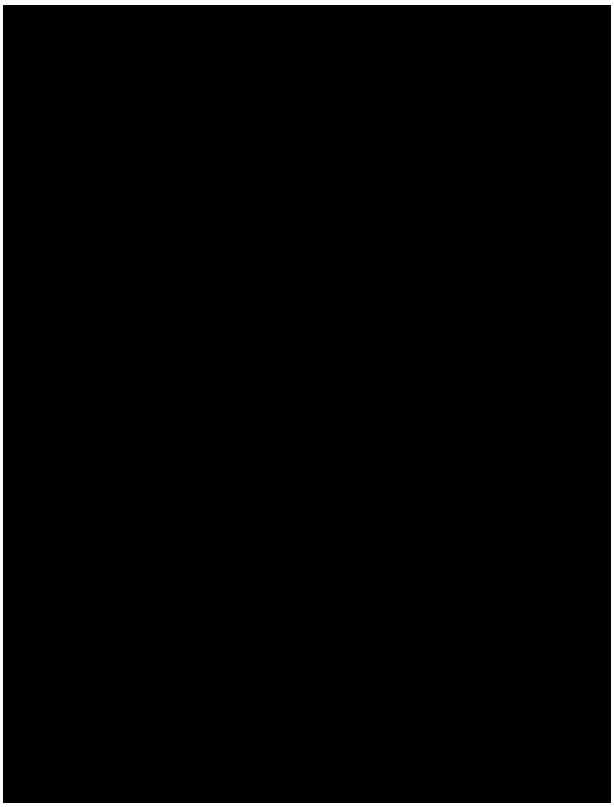
E eu posso dizer que concordei.

355

Minhas mãos tremem enquanto escrevo isto. Lágrimas escorrem pelo meu rosto. A cortina virou um borrão à minha frente. De tanto tentar estancar o choro, meu peito já começa a doer. Pois há uma coisa que me incomoda, uma coisa difícil até de pensar.

Eu não posso salvar você assim, Ty.

O que você fez comigo não foi a coisa genial que você pensa que foi. Você me separou de tudo — dos meus pais, dos meus amigos, da minha vida. Você me levou para as areias e para o calor, para a sujeira e para o isolamento. E esperava que eu me



apaixonasse por você. E esta é a parte mais dura. Porque eu me apaixonei, ou pelo menos me apaixonei por alguma coisa lá.

Mas odiei você também. Não posso esquecer isto.

Lá fora está muito escuro. Os galhos das árvores batem na janela... como se fossem dedos. Eu me cobri com o lençol, apesar de não estar com frio, e agora olho para as trevas atrás do vidro.

Talvez, se tivéssemos nos encontrado como pessoas normais... quem sabe as coisas pudessem ter sido diferentes. Talvez eu tivesse me apaixonado por você. Você é tão diferente e selvagem. Quando o sol iluminava sua pele, de manhã cedo, você era a coisa mais linda que eu já tinha visto. Colocar você numa cela é como esmagar um passarinho com um tanque do exército.

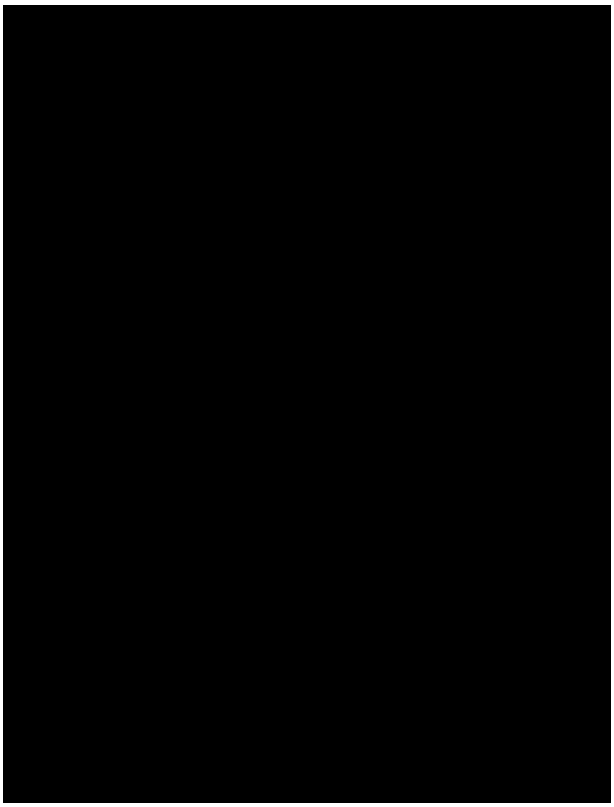
O que mais posso fazer, porém, além do que já estou

fazendo? Além de escrever minha história, nossa história, para lhe mostrar o que você fez... para fazer você perceber que o que você fez não foi justo, não foi certo.

Quando eu entrar no tribunal, vou dizer a verdade.

A *minha* verdade. Direi que você me sequestrou, é claro. Você fez isso. Contarei como você me drogou e falarei sobre as suas variações de humor. Não esconderei o seu lado mau.

Mas falarei também sobre seu outro lado. O lado que vislumbrei quando você falava suavemente com a camela e quando gentilmente tocava as folhas da erva-sal — só colhendo o que necessitava. Falarei sobre as vezes que você me salvou. Vou dizer como você preferiu ser preso a me deixar morrer. Porque você foi o que você fez, não foi? Você sabia, desde quando a cobra me picou, que estava tudo acabado. Quando eu pedi para você ficar comigo no



avião, você fez isso, mesmo sabendo que estava se entregando. Eu me sinto grata, Ty, não me entenda mal. Mas eu também dei minha vida por você uma vez... no aeroporto de Bangkok. E não tive escolha.

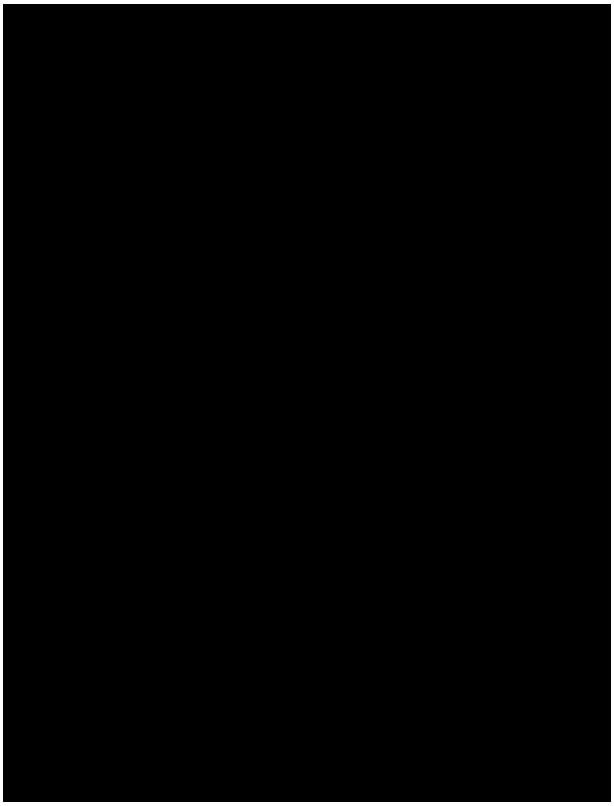
O juiz condenará você. Não posso evitar isso. Mas talvez meu testemunho possa influenciar na escolha do lugar para onde você será mandado... um lugar perto da sua terra, um aposento com janela. Talvez. E talvez esta carta também possa ajudar. Quero que você saiba que pode escolher ser a pessoa que vislumbrei correndo ao lado da camela, correndo para salvar minha vida. Eu não posso salvar você da maneira que você quer. Mas posso lhe dizer como me sinto. Não é muita coisa. Mas pode lhe dar uma oportunidade.

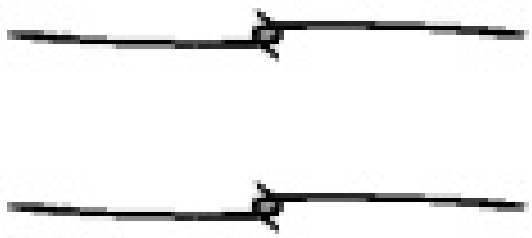
Uma vez você me falou sobre as plantas que ficam

adormecidas durante a seca; que ficam à espera, meio mortas, enterradas profundamente no solo. As plantas que esperam pela chuva. Você disse que elas esperam durante anos, se for preciso; que elas quase se matam antes de brotar novamente. Mas assim que caem as primeiras gotas de água, essas plantas começam crescer e a espalhar suas raízes. Atravessam terra e areia para chegar à superfície. E têm uma nova chance.

Um dia deixarão você sair da sua cela seca e vazia. Você retornará aos Separados sem mim e sentirá a chuva cair sobre você novamente. E dessa vez encontrará um caminho reto em direção ao

sol. Sei que encontrará.





Minhas pálpebras estão pesadas como pedras. Mas quando eu dormir terei esse sonho novamente. Eu não queria lhe falar sobre ele, mas vou falar assim mesmo.

Estarei nos Separados, cavando a terra com as mãos. Quando o buraco estiver profundo o bastante, tirarei do dedo o anel que você me deu. O anel captará a luz e projetará um arco-íris de cores sobre a minha pele. Mas eu o deixarei no buraco e jogarei terra sobre ele. Enterrarei o anel. No lugar ao qual pertence.

Então me encostarei no tronco rugoso de uma árvore e

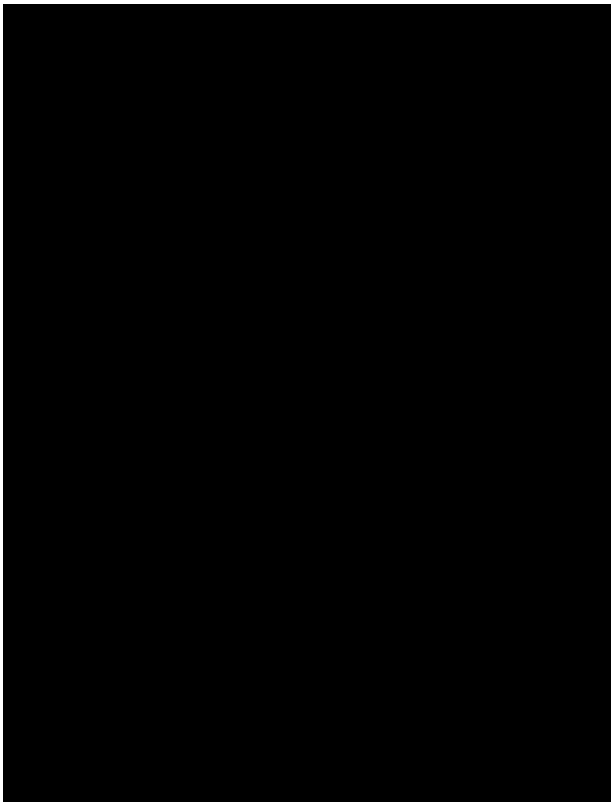
assistirei ao pôr do sol. Suas cores deslumbrantes atravessarão os

céus e aquecerão meu rosto.

Depois vou acordar.

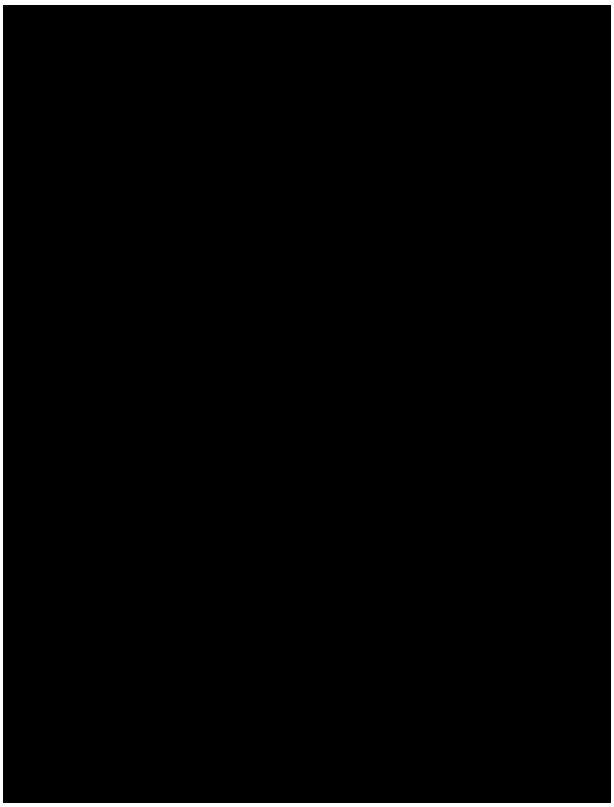
São 4:07 da manhã agora. Não falta muito para o alvorecer.

Um forte cheiro de eucaliptos entra pela janela aberta e invade meus pulmões. Dentro de alguns momentos vou desligar o computador. E esta carta estará terminada. Parte de mim não deseja parar de lhe escrever, mas preciso fazer isso. Por nós dois.



Adeus, Ty,

Gemma





Esta obra foi APENAS formatada pelo fórum Menina

Veneno para proporcionar uma melhor leitura, de maneira

totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem

pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e book

ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer

circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos, por favor, que não hospede o livro em nenhum outro lugar. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.